

R6169,539



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

300

Handwritten text, possibly a signature or name, written in cursive script.

Handwritten text, possibly a signature or name, written in cursive script.

II-D
OBRAS
ESPIRITUAES

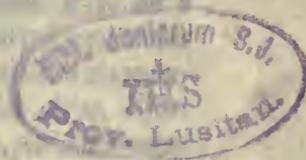
DO ESPIRITUAL, E VENERAVEL PADRE FREY
ANTONIO DAS CHAGAS,

Primeiro Missionario Apostolico Franciscano ne-
ste Reyno de Portugal, Fundador do Semi-
nario de Varatojo.

PRIMEIRA, E SEGVNDA PARTE

Dedicadas pelo mesmo Author. a

CHRISTO
CRVCIFICADO.



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso. Anno de M. DCCI.

Com todas as licenças necessar as, & Privilegio Real.

OPBRAS
ESPIRITUAES

DO ESPIRITUAL E VENERAVEL PADRE FREY

ANTONIO DAS CHAGAS

Primeiro Missionario Apostolico Franciscano no
Reyno de Portugal, Fundador do Semi-
nario de Vizeu.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE

Dedicada pelo mesmo Author a

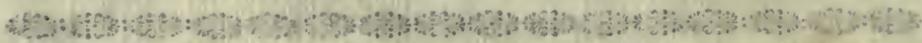
CHRISTO

CRUCIFICADO.



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DE S. ANDRES,
Imprimeiro de Sua Magestade, & a sua custa impresso. Anno de M. DCC.



Com todos os licenciamientos da Real



DEDICATORIA

Do mesmo Veneravel Padre, consagrando as suas Faiscas a hum

SENHOR CRUCIFICADO.



QUEM? A quem senão a vós, meu Deos se hão de votar, & offerecr estes pedaços da minha Alma, q̄ com a luz da vossa graça achei perdidos pelo mundo? A quem, senão a vós estas cinzas do meu coração, que tiradas do fogo eterno sobre esse Altar da vossa Cruz, do meu coração sam holocaustos, do meu engano são mementos? A vós sómente, meu Senhor, que sois todas as minhas cousas, como tornão ao mar os rios, se reduzem estas minhas lagrimas, que filhas são desse Oceano. Este he o orvalho matutino, que na concha do vosso peito se torna em perolas preciosas; estes os ultimos despojos, com que das batalhas do mundo trago as insignias da victoria para trofeo das vossas Aras. Estas as taboas do naufragio; q̄ escapadas do mar do seculo, para memoria do milagre no vosso Templo, dependuro. Esta he a casa da Oração, onde esse auxilio me deu alma, onde a minha alma se fez Ceo, onde huma morte se fez vida. Pequena paga, meu Senhor, hũa faiscas por hum Ceo, huma lagrima por huma vida, hum só gemido por huma Alma! Bem sei, meu Deos, & Senhor, serãõ outra mayor culpa os fumos deste holocausto, & desta offerta a minha; porém que victimas se esperam de hum coração tam pobre, que

sendo o mundo tudo nada, não teve mais que ser do mundo? Mas se a vossa misericórdia me fez de vós tam bem aceito, que muito he, que eu já presumo, que os meus nada são bem vistos? Não olhai vós os sacrificios, senam a tençam, que se offerece, & nesta ninguém tem mais que eu, pois tenho a vós comigo. Hoje nam só vossas piedades ham de ser quem ha de aceitar estes troços da minha dor, que dos cada veres da culpa, por ser triunfos, sam destroços: mas tambem quem ha de rever estes rasgos da minha penna, que com a tinta dos meus olhos escreverão as minhas culpas no papel do meu coração. Revejão pois vossas piedades este papel, que de joelhos consagro hoje a vossos pés, ponhase nelle a vossa emenda, donde se tirem os meus erros, para que nelles me nam cegue, & me veja sempre nella. Primicias são de huma vontade, que nunca pode verse livre, senão depois que a tendes preza: que reviveo onde morre, para se morrer, onde se vive. Se ainda parecem flores os prantos desta minha penna, quem duvida, que dos Altares sam primeiras boninas? Nem eu, meu Deos, tenho outros cravos, que por hoje em vossas mãos; se por duras estas razoens parecem mais que pedras, eu já hoje nam posuo outras para joyas do vosso peito: & se parecem ondas precipitadas, eu já nam tenho outras correntes, que deite agora a vossos pés. E se eu pudera fazer tanto, que vos pudera fazer sempre de cada Estrella do Ceo mundos, de cada ouçam da terra mares, de cada area do mar Ceos. & de todos multiplicados vos fizera tambem, meu Deos, das pedrinhas dos montes Aras, dos troncos dos bosques Templos, dos ramos das arvores Córos, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçõens, dos argueiros da terra olhos, das herumbas do campo almas, & das flores do prado vidas: se vestindome de todas juntas pudera voar a esses Ceos, & lá com todos os seus Espiritos, todo me cubrira de azas, todo me fizera thronos, em hum sempre abraço da alma, nam ouvera dia, nem hora, que com todos vos nam amára, nem vivera momento, ou atomo, que os nam occupára com vosco: nem estivera instante, ou ponto, que com vosco me nam unira. Façam pois vossas benignidades, que se edifiquem em minha alma os muros de Jerusalem: cayam da antiga

Babylonia aquellas torres presumidas, de que foy baze o mesmo vento, & fundamento a mesma area. Postrados estão os Colossos, já derrubadas as estatuas, & em fim os Ídolos cabidos com as armas do desengano, com os castigos da razão, com os golpes do escarmento. Feri agora, meu Deos, rasgai, Senhor, & meu bem todo, com as armas da vossa Cruz, ou com o fuzil do vosso amor, as entranhas deste penedo tão rebelde, & empedernido a tantos vossos merecimentos, pois nam somente dos meus olhos poderão assim nascer rios, mas também do meu coração correr hum mar de lavaredas. Tomai posse de huma Alma vossa, pois nessa Cruz tendes o Titulo; nem consentais meu Deos, que deixe hoje o meu engano o direito da vossa graça, pelo avesso da minha culpa: a justiça do vosso sangue, pela trapassa deste mundo. Não quero eu melhor Comenda, que verme com o vosso Habito, & nem para tomalo hoje a peito tirarei outras inquições, mais que as memorias dos meus peccados: nem farei melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui postrado a vossos pés nos incendios do vosso amor, peço que arda este papel: nam peço, que me defendais, rogo vos sim, que me emendeis. E se por meu parecer mal, sejais bendito, Jesus, que assim fareis hoje, que o mundo se nam engane mais comigo. Se sentirem bem do que ha nelle, louvado sejais, meu Senhor, & conheçã todos, que sendo eu o mesmo erro, nam consentirá vossa bondade, que em mim se louvem vossas obras. Louvemvos todas as creaturas, & eu por todas as Eternidades.





A QUEM LER.

PROLOGO

DO MESMO VENERAVEL PADRE,
que se achou avulso entre os seus
papeis.

PECOTE (pio Leytor) pelas Chagas, & entranhas de meu Senhor JESU Christo, q primeiro que leas este livro, te ponhas em memoria de DEOS, em cuja presença estás, & a quem na hora da morte, & dia do Juizo has de dar conta estreita de teus peccados, & dos beneficios, dos Sacramentos, & dos auxilios, com que a cada instante te acorda, & te chama para o Ceo por via da penitencia; & cuidando nisto brevemente, faze hum Acto de contriçaõ de todo o coração.

PROLOGO AO LEYTOR.



OUTE a primeira, & segunda Parte das Obras Espirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, das quaes hũa pequena parte andava já impressa em volume muito breve, mas que varias vezes reproduzio a estampa por satisfazer à devoçam. Pequena he entre as aves a abelha, & o seu fruto tem no doce o Principado, diz o Espirito Santo: *Brevis in volatilibus est apis, & initium dulcoris habet* Eccles. *fructus illius.* Se ategora esta doçura se te dava a matar desejos, ^{11.} já agora a lograrás a fartar vontade nos favos destes dous Tomos.

Extremis liber auctus umbilicis,

Exemplo in medium ruat coronam,

Et longas hominum esuritiones

Sua lautitia, famemque pascit.

Nam tenho necessidade de te encarecer a bondade desta Obra, como a não tem o Sol, & a Lua de testemunhas para cremos, que o Sol allumia de dia, & de noyte a Lua: a sua luz he o seu interprete: o seu esplendor, sem outro testemunho, lhe basta para credito, como bem dizia Philo. A lingoagem do Veneravel P. he lingua do seu espirito, & he gloria da sua penna. E posto que nada escrevesse com intento de sahir a luz, não era justo, que por eu poupar trabalho, comprehendessem ás trevas tantas luzes suas, que vem a ser illustraçoes nossas.

Acharás nesta primeira, & segunda Parte variedade de materias, & tratados; & em todos gravidade, piedade, & hũa raõ Christãa Filosofia, que differa delles Jacobo Bilio, o que já disse dos de S. Gregorio Nazianzeno: *Omnia gravitatis, pietatis, Philosophiae que Christianae plena sunt: nunc hominis naturam fragilem, & inconstantem graphicè depingit: nunc ardentissimas ad Deum preces mittit: nunc optima, & saluberrima vitae praecepta, regulas que tradit.* Quanto fruto haja de causar esta lição, quero se conheça mais pela experiencia, que pelo meu encarecimento. Lê, aproveitate, & Deos te guarde.



L I C E N Ç A S.

Do Santo Officio.

Podemse tornar a imprimir os dous livros, de que esta petição trata, & depois de impressos tornarão para se conferir, & dar licença que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 30. de Julho de 1697.

Castro. Foyos. Azevedo. Diniz. Moniz.

Do Ordinario.

Podemse tornar a imprimir os dous livros, de que trata esta petição, & depois de impressos tornarão para se lhe dar licença para correr, & sem ella não correrão. Lisboa 7. de Agosto de 1697.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

Do Paço.

Podemse tornar a imprimir vistas as licenças do Santo officio, & Ordinario, & depois de impressos tornarão a esta mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrão. Lisboa 9. de Agosto de 1697.

Roxas. Marchaõ. Azevedo. Ribeiro. Sampayo.



E Ste livro , que contém primeira , & segunda Parte , está conforme com o seu Original , que estava em dous tomos dividido. São Domingos de Lisboa em 11. de Março de 1701.

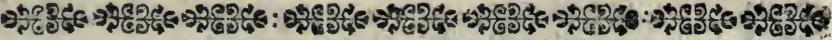
Fr. Antonio Pacheco.

V Isto estar conforme com o Original , pôde correr este livro. Lisboa 11. de Março de 1701.

Carneiro. Moniz. Fr. Gonçalo. Haße. Duarte.

P Ode correr.

Fr. Pedro.



T Axaõ este livro em hum Cruzado. Lisboa 14. de Março de 1701.

Oliveira. Monzinho. Lacerda.

I N D E X
DOS LUGARES DA ESCRITURA, & materias sobre que se discorre nestes Golpes, & Toques.

T R A T A D O I.
DOS GEMIDOS ESPIRITUAES vertidos de hum pedernal humano a Golpes do Amor Divino.

GOLPE I.

DESOLATIONE desolata est omnis terra: quia nullus est, qui recogitet corde. Jerem.

12. 11.

Como da falta da consideraçam nasce a perdição do mundo. pag. 1.

GOLPE II.

Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & calos, & non erat lux in eis. Jerem. 4. 23.

Como da falta das obrigaçoens dos que presidem, & ensinão, procede a ruina das almas. pag. 7.

GOLPE III.

Via Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem. Thren. 1. 4.

Os descaminhos dos peccadores são das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a causa. pag. 10.

GOLPE IV.

Omnes declinauerunt, simul inutiles facti sunt: non est qui faciat bonum, non est usque ad unum. Psalm. 13. 3.

A ruina dos estados nasce de faltarem a suas obrigaçoens cada hũs. pag. 13.

GOL-

Dos lugares da Escritura.

GOLPE V.

Nullus est, qui agat poenitentiam super peccato suo. Idcirco cadent inter corruentes. Jerem. 8.6.12.

De quanto importará a todos fazer penitencia. p.17.

GOLPE VI.

Va tibi Coroz ain, va tibi Bethsaida: quia si in Tyro, & Sidone facta essent virtutes, quae facta sunt in vobis, olim in cilicio, & cinere poenitentiam egissent. Matth. 11.21.

De quão pouco se aproveitão os Catholicos dos auxilios divinos para fazerem penitencia. p.21.

GOLPE VII.

Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur? Matth. 16.26.

A quem perde a gloria, nada aproveita tudo o da vida. p.24.

GOLPE VIII.

Præterit figura hujus mundi. 1. ad Corinth. 7. 31.

Da variedade, & inconstancia do mundo, & como por isso deve ser desprezado. p.28.

GOLPE IX.

Verumtamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conuulbatur. Psal. 38.7.

Da brevidade, incerteza, & fallencia da nossa vida. p.32.

GOLPE X.

Verumtamen universa vanitas, & omnis homo vivens. Psalm. 38.6.

Que os homens são huma universal vaidade. p.35.

GOLPE XI.

Milvus in Cælo cognovit tempus suum. Jerem. 8.7.

Da ingratitude com que os homens pagão a Deos á vista das mais creaturas irracionais. p.38.

GOLPE XII.

O insensati Galata, quis vos fasciavit non obedire veritati? &c. Galat. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar, & servir a Deos. pag.42.

GOLPE XIII.

Iuxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora. Deuter. 32. 35. Deuter. 32. 35.

De como os peccadores perdem o tempo ao mesmo passo, que elles vai fugindo. p.47.

GOLPE XIV.

Si justus vix salvabitur, impius; & peccator ubi parebunt? 1. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de salvarse sem penitencia, quando muitos justos se vierão a perder por falta della. p.50.

GOLPE XV.

Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tue. Luc. 19.44.

Do peccado da ingratitude, & seu castigo. p.54.

GOLPE XVI.

Lugebit terra, & morebunt Cæli. Jerem. 4.28.

Do sentimento, que não só o peccador ha de ter da sua perdição, mas tambem as creaturas. p.62.

GOLPE XVII.

Filii hominum usquequã gravi corde? &c. Psalm. 4.3.

Index

O amor dos homens ao caduco , & terreno, he a queixa de Deos offendendo. p. 62.

G O L P E XVIII.

His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me. Zachar. 13. 6.

Quanto sente o Senhor as offensas dos Catholicos, & como as suas queixas são para a nossa emenda. p. 66.

G O L P E XIX.

Populus meus, quid feci tibi, aut quid molestus fui tibi? responde mihi. Mich. 6. 3.

Continuação das queixas, que dá o Senhor das nossas culpas, por serem ingrátidoens a seus beneficios. p. 69.

G O L P E XX.

Excute de pulvere, consurge, sede Ierusalem, solve vincula colli tui captiva filia Sion. Isai. 52. 2.

Da grande piedade com que o Senhor convida com sua graça, ainda as almas dos peccadores mais destragados. p. 72.

G O L P E XXI.

Dixit Dominus: Ex Bafan convertam, convertam in profundum maris. Psalm. 67. 23.

Os peccados, ou são de fraqueza, ou de ignorância, ou de obstinação: os de obstinação impenitente não tem remedio em quanto ella dura. p. 75.

G O L P E XXII.

Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserabitur ejus, & ad Deum nostrum, quo-

niam multus est ad ignoscendum. Ilai. 55. 7.

Como ha de ser a conversão do peccador a Deos, para, ser verdadeira. p. 78.

G O L P E XXIII.

Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis. Ex Epist. B. Jacob. 4. 8.

Dó modo, & brevidade com que o peccador convertido ha de chegar-se a Deos. p. 83.

G O L P E XXIV.

Videte vocationem vestram fratres; quia non multi sapientes; &c. 1. ad Cor. 1. 26.

Como se haõ de vencer os tres inimigos da alma com o ter, com o saber, com o poder, &c. p. 89.

G O L P E XXV.

Multi sunt vocati, pauci vero electi. Matth. 20. 16.

Mostrãose ao peccador as razões, porque são muitos os chamados por Deos, & poucos os escolhidos. p. 94.

G O L P E XXVI.

Non veni vocare justos, sed peccatores. Marc. 2. 17.

Declarãose os modos, com que Deos está chamando sempre os peccadores. p. 100.

G O L P E XXVII.

Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum. Ad Galat. 6. 10.

Como se não ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, & chamamêtos de Deos, &c. p. 104.

G O L P E XXVIII.

Multifariam, multisque modis loquens Deus patribus, &c. Ad Hebr. 1. 1.

Trata-se

Dos lugares da Escritura.

Tratafe das muitas maneiras
com que Deos nos ensina a salvar-
nos. p. 109.

GOLPE XXIX.

*Si poenitentiam egerit gens illa à
malo suo, &c.* Jerem. 18. 8.

Como ha de ser a nossa emenda
da vida para alcançar de Deos a
misericordia. p. 112.

GOLPE XXX.

Poenitentiam agere. Matth. 4. 17.

Penitencia verdadeira qual seja,
& quanto he necessaria. p. 117.

GOLPE XXXI.

*Noli itaque erubescere testimonium
Domini nostri.* 2. ad Timot. 1. 8.

Como todo o Christão se não ha
de envergonhar de servir a Deos, &
ser virtuoso. p. 120.

GOLPE XXXII.

*Deum, qui te genuit, dereliquisti,
& oblitus es Domini creatoris tui.*
Deuter. 32. 18.

Mostrase como o peccador por
hum nada, & menos que nada,
desempara, & deixa a Deos. p. 125.

GOLPE XXXIII.

Fallax gratia, & vana est pulchritudo. Proverb. 31. 30.

Tratafe da vaidade, & engano
da belleza, & fermosura do mun-
do. p. 130.

GOLPE XXXIV.

*Ecce motus magnus factus est in
mari, ita ut navicula operiretur flu-
ctibus, ipse vero dormiebat.* Matth.
8. 24.

Como no meyo da tempestade
dos vicios hão de recorrer a Deos os
peccadores. p. 134.

GOLPE XXXV.

*Lapis, qui percusserat statuam, sa-
ctus est mons magnus, & implevit uni-
versam terram.* Dan. 2. 35.

Mostrase como he facil ao pecca-
dor o crescer na virtude, se pinci-
pia a emenda da vida, & a conti-
nua. p. 137.

GOLPE XXXVI.

*Qui perseveraverit usque in finem,
hic salvus erit.* Matth. 10. 22.

Sem perfeverança na emenda
da vida até o instante da morte,
não ha salvaçõ da alma. p. 141.

GOLPE XXXVII.

*Qui seculum et carnem et diabolum
persequitur, et seipsum crucifigit, et
sequitur Christus, ipse salvus erit.* Matth.
10. 38.

GOLPE XXXVIII.

*Qui seculum et carnem et diabolum
persequitur, et seipsum crucifigit, et
sequitur Christus, ipse salvus erit.* Matth.
10. 38.

GOLPE XXXIX.

*Qui seculum et carnem et diabolum
persequitur, et seipsum crucifigit, et
sequitur Christus, ipse salvus erit.* Matth.
10. 38.

GOLPE XL.

*Qui seculum et carnem et diabolum
persequitur, et seipsum crucifigit, et
sequitur Christus, ipse salvus erit.* Matth.
10. 38.

TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMBETA

do Ceo, inspirados ao toque das divinas

Escrituras.

TOQUE I.

MONTES Israel audite verbum Domini Dei: haec dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus. Ezech. 6. 3.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas insensiveis, que as racionais, sendo peccadoras. pag. 144.

TOQUE II.

Omnes conversi sunt ad cunsum suum, quasi equus impetum valens ad praelium. Jerem. 8. 6.

Tratase da furiosa cogueira com que os peccadores correm a peccar, & a perderse. p. 148.

TOQUE III.

Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei ara in delictum. Osee 8. 11.

Dos peccados dos Beneficiados, & Ecclesiasticos. p. 151.

TOQUE IV.

Similiter eos, qui exasperant; qui habitant in sepulchris. Psalm. 67. 7.

Dos peccados dos Religiosos.

p. 154.

TOQUE V.

Pulvis es, & in pulverem revertaris. Gen. 3. 19.

De quanto importa a lembrança do que somos, & do que havemos de ser. p. 155.

TOQUE VI.

Homo sicut sanum dies ejus; tamquam flos agri, sic effloret. Psalm. 102. 15.

Confiderase a vileza do homem, & o pouco q dura a sua vida. p. 164.

TOQUE VII.

Quid est homo, & qua est gratia illius? Eccl. 1. 8. 7.

Vesela o nada, que he o homem quanto ao ser terreno, & immorttal, sem Deos. p. 164.

TOQUE VIII.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum. Job. 5. 7.

Tratase do trabalho para que todos nascemos em castigo da primeira culpa. p. 174.

TOQUE IX.

Militia est vita hominis super terram. Job. 7. 1.

Da guerra contra os inimigos dalma, & como se ha de fazer. p. 179.

TOQUE X.

Homo quidam descendebat ab Ierusalem in Iericho, & incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum: & plagis

Dos lugares da Escriura.

plagis impositis abierunt semi vivo relicto. Luc. 10. 30.

Mostrase como o declinar da graça de Deos he a total ruina, & qual seja. p. 185.

TOQUE XI.

Mendaces filij hominum in fratribus: ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum. Psalm. 61. 10.

Tratase de quanto prego fazem os peccadores, do amor do mundo; & quaõ pouco estimão as cousas do Ceo. p. 196.

TOQUE XII.

Utrumquid piger dormies? quando consurges e somno tuo? Prov. 6. 9.

Mostrase quam perigosa he a dilacão na emenda da vida. p. 196.

TOQUE XIII.

Videns autem Deus, quid multa malitia hominum esset in terra; &c. Genes. 6. 5.

A causa dos castigos de Deos he a continuacão nos peccados, & falta de penitencia. p. 202.

TOQUE XIV.

Vos autem sicut homines mortemini Psalm. 81. 7.

Tratase da fragilidade da vida; & como em nascer, & morrer não ha entre os humanos differença. p. 202.

TOQUE XV.

Nescit homo finem suam; sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur; sic ca-

piuntur homines in tempore malo. Ecclesiast. 9. 12.

Da miseravel ignorancia, com que os peccadores achão gollo na sua perdicão. p. 213.

TOQUE XVI.

Sapientia hujus mundi, stultitia est apud Deum. 1. ad Corinth. 3. 19.

Toda a sabedoria mundana he a mayor perdicão, & por isso a mayor ignorancia. p. 219.

TOQUE XVII.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum. Job. 5. 7.

Mostrase como a vida de qualquer estado he trabalho; & como o trabalho por amor de Deos he regala. p. 223.

TOQUE XVIII.

Præterea figura hujus mundi. 1. ad Cor. 7. 31.

Tudo o do mundo he mentira; enganõ; & vaidade. p. 227.

TOQUE XIX.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, &c. Job. 14. 1.

Tratase da multidão de miserias, que fazem a natureza humana vilissima. p. 231.

TOQUE XX.

Homo cum in honore esset, non intellexit, &c. Psalm. 48. 13.

Mostrase, que cousa são as honras do mundo, & quanto caso se ha de fazer dellas. p. 237.

TRA-

TRATADO III.

Despertador celestial da alma adormecida na culpa. Pag. 244

Hora est. iam nos de somno surgere. Ad Roman. 13. 11.

I N D E X

Do que contém a segunda Parte deste livro:



- OZES de Deos com que fe-
rio intimamente as entra-
nhas de hum peccador; &
suspiros do mesmo peccador, a que
deu nome de Faiscã o Veneravel P.
Frey Antonio das Chagas; & são
vinte & dous Soliloquios seus, q nos
ensinão a fallar com Deos. Pag. 261.
- Acto de resignaçam, & indifferença
na vontade Divina. p. 316.
- Varios Actos de Contrição para pedir
perdão dos peccados. p. 317.
- Oraçam ao coração de Christo. p. 323.
- Advertencias para os Missionarios.
p. 324.
- Via Sacra abreviada. p. 326.
- Exercicio para cada dia em verdadei-
ro espirito. p. 333.
- Duas Oraçoens que fazia o Veneravel
Padre ao deitar, & levantar da ca-
ma p. 339. & 340.
- Soliloquio do mesmo para se aservorar
no serviço de Deos. p. 340.
- Praticas com Deos nas sequidoens, &
securas da Oraçam. p. 344.
- 12. Luzes espirituas para encami-
nhar Almas. p. 346.
- Escola de Christo, & seus exercicios.
p. 361.
- Escada espiritual por onde chegamos
dentro de nós a sua divina Mage-
stade. p. 366.
- Quinze perfeiçoens necessarias a quem
quizer servir a Deos. p. 369.
- Preparaçam para commungar. p. 371
- Palavras para rebater os demonios nas
tentaçoens. p. 374.
- Despedida de tudo. p. 375.
- Semana Espiritual. p. 377.
- Oraçam do Padre, nosso, illustrada.
p. 439.
- Espelho do espelho, em que se ha de ver
a Alma, que quer chegar à perfei-
ta união de Deos. p. 455.
- Semelhanças que tem o verdadeiro a-
mor de Deos com a morte. p. 457.
- Sinaes do perfeito amor de Deos. p. 460
- Exercicio de mortificação para toda a
semana. p. 462.
- Exercicio breve para a Santa Oraçam.
p. 464.
- Oração para alcançar ardentemente o
amor de Deos. p. 466.
- Do ultimo fim, & summo Bem. p. 469.



TRATADO I.

DOS GEMIDOS ESPIRITVAES

vertidos de hum pedernal humano
a golpes do Amor Divino.

GOLPE I.

Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde. Jerem. 12. 11.

Como da falta de consideração nasce a perdição do mundo.

GEMIDO I.



MODO o mundo se perde por falta de consideração: mas se o mayor cuidado dos homens se encaminha a que os tenha o mundo em conta de homens de grande consideração; se toda a vida do homem he. hũa guerra de discursos; se o juizo humano he perpetuo campo de batalhas; & se em fim nada obra o homem

sem lho propor o entendimento, por ser o entendimento hũa potencia, que necessariamente obra, já seja apreendendo, já discorrendo, já julgando: como diz o Espirito Santo por Jeremias, que os homens se perdem, porque não considerão? Oh mortaes, os que estais em peccado, terrivel cousa he esta, mas verdade sem duvida! Porque se bem considerardes, que outra cousa

saõ as vossas consideraçoens, se não falta de consideração? gastar hum peccador todas as horas do dia, & perder o sono da noite considerando nos creditos da sua ambição; nas marès da sua fortuna; nas maquinas da sua grandeza; no ruido da sua fama; nas vâglorias da sua honra; nos sonhos da sua vaidade; nas chimèras do seu agravo; nos idolos do seu interesse; & em fim, no seu deleite, que he mentira; na sua gentileza, que he ar; na sua lascivia, que he fogo; na sua fazenda, que he pezo; na sua vida, que he morte; & no seu regalo, que he nada? Que outra cousa he, senão falta de considerar, quanto se atreve contra Deos; quanto corrompe sua ley nos máos usos dos bês da vida, da natureza, & da fortuna, desprezando igualmente os da graça; sem aclarar com a luz da razão as sombras da consciencia; sem ver o estado da sua alma, a cegueira do seu coração, as perturbaçoens do seu espirito; & em fim, sem lembrar-se efficazmente de que ha Deos, para ver, que caso faz delle, & o que pôde esperar por isso na hora da morte, no dia do juizo, & nos annos eternos?

Já, se sem dano da sua alma, se cansára cada qual dos homens em aumentar a honra, seguir a fortuna, avultar a fazenda, &

dilatar a vida (que bê se pôde fazer em graça) santa cousa fora; pois Deos se serve, de que o mundo se multiplique em seus estados honestos, atè que entre tantos, que se perdem, haja alguns, que acabem de encher o numero dos predestinados, para logo se acabar o mundo: mas como ha de ser, senão cuidando os homens do mundo, & muitos dos que o não parecem, ou devião não ser do mundo; nem gastando o tempo mais, que na vida profana, vivem como se a alma se criára só para o corpo; o corpo para os deleites; a fazenda para os vicios; os vicios para a vida; & esta para a vaidade? que falta ha pois mayor para a consideração, que estas consideraçoens dos homens? Vive o lascivo, & não se emenda; o homicida, & não se teme; o ambicioso, & não se satisfaz; o vingativo, & não se humana; o adultero, & não se encobre; o sacrilego, & não se turba; o soberbo, & não se humilha; o blasfemo, & não se refrea; o vão, & não se defengana; & sabendo todos bastantemente, que não são caminhos do Ceo a lascivia, a ambição, a vingança, o homicidio, o adulterio, o sacrilegio, a soberba, a blasfemia, a vaidade, & os outros vicios; irem-se de seu vagar pelas estradas da maldade; correrem tão precipitados pelos despenhadeiros

deiros da culpa; & dormirem a sono solto á sóbra da sua morte, entre os riscos da consciencia, & entre seus mesmos inimigos; que he, senão falta de juizo, letargo do discurso, & falta de consideração? Considerar, & não considerar o que importa, parece obra do discurso, & he falta de entendimento; parece exercicio da razão, & he cegueira do juizo. A consideração he vista dalma, cujos olhos são o entendimento; se a alma não vê o que lhe toca, ou lhe convem, he cega; se olha para o que lhe está bem, ou mal, & o sabe ver, só então se pôde dizer, que tem vista: se pois a alma não vé os seus males, ou não pôde ver os seus bens, como poderemos dizer, que tem vista, ou consideração?

Não cuidão os homens dentro na sua alma, que isto se entende na Escriptura Sagrada pelo coração; não considerão com efficacia donde vierão, por onde andão, para donde vão, & para onde hão de ir: se isto considerarão os homens, virão, que de Deos vierão, & que de outra parte nenhũa cousa tem; virão, que andão pelo caminho da perdição; que vão para os infernos; & que havião de caminhar para o Ceo: se cuidarão nisto, se virão isto os homens, tornarão atráz, arrependerão-se, & considerarão mais em sy, metendo-se por dentro de sy; & não

andarão tão fóra do mesmo Deos, quanto o andão da ley de Deos: se cuidarão mais em sy, virão, que quanto à alma; está nelles o mesmo Deos, como em imagem sua; & que esta tanto he melhor imagem, & mais parecida com Deos, quanto nas virtudes se cõforma mais com o original; & tanto mais fea, & disforme, quanto mais nos viciosos costumes se dessemelha: se cuidarão em sy quanto ao corpo, virão, que he hum vil, & baixo pó da terra; hum manancial de immundicias; hũ compendio de miserias; huma fragilidade instantanea; huma corrupção perenne; hum cevadouro de bichos; & hum guizado da terra: & quanto á vida, virão, que Deos lha conserva, & da sua mão está pendente; que he hum vapor da terra; hum sopro do vento; hũ fumo aereo; hũa nuvem ligeira; hũa flor do feno; & hũa sombra fantastica, que tendo só de certa duração o presente instante, a cada instante está acabando; sendo para a morte hum ligeiro coreyo, que sem parar de dia, & de noite sempre caminha: & finalmente se cuidarão em sy os homens, quanto ao mundo, que tanto amão, virão, que sendo as suas honras, vaidade; as suas pompas, apparencias; as suas riquezas inconstantes; as suas vaidades, locuras; as suas delicias

cias, fel; os seus contentamentos, pranto; os seus divertimentos, achaques; os seus alivios, peste; & as suas consolaçoens, tristeza; como seu capital inimigo com continuos enganos os rouba; com hum sem numero de laços os prende; com hum sem conto de redes lhes arma; & cõ huma immensidade de malicias os perde.

Jerem. supra. Isto he o que nos dá a entender o Espirito Santo por Jeremias: porèm de não cuidarem os homens nada nisto, nasce, que daquelles meynos, que se lhes dispensarão para os usos da vida, fazem bemaventurança, sem lembrarse do fim ultimo para que forão creados; & neste esquecimento, nascido daquelle abuso, se perdem. Aquelles rios, que esquecidos de correr para o mar, se derramaõ pelos campos, perdemse a sy, & mais a elles: assim os homens, que devendo correr a Deos com o coração, o derramão pelas creaturas, igualmente se perdem: pôde o rio tornar a ser o que era, & muito mais, se tornar a seu curso: tãbem os homens, se tornarem a seu Deos, podem ser muito melhores que dantes: mas ah, q̃ as aguas, q̃ no principio pudẽrão tornar-se a seu centro, a pouco custo do refluxo, ou fluxo da natureza, encharcãdõse pela terra, se convertem em lagoas mortas; onde se somem, ou se cor-

rompem viciosamente e trõrpedidas; as neves, que das entra-nhas do mar se communicãõ aos valles; & os cristaes, cõ que para unirse ao oceano, se desentranhãõ os montes!

Tanto mal faz hum sõ descuido da natureza, ou da culpa, que fazendõse vida, o que sõ era inclinação, se muda em segunda natureza, o que parecia appetite; & acaba costume da malicia, õ que apenas começõu desvio da razão: a pouco custo do geito se arranca em plãta, aquella mesma, que a todo o empenho das forças se não pôde abalar em arvore: o rio, que a pouco custo se pudẽra cortar na fonte para não chegar a ser ribeiro, por mais que o cortem junto ao mar, não o tiraõ já de ser rio: aquelle incendio, que se pudẽra apagar de hum golpe quando começõu faisca, não bastãõ muitos para o diminuir, logo que chegou a ser chama: por isso, quem despreza as cousas pequenas, pouco a pouco se vai inclinando para de todo cair nas grandes: *Qui spernit modica, paulatim decideret.* Tudo o que a parede se inclina para a ruina, he começala; o mais he profeguila, ou padecela.

Eis-aqui em figura, o que sãõ nossos descuidos na realidade; começase a memoria por hum divertimento a apartar de Deos; afastase logo o entendimento;

alõn-

alonga-se a vontade; seguem-na os sentidos; & pondo a alma todo seu sentido nas cousas vãs, & caducas, perde o cuidado das eternas; de que se segue, que suspendendose, ou cegandose o homem superior, & a parte racional, se precipita a natureza tão depravada desde o ventre, para a parte inferior do homem ao animal, & ao sensitivo, abraçando aquelles mesmos perigos de que fugira, se os olhos da alma desalumbados não cegáraõ pelo seu mal, & puderão ver o seu bem.

Pois, se bem consideramos, quem se atrevéra a peccar? & se peccára, se não arrependéra logo? se advertira, se considerára, quem he o que offende; a quem; porque; de que modo; donde; & quando. Quem? hum sacó de terra, & de bichos; hũa corrupção vivente; hum lodo mais authorizado, porque o Senhor o tomou nas mãos, & lhe deu alentos de vida, dependente do mesmo Deos, não só nos antes, mas nos agoras, & nos depois. A quem offendeo? a hũa Senhor de tão alta magestade, de tão infinito poder, de tão grande sabedoria, immensidade, fermosura, providencia, & misericordia; tão respeitado dos Justos, tão louvado dos Santos, dos Anjos tão adorado, tão querido dos Seraphins, servido dos Ceos, & da terra; Senhor uni-

versal do mundo; & per sy mesmo tão amavel, tão bom, tão manso, & tão amigo, que nos criou de nada; nos sustenta de tudo; nos conserva por amor; & nos servio de graça, redemindonos antes que fossemos; amandonos sem merecerlho; sofrendonos sem obrigarlo; & esperandonos sem pedirlo. Porque o offende? por hum gosto torpe de brutos, que começa desalumbramento, continua cegueira; cresce precipicio, para sem favoria, & acaba condemnação: por hum ponto de honra, que he ar: por hum interesse, que he vil: por hum capricho, que he locura: por hum primor, que he perdição: por hũa paixão, q he desatino: & por tudo o mais que he vaidade. De que modo offende a Deos? com tanta facilidade, & com tão leve promptidão por qualquer ninheria, como se fora algum Deos de barro, de que se pudiera zombar, & não fazer caso. Donde o offende? na sua presença, pois o temos sempre á vista, ou sejamos bons, ou máos: nos lugares sagrados, & profanos, donde, sem pejo, ou escrúpulo peccamos com tão grande gosto, & vaidade de offendelo, como se lhe tiveramos o mayor odio do mundo, & nos importára muito fazerlhe acintes, & li-fongear ao demônio. Quando o offendemos? no tempo, que nos dá para tratar da salvação pelas

vias da penitencia; dandonos de espera, quanto nos dá de vida, para que nos emendemos hoje do que erramos hontem.

Quem pois não aborrecera o peccar, se se detivera em cuidar o grande odio, que Deos tem ao peccado; pois a seu proprio Filho, a quem amou sobre tudo quanto ha, não perdoou, & castigou rigorosissimamente, sendo a mesma innocencia; por querer tomar sobre sy a carga de nossas culpas? A quem pois ha de perdoar, senão perdoou a seu Filho? Foy castigada a innocencia por se nos inclinar, & unir; não o será a malicia por se perverter, & apartar de Deos? Não escapou a faude de nossas almas; & escapará a enfermidade de nossas vidas? Quem pois não temeria de Deos, se lhe soára nos ouvidos dalma cada instante, aquella trombeta, que pôde ouvirse a cada instante? Quem se não metera por dentro, se puzera diante dos olhos a ultima hora da morte, que vem correndo, & pôde chegar a cada passo? Quem se lembrára deste mundo, se subira com o pensamento á gloria da patria celeste? Quem não vivera como morto, se descera com o discurso ás escuras penas do inferno, & se detivera em cuidalas? Quê prezara os dias do seculo, se medira cõ o tremor os longos annos de tormento daquella horrenda eternidade? Quem fi-

zera caso da vida, se estendera os olhos da Fè por aquelles campos eternos, que alegre, & luftra o Sol da graça; & puzera bem o sentido na vileza de huns bens aparentes, donde o que foy, já não he; o que ha de ser, ainda não chegou; & o que está sendo, vai passando? Mas, que se ha de esperar dos homens, que só ao mundo, & seus enganos entregão a sua vontade, a memoria, & entendimento? que se espera mais, que a perdição? se podêdo ser maravilhas da graça pela misericordia por privilegios do discurso; são escandalos dos destinos, & injurias da misericordia por condição da vaidade, esquecimento da razão, quedas da graça, & ruina da natureza? ou por melhor dizer; porque anda a razão vadia, a discricião vagabunda, & o entendimento ocioso: & podendo elle ser o melhor casamenteiro da vontade, a poucos passos do discurso deixa perdela pelo mundo, fazendo praça deste cego, toda a corte da profanidade: & por isso brada Jeremias contra a ruina, & perdição dos homens, nascida do seu esquecimento, & descuido: *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde.*

Jerem.
supra.

G O L P E II.

Aspexi terram, & vacua erat,
& nihil, & celos, & non erat
lux in eis. Jerem.
4. 23.

Como da falta das obrigaçoens dos que presidem, & enfião, procede a ruina das almas.

G E M I D O II.

Olhei para a terra, diz Jeremias, & de puro vão me pareceo nada; puz os olhos nos Ceos, & não vi nelles luz: de forte, que de terse reduzi do a terra ao nada, que dantes tinha sido, era causa a sua vaidade; & de estar o Ceo escurecido, eraõ occasião as suas sombras. Pelas sombras se entendem na Escritura os peccados: *In regione umbrae mortis, idest, in densissima caligine ignorantiae, & peccatorum:* & pelo nada o mesmo: *Peccatum nihil est:* a terra he figura dos homens do mundo: *Terra pro terra amatoribus sumitur;* o Ceo, dos q̄ fazem vida de espirito; ou ao menos tem esta do de vida espiritual: *Celos, idest, clericos, in quibus debent esse luminaria vitae, & scientiae.* Donde se segue, que dá vaidade dos homens mandanos nascia a sua

Alap. in Isai. 9. 2. Aug. tom. 9. tr. 1. in Joan. post med. Hug. C. in Jerem. 22. 29. Hug. C. do de vida espiritual: mist. in Jerem. hic, Late S. Bonav.

culpa; & da culpa dos outros ho-
mes Ecclesiasticos, & Religiosos, nascia tambem o seu dano. Mas, que razão teria o Profeta, quando afirma, que vio a terra, para dizer não lo que era vãa, mas acrescentar, que era nada? Oh mortaes! Oh peccadores! Ser vãa a terra, & ser nada, não he mais, que hũa meisma cousa; dizeime pois, de que estais vãos? he por ventura de peccar? como se fora para a vaidade o que se presta para o pejo: estais ociosos acafo das virtudes, que não tendes? não ter virtudes, & ter vaidade, he ser inutil, & he ser nada. Coufa nenhũa, & coufa inutil disse Moyses, que era a terra depois de a haver Deos creado: *Terra autem erat inanis, & vacua:* depois de confessar, que Deos lhe tinha dado o ser: *In principio creavit Deus, &c.* affirmou, que o seu ser era hum vasio, & hũa vaidade, que nas coufas creadas não admite a Filosofia: *Vacua, idest, inutilis.* Isto, que parece contradicção, foy mysterio; porque até aquelle tempo não tinha a terra as virtudes de produzir as flores, & frutos, que ao terceiro dia lhe foraõ dadas: & terra, que não tem virtude; terra, que sendo vãa, não dá frutos; terra, que he como se não fora; terra, que não faz coufa boa, que ha de ser, senaõ coufa vãa, coufa inutil, & hum puro nada? Por esta razão Jeremias,

tom. 7. de Eccl. hier. p. 4. cap. 4.
Genes. 1. 2.
Ibid. 1.
Hug. C. ibi.
Simplic.

mias, vendo a terra, lhe chamou vã; porque sendo esta terra os homens, & não tendo elles virtudes, em que se pudesse pôr olhos, erão os homens terra inutil; erão homens, como se não forão; & eraõ nada os maiores homens.

Porèm, que a terra fosse nada; andar: foy obra da vaidade: que estivesse a terra vasta; passe: que he falta de virtudes; mas, que nos Ceos não visse luz? que visse defeitos nos Ceos, que tem por natureza luzir, & por officio allumiar? esta só he a maravilha: que haja defeitos na terra, que muito he, se he tão grosseira, tão varia, desigual, & baixa? que haja no mar defalloslegos, que muito he, se he tão mudavel, & furioso? que tenha o vêtô liviandades, que admiração faz, se he tão leve? que tenha o fogo grandes fumos, que espanto he, se está tão alto? mas que o Ceo haja de ter sombras? que nos Ceos se não aché luz, sendo os Ceos as fontes da luz, solar da claridade, & mar dos resplandores? este he o mayor espanto. Como he possível, que na terra, & nos homens, que amão a terra, não haja hum mundo de defeitos, se nos Ceos, em que se figurão os Pregadores, & os Prelados, os Ministros, os Generaes, os Governadores, homens grandes, os Principes, Reys, & Mo-

Literal narchas: *Celi, idest, Apostoli,*

& Predicadores: & Celi, quia alti, & clari, significant ordinem Prælarorum, se não acha mais, que defeitos; os Ceos, por cuja intelligência se move a maquina do mundo; os Ceos, de cujos movimentos pende a conservação do Orbe; os Ceos, por cujas influencias se inclinão todas as creaturas; os Ceos, por cujo resplandor se governa todo o universo, não tem luz, que faça seu officio, allumiando as ignorancias? não tem movimento efficaç, com que persuade o bom exemplo? tem defeitos naquela luz, que Deos lhe deu para luzir? tem defeitos na claridade, com que devem resplandecer? tem defeitos no resplandor, com q̄ havião de allumiar? A luz da verdade, a claridade da doutrina, o resplandor do exemplo, & as outras luzes da razão não desfazem, & não confundem as sombras da mentira, as nevoas do engano, a escuridade da culpa, & as outras trevas da maldade? Pois que muito he, que a terra não tenha em que se pôr os olhos, nem tenha virtudes, se sem a luz não se vê nada? que muito he, que tenha faltas, senão ha já luz, q̄ as acla'e, lhas descubra, ou lhas emende reprehendendo-as, & castigando-as, ou ao menos envergonhando-as? & isto, porque os Ceos não resplandecem como he justo; não allumião como devem; não influem

Moral
Hug.
C. in
Pfal.
95. in
fin.

comq̄

como he razão; não se movem como era bem: deixaõ os Céos; deixaõ os grandes; os que aconselhaõ, & reprehendem; os q̄ administraõ, & governaõ; os q̄ reynaõ, & tudo querem; os q̄ impéraõ, & tudo mandão; os q̄ dizem, & nada fazem; deixaõ crescer no mundo as sombras, cubrirse o Ceo de escuridades, imperar na terra a malicia, & reynar em tudo a cegueira, por defeitos de seu officio, por faltas da sua obrigação, por máo objecto da doutrina, por máo exemplo da pessoa, por máo uso das dignidades; & não querem dar conta a Deos, não só de se y, mas tambem dos outros? oh engano, oh cegueira, oh miseria! As fontes da luz vemse eclipsadas; as Estrellas, todas são errantes, & por isso os tempos se turbaõ; os signos não dão linhaes, de que se acabe cedo o mundo, & por isso não ha juizo; ca-la qual dos Planetas trata da sua exaltação, ainda que de muitos outros seja cahida, & detrimento; os aspectos não são benignos; os cursos não são mui rectos; & em fim os Ceos não são mui solidos: pois que ha de dizer o Profeta, senão, que he nada a vaidade, em que se tem tornado a terra, em comparação da culpa, que tem os Ceos por não ter luz?

In ejus officio. Para entender que se acaba-
va o mundo, bastou ao grande

Dionysio Areopagita ver contra lect. 4.
a ordem natural apagada em 9.
eclipse escuro hũa só das tochas Octo-
do Ceo; vio vestirse o dia de noi- bris in
tes, porque o Sol não fez seu Brev.
officio; vio cubrirse a terra de Rom.
sombras, quando esperava ver-
lhe luzes; vio enlutarse o Ceo
de trevas, sendo tempo de res-
plandores; não o moveo a per-
suadirse, q̄ a maquina do mun-
do espirava, o ver em conflito
os elementos; os penedos em
pendencia; a terra em tremen-
dos abalos; as ondas conten-
dendo com as nuvens; os mares
chocando com os ventos; porque
nascendo esta guerra da natural
antipatia, não reparava o Filo-
soso na contenda das naturezas,
senão nós defeitos do officio:
pois trocado assim o governo, a
ordem, & a obrigação, era da-
no mais infallivel a falta de hũa
obrigação, que a batalha de to-
do o mundo. Se pois o faltar hũa
só tocha do Ceo, era argumen-
to de acabar-se, & desfazer-se esta
maquina do universo; como não
será argumento, de que se acaba
todo o mundo moralmente
considerado, isto he, todos os ho-
mens, se destes Ceos moraliz-
zados, isto he, dos q̄ governaõ, &
ensinaõ, vemos as tochas apaga-
das, as Estrellas cahidas, as luzes
mortas, & as esferas escuras?
Destas esferas supremas vemos
o movimento sem ordem; a mu-
sica sem consonancia; a propor-
ção

ção sem harmonia; a forma corrupta; os aspectos sem influencia: donde com fundamento podemos considerar, que com a vista do espirito profetico via Jeremias a terra destes tempos desfeita em nada; & os Ceos deste seculo convertidos em trevas: *Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & celos, & não erat lux in eis.*

GOLPE III.

Via Sion lugent, eoquod non sint, qui veniant ad solemnitatem.

Thren. I. 4.

Os descaminhos dos peccadores são das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a causa.

GEMIDO III.

C Horaõ as vias de Siao, porque não ha quem vá por ellas ás festas de Jerusaleem: choraõ os caminhos do Ceo, que isto são as vias de Siao; por não haver quem queira ir ás glorias da celeste patria; as ruas se vestirão de erva; as casas se fizeram tumulos, & a Cidade de Deos, deserto nesta via de peregrinos; os caminhos choraõ; & não choraõ os que caminhão, caminhando já todo o mundo pelas vias da perdição; a Corte de Deos se fez ermo; as vias do

Ceo solidoens; & o mundo todo Babylonia: as estradas da salvação, que abrio no mundo Jesu Christo, se tornaraõ matas silvestres; & cheas só de agrestes silvas, para nenhum são já estrada, para todos são aspereza. Esfouros caminhos difficeis por onde sempre vão errando os peregrinos deste seculo, sendo sómente povoados, são passagem de todo o mundo.

Intricada a vaidade humana por seus confusos labyrinthos; embrenhado o gosto dos homens entre seus viçosos enredos; & precipitada a razaõ por mil riscos idolatrados, & por tantos erros bemquistos, gostosamente se embarça, voluntariamente se arroja, & aprezavelmente se perde; como se fora a perdição, suave emprego da caricia; & a cegueira, ancia, & a ruina, doce visco da liberdade.

Chora a Cidade celestial ver já cahidos os seus muros, derrubadas as suas portas, destruidos seus edificios, & profanados os seus templos: que isto são na Igreja de Deos os Doutores, & Prèzadores, que se cansaõ mais pela flor, que pelo fruto da doutrina: *Porta ejus destructa; idest, Doctores, & Prædicatores; qui dicuntur porta, eoquod debent alijs aditum præbere; sed aditus ille destruitur per curiositatem doctrinæ:* isto, os Prelados, & cabeças dos Estados da Christandade, que

tra-

Gloss.
in
Jerem.
supra
moral

ração mais da temporal fortuna, que do augmento espiri-
tual.

Tres vias, dizem os contem-
plativos, que ha para a jornada
do Ceo: Purgativa, Illumina-
tiva, & Unitiva: na primeira se
purgaõs as almas de todos os ma-
les da culpa; na segunda as al-
lumiã a graça de Deos para vi-
ver sem creaturas; na terceira
se desapegão totalmente de sy,
para se unir bem com Deos: cho-
ra pois a via Purgativa, porque
adoçada a natureza humana cõ
os sabores da malicia, mais que
sentir, & padecer os males, &
os symptomas da pena eterna, q̃
beber por hũa vez a amargõa
purga do defengano: chora a via
Illuminativa, porque os homens
cegos pelo enganõ do mundo,
nãõ sofrem, que lhes fira os olhos
o Sol da graça, querendo mais
ser avès nocturnas neste valle
escuro de lagrimas, que aguias
da fé no mayor imperio das lu-
zes: chora a via Unitiva, por-
que se desfataõ as almas tanto
dos vinculos do amor de Deos,
q̃ he sua origem, & seu fim, que
chegãõ a gloriarse em desunir-
se, & separarse desta suavissima
união, por se prenderem sômẽ-
te em huns laços torpes, que ho-
je sãõ cadeas, á manhã morte,
o outro dia inferno: eis-aqui co-
mo as vias, & caminhos do Ceo
choraõ; & o Senhor por todas as
vias.

As vias, ou caminhos do Ceo,
dizem os Doutores sagrados,
que sãõ as virtudes: *Via Sion*, Gloss.
virtutes, scilicet, ad supernam sup.
Ierusalem ducentes. David dizia, moral.
que erãõ duas, a misericordia, Psalm.
& a verdade: *Vniuersa via Domi-* 24. 10.
ni misericordia, & veritas: & em Psalm.
outra parte, q̃ era a ley de Deos: 118.
Viam mandatorum tuorum. Da- 32.
niel de todas fez hũa, que eram Daniel.
os juizos de Deos: *Ommes viae ejus,* 4. 34.
judicia: & o mesmo Senhor por Joan.
Sãõ Joaõ tambem nos disse, que 14. 6.
elle mesmo era via: *Ego sum*
via. Se pois as vias de Sãõ, & as
vias do Ceo, que chorãõ, sãõ
as virtudes, a verdade, a mise-
ricordia, a ley de Deos, os seus
juizos, & juntamente o mesmo
Christo; segue-se infallivemen-
te, que chorãõ as virtudes, a ver-
dade, a misericordia, a ley de
Deos, os seus juizos, & o mes-
mo Christo finalmente: chorãõ
as virtudes, porq̃ se andaõ rindo
os vicios: chora a verdade, porq̃
se idolatra a mentira: chora a
misericordia, porque se exaspe-
ra a justiça: choraõ os juizos de
Deos, porq̃ os naõ teme a igno-
rancia: chora a ley de Deos, por-
que encerrandose toda no amor
divino, & do proximo, poem os
homens o amor de Deos no mû-
do; & o do proximo em sy mes-
mos: chora finalmente Christo,
porque o deixaõ os peccadores
pelo demonio; & sendo via tão
segura, lhe fogem por tantos
desvios,

desvios, seguindo os alpeiros caminhos, & os descaminhos e scabrosos, da perdição, & da vaidade. O mortaes, o peccadores, não engeitados da misericordia, são filhos da perdição; não es-purios da ley de Deos, porém bastardos do Evangelho; não degra-dados da Igreja, mas de snatura-lizados de Deos; não bandidos da Fé Catholica, porém foragi-dos da graça; seara sempre do Senhor, mas cizania do seu trigo; esteril campo do seu verbo, com tudo sempre se meado; er-vas, & arvores agrestes, mas regadas de suas nuvens; que fa-zeis, que não dais hũa hora, a quem vos dá todos os dias? por-que lhe não respondeis hum dia, te ha tantos annos, que vos cha-ma: abrio-vos em suas entranhas as vias da misericordia, & que-reis em odio de Deos, ser prova da sua justiça, só por dardes go-sto ao demonio? Pelas vias do vosso engano caliginosas, & cõ-fusas; pelas estradas da malicia; pelos barrancos da cegueira; pe-las veredas arriscadas de huma ignorancia impedernida, vos afa-istais, os que sois sabios, os que é sois grandes, & entendidos, dos atalhos da salvação, das vias da sabedoria, & dos caminhos da prudencia? Chora Deos amarguissimamente a vossa perdição: *Cum clamore valido, & lacrymis;* & não chorais a sua offensa? Manda que todos seus Ministros

vão pelas estradas do mundo a buscar coixos, & aleijados; a persuadir surdos, & mudos; a encaminhar cegos; & enfermos para o convite celestial da eter-na bemaventurança: *Pauperes, ac debiles; cecos, & claudos, &c.* & vós teimosos, & obstinados sem lhe quererdes pedir mesa, vos ideis a torrar nas eternas fogueiras? Adonde está o vosso aviso, se entre os horrores do castigo, & entre os tremores do peccado todavia quereis correr pelo escandalo das virtudes, com desprezo da ley de Deos, com aggravão dos seus juizos, com queixas da misericordia, com indignação da justiça, & com injuria da verdade?

Bradaõ as lagrimas de Chri-sto; grita o silencio da verdade; soaõ os ecos do juizo; lamentaõ os prantos da misericordia; re-tumba o duro açoute da justiça; & clama a execuçaõ da ley de Deos; & nada disto vos faz mó-ça nesses espiritos de marmore? não se move, nem se estremece a rocha viva desses peitos? não se derrete, nem desfaz o duro brõ-ze dessas entranhas? não se ar-raneaõ ainda as raizes da cana vã de vossas almas, com que não ha desapegarvos da terra donde estais metidos? Impossivel he não chorar, & sentir as cul-pas neste seculo, ou no outro: donde pois iremos parar, se an-tes de chorar nossas culpas arre-penden-

Luc.
14.
21.

Ad
Hebr[
5.7.

pendendonos agora , nos fizer entrar em juizo , quem nos pôde tirar a vida , & darnos cada instante a morte ? Não he melhor neste desterro , que he para nós valle de lagrimas , chorar a pena temporal , que e lá no carcere do inferno , no theatro da eternidade padecermos a eterna morte , & em fim chorarmos para sempre ? Oh , pois , peregrinos do mundo , sede hoje os seus desenganados ! porque se este valle desconhecido tantas vezes vos enganou com as primaveras da vida , não he razaõ , que até o ultimo valle , que achareis no outono da morte , vades cultivando os enganos , para recolher os castigos : & desta forte cessarão de chorar contra vds os caminhos do Ceo , que atêgora lamentaõ os vossos descaminhos : *Vix Sion lugent , &c.*

G O L P E IV.

Omnes declinaverunt , simul inutilis facti sunt : non est , qui faciat bonum , non est usque ad unum.
Psalm. 13.3.

A ruina dos estados nasce de faltarem a suas obrigaçoens cada huns.

G E M I D O IV.

MAs ay , que todos declinárão , & se pervertêrão!

os mãos , fazendose peiores ; os bons , tornandose mãos ; & os melhores , não sendo taõ bons : vive o Christão como o idolatra ; o Frade , como o secular ; o Ecclesiastico , como o mundano ; tal como o povo , o Sacerdote ; tal como o mundano , o Religioso ; tal o Christão , como o gentio. Que faz o gentio , mais que adorar os seus idolos em afronta da ley de Deos ? Que faz o Christão , mais que afrontar a ley de Deos , fazendo de seus gostos , idolos ? Que faz o mūdano , mais que amar os bens da terra , como senão ouvera Ceo ? Que faz o Ecclesiastico , mais que esquecerse do Ceo , tratando só dos bens da terra ? Que faz o secular , mais que edificar para o seculo , & arruinar para a eternidade ? E que faz o Religioso , mais que fugir do eterno bem , por buscar as glorias do seculo , confundindose naquella , & acabando de arruinar este ? Devia o secular lembrarse de Deos hum hora , quando não fosse o mais do dia , porque era ser Christão : devia o Ecclesiastico empregarse em Deos todo o dia , quando não fosse toda a noite , & isto era ser Ecclesiastico : devia o Religioso vāgar para Deos noire , & dia , sem perder hora , nem ponto , que isto era ser Religioso ; porque o Religioso , logo que o foy , devia morrer para o mundo ; porque devia o Ecclesiastico , tã

to que o chegou a ser, viver só para Deos; porque devia, ainda q̄ o fosse, não vagar só para o demonio: mas, que ha de ser, se estes, como cavallo sem freyo: *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad praelium;* aquelles, como Não sem leme; & os outros, como cego sem guia, correm ao precipicio, buscao o naufragio, & seguem o desalubrimento?

Todos adorão o interesse; todos cortejaõ a maldade; todos idolatrão o vicio: desde o cetro, até o cajado; da purpura, até o burel; da tiara, até o barrete, não só se empeiorãõ os máos; não só se pervertẽãõ os bons; mas, ah, que declinããõ até os melhores! *Conjurasse contra te, Domine, videtur universitas populi Christiani à minimo usque ad maximum.* Todos se fizeraõ peiores; porque o secular zomba da vida de Christão, & contenta-se com o nome; o Ecclesiastico busca na Igreja a dignidade, & não a santificação; quer a prebenda, & não a santidade: o Religioso busca no habito a cõmentia, & não a Cruz de Christo; quer o titulo, & não a Cruz; & titulos sem Cruz serãõ letras, mas não passaõ de rotulos: prebendas sem santidade serãõ fartura, mas não bens da Igreja: Fé sem obras será carta de crença, mas não carta de seguro; será credito, mas não salvação.

Oh lastima! oh miseria! que o gentio, o secular, & o mundano, sem ter razão, tenham desculpa nos vicios, que tem o Christão na vida, que faz o Ecclesiastico; no exemplo máo, que dá o Religioso! David, sendo secular, porque considerava, trazia a eternidade na memoria: o Publicano, sendo homem do mundo, porque confessou sua culpa, sahio justificado do templo: Seneca, sendo gentio, porque conheceo a brevidade da vida, todo seu estudo punha, & toda sua vôtade em vir a ter a melhor morte: se pois hum gentio préga defenganos, quando se engana hum Christão; se hum mundano busca a Deos no templo, quando tantos Ecclesiasticos se esquecem d'elle; se hum secular cuida na eternidade, que tantos Religiosos perdem, por não querer perder o tempo; como se dirá só, que todos declinããõ, senão, que se pervertẽãõ? Duvidaõ alguns se se salvou este gentio; & não se duvida, de que se perdem muitos Christãos: sabe-se, q̄ se salvou aquelle mundano; & sabe-se q̄ muitos Ecclesiasticos se perdem: coroou-se no Ceo aquelle secular; & oh desventura! saber de certo, que se condemnãõ muitos Religiosos, q̄ se coroããõ no mundo.

Fizeraõ-se juntamente inuteis, porque o Religioso não aproveitou ao secular com o seu reti-

Jerem.
8. 6. 2

S. Bern.
tom. 1.
Ser. m.
I. in
Conv.
S. Pauli
in
med. 1

Pfalm.
76. 60.
Lu.
18. 14.
Sen.
epist 71

retiro; porque o Ecclesiastico danou aos outros com o seu exemplo; porque o secular não estudou pelo seu engano; & podendo o secular prestar ao menos para sy, o Ecclesiastico para os outros, & o Religioso para todos; todos se fizeram inuteis, não prestando para os outros, né para sy, nem para Deos; porque enganados mal conhecidos, são venenos idolatrados; exemplos escandalosos são peste authorizada; retiros sem santidade são medicinas sem virtude: são como luz sem calor, que não pôde desfazer nevoas; são como chuva de pedra, que em vez de aproveitar, dana; são como flores rústicas, que em lugar de cheirar bem, cheiraõ mal: homens necios, vedé, que todos estamos feitos espectáculo dos Anjos, & dos homens: se os que sois Religiosos danais com o exemplo a doutrina, de que importa ter lingua de ouro, & coração de chumbo? Se os que sois Ecclesiasticos, não tendes nos entendimentos, o que mostrais nos vestidos, que vos aproveita a tonsura, se andais mentindo a dignidade? Se os que sois Christãos, desmentis nas vidas o que prometeis na ley, de que vos valo nome, se o infamão as obras? Inuteis são todas as obras daquelles que estão em culpa, como diz a Sabedoria Divina:

dou o Senhor, que nas trevas exteriores fossem deitados os Mat. inuteis: *Inutilem servum ejicere* 25. 30. *in tenebras exteriores.* Inuteis são os peccadores, porque não fazem cousa boa: ser inutil, he não prestar, não prestar he viver em vão; por isso são vãos os inuteis, & em fim peccadores, pois não prestando para cousa alguma a Deos, a sy, ou ao proximo, todos crem, que tem grandes prestimos nas vaidades deste mundo: por isso não sobem ao monte da superior Jerusalem, porque tem recebido em vão os favores, que Deos lhes fez; huns, cegos da sombra da noite, que tal he do mudo a cegueira; outros dormindo a manhã toda na cama do descuido humano; outros, fazendolhe mal o demonio do meyo dia; tal he a fragil presumpção da vangloria espiritual, ou do temporal luzimento; pois raro será, ou nenhum, aquelle, que chegue ao zenit do mayor orbe da fortuna, ou da alta esfera do espirito, q̄ cõ razão possa afirmar, q̄ vive sem algũ peccado.

Oh Christãos, que viveis no seculo, todos sois membros de Christo; mas se todos estais corruptos, a fistulados, & leprosos, que vos importa, que a cabeça, & coração estejam livres desses contagios, & venenos; se he força, que vos corte, & queime o mesmo, que vos conservava? Edificio sois de Jesu Christo; fea

couza

coufa pareceria continuar com pedras toscas aquella obra sublime; fundada sobre diamantes: se ainda assim foreis pedras, poderá ser, que não cahireis; mas se sois areia sem cal; se em fim sois barro, & terra solta, como chegareis sem ruina ao remate daquelles timbres, com que esta obra se coroa?

O' Varoens Ecclesiasticos, todos sois sagrados, & por taes vos reverêcio; mas se nos templos consagrados, & nas aras de Jesu Christo víramos os vultos, & os idolos, que adorou a gentildade, q̄ taes ficarão estes templos? Vede, pois, dentro de vossas almas, que tambem são templos de Deos, se fazeis ainda sacrificios ás apocrifas divindades dos profanos gostos do mundo, & a seus falsos, & vãos deleites; & se nas aras de vossos corações he ainda adorado o infernal idolo da culpa.

O' Religioens, todas sois Santas, & por taes vos amo, & venero: nascestes fontes, fizestes vos rios; parece, que vos engrandecesteis? Mas ah que quanto na apparencia crecesteis, na sustancia declinaestes! nascestes quasi todas nas solidocens, & desertos; fêrvio-vos de berço o sepulcro, porque nascestes pelas covas: aquellas brenhas, & espessuras, que apartadas do trato humano, erão mais asperas, & agrestes; forão a vossa compa-

nhia; cada folha das vossas arvores, que para o Ceo se levantava, era hū livro muy dilatado da celeste sabedoria para o discurso, & para as ancias, com que a vossa corrente pura se arrelatava para o centro, para o seu fim, & sua origem: as mais grosseiras penedias, que eraõ vosso hospicio muito apenas, apenas vos davaõ sufficiente passo: porẽm agora para os vossos passos não basta já todo esse campo de batalha para o socego, & quasi esteril para o fruto: as Cidades, & seus contornos são já estreitos orbes para a sede de vossas aguas; que ambiciosas de serem mares, sem darem as costas á terra, buscão hoje no mundo as melhores barras: fostes fontes, hoje sois rios: ereis ribeiros, & já sois pégos: quem se metia então na fonte, lavava-se de suas manchas; quem se mete agora no pégo, arriscado vai a afogar-se: pobres corrieis algũ tempo, porẽm alegres, & apraziveis mēdigaveis por esses câpos beijando as plantas desses bosques, a cuja sombra então vivieis: corrieis claras, & risonhas; & até o vosso murmurar era delicia dos penedos, & das aves, que vos ouviaõ; hoje ricos, & caudalosos com o cristal, & prata falsa dos que vos turbão mais, que augmentaõ, desaguando em vòs seus torrentes, ides tristonhos, & sombrios; sendo horror, & melancolia não só dos

dos valles, mas atè dos montes soberbos: a todos servieis de espelho; agora servis de espanto, quando lhe não sirvais de susto: nada vos tem escurecido mais, que estardes nessas alturas, sem quererdes chegar ao baixo, com que a humildade vos reprehende, & com que a vòs vos causão medo vossas proprias profundidades: todas sei, que ides para o Ceo, como os rios para o mar; mas ay, quanta agua se vos some, & vos fica como empoçada pelos braços dessas montanhas; pelos seios dessas campinas; pelas logeas dessas casas, quando fóra da mãy correis; & pelo occulto desses valles!

Deixai pois já os embarços com que se embarga o vosso curso, com que se alteraõ vossas ondas, & se turbão vossas correntes: inclinai vos, & não declineis do caminho, que começastes; se nelle tendes precipitios, esses podem adiantarvos, se ahí quizerdes abatervos: não seião mais pègos sem fundo esses thesouros cristalinos, podendo estar hoje areados do menos, que nos poem á margem: chegai vos todas para o mar, separadas das salobras aguas desses valles, & das immundas correntes dessas ruas, & não queirais mais ter nome, se podeis ter união: naõ se diga que nem hum só ha entre tantos, que hoje correm com recto, & puro movi-

mento: siquem no seculo, os do seculo: venerem o mundo, os do mundo, quando não queiraõ melhorarlhe: não valha embora a immuniidade aos que á Igreja se acolheraõ, se lhe profanaõ o sagrado; mas não vivaõ como no mundo, os que professão vida celeste; os que da terra fazem Ceo; & os que em fim devem ser espiritos para que o mundo se edifique, para que a Igreja se sustente, & para que no Ceo se triunfe.

Torne cada estado ao estado de que declinou: se a declinaçaõ a todos fez inuteis, pare a declinaçaõ, & logo as utilidades serãõ muitas; porque serãõ muitas as boas obras, de cuja falta se queixa o Espirito Santo por David: *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, &c.*

G O L P E V.

Nullus est, qui agat pœnitentiam super peccato suo; &c. Idcirco cadent inter corruentes.

Jerem. 8. 6. & 12.

De quanto importa a todos fazer penitencia.

G E M I D O V.

Todos os homês, que cahem em alguns dos males a que está sujeita a mortalidade da

humana vida, acodem logo aos medicos, ou aos remedios, por não deixar frouxamente arruinar este vivente edificio, a cuja conservação intrinsecamente se inclina, & os perluade a natureza: todos os que entrão a convalescer, cada dia fazem por dar mais hum passo, com que a saúde se meliore; atè que esforçando-se pouco a pouco, se chegaõ a fazer robustos: só nas doenças dalma não ha quem busque a Deos, que he o medico; nem a penitencia, que he a cura: só nas convalescencias do espirito não ha quem faça cousa algũa por ir melhorando na emenda, dando cada dia algum passo nos exercicios das virtudes; deixando-se assim perecer nas enfermidades da culpa, não querendo convalescer, nem levantar-se do peccado, em que mortalmente cahiraõ: todos abraçaõ o perigo de hũa penosa eternidade; nenhũ se cansa, ou se afadiga por se livrar da eterna morte; como se fora digna de maior estimação a enfermidade, que o remedio: tão entrevados estaõ todos na ignorancia, ou na malicia, ou na humana fragilidade, que não ha hoje quem se atreva a dar hũ passo para Deos por cobrar a saúde dalma: tudo he cahir, & perecer; & se da cama do peccado succede levantar-se algum, vemos que torna a recahir.

Almas Christans, que he isto? para qualquer accidente, para hũa febre maligna, & para menos que febre, tantos cuidados, & fadigas, tantos passos, tantos dispendios? & para a alma, que morre á falta de hum desengano, que he balsamo; de hum jejum, que he dieta; de hũas lagrimas, ou suspiros, que he sangria; de hum cilicio, que he defensivo; de hum exame de consciencia, que he xarope; de hũa inteira confissãõ, que he purga, entregais de todo, o coração ás febres da culpa, á modorra do descuido, aos syntomas da malicia, aos erpes da obstinação, & as almas ao inferno? A cada instante perguntais nos latidos do pulso á natureza o seu estado; & á consciencia, que he pulso dalma, dandovos tantos latidos, quantos saõ seus remorsos, não quereis ouvirhe os clamores, que entre mortaes entrecadencias, & entre mudos desafossegos, saõ gritos, com que a alma brada, & ays, com que o espirito geme, & lamenta a sua eterna morte? Temeis a morte temporal, senão acudis depressa aos males do corpo; & não temeis a morte eterna, não acudindo aos males dalma? Que he isto, senão estares entregues ao letargo de vossos vicios; se não haverse acabado em todos com o temor de Deos, o horror do inferno? Que he, senão esta

Luc.
13. 3.

rem todas as potencias alheas, ou amortecidas as operaçoens da razão; & faltar já ao coração aquelles seus vitaes espiritos, por não terdes nada de espirito, & havervos todos feito carne? Pois desenganaivos, mortaes; porque como disse o Senhor, se não fizerdes penitencia, para sempre perecereis: *Nisi penitentiam habueritis, &c.*

Parecelhes aos peccadores, que lhes basta a devoção de hum Santo, que por seus merecimentos, sem cansarse com penitencias, se poderão salvar: ó mortaes, nenhum de todos os Santos por todos seus merecimentos vos pôde dar a salvação, senão fizerdes penitencia. O mesmo Deos, ò homés, que de nada vos creou, sem fazerdes alguma cousa da vossa parte, não vos ha de salvar, sem que da vossa parte façais algũa cousa. Enfermidade dalma he o peccado, de que a penitencia he remedio; ou para melhor dizer, morte, sendo mortal a culpa, de que a alma resuscita só por milagre da penitencia: se he aspero o remedio, vede qual será a enfermidade? se penoso o convalescer; q̄tal será o recahir? se he custoso o resuscitar; q̄ será o perecer de todo?

Nenhum outro livramento tem, os que são grandes peccadores, mais que confessar a culpa: nenhum outro meyo tem estes criminosos para escapar

do carcere internal, senão correr seu livramento com a carta de seguro confessativa da penitencia, com defeza na propria fragilidade, & na misericordia de Deos: os que são bons, & os que são máos matarão ao Filho de Deos: *Omnes enim peccaverunt: Rom.* andamos todos ausentes, foragidos, & homiziados pelo deserto deste mundo; estão as culpas em aberto; & ha de colhernos Deos às mãos, quando não queira nesta vida, na ultima hora da morte; não podemos livrarnos no tribunal de sua justiça, sem que a sua misericordia nos dê o perdaõ: se pois não rogarmos à misericordia nesta vida, dizendo-lhe a nossa miseria; senão sómente a desprezamos, mas nos gloriamos de offendela; que havemos de esperar depois: Carceres são os nossos corpos donde estão prezas nossas almas; se do carcere ninguem sahe, senão a justicar, sem dar satisfação a todos os crimes; q̄ cona daremos nós a Deos, de estar no carcere toda a vida, não só dormindo com o livramento, mas multiplicando os crimes, & afrontas contra quem infallivelmente nos ha de sentenciar a final sem appellação, nem agravo? Que doudice pois ha mayor, q̄ estarmos prezos em nós mesmos, & não cessarmos de offender a justiça divina, que de nós se ha de vingar?

Que fazemos pois, ó peccadores? nada fazemos, se penitencia não fazemos: todos devemos fazela, & nenhũ se deve izentar: devem os Santos fazela; porque muito Santo era o Bautista, & ainda que viveo sem culpa, não viveo sem penitencia: devem fazela os Religiosos; pois Religioso era hum São Paulo, hum Santo Antão, & Hilarião, & fizeram aspera penitencia: devem fazela os Ecclesiasticos, cuja cabeça era São Pedro, & fez penitencia amargosa: devem fazela os Reys poderosos; porque grãde, & poderoso Rey era David, & fez muy larga penitencia: devem fazela os Generaes, & os soldados mais valerosos; pois taes eraõ os Machabeos, & armavaõse com os cilícios: devem fazela os mais perversos, & os maiores inimigos de Deos; pois seu inimigo era Saulo, & fello a penitencia Apostolo, mediãte o favor de Deos: devem as mulheres mais regaladas fazela, principalmente as mais perdidas; pois tal foi a Magdalena, & Santa Maria Egypciaca, & foraõ pafmo, maravilha, & admiraçã dos penitentes: todos estes chegarã a ser Santos, & Santos da mayor esfera, havendo sido peccadores, por fazer penitencia publica, ainda que parecesse escondida, & retirada pelas covas, com que os ermos os se-pultavaõ: & vds não a fazendo

oculta dentro de vds, & em vof-fas casas, quereis salvarvos, sendo peccadores?

Descubriaõse na Palestina os segredos mais escond dos nos occultos seyos da terra, cheyos de homens, que como troncos se expunhaõ despídos ao defabrigo do rigor aspero dos tempos: encerravaõse na aspereza das vastas solidocens do Egypto, não fó homens, mas mulheres, que depondo a fraqueza humana, & os reparos cõmundos da vida, pareciao pedras com alma, ou cadaveres com espirito: para enternecerem a Deos se impedernão contra sy; pôstos em campo contra o mundo, fazendo sempre guerra á carne, & dando batalha ao demonio, faziaõ desaparecer este em medos, aquella em espirito, & o outro em pó, & cinza: & vós metidos pelo mundo, atados nas prizoens da carne, & abraçados com o demonio, andais muy lédos, & contentes, parecendo-vos que basta hũa hora para alcançar a salvaçã, peitando a justiça de Deos com pedirhe misericordia? Homens cegos: homẽs sem luz: como quereis, q Deos vos ouga, q vos crea, que vos acuda no voffo ultimo quartel, na voffa derradeira hora, & no voffo final suspiro, se buscãdo-vos tantas vezes, se rogãdo-vos tantos annos, se esperãdo-vos tantos tempos, desprezastes, &

engeitastes a sua misericórdia zombando de sua justiça? O mortaes; a penitencia não mata, senão culpas; o peccado só tira a vida; tirai de vós a culpa, & peccado pela penitencia, & tirareis á morte pela obstinação; porque só então eternizareis a vida, quando perpetueis a penitencia: então, vos escapareis das eternas ruinas, comminadas por Deos á multidão dos impenitentes, quando arrependidos das culpas, emendares vossas vidas: & cessará a queixa divina, que dá por Jeremias, de não haver entre tãta multidão de peccadores quem faça penitencia: *Nullus est, qui agat penitentiam,* &c.

se aos de Tyro, & Sidonia se deoração tão grandes auxilios, como a vofoutros se tem dado, cheyos de cinza; & cilicio tiverão feito penitencia: & ay de vós miseraveis. Christãos obstinados em vossas culpas; porque se em muitos barbaros, & idolatras fizera Deos as misericórdias, que com vosco usa; já elles ferião Santos, com o que vós sois peccadores: por seus altissimos juizos deixa Deos cõdenar a tantos, que se poderião salvar; & agradecerlhe melhor, que vós, os favores, que desprezais: & sem embargo de tudo quer Deos salvarvos, ó Christãos, quando sabe, que quasi todos não estudaes mais, que em pèrdervos. Deixa Deos perecer ha tanto; & para toda a eternidade em tantos climas, & regioens, tantas naçoens, & tantas gentes, & offerecevos cada hora; em quem vós acha mais dispostos para receber seus influxos; a efficacia de seus auxilios, sem que tantas misericórdias achem em vós correspondencia, sendo ellas quem finalmente faz os auxilios efficazes. Oh que dura, & que estreita conta vós tomará disto o Senhor! que castigos tão rigorosos tereis dos Ceos, & dos infernos! que açoute tão cruel tereis por fugir dos braços de Deos para as cadeas do demõnio! por resistirdes aos impulsos, com que vos bate ás portas d'al-

G O L P E VI.

Vae tibi Coroz ain, vae tibi Bethsaida: quia si in Tyro; & Sidone facta essent virtutes, quae factae sunt in vobis; olim in cilicio, & cinere penitentiam egissent.
Matth. 11. 21.

De quaõ pouco se aproveitaõ os Catholicos dos auxilios divinos para fazerem penitencia.

G E M I D O VI.

Ay de vós homens de Corozaim, & de Bethsaida (dizia, & exclamava Christo) porq

mal por rebaterlhe aquelles golpes; com que vos fere os corações! por retardarvos no caminho donde vos chama para a patria! por desviarvos das estradas onde vos meteo a caminho! & por vos perderdes no porto, depois de atravessar os mares!

Menos infernos, & menos penas teraõ os Mouros, os Turcos, os Barbaros, os Gentios, os Idolatras, a quem faltou a luz da Fé, a abundancia dos Sacramentos, os gritos da misericordia, & os ameaços da justiça, que por tantas bocas de Deos, quantas são as suas creaturas, vos ensinão, & vos advertem sua bondade incomprehensivel, & vos fa culpa abominavel. Servem a Deos todas as cousas; obedecem-lhe as creaturas, que não tem razão, nem juizo; só o homem, que deve mais, pois deve a Deos mandar, que o sirvaõ as creaturas; & cousas, que creou, até em sua propria offensa, não serve a Deos, nem lhe obedece, quebrando seus Mandamentos; antes se lhe oppoem, & lhe resistem ás inspiraçoens: que lhe dá, gloriandose de ser ingrato, escandaloso, & fementido, pois vive alegre, vão, & ufano nas injurias da ley de Deos, na pertinacia de seus vicios, & no gosto da sua culpa, como se não ouvera nascido; nem viverá para outra cousa, mais que para fazer acintes a Deos, & fazer se

Deos sobre a terra.

Mandou Deos ao Sol, que alumiasse; ás Estrellas, que influissem; aos Ceos, que se movessem; aos elementos, que vos servissem; á terra, que vos desse frutos; ao mar, que vos desse passagem; ao ar, que vos desse respiração; ao fogo, q̄ vos desse abrigos; & ainda aos Anjos, que vos guardassem: & ha muito mais de seis mil annos, que todas estas creaturas não fazem nenhũa outra cousa, mais que andarem obedecendo a Deos, & servindovos sem parar: & cuidaremos por ventura, que mandaria Deos a tantas creaturas celestes, & terrestres, que nos servissem para offendelo? que nos fizessem a vontade para nos entregarmos aos vicios, & faltar à ley de Deos? Oh miseria! Oh loucura! E vós sem dar a Deos hum anno, hum mez, hum dia, ou hũa hora, viveis quietos na consciencia? & não contentes sò com isto, quereis fazerlhe cada hora hum milhão de abominaçoens, & hũa eternidade de offensas?

Quem he este a quem obedece o mar, & o vento? perguntavão as gentes sem luz, vendo ficar o mar sossegado, & orizontes quietos, logo que Christo desde a barca lhes mandou, que se serenassem: obedeceo o mar, & o vèto a os imperios da voz de Christo no mesmo instante, em

que

que os mandou : obedecelhe a terra, o fogo, os rayos, os coriscos, tanto, que quasi se não distinguem no tempo ; o imperio, & a obediencia ; & só vós, ó peccadores ; não lhe obedecéis ha tantos annos, que vos manda, fiados no que vos espera? ha tantos tempos, que vos chama, fiados em q̄ vos busca? O mar, figura da soberba, pois não sofre que hum ar lhe toque, guarda de Deos os Mandamentos, não passando as rayas do seu destrito: as ondas, símbolo da ira, pois com qualquer vento se alterão, a huma voz de Deos se amansão, & torrião marê de rbas: o vento, imagem da inconstancia, pois cada momento se muda, obedece a Deos pelos ares: o fogo, debuxo da altiveza, pois sobe lá sobre as nuvens, a hum aceno de Deos se abate: o Ceo, solar das perfeiçoens, pois o poz Deos sobre as Estrellas, respeitando a ordem de Deos anda sempre em roda viva: a terra, retrato da firmeza, pois se conserva sempre immovel, treme á vista deste Senhor: & só vós não quereis tremer, obedecelo, & servilo? Vós, cuja vida, & cujo ser tem recebido as qualidades do mar, terra, vento, & fogo, & dos influxos celestes, não depondes ainda a soberba: ainda não quebrais a ira? não perdeis a inconstancia? não abateis as altivezas? não cedeis a soberba-

nia, nem variáis de condiçõ, por ser mais soberbos, q̄ o mar; mais irados, que as ondas; mais inconstantes, que o vento; mais arrebatados, que o fogo; mais soberanos, que o Ceo; & mayor coufa, que a terra? O homens, donde está a differença, que vos faz distinguir dos brutos? donde mora aquella razão; que vos iguala com os Anjos? & donde a vida de Christãos, que nos faz ser filhos de Deos? Ay de nós, prezos nos laços enganosos de tão varias profanidades! ador-mecidos no leito da culpa, como se não ouvera morte! Estamos na casa do vicio, como se não ouvera inferno; & vivemos com o demonio, como se não ouvera Deos?

O' homens pedras, não se vos espedaçã a consciencia com os golpes de seus delitos? não vos esmorece o mesmo vicio com sua vista abominavel? não vos foge o sangue com vossa vida a borrecivel? se não. ouso vossas maldades no mesmo trato dos perversos andar com a cara descuberta: se não podem vossos deleites nos mesmos olhos dos mundanos fazerse mais, que ás escondidas: se não se atrevem vossos pensamentos a pôr na praça as suas máquinas: se das mesmas vossas palayras se temem vossos pensamentos: como cuidais homens profanos (vds), que vos temeis de vds mesmos, não

fômente dos outros homens, que tal vez são como vós sois) como entendeis, que não estais tão arriscados, que vos possais temer de Deos? de hum Deos, que supposto he benigno, sabemos, que he Deos de vinganças? de hum Deos, que vos conta as palavras, que vos esprieta os pensamentos, & vos está vendo os corações? Viveis no mundo, como em sítio; sem fiardes mais que de vós; quando fiais muito de vós, vossas obras, & pensamentos, por esconder do mesmo mundo quão máos, quão impios, & perversos; & quão nocivos sois ao mundo, para Deos, & para vós mesmos? E viveis contra o mesmo Deos tão soltos, & tão depravados, que na cara do mesmo Deos, & do mesmo Senhor, que está sempre presente a tudo, vos atreveis, & despenhais a fazer tão pouco caso, não só dos sóros da razão, dos estylos da natureza, mas do imperio do mesmo Deos? O mortaes: dá não, que vai dar á costa, que se espera; mais que o naufragio; daquelle bruto; que se arroja por barrancos, & por penhascos, que aguardais mais, que o precipicio? de quem busca por ignorancia os venenos, bem que dourados, que se segue, senão a morte? & de quem por culpas, & vicios escandaliza sempre a Deos, que se espera, senão o inferno? O remedio, pois, que unia;

mente ha para escapades deste eterno despenhadeiro, he a penitencia; aproveitando vos melhor; que aquelles miseraveis povos (de quem Christo se queixa) de seus divinos, & continuos auxilios: *Va tibi Corozain, &c.*

G O L P E S VII.

Quid prodest homini, si universum mundum lucratur, animam vero suam detrimentum patiatur?

Matth. 16. 26.

A quem perde a gloria nada aproveita tudo o da vida.

G E M I D O VII.

Que vos importa, ó mortaes, serdes senhores do mundo, se as almas se hão de condemnar? Que val o imperio, & a grandeza, se sendo solar da vaidade, se faz theatro do castigo? Que importa a fama, & a fortuna, se em poucos tempos de vã gloria, são infinitos seculos de estrago? Que val o sangue, & fidalguia, se até nascendo superiores, nas mesmas honras do sepulcro tudo faz hum, o pó, & cinza? De que serve a gala, & gentileza, se á primeira vista da morte todos são asco, & corrupção? De que aproveitão os gostos, & deleites, se sendo enganos de hú

momento; são penas de huma
 eternidade? De que servê pom-
 pas, & riquezas; se sendo fau-
 stos da ambição, acabão medos
 da ventura? De que val a autho-
 ridade, se apenas he Lua, que
 enche, quando he Estrella, que
 se eclipsa? De que montão os
 grandes lugares, se são estudos
 da ruina, quando edificios da
 grandeza? De que serve a força,
 & a saúde, se sendo flores, que
 se murchoão; são folhas, que de-
 pressa cahem? De que aprovei-
 tão os mais bens do mundo, se
 sendo thesouros da mentira, se
 fazem carcerezes da culpa? De
 que val a mesma discrição, se
 errando o norte da verda le pe-
 los mesmos rumos do acerto, se
 chega para o desatino? De que
 importa finalmente a mesma
 vida, se, sendo escandalo da
 morte, he cometa infeliz d'alma?
 O mortaes: gloria, & fumo são
 não mudo hũa mesma cousa: glo-
 rias são raras, & le tão pouca du-
 ra, porq' hão de ser de estima? al-
 fayas são de pouco prego, por
 mais que lhês creça o valor: a
 moeda da estimação, hũ enga-
 no he, que se deixa, & hũa con-
 denação, que se leva: são fit-
 mos, que se sobem ás nuvens
 para cahir em lagrimas: sonhos
 são, que se soltoão, sendo menti-
 ras, que nos prendem: luz de
 rayo, que nos derruba, sendo
 resplendor, que allumia: & em
 fim apparencia, que se rompe,

om 1

sendo tormento, que se veste;
 & estopa, a que se pega o fogo
 da nossa mortalidade; que luz, &
 em breve espaço se converte em
 pouca cinza.

Eu me persuado; q' os mayo-
 res gostos, & felicidades do mū-
 do são como a era de Jonas, en-
 gano de hũ dia, & desengano de
 outro; alegria de hoje, mágoa
 de á manhã: tão escaço anda o
 destino no tempo; que veloz
 concede, que quanto augmen-
 ta de ventura, diminua de dura-
 ção. Retiro ise: Jonas de Ninive
 á solidão de huma montanha,
 & como fazia calor, & havia tra-
 balhado muito, chegou se á sôbra
 de hũa era; donde Deos, pelo
 haver servido, não só lhe pre-
 parou docel, com verde ficial de
 ramas, mas também alegoa som-
 bria; com fresco pavilhão de fo-
 lhas: & diz a Escritura, que Jo-
 nas se alegrára muito com isto,
 tendo por grande felicidade a-
 char em hum mar de ferras, &
 em hum bosque de penedias a
 aprazivel amenidade daquelle
 seu refrigerio alegre: passou a
 noite, veyo o dia; & olhando
 Jonas para a era, nã só vio
 murcha, & macilenta a lisonja
 bẽm assombhada daquelle pre-
 sumpção florida; mas de todo
 seca, & defunta a ostentaçãõ
 apuratosa daquelle vaidade ver-
 de: porẽm que mysterio teria a
 pressa de tanto estrago: a penas
 era; & já não era? ha pouco, af-

Jon. 4.
6.

som-

Sombro da montanha, & já ca-
 dáver da espessura? hum dia, das
 plantas assombro, outro, lasti-
 ma das mesmas plantas? hon-
 tem fazendo sombra ao Sol, &
 hoje não vilita, nem por som-
 bras? Ora a Escritura diz a cau-
 sa de sua pouca duraçãõ: creceo
 tudo, quanto creceo, na breve
 idade de hũa noite; no espaço
 de vinte & quatro horas ventu-
 rosamente nasceo, monstruosamente
 medrou: ah sim! & vòs
 erã quereis em hum dia crescer
 mais, que as outras em hũa era?
 quereis as ditas do crescer, sem
 os riscos do arruinar? quereis as
 glorias do luzir, sem as peniscões
 do perecer? pois achareis o vos-
 so estrãgo adonde tivestes o
 augmento; chorareis a vossa
 desgraça adonde lograstes a di-
 ta; porque he condiçãõ dos fa-
 dos, & parece estylo dos tempos,
 descontarnos da dura, quanto
 de dita nos concedê; he estatuto
 das Estrellãs, & parece acaso da
 sorte; parece officio da fortuna,
 & em fim he ley da providencia:
 ó mortaes, venturas a correr,
 não só são riscos a cair, mas
 precipicios a acabar: ditas que
 madrugãõ, mais depressa anoi-
 tecem; para ter duraçãõ serodea
 he necessario, que a dita não se-
 ja muito temporã: os bens do
 tarde sempre são de guarda: bẽ
 poderãõ ser maravilhas, porém
 nunca flores perpetuas: Sol, que
 amanhece ao meyo dia, muito

perco está de se pôr: polvora, que
 arde em hum momento, bem
 mostra que corre a extinguirse:
 luz, que quer crescer toda junta,
 não está longe de apagar-se; he
 candeia, que agoniza, quando
 he mais; o que resplandece, pa-
 rece Estrella, & he exhalaçãõ;
 parece rayo, & he reflexo; &
 por isso gostos a mãos cheas, são
 gostos com a candeia nas mãos;
 nascem pompa de hũa manhã,
 para ser mágoa de hũa tarde;
 crescem presumpçãõ de hũa noi-
 te, para ser destroço de hum dia;
 duraõ em fim a era de hũa hora,
 para ser lastima de hum seculo.

Eis aqui a era de Jonas; eis
 aqui a sua gloria; enganou o hũ
 dia, outro o enganou; foi
 caricia de hũa tristeza, para
 maior assumpto da ansia; foi a fi-
 guraçãõ do gosto, para ser ver-
 dade da pena: hũ bichinho mui
 pequeno derrubou todas estas
 maquinas; tão pouco basta para
 estrago das mais avultadas gran-
 dezas, & das mais crescidas ven-
 turas, que sobeja o menor gusa-
 no; tão pouca cousa lhes faz mal;
 & em fim, cousa tão desprezivel
 tem este imperio nas fortunas
 para poder arruinalas, abatelas,
 & confundilas: se pois cahio
 amortecida aquella florente am-
 bição, porque lhe roeo as entra-
 nhas hum escrupulo tão peque-
 no: como hoje volas não fere
 esse roedor de vossas almas, esse
 bicho da consciencia, que he gu-
 sano

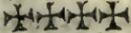
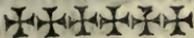
Psalm.
21.7.

saõ eterno da culpa, com tantos racionaes escrupulos? Quem cuidais vós, que he esse bicho, que assim vos corta, & atravesta, não só o intimo das entranhas, mas o interior de vossas almas? *Ego sum vermis, & non habeo.* Pois não he outro, ó peccadores, senão o mesmo Deos, que vos creou, & vos redemio com seu Sangue: nada tendes hoje de Deos aquelles, que viveis em culpa, mais que a dôr dessa consciencia, que he ciencia do coração: & qual de vós ha, que não sinta essa estocada interior, que Deos vos tira cada hora dentro n'alma com vossas culpas? Mas ah, que temo, que ainda isto não quereis ter hoje de Deos! tão depravados vi a muitos nesta era dos nossos tempos, que peceão já por costume, & fazendo vida da culpa, sem escrupulo se abraçavão com as mesmas armas da morte.

Oh que depressa os mais dos homens desestimãraõ as venturas, & os gostos da profanidade, se advertindo neste gusano, escutãraõ nelle a seu Deos! Quanto a medo se forão nos bens sem destruir o desfangano, quando se virão mais ditosos! mas darem de mão aos avisos, que importa, para que se escapem de quem os tem na sua mão? Que importa aos sabios, & entendidos saberem como Salamão, se não sabendose salvar, fizerem vida

de ignorantes? Que aproveita aos homens de bem, que se prezem de ser quem saõ, se se lembrarse do que forão, se esquecem do que hão de ser? Que val ao homem de negocio todo o seu livro da razão, se não tratando de salvarse, que he da vida o mayor negocio, não achar Deos razão alguma para o pôr no livro da vida? Que aproveita aos Grandes do mundo serem gigantes da fortuna, se estando debaixo das aguas, que lhes dão mais que pela barba, hão de gemer, & hão de ficar tão encolhidos ao som da ultima trombeta? Que val aos Reys mais poderosos ganhar Reynos, & Monarquias, se no seu ultimo conflito perderem o Reyno dos Ceos? Que importa ás Mitras, & Tiaras ter as chaves do Paraíso, se abrindo-o para outros muitos, o fecharem só para sy? Que aproveita ao máo Sacerdote haver sido hã homem sagrado, se vivendo como demonio, do pão da Igreja de Deos, q' elle lhe deu para os seus pobres, não só fizer manjar da culpa, mas veneno da sua alma? Que aproveita ao máo Religioso vestir o habito dos Santos, se havendo de ser, o que não he, descalço, cheyo de piolhos, & com o burel sobre a carne se for caminho dos infernos, podendo tal vez, lá no mundo, hir ao Ceo vestido, & calçado? Que aproveita aos de esta-

do humilde acharemse em mel-
 lhor estado, se por ser Icaros da
 sorte, sendo formigas, usão de
 azas? Que aproveita, que val
 aos pobres, aos desgraçados, &
 afligidos estar no caminho dos
 justos; começando a ter sua Cruz,
 se se desvio do caminho da vir-
 tude pelas veredas da impaciencia,
 & dos caminhos da malicia? Finalmente
 que importa a todos o terem quanto
 querem, se em muito menos de cem
 annos ha de estar feita em pó, & cinza
 esta bequilha presumpção; esta
 tão prezada apparencia; esta
 tão querida fantastica? E esta
 authorizada vaidade dos engan-
 os desta vida acabará, Deos sabe
 quando; a alma irá, Deos sabe
 donde; como ha de ser, ninguem
 o sabe; mas sabem todos, que
 ha de ser. E para que, ninguem
 se descuide da morte com os
 deleites da vida; avisa o mesmo
 Senhor a todos, que nada lhes
 aproveita ganhar o tudo da vida,
 se tudo o da graça perderem na
 hora da morte: *Quid prodest homini, &c.*



GOLPE VII.

*Præterit figura hujus mundi. 1. ad
 Corinth. 7. 31.*

Da variedade, & inconstancia do
 mundo; & como por isso
 deve ser desprezado.

GEMIDO VIII.

A Representar seu papel, a
 fazer sua figura, vestida
 de tramoyas, calçada de maqui-
 nas, coroadada de chimeras lahe
 a figura deste mundo ao theatro
 desta vida, com mais luzido fau-
 sto de apparencias, que realida-
 des: prezada das representações
 sahe fazendo seu papel, fingindo
 maravilhas; prometendo felici-
 dades, dizendo locuras, fazendo
 desatinos: acompanhada da ar-
 rogancia, presumida da ostenta-
 ção, cortejada da lissonja, ga-
 lanteada da mentira diz quanto
 sonlia, cõra quanto diz, finge
 quanto quer: persuade, que he
 nella cabedal de prendas, o que
 he volume de defeitos; banque-
 te de glorias, o que he tinello de
 vaidades; casa de faude, o que
 he hospital de incuraveis; & em
 fim, academia de entendimen-
 tos; o que he familia de lo-
 curas.

Esta oca soberania, com que
 sempre desvanecida se deixa le-

var da vangloria, faz com que diga grandes cousas da grandeza dos seus estados; eõ que agigante a menor sombra dos vultos da sua fortuna; com que arme os seus espectaculos de fabricas vans, & aparentes; & com que a fopros da soberba se pertenda pôr sobre as nuvens: pelas penas dos riscos nos promete as azas da fama; por meternos nos seus debuxos; nos faz guarnição dos seus riscos; para nos torcer o sentido, nõs faz fiar dos seus enganos; & em fim por ver-nos nos abifmos, nos levãta acima das Estrellas. Porẽ como tudo isto passa, & nõs lhe passamos por isto, adiante passa o seu mal; para bemquistar os venenos, com que nos quer tirar a vida; veste a peçonha de caricias, & cobre o dano de lisonjas; para darnos as triagas, que nos convidão com o remedio, de autoriza o desengano, & cospe no rosto á verdade; tira em fim a pelle á verdade, para enfeitarnos a mentira; & canonizanos os vicios, para que infamemos as virtudes: & que lendo isto os humanos pelos livros da experiencia; que escutando isto os discretos aos clamores do desengano, em tantos tempos da razão, & com tantos annos de idade, não queiraõ, nem se persuadaõ a ter hum dia de juizo, para que o mundo tenha fim? Todo o tempo de nossa vida, & todos os dias dos ho-

mens hão de ser dias de vontade, & nem hum só de entendimento? Que havendo isto, em fim, no mundo, desde que ouve homens no mundo, sejão toupeiras da razão, & aves nocturnas da verdade, os mayores linceos do aviso; & as aguias do juizo humano, em hum mundo, que anda ha tantos annos, não em cueiros, nem mantilhas, mas em valquinhas, & calçoens? em hum mundo, que ha tantos tempos, que se preza de trazer tógas; que se jacta de vestir fayas; que gosta ópas roçagantes; & tambem trajos penitentes? em hum mundo, que com aquelle parecer airoso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade, tem hum fingir tão doce? hũ semblante tão alegre, hum fallar tão suave, & huma caricia tão mimosa, que perdida a mesma razão pelo seu engano, nolo mete no coração, & delle nos faz passadiço para o metermos na alma?

O' mortaes: Mundo he a terra; mundo he o mar; mundo he o ar; & mundo he o fogo: & a mesma figura do mundo, que vos engana tantas vezes, outas tantas vos desengana com a sua mesma figura: cada dia com a mudança, que em seus estados experimenta, vos prẽga o mundo desenganos: figura do campo, que he mundo, he aquella verde libre, & aquella varia fer-

molura, com que o enfeita a Primavera; esta lhe descora o Estio; esta lhe enxovalha o Outono; & esta em fim lhe despoza o Inverno: aquella figura do mundo, que em Abril amanheceo verde; em Agosto se mostra pallida; em Outubro triste; & em Dezembro defunta: tão veloz se vai desmentindo a figura vã deste mundo, que do rosto, q̃ lhe fez Abril, lhe não deixa sinal Agosto; do carão, que lhe queima Agosto, não lhe deixa feição Outubro; & da carranca, que lhe fez Outubro, não lhe deixa forma Dezembro; nem do vulto, que lhe faz Dezembro, lhe não deixa Abril semelhança. O mar tambem vemos, que muda de parecer a cada instante; agora Ceo cristalino, logo ferra de vidro, depois monte de escuma, & finalmente inferno de ondas. O ar da mesma maneira mudando fôrmas, & variando figuras, pela manha de ouro, & azul, ao meyo dia a fogo, & sangue; & à tarde de bandeiras negras fazendo guerra a todo o mundo. O fogo pelo conseguinte, hũa vez feito exhalação, outra rayo, outra relampago, outra corisco, arde, allumia, & resplandece, para outros perigo, & para todos medo.

Se pois com tão varias feições passa a figura deste mundo; se deste mundo material a

figura desaparece a cada momento, que passa; como deste mundo mortal, cuja figura he mais veloz, vos não passa da imaginação, o que como imaginação se passa? Toda a figura deste mundo moral, ou he Ethica, ou Economica, ou Politica: a Ethica pertence aos costumes da pessoa; a Economica á direcção da familia; a Politica ao governo da Republica: examine cada hũa a sua pessoa, olhe a sua familia, & veja a sua Republica; & não contentandose com isso, considere todas as pessoas, todas as familias, & todas as Respublicas do mundo, ou as de que tiver noticia, & veja no estado destas, quanto durou hũa fôrma de governo; quanto persistio naquellas hum modo de direcção; & quanto permaneceo nas outras hũa maneira de costumes; verá, que se estão mudando pinturas, não de bem em melhor; não de melhor em excellente; mas de bom em ruim; de mal em peor: a pessoa pudera contentarse com o seu tamanho, & quer ser mayor pessoa; á familia bastava-lhe ter casa, & quer parecer palacio; á Republica sobejavalhe ser Republica, & aspira a ser Monarchia: de que se segue, q̃ em perpetua transformação, seguindo os sonhos de seus desvarios, nem a Republica he o que se cuida, nem o que cuidava ser; nem a familia o que parece;

nem

nã a pessoa o q̄ representa: tudo he engano, tudo mentira, tudo castellos de vento, tudo brincos de papel, & tudo lume de palhas.

Todos os estados deste mundo moral tẽ mudança taõ apressada, & duraçãõ taõ ligeira, q̄ como cor, q̄ se perde; como agua, q̄ corre; como vento, q̄ voa; & como exalaçãõ, q̄ arde, se passaõ todos brevemente: Lua de tantas mudanças, como a figura deste mundo, todo o mundo junto a não tem: Sol, que tantas vezes se eclipse; Estrella, que tantas vezes erre; mar, que tantas vezes se mude; Protheo, que tantas formas tome; nem o ha, nem se pôde considerar: por isso, a meu entender, he este mundo, como pintura de paizes, que o melhor, que tem, saõ os longes; como imagem de perspectivas, que de hũa figura faz muitas; como comedia de tramoyas, que sendo tudo apparencias, nos ostenta grandes cousas, & todas ellas saõ mentira: a sua pompa, & suas galas saõ como vèla, q̄ se consome por luzir, & resplandecer, & tudo vã a parar em fumos: sua ambiçãõ, & soberba à maneira de opilaçoens, q̄ cõ o seu dano se inchaõ: os seus deleites, como anzoes, que com a isca nos enganaõ: a sua fortuna, como vidro, que no melhor se quebra: a sua fama, & valentia, como cousa de terremoto, que faz tremer a terra, & não

he mais, que li m pouco de ar: & a sua mayor tenelura, como vestido, que hum dia lustra, outro se çuja, outro se rompe, & em fim se faz hum trapo.

Como pois consente a razãõ, que essa pintura vos enleve, para que depois vos minta? que essa imagem vos namore, para que logo vos engane? que essa comedia vos entretenha, para que sempre vos custe? que essa luz vos cegue, para que depois vos abraze? que essa opilaçãõ vos inche, para que depois vos rebente? que esses anzoes vos pesquem, para que logo vos maquem? que esse vidro vos agrade, para que logo vos fraise? que esse ar vos dê, para que nunca se cure? que esse trapo vos dispa, para que sempre vos çuje? O mortaes: bens, que saõ terra; presumpçoens, que saõ escuma; honras, que saõ ar; glorias, que saõ fumo; de que vos servem, ou vos prestão, mais que de cegarvos, pois saõ fumo; de fazer vos mal, pois saõ ar; de desfazer vos, pois saõ agua; & de enterrarvos, pois saõ terra? Se o mesmo mundo se retrata das vaidades, que vos pinta, na brevidade com que passa, & nas varias formas, que veste: se a mesma figura do mundo, depois que faz sua figura, passa, & nos mostra, que foy sombra, engano, & afiguraçãõ: como nos não retratamos destas chimeras, em que

que cremos; deste fingim. nto, que amamos; & desta illusão, que seguimos? Que he isto se não andarmos na luz ás escuras; cegos com os olhos claros; & fetos entre labaredas? E por isso o Apóstolo nos manda advertir na momentanea apparencia como vai passando a figura deste mundo: *Præterit figura hujus mundi.*

G O L P E IX.

Verumtamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conturbatur.

Psal. 38. 7.

Da brevidade, incerteza, & fallença da nossa vida.

G E M I D O IX.

Diraõ alguns, que os não engana o mundo, mas que os não desengana a vida: & eu não sei como pôde ser, pois passa a vida pelos homens tão ligeira, & arrebatada, que a mesma duração da vida não he mais, que hum voo da morte: desfaz-se a vida, & desvanece-se como nevoa, que fere o Sol; como vestigio de nuvê; como vizlumbre de relampago: tão surda corre, & tão ligeira como nao, que não sente o curso, com que se engolfa pelos mares; como ave, que em hũ momento ven-

cê as distancias, a que voa; como setta, que em hũ instante trapassa o alvo a que tira: em fim, passa pelos humanos, como imagem pelo espelho, que sem deixar-lhe algum final da fórma, que nelle se vio, desaparece em hum momento como sombra, como figura apenas vista, ou suspeitada, que nem por sonhos, nem por sombras segunda vez nos aparece: *Ad modum imaginis, qua videtur in speculo, & statim disperet.* Ella em fim se resolve em nada, como flor de feno, que cahe; como empola de agua, que se ergue; como escuma de mar, que corre. He a imagem huma figura, cousa de tão pouca sustancia, que apenas se nos representa em leve vágado de sombras, quando se morre de accidente em hũa febre de nada: he hum debuxo vão, & acreo da sustancia, que nos retrata; das cousas, que nos afigura; & das propriedades, que nos finge; sem algũa outra entidade, que hũa privação do que ostenta; hum reme-do do que nos mostra; & huns longes do que nos debuxa: por isto dizia David, que o homem passava em figura, em imagem, & em semelhança; ou como cousa imaginaria; ou em fim só como apparencia, que nasce representação, dura fingimento, & acaba mentira.

Aquelles dias já contados nos numeros da nossa vida, são co-
mo

mo cifras sem números, que não valem cousa alguma; ou postas atrás da unidade, que se não contão, porque não têm valor; & só prestão para que em cifras nos escrevão, que já passáráo, & nada valem: os momentos, que nos vai dando o mesmo tempo, que vivemos, são huns momentos, que nos gritão, que se nos vai passando o tempo: os instantes, que estão por vir, não têm mais ser; que o de hús duvidas de os podermos vir a gozar; isto mesmo, que a vai crescendo, he quem a vai diminuindo; os seus bens se vão acabando, logo que começão a hir sendo; & tanto mais nós himos consumindo, quanto mais himos durando; o primeiro passo de tempo, com que todos amanehecemos na caduca aurora da vida, he o primeiro, que aprefazemos para o occidente da morte; as flores, que mais madrugão no Abril da nossa meninice, são as primeiras, com que a idade estrea nas aras da morte os primeiros lustres da vida; os primeiros frutos dos annos, com que o tempo nos enriquece, são sinnaes do Outono infallivel desta fragil mortalidade, que foy penção da nossa culpa, ou tributo da natureza: tanto se vai perdendo a vida na mesma vida, que adquirimos, que a cada instante perecemos no mesmo tempo, que duramos: cada instante, que

tem de seu esta nossa vida cingana; não he menos, que hum inimigo, que em sy mesma tem contra sy: a mesma vida, no que dura, nos adverte com o que passa, sem que nos chegue ao entendimento o que nós passa pela memoria: todos se dão por entendidos, muito poucos por avisados, por entêder, que neste aviso lhes passa a vida mais depressa: corre a vida, & não se sente; voa, & não se enxerga; desaparece, & não se cuida.

De tres modos me persuado, que morrem os homens: morrem á graça; morrem á mesma vida; & morrem á natureza: á natureza, pela morte; á vida, pelo tempo; á graça, pela culpa: da morte da natureza, que não tem remedio, & da morte da vida, que não tem escusa, buscamos a escusa, & o remedio todos os instantes da vida; & da morte da culpa, que o pôde ter em hum só acto de contrição, não fazemos caso algum, senão no ultimo da morte. Oh mortaes, tão mortos na vida, & tão pouco resuscitados na memoria de vossa morte! acordai, & vinde a juizo, antes que a ultima trombeta com o mayor horror vos acorde; antes que aquelle pregaõ tremendo vos chame áquelle juizo, em que todos sereis julgados. Sepulchros são os vossos corpos, muito mais cheyos de immundicias, que

C

aquellas

GOLPE X.

Veruntamen uniuersa vanitas omnis
homo uivens. Plalm. 38. 6.

Que os homens são hũa univer-
sal vaidade.

GEMIDO X.

Este engano da vida tão so-
licitado dos homens, não
só do que não cuidão, mas do
que cuidão, nasce: não cuidão
os homens em aquelle fim; a
que se ordena o seu principio;
cuidão só nos meyos da sua
vã prosperidade; & do tem-
poral desatino, segundo o con-
selho dos nesciõs, mais presu-
midos de atinados: querem co-
roar-se das rósas antes que se
murchê, por não passar a flor do
tempo sem que colha a sua ma-
licia os frutos da profanidade:
disto procedê, que não conten-
tes com serem vãos toda a sua
vida, passão a ser a mesma vai-
dade, & hũa vaidade universal,
donde não se acha cousa algũa,
que seja merito, que pareça ra-
zaõ, ou tenha feição de virtude.

Esta vaidade uniuersal de tres
modos se considera: vaidade em
obras, em palavras, & em pen-
samentos; & todos estes modos
juntos se achão em cada hũ dos
homens; porq̃ he vaidade quan-

to obrão, quanto dizem, & quan-
to cuidão: he vaidade tudo, por-
que nada fazem por Deos, nada
dizem de Deos, & nada cuidão
em Deos; & em não sendo este
o exercicio, a conversação; &
o cuidado; os cuidados; que po-
dem ser, mais que huns descui-
dos da razão: a conversação,
que será, mais que ruído da ló-
cura: as obras, que virão a ser,
mais que huns debuxos da chi-
mera: São os homens vãos nas
obras, da natureza dos Colossos,
que ainda que sejaõ de hũ me-
tal, de que ha no mundo tanta
copia, & de que o mundo só se
serve para as cousas de mayor
dano, querem, que os julguem
maravilhas: são os homens vãos
nas palavras, da condiçaõ dos
idolos, que ainda que sejaõ
huns cepos, & falle nelles o de-
monio, querem que os tenham
por oraculos: são os homens vãos
nos pensamentos, como espaços
imaginarios, que sem ser mais,
que fantasias, querem, que os
ponhão sobre o Ceo: por isto se
esquecem os homens, de que as
qualidades, & os morgados, que
os humanos só tem de seu, são
dous nadas em que se encerra
toda a essencia da vaidade; vai-
dade por natureza; & vaidade
por malicia: vaidade por natu-
reza fostes todos, ó peccadores,
antes que chegastes a ser; vai-
dade fois por malicia todas as
vezes que peccais; porque nada

Sap. 2.
8.

Aug.
rom. 9.
11. 1. in
Joan.
Post.
med.
Plalm.
119. 1.

taz o peccado a quem pecca: *Nihil sunt homines; cum peccant;* & estas são as profundidades donde David clamava a Deos confessando todos seus nadas. Por vaidade da natureza, sois como se nunca foreis; por natureza da malícia, sois, como não devíeis ser: a vaidade da natureza não faz dano, antes proveito, quando chega a ser conhecida; a vaidade da malícia, nunca faz bê, & sempre dana; senão he de todo arrancada: eis aqui, como por tudo nada, que isto he o mais; que o mundo tem, vos arriscais a perder tudo: eis aqui, como fugindo de Deos, que he o melhor de quanto ha, vos tornais ao centro do nada, que he o peor de quanto he.

Homens cegos, que vos enleva? coraçãoes vaons, que vos engana? he por ventura o ter mais vida? isso deu a hum tronco a montanha? he por ventura o vestir sedas? isso deu o bosque a hum gusano? acaso he o trazer plumas? isso deu a natureza a huma ave: são acaso os faustos, & as pompas? isso deu o ar a hũa nuvem: será por dita, a fermosura? isso deu o campo a hũa flor: he a altura do estado? isso deu o mundo a hũa grimpa: será tambem a valentia? isso deu o monte a hũa fera: será a sede das riquezas? isso deu a terra a hũa mina: será o credito da fama? isso deu a gente a hũa sepulchro:

será fome de adoração? isso deu a cegueira a hum idolo: será em fim o comer mais? isso concede o tempo a hum bruto: como pois chega a ser possível, que seja a vossa idolatria, vossa ambição, & vossa vaidade, o comer, que he gosto de brutos; hum culto, que he uso de barbaros; a fama, que he morte de loucos; o ouro, que he gloria de nescios; a valentia, que he fereza; a altura, que toda he mudança; a fermosura, que he melindre; a pópa, que he hum pouco de ar; as plumas, que são liviandades; a gala, que he librê de hum bicho; & a vida, que he commua a hũa tronco? Hum tronco não estima a vida, & fazeis della tanto caso? Hum idolo não preza o culto, & quereis, que elle despreza? Hum sepulchro esconde estas honras, & buscais o que esconde a terra? Descompeem o vento estas pompas, & bebeis por ellas os ventos? hũa fera bruta se humana, & vós prezais-vos de feras? hũa ave se não jacta das suas plumas, & vós jactaisvos das alheas? hũa flor se enterra donde nasce, & quereis florecer na terra? hum bicho faz das sedas tumulo, & quereis dellas fazer gala? não pára a grimpa nas alturas, & nellas quereis vós parar? faz a fartura mal a hũa bruto, & quereis, que vos faça bê? Oh quanto mais vos importára, que vendovos troncos robustos,

ima-

imaginasseis que ereis folha: que cresceis, vendo-vos nas minas; que desse ouro ereis as fezes: que vestindo-vos dessas sedas, entendeis, que ereis gusanos: que adornandovos dessas plumas, cuidasseis que vos tem por passaros: que achandovos com essas forças, vos não gloriais de feras: que olhandovos lá sobre as nuvens, soubesseis, que tudo era vento: que contemplandovos nas flores, vos julgasseis de pouca dura: que tomandovos bem a altura, vos persuadissem, que ereis grimpas: que advertindo bem no sepulchro, visseis bem que sois terra: que dando fé de vossos idolos, considerasseis, que sois barro: & que abstendovos dos comeres, vos reprehendesseis de ser brutos.

Não vos pareçais, pois, como os brutos, que isso he negar, que sois homens; não vos canseis por serdes idolos, pois sabeis, que he gentilidade; não vos mateis por ser sepulchros; porque até para estes ha morte; não estiméis ser como feras, pois fogem da gente ás mais dellas; não façais muito por ser grimpas, pois sabeis, que não tem sossego; não morrais por ser como as flores; porque morrem todas em flor; não vos pareçais com as nuvens, porque vos levará qualquer vento; não vos jacteis de serdes aves, pois são pennas os seus enfeites; não tratéis mais

de ser gusanos, pois se vestem da mortalha; não vos metais em serdes minas; que he querer cova aberta; nem queiais em fim ser arvores; pois se queimão as que não dão fruto. Mas que esperança pôde haver, de que vos quereis emendar; se a vessa universal vaidade toma dos brutos a fereza; das flores, a fragilidade; dos troncos, a grosseiria; das minas, a escória; dos idolos, o engano; das grimpas, a inconstancia; das nuvens a borrasca; dos sepulchros a immundicia; dos gusanos a podridão; & das plumas, a liviandade? Oh ignorancia das ignorancias! Oh vaidade das vaidades! Por isso diz o Santo David, que todos os homens são hũa pura vaidade: *Veruntamen universa vanitas*

omnis homo vivens.

omnis homo vivens.



omnis homo vivens.

GOLPE XI.

Milvus in Caelo cognovit tempus suum: turtur, & hirundo, & ciconia custodierunt tempus adventus sui: populus autem meus non cognovit iudicium Domini.
- Jerem. 8. 7.

Da ingratidão com que os homens pagão a Deos á vista das mais creaturas irracionais.

GEMIDO. XI.

POr dar mais áspera reprehensão ao entendimento, & ao coração humano de sua ingratidão, & cegueira, tráz Jeremias contra o desconhecimento dos homens por exemplo, & testemunha o conhecimento das aves do Ceo; & Isaias o reconhecimento dos brutos da terra: *Cognovit bos possessorem suum, & asinus praesepe domini sui: Israel autem me non cognovit, & populus meus non intellexit.* As aves, que não tem razão, sabem aproveitar-se do tempo; & conhecendo o que pede o tempo, muitas vezes fugindo ao mar, onde algumas tem o sustento, buscão nas prayas seu abrigo, porque antevem as tempestades: para edificarem seus ninhos, & para sua conservação em seus filhos, esco-

lhem tempo conveniente; & a sua vinda muitas vezes nos ensina qual he o tempo, como nas aves Alcioneas a experiencia o tem mostrado: mudáo de clima, & de lugar, & de condiçã muitas vezes: atravessaõ mares, & terras, quando a intemperança dos ares, ou vicio alguma dos elementos faz com que acheque a consonancia desta natural harmonia: finalmente sabem servir-se dos tempos para seu aviso, das terras, para seu reparo, dos mares, para seu remedio, da mudança, para seu bem, sem outro influxo, ou efficacia, que porem os olhos no Ceo com interior obediencia aos imperios de seu Creador nos instinctos da natureza.

Sò o homem, a quem Deos entregou a Monarchia das creaturas pela excellencia da razão: *Omnia subieci tibi sub pedibus ejus, &c.* a cujo discurso da razão cedem os discursos do tempo, nem o conhece a seu tempo, nem o toma para servir, & amar a Deos, vivendo tanto sem razão, nem discurso, como se só lho dera Deos para a culpa, & para a vaidade. O mais bruto dos animaes conhece o senhor, a quem serve; a ovelha o seu pastor; a fera ruda o seu albergue; o leão, a quem o sustenta; o touro bravo, a quem o guarda; o tigre agreste, a quem o cria: sò o homem, o peccador não quer co-

Isai. 1.
3.

nhecer a seu Deo s não estima
seus benefícios; não faz caso da
sua ira, nem se lhe dá da sua a-
fronta, como se a sua salvação
não consistira em outra cousa,
que nas injurias de teu Deos;
Deos o busca, & elle se foge;
Deos lhe bate, & elle lhe fecha;
Deos o vence, & elle resiste;
Deos o chama, & elle não ou-
ve; Deos o ganha, & elle se
perde. O' mortaes, que outra
cousa he este desconhecimento,
que hum final de ingratião, &
de infidelidade, com que imi-
tais aquelles perversos Judeos,
que sendo povo mimoso, & fa-
vorecido de Deos, o desconhe-
ceo quando veyo ao mundo, co-
nhecendo-o, como diz São Gre-
gorio, as creaturas; & elemen-
tos insensiveis? Conhecêrão a
Christo os Ceos, mandando a
Estrella por guia dos Magos; o
mar, fazendo-se solido passieyo a
seus pès; a terra tremendo de
sentimento, quando morreo; o
Sol, vestindo-se de luto; as pe-
dras, & paredes, quebrando-se
de dôr; atê o inferno, largando
os mortos, que tinha prezos; &
atêgora os coraçoes dos infieis
Judeos o não conhecem; & mais
duros, & obstinados, que as
mesmas pedras, se não querem
partir com a dôr de ô haver offê-
dido: assim vòs! imitando na
perversidade estas humanas vi-
boras, ou infernaes furiás; des-
conheceis a Deos, quando vem

a cada passo ao mundo de vossas
almas com a visitaçõ dos auxi-
lios, das advertecias, das mi-
sericordias.

Que he isto, ó gente sem te-
mor? inimigos da vossa ley, &
escravos da abeminação? Isto
chamais vòs ser Christãos? esta
he a ley, que guardais? & esta
he a Fé, em que viveis? com
que obstinada rebeldia se, trô-
cou a vossa razão? com que ro-
chas, es coraçoes? com que
bronzes, a natureza? Por dita,
das misericordias; que engei-
tais assim cada dia, acharéis na
hora da morte mais, que a vin-
gança á cabeceira? acaso, da-
quella justiça, que exasperais
todas as horas, achareis na ulti-
ma mais que a ira, & castigo
sobre vòs? por ventura dos bens
da terra, que vos enganaõ cada
instante, no vòso ultimo arran-
co ficarvos-ha mais que a mor-
talha? servis-vos do livre alve-
drio para andardes sempre à vô-
tade? servis-vos das razõens hu-
manas, para achar razaõ ao des-
cuido? servis-vos da memoria
da morte, para depravar mais a
vida? Que mais faria o peyor
bruto, que fere, ou mata a quê
o cria? Que peyor faria hũa vi-
bora, que nasce rompendo as
entranhas de quem lhe deu o
ser? Que mais fez o mesmo de-
monio, que oppor se a seu Deos,
conhecendo-o? Se pois fòis feras
contra Deos; & andais meten-
dovos

São.
Greg.
Pap.
tóm. 2.
hom.
10. in
Evang.
post
prin-
cip.
habe-
tur in
Epiph.
lect. 9.

dovos na terra, que esperanças tendes do Ceo? Se fois viboras de Jesu Christo, & lhe andais rasgando as entranhas, porque esperais, que vos dê vida? Se fois demônios, & andais metendovos no inferno, como esperais de Deos a gloria? Sem duvida em vossas entranhas, mais que nas areas da Libia, produzião serpentes a terra? Sem duvida em vossos coraçoes, qual Medusa, a obstinação, empedernindovos as almas, vos deshumanoou o juizo? Sem duvida nas vossas almas, friezas, mais que da Noruega, regelaraõ a vontade, para vos congelarem o espirito?

Os campos rudos, & grosseiros, dando-lhes Deos a primavera, dão flores; & ao menos dão ervas; donde se achão muitas virtudes: as plantas, que viviaõ pobres de toda a natural virtude; os troncos, que estiveraõ nus fazendo penitencia dura no; desabrigos de Janeiro, ao menor auxilio de Abril, a hum beneficio do Verão, não só florecem, mas daõ frutos; com que tambem nos daõ exemplo: a neve, que se gelou mais fria; a fonte, que se vio mais preza; o rio, que parou mais atado nos grilhoens frios, que lhe poz o inverno, em lhe dando os rayos do Sol se desembargão, & se soltaõ; se desfazem, & se derretem: só os homens; donde a malicia desna-

tu alizou a razão, por mais que o Ceo lhes mostre os tempos, se ficão rudos, mais que os campos; bem, que Deos lhes dobre os auxilios, se mostrão immoveis, mais que os troncos; & por mais calor, q̄ lhes dem os rayos do Espirito São, se ficão enregelados, mais que a neve: pois, que he isto, ó filhos da terra, almas de neve, coraçoes de tronco, juizos do campo? Que he isto, que vos acontece, mais que hũa dura resistencia; & hũa porfiada obstinação ao natural conhecimento? As aves do ar, os brutos da terra, & ainda as creaturas insensiveis sabem conhecer o seu tempo, & só vós o não conheceis?

Conheço o Sol o seu fim, reconhecendo o seu occaso: *Sol* Psalm. *cognovit occasum suum*; & que se seguiu de conhecelo? Seguiu-se, que no dia do juizo, como antes vio o Evangelista, appareceo o Sol penitente com cor de cilicio, & cuberto de hum escuro burel: *Sol factus est niger, tamquam faccus cilicinus*. Começou este conhecimento do Sol, por apprehensão do tempo, continuou discurso, & acabou juizo: tinha visto o Sol cada dia, que nascia, mas que espirava; tinha visto em seus respladores, que se rindoselhe a manhã, nascia em berços de perolas, encaporaõselhe a tarde, se punha em egas funebres; se luzidamente triunfandq

fando voltava pelo meyo dia, declinando, como decrepito, se sepultava nõ occidente: vio, que não contentes os fados com esta morte successiva de sua vida mais luzente, lhe decretavão para sempre a tumba de hum eterno occaso: conheceo o Sol finalmente; que havia de acabar-se o tempo, que havião de parar as luzes, por isso se vestio de sacco, como fazêdo penitencia daquela luzida vangloria, com que lustrára ufanamente toda esta caduca maquina a este enganoso mundo. Se pois o principe das luzes, o requestado das Estrellas, a fermosura do universo, a joya dos Ceos, & das nuvês, porq̃ conhece o seu occaso, assim muda a gala dos rayos em cilicio negro de trevas; a tella de seus luzimentos, em escuro burel de sombras; o enfeite das suas luzes, em funesto luto de eclipses; & a pompa de seus resplandores, em mortalha de escuridades: quem ha se tem conhecimento, que antes que chegue ao seu occaso, não converta a gala em cilicio; não demude a tella em burel; em meya noite, o meyo dia; o curso da vida, em discurso; & a vontade, em entendimento?

O' mortaes, se hum só dia considerareis, que havião de parar as luzes no occaso de hum sepultura; que havião de eclipsar-se os rayos com a escura som-

bra da morte; & amortalhar-se os luzimentos na nuvem de hum escuro burel; he certo, que tivereis a luz da razão nos eclipses do luzimento; acharieis a aurora da vida no mesmo occidente da morte; lograreis o meyo dia da alma nos mesmos occasos da tumba. Porém se do vosso juizo ainda os sinaes não apparecem; porque ainda as cores do cilicio, & outros sinaes da penitencia se não vem pelos vossos rostos: se, ainda que a memoria da morte vos faça sinaes pela vida, vos não dobra o temor pela alma; quem não dirá, se tem razão, que só pelo vosso juizo se podem já fazer sinaes? Conhecem as aves o seu tempo, os brutos a seu senhor, o Sol o seu occaso; sem que o Sol tenha entendimento, sem que os brutos tenham razão, sem que as aves tenham juizo; & o homem, que só tem juizo, razão, & entendimento, nem quer conhecer o seu fim, por não cuidar na morte; nem a seu Senhor, por não guardar sua ley; nem a seu tempo, por viver como immortal: de que se segue, conhecer menos, que hum planeta; fazer menos, que hũa ave; & viver peor, que hum bruto. As aves conhecem o tempo, porque poem os olhos no Ceo: conhece o bruto a seu senhor, porque recebe delle o sustento: conhece o Sol o seu occaso, porque decli-

na para elle : só o homem não quer pôr os olhos no Ceo, por não perder de vista a terra; não quer olhar o que recebe; por não pagar o que deve; não quer saber o que declina, por não suspeitar, que acaba: de que também se segue; que por não aproveitar o tempo, perde a eternidade; por não sujeitar-se a Deos, se entrega ao demonio; por não olhar o seu occaso, anoitece em eternas sombras, quando cuidava que amanhecia. Torna a terra o fruto a seu dono tanto mais, quanto mais ferida he do rigor util dos arados; torna á gayola huma avelinha, engeitando, de agradecida, pela prizaõ a liberdade; faz atagas a seu senhor hũ cachorrinho nõo mesmo tempo, em que o açouta, & castiga: & em fim, não ataga, não torna, nem dá frutos a seu senhor o homem; a quem Deos fez livre, porque o prendesse o seu amor; o homẽ, a quem Deos afaga, quando elle cuida, que o castiga; o homem, que Deos aproveita, quando elle presume, que o fere; como se o homem fora a ave mais fugitiva, o animal mais agreste, & a terra mais inutil: pois, em que póde isto parar, senão em q̃ sendo avingança pelos mesmos termos da offensa; também Deos não conhece o homem, quando nõo ultimo suspiro chama por Deos cõ maior ancia? *Nil vult in Celo; &c.*

G. O L. P. E. XII.

O insensari Galatae, quis vos fascinavit non obedire veritati, ante quorum oculos Jesus Christus proscriptus est; & vobis crucifixus? Gal. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar; & servir a Deos.

G. E. M. I. D. O. XII.

O Peccadores, ó mortaes, ó entendimentos do seculo, ó hydropicos da ambição, ó idolatras da mentira; legisladores da vaidade, gentios da mesma razão, & barbaros da ley de Christo: cujo Deos não he outro, senão o vosso vicio; cuja bemaventurança he a mundana vida; cujo Ceo he só o mundo: com quem a verdade, he desprezo; o desengano, doudice; fim ultimo, o viver; & a morte fabula: com quem a doutrina dos justos he trovão, que vos faz tremer; mas não raio, que vos fira as entranhas; ou vos allumie o entendimento, & desperte a memoria, de que sois pó, & fereis cinza: com quem a Fé, he como herança baldia posta em herdade inutil; ou como titulo de bens, de que se não tem a posse: com quem

quã a memoria do ultimo juizo, he como ma licina, q̃ cura; mas porq̃ a nãrga, nã se toma, ou se se toma, se vo nita: com quem a consideração do inferno, he como sonho, que ainda q̃ vos affusta, nã lh: dais credito algum: com quem o Ceo, he como mina, que se deseja, mas nã se ca: va: nuvens sem agia do amor de Deos, & do proximo, que vos deixais levar á vontade dos ventos: arvores do Otono infructiferas, & duas vezes mortas, em vã do Sol beneficiadas: lagoas mortas de agua pol:re em o torpe vicio corrompidas: ondas do mar, que sempre inquietas, escumais de puro soberbas: Estrelas errantes sem luz, que sempre aũnciais borrascas, & sempre naufragais em sombras: cometas tristes, & funestos, que a vòs mesmos sois a meoço, & a sombra infaulto a todo o mundo: que densa nevoa da mentira vos tem encuberta a verda: que escura sombra da ignorancia vòs eclipsou o entendimento? que fe feitiço do vòso engano vos enboud:ceo a razão? que cegueira da liberdade vos precipitou o discurso? tivestes em Deos o principio, & he vòso fim o demonio? cumpris á risca as leys do mundo, & nã guardais a ley de Deos: aborreceis a vòso Deos no exercicio das virtudes, adorando ao mesmo demonio nos objectos torpes da culpa? açou-

rais o Filho de Deos nas colunas das vòsas almas com cada qual de vòsos vicios; & ergueis altares ao demonio com cada qual de vòsos gostos; nã menos, que no coração? ao vòso Deos, ao vòso Rey, ao vòso Pay, ao vòso mayor amigo despis, & pondeis em hũa Cruz cada vez que cahis em culpa; & com o mayor inimigo, que tendes na terra, & no inferno, andais em bragos toda a vida? pregais as mãos a Jesu Christo, que vos quer ter da sua mão; & quereis, que ande Satanás taõ solto dentro em vòsas almas? fazeis honra de ser agradeidos a quem no mundo vos obriga; & jactais-vos de ser ingratos a quem vos deu o ser, & a vida, & vos está rogando com os Ceos, se fizedes o q̃ vos manda? Por bens fingidos, & enganosos, que hum breve instante apenas duraõ, deixais a cada momento os longos bens da eternidade? & por males que eternamente vos hã de ter no castigo, engeisais a Cruz de Christo, q̃ durará poucos momentos? Tendes diante de vòsos olhos a Christo crucificado por vòso amor, & por vòsas culpas; veyovos ensinar ao mundo do modo com que se ha de hir ao Ceo pela Cruz do preceito da ley, ou da mortificação; & fazeis conta de hir ao Ceo sem Cruz, & sem seguir a Christo, de quem em vã tendes o nome? Comocuidais, que tereis

mais privilegios, que o Filho de Deos para a vida de eternidade? a mesma innocencia, a mesma bondade, a mesma virtude, não foy ao Ceo, senão crucificado; & vós quereis, sendo o mesmo vicio, a mesma maldade, a mesma abominação, hir ao Ceo sem Cruz? quereis hir por flores, por boninas, & deleytes da profanidade, sendo peccadores, donde o mesmo Filho de Deos; o Justo, o Santissimo foy por espinhas agudas, por cravos de ferro, & por abrolhos de brônze?

Toda a causa obra por algum fim; Deos criou-vos; & para alguma cousa foy; por ventura para zombardes da sua ley toda a vida, vos criaria Deos na terra? para não temeres sua ira, vos sustentará neste mundo? para a frota de sua justiça, usará com vosco de misericordia; & darvos ha os bens do tempo, para vos cevardes nos vicios? será pois bom, que nesse estado, em que vós vai passando a vida, vos colha a morte, que na culpa vós ameaça a cada passo? folgareis no ultimo dia, que póde ser o de hoje, que vos ache hum Deos offendido postos nos braços do demónio, na feya cama do peccado, & no sono torpe da culpa? como não temeis viver em hum estado, em que vos pezará de morrer? cuidais, que então vos daraõ tempo para peitardes a justiça, se a todo o tempo, pelo vicio engeitais a misericordia? parecêvos, que a Deos lhe pezará de que vos percais para sempre, se vós não pezhou de offendelo, no que não prestou para nunca? entendeis, que os Anjos, & Santos rogarão por vós ao Senhor ao mesmo tempo, em que obstinados fazeis por dilatar a vida para tornar aos bês do tempo? tendes juizo, & toda a vida não credes, que ha de haver juizo? tendes vida, & para a hora da morte guardais o mayor negocio da vida? tendes tempo de appellar da sentença de morte eterna para a vida perduravel; & por pedir nela aos Sacramentos vós ides ás eternas chamas? O mortaes, os que estais em mortal culpa, que com vosco somente fallo, não vos diz isto quem he justo; não vos prega isto algum Santo, o mayor peccador do mundo; hum penedo na dureza, hum tronco seco da maldade, hũa vibora da ingratitude, & hum bronze vivo da malicia; mas pela misericordia de Deos arrependido, vos chora, avisa, & reprehende os perigos em que se vio, os remedios que perverteo, & os venenos de que gozou: se pois hum bronze se enternece, se quem he tronco assim se move, se quem penedo vos grita: porque não vedes, quaes sereis no juizo dos bons, se fois escandalo dos máos? porque não vedes, quaes sereis

nos olhos de Deos, se pareceis
tão malos peccadores?

Como vos não envergonhais
de buscardes com mayor ancia
tudo, o que he gosto do demonio,
que o que he vontade de
Deos; de que trateis com mais
amor a Satanás, que a Jesu
Christo? de que ponhais em vos
perder mayor cuidado, que em
salvarvos? de comprar com tantos
desvelos a perpetua condemnagaõ;
& de fazer tão pouco caso do
Ceo, que Deos vos offerece?
Como em fim vos não pe-
jais muito de que vos deva mais
linezas a afeigaõ de qualquer
creatura, que as perfeiçoens de
vosso Deos, Creator, & Redem-
ptor vosso? & que queirais com
mais extremos servir ao vosso
desatino, que seguir a vossa ra-
zaõ? Se Deos fora o interessa-
do, & nõs os independentes; se
elle nõs ouvera mister, & nõs
puderamos escusar; se elle só
quizera o seu bem, & nos man-
dára fazer mal; parece que al-
guma desculpa tiverão nossas
froxidoens; & ainda assim a não
tiverão, porque sempre Deos
fora amavel, digno de ser obe-
decido, & por tudo sempre lou-
vado: mas se do principio do
mundo, & desde a mesma eter-
nidade nos está Deos mostrando
amor, & fazendonos beneficios;
se deixou perder nossos pays en-
tre a cega gẽtilidade por tão lar-
gos seculos, & vindo ao mudo nos

bulcou; & nos fez dos seus esco-
lhidos sem algum merecimen-
to nosso; como cabem na nossa
vontade os agravos, que lhe
fazemos, se não cabe no enten-
dimento a ingratiãõ, com que
o deixamos? Não sendo cousa al-
guma, deu-nos o ser; nascendo
cegos, deu-nos luz; querendo gos-
tos, fez-nos mimos; gostando
de honras, deu-nos creditos; pe-
dindo males, dá-nos bens; bus-
cando a morte, dá-nos vida;
querendo o nada, dá-nos tudo; &
nada disto ha de bastar para o
amar, para o querer? nada em
fim nos póde obrigar para o bus-
car, para o servir? por ventura
nõs nos fizemos? nõs por dita
nos sustentamos? & acaso por
nossas forças vivemos? obras so-
mos de suas mãos; empregos de
sua bondade; & perdoens de sua
justiça: qual he disto a satisfa-
çaõ, & qual he o agradecimen-
to? reduzir tudo ao nosso enga-
no, & pervertelo em sua offen-
sa? Se a vosso pay todas as ho-
ras quizeris tirar a vida; que
esperareis de vosso pay? Se cada
dia ao vosso amigo mayor qui-
zereis tirar a honra; que espe-
rareis do vosso amigo? Se cada
instante ao vosso Rey quizeris
fazer treigaõ; que esperareis do
vosso Rey? Se puzereis em fim
por obra todos estes mãos pen-
samentos; de todos elles, que
esperareis? Se pois esperareis do
pay, quando menos a maldiçaõ;

se até do amigo, quando pouco, que logo vos tirasse a vida; & se em fim do Rey; quando nada, que vos não faltasse com a pena: que esperais, que vos faça Deos, ainda que amigo de verdade? E aguardais, que vos faça o Senhor, bem que Pay de misericordia? & que entendeis, que fará Deos, sendo Rey de tanta justiça? tirastelhe a vida na culpa; tirastelhe a honra na Cruz; fizestelhe treição no mundo; & queréis no ultimo dia, em que se descobre a verdade; em que vos julga a justiça; & em que não ha já misericordia, que vos não deite a maldição, q' vos não tire a eterna vida; & vos não dê a pena eterna? oh! que ueira! oh! deslumbramento! E que outra cousa he querer salvar se hum peccador, que não se emenda; senão esperar, que a sombra lhe dê luz; que o fogo se lhe torne em neve; q' o inverno se lhe mudé em verão; & que a noite se lhe converta em dia? Como pois dormis, sendo, não só devedores, mas ingratos correspondentes ás merces de tal Rey; aos beneficios de tal amigo; aos favores de tal Pay? Oh que por isso se queixava o Senhor de seus Discipulos dormirem ao mesmo tempo, que Judas se desvelava em

rouba pellosa; que lhes lançar em rosto, com que os envergonhar, se não com Judas? O mortaes: Judas vinha a vender a Christo, & a fazer a mayor maldade do mundo; os Apostolos acompanhavaõ a Christo; & erão os mais queridos de Deos, & os melhores homens da terra; & não podia haver mayor magoa para o Senhor, que ver, q' os que lhe eraõ mais obrigados não se desvelavaõ tanto por seu amor; não se cansavaõ tanto pelo agradar; como os perversos pelo offender: ha de ser possível, Christãos, que percais o sono por amor do demônio; & q' o não queirais quebrar por amor de Deos? já vos deitais a dormir, como se não tivesseis por andar hũa tão grande jornada, como he daqui ao Ceo? assim de cansais a sono solto, sendo devedores de tantos beneficios; & de tantas ingratições? que locura he esta? não vedes có a experiencia os beneficios? com a perversa vida as dividas? & com os olhos da Fé as obrigações em que estais a hum Deos tão amante, que por vds foy posto em hũa Cruz? Eis aqui porque São Paulo tão asperamente reprehendeo os de Galacia: *O insensati Galatae, quis vos fascinavit; &c.*

Resp. 8. entregalo! *Judam non videris,*
 Fer. 5. *quomodo non dormit, sed festinat*
 in *tradere me Judæis? quid dormitis?*
 Crna
 Dom. *Jur. Site. Pois não tinha o Senhor*

G. O. L. P. E. XIII.

*Juxta est dies perditionis, & udef-
se fefimant tempora.* Deuter. 22.

3. 2. 35.

De como os peccadores perdem
o tempo ao mesmo passo,

que elle lhes vay tu-
gindo.

G E M I D O XIII.

Insensivelmente, ó mortaes,
ides correndo á perdição cada
dia de vossa vida: os tempos já se
vão chegando tanto mais, quan-
to mais vós duraõ vossos profa-
nos passatempos: vai se chega-
do a perdição, porque ao reme-
dio, & salvação ha já muito que
ides fugindo: desviados da sal-
vação ides fugindo, correndo pa-
ra a morte: sem se vos dar mais,
que da vida: ides voando para os
infernos; sem lembrarvos mais,
que do mundo: fingindo o tem-
po, que toxea, vos engana com
as mulétras; ao mesmo tempo
que com azas vos desengana o
como voa: quereis detervos, nes-
se engano, que vos faz ter em
mayor conta; & não quereis
nunca dar conta desse engano,
em que vos detendes? quereis
assim detêr a vida na mesma
pressa, com que corre a esfra-
gar-se, & consumir-se? quereis

tambem detêr o tempo, que fe-
ge de vossos peccados, como a-
frontado, & pezaroso de darvos
tempo para tudo? quereis, que
o mesmo Authór da vida, dan-
doyos tempo, q̃ gastais na cul-
pa, vos detenha mais nas offen-
sas; com que o indignão vossas
almas? cada dia, que Deos vos
dá mais de vida, não he hũa li-
cença para peccar; he hũa espe-
ra para vos arrepender: se em
toda a vida vos não arrepende-
res, antes perverteres a espera
da misericórdia; que muito he
que caya sobre vós a indignação
da justiça?

Oh q̃ fadiga tão inutil, que-
reres conservar a vida à medi-
da do vosso gosto, se assim o go-
sto, como a vida, de sy mesmo
vaõ declinando, precipitando-se,
& cahindo para os occasos do seu
termo, para os extremos do seu
fim! Oh que malícia tão perversa,
querer, que Deos vola con-
serve em vossos vícios, & pecca-
dos; & soffrendoyos toda a vida,
seja o mesmo Deos offendido
consentidor de vossas culpas!
Pois de senganai vos mortaes, q̃
pela vossa mesma vida ides cor-
rendo para a morte; & na ulti-
ma hora da morte, que pôde fer-
muy cedo, para todo sempre
dos sempre vos sepultareis nos
infernos: corre o peccado para o
inferno, como para a morte, a
vida; he a morte o termo pre-
cripto do ligeiro curso da vida,
adonda

ã longe para, & termina a que
 corre mais vagarosa; he o in-
 ferno parage infallivel de quan-
 tos voaõ pela culpa á morte eter-
 na de sua alma, por mais tarda,
 & vagarosa, que meça o curso
 dos tempos: que doulice pois
 ha mayor, que hir correndo pa-
 ra hum lugar, & não querer
 chegar a elle? Que cegueira ha
 tão grande, como hirse a idade
 consumindo, & os peccados a-
 crescentando-se? acabar-se a vida
 por horas, & querer a culpa por
 annos? hir-se renovando a mal-
 dade, & nunca reformar a vida?
 Se vireis florecer as arvores,
 qual de vds-ouros não dirá, que
 está perto a primavera? Se in-
 terreis no fogo hã madeiro, qual
 de vds se espantaria, de que elle
 se queimava, & fazia em pó,
 & cinza? Se florecereis nas vir-
 tudes, que muito era, que con-
 fiados na graça de hum Deos
 tão benigno, esperalleis da eter-
 nidade a inalteravel Primavera?
 Mas se ardeis como troncos se-
 cos nas chamas de vossos pecca-
 dos, se viveis como salamandras
 nas labaredas da vingança, da
 lascivia, da concupiscencia, do
 interesse, & da malicia, que
 muito he, que chegando a mor-
 te, que se atea nõ mesmo vicio,
 vos convertais todos em pó, por-
 que buscastes sempre a terra;
 vos desfazeis todos em cinza,
 porquẽ vivestes sempre em bra-
 za; vos resolvais todos em som-

bra, porque acabastes sempre
 em fumos? Começatem a des-
 pirse as arvores daquelles seus
 verdes adornos, & daquella ale-
 gre esperanza, com que Abril
 as fermosea; já he final de que
 o Estio lhes toma estreita resi-
 dencia não só aos frutos, mas ás
 folhas; não aos ramos, mas aos
 troncos: se pois começais a se-
 carvos na obstinaçãõ, que vos
 murcha; se vds despis das es-
 peranças, que nas virtudes re-
 verdecem, que muito he, que
 a vossa vida seja final do seu es-
 trãgo, se as vossas mefinas se-
 quidoens saõ annuncio do seu
 castigo?

O mortaes: fazer o gosto ao
 vosso gosto tanto á custa de vos-
 sas almas; bem se pôde fingir
 deleite, mas não vos pôde dar
 sossego: gostos, que logo saõ
 ancia para depois, para quando
 saõ gostos? pezares saõ para se-
 pre, & vanglorias para nunca:
 fazerdes zombaria de Deos, no
 caso, que fazeis da culpa; dese-
 stimardes o Ceo; fazendo gala
 de perdervos, como pôde ser go-
 sto d'alma, se he peste do cora-
 çãõ? se credes, que ha Deos, &
 entendeis, que nessa vida ha de
 salvarvos, em má conta tendes
 a Deos, pois por maldades, &
 peccados esperais, que vos dê em
 premio a gloria: se para o vosso
 ultimo tempo guardais a emen-
 da dos peccados, baixamente
 tratais a Deos, pois quereis, que
 a sua

a sua bondade vos sirva com as condiçoens, que lhe poem o vosso delicto: muita conta fazeis de Deos, pois na vossa mão entendeis, que estarão os mezes, & annos; a vosso serviço as Estrelas; a vosso mandado os destinos; & a mesma justiça de Deos às ordens da vossa maldade, & às desordens do vosso gosto.

Que mayor cegueira ha no mundo, que não parar huma hora, nem ponto; nem soltegar noite, nem dia correndo pelos despenhadeiros infernaes; & não reparardes hũa hora em que pôde vir a parar tanto correr, tanto cahir? pudereis cobrar o perdido, o por perder, & o que se perde desse tempo, que se vos passa, em hũa só hora cada dia, em que discorreis no espirito o mal que correstes no seculo; & por não terdes na razão o mesmo discurso do tempo, perde-se-vos o tempo passado em não ser pezar do presente; frustra-se-vos o tempo presente em não ser tenção do futuro; baldase-vos o tempo futuro em não ser desejo do eterno: não se cobra o tempo, q̄ se passa; não se detem o que se dura; não se tem ainda o que ha de vir; & vòs, passando todo o tempo, como se nunca passára, do passado fazeis vangloria pela jaçtancia do logrado; do presente fazeis desprezo pelas ambiçoens do futuro; do futuro fazeis tormento pelas saudades

do perdido? Se sentis o tempo passado, he saudades do que foy; se chorais o tempo presente, he magoa do que já não he; se vos doe o tempo futuro, he ancia do que não será; & devendo ser a vossa dôr hum pezar do máo, que tem sido; hum dissabor, do que está sendo; & hum receyo do que ha de ser; nem vos lembrais do que passou, para emendar a vossa culpa; nem vos dá pena, o que se passa, para recear vossa morte; nem se vos dà do que ha de vir, para mudar a vossa vida? Oh homens, que perdeis o tempo; sem medir a perda, que tendes em cada hora, & cada dia! *Perdidimus diem.* Sentio hum Principe do mundo perder hum dia de vaidade; & vòs não sentis tantos dias, tantos mezes, & tantos annos, em que perdeis o amor de Deos, & em que vos perdeis para sempre? cada dia, cada momento, não sómente perdeis hum dia, mas tambem perdeis hũa eternidade; & não vos deixa estremeccidas a memoria de tantas perdas, & a certeza de tantos males, quantos ides adquirindo em cada momêto de culpas, hũa eternidade de penas? Não menos, que a respiração, que Deos vòs dá a cada instante, devia ser o amor de Deos, & a lembrança de seus favores; & para o ultimo suspiro guardais a primeira memoria, & o primeiro agradecimento?

Tit.
Vesp.
apud
Sueton

Baste pois, mortaes, baste o tempo, que tendes dado á vaidade, & vivido em vão neste mundo. Se por terra vos poz o mundo com os estragos de seus vicios; se vedes em vossos estragos, que estaõ fumando essas ruinas, & todos saõ menos, que fumo em comparação das eternas; para desapegarvos da terra, & dar as velas á esperança no mar largo do amor de Deos, cu no estreito da penitencia, que esperais tempo mais feito, que quando as divinas moçoens vos dão os ventos favoraveis dos gemidos, & dos suspiros, que correm do Espirito Santo? Quem, para lançar ao mar amargoso da penitencia tudo, espera marê mais de rosas, que quando as enchentes de Deos lhe poem nos olhos aguas vivas? Deos não olha para o passado, quando ha emenda de presente; & o que se emenda de presente, tudo lhe he facil de futuro: mas ay, que chega a advertencia, & não o defengano; a occasião, & não a vontade! Oh lastima, que venha chegando a perdição, & não se acabe de procurar o remedio! Oh cegueira, que esteja ameaçando a ruina, & não se procure o remedio! Oh desventura, que se avésinhe tanto o tempo da conta, & não haja quem trate de as dar boas! *Juxta est dies perditionis, & adesso solum timent*

pora.

GOLPE XIV.

Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt:

1. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de salvar-se sem penitencia, quando muitos justos se vieraõ a perder por falta della.

GEMIDO XIV.

SE os justos apenas se salvaõ, (diz o Apostolo São Pedro) adonde pararão os mãos peccadores, & os perversos? Perderão se os Anjos no Ceo; no Apostolado hum escolhido; na Igreja tantos dos chamados; os sepultados nos Conventos; já defuntos nos desertos; nos caminhos altos do Ceo tantos que cahirão no inferno; nas estradas largas do mundo tantos, que descem como nuvens ao mar escuro dos abismos: & não temem os peccadores, que o mais certo seja perder-se? & se temem, porque não se emendaõ? se não se emendaõ, como temem? & se não se emendaõ, nem temem, como dizem, que são Christãos? como creem em Deos? como o amão? como o respeitaõ, & o conhecem? Temem os cedros do Libano, & não temem as canas

Luc. 6.

13.
&c.

canas do ermo? Confunde-se Jerusaleem, & não palma Babilônia? Cahem as Estrellas do Ceo, & estão em pé as grimpas da terra? Eclipsaõse as luzes do Sol, & não se turba a sombra da noyte?

O' homens vefgos de razão, surdos de juizo, vazios de memoria, esquerdos de vontade, buçaes de entendimento; que fazeis, em que vos occupais? Nos ouvidos de hum São Jeronymo soava a ultima trombeta todos os mométos do dia; nos olhos d'alma de hum São Bruno estava sempre a cova aberta; cõ setenta annos de penitencia no deserto, tremia na hora da morte, não menos, que hũ Santo Hilariãõ; nas afiguraçoens de hum David o cercavão as penas do inferno: & que vendo isto o peccador, o que a bandeiras despregadas fez guerra a todas as virtudes; o que peccando á redêa solta, foy odio do Ceo, & da terra; que o offendendo a Deos á escancara, foy de Deos publico inimigo, haja de estar muito seguro, de que ha de ter salvação? haja de andar muito contente, crendo, que a Deos lhe importa muito rogarlhe com a sua gloria? Homens cegos: homens sem siço, que confiança vos engana? Por hum soberbo pensamento, que foy culpa de tres instantes, se perdeu a terceira parte dos Anjos; por este só cahio no inferno condemnado, aos danos eter-

nos aquelle medonho diluvio de tantos espiritos celestes; por hũa pequena maçã, que comêrão Adão, & Eva contra o preceito de Deos, perdeu a graça todo o mundo, & só por isto sahiraõ logo do Paraíso desterrados; & aos mesmos, que ainda estão por ser, alcança já agora esta culpa, que só parece, que então foy: & não sendo os vossos peccados, nem hum só breve pensamento, nem hũa pequena maçã, cuidardes, que sem penitencia haveis de escapar, dó que não escapou hũ Anjo? entenderdes, que nascendo em culpa, tereis mayor privilegio, que hum homem, que foy feito em graça? & que vos salvareis como elle; sem o imitar na penitencia? que he, não hum sinal evidente, de ser reprobros, & precitos? Os sinais, que ha de salvação nesta via de peregrinos, he seguir o caminho dos justos, temer, & amar a Deos; confessar a Fè com as obras, não quebrar sua ley cõ as culpas; cahindo em peccado, levantar pela penitencia; & levantandonos, perseverar sem cahir: mas seguindo os passos de Caim; querer salvarvos como Abel; hindo pelas vias de Esaú, querer a benção de Jacob; & vivendo como Ismael, querer acabar como Isaac, he cegueira do vosso engano, he teima do vosso delito, & he já pena da vossa culpa.

Já se Deos vos não avisára com tantos castigos do mundo, tivera cor, senão desculpa, o descuido da vossa vida: mas se estão gritando os exemplos; se nos dão vozes os castigos; & se só os ecos dos clamores, que nos dão as cinzas humanas, nos atroaõ as consciencias, que desculpa poderá ter huma tão surda obstinação? Para afogar com o diluvio todos os viventes da terra, cahio o Ceo em cordas de agua; para abraçar a Sodoma em chamas, choveo o Ceo hum mar de fogo; para subverter nos abissimos o exerciço de Farã, todo o mar roxo foy sepulchro; para tragar o inferno em vida a Corè, Dathan, & Abiron, não só a terra se fez bocas, mas fez gargantas das entranhas: se pois a terra abrindose em bocas, vos está dando gritos; se o mar com rubricas de sangue vos escreve a final sentença; se as chamas cõ linguas de fogo vos estão dando avisos; & se ainda o Ceo ao lume da agua vos está dando tantos golpes; se todas as mais creaturas vos fallaõ, & vos prẽgãõ da parte de Deos; que fazeis, ò hommens do mundo? que esperais? em que vos detendes? que mais vozes quereis do Ceo, que as lamentaveis de hum diluvio? porque não entendeis a lingua, com que o fogo vos ameaça? porque estais surdos aos clamores; que com silencios eloquentes vos re-

pete hum mar de sepulturas? porque vos fingis ignorantes aos avisos, com que a terra do mais profundo vos brada? Afoquem-se já vossas culpas em hũ diluvio de lagrimas; purifiquem-se vossas almas no fogo do divino amor; lavem-se todas vossas manchas no mar do sangue de Christo; & tomem terra vossas vidas na lembrança de que sois pó; porque se fizeres isto, a terra se vos tornará Ceo; o Ceo vos choverá hum diluvio de graças; o mar vos levará a salvamento; & o fogo do Divino Espirito vos dará calor para seguir, & amar a Deos, não só na emenda, mas no exemplo da vida; não só morrendo, mas vivendo; não só na via, mas na patria: mas se assim o não fazeis, como duvidais, de que o Ceo vos negue a luz de Deos; que o fogo eterno vos abraçe; que a terra se abra com vosco; que as ondas do mar vos sobvertão; & que os infernos vos sepultem?

Se olhais para a terra, vedes a vossa sepultura; se para o Ceo, a vossa patria; se para o ar, o garrote da vossa vida; se para o fogo, o castigo das vossas culpas; & se para os peccados, os verdugos de vossas almas: o mesmo inferno vos adverte, q̃ todos, os que là estão, forãõ pelo vosso caminho; o mesmo Ceo vos avisa, que todos, os que là forãõ por caminhos diferentes daquel-

daquelles por onde vós ides; a terra vos faz memoria, que se resolvêrao em pó, quantos, como vós, a pizárao; & o fogo vos dá por novas, que nunca desceo sobre a terra, mais que a ser verdugo de vícios; & finalmenté os peccados vos certificaõ, que sempre forão ruina das almas: a terra diante dos olhos vos poem os semblantes da morte; o fogo á vista da razaõ vos poem as sombras do inferno, & semelhanças do juizo; o inferno aos olhos da Fè vos avulta o eterno dano; & o Ceo com sua mesma vista vos aõnuncia as eternas glorias. E vós, homens, cujas consciencias são mais escuras, & medonhas, que o mesmo dia do juizo; cujas vidas são humas mortes; cujas almas são hun's infernos; sobre não cuidares no Ceo, parecêvos cousa escufada, hypocrisia, ou despropósito; ter o juizo na vontade, trazer a morte no juizo, & pôr o inferno na memoria? Quem vendovos gastar as horas, quem vendovos perder os dias, & desperdiçar mezes, & annos; cujos reditos não se cobraõ, cujas perdas não se restauirão, cujos furros não se restituem, não sentirá, não chorará, ver que perde o tempo da vida, da penitencia, & salvaõ, quem cada instante, & cada póto, sabe que tem o tempo feito para o anno da perdiçaõ; para o seu dia do juizo, & para a hora

da tua morte: Todos os iustos, que a temêrao; todos os Santos, que a cuidárao; & todos os bons, que se affigiraõ; foraõ nescios, & mentecaptos? Vós sois somente os entendidos, os atinados, & prudentes?

Peccadores, tudo he dizerdes, que Deos he de misericordia: oh quanto se vê, que assim he, pois vos não tem tragado a terra, engolido o mar, abraçado o fogo, & sepultado os infernos! Porém, que mayor defaforo quereis vós fazer contra Deos, que querer, que a sua misericordia das largas, que dá para a emenda, vos faça enfanches para a culpa? Poderá haver mayor maldade, que querer, que Deos vos espere para o offenderes mais; & vos deixe muy de vagar estender pelos vossos vícios, & que até vos não enfaçades, & enfastiares de peccar tenha Deos muy santa paciencia, porque não haveis de emendarvos, se não quando vos parecer, quando for muito vosso gofio, no ultimo quartel da vida? O' homens depravados, parecêvos, que para Deos sobe ja hum cumprimento da maldade; & hum sumissaõ da malicia? cuidais, que podeis enganalo, ou ao menos satisfazelo com hum sempre prometer de emenda; em hum nuõca acabar de peccar? Pois, que he isto, ou que póde ser, mais que jarrogancia do peccado, &

talta do temor de Deos? Que he isto, mais que estar gloriosos, & de todo ensoberbecidos de haver injuriado a Deos? O' mortaes, q̄ viveis sem luz: ó atheistas da razão: ó dogmatistas da cegueira, defenganaivos, q̄ ha inferno, ha morte, & ha de haver juizo: juizo para as vossas culpas, morte para a vossa vida, & inferno para vossas almas, se não deixais vossas culpas, se não emendais vossas vidas, & se não purificais vossas almas: porque sendo a cõta taõ estreita, que apenas se salvarão os iustos, quem, como vós, he peccador rebelde, & obstinado, adonde cuida que ha de parar? *Si iustus vix. saluabitur, impius, & peccator ubi peribunt?*

GOLPE XV.

Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tue. Luc. 19. 44.

Do peccado da ingratidão, & seu castigo.

GEMIDO XV.

OH se conhecêras (dizia Christo a Jerusalem) o que ha de vir sobre ti! Se souberas Cidade ingrata, que depressa se hão de mudar teus contentamentos em penas, teus faustos

em estragos, tuas maquinas em ruinas, oh com quanta pressa também a pompa se tornára em luto, a alegria em tristeza, & a vaidade em defengano! Não ficará em ti pedra sobre pedra, porque desconheceste o tempo da tua visitaçõ, conhecendo o as aves do Céu, os brutos da terra, os campos, os rios, & as plantas. Estas, ou semelhantes palavras dizia o Senhor à vista de Jerusalem, chorando a sua destruição, o dia que ella com mayor triunfo o trouxe nas palmas, para lhe virar logo as costas com tão perversa ingratidão, cõ mudança tão repentina, que hum dia foy afronta, o que outro tinha sido aplauso; hum dia Cruz, o que outro triunfo: & isto mesmo diz o Senhor a cada hũa alma Christãa, de quem no sentido moral he figura Jerusalem:

Ista Civitas est anima peccatrixis. Lyr. hic mor.
Cidades de Deos são as almas; cujas portas são os sentidos; cujos muros, & fortalezas são as potencias interiores; a quem governa o alvedrio, armão as virtudes, & soccorre Deos, quando santamente se portão, & se guardão de seus inimigos; porque não deixa perecer as suas obras; nem sofre, se fazemos alguma cousa da nossa parte, que as arruinem, & destruão as treijõens da carne, os poderes do mundo, & as artes do demõnio, que nos tem em sitio per-

petuos

petuo: porém como a fraqueza humana de ninguem tão se afecção, como do seu mayor inimigo, não ha mal, que muy facilmente não ache entrada em nossas almas, porque lhe tem a porta aberta a nescia guarda dos sentidos: mas não he este o mayor mal, nem o que o Senhor lamentava; porque he muy facil o remedio das primeiras quedas da culpa, donde o cahir, & o levantar se tem juntado muitas vezes: cahir na terra quem a piza, não he dano muy perigoso, quando não he continuado; cahir de mais alto, ou cahindo, não tornar a levantar, este he o mal, que mais se teme.

A causa, pois, mais principal da nossa universal ruina, & das lagrimas do Senhor, he aquelle desconhecimento, & aquella grande ingratião, com que não queremos ouvilo, entendelo, & obedecelo, desprezando aquelles favores, prodigiosos, & maravilhas, com que tantas vezes nos deu vista pelos cegos, gritos pelos mudos, doutrina pelos publicanos, & exemplo pelos escolhidos; sem que tudo isto bastasse, para que abrissemos os olhos lisongeados de humas sombras, que nos adormecem no aparente, para os cerrar ao verdadeiro. Chora o Senhor naquelles dias, em que melhor o recebemos, por antever com quãta pressa o deitarão de sy as almas, crucifican-

do-o com as culpas, que o não podem sofrer consigo: chora o Senhor ser lhe preciso assolarnos, & destruirnos; tanto he o amor, que nos tem, que ainda, quando nos ameaça, parece, que mais o magoa o nosso mal, que a sua offensa; tão grande he a sua bondade, que ainda quando quer sobverternos, não desce o golpe do castigo, sem preceder o ameaço; não baixa o rayo da justiça, sem que o trovão nos avise; não desembainha a espada, sem ter nas espaldas da ira o rosto da misericordia; por isso havendo de castigar a Ninive, mandou a Jonas, & a Nahum, que lhe annunciassem os estragos de sua justa subversão: conhece, como pay piedoso, esta nossa fragilidade, tão morta, tão espedaçada pelos sabores do seu mal, tão cega pelos seus venenos, tão namorada do peyor, que arrastando furiosamente, não só os respeito da vida, mas os decoros da razão, ou se casa com o seu dano; ou se amiga com o seu perigo: porém não pôde consentir, ver que esta nossa ingratião se jacte de o ter por amigo, ao mesmo tempo, em que treydora o vende, deixa, & injuria pelo que he pouco mais de nada. Perdoou Christo a Magdalena, defendeo a mulher adúltera, foy buscar a Samaritana, chamou a São Matheus, & admitio o Bom Ladrão, deixando

perder a Judas, porque o peccado da Magdalena foy vaidade; o da adultera, fragilidade; o da Samaritana, cegueira; o de São Matheus, ambição; o do Bom Ladrão, miseria; mas o de Judas, ingratião.

Sente o Senhor ver a nossa perversidade tão levada do seu parecer, ou por achaque da arrogancia, ou por paixão do desatino; que estandolhe fazendo o prato, & ainda servindo-a de foçinhos os gastos do divino amor, & os mimos da misericordia, não pôde levar para báyxo mais que as viboras, & as serpentes; os escorpioens, & basiliscos, de quem só o gosto estragado té infaciavel appetite: tanto em fim se tem depravado gostando de abominaçoens, saboreando-se em maldades, & ufanando-se nos delitos, que fazendo feira a malicia das cousas pessimas, & torpes, compra o peccado a pezo de ouro, & vende o vicio às rebatinhas. Em tão grande altura puzerão os peccadores os seus peccados pondo huns sobre outros, que chegaraõ no mundo a ter estimação às culpas, & authoridade os vicios; de que nasce, que não só desafortadamente se atrevem a fazer-se publicos pelas praças, & gala pelas cortés; mas ainda sacrilegamente a quererem veneração entre os humanos; esperando gabos da maldade, vivas do delito, &

litonjas da abominação, & perversidade; & daqui vem chegar os peccados a porse sobre as cabeças; estado tão miseravel, que nenhum remedio tem, se á medida da soberba não for a humildade da penitencia.

Destas mantilhas da soberba, em que se cria a ingratião: depois de nascer como vibora das entranhas do beneficio; desta gala da obstinação, de que se veste a contumacia, depois de ser como corisco, que rasga a nuvem, que o detem, faz manto, com que a Deos se quer encobrir, & gala, com que Deos despreza a impenitencia endurecida, quarta maldade de Damasco, a que nunca Deos perdoou, Amos 1.3. porque sempre o desconheceo, resistio, fugio, & aggravou, & finalmente aborreceo no amor, em que arde, de seus gostos, & na vangloria das maldades, por cuja vista abominavel, não só vira as costas a Deos, mas espindolhe na cara, o exaspera, & indigna a que já mais a queira ouvir, ainda que nos ultimos gemidos, clame, & brade pelo Senhor.

Eis-aqui, mortaes, a razão, porque desta mortalidade não vereis na hora da morte ficavos pedrá sobre pedra; pedras são aquellas durezas, ignorancias, & sequidoens, com que a maquina da vangloria edificou para a ruina, mais do que ergueo

para

para a vaidade; por isso com tal estrago ficariaõ todas derrubadas, & póstaõ na morte por terra, para que nem dos sinaes do estrago tenha vanglorias a ruina; nem das grandezas da ruina lhe fique à fama essa vaidade; nem este escandalo à memoria: não ficará pedra sobre pedra, porq̃ assim como a maldade quiz fazer culpa sobre culpa; assim virá sobre os mãos castigo sobre castigo. ✕ ✕ ✕

Virão dias, ó peccadores, em que direis aos montes, que vos cubrão, & aos outeiros, que vos escondão; porque se Deos castigou tão o lenho verde da innocencia, por querer pagar nossas culpas; que ha de fazer-se aos troncos secos da malicia, & obstinacão, sobre quem clama cada dia o sangue do divino Abel? Abrirse-ha com vósco a terra, queixando-se por tantas bocas, quantas forão as vossas culpas; & em fim subvertervos-ha o inferno no carcere de suas entranhas, entre cujas chamas escuras chorareis sem nenhum remedio aquella sentença final: Ide malditos para o fogo eterno, aonde estareis para sempre nas cadeas de Satanás: se ainda assim vos parecer o castigo mayor, que a culpa, cuidai bem a quem offendestes, aquella bondade infinita, aquella immensa Magestade, & aquella Onnipotencia eterna; & vereis com quan-

ta igualdade vos paga tudo, o que fizelles.

O mortaes; crião os homens hum bruto, para que os sirva; cultivão a terra, para que lho agradeça; & regaõ as plantas, para que lhe dem fruto: se o bruto os não serve, deitaõno de sy; se a terra lhe não corresponde, deixaõna, & não a lavraõ; & se as plantas não frutificaõ, cortaõnas para o fogo: se pois Deos vos criou, para que o servisseis: se vos cultivou, para que lho agradecesseis: se vos regou com misericordias, para que lhe desseis frutos de boas obras: que muito he, que vos deite de sy, se lhe não servis para nada? que vos deixe, se lhe não correspondeis agradecidos? & que vos corte para o fogo eterno, se não frutificais? vós quereis ter razão contra o bruto, que a não tem; & deitalo de vds, porque vos não servio? contra a terra, que não téve culpa, ainda que não vos correspondeo, & por isso a não cultivais? contra a planta, que não tem vicio, ainda que não vos dêle bom fruto, & por isso a fazeis em achas? & não quereis, que a tenha Deos contra vds, para deitarvos de sy, para deixarvos, & cortarvos com o cutello da justiça, se peccais contra a razaõ, que vos deu? se cahis na culpa, sabendo-a? & se gostais do vicio, advertindo-o? quereis, sem nunca dar

fruto

fructo, q̄ vos regue Deos só para o vicio: quereis, sem corresponder a Deos; que vos faça benefícios só para a ociosidade: quereis, sem o servir, que vos crie, & sustente só para a sem-raza? sendo homens, que vos tornastes brutos; sendo terra, que se fez mato; & sendo plantas, que se fizeraõ agrestes: Pois, que quereis, que vos succeda; homens; que pareceis feras; terra, que não dá mais, que espinhos; arvores, que não tem mais, que folha; senaõ, que a todos vos diga na vossa hora derradeira, ou ainda antes dessa hora: O' homens brutos; ó terra amaldiçoada; ó arvores infructíferas, pois para nada me servistes; pois nunca me correspondestes; pois já mais me destes bom fructo; ide para o fogo eterno. O' creaturas pessimas, que enchendo vos de benefícios; & buscando vos para o remedio, pagastes a minha liberalidade com ingraticoens, & ao meu desvelo com desconhecimentos; as vossas ingraticoens, & os vossos desconhecimentos ferraõ a causa da vossa eterna ruina: *Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quod non cognoveris tempus visitationis tue.*

G O L P E XVI.

Lugebit terra, & marebunt Cali.
Jerem. 4. 28.

Do sentimento, que não só o peccador ha de ter da sua perdição, mas também as creaturas.

G E M I D O XVI.

Chorará a terra (dizia Jeremias) & entristecer-se-haõ os Ceos; mas como ha de chorar a terra, se só os humanos choraõ? como ha de entristecer-se o Ceo, se he centro de alegrias? Se a redondeza da terra se cubrira de tantos olhos, como tinha a roda admiravel, que vio sobre ella Ezechiel: *Apparuit rota una super terram, &c. & totum oculis plenum, &c.* presumiramos, que chorará, pois ver, & chorar, são officios, ou propriedades, que ha nos olhos. Se como pedio Jeremias fontes de lagrimas para os seus olhos, pedira a terra às suas fontes olhos de agua, que chorará, entendèramos, que tinha lagrimas: mas se as lagrimas não são agua, pois são sangue do coração, q̄ se defangra pelos olhos: se a agua também não he sangue; bem que a agua parece o sangue, que corre pelas veas da terra; como póde chorar a terra?

Ezech.
1. 15.
&c.

Jerem.
9. 1.

ra? quem lhe dará à terra olhos, & quem as lagrimas de sangue para chorar a sua culpa, & lamentar sua ruina? Mas se se diz, que se está rindo o campo, quando vestido de flores; porque se não dirá, que está chorando a terra, quando poem cilicio de espinhas? Se se diz, que vai rindo a manhã antes q' o Sol dê luz ao mudo; porque se não dirá, q' chorão as alvas dos olhos do Ceo, & ao menos se melanconizaõ vendo no mundo cada dia mayores as noytes das culpas? Ria-se a terra para o Ceo, em quanto as flores das virtudes, com o bom cheiro dos exemplõs, eraõ dos campos alegria, primicias dos altares, & para o Ceo perfumes: ria-se o Ceo para a terra, quando cahindo sobre a terra o orvalho das misericordias, não só aljofarava as flores, & crecia a fermosura; mas ainda aos troncos estereis, & ás arvores secas, & murchas avivava, & reverdecia.

Mudou a terra a condiçãõ, & viçosa com tanto regalo, mal criada com tanto mimo, usou mal das misericordias ingratamente; convertendo em veneno os beneficios produzio ervas sem proveito, deixou de florécer o prado, & não deraõ as plantas seus frutos; faltou logo o Ceo com o orvalho, ás nuvens com sua brandura, & as manhans com sua alegria; por cuja cau-

sa em breve tempo, as flores espiráraõ secas, o campo agenzou esteril, & o bosque pereceo inutil. Puxou a terra tequiosa pelo humor de suas entranhas, & com elle produzio abrolhos: puxou o Ceo pelos vapores, cõ que ainda assim fumava a terra; puxou pelas exhalaçõens, que do mar soberbo se erguiaõ, & não só se fizeraõ nuvens, q' a luz do Sol nos encubrirãõ: não só borrafcas, & tormentas, com que os ares se inquietaraõ; mas tambem rayos, & coriscos, trovõens, relâmpagos, & cometas com que o mundo se estremeceo: o Sol, & a Lua se assombrou.

Chegarãõ ao Ceo as maldades, com que os perversos peccadores se conjurãõ contra Deos; cubrirãõ o mundo de escandalos, de peccados, & de delitos, com que vòs homens, que fois terra, vos encheistes todos de abrolhos, figuras da offensa, & da culpa; de sombras, & de cerraçoens, que nos representãõ o mesmo. Quando não vemos luz no Ceo, he por ser tanta a escuridade, que sobre a terra se derrama, que chega com a sombra ao Ceo: se pois são tantos os peccados, & tão grandes os peccadores, que occupando a face da terra, & enchendo as longas regioens de tantas esferas do orbẽ, chegaõ já desde a terra ao Ceo; se se não vê mais, que

que maldades, com quem não mora a luz da graça; se impedem vossas liberdades; com essas perturbaçoens, & com cegueiras escurissimas, que á luz do Sol vos chegue aos olhos; como não chorará a terra? como se não entristecerá o Ceo?

Hug.
Card.
in Jer.
22.19.

A terra; são os que amão a terra; *Terra, pro terra amatoribus sumitur*; que só então hão de chorar, quando virem, que se perde tudo. Oh lastima! oh desventura! que já, que hão de chorar os homens, não choraráo pelo remedio, senão só pela perdição? não chorarão por dar gloria a Deos; choraráo por perder aquillo, de que mais se vangloriavao?

Hug.
Card.
in Jer.
in Plal.
18.21.

Eis-aqui porque se hão de entristecer os Ceos, isto he, os homens Apostolicos, & os Pregadores Evangelicos: *Mœrebunt cali, i. Sancti viri. cali, i. Prædicatores*, por não poderem fazer nesta terra amaldiçoada, depois de darem tantas voltas em beneficio dos ouvintes. Se pois sois terra; o peccadores, & nella haveis de resolvovos, quem duvida, que desfazendo-se esse pó em cinzas caducas, choreis, quando já não tendes remedio, porque não quizestes chorar, quando podieis ter emenda? vedes, que a terra de viciosa não produz mais, que ervas inuteis, & não mondais a vossa terra? por falta de ser cultivada, deixais

criar-lhe asperamente bassas de silvas, & de abrollhos, & não pertendeis alimpala? nos torroens, & na terra vil desse barro melhor corado, que se ha de ver mais, que vicios, se os não cortá; & tira a disciplina, o cilicio, & mais armas da penitencia? se na terra mal rota do arado não importa semear trigo, porque as aves do Ceo lho levão; que se póde esperar da terra, a que falta toda a cultura? chegará o ultimo dia, & vendo-se amaldiçoada a terra, que nunca deu fruto, mais que espinhos, que atravessárao a cabeça de Jesu Christo; chorará; mas será sem fruto; a sua maldição eterna; tremerá, mas será em vão, pois o tremor a não virou; abrir-se ha, mas será tarde, para outro nenhum fim, mais que para fundir-se aquella verde primavera de vossos annos mais floridos; aquelles campos deleitosos da sempre alegre mocidade; aquelles montes elevados de vossa arrogancia ostentosa; aquelles valles apraziveis de tantas submissoens profanas; aquelles jardins agradaveis das lisonjas, & das mentiras; aquelles mais amenos prados de vossos vicios, & deleytes; todos desertos, & assolados; murchos, estereis, & despídos choraráo ver-se empobrecidos de todo o decoro, que os orna; de toda a gala, que os guarnece; de todo o rego, que

os cultiva, sem haver homem interior, que os aproveite, ou os habite; tem haver ave, que lhes cante; flor, folha, ou ramo, que os alegre, ficarão todos devastados, & feitos morada de brutos, ou couto áspero de feras, ou rudo leito de serpêtes: aquelle pó mais levantado, que querendo porse nas nuvens, foy eclipse do Sol da graça, abatido em sombras da morte, do mesmo dia; será noyte, do mesmo inferno será trevas; & por isso dos Ceos mais alegres, serão as luzes, turbação; & o resplendor, melancolia, sentindo ver na noyte eterna, quanto na eterna claridade pudéram ser tochas da Igreja, luz do mundo, & Estrelas do Ceo, com que se encheffe aquelle numero, a quem levou a terceira parte a cauda do infernal dragão.

Mas não só a terra moral, que isto são os homens da terra; não sómente os Ceos metaforicos, q̃ isto são os servos de Deos, hão de chorar, & hão de sentir sua perdição lamentavel; mas ainda as outras creaturas sem sentimento, & sem razão, todos os orbés sublunares, toda essa machina celeste, hão de chorar, & hão de sentir as offensas feitas a Deos, o que servirão aos peverfos, o que criáram para os ingratos, & o que sofréram aos precitos: chorará a terra elemental, ter sustentado tantos repro-

bos, de contrahandose-lhes em frutos, convertendose-lhes em thesouros, & desfazendose-lhes em regalos: gemerão as ondas do mar, por darem passo a tantos lenhos, que forão arca do interesse, mais que meyo da salvação: o ar se queixará furioso, respondendo aos roncões do mar com bramidos tristes do vento, por darnos a respiração, com que anelamos aos delitos: o fogo com ardentes sanhas choverá rayos, & coriscos, porque em afronta do Creador concorreo com usos violentos em serviço das creaturas: o Ceo armado de cometas; o Sol de trevas, & de eclipses; a Lua de sombras, & fangue; os astros, de pavor, & allombro; o dia, de noyte; & medos; & todo o mundo finalmente de portentos, & de prodigios, serão terrivel espectaculo, & em fim tragedia temerosa de hũa vista, que será morte; de hũa dor, que será inferno; & de hum mundo, que será cinza: & que sabendo isto os humanos, não cuidem nisto hũa só hora! mas, como se o não crearam, nada cuidam; & se o creem, & o cuidam, passam por isto sem pena, como se fora certo, que nunca haviaõ de passar por isto: oh magoa da razão! oh froxidão da Fé! oh perdição da vida! *Lugebit terra, & n. crebunt Cali.*

GOLPE XVII.

Filij hominum usquequò gravi corde: ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium?

Psalm. 4. 3.

O amor dos homens ao caduco, & terreno he a queixa de Deos offendido.

GEMIDO XVII.

ATè quando (se queixava Deos por David) atè quando, ó filhos dos homens, imitadores de seus vícios, com tão pezado coração haveis de amar a vaidade, & fazer caso da mentira? Que razão, pois, teria Deos para queixarte tanto aos homêes do pezo de teu coração, se húa vaidade, & huma mentira são cousas de tão pouco pezo? como dá mostras, que se canta de esperar-lhes já eltes quãdos, se em delitos de mayor vulto, lhes dissimulou tantos tēpos? Ora, a meu ver, a mayor causa deste queixume do Senhor, foy ver, quanto mais pezava nos coraçõs dos homêes o amor das cousas caducas, & vans, q̃ o das eternas, & divinas. He o amor como pezo, segundo nos deu a entender Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus.* São os coraçõs como balanças, conforme nos affirma o Cardeal Hugo: & he o amor, como pezo, & o coração, como

balança: *Statera est cor hominis;* porque para ahi mais se inclina para onde o pezo he mayor: não ha balança sem pezo; não ha coração sem amor; ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar, que têm coração; peza-se nos nossos coraçõs ora o amor de Deos, ora o amor do mundo; se peza mais o amor de Deos inclinando-se para o Ceo; para ahi inclinamos o coração; se peza mais o amor do mundo, inclinamonos para a terra: & a razão he; porque todas as cousas buscão naturalmente o seu centro, & fóra d'elle estão violentas; o pezado desce para baixo, o leve sobe para cima, obedeçendo a estas qualidades; de que o vestio a natureza; porque he a levidão húa qualidade, que nos leva acima; a gravidade outra, que nos traz para bayxo: por isso a pedra deitada ao ar, naturalmente cahê, porque vem aquietar no centro: por isso o vapor da terra naturalmente sobe ao ar, porque tudo o mais lhe he violento. Vai o amor do mundo para baixo, não só porque he baixo o seu termo, mas porque he muito grave o seu pezo, & são sempre muito peçadas as suas mesmas vaidades; assim o dizia Isaias: *Onera vestra gravi pondere.* Vay o amor de Deos para cima, não só, porque o seu centro he alto, mas porq̃ o amor de Deos he muy leve; assim o

Conf. cap. 9. ante fin. Hug. C. in Prov. II. 1. mist.

dizia o Senhor : He pezado o amor do mundo, & he muy leve o amor de Deos : *Onus meum leve* ; porque he propriedade do amor transformarnos no que amamos ; se amais a terra , dizia Santo Agostinho , sois terra ; se amares a Deos, Deos fereis : *Terram diligis, terra eris : Deum diligis, quid dicam? Deus eris*. Donde se deixa ver, que sendo a terra pezada, pezado he o amor da terra ; & sendo Deos todo espirito, & espirito o amor de Deos, he o amor de Deos muito leve.

A vaidade, que pezava tanto nos coraçoes dos homens, diz Hugo Cardeal, que eraõ os seus idolos a mentira, os bens temporaes : *Vanitatem, idest, idola vana, vel terrena ista : & queritis mendacium, idest, temporalia*. Como pois pezariaõ pouço, & voariaõ para Deos huns coraçoes taõ cheyos de idolos, & do amor das cousas da terra, que saõ pezo muy carregado, ainda que o pezo seja de ouro ? E como se calaria Deos, que espreita os coraçoes dos homens, vendo-os a todos cheyos de idolos, que isto saõ aquelles seus gostos, & aquellas cegas afeiçoens, por quem perdem o amor de Deos, se esta foy já do mesmo Deos a mayor dôr do coração, que lhe fez castigar o mundo com o diluvio universal : *Tantum dolore cordis intrinsecus?* Por isto se queixava Deos, porque pe-

zavaõ tanto os idolos nas balanças dos coraçoes, que em fim declinando os fieis da igualdade da justiça, com que se peza a ley de Deos, carregados do amor do mundo, deraõ em terra com a balança : pezaraõ mais, que Deos, os idolos ; pezou a terra mais, que o Ceo ; pois afastando-se do Ceo o pezo vaõ do amor do mundo, descansou o pezo na terra, tanto sem pezar dos idolos, que ainda das culpas fez amor, porque fez amor da vaidade : *Diligitis vanitatem*. Por esta razão, a meu ver, disse David em outra parte, que a sy mesmos naõ eraõ fieis, mas falsos os filhos dos homens no pezo de suas balanças : *Veruntamen mendaces filij hominum, &c.* pois pezava na sua estimacão mais o nada, que o que tem ser ; mais, que a razão, o defatino ; mais, que o eterno, o temporal : eis aqui porque os coraçoes saõ balanças aleyvosas ; não só naõ pezão ouro fio os bens do Ceo com os da terra, mas ainda postas de hũa parte as temporaes felicidades, com o triste contrapezo das eternas tribulações, & da outra as glorias infinitas, estas pezaõ menos, ainda que valem infinitamente mais ; & ellouras estimãose mais, ainda que não valem nada : as cousas, que nos vende a terra, ou com que nos compra, & nos vende, saõ caras pelo que se estimãõ,

Math.
11.30.

Aug.
tom.
9. tr. 2.
in
Epist.
Joan.
in fine.

Psalm.
hic.

Psalm.
61. 10.

Hug.
C. hic.

Genes.
6. 6.

& pelo que custão, pois custão a vida, & custão a alma; & cada vez valem mais, porque cada vez se prezaõ; as do Ceo, ainque saõ de graça; não ha quem as queira, porque não ha quem as peze, nem quem as estime. Trocouse o amor de Deos em amor dos idolos; trocouse o amor do Ceo em amor da terra; fizeramse almas de terra, & coraçõens de pedra; os que ainda sendo corpos, haviãõ de ser espiritos, ou ao menos corpos celestes. O rudo alimento da culpa não só he prato da maldade, mas idolatria do gosto; o suave manjar da graça não só he fastio das almas, mas abortecido desprezo da humana profanidade: todos se fizeram idolatras, porque aos idolos do seu gosto dão os homens a adoração, o decoro, & toda aquella alicia, q' a Deos somente se devia; & apegou se desorte ao mundo este visco do seu engano, que ainda hoje os mais dos humanos se deleitão com os seus idolos. Mayor he hoje a idolatria, que a da cega gentildade; porque se Labão, que amava o ouro, fazia do ouro os seus idolos; que muito era, se era idolatra? Que Cesar adorasse a fortuna, & por isso lhe levantasse templos; que muito foy, se era gentio? Que Epicuro puzesse a gloria nas superfluidades da gula; que muito he, se era hum barbaro? Mas que se

veja hoje no mundo entre Catholicos, que os que tem a Deos por seu Deos, tem os seus idolos no ouro, tem por seu idolo a fortuna, tem o ventre por seu Deos: *Quorum Deus venter est, &c.* adirão a torpeza, venerão a maldade! oh que he isto mais, que idolatria?

Nos tempos de Ezechiel se queixava Deos, de que o seu povo lhe fugia: *Recesserunt à me in cunctis idolis suis.* E porque fugiria a Deos naquelle tempo o seu povo? O mesmo Ezechiel o diz: diz, que corriaõ atrás dos idolos os corações de todo o povo: *Post idolatorem eorum gradiebantur.* Para correr saõ necessarios pès; os pès do coração saõ os affectos, & desejos: *Pedes nostri, affectus nostri sunt,* com que não só anda, & corre, mas azas, com que voa; com os affectos do coração corriaõ logo aquelles idolatras atrás dos idolos, que adoravão: & hoje não só os coraçõens, mas os sentidos, & potencias correm tambem com os affectos atrás dos idolos: tem idolos o entendimento; pois tem muitos por divindades os seus mesmos entendimentos, & ainda as idêas da ignorancia: tem seus idolos a vontade; porque muito á sua vontade busca cada qual o seu idolo: a memoria tambem tem idolos; pois saõ idolos da memoria todas aquellas vaidades, que gostosamente nos

AdPhi-
lip. 3.
19.

Ezech.
14. 5.

Ezech.
20. 16.

Aug.
tom. 8.
in Plá.
94. V.
venite,
&c.

nos lembrão: tem idolos a imaginação; pois até as afigurações, de q̃ a affeição nos faz imagens, são do cuidado idolatrias: os mais sentidos tem seus idolos, quando fazem de seus objectos final deleyte do seu gosto: os olhos tem seus idolos, pois vemos, que cegão por ver, quem a olhos vistos os cega: tem seus idolos os ouvidos, pois se tapão a quem os avisa, para abrir se a quem os engana, & encanta: o coração tem tantos idolos, quantos adoraõ as potencias, & sentidos; fazendose altar de todos, os que por estas portas entrão. Se pois os idolos cahirão, quando veyo o Senhor ao mundo; quando elle vem às nossas almas com auxilios, & inspiraçoens, porque não cahe, ó peccadores, toda essa maquina profana de vossos enganosos idolos? Cahi pois, cahi na razaõ, & cahiráõ por huma vez essas fingidas divindades, & essas adoradas mentiras, que vos tem a razãõ sem cor, o juizo sem luz, & a verdade sem figura, para que não ponhais os olhos, adonde pondeis a cegueira. Despejai os vasos de Deos da peçonha de Satanás, para que Deos os possa encher de seus licores suavissimos. Deitai fóra dos coraçãoes os idolos, & entrará Deos; que não sofré os seus apofécos occupados de outro Senhor. Nós vossos cheyos de veneno, que im-

portará deitar triagas, se estas não de cahir fóra, & elle se ha de ficar dentro? Dous contrarios tão grandes, como se podem ajuntar? ou Deos hade reynar nos vossos coraçãoes, ou o demonio. Deitai esse pezo do coração, que o arrasta aos infernos: pezo he do coração, & morte d'alma qualquer peccado mortal, que não aborreceis, ou seja mais, ou menos grave; & hum só para vos tirar a vida dá graça, sobeja; assim como para matar, tanto monta, que vos chegue ao coração a ponta de hum alfinete; como a ponta de huma lança. Acabai de aborreccer tantas vaidades, & mentiras, como atêgora adorastes; & tratai de amar a verdade, que he o mesmo Deos, & cessaráõ as queixas, que contra vós, ò filhos dos homens, & não de Deos, dá o mesmo Senhor: *Filij hominum usquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendaciam?*

(S):(S):(S):(S):(S):(S):(S)
 (S)(S)(S)(S)(S)(S)(S)(S)
 (S)(S)(S)(S)(S)(S)(S)
 (S)(S)(S)(S)(S)
 (S)(S)(S)
 (S)
 (S)

GOLPE XVIII.

*His plagatus sum in domo eorum,
qui diligebant me.*

Zachar. 13. 6.

Quanto sente o Senhor as of-
fensas dos Catholicos; & co-
mo as suas queixas são pa-
ra a nossa emenda.

GEMIDO XVIII.

Que Chagas são estas, meu
Senhor (perguntava Za-
charias a Deos) que vejo
nas vossas mãos ? Estas, respon-
deo elle , são , as que recebi em
casa de meus amigos. As offen-
sas dos amigos, são feridas abert-
tas, feridas mortaes, chagas, que
não tem cura; porque são gol-
pes sem reparo, mal sem reme-
dio, & dôr sem satisfação: co-
meção por onde acabão as of-
fensas dos outros homens; por-
que são treçoens padecidas pri-
meiro, que imaginadas; olhaõ-
se, & não se imaginão; recebẽ-
se, & crem não se sentemse, &
não se cuidão.

Desacostumada pena, & ma-
goa não sofrivel he aquella, que
sem prevenila o susto, cahe so-
bre o alvoroco; porque não só
se padece a dôr, que he condi-
ção da pena, mas dobrado aque-
le tormento, que a razão não
cuidava no gosto, que se preven-
nia: hir colher flores, & achar

aspides; esperar mimos, & achar
venenos; levar pedradas, donde
se esperavão caricias; punhal-
das, donde se achavão abraços,
tanto he mayor dôr do coração,
quanto foy menos a suspeita do
receyo, & quanto mais he novi-
dade da experiencia: he agua,
que cahe no fogo, que não se
abraza sem a queixá do ruido,
& fumo, que se ergue: he luz
de Sol eclipsado, que he mais
nociva em hum só dia, que nos
mais rigores do Estio: he mar,
que nos leva ao fundo, depois
de nos meter no porto: & he
polvora, que nos mina, meten-
dose-nos debaixo dos pès: por
isto se queixava Deos, que na
casa dos seus amigos se lhe ti-
nhão feito as chagas, & não fe-
ridas; porque as feridas curãõ se,
as chagas não se curãõ bem: as
feridas, porque se soldão, se cu-
rãõ; as chagas não se curãõ, por-
que se não soldão: daquellas os
mayores sinaes são hũa reconci-
liação muda das partes dividi-
das, que se tornãõ a ajuntar;
destas, como se não chegaõ a
unir, as fistulas são bocas; os si-
lencios são gritos, & as dores são
razoês: são hũa dôres em abert-
to, que se queixão por tantas
bocas, quantas são as bocas das
chagas; & por isso lhes não cha-
ma o Senhor feridas, mas com
grande propriedade, chagas.

Não se queixa o Senhor da-
quelles, que não conhecem o

seu nome, que vivem em diversa ley, & que em fim são inimigos seus; pois destes, o que se espera, he seguirem, como atégora, o bando da perdição, os exercitos da ignorancia, & os estendartes da cegueira: queixa-se daquelles amigos, que prezando-se de muy Catholicos, pondolhe o joelho no chão, & confessando-o por seu Deos, cada noyte o vendem, cada dia o açoutão, por cada rua o arrastão, & cada passo o crucificação dentro de suas mesmas casas (que casas de Deos são as almas, donde toda a sua delicia he estar com os filhos dos homens): de que nasce, que contra Deos o mesmo demonio se está jactando, de que não foy vendido pelos homens, & elles o buscão mais que a Deos; de que não foy açoutado por amor dos homens, & elles mais que a Deos o servem; de que não foy crucificado pela redempção dos homens, & elles mais, que a Deos o adorão: com que fica muy ufano o demonio, perdidos os homens, & Deos afrontado na casa dos seus amigos: esta he a dôr, estas as chagas, estas as lastimas, & as queixas do Senhor; porque insignias arrastadas pelo desprezo, de quem forão estimação; joyas metidas debayxo dos pés, de quem as punha na cabeça; plantas arrancadas pela mão de quem as dispunha, são injurias,

que avultaõ muito; são espantos, que não podem ser menos; & são agravos, que parecem mais.

Ainda assim, se queixa o Senhor, & do infinito amor, que nos tem, não há mayor final, que esta queixa sua; porque a dôr, que se queixa podendo ser vingança, começa queixa, para acabar de safoço: será impaciencia do agravo, será reprehensão do descuido; mas he desejo de satisfação: & quem quer a satisfação, faz diligencias á desculpa de quem lhe escandalizou a Fé; poemse da parte de quem o offende; não se arma contra o delito; quer, & não aborrece; roga, & não engeita; obriga, & não ameaça: & a razão he; que para huma dôr, que se saborea na queixa, não ha satisfação, que seja defenxabida, todas são gostosas; porq̃ gostosamente abraça o arrependimento de quem peccã; & amorosamente agasalha a reconciliação de quem torna, quem enfina com o queixume, & ainda com o agastamento, o descuido da satisfação. He a queixa hum brádo, que chama, & não escandallo, que afasta: he pedra de cevar, que atrahê, quando he pedrada, que se tira: he anacardi-na de amor, que serve de fazer memoria: he despertador da afecção, que serve de acordar de descuidos: he sainerê de enfra-

Ex cõ-
sidera-
tione
S. Cy-
prian.
tom. 2.
lib. de
oper. &
elec-
mos.
ant fin.

fiados, que serve de abri-lhes a vontade: he carta de seguro do queixoso, que serve de dar confiança: & he mexerico do desejo, que serve de fazer avisos: tão perto, está de ser caricia, logo que começa a ser magoa, que até nas carrancas da ira, he gesto de mayor amor, ou rayva de o não deixarem ser.

Queixa-se o Senhor, podendo se vingar; porque as suas chagas, ainda que as abriu a nossa culpa, & as fistulou a nossa obstinação, tem a dôr, mas não a condição das chagas dos outros homens: não tem a condição, porque se deixão sarar de hũa lisonja enternecida, quanto mais de hũa ancia namorada: de hũa affeição discreta, de hũa tribulação contrita, & de hũa caricia maviosa: tem a dôr, porque lhe doe muito a Deos o pouco, que curamos d'elle; sendo hũa lagrima do nosso arrependimento o seu oleo d'ouro; o jejum, o seu unguento; hum acto de amor, o seu caustico; & hum cilicio a sua atadura. E a sua magoa mais intrinseca, a offesa, de que mais se doe, o mal, de que mais se lastima, o erro, de que mais se sente, he ver, que o deixamos sem cura na noyte de nossa cegueira, & ao ar de nossas vaidades, por lhe não pôr a nossa emenda, o jejum de hum dia, o cilicio de hũa hora, as lagrimas de hum momento, & o

amor de hum ponto: está mostrando-nos as entranhas por cada qual de suas chagas, como gritando ao peccador, que todas saõ misericordia; & por não tela do Senhor, não ha quem queira olhar para ellas.

O mortaes: ó peccadores: o primeiro effeito do peccado he a cegueira, com que vos tira a vista d'alma, para que não possais ver com os olhos o mesmo, que tendes á vista: o segundo he o desatino, com que corre a precipitarvos; porque foy sempre o precipicio filho mais velho da cegueira: o terceiro he o amor proprio, com que perdeis o amor de Deos: o quarto he odio de Deos, com que vos affeiçoaes a aborrecer sua justiça, porque temeis, que vos castigue: se vos convê cegar, por isso não olheis para aquellas chagas, & perdeis em hum abrir de mãos, o que não quizestes ganhar em hũ voltar de olhos: se vos está bem precipitarvos, deixaivos hir por esses riscos, & descobrireis na queda sem remedio, o que não quizestes evitar só com hũa volta de vida: se vos serve o amor proprio, não trateis do arrependimento, & sabereis no castigo, o que grangeastes na culpa: se achais, que he bom ter odio a Deos, não estranheis hir aos infernos; porque haveis de conhecer na morte, o que desprezastes na vida. Olhai pois para as

cha,

chagas q̄ fizestes ao vosso Deos, Senhor, Creador, Redemptor, Pay, & Amigo com vossos peccados, sendo de profissam seus amigos: ouvi, para aproveitar-vos da sua misericordia, as queixas que de vds dà, sendo de sua casa: *His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me.*

G O L P E XIX.

Popule meus, quid feci tibi, aut quid molestus fui tibi? responde mihi. Mich. 6.3.

Continuaõ as queixas, que dà o Senhor das nossas culpas, por serem ingraticos a seus beneficios.

G E M I D O XIX.

POvo meu, que mal te fiz, para que me offendas? em q̄ te molestei, para que me agraves? responde-me. Esta queixa mandou Deos fazer ao seu povo pelo Profeta Michêas, lembrando-lhe juntamente, que o havia livrado da escravidão do Egypto, para que á vista do beneficio fosse mais fina a ingraticão: & esta mesma queixa manda fazer todos os dias pelos seus servos. ao seu povo Christão, de quem o outro foy figura, lembrando-lhe tambem, que pelo mar vermelho do seu sangue, pelos milagres da vara de sua Cruz nos livrou do cativoiro do demonio,

com que a cega gentildade de nossos antigos avós entre seus erros perecia. Se cuidarmos bẽ, no que Deos nos tem feito, para que, como por vingança, o offendamos todas as horas, & o mais de nossa vida; veremos, que tudo quanto temos, excepto o peccar, recebemos de Deos: todos os bens, que ha nesta vida caduca, & o que parece fortuna, ou do que he natureza, ou do que foy graça; & todos, os que considerarmos em nós, ou communs, ou particulares, foram dadas da mão de Deos: veremos, q̄ nos fez de nada, q̄ nos criou, & nos deu vida, nos cõservou, nos adoptou por filhos, q̄ nos redemio de antemão, q̄ nos chamou, não poucas vezes, que nos perdoou outras muitas, que nos sofre todos os dias, & nos espera cada hora; & em fim hum sem conto de beneficios, hum sem numero de misericordias, hum sem cabo de merces, & bens, assim da graça, como da natureza, & fortuna, que cada qual nas regras dá sua experiencia, ou no livro da sua vida poderá ver, soletrear, & ler.

Metidos estavamos todos no profundo abismo do nada, não só ha seis mil annos pouco mais, ou menos, em que o mundo teve principio, mas desde a eternidade, sendo ainda menos, que hũa sombra, que hum ouçãõ, & que hũa argueiro; tirounos Deos

deste não ser nada, que eramos ha poucos annos antes de criarmos, que he o peyor, que pôde ser, para fazernos imagens tuas; & sendo o primeiro solar desta terrena natureza o lodo vil, de que nos fez, nos honrou dándonos hũa alma com as fidalguias de espirito, & fóros de immortalidade, podendonos criar na Libia, ou em outros climas apartados da Fè, & do Bautismo, & mais Sacramétos da sua Igreja Catholica, ou em outras gentes, & naçoens estrangeiras da Ley de Christo, nos trouxe seu eterno amor ao collo das misericordias, criandonos, & sustentando-nos com a nata da Christandade, com o melhor leite da Igreja, & ao bafo de seus beneficios, depois de nos ter escolhidos para filhos seus desde o ventre, regenerados no bautismo, adoptados da sua graça, & allumiados pelas tochas de tantos Doutores sagrados, que nos deixou por luminarias da noyte de nossa ignorancia; nascendo na terra tão pobres, que salimos nũs a este mundo: de todas as mais creaturas, que nelle poz, para servirmos, nos deu o uso, & dominio, para que dellas não ficasse fèra nos campos, ou nos montes, de cuja grosseira librè não pudessemos fazer vestido; não só nisto nos prevenio para a desnudez reparos, mas fazendo que as mais creaturas trabalhas-

sem só para o homem, tratando-o como Senhor seu, não ficasse bicho nos bosques, ave no ar, ou flor na terra, sem que obediente a seus imperios para o vestir de melhor gala, para o coroar com mais pompa, & ornalo de mayor belleza, tambem lhe não offerécesse tudo, o que o bosque lavra de sedas, fazendo-lhe tear das arvores; tudo, o que o ar tremóla em plumas, fazendo guarda-roupa os ventos; tudo o que Abril lhe borda em cores, fazendo battidor dos câpos; abrindolhe tambem a terra mais esteril, & a mais inutil em rios de prata, em poços de ouro, em minas de diamantes; desentranhando-lhe do mar o coral, o ambar, & as perolas, não só enriqueceo o homem, & o fez servir de quanto vive, mas ainda fez, com que lhe fossem feudatarios os elementos muito antes, que a presunção de nossa foberba vaidade suspeitasse dos seus poderes esta servidão das creaturas: encheo o Ceo de Estrellas, o Sol de luzes, o ar de ventos, o mar de peixes, & a terra de frutos, só para servirem ao homem, obrigando-lê a Omnipotencia a conservalas em seu ser só a fim de nos conservar, querendo com estes, & outros extremos de seu amor incõprehensível, que tudo fosse para nós nos honestos usos da vida, & nós sómente para elle pelos fóros da Ley da Graça.

Não

Naõ contente sua bondade infinita com tão supremos benefícios, cada momento nos oferece huma eternidade de glorias, a troco de que não queiramos por outro momento de culpa hũa eterna duraçãõ de penas; & havendo condenado a ellas por toda a eternidade a outros muitos peccadores, que cahirão em menos culpas, que nós-outros, tantas vezes nos tem livrado das escuras chamas do inferno, quantas temos peccado mortalmête no discurso de nossa vida, & cahido nos erros do nosso discurso, no enleio da nossa vontade, trocando o officio da razão, em vangloria do destino: mas passando muito além destas rayas, que pareciaõ *non plus ultra*, com particulares vocaçõens nos chamou, & especialmente pelos ecos de nossas almas nas inspiraçoens interiores: por nossos bens, por nossos males, por castigos, por benefícios, que tudo são vozes de Deos; pois apenas pôde haver alma, das que tem Deos no gremio da Igreja, que alguma hora, ou algum dia, & por muitos dias, & horas não visse, que Deos a chamava pelos brãdos dos Prêgadores, pelos conselhos dos Confessores, pelo exemplo dos reformados, pela vista dos penitentes, pela ligãõ dos livros, & pelos mesmos fastios, que os gostos do appetite humano deixaõ;

quando não pelos gritos mudos, que estão dando por toda a parte tantos portentos, & prodigios, que são nossos accusadores, atê pelas bocas dos mortos, pelas sombras da perdiçãõ, & pelos vultos do castigo. E finalmente o beneficio, que excede todo o encarcimento, que não cabe em nenhuma humana consideraçãõ, que não cabe nos limites de toda a correspondencia, de chegar o mesmo Deos a fazer-se homem, para com huma morte tão afrontosa, & horrenda nos livrar da eterna prizaõ, pagando com o infinito preço de seu Sangue Santissimo as dividas de nossas culpas, que não podião satisfazer todos os cabedaes humanos.

Eis-aqui pois, ó peccador, os males, que Deos te tem feito, & os agravos que tens sentido, não fallando em milhares de outros, que cada qual dentro de sy pudera ver, se bem se olhára: creoute de cousa nenhũa; redemtiote sem merecelho; conserve, ainda em sua offensa; servete, sendo teu Senhor; perdoate, quando offendido; chama-te, quando queixoso; & afagatete, quando aggravado. Responde pois ao teu Senhor, ao teu Deos, Pay, Creador, Redemptor, & Salvador, que te manda, que lhe respondas. Que mal te fez, sete creou? em que e agrava, se te espera? em que

te afflige, se te anima? em que te offende, se te sofre? em que te afronta, se te ama? & ve se tens, que responderlhe, se não somente, que peccaste, que foste ingrato, & fementido, ruim, perverso, & depravado; & que te peza entranhavelmente do gosto, com que o aggravaste; da vangloria, com que o deixaste; & de todo o mal, que fizeste: faze honra de ser agradecido, capricho de não ser mais ingrato, pundonor de ser fiel, fidalguia de não ser treidor, primor de ser constante, & valentia de não tornar a cahir em offensa algũa de teu Deos, de teu bemfeitor, de teu Rey, & de teu Senhor, para que evitando assim as culpas, cessem as suas queixas: *Popule meus, &c.*

G O L P E XX.

Excitete de pulvere, consurge; sede de Jerusalem: solve vincula colli tui captiva filia Sion
Isai. 52. 2.

Da grande piedade com que o Senhor convida com sua graça, ainda as almas dos peccadores mais destragados.

G E M I D O XX.

POr Isaias disse Deos estas palavras á Cidade de Jerusalem, que he figura de nossas al-

mas: & saõ, como se dissera a cada qual das almas Christans: Alma mais dura que essas pedras dos muros de Jerusalem; alma minha, a quem eu criei, não menos, que para esposa minha; sacodete do pó, que te tem cega; mete já debaixo dos pés o pó de tua humanidade; deita de ti tudo o que he terra, & lembrete do Ceo somente; deita de ti tudo o que he carne, & ficate no que he espirito; levantate, que estás cahida de minha graça no lodo, & immundicias de tuas culpas; trata de fazer assento em meu serviço, & de te não apartares de minha vontade; soltate dessas prizoens, com que arrastas escravidaõ tão pezada do cativo do demonio, que se jacta a tua cegueira, de que a têmão por bem prendida: essas cadeas, & colares, com que te adorna o teu delito, & te enfeita a tua vaidade, cadeas saõ, mais do que adorno; colares saõ, & não enfeites, com que intenta o mesmo demonio, quando te ata a liberdade, favorearte a perdiçaõ; parecem joyas do de leite, & saõ insignias do castigo, com que nos triunfos do mundo, te prende ao carro como escrava; pareceteão nós de rosas, mas adverte, que saõ nós cegos.

Esse pó, que te poem nos olhos, parecete venda do amor, & he engano, com que te com-

pra a melhor vista da razão; parece amor, & he invenção, com que até às aras da morte te tãpa os olhos, como a victima; bem quistate assim a cegueira, porque a tudo feches os olhos, & não abras os olhos d'alma, senão dentro na sepultura: se a vida he vento, o homem pó; os vícios laços; morte a culpa; como, sendo guerra esta vida, & hũa continua guerra, & perpetua tentação, queres que o ar da mesma vida te cegue os olhos do discurso com o pó, que levanta a vaidade, para que cahindo nos vícios com que te armão teus contrarios, te colha a morte em os laços, com que te prendem tuas culpas? Se com o barão na garganta te tem deixado tantas vezes a miseria de teus peccados; se parece, q̃ a cada passo, em que o demonio te despenna, pôde a morte apertar o laço, & o castigo tomarte a respiração: como dando tantos nós cegos no mais corredio da vida, não tens ainda hum nó na garganta como o pezar do que peccaste, tendo te posto em tanto aperto os do peccado em que cahiste? Cuidas, que andas muito livre, & muito senhora de ti, todo o tempo de distrahida, & em quanto segues tão solta corrente de teus vícios? pois enganaste; porque só nelles perdeste a tua liberdade: aquellas mesmas correntezas, com que blazonaste de livre,

correntes são, donde te meteste como preza, & como cativa: aquellas mayores solturas; com que correste desenvolta a carreira de teus appetites, são grilhoens, com que a mesma culpa te fopea, & maniata; grilhoens são todos os passos, que deste para o desatino; algemas, todas as acçoens, com que obraste a maldade; & aquellas mayores caricias, com que o vicio te poz ferretes, ferros forão, em que te poz: & são tanto mais poderosas as prizoens da vontade humana, que ás do castigo, ou tyrannia, que não ha quem rompas as primeiras, por mais que espedaceas segundas. Rompeo Samsão por muitas vezes as cordas, nervos, & cadeas, em que o tinham maniatado seus inimigos, como se fossem delgadissimos fios: *Ita rupit vincula, quasi Judic. fila telarum*; & aquelles braços 16.12. robustissimos, a cujas forças se rendeo a grossura das cordas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, perdêrao a força, & virtude nos lascivos braços de Dalila, donde a morte lhe armou o laço: & a razão he; porque não ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne fraca nos ata; he branda a prizaõ, por isso não escandaliza; aperta, & parece, que abraça; magõa, & finge, que lisongea; fere-nos a alma, & parece, que a adoça: he fortissima, sendo

taõ fraca, porq̃ he voluntaria; de que ninguem se quer livrar.

Deixa pois leifes falsos idolos de teus deleites mentirofos; rompe effes ferros, que forcejas nesses teus gostos fementidos: & abata-se já effe pó, que hum pouco de ar tem levantado. Tor-nate a mim filha de Sião; che-gate a mim homem perdido, quãto fores mais peccador; pois quanto fores mais perverso, tan-to me darás mayor gloria, por-que me darás mayor motivo de mostrarte minha bondade em perdoarte, em acolher-te, em amarte, & ainda em servir-te; se verdadeiramente arrependido me buscas: nada do de antes te estremeça, se de presente me amas, & nos futuros me obede-ças, que isto hé somente o que procuro dos coraçõens arrepen-didos, & das almas defengana-das, hum pèzame da culpa, hum parabem da emenda, & hũ sem-pre da perseverança: porque dis-to nasce nas almas hũa peniten-cia até mortè; hum proposito para toda a vida; & hum amor de cada vez mais.

Vem pois, vem homem pec-cador aos braços de Deos teu a-migo: vem, que te rogo com o remedio, quando tu me foges com o dano: vem, que podes obedecer-me, pois te mando, que obedecas: não resistas mais aos auxilios, que te dá o Espirito Santo; porque são estas resisten-

cias, os peccados, que nem ne-sta, nem na outra vida achão perdão. Não te oponhas mais aos imperios de hum Deos, que pó-de castigarte; & porque te ama, te perdoa, se apiada, & te aca-ricia: acaba contigo hũa hora; lembra-te de que te convem vi-ver para que te deu vida, & morrer para quem te dana: vê, que se doe, & se magoa hũ Se-nhor, de quem es feitura; de quanto lhe tens sido ingrato; & te dá, para que o não lejas, os cabedacs mais poderosos da di-vina misericordia: olha, que se está lastimando de ser preciso condenarte, mais porque engei-tas o perdão, que com seu tan-gue te offerece; que por todas as outras culpas, com que ao teu Deos escandalizas.

Troca pois, troca essas cadeas pelo leve jugo, & prizaõ doce de minha ley, & meu amor; & de tua propria ignõminia, de tua mesma escravidão farás co-roas de vitoria, timbres de ven-cimento; & insignias de triunfo. Na ponta da setta, ou no laço, aonde a leva a liberdade, paga a-avezinha enganada a ingratidão de haver fugido a hũa pri-zaõ, q̃ era favor: os caramelos, que o Sol não desfaz com a cari-cia de seus rayos tão mimosa-mente benignos, os brutos o pi-zão, a terra os enxovalha, & a la-ma os corrompe: a lagoa, que se não corre de não correr para o seu

o seu centro, como as outras aguias, naquella descansó torpe, naquella seu sossego inutil, ou apodrece, ou se consume, até que de todo perece. Ardão pois, ardão, & derretãose essas durezas congeladas tão frias; & secas com Deos: tornem, & voẽ essas pennas á hũ Deos, que nelas te deu azas: entornemse pôr esse rosto correndo as lagrimas em fio, porque em fim são confissoens mudas, verdades liquidadas, satisfaçoens claras, & oraçãoens correntes para aplacar á hum Deos irado, quanto mais á hũ Deos amoroso, brando, manso, & enternecido.

Convertete pois, ó Sião: converteivos almas Christãs; & não deixeis de convertervos, por dizerdes, que he tudo nada, o que vos prende neste seculo para vós chegardes a Deos: se hum fio de seda basta para vos prender o demonio, & tervos como maniatados, que differença lhe achais vds em estardes assim por hum fio, ou estardes por huma amarra? cortai de hum golpe esses nõs cegos, que não são os de Gordiano, que hajaõ milter Alexandres: livraivos desses embaraços, pois sabeis, que nos ramos verdes poem os caçadores o visco: se dizeis, que hoje não podeis, estando menos impedidos, como podereis á manhãa, eitando mais embaraçados? Porque hoje podeis, & não quereis,

poderá ser, que á manhãa queirais, & não possais. Acaba já alma cahida delevantarte; rompe já alma escrava por essas prizoens, com que o demonio te arrasta para o inferno: *Excute-re de pulvere, & con-surge; sede ferusidem: solve vincula colli tui captiva a filia Sion.* oimomob os em

G O L P E XXI.

Dixit Dominus: Ex Basin convertam, & convertam in profundũ maris. Psal. 67. 23. Os peccados ou são de fraqueza, ou de ignorancia, ou de obstinaçãõ: os de obstinaçãõ impenitente não tem remedio, em quanto ella dura.

G E M I D O XXI.

DAs torpezas çujas da carne, & dos cegos vicios do mundo converterei os peccadores: disse o Senhor por David. Tãõ benigno he o nosso Deos, que por melhor assegurarnos de qual he a sua misericordia, pela boca dos seus amigos mostra o cuidado, com q̃ acode a esta nossa fragilidade, tão precipitada ao seu mal, não só dos tronos da malicia, mas do berço da natureza, que á redea solta corre cega ao seu mal.

Eu me persuado, que em tres ramos divide a arvore da culpa

Ex Basin, idest de turpitudine vitiatorũ, &c. In profundum maris, idest, in perfectam penitentie amaritudinem. Hug. C. hic

culpa as diferenças da malicia; isto he, em peccados de fragilidade; de ignorancia, & de obstinação. Tres inimigos ha de Deos, a carne, o mundo, & o demonio, a quem pertencem estas culpas; & de quem tomão os sabores: a obstinação os toma ao demonio, a ignorancia ao mundo, a fragilidade à carne. Gera a obstinação impenitencia, a ignorancia, confusão, & a fragilidade, temor: temor de Deos, porque o vê justo; confusão, porque se envergonha; & impenitencia, porque atei-ma: de que nasce, que a fragilidade se converte, porque se converte a carne; a ignorancia tam-bem se reduz, porque tambem se reduz o mundo; & a obstina-ção não se arrepende, porque não se arrepende o demonio: a que se segue, que achando Deos a fragilidade tímida, a ignorancia confusa, & impenitente a obstinação, não converte Deos a obstinação, porque ella não querendo, & resistindo, fogê; converte a fragilidade, porque ella se reduz tremendo; & re-duz a ignorancia, porque se en-vergonha peccando: & quem se peja do mal, que fez, quem tre-me do erro, em que cahio, fa-cilmente acha perdão nas mise-ricordias de Deos; mas quem se não afasta da culpa, quem se ja-cta de que peccou, quem se re-crea, & se glorea nas offensas,

que fez a Deos, sem penitên-cia, & sem pezar de agravar a bondade immensa, de não fazer caso da Ley Divina, & menos do Legislador, não acha em Deos misericordia, & na sua culpa acha a sentença para acabar des-emparedado.

Por ignorante dizia São Pau-lo, que lhe perdoára Deos, ain-da que fora blasfemo, & perse-guidor da Igreja: *Quia ignorans feci*. Por fragil perdoou Deos a David, havendo sido adultero^{1. ad} homicida, & escandaloso; ma^s não perdoou a Caim; porque o achou sempre obstinado: porque como a obstinação se veste das propriedades do demonio pela impenitencia, assim como o de-monio não merece perdão, tam-bem quem da sua libré anda ve-stido, o não alcança: porèm co-mo a fragilidade toma os sabo-res da carne pelo temor, & a ig-norancia se acha com as condi-çoens do mundo pela confusão, achando Deos em David a fra-gilidade com temor, & vendo em Saulo a ignorancia com ver-gonha, ficou o pejo com perdão em São Paulo, & o temor com misericordia em David. Por isso se a fragilidade, perdendo o te-mor de Deos, chegar a ser obsti-nação; se a ignorancia, perden-do ao mundo a vergonha, chegar a ser impenitencia; por quere-m sempre ser carne, os que pudérão ser espirito; por não que-

querêrem mais , que o mundo , os que Deos criou para o Cœo , virteirão a fazer demonios , assim como succedeo aos q̄ forão Anjos , por fazerem jactancia da teima , & vangloria da concumacia : & como pela circumstancia da pertinacia , com que dura , & resiste a Deos toda a vaidade da ignorancia , & o engano da fragilidade , huma , & outra multa de especie , & ficão sendo obstinaçãõ ; assim como Deos com o demonio não usa de misericordia , assim a não usa tambem com aquella ignorancia vã , que se obstinou na contumacia ; nem com aquelle gosto fragil , que se amarrou na impenitencia .

O' mortaes , que andais tão cegos pelas ignorancias do mūdo , cujos bens são pura vaidade : peccadores , que estais tão prezos nos brandos vinculos da carne , cujo gosto he momento breve ; se tendes temor de Deos , & se tendes pejo , ou pezar , de que sempre vos veja o mundo desaforados contra Deos , de q̄ sempre vos ache Deos espedicados pelo mundo , parai , & reparaí hum pouco : vereis , que Deos vos diz agora , que vos quer converter a sy , & que se quer tornar a vds : elle vos comete hoje as pazes , podendovos fazer a guerra a ferro , & fogo , a fogo , & sangue : elle vos offerece os partidos , & vos roga com o concerto , tendo

justiça contra vds , & sendo juiz da sua causa : tudo isto são justificaçoens , para depois vos condenar se lhe engeitais o concerto , & se lhe desprezais a paz : ouvi a Deos , temei a Deos , confessalhe já vossa culpa , & pedilhe misericordia : não vos tenhais mais tẽpo firmes nessa tão dura rebeldia , com q̄ sois para o mesmo Deos muito peyores , que o demonio ; pois se elle se opoem a Deos , & procura as suas offensas ; he açoutado , & castigado , & já posto no fogo eterno pela justa ira de Deos ; mas vds estais injuriando-o , aborrecendo-o , & desprezando-o ao passo , que o mesmo Senhor vos faz mimos , & beneficios . Deu-vos vida , & quereis com ella , quanto em vds he , tirarlhe a vida : Deu-vos tempo , & quereis com elle , quanto em vds he , negarlhe o tempo , & perdelo huma eternidade ? Rigorosa cousa seria darvos hum amigo para vossa defesa a espada , & meterlha pelo coraçãõ : cousa cruel pareceria darvos ouro esse mesmo amigo , para vossas necessidades , & fazeres vds delle ballas , com que lhe tirasseis a vida : infofriavel cousa seria pôr a vida por vossa honra , quando vos fosse necessario , & tirarlhe vds a honra todas as vezes , que podesseis : porẽm cousa mais infofriavel , mais cruel , & mais rigorosa fôra terdes disso vangloria , gabar-

vos desta bizarria, & não terdes nunca pezar de cousa tão labominavel, & tão odiosa á natureza. Se pois isto, com hum amigo da vossa esfera, com hum homem da vossa classe fora tão digno de castigo, & de que não ouvesse no mundo quem vos não procurasse a morte por termos tão aleivosos, por procedimentos tão bayxos, infames, & fementidos dignamente merecida; que seria, sendo contra Deos, cujas distancias, delle á vós, nenhum entendimento ás mede, só as suspeita a maravilha; só a Fé as respeita, & só elle as sabe? Pejai vos pois, & envergonhai vos da vida, que destes ao mundo, podendo empregala no Ceo; do tempo, que destes á carne; podendo aproveitar no espirito; da alma, que destes ao demonio, podendo-a restituir a Deos. Se fostes ignorantes do mundo, fazei vos avisados do Ceo; & se fostes na carne fracos, fazei vos robustos no espirito; se obstinados, como o demonio; sede já como David contritos; se perseguidores de Christo, como Saulo, sede já na conversão humesados Paulos; pois vedes, que tendes tempo, & que muy cedo o não tereis: se ouvindo os avisos de Deos, deixardes a vossa ignorancia, darvosha o Ceo pelo mundo; se guardando seus mandamentos, esforçardes vossa fraqueza, darvosha pela carne

o espirito; se abominado a obstrução vos deitardes logo a seus pés, & não tornardes mais atraz, ainda que no caminho tropeceis muitas vezes, darvosha pelo inferno a gloria, convertendovos a melhor vida em satisfação de sua divina palavra: *Dixit Dominus: Ex Babilon convertam, &c.*

G O L P E XXII.

Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserebitur ejus, & ad Deum confitebitur: quoniam multus est ad ignoscendum. Isai. 55.7.

Como há de ser a conversão do peccador a Deos, para ser verdadeira.

G E M I D O XXII.

Assim como da inconsideação, com que os peccadores vivem submergidos em seus vicios, entregues ao demonio, & apartados de Deos, nasce a sua perdição: assim tambem da consideração lhes resulta o remedio. Considerou David nos caminhos da culpa, por donde a inconsideação a passo largo o guiava ao eterno precipicio, & logo achou o remedio na emenda de sua vida pelos passos do arrependimento: *Cogitavi vias meas.*

Et converti pedes meos in testimonia tua. A consideração dos bons, & dos máos caminhos nos fazê converter a Deos; os máos nos ensinão o que havemos de temer, os bons, o que havemos de seguir: nas mesmas viboras, a cujos venenos fugimos, buscamos as triagas, porque se achão tambem entre os seus danos os remedios: assim podemos aprender dos caminhos da perdição o mal, & o bem, q̄ tem comigo: o mal, se se seguem, o bem, se se deixaõ: por isso nos diz Isaiás, que deixemos o mal, & viramos para o bem; porque não basta deixar o mundo, a carne, & o demonio, com suas vaidades, caricias, & enganos, se não viramos para Deos: deixar os vicios, & não pôr logo os olhos em Deos, virando para elle o coração, ainda he parar nos vicios: querer tambem virar para Deos, sem deixar de todo atrás das costas as culpas, he olhar a Deos muy torcido, & não com os olhos direitos: por esta causa, em saber deixar, & em saber virar está tudo; em virar de todo, & em deixar de todo. Quatro coufas se hão de deixar, & quatro se hão de virar; & basta que de todo se virem, para que de todo se deixem: máos pensamentos, máos intenções, máos obras, & vangloria dellas; que he de tudo isto o peyor, conforme diz São

Hier. Jeronymo: *Primum peccatum est,*

cogitasse mala, quae sunt: secundum, cogitationibus perversis, acquiescere: tertium, quod mente decreveris; opere complere: quartum, post peccatum non agere penitentiam, & in suo sibi complacere delicto. Destas quatro sortes de peccados, as primeiras tres perdoa Deos facilmente, se se lhe ajuntá a penitencia, & pezar; mas a quem acrescenta o quarto aborrece Deos de maneira, que o não podem sofrer os olhos da Divina misericordia, antes se lhe aparta, & se lhe vira a clemencia, do mesmo Deos.

Figura disto temos nos Cantares, dõnde o Senhor mandava á alma, de quem a Esposa era figura, q̄ quatro vezes se virasse, para q̄ elle lhe puzesse os olhos: *Revertere, revertere, &c.* Chama valhe o Senhor, Sulamitis, que quer dizer, como declara São Boaventura, alma miseravel captiva da culpa: *Sulamitis, idest, anima misera;* porque não costuma Deos por lhe os olhos de sua Divina clemencia, se quatro vezes se não vira, como acima fica notado; & o adverte o mesmo Santo: *Quater dicit revertere, propter illa quatuor predicta.* He este quarto peccado, aquella quarta maldade de Sydonia, Tyro, & Damasco por tantas vezes repetida nos gemidos deste Tratado; & esta culpa, como já disse, não teve, nem terá perdão das benignidades de Deos

tom. 5.
in
Amos
I. V.
tenen-
tem
scip-
truna.]

Cant.
6. 12.
S. Bon.
tom.
6. Dic-
ta Sul-
tit. I.
c. I. ad
fin.

por todas as classes dos tempos, & duração da eternidade, por fundar-te na impenitencia, q̄ he contra Deos odio perverso, a q̄ o Senhor tem averião infinita; & este odio impenitente nenhuma outra cousa he, mais, que hum não pezar-nos da malda de apartandonos della; porquẽ pezar, & não apartar, parece pezar, & he mentira; pois, como diz Santo Agostinho, quem he verdadeiro penitente, não torna a fazer aquillo, que lhe peza haver feito, & se o faz, não lhe pezou, nem he penitente: *Si pœnitet, chr̄ facis, quod male fecisti: si adhuc facis, non es pœnitens.* Por isso convem deixar os vicios, & voltar para Deos de todo: deixar o mundo, a carne, & o demonio, não he irsvos para os desertos, nem metervos em huma cova, nem fazer grandes penitências; ainda que isto tudo com prudencia he o melhor para voltar de todo a Deos, & deixar o mudo de todo; mas basta deixar aquelles seus enganos, seus deleites, & quaesquer obras, que sejaõ contra a Ley de Deos, contra o seu amor, ou do proximo; & em deixando estes mãos caminhos, convem olhardes para Deos, voltando para os desejos, obras, palavras, & pensamentos; isto he, se cuidaveis nas cousas do mundo, em fazer a vontade à carne, em servir ao demonio, se nisso fallaveis, se nisso trabalha-

veis, cuidai em Deos, fallai em Deos, & fazei alguma cousa pelo amor de Deos: nos melmos estados, que tendes, podereis todos fazer isto, se vos quizerdes dar a Deos, & não ao mudo, carne, & demonio; pois nem a todos he possível mudarem-se de seus estados: tirar do peccado; he o que importa; mudar de vida, o que convem; variar de objecto, o q̄ basta; & perseverar na emenda, o necessario: se quereis muito ás creaturas, quereis muito ao vosso Creador; gostaveis de fallar com ellas, gostai de fallar cõ Deos; erão ellas o vosso cuidado, seja o vosso cuidado Deos, & tudo o mais vosso descuido; & melhor cuidado tereis, para que na vida, & na morte o tenha Deos de vds tambem.

Se a culpa toda consistio, em não fazer o que Deos quer, seja toda a vossa penitência, o fazer o que elle quer; pezevos de have-lo offendido, não pelas penas merecidas; mas por haver a Deos aggravado; perseverai na emenda, & não façais mais penitencia: isto he o primeiro deixar, isto o primeiro converter: converter a Deos, he desfandar pela emenda os passos, que se derão peccando: he desfazer o malfeito tudo quanto he possível, dando a Deos, & ao proximo a satisfação por donde se lhe fez a offensa: peccarão os olhos vendo o q̄

naõ convinha; fação elles a penitencia, vendo só o que convem: peccãraõ os ouvidos, ouvindo, o que não era justo; fação elles a penitencia, ouvindo só o que he justo: peccou o gofto, ufando do prohibido; fação elle a penitencia, mortificando o feu appetite; & affim os mais fentidos, & potencias, como ensina Saõ Bernardo: Naõ satisfaz o mal, que fez com seus passos a maldade, quem com os da emenda não apaga os vestigios, que deixãraõ tão ruins passos: por isso o Profeta Isaiãas não aconsellia outro caminho a quẽ se quer tornar a Deos, mais quẽ deixar o que leva, & voltar para o que deixou: deixou se a Deos, torne se a Deos, pois não ensinar outra via, & dizer, que se torne a Deos, que outra cousa he, senão mandarnos deixar os passos da culpa pela volta da emenda? Não quer Deos, que haja outro caminho para quem foy peccador; quer fõmente, q̃ a penitencia, virandose para a razão, apague o rasto escandaloso do máo exemplo, & da má vida; quer, que as estradas do peccado sejão penitente, a quem olháraõ peccador; por isso lhe manda, que deixe, por isso lhe ordena, que vire: *Derelinquat: revertatur.* Os peccadores não buscaõ a Deos como os justos; os justos vão para diante, os peccadores para trás: os peccadores, como lhes

fica Deos atrás, porque lhes deiraõ as costas, atrás he necessario que tornem a buscar o que deixãraõ; os justos, como o tem diante, adiantẽ caminhão sempre: tem os justos diante a Deos, porque o trazem diante dos olhos; fica Deos atrás dos peccadores, affim porque não olhaõ para elle, como porque anda atrás delles, & elles lhe andão fugindo: esta he a razão, porque Santo Thomás, & os Theologos diffinindo a graça, & a culpa, dizem, que a culpa he hum virarnos para as creaturas, & dar as costas a Deos; & a graça, virar para Deos, & darmos as costas ás creaturas; porque converter, he virar, & virar he dar as costas para quem tinhamos os olhos. Eis-aqui porque a Espõsa Santa encarecia nos Cantares, para dizer, que amava a Deos, & quãto Deos a amava a ella; que andava para Deos virada, & Deos virado para ella: *Ego dilecto meo; & ad me conversio eius.* E eis-aqui porquẽ todo o bê, & mal de hũa alma está em hũ virar bê; se o justo se vira, perde se: se o peccador dá volta, ganhã se.

São as almas como espelhos; se os pomos para as cousas da terra, ficaõ lhes as imagens da terra; se os viramos para o Ceo, imprimemselhe as figuras do Ceo: tão capazes são nossas almas de imprimir selhes o bem, & o mal, que está a nossa salva-

S. Tho.
I. 2. q.
87.
art. 4.
in cõcl.

Bern
tom.
1. Ser.
3. de
Qua-
drag.
in fine

Isai.
lup.

ção, ou a nossa condenação em
hã virar de mãos, & em hã vol-
tar de olhos: se puzermos os o-
lhos em Deos; virando para o
Ceo os olhos, daremos as co-
stas ao mundo; & se nos virar-
mos para o mundo, & puzer-
mos na terra os olhos, daremos
as costas a Deos. Que mayor
dôr, que mayor lastima pôde,
pois, haver neste mundo, que sa-
ber, que anda o mesmo Deos ha
tanto atrás de nós, sem haver
quem lhe ponha os olhos, nem
viré o coração para elle? tão vi-
rado anda para o mundo, tão
torcido para a vaidade, & tão
avesso para Deos, como se o não
ouvera; & só no mudo confi-
stira toda a nossa beniaventu-
rança: recreouse Deos em crear-
nos, estale revendo em nos ver,
& nós revendonos no vicio, &
recreandonos na culpa, não nos
doemos, nem sentimos de lhe
fazer isto na cara, pondolhe no
rosto esta injuria, sabendo que a
cara de Deos he sua altissima
presença, que em toda a parte
está. O peccadores: ô mortaes:
fez-nos Deos seus espelhos para
ver nelles sua imagem; fez-nos
taes, para que em nossas almas,
como em espelhos reluzentes,
resplandecesse a imagem de seu
Unigenito Filho; & sendo o fim
da nossa criação, & a mayor dig-
nidade nossa imitarmos a Jesu
Christo, conformandonos com
suas obras, quanto se conforma

o espelho com aquillo, que tem
diante, tanto ás avessas o faze-
mos, que lhe damos em rosto
com as costas do espelho. Que
cegueira, pois, ha mayor, que
perder huma alma ao seu Deos
naõ só o amor, mas o respeito? &
com modo tão defatinado, co-
mo se Deos não fora Deos; ou
como se fora algum negro, ou
algum idolo fantastico, que nem
olhára, nem ouvira, nem sou-
bera, nem conhecera? Sabe-
mos da erva gigante, que por
ter afeição ao Sol, q he segun-
do creador seu, segue o Sol para
toda a parte para donde virão
seus rayos: só as almas Christãs
naõ virão; tão grande amor tem
ao seu mal, & tão grande odio a
seu Deos, que o não podem já
ver dos olhos: porque se veja,
que hã erva tem mais amor a
hã creatura, sem ter amor,
nem razão, do que hã alma tem
a seu Deos, tendo razão, & ten-
do amor. Eis-aqui porque estão
riscadas, afeadas, & escureci-
das com os borroens de Satanás
as imagens do mesmo Deos. Eis-
aqui, porque está cego o espelho
de cada qual de vossas almas. Eis-
aqui, porque o espelho do en-
tendimento, que nos havia de
dar luz, anda sem luz da ver-
dade, sem o lume do amor de
Deos, se a clareza da virtude, ce-
go cõ o baso da mentira, & que-
brado com o mesmo Deos. E se
he força, que em nós outros an-
de

Gloss.
ord.
sup.
Ezech.
8. v. Et
ecce
omnis
simili-
tudo
rept.

de, ou a imagem de Deos, ou a figura do demonio: *Nullus homo est, qui aliquam non habeat imaginem, aut sanctitatis, aut peccati*; viremos para Deos as almas, & demonos já por achados de quanto nos vemos perdidos; demonos a Deos por sabidos; de quanto nos tem soporado; & deixando as vias confusas de nossa errada presumpção, viremos para Deos o espelho, para que vendose nelle o Senhor, nelle o vejamos também; & para que em todos respandeação as obras de sua bondade, sem que nos turbem, & escureção aquelles tão medonhos vultos, & aquellas tão deffuntas sombras da fea imagem da culpa: *Derelinquat impius, &c.*

G O L P E XXIII.

Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis. Ex Ep. B. Jacob. 4. 8.

Do modo, & brevidade com que o peccador convertido ha de chegar-se a Deos.

G E M I D O XXIII.

Pouco importa alimpar o campo das espinhas, se se lhe não meter o arado, & semear, para que dê fructo: deixar peccados, & exercitar virtudes, he arrancar

espinhas, mas não lavrar, nem semear a terra; de q̄ vem a succeder, que pelo discurso do tempo o mato cresce, & as espinhas tornão: por isso dizia David, que não só nos apartassemos do mal, mas q̄ seguíssemos o bem: *Direrte à malo, & fac bonum: inquire pacem, &c.* E a razão dá São Gregorio; porque muito mayor cousa he fazer bem, que não fazer mal: *Minus est mala non agere, nisi etiam quisque studeat & bonis operibus insudare.* Dous actos se achão na vontade, hũ de amor, outro de odio: hum, com que seguimos o que amamos, & outro, com que fugimos do que aborreçemos; porque pelo acto de amor se inclina a vontade ao seu bem, & pelo acto do odio se afasta do seu mal: afastar-se ha do mal do mundo, quem lhe começa a ver odio; mas não se chegará muito a Deos, quem depois de ter odio ao mundo, não proseguir o amor de Deos: cansar-se ha mais no acto menos bom da vontade, que he o não querer; & medrará menos no seu melhor exercicio de querer, que são os actos do amor; & se amar a Deos, seguindo-o, & imitando a vida de Christo, pouco mais de nada aproveita deixar os enganos do mundo. Aquillo ainda nos desviamos de Deos, que podendo, não nos chegamos mais: por isso o chegar mais

Psal.
33. 15.

Greg.
tom. 2.
hom.
13. in
Evang.
in
princ.

a elle, não só he deixar mais o mundo, mas tambem aquelles desvios, que tem a nossa froxidão, de que pôde logo nascer esta preguiça da vontade. Entre estes dous extremos de chegarmonos a Deos, ou chegarmonos ao demônio, não ha meyo algum; he dia, & noyte sem crepulos: ou logo depois do Sol posto cahe a noite negra da culpa, sem aquella parda confusão, que he guerra de sombras, & luzes; ou logo, que as estrellas cahem, quando a noyte escura agoniza, amanece o dia da graça, sem esfoutras alegres duvidas, com que a madrugada começa: entre a culpa, & a graça não ha meyo algum: como setta, que ou sobe, ou baixa; ou subimos no amor de Deos, ou cahimos do seu favor: ser froxo, & ser sempre tibio he o peyor de tudo, entre tudo o que ha bom, & máo; como reprehendia o Senhor ao Anjo de Laodicèa, dizendolhe, que viria a vomitalo de sy, por ser tibio, & não frio, ou quente: *Quia tepidus es, nec calidus, incipiam te vomere ex ore meo.* O que se vomita, já está dentro de nds, & nem por isso se logra: muito melhor fora ao tibio, froxo, & preguiçoso não estar dentro de Deos, porque de dentro o lançará fóra; & assim como, o que hũa vez se vomita, não se torna a comer, não se pôde mais tragar, faz asco, & não se pôde

levar para baixo; assim succede ao morno; ao tibio com o Senhor, que depois de vomitado, não o pôde gostar, nem tragar mais. Pessima cousa he a tibieza, que a não coze, nem consente o estomago do Senhor: & assim conheçamos, que nem por estarmos dentro de Deos, nos havemos de confiar, & deitar a dormir; he necessario obrar bem com fervor para poder persistir. Detro de Deos está o Christão, q̄ vive no seculo, porque toda a Christandade he corpo mystico de Christo: mais dentro está o Ecclesiastico, porque a Igreja já he casa propria de Deos: & mais dentro o Religioso, porque a Religião he o coração de Deos; mas porque nem o Religioso, nem o Ecclesiastico, nem o Christão se confiem nisto para se descuidarem, lhes diz o Senhor na pessoa do Anjo de Laodicèa, que muito melhor lhes fóra não estarem dentro, se estão mornos, & tibios. São estes tibios hũa indifferença do possivel, que pudéra ser muito, se deixára de ser o que he; & he nada do que viera a ser, se chegára a ser o que pôde: a razão he; porque a agua fria, se a poem ao fogo, ferve; a braza viva, se lhe deitão agua, apaga-se; mas o q̄ sempre he morno, & tibio, nem cresce, nem diminue, porque em hũa inutil neutralidade nem quer ser bom, nem quer ser máo;

& por isso fica senuo nada, assim porque entre o bem, & o mal nada ha de permeyo; como, porque para nada presta; não se resolve a ser cousa algũa; & entre os confins do bem, & mal, se fica, sem aproveitar, nem para mal; nem para bem: donde disse Santo Agostinho, que quem se aparta do mal, & não faz boas obras, he transgressor da ley de Deos: *Si à malo recesseris, & non feceris bonum, transgressor es legis;* & para que escape, como tal, da eterna condemnação, o reprehende o Senhor, porque só a quem ama, diz elle, que reprehende, & castiga: *Ego quos amo, arguo, & castigo.* Homens, que em toda a sua vida não sentirão o açoute de Deos nas desgraças, nas contradições, nos males, ou gostos do mundo: homens, a quem as Estrellas servem de focinhos; a quem os fados poem o Joelho no chão, a quem os destinos não dão hum dissabor, a quem as fortunas trazem nas palmas, sem nunca lhes dar hũ disgosto; hũa reprehensão, hũa pena, hum infortunio, hum defengano; oh que máo final de salvação! Aos enfermos, de quem os Medicos ja desabrem mão, porque defconfião delles, deixaõlhes comer tudo, o que querem: assim aos que se hão de condenar, por não quererem ter remedio, nem penitencia, nem emenda, deixa-os Deos faltar de peccados, & de

seus gostos, & deleites para maior condemnação.

Chegãose a Deos os homens pelos males, que lhes acontecem, mais vezes, que pelos bens humanos; de spertalhes a necessidade, a desgraça, & contradição, aquelle sono carregado, em que os adormece, & embebe a vaidade deste mundo: só os q̄ padecem no mundo, tẽ a divida do Senhor, & o final dos bẽaventurados: saõ azas as perseguições, as molestias, & adversidades, com que o corpo se molesta, & o coração se afflige, para que o espirito voe: multiplicáraõse aos justos as tribulações, & depois se apressáraõ, dizia David: *Multiplicatae sunt infirmitates eorum: postea acceleraverunt.* A joya, que com mais primor, & mayor perfeição sahe das mãos do artifice, he a que mais vezes no fogo, no martelo, & mais instrumentos, que a tratão rigorosamente, padece as varias experiencias, que a diminuem, espedação, para que mais a aperfeioem, mais a lustrem, & mais esmerem, & então está perfeita, quando está acabada: com ser ouro a sua matéria; o menos que fica ao parecer, he o ouro; cobriese este dos esmaltes, & daquellas pedras preciosas, que nelle engasta o artificio, com que fica Estrella por arte, o que por essencia da natureza he terra melior corada: assim tam-

Psal. 15. 4.

Bem, aquellas almas, que Deos chega á perfeição, por estes rigores caminhaõ; mas quem se não deixa lavar do Artifice soberano, não quer ser provado no fogo, não consente dobrar-se ao martelo, nem diminuir-se, & apurar-se nos outros instrumentos, que lhe dão tormento, & angustia, impossivel he, que aproveite, ainda que seja ouro, pois não dá lugar a que assentem nelle bem as preciosas pedras das virtudes, o esmalte, a fôrma, & figura, com que ha de perder o ser próprio, quem quer ser joya de Deos.

O mais excellente dom, com que Deos honra, & enriquece os seus mayores amigos, he a Cruz, & tribulação, porque por ella mais depressa se faz escada para o Ceo, & se sabe do pó da terra, como ensinou o mesmo Christo por nosso amor crucificado: este he o apressar, este o chegar a Deos. Não se gloriava São Paulo de haver subido ao terceiro Ceo; gloriava-se na Cruz de Christo, donde nasce a fonte da graça entre mil mares de amargura: necessario he por esta razão, & por todas, que padecendo chegemos aquillo, de que nos apartamos gozando. Assim como se Deos vira para nós, em nos virando para elle, assim para nós se chega; quanto para elle nos chegamos: *Convertimini ad me, ait Dominus exercituum, &*

converter ad vos. A vela se senão chega ao fogo, não pôde luzir, nem arder; ahi se está dura por remissão, sendo branda por natureza. A ave, que importa ter azas, se não tiver pennas com que voe? & que lhe importará ter pennas, se com ellas se não mover? Quem ha no mundo, que podendo ter nos braços o q. deseja, lhe falle de longe? Como pois se não aggravará Deos, não tendo mãos pètos, de que nos dêva mayor cuidado, & mayor esmorecimento este amor das cousas caducas, que o das eternas, & celestes? O amor de Deos, & o nosso, ambos estão em hum andar; não he necessario subir outros degraos para chegar ao seu amor, que terlhe muito amor a Deos: por isso dizia S. Bernardo, q. quem quizesse saber o amor, que Deos lhe tinha, olhasse em sy o amor que tinha a Deos, & que quanto este fosse mayor, mayor seria aquelle: *São Anima scilicet, ex eo quod se diligere, & vehementer diligere sentit, etiam diligi nihilominus vehementer non ambigit*; não porque podemos igualar aquelle infinito amor de Deos, que he sem algum limite; mas porque, a nosso modo de dizer, não fazemos por Deos fineza, que elle logo por nós não faça: conforme nelle se derramão as labaredas do nosso amor, assim os incendios do seu se ateão por nossas entranhas.

Ad Ga.
lat. 6.
14.

Zach.
1. 3.

me, ait Dominus exercituum, &

Bern.
tom.
1. Scr.
69.
sup.
Cant.
ad fin.

Pfalm. 33. 6. nhas. Esta era a razaõ, porque dizia David, que nos chegassimos a Deos, para que nos allumiasse: *Accedite ad eum, & illuminamini*; pois era certo, que com elle se nos acendesse o coração, & ardessemos dentro de nós, ou dentro no mesmo Deos, a quem temos no centro d'alma.

Convem pois fechar a porta ao mundo; entrar, & chegar para dentro, porque dentro de nós está o Reyno dos Ceos: *Regnum Dei intra vos est*. Imperios, & Monarquias, que não caducão, nem se acabão, á maneira do corpo físico, se achão em hũ só passo, que para os bons he de Rey, & para os máos, de riso: todo os passos, que isto custa, dentro de nós mesmos se dão, caminhando pelo entendimento, & torcendo pela vontade; se ella não quer, & elle tem forças, leve-se a rastos a vontade a ver o que diz a memoria das perfeiçoens, & amor, & de seus grandes beneficios: peitê esta o entendimento, para que converta a vontade; indigalhe por quem se perdeu, gabelhe a Deos, fallelle em Deos, para que delly se affeioe, pois não tem a vontade humana outro nenhum casamenteiro, mais que este nosso entendimento: não ande o discurso vadio, nem vagabunda a discriçaõ; não seja praça para hum cego todo esse imperio do alvedrio; não se queixe a

misericordia, de que nos deu em vão a graça; não se irrite mais a justiça; de que com a perdaõ cresceu a culpa: põem se a razão dos homens anda tão ociola, que nada faz; tão aleijada, que não dá hum passo, tão tonta, que não enxerga a luz, com que Deos a allumia, tanto sem prestimo, que não quer abrir a vontade aos fastios d'alma, & do espirito, que muito he, que a nossa vontade esteja com huma mão sobre outra, preza na sua froxidão, atada no seu embaraço, & morta á falta de hum aviso: De nenhũa outra cousa nascem estas preguiças da vontade; senão de não cuidarmos muito no que haviamos de querer muito, desejar mais, & buscar sempre, que he nosso Deos, nosso Creator, & todo nosso bem.

O mortaes: como se ha de aquentar ao fogo, quem se não chega a elle? Como hade chegar á India, quem para lá não parte? Com a nao, que no porto está surta, quem faz a Boa viagem sem largar ás velas ao vento? Com a setta, que está na aljava, quem dirá, que fez bom tiro, sem a pôr no arco primeiro? Como poderá matar a sede com estar perto da fonte, quem não chega a beber nella? Como pde estar verde, & dar fruto a vara, que está cortada da vide? Fogo he o amor de Deos, se a

elle não chegamos, como havemos de aquecer? Nossa India he o Ceo; & como chegaremos lá, se nós não pomos a caminho? Vento favoravel he cada inspiração do Espirito Santo; & que nos importará este, se estivermos sobre as amarras, & o não recebermos nas velas, que são as disposições da vontade? Setta he o nosso amor; & que tiro fará este a Deos, se o não puzermos na Cruz, que he o arco, com que se tira do mundo, o que poem no Ceo a mira? Vide he Christo Senhor nosso, & nós varas desta. Vide *Ego sum vitis, vos palmites*, &c. como poderemos ter vida da graça, & dar frutos de boas obras, estando divididos de Christo? Os amigos de Deos hão se com elle, como as varas com a vide: as varas da vide não dão fruto, nem crescem, senão atrahem a sy o humor, & suco da sepa: os justos não fazem boas obras, se da graça de Deos não atrahem a sy o amor, & as virtudes, que Deos lhes communica, de que procedem as boas obras aceitas a Deos, porque nasceraõ de Deos, donde todo o bem procede. Para esta virtude de atrahir he necessario não só chegar muito, mas unir de todo: para chegar perto de Deos, basta deixar o mundo com seus vicios, & vaidades; mas para unir com elle, he preciso deixarmos a nós mesmos em hua perfeita nega-

ção de todas as nossas vontades, que são o nosso interdito, & o nosso impedimento. Todos, ou sejamos bons ou maõs, somos varas desta vide da vida: varas, q̄ florescem, & dão frutos, são os bons, que a ella estão unidos; os maõs, varas são cortadas, q̄ se secão na obstinação por cortadas; & apartadas do tronco, que não servem mais, que para o fogo do inferno, como diz o mes-

Joan.
prox.

mo Senhor. Tem o fogo calor; tem a neve frieza; mas para que a lenha arda, ou a mão se esfrie, he condição necessaria, o chegar a elles; sem a qual, nem a neve esfria, nem queima o fogo, por vizinhos, que estejão: sem os meyoos, conforme a razão natural, ninguem pôde chegar aos fins: fim do homem he Deos, que para sy nos creou; & o amor de Deos he o meyo de poder chegar a este fim, & os mais, que a Fè, & as Escrituras nos aconselhão, & nos mandaõ: se pois os desprezamos, como chegaremos sem meyoos ao fim? Querer pela estrada do inferno fazer o caminho, & jornada do Ceo, he nova culpa da malicia, q̄ intenta por todas as vias introduzir o desatino, & authorizar o nosso engano: se parece aspera a subida, que nos leva ao monte da gloria, não nos pareça rambem aspero o descer daqui para os infernos: escadas são as

crea-

Joan.
15.5.

creaturas para subir ao Creador, & escadas também são para descer aos abismos; nestes viremos a parar, se pondo-as na nossa cabeça, nos formos afastando de Deos, porque por escadas, que os pés não pizão, ninguém lobe; & a Deos tanto mais nos chegaremos, & nos subiremos mais alto, quantas mais forem as creaturas, que me termos debaixo dos pés; porque ainda dos mesmos vícios, & peccados, diz Santo Agostinho, fazemos escada para a Deos subir, quando debaixo dos pés os metemos: *De vitijs nostris scalam nobis facimus, si vicia ipsa calcamus.*

Aug.
tom.
10.
Serm.
176.
de tēp.
in fin.

Cheguemonos pois, ó mortaes, cheguemonos mais a Deos. Resoluçoens com detenças são vistas com embargos, são finezas com interdito, são tençoens excommungadas, que não chegão a sagrado: são acçoens, que não se poem em juizo, appellaçoens sem dia de apparecer, & que se não podem seguir, porque se deitirão de parte: he em fim tocar a malicia com os enfeites da desculpa; mas he afeiar a razão com o toucado da maldade, & descompor o defengano com as feiçoens do mau costume: *Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis.*

GOLPE XXIV.

Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles: sed quae stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes: & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia: & ignobilia mundi, & contempribilia elegit Deus, & ea quae non sunt, ut ea quae sunt destrueret: ut non gloriatur omnis caro in conspectu ejus. I. ad Corinth. 1. 26.

Como se hão de vencer os tres inimigos d'alma com o ter, com o saber, com o poder, que são as armas com q̄ nos fazem guerra.

GEMIDO XXIV.

CHamanos Deos, chamanos o mundo, a carne, & o demonio; o demonio com as artes do mundo, o mundo com o poder do demonio, a carne com as nobrezas do seculo; & Deos com o desprezo de tudo isto: se fazeis por serdes mais nobres, ides donde a carne vos chama; se fazeis por serdes mais poderosos, ides ao chamado do mundo; se vos cansais naquellas artes, donde nada de Deos se aprende, & meno se ensina de Deos,

Deos, seguis o bando do demonio; & se nada disto seguís, ides por onde Deos vos chama. Veja agora cada hum na sua vida, no seu estado, & no seu caminho, que caminho leva, q̄ estado tem, q̄ vida procura, & logo saberà se faz, o q̄ Deos lhe mãda, se o que o mudo quer, se o q̄ a carne busca, se o q̄ o demonio pertende: se faz o q̄ lhe manda Deos, bẽ encaminhado vay; se o q̄ quer o mudo, muito se aparta de Deos; se o que busca a carne, muito se chega ao demonio; se o que o demonio pertende, direito vay para os infernos: não se pòde isto duvidar, pois sabem todos, que o mundo, a carne, & o demonio, não só são inimigos d' alma, mas tambem do mesmo Deos: se pois vos meteis na cama com vossos inimigos, que esperais, que vos aconteça? Se não vos pondeis contra Deos, mas sêrvís a seus inimigos, que premio de Deos esperais? Oh lastima grande! oh cegueira mayor! oh pertinacia indeclaravel! que esteja vendo hum peccador, que a carne o prende; que o mudo o engana, que o demonio o leva, & no mesmo tempo por sua livre vôtade se meta na prisão, fuja ao desengano, & busque o precipicio! Já se ouvera algum homem tão barbaro, & tão ignorante, que pelos deleytes da carne esperara as glorias do espirito, pelas grãdezas do mun-

do, as bemaventuranças do Ceo, & pelas artes do demonio, as amizades com Deos, não fora muito, estudar muito nestas grandezas, & deleytês: mas se nenhum dos ignorantes ignora, que tudo isto he mào, como se persuade, q̄ ha Deos, se não teme, q̄ o castigue: como o tem em conta de bõ, se não se aparta de ser mào? & como cre, que ha outro mundo, se só se desvela por este?

Que caya a fragilidade hũa hora, que erre o nosso engano alguns dias, que dure a cegueira alguns annos, andar, mào he; mas he miséria que herdamos na primeira culpa: mas que passem dias, & annos, hũa idade, & outra idade sem darmos á emenda hum só dia, sem lembrarnos da nossa perdição; oh que malicia já casada com a sua condenação! Homens cegos: homens perversos, onde trazeis o entendimento, & onde puzestes a vontade? A muitos fez Deos sabios, a muitos poderosos, a muitos nobres, mas nem a nobreza, nem o poder, nem a sabedoria do seculo, foy o fim para que Deos os fez; felos para o servirem, & para se salvarem; & em se desviando destes fins, tudo o que finge a carne, tudo o que promete o mundo, tudo o que inventa o demonio, he conhecida perdição. Fez Deos os Reys, fez Deos os ricos, fez os poderosos, & sabios, assim co-

mô fez os ignorantes, humildes, pobres, & pequenos; & tanto lhe custarãõ huns, como outros: mas nenhuns fez para outro fim, que para honra, & gloria sua; & esta lhe darãõ no inferno, os que lha não derem no Ceo, nem lha derãõ no mundo; porque o que se não paga à sua misericordia, pagase á sua justiça. Bom he ser Rey, bom he ser sabio, bom he ser rico, & poderoso: pois poderoso foy Joseph no Egypto, & salvouse: rico foy Zacheo, & foy bom: sabio: foy Daniel, & foy justo: Rey era David, & foy Santo: mas se os Reys usãõ mal do officio, como Saul; se os sabios, da fabedoria, como Salamão; se os ricos, da fazenda, como o Avaro; se os poderosos, do poder, como Balthasar; como serãõ possível, que seja o fim, para que Deos vos criou, o imperio, que foy tirania? a fabedoria, que se fez ignorancia? a riqueza, que se tornou avareza? & o poder, que se fez vanglória? Pelo reynar, pelo saber, pelo ter, & pelo poder vos chama Deos muitas vezes; mas se no Reyno não servis a Deos, senão ao mundo; se na fabedoria não seguis a Deos, senão ao demonio; se na fazenda não buscais a Deos, senão a carne; se no poder não dais gloria a Deos, senão a vós; como cuidais, que com o poder podereis salvarvos? que com o que ten-

des, comprareis o Ceo? que com o que sabeis, sabereis morrer? & que com reynar, reynareis na gloria? Chama-vos Deos pelo Ceo, mostrando-vos todos os dias, para que façais por ir lá: chamavos pela terra, lembrando-vos, q̄ brevemente nella vos haveis de tornar: chama-vos pela agua, advertindo-vos, que vos bautizou: chamavos pelo ar, dizendo-vos que delle depende a vossa vida, & que em vos faltando, espirais: chamavos pelo fogo, advertendo-vos com suas chamas, que se preparãõ para a vossa pena; & nada disto nos desperta, a nada lhe damos ouvidos.

O' homens, que tendes juizo: ó peccadores, que o não tendes: mais surdos às vozes de Deos, que os vizinhos do rio Nilo, que não ouvem o seu estrôdo; ouvi as palavras de Deos, & vede a vossa vocação: vede, quem viestes ao mundo para ser Principes, sabios, ricos, & poderosos, ainda que no mundo o sejais por nascimento, ou por fortuna; viestes para vos salvar, & para honrar ao vosso Deos. Quem guarda a sua ley, o honra, & se salva; quem lhe tem amor, só o estima; quem deixa peccados, o busca; & qualquér, que o deseja, o tem: vede, que hãõ de vir dias, em que vejais aos pequeninos, aos desprezados, & afrontados metervos debaixo

xo dos pès, triunfar de vós, & do mundo, & ir reynar no Ceo para sempre. Quem são estes, direis então, de quem zombávamos no mundo, & agora os vemos coroados, como filhos do mesmo Deos? Elege Deos as cousas vis, & desprezadas, as pequenas, as mais fracas, as menos nobres, para confundir com ellas os sabios, destruir os fortes, abater os poderosos, & aniquilar os mayores. Quem visse a estatua de Nabucho, como se pertuadiria, que hũa pedrinha pequena derrubaria aquella maquina tão robustamente poderosa, & soberba? Quem visse a torre de Babel, como havia de imaginar, que a sua mesma confusão começaria a destrui-la? Quem olhasse a hera de Jonas, como lhe havia de parecer, que hũm gusanito desprezível a fercaria tão depressa? Quem visse o templo de Diana, como havia de presumir, que hũa faisca desprezada feria seu total estrago? Desfizeraõse em pó, & cinza os muros, & torres, piramides, que erão maravilhas do mundo, rodarão os Colloßos de Rhodas, cahirão as estatuas dos Cesares, & descendo aos infernos as almas, estarão no eterno horror daquelle abismo todo o sempre dos sempre: & isto mesmo ha de succeder a quem pelas glórias humanas despreza a vontade divina.

Ao contrario succede àquelles, que seguem os passos de Christo, desprezando os gostos da carne, as vaidades do mundo, & as mentiras do demonio, não usando mal desta vida, & aceitando as inspiraçoens, com q̃ Deos por todas as cousas nos mostra nossa vocação. Enguerão-se da beira do mar, levantã-raõse do pó da terra huns pobres pescadorinhos, & homens-zinhos desprezados, & arrebatando a Deos os Ceos, puzerão os pès sobre o mundo, lubirão ao celeste Reyno, & postos nos thronos da gloria, são Principes da eternidade, & hũa mesma cousa com Christo. Essoutros q̃ estimava o mudo, & estima hoje a vaidade por oráculos da vangloria, por exemplares da grandeza, & por idéas da fortuna, reduzidos a pouca terra, em que começa o ser humano, cá deixã-rão quanto tiverão, levando só cõsigo para aquelle carcere eterno o peccado para nunca mais, & o castigo para todo sempre: sepultados eternamente em huma vida, que sempre morre, em hũa morte, que sempre dura, gemerão sem remedio, arderão sem alivio, & padecerão sem fim.

O' mortaes, se não podeis vencervos, se não tendes temor a Deos, se não sabeis salvarvos: que sabeis? que tendes? ou que podeis? Com todo o vosso poder,

Dan. 2.
31. &c.

Genes.
11. 4.
&c.

Jon. 4.
7. &c.

der, sem a graça de Deos não vos podeis salvar; com tudo, quanto o mundo tem, se não tiverdes dôr de ter offendido a Deos, he sem duvida o condemnarvos; com tudo, quanto sabeis, se não souberdes amar a Deos, infallivel he o perdervos: castigarvos ha Deos, destruirvos ha, confundirvos ha com o mesmo, que desprezaveis. Soberbo com o seu poder desprezava Holofernes não só os muros de Bethulia, & todo poder de Judæa, mas ao mesmo Deos de Israel; & hũa mulher fraca por natureza, sem outras armas, mais que a oração, & fermosura, dentro não só da sua guarda, mas de todo o seu mesmo exercito, lhe cortou a cabeça com a sua mesma espada. Ao breve estralo de hũa funda cahio aquelle Filisteo, aquelle Gigante soberbo, que estremecia os montes, asombrou os valles, segava exercitos, & arruinava Cidades; & quem com os olhos do mundo via a Goliath, que caso faria de David? Quem olhava para Holofernes, que medo teria a Judith? E em q̄ veyo a parar este desprezo, & aquella arrogancia, senão em mostrar Deos aos homens, que os mesmos desprezos da culpa, eraõ instrumentos do castigo? que o que parece não ter ser, nem ter valor, são as armas com que apea a soberba?

Judith
6.1.
&c.

1. Reg.
17.49.

Luc.

16.19. Assim tambem nas outras cou-

ras: quem visse o rico Avarento banquetearse, & recrearse com taõ esplendido deleite, que enveja teria de Lazaro? Quem olhasse para Salamão no throno de sua grandeza, & no auge da sabedoria, que se lhe daria de Amõs, que era hum pastor rustico, & simplez, ainda que allumiado de Deos? parecerlhehia, que no mundo não havia mais que desejar, que a sabedoria de Salamão, & o regalo do Avarento: mas logo que chegasse a ver, que o rico se perdeo, & que Salamão deixou em duvida o sal- ^{Amõs} varse; que duvida ha, que antes ^{1.1.} quizerá ser Amõs, & que mais desejava ser Lazaro? antes pobre como hum, & simplez como o outro; que rico, como não importa, & sabio, como não aproveita? Se pois, ó mortaes, o poder vos aparta de Deos, apartaivos do que podeis. Se o ter mais vos tira do Ceo, tiraivos com a caridade dos bens, que possuis em vaõ. Se o que sabeis vos mete no inferno, meteivos por dentro de vós, & não saibais mais q̄ de Deos: mas se o saber vos não dana, se o ter vos não faz mal, se o poder vos não precipita, usai de tudo muito embora, que de tudo podeis usar senão fizerdes peccado; & o peccado he só, quem faz máo tudo o mais, que sem elle he bom para que o mundo se conserve; pois em todos vossos estados he certo, que

podeis servir a Deos, ter amor a Deos, & saber de Deos. Sabei, pois, o que vos importa, sabendo a vossa vocação: tende o que vos convem, tendo temor de Deos: podei comvosco alguma cousa, vencendo vossos appetites; porque se amardes a Deos, quanto podeis com sua graça, todo o poder do mundo vos não fará mal: se o amardes quanto soberdes, não vos confundireis pela arte do diabo: & se derdes por seu amor quanto tendes de vosso, então ficareis mais ricos; porque todo o ter, todo o saber, todo o poder, que não he com Deos, por Deos, & para Deos, nem he ter, saber, nem poder; mas antes mayor pezo, que humilha, abate, & derruba os ricos, sabios, & poderosos no mais profundo lugar dos infernos: por isso a todos diz São Paulo, que vejaõ a sua vocação: *Videte vocationem vestram fratres, &c.*

G O L P E XXV.

Multi sunt vocati, pauci vero electi. Matth. 20. 19.

Mostraõse ao peccador as razoes, porque são muitos os chamados por Deos, & poucos os escolhidos.

G E M I D O XXV.

SAlvãose poucos, & perdemse os mais dos homens do mun-

do, porque os bons são raros, & os maõs são infinitos: *Stultorum infinitus est numerus.* Assim como das cousas mais preciosas da arte, ou da natureza he menor o numero, & das peyores mayor a multidão; assim o numero dos perversos, que he vil canalha do demonio, he muito mayor sem comparação, & menor o dos escolhidos, que são preciosas obras de Deos, & da sua graça. Assim como entre as arvores, as menos daõ bom fruto; entre as flores, as menos cheirão bem; entre os metaes, he menos o ouro; entre as pedras, os diamantes são raros; entre os homens, os Reys são poucos; & entre os artifices, os pintores, & escultores bons são pouquissimos; porém mais nobres sem comparação estes, que os mais artifices, os Reys, que os outros homens, os diamantes, que as outras pedras, o ouro, que os outros metaes, as rosas, que as outras flores, & as palmas, que as outras arvores: assim os bons são menos, porém valem mais não só diante de Deos, mas também tarde, ou cedo na estimação dos homens. Sendo pois taõ poucos os bons, & sendo tantos os maõs, que muito he, q̄ quasi todos, diga eu agora, que se perdem? Atẽ nos temporaes castigos mostrou Deos, que eraõ sempre raros os que escapavaõ da sua ira; porque eraõ estes fi-

Ecclesi.
1. 15.

gura,

gura, & retrato da condenação eterna; & também os poucos, & bons, que escapavaõ, eraõ figura dos outros poucos, & bons, que do inferno escapariaõ. Castigou Deos o mundo com o diluvio, & perdendo-se todo o mundo, só oito almas se salvã-

1. Petr.

3. 20.

Genes.

6. 9.

raõ na arca de Noè: *Octo anime salvæ factæ sunt*; porque era Noè justo, & perfeito: *Noe vir justus atque perfectus, &c.* De seiscentos mil homens de armas, fóra mulheres, & meninos, com que Moyses sahio de Egipto, só duas consta da Escritura Sagrada, que entrãraõ na terra de Promissaõ, figura do Ceo, que forão Josuè, & Caleb, varoens perfeiti-

Num.

32 12.

Genes.

19. 1.

&c.

mos em fazer a vontade de Deos inteiramente: *Pater Caleb filium Iephone Cenezæum, & Josue filium Num: isti impleverunt voluntatem meam.* De toda a terra de Sodoma, & suas vezinhas, que o fogo fez em pó, & cinza sepultando-as no inferno, não escapou mais que Lot com a gente de sua casa; porque Lot temia a Deos. Daquella total assolação de Jericò só Rahab por ser fiel escapou salva: *Fide Rahab meretricis non perijt cum incredulis.*

Ad He-

br. 11.

31.

Mas deixando exemplos antigos, vamos ao que hoje estamos vendo: a Fé nos ensina, que todo aquelle que não cre em Deos, se perde; & também aquelles, que tem Fé, se lhes fallãõ boas obras: *Fides sine operi-*

Jacob.

2. 17.

& á n.

14.

bus mortua est; porque Fé sem obras, he Fé morta, corpo sem alma, sombra sem corpo, fogo sem calor, lume sem luz, & arvore sem fruto: & perguntando Santo Agostinho, quaes são os inimigos de Christo, & da sua Igreja, responde, que são os Pagoens, Turcos, Mouros, & Judeos; & muito peyores que todos, os máos Christãos: *Qui sunt inimici Ecclesie? Pagani, Indæ: omnibus peius vivunt mali Christiani.* A experiencia nos mostra, que nas quatro partes do mundo se perde toda Asia, quasi toda Africa, a mayor parte da America, & não pouca da Europa: não nos admira ouvir dizer, q se perde o Mouro, o Turco, o Barbaro, o Gentio; & admiramos muito, que se diga, que os máos Christãos se perdem, sendo peyores, que os Gentios, Barbaros, Turcos, & Mouros? O mortaes: Deos a todos chama, a poucos escolhe, escolhe os bons, & reprova os máos: são poucos os bons, os máos, quasi todos; & por isso estes são reprovados, & aquelles escolhidos de Deos: assim como para fazer o edificio muitas pedras se trazem, & as que se reprovaõ, he depois que não servem; assim a todos traz, & chama Deos: para o edificio eterno da celeste Jerusaleem: a todos, q em fim somos pedras por dureza do coração, traz o Senhor com sua misericórdia, a

Aug.
tom. 3
in Pf.
30. V.
super
omnes
inimicos
mcos.

todos

todos quer arrancar da terra, donde estamos metidos; hũa quebramos antes, que nos tirem; outras sahimos inteiras, & nos deixamos lavrar; outras duras, que o não consentem: as melhores pedras são escolhidas para coroar a obra, as outras, senão servem, perdemse; não porque a escolha de huns fizesse reprovar os outros; mas porque huns tiverão prestimo, & ferventia, & os outros o não quizerão ter: estes, ou não servirão, ou não perseverarão depois que na obra forão metidos; que foy o mesmo, que cahir depois de póstos no edificio, & não se tomar a levantar: aquelles perseverarão, ou se cahirão, levantarão-se. Que pois quizer ser escolhido, seja bom, faça por isso, viva melhor, & siga as pizadas de Christo; não porque esteja nas nossas forças o justificar-nos; mas porque não nega Deos a sua graça a quem faz o que pòde por seu amor: & quão impossivel he salvar-se alguém se morrer em peccado mortal; ainda que dantes fosse justo; tanto he impossivel, que acabando em graça, se perca, ainda que haja sido o mayor dos peccadores.

Se pois, ó mortaes, os q̄ estais em peccado, não sois pedras do edificio espirital; senão servis a Deos; se não fazeis por ser dos bõs, & para bem dos melhores, como fereis dos escolhidos? Se a

vós mesmos entre os metaes vos derão a escolher, escolhereis a prata, & ouro: se entre as pedras preciosas, quãto mais entre os toscos seixos, lançaríeis mão dos diamantes: se entre as flores, da rosa, q̄ he a senhora dellas: se pois vos inclinareis ao ouro, por ser o melhor dos metaes; ao diamante, por ser a melhor das pedras; á rosa, por ser a melhor das flores; que offensa vos faz Deos em escolher os justos, se são os melhores homens, ainda que estes sejaõ os menos; pois também são menos os diamantes, menos o ouro, as rosas menos? Pouco he tudo, o que he bom; raro, o que he melhor. Poz a arte, & a natureza no raro a mayor perfeição; & por isso a razão humana, namorada de seus primores, poz nelles a mayor estima. Infinitas são as Estrellas, mas menos illustres, q̄ o Sol, porque só lustra mais, que todas; & juntas todas as Estrellas, não só não luzem como o Sol, mas mendigão-lhe as suas luzes. Quasi infinitas são as aves, porém nenhuma como a Feniz, mais nobre, & que todas as outras na pompa dá sua grandeza, das plumas, fórma, & figura. Innumeraveis são os brutos, mas nenhum, como o Leão; cuja regia ferocidade com fereza magestosa se coroa só entre as feras, & se faz respeitar de todas: deu a estes a natureza esta nota-

Tacit.
in v. a
Claud.

vel

vel preferencia, porque naquella perfeição, com que a todos os corcou, lhes deu realces mais sublimes, & primores mais excellentes: & por isso os Leões são raros, a Feniz unica, & singular o Sol, na republica dos brutos, na monarchia das aves, & no imperio das luzes. Nas obras da arte he o mesmo. Que pinturas se podem nas casas dos Principes, se não são raras? as vulgares, quem as estima, não o povo miseravel, que não pôde ter o melhor? Assim tambem o demonio tem o que pôde ter, que sempre he o peyor. Aquellas copias mais insignes, que fahirão do original de Deos, no seu palacio se guardão; são poucas, a respeito das muitas, que ficando de mortal cor nas sombras da culpa, & nos longes da pena, Deos lhes deu só huma demão, antevendo que os mesmos homens com a tinta negra da culpa lhe havião de escurecer, & desfigurar a sua imagem, quando a mentira deste mundo lhe metesse melhor as cores.

Se pois são tantos, ó mortaes, os que são mãos: se o ser mão he cousa vulgar: se o vulgar he de menos estima: deixay de ser o que sois, sede o que deveis ser; & sede dos poucos, & dos raros, que mais não seja, que por não ter valor da parte dos muitos; sede dos melhores, fereis dos escolhidos: na vossa

mão está querer a Deos, ou ao mundo, porque a vontade he livre; & ainda que o peccado a tem preza, se chamardes por Deos: q̄ digo: se ouvirdes a Deos, logo vos livrareis, pois para vos escolher, vos chama; & não ha outro impedimento, para que vos escolha, mais que não quererdes ouvir: não reprova Deos a nenhum, senão por máo, & impenitente; não escolhe a nenhum, senão por bom, ou porque havendo sido máo, ou podendo-o ser, o não he já. Se pois a mayor parte dos homens não quer a Deos, & quer ao mundo; que muito, que a mayor parte delles se perca? Não se admirão os homens de dar Deos os Reynos a tão poucos, como são os Keys da terra a respeito dos outros homẽs, que não são fieis; & admiraõse de que dê a poucos o altissimo Reyno dos Ceos? Se no mundo sahio máo hum Rey, dese jáo tiralo do mundo, não o sofrem, ou o sofrem mal; & querem, que aos que são mãos, pessimos, torpes, & peyversos, sofra Deos, q̄ he a summa bondade, sendo-lhe tão incompativel a malicia dos peccadores, q̄ he força, que a parte de sy, & deite à sua mão esquerda esta tão baixa multidão, que por fea, & aborrecivel, por vil, infesta, & asquerosa não entra no Paço da gloria; naquella sublime lugar, que não consente dentro

em sy, o mão cheiro dos peccadores, o traje estranho do peccado, a peste, & lepra da culpa.

O' homens, nenhum de vòs se admira, de que seja menos entre os metaes o ouro, entre as pedras, os diamâtes, entre as arvores, as palmas, entre os homens os sábios, & entre os enfermos, os Medicos, & entre todos, os Principes; & assombraif-vos muito, de que sejaõ menos, os que se salvão, & mais os que se perdem? Sabem, que não ha outra causa para se condemnarem, senão fere'n mãos; & admirão-se de ouvir a sentença, & não a culpa? assombrão-se de sabela, & não de remediala, sendo-lhes a todos tão possível? Contenta-se Deos com pouco, para se satisfazer. Impio, & peccador entrou o Publicano no templo, & sabio justificado; &

Luc. 18.13. que fez este homem para tão grande mudança tão em breve? com que contentou a Deos este homem? Com hum bater nos peitos, com hum abrir de boca na confissão, com hum abaixar de olhos no arrependimento: hũa palavra, que he hum pouco de ar articulado, bastou para David: hũas lagrimas, que são pingas de agua, que o coração desfilla, sobejárão a São Pedro: com hum suspiro, que he huma respiração menos, ou soluço

Luc. 22.62. mais, se faz todo este casto; &

que ainda assim não queiramos comprar a Deos o ser escolhidos por hum suspiro d'alma, que he ar, por huma palavra, que he vento, por hũa lagrima, que he agua, & por tudo o mais, que he nada, em comparação do que damos pela perdição! pois que muito, se fazemos tão pouco pelo em que nos vay tanto, que sejamos todos chamados, mas poucos os escolhidos?

Não se pôde o ferro fazer ouro, nem o seixo, diamante, nem o carvalho, cedro, nem as Estrellas, Sol, nem as aves, Feniz, nem os lobos, leoens; mas os mãos fazerem se bons, os peccadores, justos, & os impios, justificados, facil he com a graça de Deos, que a cada qual dá quanta quer; porque he como a fonte de aguas vivas, don de cada hum, conforme a vasilha, que leva, traz a agua, que lhe parece: he como o fogo, que se gundo a lenha, que lhe poem, assim arde: he como o Sol, que está defronte, que quanto lhe abrem a porta, tanto entra para dentro; porém se fechais a porta ao Sol; se tirais a lenha do fogo; se não levais à fonte o cantar, que muito he, que fiqueis em trevas, que morrais de frio, & que pereçais à sede? O que he Pintor, deseja ser hum Apelles; porque Apelles foy o mais insigne Pintor: o que he Imaginario, ou Estatuário, deseja

seja ser igual a Fídias; porque Fídias foy sobre todos o melhor Imaginario: o Legista quizera ser hum Bartolo: o Soldado hũ Scipiãõ: o Musico, hum Orfeo: o Medico, hum Galeno: o Valente, hum Hercules: o General, hum Cesar: o Rey, hum Alexandre; porque todos estes homens forão nas suas faculdades os mais venerados do mundo; fazendo por imitalos, para que quando não possaõ ter delles huns pẽtos, tenhaõ ao menos huns longes, & hũas sombras. Fazem todos quanto podem, por ser grandes Reys, grandes Soldados, grandes homens, bons Medicos, & bons Letrados, bons Musicos, & bons Artifices: porẽm por serem bons Christãos; por seguir, & imitar a Christo, cujas copias saõ, cujas imagens veneraõ, cuja ley professaõ, cuja Fé defendem, cujos louvres cantão, cujo remedio esperão, cujas forças conhecem, a cujo Reyno aspirão, & de cujas merces dependem; isso de nenhum modo. Quizerãõ, os que saõ Theologos, saber como Santo Agostinho, mas não querem viver como elle; cansaõse por lhe imitar a ciencia; mas não por lhe imitar a vida: homens loucos, que vos aproveitarã a ciencia de Santo Agostinho, se o não imitais nas virtudes, & tiveris consciencia de demonio; se nem a elle

aproveitãra, se não mudãra de vida? & com toda a sua ciencia, se lhe faltãra o ser bom, fora como metal, que soa, & como soa-lha, que tine, & se perdẽra finalmente com todas as suas letras.

Defenganaivos, mortaes, que nem os pinceis de Apelles, nem os instrumentos de Fídias, nem as leys de Bartolo, nem as artes de Scipiãõ, nem a voz de Orfeo, nem a ciencia de Galeno, nem as forças de Hercules, nem a fortuna de Cesar, nem o animo de Alexandre, vos não podem dar o Ceo; senão só ser bons Christãos, não viver em peccado, & acabar a vida em graça. Os mais desses homens, que forão, & saõ celebrados por grandes no mundo, estãõ arrendo nos infernos, & arderãõ para sempre por toda a eternidade, sem lhes aproveitar couza alguma tudo, o que tiverã no mundo, & tudo o que o mundo os estima; & vds ireis acompanhalos na condemnaçam, & castigo, se assim na vida, como na morte lhes imitares as vaidades, entregando vos de todo ao mundo, & fugindo sempre de Deos, que ha tantos annos vos chama, não para ficares no grande numero dos chamados, mas para passares, com a mudança da vida, ao pequeno dos escolhidos: *Multi sunt vocati, pauci vero electi.*

G O L P E XXVI.

*Non veni vocare justos, sed peccato-
res. Marc. 2. 17.*

Declaraõse os modos, com que
Deos está chamando sem-
pre os peccadores.

G E M I D O XXVI.

A Os peccadores vim cha-
mar, & não aos justos (diz
Christo Senhor nosso;) porque os
enfermos; nam os saõs tem ne-
cessidade de Medico. Aos pecca-
dores chama, aos peccadores
brada, como fez no Paraíso ter-
real a Adam, logo que Adam
peccou, & se quiz esconder a
Deos, como se lhe fora possível:
tão proprio he do peccador fugir
de Deos, & quererse esconder;
como he proprio da divina bõda-
de querer logo reduzi-lo a brados,
chamando por elle a vozes; pois,
como se fora harmonia, & não
disonancia o peccado, não se sa-
be das nossas fugas, sem que se
ouça a voz de Deos. Chamou
Deos finalmente a Adão, não
porque ignorasse aonde estava,
mas porque lhe reprehendia a
soberba: *Non ubi esset, Deus ig-
norabat; sed superbum increpabat;*
como se dissera: Peccador, aon-
de estás? estás no abismo do
peccado; estás na minha offen-

sa, na minha ira, na minha mal-
dição; & podendo fugir de tudo
isto com o arrependimento, es-
tão soberbo, que foges de mim;
de mim te escondes? não te po-
dendo esconder de minha pre-
sença, nem acima dos Ceos, nem
abayxo da terra, nem no fundo
do mar, nem nas entranhas
dos abismos? Devendo tu bus-
carme para me pedires perdão;
cu te busco, para perdoarte, &
para te ensinar a buscarme! Fo-
gesme, sendo eu o summo bem;
& eu te busco, sendo o teu pec-
cado a cousa mais aborrecivel,
que pôde haver para meus olhos!
mas não olho em ti o peccado,
que desse se apartão com ira os
olhos de minha clemencia; olho
a tua fragilidade, & olho para
os meus beneficios, pois vejo,
que te criei, & como obra mi-
nha te conservei. E quero em fim
experimentar, o como aceitas,
ou engeitas este favor, com que
te chamo; não porque ignore
a tua aceitação, ou obstina-
ção, mas para que, se te conver-
teres, vejas, que eu te chamei,
& tive cuidado de ti primeiro;
que tu o tivesses. E se teimares
em tua cegueira; para que se
justifique a minha ira, mostran-
dote, que te chamei, & que
em me não queres ouvir, qui-
zeste, que eu, como rebelde te
condenasse.

O' mortaes, quaesquer, que
isto ledes, isto vos diz a voz de
Deos,

Genef
3. 9.

Aug.
tom. 8.
in Pia.
118 y.
incre-
passi
super-
bos,
concio-
ne 9.

Deos, por mais, que delle fu-
jais. Vem-nos Deos a ver com
seus auxilios; chamanos com
suas inspiraçoens; & por mais
longe, que andeis delle apar-
tados pela culpa, anda a sua mi-
sericordia bradando atraz de
vds, como quem se queixa, de
que tendo-a tão perto, nem com
ella vos abraceis, nem vireis os
olhos para ella; nem ainda del-
la façais caso com hum pouco
de respeito, com q̄ algum tem-
po confusos, & arrependidos
lhe cortejeis as caricias, ou lhe
agradeçais as piedades. Direis,
que não entendeis bem a lin-
gua, com que Deos vos falla;
ou o modo, com que vos chama:
pois ouvi, & sabeloheis. De tres
modos, disse Panufio, como re-
lata Cassiano, que Deos nos cha-
ma: per sy, pelos homens, pela
necessidade: *Primus ex Deo est,*
secundus per hominem, tertius ex
necessitate. Per sy, quando elle
mesmo com sua voz nos chama;
como fez aos Apostolos, & a
meu Padre São Francisco; ou
pelas palavras do Evangelho,
como fez a outros muitos San-
tos: pelos homens, quando por
seu exemplo, & doutrina faz
com que outros se convertão;
como fez a Santo Agostinho
por meyo de Santo Ambrosio:
pela necessidade, quando com
medo das penas do inferno con-
verte os peccadores á emenda da
vida, como tem feito a muitos:

os primeiros dous modos são
melhores que o terceiro, quan-
to he melhor o amor de Deos,
que o temor da pena; mas nem
por isso todos os que forão cha-
mados pelos primeiros dous mo-
dos, forão mayores Santos, que
os que Deos chamou pelo últi-
mo: porque pouco importa prin-
cipiar bem, se o fim não corres-
ponde ao principio: pouco im-
porta conhecer, que sois cha-
mados, se em fazer por ser esco-
lhidos foreis preguiçosos: fazer
alicerces de diamantes, & con-
tinuar o edificio com pedras tof-
cas, fea cousa seria. Começar
rio, & acabar regato; ter prin-
cipios de aguia, & fins de ave
nocturna; nascer cedro, & aca-
bar pinheiro; amanhecer Sol,
& pôr cometa; madrugar Rey,
& anoitecer escravo; será infor-
tunio, mas não se livra de in-
famia; será desgraça, mas não
se isenta de culpa: mais he des-
mancho, que destino; & mais
froxidaõ, que fraqueza. Que im-
portou a Judas começar como
São Pedro, se acabou como Sa-
tanás? Que lhe aproveitou a
Lucifer nascer a mais bella Es-
trella do Ceo, se a fermosura
mayor, que ouve de Serafim, se
trocou tão depressa na fealdade
de hum demõnio? E que mal fez
a São Paulo haver sido persegui-
dor de Christo, blasfemo, &
impio contra Deos, se em huma
instante de mudança chegou ao

Cas-
sian.
collat.
3.c.4.

tume mais levantado da Evangelica perfeição? E que importou a outros muitos Santos haverem sido grandes peccadores, se sendo chamados de Deos por qualquer modo, se passarão da morte á vida, do peccado á penitencia, & da culpa á graça; & perseverando nella, acabárao santamente? O que importa he, não fazer surdo, nem fiar em começar bem, per severar he o que importa, pois só assim ha salvação.

Se pois não sentimos em nós, que Deos nos chama per sy, nem pelas palavras do Evangelho, nem pelo exemplo dos homens espirituaes, nem por sua doutrina; vejamos ao menos, se nos chama pela nossa necessidade; vejamos se nos entristece o temor da morte; se nos sobressalta a representação do tremendo juizo; & se nos atemorizaõ as penas do inferno. E quem nada disto sente, nem se move com estas cousas, nem faz conta de se mover, senão para a tarde da vida, não faça conta da sua alma, que tarde se salvará; aparelhese para os infernos, que Deos lhos tem aparelhados. Almas Christans, quereis, que desça Deos outra vez dos Ceos a dizervos, que deixeis o mundo, que largueis peccados, que emendeis as vias? tanto peitais vos para isso? não o ouvís nos seus mandamentos: não vos

contentaís; do que vos diz pela Sagrada Escritura, que a Igreja nos seus Evangelhos vos repete todos os dias? pela vida do mesmo Christo, pela morte dos Santos, & pela vida do justos? Já vos não daís por satisfeitos, de que vos falle por terceiro, quando vos falla pelos homens, que com a vida, & conselhos, vos dizem como Deos vos chama? & até por estes meus escritos, que com serem gemidos meus, são brados do mesmo Senhor? Oh que final taõ grande de condemnação he o não cuidar hũ homem mais q̃ na vida presente! enristecerse, se ouve fallar na justica de Deos, aborrecendo-a; fugir das lembranças de Deos, e se perder na obstinação, & fechar se na contumacia, esquecendo se do seu fim ultimo!

Sinaes são infalliveis de reprobo, em quanto duraõ; tapar os ouvidos ao som, que nos fazem na alma os ecos da ultima trombeta, fechar os olhos às representações da morte, fugir com o corpo às considerações do inferno, perder o amor aos bês do Ceo, & os desejos da eterna patria; passar o dia sem cuidar em Deos, desvelar pelas vaidades; trabalhar por offender a Deos, buscar com sede os peccados; & depois gloriarse nelles: mas he tal a misericordia de Deos, que ainda às almas, que

em

em sy, comê com elles, tão infau-
 stos sinas, & funebres pro-
 nosticos da eterna perdição, com
 elles mesmos lhes falla pelo ter-
 ceiro modo, & lhes brada rijamente
 aos ouvidos do coração, para que
 troquem a vida, & não fação às
 suas vozes orçellas de mercador.
 Os sinas de ser escollido, he temer, & temer de
 Deos, pezar-nos de have-lo offêdi-
 do, & fazer pelo não offêder mais:
 quem isto faz, entende a Deos,
 & conhece, que Deos o chama
 por todas suas creaturas, a todas
 ouve, & de todas se serve para
 fazer a vontade de Deos, & não
 apartar-se de seu querer; porque
 por todas nos falla Deos, & nos
 chama todas as horas. Nada suc-
 cede neste mundo, que não seja
 hum perpetuo aviso, com que
 o Senhor nos allumia; que não
 pareça hum memorial, que Deos
 nos mete cada instante; que
 não sirva de despertador, que
 nos acorda a cada ponto: he dou-
 trina do Espirito Santo cada af-
 flicção da consciencia, cada fadi-
 ga, & golpe d'alma; cada illu-
 tração do juizo, cada dictame
 interior: hũa voz, cada inspira-
 ção; hũa advertencia, os dese-
 strados successos; & hum pregaõ
 os infortunios continuos. Den-
 tro dos vossos coraçãoes, quan-
 do andais lóge mais de Deos, vos
 mostra elle, que vos chama com
 o que succede em vós mesmos;
 as vossas proprias consciencias se

espedação dentro de sy, repre-
 hendendovos dentro de vós a
 vossa propria maldade; & a vos-
 sa mesma obstinação vos diz,
 que andais fóra de vós; parece,
 que os mesmos vícios, & pecca-
 dos querem ser vossos Pregado-
 res, porque lhes não culpeis o
 engano, com que vos cegaraõ
 os olhos, pois logo vos mostrão
 também, que vos ferem o cora-
 ção; pregaõ-vos os mesmos pec-
 cados, & avisaõ-vos os mesmos
 vícios com o pouco, que saõ de
 dura, com a torpeza, com que
 se gozaõ, com o segredo, com
 que se fazem; com os castigos
 que padecem, & com as eternas
 penas que vos grangeaõ.

Se pois, ó peccadores, não
 sois penedos, já que fugis de
 ouvir a Deos, ouvi vossos mes-
 mos peccados, cuiday bem no
 que vos promettem, & reparaí
 no q̄ vos deixaõ. O erro, que vé
 em traje de acerto, de culpa
 deixa a quem lhe faz cortesia; a
 peçonha, que se disfarçou em
 manjar, fez desgraça, & não deli-
 to á ignorancia, que se enga-
 nou com elle: o aspide, que se
 dissimulou em flores, desacaute-
 lando hum sentido, também
 disculpou hum engano: mas de-
 pois que o erro se despe de to-
 do o disfarce, que o fez desco-
 nhecido; depois que os males
 apparecêdo com o seu caraõ, nos
 mostraõ quam mà cara tem, &
 quam máo rosto nos fazem, na-

morare fvos delles, que desculpa poderá ter? Chegar ao precipicio, & cahir nelle, não o sabendo; he mofina da defatenção; mas buscalo, depois de vello, ou he pertinácia do animo, ou desesperação da malícia, ou locura da razão. Se pois necessariamente háveis de ter arrependimento dos vossos erros, ou nesta vida, ou na outra; por ser o arrependimento pensão inquietavel, que paga todo o erro; seja antes nesta vida, para servir de cautela ás recahidas; pois he primor de entendidos não fazer cousa, de que hajaõ de arrependerse; & com isso evitaes a eterna perdição, dando gloria ao Senhor, que testifica que não veyo a este mundo chamar justos, mas peccadores. *Non veni vocare justos, sed peccatores.*

GOLPE XXVII.

Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum. Ad Galat.

6. 10.

Como se não ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, & chamamentos de Deos: & dos males da dilacção.

GEMIDO XXVII.

HUm só dia, que percão de monção as náos, que vão

para a India, não só se arriscão a chegar mais tarde, mas a perderse na viagem: mais se navega como convem em hum só dia com ventõ em popa, & mar bonança, que em hum mez com tempos contrarios. A occasião, que dà a fortuna em hum dia para alcançar vitoria, passado elle, não se achã outro em muitos annos: são irremediaveis as perdás do tempo; porque ao tempo perdido, ainda que se não percão as faudades, perdemse as esperanças de recuperalo: tudo consiste em hum ponto, & he necessario estar á mira para se não errarem os pontos: por isso se erra o tiro, porque tambem o ponto se erra: & esta he a razão, porque não sam para os froxos, nem para os descuidados os bens da graça, & da fortuna; hũ descuido os larga, quando lhe vão à mão; hũa froxidão os perde, quando se lhe vão por pés.

Simbolizavão os Egyptcios as obrigaçoens do reynar em hum olho esperto, & vigilante sobre a ponta de hum bastão agudo: olhos, q̃ não perdem o sono sobre a aguda ponta da culpa; olhos, q̃ se deixão dormir sobre os riscos da consciencia; não são dignos do Reyno do Ceo: almas, que não estão à espera dos favores, que Deos lhes faz; que não vigiã sobre sy, são sintinellas perdidas, que não tem quartel na justiça, ainda que o achem

na

Luc. 13
37.

na piedade, & na misericordia. Bemaventurado chama o Senhor àquellè servo, a quem achar vigiando, quando lhe bater à porta: abrir a Deos, quando nos bate á porta, he fahirlhe ao encontro, & recebelo para dentro quando nos busca; parece fineza do amor, & he cento por hum do intereffe: buscalo depois de aggrávalo não lhe abrindo, ou deixando-o ir, he arriscar a não achalo, como succedeo à Esposa Santa; sobre ser mão termo da razaõ, he pouco respeito da Fé, & escandalo daquelle respeito, que Deos quer aos seus beneficios: desfazamos o tempo, que nos dava azas, & ficamos em muletas, coxeando para o remedio, cahindo para a perdição: por isso se sentirmos hoje, que dentro em nossos coraçoes nos chama a bondade de Deos por alguma via das suas, não deixemos para à manhã, o que ainda he tarde, sendo hoje; porque se o-já-parece tarde; quão longe virá o a manhã? passada a monção, perderemos a viagem, & chegaremos muito tarde, quando nos não precataremos, pondonos a risco de perdernos; podendo atravessar os mares cõ mar de rosas, & ventos favoraveis, fluctuaremos nas ondas, & nos meteremos no pègo, quando as borrafcas nos contrastem, & os riscos nos arrisquem: perdido o tempo, perde-se a via-

Cant. 5
2. &c.

gem; não percamos pois a viagem, perdendo huma hora de tempo.

Eu tenho para mim, & assim o entende Santo Agostinho, que os peccadores são como os corvos, tudo he dizer; *crás, crás*: que significa, *a manhã; a manhã*; pronosticos infausos de ruina, & annuncios da perdição: *Quinties dicitis: cras, cras, factus es corvus: cum facis vocem corvinam, occurrit tibi ruina*. Perguntáralhe eu agora: Se hoje, que tem mais força, se não querem levantar de todo donde tem cahido; como se hão de erguer á manhã estando mais debilitados? Crecendo os laços, crecem os embaraços; agg. avandose os males, diminuemse as forças: mules são as culpas, & males contagiosos; laços são os peccados, & laços, que apertaõ a vida: se pois hoje não rompem o laço, quando he hum fio, como o romperáõ á manhã, sendo já calibre? Se logo não acodem a curar o mal antes de malignarse; como lhe acharáõ cura ao depois, estando já pestilente? Deixar para daqui a pouco, o que pôde ser logo; deixar para logo, o que pôde ser já, he malicia, & não bom proposito; porque como são os nossos logos da natureza dos depois, quasi sempre se lhes passa o tempo nos passatempõs do outro dia: querer cobrir os não queros com

Aug.
tom.
10. Ser.
164. d
temp.
in fin.

as sobrecapas dos não possos, he
querer vestir as disculpas dos
mesmos trajes da malicia; &
malicias, que fazem gala, do
que devia ser cilicio, usão as
modas do vicio, com que ao co-
stume se anda à larga; não o ha-
bito do desenganço, que he estre-
ito para a malicia: fuja pois, fu-
ja o desenganço de vestir das co-
res da emenda as apparencias da
mentira; porque não toma bom
caminho, que se deita na estra-
da do vicio para enxovalhar a
virtude: não seja nas tençoens
do mundo tudo propor desenga-
nos, & tudo não cumprir pro-
messas; tudo estes logos de fu-
turo, & tudo nuncas de presen-
te; pois para serem estes logos
da condigão daquelles nuncas,
parece nunca o á manhã; & o
ainda, não parece sempre; & não
ha nos olhos de Deos malicia;
que mais o exaspere, nem mal-
dade, que mais castigue; que hū
ainda não dos que elle ama, &
hum á manhã dos que elle avi-
sa. Fechou Deos os Ceos, & fe-
cõu a terra nos tempos do Pro-
feta Ageo, para que não dèsse
ao povo de Israel nem huma er-
va verde, nem hum pequeno de
orvalho: *Prohibiti sunt Cali nē da-
rent rorem; & terra prohibita est
nē daret germen suum;* os homens
perecião à fome, os brutos mor-
riaõ à mingoa. Abriose o mar
Vermelho em bocas nos dias de
Moyses, & Araõ, & meteo com

forvos horrendos nas entranhas
de suas ondas a Farão, & a todo
seu exercito, sem deixar hūm
homem vivo: *Operuit aqua tri-
bulantes eos: unus ex eis non re-
mansit.* A causa destes castigos,
& a razaõ daquellas sequidoens
nos consta da mesma Escritura
Sagrada. Amava Deos muito o
seu Povo; & queria ter nelle
hum templo; avisava Deos a
Farão por Araõ, & Moyses, que
deixasse sair o Povo de Israel
do cativoiro; resistia a Deos o
seu Povo nos tempos de Ageo
com a disculpa do ainda não:
*Nondum venit tempus donsus Do-
mini edificande;* resistia a Deos
Farão com a promessa do à ma-
nhã: *Ego dimittam vos.* O ainda
não, era sempre, o à manhã, era
nunca; chegava hum dia, & ou-
tro dia, & a malicia era como
sempre; passava hūa hora, & ou-
tra hora, & o vagar era para
nunca: o Povo, porque Deos o
amava muito, nas esperas da mi-
si ricordia dava aos delitos con-
fiança; Farão, porque Deos o
avisava, das largas, que lhe
dava a justiça, fazia licenças à
culpa: & como Deos se offende
mais de quem depois de favo-
recido se descuida; & de quem
zomba depois de avisado; con-
verteose em sequidoens o amor,
que tinha ao seu Povo; & mu-
daraõse em castigos os avisos,
que fazia à sua obstinaçãõ: não
aprovcitaraõ ao Povo as dila-
çoens

Agua
mo
B
qu
ar

Pfalm.
105.
11

Agg. 1.
2.

Exod.
8.28.

Agg. 1.
10.

coens do ainda não, nem a Farrao as appellações do à manhã; antes estiverão taõ longe de poder ser sua desculpa, que essa foy a culpa mayor para não tardar o castigo, nem se retardarem as sequidoens.

O! Mortaes, ó peccadores: que sequidoens, & que castigos não teremos da ira de Deos? Que Deos se não hão de fechar, & que abistmos senão hão de abrir, se queremos resistir a Deos, cõ o ainda não de cada hora? se querem os enganar a Deos com o á manhã de cada dia? Tudo he dizer: à manhã; & o á manhã se faz nunca; tudo he dizer, daqui a pouco; tudo, esperai hum pouco mais; & este pouco he já mais de muito: propondes de vos emendar, & só vos lembra aquella hora; propondes de vos confessar, & esquecevos o mesmo dia; chega hum anno, & outro anno, & quasi apenas de anno em anno chegais aos pès do Confessor, porque o preceito vos obriga, não porque a vontade o deseje, ou a contrigaõ vos disponha: chegais aos pès do Confessor tam sem dôr de vossos peccados, que a mesma confessam, que fazeis, he mais despejo da memoria, que descarga da consciencia; & succedevos, como a Absalam pendurado pelos seus cabellos, porque os cortava todos os annos, para que lhe crecessem mais, podendo

arrancalos por hũa vez; pudereis tambem hũa vez arrancar de vós os peccados, mas contentai vos com cortalos de anno em anno na confessam; de que se segue, que como os cortais, para que mais vos creçaõ, por elles recebereis a morte, & estando a vossa vida à dependura pelos cabellos, vossos mayores inimigos vos atraveçarão a alma.

Não deixeis pois, para mais tarde, o que nunca pôde ser cedo: tomay os avisos de Deos, & fazei sua vontade no mesmo ponto, em que vos chama, & dentro n'alma vos avisa, pois o faz, porque vos ama: vede, que hoje já he tempo, pois não sabeis se o dia de hoje serà o ultimo de vossa vida; não vos guardeis para o depois, porque nem a morte, nem o tempo são da vossa jurisdicção. Se a morte vos colher nestes antes da penitencia, & nos sempre da obstinacão, qual de vós pôde duvidar, que se vay direito aos infernos? Vós mesmos vos day a sentença, que vos pôde dar o Senhor; sentai vos no seu tribunal: vede o que tendes merecido, & fazei o que Deos fizera: & se achares, que vos conven, ou presta para algũa coula detereis-vos no vosso engano, & carregar as consciencias com mais hum dia de culpa, lá vos avinde, peccadores, fazei o que vos parecer. Dirmeheis, que vos peza

muita

muito de offenderes a hũ Deos: tão bom, tão benigno, manso, & amigo; porém, que em fim sois miseráveis, & não ha mais na vossa mão: oh peccadores sem temor! ides a offendere a Deos, & dizeis, que vos peza muito? he mentira: metei-vos por vossa livre vontade nos viscos, & laços da culpa, & dizeis, q̄ não podeis mais? he maldade: recreai-vos na offensa de Deos, & dizeis q̄ lá virà tempo? he depravada obstinação: até quando ha de ser o agora, com que a fraqueza se desculpa? quádo ha de ser aquelle então, para quem appella a vossa emenda? & em que tempo ha de ser o quando, em que a vossa esperança se confia, & a que o vosso propósito se dilata? Vem o tempo, & vai-se o propósito; chega a occasião, & esquece a emenda; batevos Deos, & fecha-se a alma; gritavos a alma, dorme a vida; pois que esperais, que vos succeda, não sabendo a hora, nem o dia, em que Deos vos póde pedir a conta de tantos dias mal gastados, & de tantos tempos perdidos? Entre pois em sy a razão; & não ande fóra de sy tantos annos o entendimento; tomay o conselho do Sabio, q̄ lá dizia nos Proverbios: Não digais ao vosso amigo: Ide, & tornay, à manhã vos darei o que me pedis; se podeis dar logo, o que pede:

Prov.

3.28.

Ne dicas amico tuo: Vale, & re-

veriere, & cras dabo tibi: cum statim possis dare. Vosso amigo he Deos, & não amigo, que vos tofre, vos espera, bulca, & ensina; pede-vos o vosso bem, & remedio, & não o seu interesse; pede-vos, que queirais salvarvos, não vos pede nenhum mal vosso, & menos, algum bem seu, pois nem Deos póde ser mayor, nem vos ha mister para nada: se pois agora vos chama, respondeilhe logo; se quer que logo vos mudeis, para quando guardais os logos? Teimar no erro, conhecendo-o, he peccar assinte. fazer assintes a Deos, que se póde vingar quando, & como quizer, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno he fogo, que não se apaga; tormento, que não cessa, noyte, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, morte, que sempre dura; & bicho, que sempre roe: oh mortaes! vede quam caro vos vende o demonio hũ gosto momentaneo do peccado, por hum tormento eterno: & vede quam barata, & quanto de graça vos dà Deos huma vida sem fim, & hũa gloria infinita, por hũa mortificação breve. Seja logo, ó peccadores, a conclusão destas premissas, hum logo de arrependimento, hum nunca mais de culpa, hum para sempre de obrar bem, em quanto Deos vos dà com os avisos o tempo, como

acon-

aconselha São Paulo: *Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum.*

G O L P E XXVIII.

Multifariam, multisque modis olim Deus loquens patribus in Prophetis: novissime diebus istis locutus est nobis in Filio. Ad Hebr. 1. 1.

Trata-se das muitas maneiras, com que Deos nos ensina a salvarnos.

G E M I D O XXVIII.

TODA esta maquina fermosa, que lustra nos Ceos, & na terra as esferas da humana vista, he livro donde Deos escreve tudo o que quer que os homens saibão he arte por onde lhes ensina, o que devem mais aprender; são folhas todas as esferas, capitulos os elementos, & letras as creaturas, donde a razão soletra, & lê as palavras do mesmo Deos; donde entende o conhecimento as varias linguas, com que fallaõ; donde o espirito declara os enigmas, que mais se encobrem; & donde decifraõ as almas os mysterios, que mais se occultão: com pouca pratica do espirito, que estuda por tudo o que vê, não ha idioma, que se ignore; character, que não

se conheça; figura, que não se declare; & sentido, que não se adivinhe: os que aprendem no amor de Deos, o que só se deve saber da divina sabedoria, não se cansaõ com outra arte; trataõ só de ler pelo mundo as maravilhas do Senhor; nem procuram outra ciencia, mais que a admiração destes segredos, que o mundo tem por ignorancia; em todo o mundo nada olhaõ, mais que o que vem de Deos no mundo; & delle não querem mais nada, que ignorar o que elle mais sabe.

Serve de lição aos discretos a vista de todas as cousas para ver o que hão de fugir, & advertir o que hão de fazer; tudo os desperta para Deos; tudo os esquece para o mundo: as aves, que acordaõ cantando, lhes ensinão, logo que amanhece, a louvar ao mesmo Senhor, como aves espirituaes, em interiores armonias, ou amorosas consonancias: a luz, q̄ faz fugir as sombras da noyte, o que faz a graça nas culpas: as lagrimas da madrugada, o quanto reverdecem as almas com as lagrimas da penitencia: as fontes, que correm ao mar, a ancia com q̄ cada hum em Deos deve buscar o seu centro: o Sol, que declina do meyo dia, & logo as sombras da noyte se lhe seguem, o como vay escurecendose, quem começa a cahir da graça: a noy-

te, que entristece a terra, & tira às cousas todas a cor, o como deixa, & desfigura o peccado hũa alma: os males, que sempre vemos no mundo, nos mostraõ a sua miseria; & as honestas felicidades nos figurão os bens do Ceo: o máo fim da vida dos mãos, quam máo he seguir seus passos: a gloria da morte dos justos, quam bom he seguir seus exemplos. Estas, & todas as mais cousas, que estamos vendo cada hora, saõ recados mudos de Deos, que claramente por todas ellas nos manda; & saõ os modos, com que o Senhor persuade a nossa razão, & observa as nossas omissoens, accitações, & resistencias de suas ordens, & vontade.

Se pois por todas as creaturas nos está olhando o Senhor; se sempre nos está fallando por todas as cousas do mundo; como para vermos a Deos, se não faz a Fé toda olhos? & como para escutalo, toda a vista não he ouvidos? Por ventura, por este livro da nossa experiencia mesma, & dos casos de todo o seculo aprendemos só para troncos, & estudamos para penedos? Como pois chega a ser possível, que os que se estimão por mais sabios; os que sabem mais, que Aristoteles, pois conhecem melhor as cousas; os que reprehendem a Lycurgo, pois lhe emendaõ a sua ley; os q̄ querem emendar a Escoto, prezandose de mais subtis,

não saibaõ ainda as linguagens, com que na arte deste mundo nos começa Deos a ensinar? O mortaes nesciamente sabios, ouvi os recados de Deos, que vos manda pelas creaturas, & por seus casos, & successos. Pagens saõ todas as do mundo, por quem vos manda visitar, & allumiar cada dia; todas ellas saõ enviados da misericordia, que benigna vos offerece cada hora as pazes com sua justiça; Embayxadoras saõ do Espirito Santo, que com ardentissimo amor se quer casar com vossas almas, & darvos o Reyno dos Ceos; medianeiras saõ, quando menos, daquella liga, & uniaõ, que quer fazer contra o demonio na continua guerra da vida: não repareis sempre nos ministros, por quem vos manda as embayxadas; nos instrumentos, & sugeitos, de que usa para estas obras; reparay no aviso, na offerta, no recado, ou nas embayxadas, que podem vir por hũa fera, por hum tronco, por hum penedo: não vos detenhais no instrumento, detendeos sómente no toque: reparay no recado, & não no pagem: na embayxada, & não no Embayxador: não vos detenhais na cortiça, ide dentro buscar o favo: não olheis as cousas por fóra, esmiuçai-as bem por dentro, que estes saõ os grandes proveitos da espirital anatomia.

Vedes

Vedes as arvores no Outono com menos folhas do que fructos; accusavãovos interiormente da muita folha, ou pouco fructo, que tendes dado até o Outono de vossa vida: não repareis nas arvores, que isso vos dizem á consciencia; reparay só no que vos dizem, pois tomou Deos as suas folhas para fazervos memoriaes, & elles alvarás de lembrança: vedes voar ao Ceo hũa ave, & diz-vos á alma, que tambem lá podereis voar, se fazendo aza das penas, & vivendo vida de justo, fugireis das cousas da terra; não olheis, que vos diz isto hũa ave, suspeiçai, que volve escreve Deos servindose das suas pennas; & voai com a que tiverdes de deixar a vaidade humana: olhais tal vez para hum penedo, & diz-vos lá no coração, que sois mais duro, que hũa rocha, pois tendo alma racional, não vos move o amor de Deos, nem vos abrandão seus favores; não repareis em que he penedo; cuidai, que Deos, para advertirvos, faz fallar as pedras comvosco: vedes correr hũa fonte, & parecevos, que se vai rindo, sendo que murmura, & chora de vervos; reparai na causa disso, & correivos de não chorar vossas culpas, & de vos não rirdes do mundo, sendo elle cousa de riso: vedes cahir hum rayo, & diz-vos com linguas de fogo, que estava para vos partir, mas que

Deos vos espera a emenda, & só por isso vos perdoa; conhecei, que he já ameaço, & dai muitas graças a Deos, que podendovos abraçar com esse rayo, com sua luz vos allumia: sentis hũ grande terremoto, & estremecevos a consciencia, parecendovos, que vos diz, que vos quer já tragar a terra, ou que treme a mesma terra de vos sustentar em sy; fazei memoria deste aviso, & cuidai, que o mesmo Senhor vos manda pregar pela terra: vedes hum homem bom, ou máo, & a sua vista mudamente vos diz, quam mal parece quem mal vive, & quam bem parece, quem vive bem; segui o que no bom louvais, & fugi do q̃ no máo reprehendeis; porque de outro modo debalde tercis o auxilio, & o discurso: estais na conversação, & ferio-vos hũa palavra no mais vivo da consciencia, não repareis em quem a diz, que será tal vez hum perverso, reparai em quem a inspirou, que he o mesmo Espirito Santo: ledes no livro hũa palavra, que vos atravessa as entranhas, não cuideis que a diz o livro, entendei que volve imprime: ouvis hum successo do mundo, ou historia dita acaso, & parecevos, que falla comvosco, & vos adverte algũa cousa do q̃ vos toca á salvação; abri o coração a Deos, & agradeceilhe o que vos diz: estais ouvindo o Sermão, ainda que

que não seja de hum Saõ Paulo, & entravos nalma algũa coufa; não repareis no Prêgador, se não he digno de reparo; cuidai em Deos, que vos pegou ao coração effa failca: vedes cortar com hũ só golpe hũa era muito crecida, & diz-vos a alma agudamente, que acabou com hũ golpe aquella fabrica de ramos, aquelle labyrintho de eras, que pizava troncos, & penhas; que trepava torres, & muros; reparaí na era, & nos laços de vossa vida, & ambição, & quam breve golpe os derruba: vedes cahir hum edificio, & a vida se vos estremece; presumi, que he golpe do Ceo, & cuidai nos riscos da vida: vedes morrer qualquer homem, & se vos representa a morte; vede, que Deos vola lembra, & cuidai na hora da morte: vedes hum dia temeroso, & ao juizo se afigura, que he chegado o fim do mundo; presumi, que he ordem de Deos, para que vos lembre o juizo: reparaís na noite escura, ou em hũ carcere tenebroso, & traz-vos à memoria o inferno; cuidai que he aviso do Ceo, para que cuideis hum pouco nelle; & entendi que resistis a Deos, & à sua doutrina, que assim nos dá por tantos, & tão exquisitos modos, que acabareis deseparados dos favores da misericordia, para experimentar eternamente os rigores de sua justiça: acabando de enten-

der, que ainda agora nos falla Deos de muitos modos, & manciaras, como Saõ Paulo diz que fallava antigamente: *Multifariam, multisque modis*, &c.

G O L P E XXIX.

Si poenitentiam egerit gens illa à malo suo, quod locutus sum adversus eam: agam & ego poenitentiam super malo, quod cogitavi ut facerem ei. Jerem. 18.8.

Como ha de ser a nossa emenda para alcançar de Deos a misericordia

G E M I D O XXIX.

SE o peccador (disse Deos por Jeremias) fizer penitencia de teus peccados, farei eu tambem penitencia de o querer castigar por elles. Oh bondade de Deos immensa! oh amor sempre incomparavel! que chegue o mesmo Deos a dizer, que fará penitencia de ter tenção de castigarnos, se nòs a fizermos de havelo offendido; como se a divina justiça fora culpa, de que se deva arrepender, logo que nos nòs arrependeçmos das culpas, que merecem o rigor de sua justiça! Tal he sua infinita bondade, que por melhor nos persuadir os remedios da penitencia, faz por bemquista-

la,

la, prometendo tambem fazela: se pois o mesmo Deos Santissimo, Purissimo, & Soberano infinitamente se não dedigna em sua gloria de fazer por nós penitencia, se a fizermos de nossas culpas; quem será taõ ouzado, abominavel, & blasfemo; que zombe do que Deos estima, que se ria do que Deos faz, & que despreze o que Deos quer? Fazer Deos penitencia, nenhũa outra cousa he, senão pôr a sua misericordia donde estava a sua justiça; & a nosso modo de fallar, pezunos de offender a Deos; pezoulhe de nos querer castigar por isso: com o pezar de havelo offendido, propuzemos de o não offender mais; com o pezar de querer castigarnos, propoz de nos não dar mais castigos: eis-aqui a penitencia de Deos, eis-aqui a nossa penitencia; mas quer o Senhor explicarse comnosco pelos termos de arrependido; porque o peccador vendo isto, á medida do seu peccado, (no que he possivel á creatura) & a exemplo do mesmo Deos, se folicite arrepende: não olha Deos os peccadores do arrependimêto para trás, senão da emenda para diante; não conta os annos do arrependimento, senão as tençoens, & os propósitos delle; pôde ser o tempo muito, & o fervor pouco; & isto não he o que Deos quer, porque estima mais sem

comparaçãõ hum dia de pezar com grande magoã do coraçãõ; & cõ firmes propósitos, q̃ muitos annos de emendado com poucas ancias de dorido: mede Deos pela qualidade a penitencia, & não pela quantidade: assim como hum tronco de páo de Aguilã, ou Calambuco, val mais, que hum bosque de outros; assim val mais hum só peccador muito arrependido para com Deos, que muitos outros froxamente emendados: não está na extençãõ do tẽpo a perfeiçãõ da penitencia, senão na intensãõ dos propósitos, do pezar, & dos sentimentos: muitos annos de arrependimento com pouco fervor, são muitas testimnhas da froxidãõ; & malins da nova culpa, que se comete na tibieza; & poucos dias de fervor depois de emendarmos a vida, são provas de que foy verdade o pezar de offender a Deos; são vidas inteiras da Fè, que sem obras morre; são mais que idades de esperança; são seculos de merecimẽto; são eternidades de amor: & como são tanto, nada importa contra a salvaçãõ, que sejaõ muitos os annos do peccado, porque como Deos não olha o tempo, senão o fervor da emenda, em cada hora deste, se he grande, ficão logo perdoadas eternidades de offensa, & imensidades de culpa: mas nem por isso o peccador deixe para a

text.
in cap.
2. de
pœnit.
dist. 7.

velhice a penitencia ; porque não será perdoado de Deos quem deixa os peccados , quando já não pôde peccar : deixar os peccados , quando elles nos deixão , he mais sinal de obstinacão , que de arrependimento ; porque os verdadeiros arrependidos fazem penitencia em quanto podem , & não querem peccar , mas deixar de peccar por mais não poder , he grito de impenitencia , que podendo , se não quiz emendar , em quanto peccar podia .

A verdadeira penitencia he chorar os peccados commetidos , & não tornar a fazelos : se pois queremos , que a Deos lhe peze dos castigos que nossas culpas merecem , para que não haja mais castigos ; porque nos não ha de pezar dos peccados commetidos , para não haver mais peccados : Ter pena de haver ofendido a Deos : fazer penitencia , he dar monos pena , & castigo dos peccados , que cometemos : não tem verdadeiro pezar de haver aggravado a seu Deos , quem depois de propôr a emenda , não castiga em sy o que lhe peza haver commetido , mas antes torna ao vomito da culpa , porque a não castigou como devia : o verdadeiro penitente ha de doerse do passado , ha de emendar o presente , & ha de prevenir o futuro ; sem defcanfo se ha de doer , porque defcanfando a dor , torna com a

complacencia a reverdecer a culpa ; sem tardança se ha de emendar , porque em quanto tarda a emenda , não chega o arrependimento ; sem culpa se ha de prevenir , porque quem contra os peccados futuros se não acautela , muy perto está de os não ter aborrecido : de tal modo ha de chorar as culpas commetidas , que não torne mais a cometer , o que hũa vez soube chorar : enganos de hontem , & defenganos de hoje , ou são hũ começar , ou hum nunca acabar da culpa : ou são propositos para nunca mais , ou malicias para todo sempre ; & por isso mesmo , ou são remedios para logo , ou mayor mal para depois. Perdoou Deos á Cidade de Ninive nos tempos de Jonas , não lhe perdoou nos dias de Nahum , porque foy então de todo assolada , sem ficar pedra sobre pedra de suas maquinas sublimes : a causa da misericordia de antes , & do castigo de depois facilmente se deixa ver. Chorou Ninive as suas culpas nos tempos do Profeta Jonas , & serviolhe então de remedio aquelle começar de emenda ; tornou-se logo a seus peccados , com hum nunca acabar de culpa , & fez mais grave o castigo ; os extremos da penitencia na face da primeira ira parecerão propositos para nunca mais , por isso foraõ remedios para logo ; as froxidoens do def-
engano

Joan. 3
10.
Nah. 3.
7.

enganô nas tençoens da segunda emenda, forão malicias para sempre, como o Profeta lhe dizia; & forão por este principio seu mayor mal para depois: tanto mal faz hum defengano para deixar-se depois, que acha menos piedade em Deos, que hum engano, que se arrepende, hũa cegueira, que se chora, & hũa culpa, que se confessa: & a razão he; porque estando na nossa mão, como pigava o Rey de

Jon 3. Ninive, ou a emenda para abraçada, ou a culpa para querida, depois de conhecida a culpa, & depois da emenda proposta, he mayor offensa de Deos hũa emenda, que se despreza; que hũa cegueira, que se abraça.

Quem promete a Deos emenda, não menos, que para todo sempre obriga a culpa a nunca mais; & se o vagar das froixidoens, ou a mudança dos propósitos faz perder a Fé aos extremos, mà conta dà de sy a Deos, & peyor dos seus beneficios, quem coxea para a satisfação, depois de voar para a culpa; que torna atraz com a verdade, depois de ir adiante com a mentira. Não achão misericordia em Deos os homens, que havendo gastado na culpa o tempo da misericordia, chamão por ella, quando já indignada a justiça vem castigar a sua offensa: chamar por Deos com medo de seus castigos, & não com amor á sua

bondade, não livra de condenação, se se não junta aos Sacramentos esta attrição espavorida, & ainda que haja misericordia, deve apressarse a penitencia; porque se o enfermo, ainda que tenha por certo o alcançar a saúde, não quizera estar mais tempo na enfermidade, mas logo apressára o remedio: porque razão o peccador ha de querer estar em peccado, ainda que tenha por certo alcançar misericordia? Malicia he de duas larguras offender a Deos mais, porque Deos me espera mais, fazendo da sua bondade razão para a minha maldade.

O' mortaes, ou nesta vida, ^{Sap. 5.} ou na outra haveis de fazer penitencia; mas com esta differença, que a penitencia desta vida he tão breve como a vida, & tem eterno perdão; & a penitencia da outra vida, he tão longa, como eterna, & tem tormento sem fim: com a penitencia de agora podeis apartarvos dos peccados para nunca mais; & com a penitencia de depois os não podereis deitar de vós; levaros-hão para os infernos; & levalosheis em voscõ, não cõ o gosto com que agora os não largais, mas com eterna pena de os não ter deixado: desejareis então apartarvos delles, como de crueis inimigos; naquella eterna duração, & nunca vereis cumpridos vossos desejos, por-

que como os mais crueis verdugos não se apartáraõ de vòs; pois he certo, que mais sentireis ver, que nada vos espêdaça mais as entranhas, nem vos roe mais cruelmente o coração, como effes vicios, & peccados mais amigos com q̄ sempre andastes em braços, & que foraõ voffo mayor deleyte por tão breve espaço de tempo, só para mais vos affigirem por toda a longa eternidade.

Vede pois agora, ó peccadores, que a paciencia de Deos he quem vos chama á penitencia; aquelle, que aggravado vos roga, que não fujais perdoando, clama sobre vòs, porque lhe fugis: tornai a Deos, ó mortaes, vede que tudo tem feu tempo; ha tempo de penitencia, porque ha tempo, em que a penitencia aproveita; & ha tempos, em que nada val, porque se faz fóra de tempo. Penitente acabou Judas, mas condenoufe: assim como o semear a feu tempo, plantar quando o pede o tempo, vindimar quando não he fazão, & navegar sem monção, não aproveita cousa algũa; assim querer fazer fóra de tempo penitencia das culpas, nenhũa cousa importa: he a penitencia segunda taboa de toda a humana perdição no naufragio da culpa; mas só nella certamente se salva, quem com tempo lança mão della: de quem guarda

a penitencia para o fim da vida, duvida o mesmo Santo Agostinho se vai seguro com ella para a viagem do outro mundo; & por isso aconselha o mesmo Santo, & com elle vos exhorta a Igreja Catholica, que se quereis livrarvos de duvidas, & se não quereis deixar o certo pelo duvidoso, que façais penitencia na flor da idade, no melhor da faude, & no melhor tempo da vida, & que não estejais perdendo tempo. Finalmente aquelles, que não buscáraõ a Deos na madrugada da vida, nem na manhã da mocidade, nem no meyo dia da idade perfeita, busquem-o ao menos na tarde de seus annos, & ainda na noyte da velhice; porque como o Senhor não trata em nenhum tempo, como engeitados, a seus filhos arrependidos, por mais prodigos, & destruhidos, que te nhão sido de antes; tambem he certo, que cada vez que fizerem de seus peccados legitima penitencia; isto he, que podendo peccar, não queiraõ, puramente por amor de Deos, pezando-lhes de todos os máos fins, que puzerão a seus enganos, & lhes peze de haver feito mal; tambem (a nosso modo de fallar) a Deos lhe pezará do mal, que por isso lhes queria fazer, condemnando-os para sempre: *Si penitentiam egerit gens illa, &c.*

Aug.
per
tex. in
d. cap.
2.

G O L P E XXX.

Pœnitentiam agite. Matth.
4. 17.Penitencia verdadeira qual se-
ja, & como he necessaria.

G E M I D O XXX.

EM tres cousas consiste a verdadeira penitencia: em dôr de peccados com detestação de vicios; em confissão de culpas com proposito de emenda; & em satisfação de obras com perseverança de virtudes: a primeira dispoem para a graça, se a não alcança; a segunda alcança, se a não acrescenta; a terceira a acrescenta, se a não aperfeiçoa: conforme as disposições da dôr nos começa Deos a ver; conforme a força dos propósitos se começa Deos a chegar; & segundo a perfeição das obras, se nos começa Deos a unir: começamos a ver, porque nos vira; começa a chegar-se, porque nos toca; começa a unir-se, porque nos prende: viranos do avesso da culpa para o direito da graça; tocanos da sua mão, para nos pormos a seus pés; prendenos nos seus braços, para nos soltar dos vicios: mas se o fazemos ao contrario, et quecendonos da penitencia, a piedade se faz ju-

stiça, com que nos condena em juizo; dos toques faz crueis açoutes, com que nos castiga na morte; dos braços faz duras cadeas, com que nos sepulta no inferno. Castigou Deos a Jerusalem, & a seu Povo pelos Assyrios, assolou-a pelos Romanos; sobverteo as Cidades infames; ferio a terra dos Egyptcios; açoutou o Imperio dos Medos, & outras gentes, & Monarquias; afo-
gou finalmente a terra com o diluvio universal; & tem deitado nos infernos hũa multidão sem numero de almas; porque as lagrimas da penitencia não quizerão verter diluvios de sentimento; porque o fogo do amor de Deos se não ateou pelas almas; porque as armas do desengano não quizerão assolar a culpa; & porque os imperios da emenda não quizerão mudar a vida; todos estes foraõ punidos, destruidos, & devastados não só com o temporal estrago, mas com os eternos castigos: não foy Ninive assolada, quando temeo ser sobvertida, porque em tres dias de jejum, cilicio, & penitencia sobverteo a emenda os peccados, que tinhaõ a Deos tão irado; & ainda dos males do tempo se livraraõ muitas pessoas, Cidades, & Reynos, por fazerem publicamente penitencia de suas culpas: assim o testimunha Bethulia, & todo o Povo de Israel; porque cada vez,

que clamou a Deos com verdadeira contrição, embainhou a misericordia a espada daquella justiça severa, que já hia descendo com o golpe a ensanguentarse nos perversos: tanto atar as mãos ao mesmo Deos hum coração arrependido, que em tomando hũa disciplina, tira a Deos a espada da mão; em se irando bem contra sy, desfaz sombra a ira de Deos; & em se cubrindo de cilicio, despe as armas a Deos.

Que esperais, ó peccadores, para fazeres penitencia, se vedes, que por não fazela, forão ao inferno os que lá estão? Aquelles baixos, que no mar forão riscos não sabidos, vistos na carta de marear, são advertencias dos que navegação; a advertencia de hũa náó, que padece naufragio, he salvação de muitas outras, que escarmentão no dano alheyo: assim todos os que navegação pelo enganoso mar do mundo, pelo exemplo dos que se perdem, podem saber donde perigão: perdem-se os mais dos homens do mundo por não fazerem penitencia, ou não ser como convem; porque he a taboa segunda do naufragio do peccado: se pois da praya das virtudes sabistes para hũ mar de vicios, se fostes correndo fortuna por todo o pègo da maldade, se cada vez mais engolfados em ondas de abomina-

çoens ides dando à costa da morte com a fragil embarcação da vida, se cada vez mais carregados do que he pezo da consciencia, mais que riqueza do deleyte, vos ides sorvendo no abismo; que fazeis, que não lança ismo dessa taboa da penitencia, que não só vos serve de taboa, mas pôde servirvos de porto? Vá ao mar, vá à confissão a mercancia do delito, & a mayor fazenda da culpa; & tratai de vos pôr em salvo em quãto he tempo de remedio. Não repareis no que vos doe, reparaí no que vos convem. Se entre a morte, & a vida não ha outro algum remedio; se entre o naufragio, & perdição não tendes outro remedio; porque não pegais desta taboa? Se vos fechais na obstinação, Deos vos fechará nos infernos: se abrires a vossa vontade na confissão, & penitencia, vereis abertos os Ceos para receberes a Deos, & para q̃ Deos vos receba, abrivos com Deos de hũa vez, & desabrivos com tudo o que o offende para sempre.

He a penitencia como chave, o entendimento a fechadura, a vontade como fecho, & o coração como porta: para abrir a porta, he necessario correr o fecho; para correr o fecho, he preciso dar volta á chave; para a chave dar volta, he força, que faça na fechadura; & para fazer

na fechadura, requirese, que entre bem nella, & sem estas condiçoens todas não se póde abrir a porta: se pois a penitencia, que he chave, vos não dà volta, porque vos não entra na fechadura do entendimento; se o entendimento vos não serve, porque a penitencia não faz nelle; se o fecho da vontade não corre, porque a fechadura do entendimento não dá entrada á chave da penitencia, para que a vire; por mais, que Deos vos bata á porta, como ha de abrir o coração, q̃ a tantas chaves está fechado; quantos peccados tem feito? Abrese o coração pela vontade de amar a Deos, correfe a vontade pelo pejo de have-lo offendido, virafe o entendimento pelo conhecimento da culpa, dà volta a penitencia pela emenda da vida: faça pois, faça a penitencia por vos servir no entendimento, deixese entrar o entendimento para dar volta a vontade, corrafe a vontade de ser necessario, que a virem, & logo se abrirá o coração de par em par para Deos: porém se não succede assim, a chave, como não serve, perdefe; a fechadura, como não se entra, tirafe; o fecho, como se não corre, quebrafe; & a porta como se não abre, rompefe; he Cruz para Christo, & não porta; he grilhão para vòs, & não fechadura; he lança contra

Deos, & não fecho; he prego para as portas do Ceo, & não chave.

Mas ainda q̃ seja ao contrario, duas cousas mais se hão de mister: pés para chegar á porta, & mãos para usar da chave: os pés na Escritura se entendem pelos affectos, as mãos pelas obras: he necessario, que cheguem os affectos ao coração; & hão de movelo vossas obras: se com as vossas más obras déstes de mão a Deos, se com vossos mãos affectos fugistes de Deos por pés, necessario he que vos vades deitar aos pés de Deos, deitandovos aos do Confessor; & pondo por obra os bons propósitos, com que abrides o coração, he tambem necessario, que vos ponhais nas mãos de Deos.

Se pois, batendovos Deos á porta do coração atè com estes escritos, para não lhe abrires a porta, todos tendes o pé dormente, & todos hũa mão sobre outra: se em fim não pondeis mão à obra, nem quereis tomar este pé, que vos daõ os vossos affectos, ló porque a alma se não mova, & a culpa se não inquiete: se vos tem o mundo, & a carne, o demonio, & esse amor proprio tão atados de pés, & mãos, q̃ o entendimêto não quer virarse, por não dar as costas ao mundo, que a vontade não quer

correrse, porque a carne não se envergonha, que a penitencia não quer dar volta, porque o demonio se não vá, que o coração não quer abrir, porque o amor proprio se não laya; que importa ter chave para dar volta, fechadura para virar, fecho para correr, & porta para abrir? Fora chave mestra esta chave, com que se abrem todas as portas do templo mystico de Deos, se ao mesmo passo dos auxilios, com que Deos vos levanta os pés do chão, entrareis no paço de Deos, que não he outro, se não essas almas cerradas pela obstinação com as travessas da malicia, trancadas pela contumacia, & pregadas com a cegueira. Se quizeris entrar em vós, & se cuidareis algum tempo, q̄ dentro de vós anda Deos, ou sejais bons, ou sejais máos, ainda que só nos bons por graça; qual de vós não folgára muito, lançando mão da penitencia, & correndo a Deos a cortina de vossa conciencia escura, se não só da chave dourada, mas ainda sumilher de Corpus daquelle Rey Omnipotente, que he Senhor dos Ceos, & da terra? **O** Fieis, viray hoje as guardas desse appetite, q̄ he gazuia para abrir as portas do inferno: sejam as guardas dessa chave, a guarda dos dez mandamentos, que o Senhor vos encerra em dous: tomai nas mãos das boas obras

esta chave da penitencia: buli os pés desses affectos, que valem sempre muito pouco, se senão poem em exercicio; & vede, que o chegar a Deos está só em hum abrir de mãos, & em hum fechar de olhos ao mundo. Abri-vos pois na confissão, & abri-vos de todo cõ Deos; abrilhe, abrilhe os corações, & vereis nelles os venenos, que dentro vos meteo a culpa; abri os olhos da razão, & vereis logo a semrazaõ, com que a Deos fechais os olhos: abri-vos com a penitencia, abri-vos com a disciplina, abri-vos todos com açoutes, & fechareis por hũa vez de pancada contra o demonio: *Pœnitentiam agite.*

G O L P E XXXI.

Noli iraque erubescere testimonium Domini nostri. 2. ad

Timot. I. 8.

Como todo o Christão se não ha de envergonhar de servir a Deos, & ser virtuoso.

G E M I D O XXXI.

Pouco beneficio pôde fazer aos campos o Sol de inverno em quanto se encobre em nuvens: pouco lugar dá o mar do Norte aos navios, para que naveguem, em quanto prende as suas ondas em grilhões de caramelo:

melo : & pouco fructo fazem no mundo, & pouco serviço a Deos aquellas almas, que com as nuvens da vergonha querem encobrir o Sol da justiça no tempo da sua frieza : impedem imprudentemente o calor, que receberião com a luz de Deos, não só ellas, mas outras muitas; & não deixão navegar bem pelo mar do norte da graça aquelles, que com a frieza de seus animos congelados ficão prezos nos caramelos de huma vergonha indurecida. Por isso sabendo o Apostolo, que Deos se offende do animo, & não da natureza, mandava a Timoteo não só, que se não envergonhasse de servir a Deos; mas, que não quizesse evergonhar-se: porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor, pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resolução, era mayor culpa, que não resolver-se por ignorancia, ou froxição. Animos entanguidos não se achão senão em coraçãoes fracos, que não ousando a resolver-se, querem praça de entendidos entre o numero dos inuteis, mais que os timbres de generosos com as ventagens de arriscados: & he notavel esta cegueira; porq̃ perguntára eu aos homens: se a nenhum lhe peza de que o tenhão por entendido; se nenhũ se envergonha de que o avalicem por valeroso, por no-

bre, sabio, ou cortesaõ; que razão ha, para que se envergonhe de que o tenhão por bom Christaõ? Porque se o valor he virtude, se o juizo he parte, se a nobreza he lustre, se a sabedoria he dom, se a cortesia he prenda; que prenda he mais para estimada, que dom mais para desejado, que lustre mais para querido, que parte mais para prezada, que virtude, que assim se louve, como a verdadeira virtude de saber contentar a Deos, encher a ley, & edificar o mundo? Dirmehão alguns, que por isso mesmo, porque a virtude he tão louvada, pôde ter o seu perigo no seu mesmo louvor: & a mim me calãra a resposta, se a virtude de quem se resolve a servir a Deos ouvesse de achar diante de sy cousa, que lhe fizesse vangloria; & hum pouco de ar, que corre da regiaõ do engano, lhe ouvesse de fazer mayor mal, do que lhe fez todo o mundo; como na verdade faz, a quem faz caso de algũa cousa, que não se ja servir a Deos: mas quem se resolve a servirlo, poem o seu fim em darlhe gloria, & não querer para sy nada; mais que o conhecimento do nada, que foy antes que fosse, que he sempre, que pecca; & que será, se peccar.

O' mortaes, não vos envergonheis de servir a Deos: porque se os homens só se devem

de envergonhar quando cometem algum erro, envergonhar-vos de que vos vejaõ amar a Deos, & resolvervos a servillo, he mostrar ao mundo, que tendes por erro este amor, & esta resoluçãõ : & mais se offende Deos, de que os homens se mostrem corridos, & envergonhados de servillo, ou de querello servir, que de offendello; porque isto pôde ser fraqueza, & aquillo sempre he ignorancia, desfacato, ou ingratição. Basta, que se não ha de pejar o lascivo de que o tenhaõ por lascivo? não se ha de envergonhar o blasfemo de que o julguem por blasfemo? o homicida por matador? o liviano por louco? o peccador por peccador? & vòs haveis de envergonharvos de parecerdes bõs Christãos; de que vos não julguem escandalosos; & vos não tenhaõ por nocivos a todos os outros homens? Que he isto, se não fazer gala de escandalizar o mundo, de fazer mal ao proximo, & ter por honra o atrever-vos contra Deos? Envergonhaifvos por ventura de que o mundo vos veja buscar o Ceo? Pejaifvos de que saiba o demonio, que quereis servir a Deos? demonios são, & os mayores, que podem ser, quantos vos fazem este pejo, ou seja a vossa honra, ou o vosso estado, ou vosso pay, ou vossa mãy, ou vosso Rey, ou vosso amigo. Contentarvos

com amar a Deos ás escondidas depois de offendelo ás claras, nem he o que Deos quer, nem tem graça algũa : viverdes na graça de Deos, & tambem na graça do mundo, he cousa muy difficultosa; porque ha de quebrar com o mundo quem se resolve a amar a Deos: *Nemo potest duobus dominis servire.* A verdade de Deos, & a mentira do mundo, como se não correm, não se fallaõ bem, & pouco namorados estais vòs da fermosura da verdade, pouco procurais agradala, se ainda lhe fallais pela boca da mentira: ter hum pè no mar, & outro na terra, ainda he duvida da eleição, & final da neutralidade. buscar a Deos com mascara, parece cousa de zombaria, & querer, que vos não conheça: estar sobre duas amarras ainda he medo de perigo: querer ter ainda alampada em Meca, he ter ainda fé com Mafoma.

Oh que repartido tem o coração quem quer servir a dous senhores! & de não querer dalo a hum só, se segue não o dar a nenhum, & por isso mesmo perderse. Peccadores, ou bem dentro, ou bem fóra; porque querer isto, & aquillo, nem vos deixa hir para o Ceo, nem vos deixa gozar da terra; nem obrigais a Deos, para que vos ajude, nem peitais ao mundo, para que vos estime; se vos quereis

hir

Math:
6. 24.

hir aos infernos por este breve engano, que hum momento vos dura, bebei por hũa vez a purga, & fazei o estomago a pãder para sempre a maldiçaõ de Deos, as eternas chamas, os tormentos sem fim, & a companhia terrivel dos demonios: porẽm se tratais de hir ao Ceo, de gozar a vista de Deos, de ouvir os cõros dos Anjos, de morar na celeste patria, de ver a eterna fermosura, de ter glorias sem termo, gostos sem sobressalto, felicidades sem medida, & bens sem corrupçaõ, resolveivos por hũa vez naõ querer o Ceo de meas: haveis de cuidar com Saõ Paulo, que daquelle bem naõ saõ dignos os humanos merecimentos, & todas as penas do mundo: ou tudo, ou nada tem aquelles, que deixaõ o nada do mundo, ou se perdem por tudo nada: quem se rende ao amor de Deos, naõ faz capitulaçoens com Deos; rende-se à merce, & de tudo lhe faz entrega: para que vos presta a razaõ, se naõ defauthorizandose no serviço, & no amor de Deos, tendes vergonha de servillo? Naõ gasteis a vossa vaidade nos desejos do defengano, se quereis, que o amor de Deos viva encantado na vergonha, prezo na casa do segredo, ou de conserva na mẽtira: amor que he hũa vergonha, que amor pãde ser? por força ha de ser coufa má, pois tem me-

do de apparecer, ou o seu parecer mete medo: defenganos de meyo olho saõ verdades suspeito-fas, ou cautelas conhecidas; & cautelas com Deos naõ servem, se saõ mais, que para naõ offendelo; porque sã se encobre o que he maõ, & Deos quer, que os seus conhecimentos tragaõ o rosto descuberto. Quererdes tambem, que totalmente vos defencante Deos dos vicios, sem fazerdes da vossa parte, naõ sã he teima da malicia, mas escandallo da razaõ: se cuidais, que enganais a Deos com hũa lagrima de agora, com hum ay de tempos em tempos, com hum soluço de anno em anno, he mayor maldade do engano, que vos arrasta ao precipicio, pois naõ se chora o que se foge; naõ se suspira o que se larga; nem se soluça o que se engeita: muito simplez he a verdade, muito nua, & muito singella; a mentira muito composta, bem vestida, & muito ornada; por isso naõ pãde a mentira conformarse bem com o parecer da verdade; pois por mais que o queira imitar, ainda que fique bem córada, sempre fica mal parecida: mentem muito os pulsos do mundo, a quem lhes quer curar os males; porque encobrem ordinariamente com os latidos do engano as intercadencias do espirito: o mesmo he parecer vos mal o mundo algũa vez, que

appa,

apparecervos Deos com a occaſião do defengano, ſe não lâçais mão d'elle para o meter em caſa; & defenganar os outros, em que vos aproveitais de Deos. Se quereis viver para Deos, haveis de morrer para o mundo: pois fizestes honra ao demonio adorando os vultos da culpa; haveis de honrar tambem a Deos, derrubando as aras, & os idolos a quem daveis adoração: ha de fugir a voſſa vida de todas as vias do eſcandalo; haveis de buscar a luz, ainda que não queira is luzir; haveis de amar a Deos às claras, ainda que o gozeis ás eſcuras; conforme voſſa vocação, & ſegundo ſeus beneficios: eſcondedi embora o ſegredo, que importa muito que ſe guarde; & guardai tambem o theſouro, que não convem porſe na eſtrada; mais haveis de moſtrar ao mundo, que aborreceis em ſeus deleytes o q̄ vos fez fugir de Deos; que não quereis de ſeus enganos; o que o defengano vos prohibe; que engeitais à ſua mentira, o que ſó quereis na verdade.

Se pois quereis, ó peccadores, caminhar por via direita ſem duvidas, nem embaraços, não he neceſſario ir ao ermo, para que povoeis os deſertos, & deſpovoeis as Cidades; idevos à voſſa razaõ, entray no voſſo conhecimento, vede o que fostes, & o que ſois, & o que breve-

mente ſereis; entrai logo mãs para dentro, & cuidai bem em quem he Deos, cuidai como vos receberá quando ſahirdes deſta vida, & como vos convem ſahir, & vivei dahi por diante, como naquella ultima hora quizeis ter vivido: não ſe vos dê do que dirá o mundo; olhai ſó o que dirá Deos, ſe para não ſervillo ſe vos der mais do que dizem os homens, que do que elle quer: notavel medo faz á virtude que eſtá no berço, & anda em mantilhas, eſte coco, do que dirão; mas a que já he creſcida, como conhece os eſpantalhos, ou os deſpreza, ou zomba delles. Se dizem, que ſois hypocrita, & vds o ſois, razaõ he que o digaõ; não vos fazem injuſtiça; & ſe o não ſois, que mal vos faz quem vos não faz ſer o que diz? Se vos chamaõ ſanto, & vos enſina a humildade, que por vds ſois nada, nada diſſo vos toca; deixai louvar a Deos na ſua creatura: ſe vos faz mal a vangloria, vede que vds ſois o mão, pois fazeis peſte do louvor de Deos: & ſe iſto vos não ſuccede, vede, que vos enſina Deos pelos homens o que deveis de ſer; & que vos reprehendem os que vos chamaõ ſanto, ſe ainda o não ſois, & nada diſto vos fará mal. Envergonheſe cada qual de faltar ás obrigaçoens da ley de Chriſtão, que profreſſa; & de rebellarse contra Deos, por fazer o goſto

ão demonio peccando; mas não tenha pejo de ser bom fiel, & de parecer o que he para honra, & gloria de Deos; como a cada hum de nós admoesta São Paulo na pessoa de seu discipulo Timoteo: *Noli iraque erubescere testimonium Domini nostri.*

G O L P E XXXII.

Deum, qui te genuit, deliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui. Deuter. 32. 18.

Mostrase, como o peccador por hum nada, & menos que nada desempara, & deixa a Deos.

G E M I D O XXXII.

DEixarão a Deos os homens, afastaráõse de Deos, derãolhe as costas, & viráõse para as creaturas: & não ló para as creaturas, mas para muito menos, que ellas; deixaráõ finalmente a Deos por tudo nada. Nada, dizem os Theologos com Santo Agostinho, que he tudo, o que he offensa de Deos: *Peccatum nihil est.* Deixaráõ os homens a Deos pelas honras do mundo, pela fortuna, pela fama, pelo deleyte, & pela fazenda, que estas são as fontes principaes de toda a perdição do mundo, como diz o Evangelista S. João: &

Aug.
tom. 9.
tract.
I. in
Joan.
post
med.

I. Joan.
2. 16.

todas estas cousas são nada, porque são offensas de Deos; nada, porque para nada prestão para a virtude, antes a arriscão; nada, porque nada aproveitão para a salvação, antes a impedem; nada, porque para a outra vida não leuão mais, que a culpa, sobre quem fica o castigo da condenação eterna; nada em fim, porque em nada se conformão com os preceitos da ley de Deos, que são amar a Deos, & ao proximo: & como por todas estas cousas, que são nada, deixamos o Senhor de tudo, bem se deixa ver, que por nada deixamos a Deos sempre, que o deixamos por isto.

He offensa de Deos a honra, & por consequencia nada; porque o desejo da honra teve principio na offensa, & desestimação de Deos; desestima a Deos, & offende-o, quem por ser o mais honrado do mundo, quer ser como Deos: isto quiz ser Lucifer, Adão, & Eva; & nada lhes aproveitaráõ estas honras pretendidas, mais que de cahir Lucifer do Ceo nas penas do inferno, & sair Adão do Paraíso, ainda depois de penitente: a hum, fazerse vil demonio; a outro, baixo trabalhador, homem de ganhar miseravel, que roçasse abrolhos, & espinhas: eis-aqui como as honras são nada, porque são offensas de Deos; eis-aqui

aqui como se castigaõ.

He nada a fortuna, porque o querer ter fortuna por mãos caminhos começou em aggravos de Deos, & em mal do proximo; & offende a Deos quem quer ser o mais bem afortunado no mundo. **Gen. 4.** Matou Caim a seu irmão Abel, por tirar do mundo hum homem, que tivera melhor fortuna com Deos, do que elle tivera: mas isto que lhe aproveitou? Não lhe aproveitou isto de nada, mais que pollo peyor com Deos, de excomungarse para o mundo, & condenarse para sempre. Traçou Amaõ a morte de Mardocheo, porque lhe não furtasse a fortuna: & que ganhou com esta traça? Que? Morte infame de força neste mundo, & morte eterna no outro, porque a Deos, & ao proximo offendeo ambicioso da sua fortuna.

He nada a fama; porque o querer ter nome, & fama teve a sua raiz no pouco temor de Deos. Fez Nemrod a torre de Babel, para fazer grande a sua fama, & famoso o seu nome; & que lhe aproveitou, querendo sem temor de Deos tomar o Ceo com as mãos? Que lhe valeo aquella machina, que lhe levãtou a vangloria? De nada lhe valeo mais, que de edificar hũa confusão do mundo, & arruinar a communicacão, & a sociedade dos homens; & no cabo irse aos infernos com outros muitos,

que, por lhe guardarem as pevides, derão o mesmo fruto.

He nada o deleyte; porque o deleyte profano nasceo da corrupçãõ das virtudes, mudando a ley da razão, na eleiçãõ do appetite. Misturáraõse os filhos de Deos com as filhas dos homẽs; isto he, os adoptados na ley com os quebrantadores della; & corrompeõse todã a carne em feyos, & abominaveis vicios: & em q̄ parou este deleyte: Parou em fazerse ira de Deos, & sua dôr de coraçãõ; & a nosso modo de fallar, em pezarlhe de haver feito o homem; de que se seguiu castigar universalmente a terra com as aguas do diluvio, para apagar com ellas os sensuaes incendios; & depois punilos com eterno fogo, deitando no inferno hum diluvio de almas. **Gen. 6.**

He nada a fazenda; porque o querer ter mais fazenda da necessaria para o uso honesto da vida, não teve outras fontes, q̄ as da ambiçãõ, & avareza; & querer guardar para sy o q̄ Deos deu para todos, he offensa grande de Deos, & falta do amor do proximo. Principiou o rico Avarento a juntar fazenda, juntando culpas a culpas, & deixando peccer a Lazaro: & de q̄ lhe servio a riqueza, & banquetes? Não lhe servirão de outra cousa, que de darem com elle no mais profundo abismo. **I uc. 16. 19.**

Eis-aqui, mortaes, o que tendes

des de tudo, nada para a duração da vida, & menos que nada para alcançar a gloria: vangloria he tudo, & tudo offensa de Deos, & por isso nada: se quereis ser honrados como Deos, sendo Deoses na terra, ou perdereis o Paraíso, como Adão, ou cahireis no inferno, como Lucifer: se quereis por ruins caminhos ter melhor fortuna, que os outros, ou vos perdeis como Caim, ou acabais como Aman: se quereis ter nome, & fama como Nemrod; como elle vos confundis: se quereis deleytarvos sensualmente como os filhos dos homens, apressiareis o castigo, & virá sobre vós hum diluvio de ira: se quereis superfluamente juntar riquezas como o Avarento, meteis-vos na região da morte, & no carcere da perdição.

Boas são as honras, a fama, a fortuna, a fazenda, o deleyte honesto, boa a fermosura, a sabedoria; pois Deos honrou a Adão, como diz David: Deos deu boa fortuna a Mardocheo: Deos fez grande o nome de Abrahão: Deos com Rachel concedeo deleytes a Jacob; & fez rico a Job sobre todos os da sua idade: fez Deos fermosa a Judith para livrar a Bethulia da oppressão de Holofernes; & a Salamaão o mais sabio homem do mundo: mas em não sendo todas estas cousas dirigidas ao louvor de Deos, & a

mayor gloria sua, as honras são precipicio da soberba, as fortunas são isca do dano, a fama, cõfusão da vida, a fazenda, trato do inferno, os deleytes, causa da morte, a fermosura, alfaya da vaidade, & a sabedoria, aposento da vangloria.

Para que são honras, se no ser físico, & se na natureza todos somos huns? As mais pequenas fontes, & os mais humildes regatos, da mesma natureza são, que os mayores rios; se estes são mais nobres, mais ricos, mais deleytosos, & mais nomeados no mundo, he, porque usurpando as aguas alheas, alcançarão a mayoria, tiranizando as igualdades: mas isto de q̄ lhes aproveita, senão de chegar mais depressa ao mar da morte, que tomardolhes residencia de tantas ambiçoens, & roubos, lhes faz perder o nonie, entregar a fazenda alhea, suspender o curso, & acabar a vida?

Oh que pequeno coração deve de ter os peccadores, pois se enchem com tudo nada! Chorava Alexandre Magno, sendo gentio, não haver mais que hum mundo para vencer; sentia o coração vasio com a posse de hũ mundo inteiro, porque a seus bizarros espiritos era hũ só mundo tudo nada: & sabendo as almas Christians, que he menos que nada este mundo, como o Dan: ponderou Daniel, quererem

Pfal. 8.
6.
Esther
supr.
Genes.
12. 2.
Genes.
29. 20.
Job. 1.
3. Jud.
10. 4.
3. Reg.
3. 12.

Dan:

5. 27

por menos, que nada, perder a Deos, que he mais que tudo, que he, senão fraqueza de espirito, cegueira de entendimento, & pequenez de coração? Não se serve Deos de corações pequenos, nem de espiritos pu- fillanimes; quer huns corações tão grandes; que não cabendo em todo hum mundo, só com Deos se possaõ encher: coração, que se enche com hũa creatura, adonde ha de agasalhar a Deos? adonde lhe fará bom lugar, quando Deos vier a elle? Casas muy terreas são aquellas almas, que hum dia, que Deos as visita, não tem adonde o pnhão mais alto, que entre as mais cousas vis, & baixas, que tem em sy da mesma terra: almas, que não tem sobrado, adonde o que he do Ceo fique em cima, & em baixo tudo o mais que he baixo, adonde receberão a Deos? adonde o meterão? por força ha de ser na rua aõ andar do mundo, pois ha de ser fóra de sy; porque dentro de sy não pôde ser, por estar a casa occupada, & com alfayas muito indignas de poremse aos olhos de Deos: se pois isto succede aos corações, que se enchem com o que tem ser, que em fim tem ser as creaturas; que vileza será a de hum animo, que com nada se enche, & se occupa com tudo nada? Se pois as honras, as fortunas, a fama, o deleyte, a fa-

zenda, & a fermosurã são nada em tendo fins profanos, se o nada não tem ser algum; que coração terão os peccadores, para que Deos se sirva delles, se com nada se pejaõ, & com nada se occupão?

Por isto me persuado, que lhes faz mal a muitos homens terem algum favor de Deos, algũa luz do caminho da salvação; porque como são para nada, se começãõ, não perseverãõ; se hum dia vão para diante, os outros tornão para traz, fazendo-se sempre peyores, & morrendo do que os outros vivem: o fogo, que para o ouro he prova, para a palha he incendio; a agua, que para o peixe he vida, para o homem he morte; a chama, que para os animaes he medo, para a salamandra he pasto; o mesmo vento, que mete no porto hũa náõ forte, mete no fundo hũa barquinha fraca; a mesma agua, que correndo por ervas salutiferas he boa, correndo por ervas peçonhentas he pessima; o mesmo calor do Sol, que para hum jasmim delicado he febre aguda, para hum cedro forte, & robusto he saude: & a razão he; porque aquella fragilidade cheirosa adoece do seu melindre; & aquella verde valentia no seu vigor se fortalece: as cousas grandes, & sublimes não são para animos molles; são para corações robustos: a Cruz de

de Christo, que para os fracos he morte, para os generosos he vida; a huns serve de pezo, a outros de valor; para estes he alento, para aquelles desmayo; desmayaõ estes de ver, que para seguir a Christo, da honra hão de fazer desprezo, da fortuna, infortunio, da fama, infamia, do deleyte, mortificação, & das riquezas, pobreza: alentãose os outros, porque achão na pobreza os thesouros, na mortificação o gosto, na infamia a estimação, no infortunio a Estrella, & na deshonra o credito: recebem o cento por hum na Fè, com que se defenganão, na esperança, que poem em Deos, & no amor, que só tem a Deos; do mais usaõ, como se não usãrão, vendo que tudo he corrupção, apparencia, vento, & mentira: mas, oh desdita grande! enfermidade se cura! erro sem emenda! q̃ o mesmo vento, que para hũa não he favoravel, para outras seja contrario! tudo nasce em fim de andar ás aveffas com Deos, que sempre nos dá vento em popa: & por isso o mesmo Deos, que para huns ha de ser misericordia, para outros será justiça; para huns, piedade, & para outros, rigor; para huns, premio, & para outros, castigo; para huns, gloria, & para outros, pena: gloria para o justo, & pena para o peccador, que por nada o desemparou, & sem que,

nempara que lhe virou as costas.

Oh almas melindrosas, se a tentação vos acha flores, com qualquer ardor da concupiscencia vos derruba, com qualquer bafo de vento da vaidade vos murcha, & vos enxovalha: mas se vos acha troncos robustos, fortifica-vos, faz-vos crescer, & medrar: & a razão he; porque assim como a flor he figura da fragilidade, que não se cansa em deitar raizes, senão em crescer, & deitar-se para o ar com desejos de ostentação, & por isso logo perece: assim a nossa fragilidade amiga das cousas vans, & caducas faz por parecer bem, & por ser recreação do mundo, não tem fundamento em que se firme; dalhe o ar da vaidade, & leva-a o vento; dalhe o Sol, & miçalhe toda a sustancia: não assim o tronco, figura da virtude, porque em lhe dando o Sol, ou vento, pegase ás raizes, vay buscar com humildade ao centro da terra as forças, com que ha de resistirse; de que nasce, q̃ tendo as tempestades dentes por fóra, & não por dentro, não lhe passaõ do vestido os golpes do tempo; se lhe fazem movimento nas folhas, não lhe abalão o pè, nem lhe movem as raizes, que estão pegadas ao seu centro; & disto nasce, que o tronco, & a virtude se augmenta com o que a flor, & o vicio se arruina.

Oh alma peccadora, se como tronco te pegas com as raizes da Fè, Esperança; & Caridade ao teu centro, que he Deos, nenhum mal te poderão fazer todas as tempestades do mundo, carne, & inferno: porèm, se como flor leviana, com qualquer sopro te deixas levar do vento de qualquer tentação, pereces, porque te apartas de Deos. Não desempares, peccador, a teu Pay celeste por hum nada: não te esqueças de Deos teu Creator: ouve a reprehensão, que te dá o Santo Moyses: *Deum, qui te genuit, dereliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui.*

G O L P E XXXIII.

Fallax gratia, & vana est pulchritudo. Prov. 31. 30.

G E M I D O XXXIII.

NAõ ha cousa mais fea aos olhos de Deos, que a fermosura, que se emprega nas profanidades do mundo: porque se aquellas graças da natureza, que Deos lhe deu para que o louvasse, se empregão na sua disgraça, requestando as suas offensas para melindres da vangloria, para alvitres da culpa; que cousa pôde haver mais fea? A corrupção das cousas tanto he peyor, quanto he melhor o que se

corrompeo; ou quanto mais se muda no seu contrario: por isso o Sol, quando se eclipsa, he medonho, & aborrecivel, sendo de antes tão agradável, & bemfeitor da natureza; mudase em sombra escura a luz mais clara, & parece, que todo o orbe se escandaliza, & se aborrece desta mudança não esperada: não se escandaliza o mundo, de que a sombra seja fea, a noyte, escura, & o escuro, feissimo; mas de que a luz se eclipse, a claridade se escureça, & o Sol se demude, não só se escandaliza, mas se aborrece.

Bellezas, que não servem para mais, que para fer iscas do vicio, oh que fea cousa são! Gentilezas, que não prestaõ para outra cousa, que para alvo do appetite, para incentivo do erro, para occasião do peccado; oh como devião ser medos de seu dono, mais que vanglorias; fastios, mais que satisfação! são perigos bem assombrados, males, a q se tem amor, & viboias, que se crião no seyo, para depois se meterem no coração. Alguns julgão por pedra filosofal a fermosura, que de tudo faz ouro; & ordinariamente he pedra de escandalo; que de tudo faz culpa. He falsa a graça das bellezas, porque parece hũa cousa, & he outra: parece ouro, & he alquime; parece bem, & he cousa mà: he mà para seu dono;

dono ; porque lhe mete em cabeça , que ninguem lhe faz melhor rosto , que seu mayor inimigo : & para os outros he mã , & peyor ; porque os persuade , que não ha mais que ver , nem de-sejar , que aquella treição enfeitada , com que o seu dano se bemquista : muitos crem , que he hũa benção da natureza , & he hũa maldição de Deos : diz a boca , quando a vê , seja Deos louvado : & diz o coração , seja Deos offendido : começa em Deos vos guarde , & acaba em Deos nos livre : anda seu dono toda a vida amimando-a , & cada vez se faz peyor , & mais perigosa a seu dono ; não quer às vezes este , que o ar a toque , porque lha não leve o vento ; não a deixa ver Sol , nem Lua , porque lhe não quebre o caraõ : empapelase na vaidade , poe-se de conserva no resguardo , & corrompese no vicio ; porque os dias a gastão , as horas a minão , & os momentos a voõ ; corrompendose , quando com mayor cuidado se conserva : cada dia he hum inimigo , que de mais a mais lhe faz mal ; porque lhe vai tirando a vida sem se sentir , vai lhe enxovalhando a flor sem se conhecer , & mudando a feição , sem a desafieçoar : & he vã por isso a fermosura , pois afaga a vaidade , que só lhe fica de hum defengano , que se lhe vay em cada momento , que vê :

fica vã do que tem em vã , & do que goza de balde , pois se goza do que se lhe passa cada dia , do que cada hora se muda , & do que cada instanté se acaba : gloria-se do que não he seu , trata-o como proprio , & paga-o como alheyo ; porque tarde , ou cedo ha de dar conta cada hum do thesouro , que recebeo , & dissipou como quiz , & não como devia : sendo de Deos tudo , & nosso só o mã ufo .

He falsa a graça , & a belleza : porque sendo hũa musica de feçoens , hũa consonancia de partes , & hum aggregado decoroso de proporçoens convenientes , quanto se afina por fóra , tanto desafina por dentro ; quáto melhor tempèra o som , que faz aos olhos , tanto mais se desproporciona para os coraçoens : parece harmonia dos sentidos , & he dissonancia para os animos : os baixos , & os altos dissonão , porque no louvor de Deos não tem o fundamento : os graves , & agudos desfizem , porque não soaõ para Deos , como para os os homens ; nem se regulaõ para o espirito , como para o corpo : as falsas na verdade , as quebras na razaõ , & os requebros na culpa , saõ os que parecem melhor , o que muito se estima , & o que mais agrada : & daqui nasce , que quem parece Serafim por fóra , he demonio por dentro , pondose no parecer toda a

gloria, & no ser todo o descuido.

Oh gentilezas do mundo enganofas, como enganadas! enganavos a vossa vaidade com o mesmo, com que enganais o mundo; enganais o mundo com huma apparencia agradavel, & ella vos engana a vds com hum desvanecimento aprazivel: bebevos a caricia os semblantes, a lifonja vos gaba as fórmas, o vicio vos adora os vultos, & a culpa vos suspira os geitos, sem passarlhe pelo pensamento, que vos gerou a podridão, que nacestes em angustia, que viveis em miseria, & acabareis em afflição; & que em fim fois no mayor mimo de vossa presunção florente, hum barro com melhor carão, hum sacco de terra com vida, hum pouco de lodo com alma, hũa caveira paleada, q̄ se esconde, hũa morte encuberta, hũa terra melhor córada, & hũa cinza bem parecida: de que pois vos ensoberbeceis, gentilezas vans, bellezas fallas, fermofuras fingidas? de hũa apparencia, q̄ he mentira, de hũa presunção, que he quimera, & de hũa vaidade, que he nada? Se he de hum pouco de ar, que vos move, quando a outros suspende; que vos recrea, quando a outros faz mal; como não vedes, que he ar, onde vós ficais em vão, porque he vangloria? Como estimais esse ar, que

parecendo bom, he ar corrupto, & hũa peste, que aos outros, & a vds mata por contagio? Se he de hũa natural viveza, que mexerica as perfeçoens; como tendes por cousa boa, quem descobre os vossos segredos, & desafiza a gravidade? Se he dessa mesma gravidade, que vos authoriza as presenças; como tendes a hypocrisia por virtude da fermofura? Se he das artes, com que a malicia quiz emendar a natureza; como dos remendos do vicio fazeis vds a gala das prendas?

Oh bellezas, ó fermofuras: todas fois como vestido, lustrais hoje, á manhãa vos rompeis, o outro vos çujais, & depois vos fazeis hum trapo: fois barro, & ainda que sejais de Estremòs, ainda que da Maya, hoje fereis brinco, & á manhãa caqueiro: fois lodo, & ainda que ao Sol, & ao tempo pareçais lama de prata, haveis de tornar ao que fois, porque vos hão de pôr de lodo: fois podridão, & ainda que pareçais hũas flores, & cheireis ás mil maravilhas, haveis de fer asco, & fedor, porque fois agora hum cofre de nojos, & depois hum sacco de bichos. Se pois a experiencia, & a vista vos ensinão estas verdades, para que fois vãs? para q̄ fois enganofas? Todas fois cavallos de Troya, por fóra hũ aparato santo (sendo de ordinario lascivo, & profano) q̄

se fingio virtude, & por dentro hũa guerra viva, hum dilúvio de estragos, hũa maquina de mortes, hum artificio de incendios, hum mar de ruínas, & hũa ostentaçãõ fermosa, que pareceo maravilha: se a vangloria, que vos ufana, he quẽda, que já vos derruba: se a corrupçãõ, que vos castiga, he impulso, que vos apressa ao dano, que vos ameaça: se nada no mundo vos favorece, & tudo vos persegue, a honra, que vos poupa, vos encerra, a carreira, que vos goza, vos enxovalha, o vicio, que vos gasta, vos destrõe: se o tempo vos falta, tiravos com a morte a belleza; se vos sobeja, poem-vos na cara a vossa injuria: oh que desgraça tão grande! que engano tão manifesto, ver que são tantos os riscos da fermosura, assim vista, como vistosa; & que seja ainda assim mofoina tão prezada, risco tão requestado, escandalo tão bem visto, & peste tão assistida, & cortejada! Não se contenta quem a vê, de a trazer nas palmas, & nos olhos; mas ainda para a meter dentro n' alma lhe faz passadisso do coração. Oh atreidoado bem! oh requestado mal! veneno suspirado, praga appetecida, salvaçãõ de nenhum, & perdiçãõ de todos! O mortaes, do mal, que nos apparece com o seu rosto, não ha muito, que reccar; nem he ne-

cessario estar de aviso para nos defendermos delle, elle mesmo nos avisa a rosto descuberto: se a espada nua se nos poem nos olhos, cada qual acode logo ao reparo: da serpente, q̃ se nos poem diante para tragarnos, cada hum faz por lhe fugir; mas do mal, que nos parece bem, do dano, que se veste de remedio, da peçonha, que se vende por triaga, do demonio, que se finge Serafim, quem se poderá livrar sem engano, ou sem perigo? he necessario trazer áleria o cuidado, a cautela de sobremão, & os avisos de mão posta: hum mal tão gentil-homem, que nos leva os olhos, tão geitoso, que nos enleva os sentidos, tão galante, que lhe achamos graça, & tão meigo, que se nos mete no coração, como se ha de sahir, se o deixamos entrar? como ha de ter reparo, se não reparamos nelle? He pois necessario andar de accordo, que a gentileza, & fermosura mundana he falsa, fingida, & apparente, para que não enganê aos descuidados, como adverte o Espirito Santo: *Fallax gratia, & vana est pulchritudo.*

()s()s()s()s()s()s()s()s()

(☺☺☺☺☺☺☺☺)

()s()s()s()s()s()

(☺()☺)

(☺)

GOLPE XXXIV.

Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat.
Matth. 8. 24.

Como no meyo da tempestade dos vicios hão de recorrer a Deos os peccadores.

G E M I D O XXXIV.]

MEtêrão se em hũa barca os Discipulos com o Senhor, resolvendo-se a não deixalo nas tribulaçoens do mar, assim como o tinhaõ seguido nas prosperidades da terra: mas em se fiando das ondas, começou com cerração escura a cahir o Ceo em nuvens, o ar em chuva, o fogo em rayos, os horizontes em ventos, & todo o mundo em confusão, pois o mar se erguia em montanhas, o vento se precipitava em serras, o dia se desfigurava em sombras, o Sol se descorava em trevas; em cuja turbação medonha, cheyo tudo de horror, & assombro vagava a misera barquinha padecendo, quasi sorvida da voracidade das ondas, em cada momento hum risco, em cada vaivem hum naufragio: virão se a risco de perderse os mesmos escolhidos de Deos; desconfiarão de remedio por to-

das as vias humanas, & recorrerão ao Senhor, que dormia, parecendo que no descuido se esquecia dos seus mimosos, & do governo das creaturas.

Se pois, os que trazem a Deos consigo, os que andão na companhia de Deos, os que se chegão mais a elle, & os que o servem com mais cuidado, se vêm a risco de perderse em o Senhor se descuidando, a nosso modo de fallar, ou fazendo, que se descuida; se achão, que não ha outro remedio, senão recorrer ao Senhor, clamarlhe, & pedirlhe que os salve, que lhe acuda, & que os ajude: como esperão melhor fortuna os que andão no mar deste mundo em companhia do demonio, cubertos das ondas dos vicios, & perdendo se a cada passo nos baixos, & firtes do seculo? Correm perigo os justos, não o correm os peccadores? Os justos se escapão do naufragio, he pegados á taboa da Cruz; & os mundanos salvar se hão submergidos em hum mar de culpas, & tragados já das baleas, & de outros monstros infernaes? Se se salvão effectivamente os que não tem outro cuidado, mais que tratar da salvação; como crem que se hão de salvar os que só tratão de perderse?

O' homens de almas assombradas, de coraçãoes anoitecidos, de vidas torpes, & asque-
rosas,

rosas, de palavras negras, & ef-
cunas, de pensamentos carregados,
de consciências sombrias, de obras
cegas, & de funtas; como não
vedes, & notais, que todos esses
movimentos, q̄ tendes no gólfô do
mundo, os permite Deos muitas
vezes, para que dellê vos lembreis?
Que todas as tribulaçoens d'alma,
tempestades da vida, & honra,
bortas do fado, & fortuna, tormentas
do gosto, & da pena, as manda,
& quer o mesmo Deos, por ver, se
de hũas affligidos, de outras feridos,
& humilhados, contrastados, ou
confundidos recorreis à sua piedade,
buscais nelle o vosso refugio,
& dais emprego, cu exercicio
áquella altissima bondade, que
vos queria para mais, que para
assumpto vão, & inutil de tão
grandes misericordias? Vede que
he mar todo este mundo, cheyo
de riscos, & tormentas, de que se
escapão muy poucos; por hũa
parte o vosso descuido he calmaria,
que vos prende; por outra a vã
sensualidade he serca, que vos
atrahe; por muitas, a vossa
 vaidade he temporal, que vos
çoçobra; por não poucas, a
vossa ambição he tormenta, que
vos contrasta; & por todas, o
vosso engano he onda, que vos
mete a pique: tome pois a razão
o leme, vire as velas o entendimento,
siga outro rumo a vontade; porque se a

vossa estimação quizer saber por
fantasia a altura, & clima donde
está, na breve carta de hum
papel, que huma pinga de agua
desfaz, achará nesto todo o mundo;
nas pinturas de hum pergamino,
que hũa gota de tinta borra,
verá a melhor apparencia de sua
falsa ostentação; muito chãs as
suas alturas, muy iguaes suas
mayorias, suas larguezas entre
huns riscos, toda riscos sua
grandeza. & cumprido á risca o
engano, dos que estimão suas
larguezas, ou aceitão seus
cumprimentos, ou se arriscão
por hũs, & outros.

Oh se os homens já se enjorão
de andar lutando com as ondas!
Se se persuadirão os homẽs,
que andavão fora de seu centro!
Se desejando tomar terra, se
lembrarão de que são pó, quem
duvida, que para o porto da
sempre alegre eternidade puzerão
a proa do sentido, dobrando
para a India do Ceo o Cabo de
Boa Esperança; & não o verde
da ambição para a oca mina do
mundo? Oh que depressa o
desengano conhcçera então
claramente, que quanto aqui
he porto bello, nada tem de
porto seguro! Que facilmente
descubrija nas encadadas, com
que o mundo nos cõvinda com
seus abrigos, encubertos
aquelles riscos, que amorosamente
nos chamão, & enganosamente
nos prendem no mesmo ponto, em
que

que se tocão! Oh como viramos a tempo as armaçoens, com que no pégo, feito collario este inimigo, anda a corso de nossas almas! Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados, porque á liberdade dos ventos entregarão a liberdade; os que engolfados no appetite, nas cegueiras, & nos deleytes pertenderão furcar os mares a todo tempo vento em popa; porque se em fim, dando por davante nos fizermos em outra volta; se buscando a Estrella do mar, seguirmos o norte da Fé; se, tomando a altura do Sol, não nos deixarmos á esperança; se dos rumos do amor de Deos nos não desviar o amor proprio; & se finalmente não perdermos na mesma quietação do porto tudo o que escapou do pégo, ganharemos o balravento ao mundo, á carne, & ao demonio; mudar-se-ha em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em boa viagem, & a perdição em salvamento: com o que sendo para a alma todas as ondas mar pacifico, no meyo dellas gozaremos hũa doce serenidade; até que em fim desembarcando nas prayas de hũa vida quieta, possamos erguer ao Senhor o templo santo da oração, por nas aras do desengano os sacrificios da vortade, pelas paredes da memoria as insignias destes milagres, & por toda a parte do

exemplo as reliquias deste escarmento, a cuja vista vão crescendo os votos da vida Christãa, & devoção das maravilhas, até que no sossego eterno descanse a alma para sempre.

O pois miseros peccadores, que calçados de rémoras, & vestidos de tartarugas não dais hũ furco, nem hum passo para salvarvos desses rícos; que metidos no mar do mundo, quando quereis fugir das ondas, ides chocando com as penhas; que nessa escura cerração de vossas culpas, & ignorancias, perdido o norte da razaõ, apagado o farol da Fé, roto o leme do entendimẽto, ides ao gosto desse mar de vossos vicios, & deleytes; ides á vontade dos ventos de vosso engano, & vaidade, a sobvertervos no profundo dos negros abismos do inferno; abri os olhos, & os sentidos; vede, que dentro de vòs tẽdes a Deos, que está dormindo sobre a taboa de vossos corpos, que vay já fazendo naufragio; pedi a Deos, que vos acuda; chamai por elle, ainda que dorme por não assentir a olhos vistos às offensas, que lhe fazeis. Tempestuoso he este golfo nas mayores serenidades; nelle se perdem cada instante não só as barcasinhas pobres de vossas vidas miseraveis; mas tambem os baixes mayores, que furcão suas falsas ondas: para escapar não ha remedio,

medio, se não vier das mãos de Deos: a barquinha de vossa vida por todas as partes faz agua: os monstros desse mar terriveis por ambos os bordos esperão tragarvos a cada momento: cõtra vòs he diluvio a chuva, que para os campos he remedio: cõtra vòs he já tempestade, o que he sómente viração para as plãtas da terra boa; que esperais, em que vos detendes? Ésperais a hora da morte, em que ninguém de Deos se lembra para cuidar em deter a vida? Detendes-vos na mudança da vida, por parecervos hũa morte? oh que engano tão manifesto! pois vos arrasta essa detença á derradeira perdição: recorrei a Deos muito á pressa, não percais instante, nem ponto, pois por instantes vos perdeis; ainda que dorme, ha de acudirvos no mesmo ponto, em que de coração o chamardes; ainda que entendais, que está tão longe, quanto d'elle vos apartastes, ha de ouvirvos, & ha de valervos; & não deixará confundirvos, se ponde nelle as esperanças: acudi a Deos conhecendo-o, que elle he sómente quem nos salva, & não nossas forças: quem nos libra: chamai-o pois de coração; ponde sómente nelle os olhos, que elle fará parar os ventos, & porá em obediencia os mares em hũa tranquillidade tão outra, do que são todas as do mundo; q

direis com louvor, & espanto vendo de Deos as maravilhas: Quem he este, a cujos imperios, a cuja voz, a cujo aceno os mares, & ventos obedecem? *Ecce motus magnus, &c.*

G O L P E XXXV.

Lapis, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram.

Dan. 2. 35.

Mostrafe, como he facil ao peccador o crescer na virtude, se principia a emenda da vida, & a continua.

G E M I D O XXXV.

MAis facil he o crescer, que o começar: assim o entendia Seneca: *Facilius crescit dignitas, quam incipit;* & assim o ensina a natureza com as aves, rios, & plantas: a aguia, que antes de ter pennas não se atrevera a dar hum vòdo, nem ainda hum passo, em tremolando a pomba leve de suas menos graves plumas se remonta a vòdos sublimes: o ribeirinho, que na fonte não teve brios de regato, em começando a ser ribeiro, ensaya as aguas para rio: as arvores, que o mais do anno são rudo exemplo da fortuna, & das variedades do tempo, em dous dias de primavera

Senec.
Epist.
150. in
pinc.

vera

vera se enchem de pompas, & de flores. Para saber, qual he a tau-
fa natural da velocidade, cõ que
em começando se cresce; basta
pouca filosofia; pois do não ser ao
ter principios ha muitos longes
no possível; porém do ser ao
augmentar ha muitos peitos no
duravel. Das ondas do mar viu
Elias subir hũa nuvem pequer a;
começou vestigio de hum homẽ,
continuou chuveiro grande, &
ultimamente fez-se palio, &
manto escuro do orizõte, com
que cubrio o Ceo, & a terra.
Ninguem deixe de começar, por
ter por muy difficultoso poder
crescer, ou profeguir; mais faz
quem move aquella pedra, que
nos montes teve a raiz, que
quem, já depois de arrancada,
a deita a rodar ao valle, adon-
de desce ajudada da natureza,
que a faz seguir o mesmo im-
pulsõ.

Natural he, que a planta
cresça no mesmo momento;
em que nasce; & não he facil,
que o Sol nasça, sem que no mes-
mo instante luza: todos somos
como regatos, que para chegar a
fer-rjos, he necessario nascer
fontes; & todos somos como as
aguias, que se não provamos ao
Sol, que do mesmo Sol somos
filhos, os que nos crião, nos en-
geitão; & por bastardos do pri-
mor das naturaes inclinaçoens,
despenhandonos, nos castigão;
& somos em fim como arvores,

que se vivemos sem dar fruto,
gastando em folhã todo o tem-
po, para o fogo eterno nos cor-
tão: demos pois para Deos os
frutos, para elle encaminhemos
os passos, a elle dirigamos os
vdos, & será mar, quem foy re-
gato; crescerá palma, quem for
planta; & terá azas, quem tiver
pennas: mas querer voar sem-
pre toda a vida pelas regioens
da vaidade, sem pôr nunca os
olhos no Sol; oh que he sinal de
ave nocturna, & não de aguia;
magestosa! querer ter o mimo
do regõ, & viver no vicio da ter-
ra sem crescer para se augmen-
tar, ou florecer para dar fruto;
he malicia de arvore agreste,
mais que sinal de planta boa:
querer empoçar pelos valles sem
correr a seu beneficio, & menõs
reduzir-se ao mar, donde as a-
guas todas nascirão; oh que he
sinal de charco immundo, & de
lagoa corrompida, mais que de
fonte, ou de regato!

Fação pois, fação os humanos
alguma cousa por seu Deos, ou
ao menos por se salvar; não
queiraõ que Deos faça tudo,
pois para nada os ha mister: co-
mecem, & augmentar-sehão;
porque o crescer no amor de
Deos he mais facil, que o come-
çar: não se escusẽm de orar a
Deos, ou de entrar na santa ora-
ção, com dizer, que estes exer-
cicios requerem conciencias pu-
ras, grande aparelho, & contri-
ção,

ção, & que nos estados do mundo não pôde havela facilmente; são falsas estas humildades, fementidos estes decoros, pois são malicias, que se esprayaõ, quando receyos, que se encolhem: são cetrerias do demonio, que com estas filacterias nos aparta do entendimento o caminho da salvação; pois ainda que seja verdade, que para perfeita oração se haja mister pureza com Deos, grande desapego com o mundo, grande differença de vida, muita mudança de costumes, & em fim hã grande excessõ d'almã no odio, que ha de terse a sy, & no amor, que ha de ter a Deos, não impede, que ao menos busquemos a Deos muitas vezes, como o enfermo busca o medico, como o escravo a seu Senhor, como o pobre, que pede esmola, como o prezo, que quer soltura, & em fim como filho a seu pay, que o ha de receber nos braços, ainda que tenha sido prodigo, & ainda que venha gujo, & nũ, & cheyo de outras mil miserias.

Se pois o Pay celestial, Pay de amor, & misericordias, & infinita consolação, taes, quaes somos, nos está rogando, que venhamos para os seus braços; os que andamos carregados, & oprimidos; como pôte ser cortesia, reverencia, ou humildade não querermos chegar com a falsa cor, & desculpa de não

estarmos para isso? Estando cheyos de immundicias, de abominaçoens, & peccados, quem, senão elle, ha de limparnos, & fazernos dignos a todos de estar diante dos seus olhos? Por ventura para este traje, em que queremos apparecerlhe, & achar graça em sua presença, nos poderemos preparar, enfeitar, & compor nas guardaroupas do mundo, nas cadeas do demonio, ou nos atoleiros da carne? Se na casa do arrependimento nos não podemos consertar; se com a cor da penitencia, & com os sinaes da contrição nos não fizemos gentis-homens, & capazes de apparecerlhe; como apartados da virtude, & desavindos com a emenda nos acharemos mais capazes? Quem pois nos ha de preparar para chegarmos ao Senhor? Serão as feiçãoens do peccado, o toucado da malicia, a gala da impenitencia, quarta maldade de Damasco, que não tem, nem terá perdão das misericordias de Deos? Oh Fieis! torpe he o vicio, fea a culpa, defestrada a maldade: tem a cegueira máos olhos, peyor boca a mentira, & nenhũa graça o peccado: se ainda assim achais bom carão ao engano deste mundo; se ainda assim vos namorais muito do ar de vossa vaidade; se achais geito na vossa teima, bizzarria na perdicaõ, & no dano galantaria; despedijovos de

Amos
1.3.

de Deos de todo, & não façais caso, nem conta da salvação, que desprezais, & da bondade, que offendeis com effés rêspeitos fingidos de não chegar a Deos tão feyos, como vos tem vossos peccados.

70 Culpa he de muy grande pezo fugir de Deos muito ás claras, para querer peccar ás cegas; & chegarmos a crer, que he bõ não nos chegarmos logo a Deos sem primeiro nos emendar, he maldade mais, que ignorancia, pois elle he só quem nos emenda, nos alimpa, & aperfeiçoa, como escultor a sua imagem, como pintor a sua pintura; & como oleiro o barro, que toma; & se este lhe fugir da mão, ficará no lodo, ou na terra. Como pôde ser reverencia, & respeito, que se tenha a Deos, fugir d'elle para o demonio? tanto nós chegamos a este, quanto de Deos nos apartamos: como pois agrada a Deos esta enganosa submissão, com que se escusa o nosso engano, ou a nossa perversidade, se Deos, por quanto lhe devemos, se satisfaz com hũa lagrima, & se paga de hum só gemido, querendo de nós hũ pequei, muito mais, que fazer milagres? Como se pôde contentar de q̄ d'elle nos afastemos, se quanto sofre, & nos permite, he só por ver se nos viramos; he porque a elle nos chegüemos, dizendo-lhe nossas miserias, nossas

traquezas, & delitos? Que temos nós neste mundo; que podemos chamar-lhe nosso, senão a culpa, & o peccado? Se pois de males tão mortaes receamos a medicina, que esperamos da doença? E se o medico não curará os males de quem lhe não dá conta fiel delles; como fugimos do Medico divino, & lhe não mostramos nossas chagas, se he que queremos faude? Não teve a nossa fragilidade menos antiga a origem, do que esta nossa natureza: barro fomos, & barro fomos, & terra finalmente seremos: cair, & quebrar a cada passo, he propriedade do que tomamos; erguernos para nos unir, he condição do que Deos he: quem o busca quanto he possível, faz tudo aquillo, que Deos quer; quem o poem diante dos olhos, obriga-o tudo, quanto pôde: se hoje a sombra do delito nos encubrio o Sol dá graça, á manhã a luz da verdade, ou hum sopro daquelle Norte desfará as nevoas da culpa.

Se isto, ó peccador, não basta para te tirar do erro dessa pessima reverencia, ou respeito, sobejará para te converter, se cres que Deos por sua grandeza infinita está em toda a parte; & que d'elle te não podes esconder de modo algum: se pois itto he verdade Catholica; & assim torpe, feyo, & asqueroso

roso andas, & eltàs diante de Deos, não será bom, que com a capa da penitencia, & vestido do arrependimento, o busques para que te vista a Estola nupcial da graça? Como diràs ainda, que te não atreves a apparecer diante de Deos, se nem nos calaboussos do inferno podes escapar de sua divina presença?

Pfalm.
138.8.

Mas suppôdo que começamos a buscar a Deos, he necessario, que advirtamos nesta materia outra segunda tentação, que he, querer logo começar por onde os grandes acabáráo; & se logo não crescemos muito, nos não vemos sobre as Estrellas, cahimos em desconfiança, & quasi sempre na soberba de sentirmos não voar muito nos favores, & nos regalos, que o Senhor faz quando convem, ou a quem melhor lhe parece. Só do rio Nilo se conta, que he tão grande quando acaba, como quando começa o seu curso: aquella materia abrazada, que ardeo no Ceo exhalação, primeiro foy vapor na terra: poucas vezes ha grande incendio, que não principiasse faísca: crescerá em hũa hora hum cedro, mais que outras plantas em hum dia; mas não vemos, que dem as palmas em poucos annos grandes frutos: não fora seguro o correr, a quem começa a engatinhar; por isso nestes o cahir não he tanto de reprehender; donde vem,

que Deos muitas vezes não consente às formigas espirituales, que tenham azas: aos mesmos, que com longo estudo adquirirão grandes ciencias, nos primeiros dias de escola foy arte escura o A, B, C. Animemse pois os bisonhos, não desmayem antes da guerra, das batalhas, & dos conflitos; porque as batalhas, que ao homem rustico são medo só imaginadas, para o soldado generoso são gloria, ainda combati'das: os grandes edificios do mûdo não forão obra de hũ só dia; nem ainda as maravilhas em flor são só fadiga de hũa hora: o ponto está em começar, & continuar, que assim vem as pequenas cousas a ser grandes; como succedeo áquella pedrinha, de que falla Daniel: *Lapis, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram.*

G O L P E XXXVI. & ultimo.

Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit. Matth. 10. 22.

Sem perseverança na emenda da vida até o instante da morte não ha salvação d'alma.

G E M I D O XXXVI. & ultimo.

POuco, ou nada importa começar bem, se os fins não cor

corresponderem aos principios : começar cõ remontes de aguia, & acabar com abatimentos de morcego, ter principios de rio, & fins de regato, nascer cedro, & morrer pinho, amanhecer Sol, & anoitecer cometa, madrugar Rey, & parar escravo, he desgraça, mas parece culpa; serà infortunio, mas tem feição de discredito : & a razão he; (quanto ao que toca da nossa parte, porque Deos não falta da sua) porque quem se empenha a começar, obrigase a não desistir; desmanchar hoje o que fiz hontem, desgostarme agora do que me agradou ha pouco, desavirme já com o que antes me parecia bem; que outra cousa he, senão arruinar depressa, o que edifiquei devagar, mostrar com a inconstancia da vontade a falta do entendimento na resolução, declarar com a covardia na desistência, a falta que ouve de valor na empresa; & finalmente perder cedo, o que busquei cedo, ou tarde? E arrependernos de amar a Deos, de adquirir as virtudes, & de buscar o Ceo, que outra cousa he, senão servir ao demonio, amar a Satã, idolatrar os vicios, & caminhar para os infernos?

Não he final de ter verdadeiro amor a Deos isto de fazer pè atrás no caminho de seu serviço. Aquelles animaes, que puxavão por aquella roda, admira-

vel, donde Ezechiel diz, que andava o Espirito do Senhor, nunca tornavão para tráz. He o amor de Deos, como a escada, sobese de virtude em virtude, como de degrao em degrao, até coroar o ultimo com o fim da perfeição Evangelica: *Ibunt de virtute in virtutem*; & tão finas pontualidades pede este amor de Deos, que ainda o parar, não só parece, mas he voltar atrás; & o não ir adiante, he o mesmo, que retroceder; tudo se perdèra, ainda naturalmente; se na ordem da mesma natureza faltárao as creaturas àquella consonancia, com que as dispoz a providencia, ou ley divina: as aguas, que parão com seu curso, tornaõ tanto para tráz no seu prestimo, que se corrompem; & sendo antes, quando corriaõ a seu fim, alegres, & salutiferas; depois de encharcadas, saõ melancolicas, & peçonhentas: se o mar parára seus movimentos, ficàra hum mar morto, & feito hum sepulcro universal de toda a Monarquia dos peixes: se os rios não perseveraraõ em correr ao mar, alagàrase a terra, como succedeo nos dias de Noè: se o Sol suspendèra sua carreira, perdèrase hum emisferio por falta de suas luzes, & influxos, de que se ajudaõ os humanos para os usos da vida: se não continuaraõ os Ceos na ordem de seus movimentos, acabàrase este

Ezech.
1.20.
& 21.
P'alm.
83. 8

este mundo interior dependente de seus movimentos para a conservação de seus indivíduos: eis-aqui como da perseverança das cousas naturaes, segundo a conformidade da primeira ordem, que as dispoz, pende a total harmonia, & concerto da sua duração: vemos tambem na natureza humana, que se a saudade não persevera, vem a perder-se de todo, & com ella a vida: se não persevera o edificio na forma de sua fundação, cahe, & arruina-se: se pois tudo isto se perdêra, se não perseverara; como se não perderá, quem não persevera em amar, & servir a Deos? Como chegará ao porto da salvação, quem deixando a sua direita viagem, se faz na volta do mar deste mundo? Como chegará finalmente a Deos, quem deixa o caminho, que para Deos levava; ou quem nelle se assenta, sem querer ir por diante? impossível he notoriamente.

Faz a perseverança nas virtudes, o que faz o tempo nas sementes da terra: as sementes

saõ as mais pequenas cousas, q̄ ha no mundo entre as suas especies; semeãose, & pela continuação do tempo, hum grão de trigo vem a dar hũa, & mais espigas; hum grão de mostarda faz-se hũa planta alta; hum caroço produz hũa arvore altissima; cõ a perseverança nascêrão, crescêrão, subirão, & frutificaráo: & se não perseverárao, ainda q̄ nascêrão, não crescêrão; ainda que crescêrão, não subirão; & ainda que nascêrão, crescêrão, & subirão, não chegarão a frutificar. Assim tambem, que importa aos mortaes peccadores o resuscitar da morte da culpa para a vida da graça, se não crescem nas virtudes, se não sobem á perfeição, & se não dão fruto de boas obras? Por isso Christo Senhor nosso, que nos ama tanto como emprego do preço de seu Santissimo Sangue, & trabalhos, & não quer; que nenhũ de nõs se perca, nos avisa, que sem perseverança não ha salvação: *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*





TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMbeta do Ceo, inspirados ao toque das divinas Escrituras.

Clama ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo scelera eorum.
Isai. 58.

Tuba de Celo canens est vox Predicatorum, de secretis sacrae Paginae caelestia exprimens, resonans, & exponens.

S. Bonav. tom. 7. p. 4. de Eccles. Hierarch.
cap. 4. post med.

TOQUE I.

Montes Israel audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus. Ezech. 6. 3.

CLAMOR I.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas insensíveis, que as racionais, sendo peccadoras.

Officere os

o A. aos maiores peccadores do mundo.



MONTES de Israel (clamava a trôbeta do Ceo) ouvi a palavra de Deos, que isto manda dizer aos montes, & aos outeiros, ás rochas, & aos valles. Estas pa-

lavras, que no sentido literal fallavão com os Principes, & com o Povo de Israel, no mythico, & moral (como he cômum entre os Expositores sagrados) fallão com as almas Christians

Gloss. in Isai. 1. mor. Fr. Heit. Pint. hic, & alij alibi. da-

daquelles grandes peccadores , que a soberba dos montes, com a altiveza dos outeiros, com a dureza das rochas, & com o vicio dos valles tendo semelhança moral, mudárão a vontade humana, em appetite terreno, a forma racional, em disformidade profana, a piedade Christãa, em condição empedernida, & a virtude humilde, em inclinação viciosa. Fallão tãbem com os Principes, & Cabeças dos Estados do seculo, que se figurão nos montes: com os Grandes das Republicas, que se symbolizaõ nos outeiros. com os Estados Ecclesiasticos, & Religiosos, de quem as pedras são geroglifico; & com a gente do povo, de quem são os valles significação: & com grande fundamento, querendo Deos persuadir aos homens, que fizessẽ penitencia de seus peccados, lhes fallou como se forão valles, rochedos, outeiros, & montes; porque andão os peccadores tão desnaturalizados daquella differença, que os distingue dos brutos; & ainda daquella razão, que os constituiuo viventes, que he mais facil cousa ouvirem a Deos, & darem sinaes de contrição vestindose da razão de montes, de outeiros, rochedos, & valles, que usando da razaõ humana: fazem mayor impressãõ as palavras de Deos nas entranhas duras dos montes, nas secas almas dos outeiros,

nos coraçõens duros das rochas, & no semblante carregado dos valles, do que nas almas Christans, nos coraçõens, nas entranhas, & nos semblantes dos homens.

Do seu Povo se queixava Deos, que não ouvia os seus clamores; porẽm dos montes diz a Escritura, que algum tempo, que ollhãraõ para Deos, se mostrãraõ doridos: & pcr Sofonias diz dos outeiros, que já virãõ dias, em que fosse grande a sua contrição: dos rochedos disse por David, que se converteriãõ em fontes de agua; & dos valles por Micheas, que se desfariãõ, como cera junto do fogo: & como Deos quer coraçõens de cera, ainda que seja nos valles; como deseja ver fontes de lagrimas, mas que seja nos olhos dos rochedos; como estima a contrição, mas que seja de hum outeiro; como se gloria, de que se lhe mostre dorido, mas que seja hum monte; achando em todos estes, o que nos homens não encontrava, falloulhes, como se forão montes, para que não fossẽm soberbos, & se doessẽm de o terem sido; clamoulhes, como a outeiros, para que tivessem contrição de estarem tão altivos; bradoulhes, como a rochas vivas, para que se desfizessem em lagrimas de haverem estado tão duros; gritoulhes, como a valles, para se rasgarem

Psal. 80. 12.
Habac. 3. 10.
Soph. 1. 10.

Psal. 113. 8.

Mich. 1. 4.

com pena de haverem sido tão
 víçiosos: não lhes quiz fallar, co-
 mo a homens, porque se fizeram
 os homens tão terrenos com o
 amor das cousas da terra, que
 não fazendo caso das vozes do
 Ceo, só com as linguagens da
 terra se entendem melhor; por
 isso lhes falla Deos algumas ve-
 zes com os terremotos, & tre-
 morez da terra, com as covas,
 & sepulturas, com o pò, & cin-
 za, & com a vista dos mortos,
 para que aquillo, que lhes não
 podem ensinar os avisos da ra-
 zão, & os brados do desenga-
 no, lho persuadaõ com rethori-
 ca muda os idiomas mais rudos
 da natureza: taes estaõ em fim
 os humanos, que para atemoriz-
 alos o mesmo Deos, & reduzi-
 los a penitencia mãda fallarlhes,
 não por quem lhe falle como ho-
 mêm; mas quem se lhes mostre
 a mais dura cousa do mundo: &
 assim disse a Jeremias, quando
 o fez Prêgador do seu Povo,
 que o fazia coluna de ferro, &
 muro de brõze: & a Ezechiel, q̃
 lhe dava rosto de diamante, &
 cara de pederneira; porq̃ como
 os homens daquelle tempo por
 dureza de coração, por rebeldia
 do juizo, por obstinação da ma-
 licia, ou pertinacia da cegueira
 se tinham feito do mesmo metal
 dos bronzes & diamantes; do
 ferro & pederneiras, necessa-
 rio era, que outros homens do
 seu metal os movessem, & per-

suadisssem a penitencia, & con-
 trição; ou atrahindo como dia-
 mantes o ferro daquellas almas;
 ou ferindo fogo, como peder-
 neiras, naquelles coraçõens de
 ferro; ou imprimindolhe como
 bronzes mais duros as suas ra-
 zões naquellas laminas de bron-
 ze; ou finalmente lavrandose
 huns diamantes toscos com ou-
 tros melhores diamantes: &
 este só era o meyo de os deixar
 contritos; porque de outro mo-
 do, como erão ferro, marmo-
 res, & bronzes, & penhascos,
 se lhes falláraõ vozes do Ceo,
 he certo, que as não entendê-
 raõ; se ouvirão só clamores de
 homens, ainda os abalariam
 menos.

E ve-se claramête que os ho-
 mens estaõ cheyos desta igno-
 rancia dura pelo amor da terra,
 & pelo desprezo, ou esqueci-
 mento do Ceo, pois quando
 Deos os ameaça com os castigos
 do Ceo, não fazem caso delles;
 porém se os atemoriza com os
 açoutes da terra, logo se enchê
 de temor, de espanto, & de
 maravilha. Mandou Deos a Jo-
 nas a prègar a Ninive a sua sub-
 versaõ; & foy hum pasmo a
 penitencia, que fizeram os Ni-
 nivitas cubrindose de cinza, &
 cilicio: mandou depois disto o
 Profeta Nahum prègar na mes-
 ma Corte, & não consta da Es-
 critura, que ouvesse boa peni-
 tencia; & a razão da diferen-

Jerem.
 1. 18.
 Ezech.
 3. 9.

Jon.
3. 4.
Nah.
3. 13.

ça he; porque Jonas prégava que se subvertia Ninive, que era castigo, que lhe havia de vir da terra: & Nahum dizia, que o fogo os havia de devorar, que he flagello, que havia de descer do Ceo; & por isso fizeram tanto caso do aviso de Jonas, & tão pouco do recado de Nahum; porque como amavam tanto o terreno, eram os males da terra todo o seu temor; & como não tratavam, nem cuidavam nas cousas do Ceo, não se atemorizaram do castigo, que de lá os ameaçava; & por isto faltou a penitencia, mas não o castigo; porque assim como a emenda nos tempos de Jonas lhe dilatou a perdição, assim o esquecimento della nos dias de Nahum lhe apressou mais a indignação de Deos; & foram todos assolados, devastados, & destruidos.

Oh mortaes, oh peccadores: como sois bronzes por dureza de consciencia, pelo bronze duro desta trombeta vos manda Deos fallar; de Deos são estes clamores, porque he o toque da Escriitura Sagrada, & a inspiração de Deos: quando a trombeta soa, não he ella a que falla, senão quem a inspira: hū bronze he duro, hū instrumento aspero, hū metal riguroso, que conforme o tocão retumba; porq̃ o impulso o move, & não a natureza: ouvi, pois, as inspiraçoens de Deos, aproveitaivos dos seus toques,

dai ouvidos aos seus clamores, & não repareis no instrumento, que he do vosso mesmo metal; não algum dos Anjos do Ceo, que haõ de chamarvos a juizo; menos de algum justo da terra; se não do homem mais ingrato, do peccador mais perverso, & do servo de Deos mais inutil, que tem o mundo todo: mas Deos se deve servir disto, ou para gloria sua, ou para confusam vossa; porque se o peor homem do mundo vos vem a reprehender, bem se mostra, que lhe parecem mal, & que são perversas, & abominaveis as vias por onde ides; & que parecerão a Deos summamente offendido, sendo summa verdade, summo bem, & summa justiça?

Clamava a voz de Deos no deserto (porque desertos são as Cidades, donde os homens, ou são montes soberbos, ou outeiros altivos, ou rochedos duros, ou valles viciosos) clamava, & persuadia aos peccadores que fizessem penitencia, porque este era o caminho de se encher o vazio dos valles, de se humilhar a soberba dos montes, & dos outeiros; & de se alhanar em estradas chans para o caminho do Ceo as mais asperas penedias: aparelhai pois o caminho, fazendo caminho direito, pois sobre as pedras fundou o Senhor a sua Igreja, sobre os outeiros o seu templo, para os valles guardou

o juizo, & nos montes mostrou sua gloria: manda Deos, que o louvem huns, & outros; & se o não fizerdes assim, ainda que sois montes, haverá no mar diluvios para vos submergir; ainda que sois outeiros, haverá em vós terremotos para vos descôpor; ainda que seiais rochas, haverá nos Ceos rayos para vos partir; ainda que seiais valles, haverá na terra aguas para vos alagar. Ouvi a palavra de Deos homens montes, homens outeiros, homens penhâscos, & homens valles, para escapares da ira divina: *Montes Israel audire verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & colibus, rupibus, & vallibus.*

TOQUE II.

Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium
Jerem. 8. 6.

CLAMOR II.

Trata-se da furiosa cegueira, cõ que os peccadores correm a peccar, & a perderse.

Todos derão as costas a Deos, & com tão arrebatado impeto se arrojaõ aos vícios, que como cavallo, que se arremeça com furor á batalha;

como fonte, que se despenha ao valle mais fundo por rochas, & penedias; assim correm, assim se precipitão á guerra das virtudes, & às profundezas do inferno: vai o bruto cavallo á pelega com furioso impeto, porque orgulhoso, & ufano do seu perigo não cabe no seu follego, nem aquietar até se não meter no dano: despenhase a fonte risonha, porque aquella inclinação, que a leva para o centro, lhe faz aprazível o precipicio: eis aqui como os peccadores caminhaõ aos vícios, & á perdição, não sõ como quem caminha passo a passo, mas como quem vai a correr; que por isso o Profeta não chamou ás suas inclinaçoens, caminho, senão, carreira: vão a correr aos peccados, como se lhe faltáraõ peccados, de que se fartar; taõ sofrega se tem feito a maldade humana dos seus delitos, que sobre buscalos correndo, & despenhandose com ancia, & com desejo de não parar a: è os conseguir, vai orgulhosa, vai soberba, alegre, risonha, & sequiosa de correr muito, de precipitar-se mais, & de nunca fazer menos.

A tal estado tem chegado a malicia dos homens, que não sofrendo os soberbos, que outros sejam mais soberbos, os lascivos, que outros sejam mais lascivos, os ambiciosos, que outros sejam mais ambiciosos, os vorazes,

res, que outros se não mais vo-
razes, os irados; que outros
se não mais irados; contendem
pela mayoria das culpas, & se
envejam uns aos outros os pec-
cados, sentindo, que nelles ha-
ja outros, que pareçam mayores
homens: & daqui nasce, que ou
da vangloria da culpa fazem
huns caminho para a impeni-
tencia, ou outros se entranhaõ
mais nella, tendo somente pe-
zar de não poder igualar os ma-
yores peccadores, & saborearse,
como elles, nos pessimos gostos
da mundana profanidade: &
este he aquelle quarto peccado
de Damasco, que Deos não per-
doa; porque para perdoarnos
Deos, he necessario, que nos
peze de todo o crração havelo
offendido. O primeiro peccado
(como diz São Jeronymo) he o
mão pensamento, o segundo he
o consentimento, o terceiro he
a obra, o quarto he não ter pe-
zar de haver peccado: quem
pecca só nos tres primeiros, fa-
cilmente se converte, se lhe pe-
za de offender a Deos; mas de
quem chega a cometer o quar-
to, apartase a misericordia di-
vina, que não pôde sofrer cou-
sa tão fea, como he buscar o
homem o summo bem nas tor-
pezas mundanas, & sobre tudo
recrearse nellas, como em cou-
sa suavissima.

A Ezechiel disse Deos hum
dia, que o levou ao templo em

espírito, que não perdoaria, nem
ularia de misericordia com huns
vinte & cinco homens, que alli
lhe tinham virado as costas; &
adoravão o Sol, que nascia;
mas não era esta a razão de não
perdoar-lhe, senão a que o mes-
mo Senhor declarou ao Profeta,
dizendolhe: Eis-alli se estáõ re-
creando no cheiro daquelle ra-
mo; & por isso, ainda que a
grãdes vozes clamem por mim,
não os ouvirei. Este ramo, diz
hum douto, que era o costume de
peccar, no qual desprezando a
voz de Deos, que os chamava
pela penitencia, se estavam re-
creando nas cousas pessimas, &
torpes, & alegrandose nas mal-
dades, como no cheiro de algu-
ramo suavissimo. Perdoa Deos,
que algum tempo lhe vire as
costas o peccador: perdoa, que
na presença do Creador idolatre
o homẽ miseravel em hũa crea-
tura; mas que se alegre o pecca-
dor, & que se recree no costu-
me de peccar, & que não se ar-
rependa, & faça penitencia dis-
so, apartandose disso, abomi-
nando-o, & detestando-o, isto
he o que Deos não perdoa, nem
ha de perdoar. Qualquer pecca-
do mortal, nenhũa outra cousa
he, senão apartarse o homem
de Deos pelo desprezo do mes-
mo Deos, ou em sy, ou na sua
ley, & preceito; se pois sobre
o desprezo, q se faz a Deos, & so-
bre o costume de desprezar o q

Fr.
Heit.
Pint in
Ezech.
hic.

Amos
1.3.

Hier.
in
Amos
cap. 1.
V. te-
nentẽ
scip-
trum,
tom. 5

Ezech.
8. 16.
&c.

Deos na sua ley manda, nos de-
 leytarmos, & gloriarmos de fa-
 zer delle pouco caso, & ainda
 grandissimo desprezo; em que
 juizo cabe, que haja de ter per-
 dão de Deos, quem assim gosta
 de desprezalo, & offendelo, sal-
 vo sómente, se fizer verdadeira,
 & digna penitencia? *Oh mortaes*,
 que poucos são
 no mundo os que cuidão em pô-
 derar, que cousa he hum pecca-
 do mortal! Muitos o sabem,
 muitos o reprehendem, muitos
 o abominão; mas oh que são ra-
 rissimos os que cuidão que cousa
 he, a quem se oppoem, q̄ mal
 nos faz; & que castigo tem!
 Tenho para mim, que fora im-
 possível peccar, mediante a gra-
 ça de Deos, quem tronxera sem-
 pre no sentido a fealdade medon-
 nha, a torpeza indeclaravel, &
 o vulto aborrecivel de hũ pecca-
 do mortal: porque cousa tão péf-
 sima, que nos faz cahir em odio
 de Deos, & sobre isto desprezalo;
 mal tão grande, que nos aparta
 de Deos por distancia infinita,
 não de lugar, que em todos está
 Deos, mas de dessemelhança
 com elle; culpa tão grave, que
 he castigada com fogo eterno;
 dano tão terrivel, que ha de ca-
 recer da vista de Deos por toda
 a eternidade; pena tão cruel, q̄
 ata para sempre o peccador nas
 penas do inferno, no cárcere in-
 fernal, & na companhia dos de-
 monios; que tremor, que assom-

bro, que medo, que aborreci-
 mento, que odio, & que abo-
 minação não causaria em hum
 bruto, se tivera uso de razão,
 em hum penedo, se tivera espi-
 rito, em hum bronze, se tivera
 entendimento? Bastava cuidar,
 que havia Deos, para não pec-
 carmos: bastava saber, que o
 peccado he tão grande mal, para
 termos por impossível o peccar:
 quem conhece a Deos por seu
 Deos, & que cousa he o pecca-
 do, não tem para sy, que lhe he
 possível peccar, mais possível lhe
 parece, que a terra voe, que os
 Ceos parem, que o Sol dê tre-
 vas, & que a no yte dê luzes, do
 que cometer hum peccado. Quiz
 a mulher de Putifar obrigar ao
 casto Joseph a que peccasse com
 ella; & respondeolhe elle, ven-
 dose apertado: Como posso eu
 fazer hum tão grande mal, co-
 mo he peccar cõtra o meu Deos?
 Conhecia Joseph a Deos, anda-
 va Deos com elle, & dirigia as
 suas obras; & por isso conhecen-
 do, que não podia haver mayor
 mal, que apartarse de Deos, &
 peccar contra elle, tinha por im-
 possível peccar.

Mas, oh miseria nossa! que
 não havendo hoje entre os hu-
 manos cousa mais facil, que
 offender a Deos, só o arrepen-
 derse, só o fazer penitencia tem
 por impossível. Tem por impos-
 sível o arrependerse; porque as-
 sim como he impossível, segun-
 do

Gen.
39.9.

do a ordem natural, q̄ as aguas subão para cima; q̄ o fogo desça para baixo; tendose feito natureza da culpa, naturalmente seguem os peccadores o curso de seus appetites, & de suas maldades, sem ver, que as mudanças moraes não são em tudo como as naturaes; pois como diz Santo Agostinho, para que o corpo se erga (que he movimento natural) he necessário mudar de lugar; mas para que a alma se levante (que he movimento moral) basta, que se mude de vontade: para vencer este impossivel bastava mudar de animo, bastava querer, ainda que não se mudasse de estado. Puderaõ as lagrimas da penitencia correr para cima, pois as lagrimas são vozes, cõ que se falla a Deos; puderaõ estas atrahir o fogo do Espírito Santo, que descera dos Ceos a nos allumiar, logo que nos vira chorar, & arrependêr; mas que hão de fazer os homens, senão seguir o seu curso, correndo como brutos ao seu perigo, voando como borboletas ao seu incendio, despeñhandose á sua eterna perdição? *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prelium.*

Aug. tom. 8. in Pl. 8. ver. Jocūd. anima &c.

Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei ara in delictum. Osee 8. 1. *Col. V. Am. 1. O. III.*
 Dos peccados dos Beneficiados & Ecclesiasticos.

Multiplicou Efraim os altares para peccar; convertêraõselhe os altares, & sacrificios em culpa. Estas horrendas palavras, & as que se seguem, com que o Profeta Oseas amonizava o seu Povo, em o sentido mystico fallaõ com o estado Sacerdotal; de quem lamentando São Bernardo a declinação no seu mayor augmento; rompeo dizendo assim: Muy dilatada parece, que está a Igreja; tambem a sacratissima Ordem Clerical com o excessivo número dos Clerigos está multiplicada; mas supposto, vós Senhor, lhe multiplicastes a gente, não lhe engrandecestes a alegria; pois nada menos se vê, que lhe falca de merecimento, que aquillo que lhe cresceo de numero: cresceo o numero, não o resplendor; multiplicouse a gente, não o decóro; crescêraõ os Clerigos, não as virtudes. Efraim, quer dizer cousa que fructifica, cousa

Bern. rom. 1. Scrm. de convers. ad Cler. 29. in princ. & per tot.



q̄ cresce: *Ephraim, Fruifer, Cres-*
cês: traou o augmento dos seus in-
teresses quanto ao temporal, & es-
quecendose, de que Deos o fez
crescer na terra de sua pobreza:
Ephraim, dicens: Crescere me fe-
cit Deus in terra paupertatis mee,
deu á ambição profana aquelle
culto, & aquelle desvelo, com
que devia agradecer a Deos os
celestes beneficios.

Parece, que se não conten-
 tou a malicia dos homens, com
 que fôssẽ humanas suas abo-
 minações; quiz tambem, que
 fôssẽ ao divino os seus delitos:
 buscou nos altares o interesse, &
 porque este se multiplicasse,
 multiplicou os altares para pec-
 car. Os mesmos officios (dizia
 com ardente zelo a mesma brã-
 dura de São Bernardo) os mes-
 mos officios da dignidade Ecce-
 siastica já passáráo a ser torpe
 lucro, & négozção infernal;
 nem se busca já nelles a salva-
 ção, & bem das almas; mas a
 superfluidade das riquezas: por
 este respeito se frequentão as
 Igrejas, se celebrão Missas,
 & cantão os Officios divinos; já
 hoje claramente se procuraõ os
 Bispadós, os Arcediagados, as
 Abbadias, & as mais dignidades
 Ecclesiasticas, para quo as ren-
 das Ecclesiasticas se gastem, &
 dissipem em superfluidades; &
 vaidades. Resta agora (continua
 o mesmo Santo) que venha o
 Antechristo por remace de tan-

tas abominações. Oh que me-
 donha cousa vemos na Igreja de
 Deos! (exclama a suspiros o mes-
 mo Santo) & que será isto? (di-
 zia elle mesmo) Que ha de ser,
 senão ver que são idolatras os
 seus Ministros? Mentira seria,
 se (como diz o Apostolo) não
 he servidaõ de idolos a avareza.
 Atêqui São Bernardo.

Eis-aqui, porque as aras, ou
 altares de Deos se convertêraõ
 em delitos, & peccados dos ho-
 mens: levantou-os a adoração,
 & piedade Catholica para pedir
 a Deos misericordia de nossas
 culpas, & offerêcerlhe sacrificio
 de justiça; & parece, que os ocu-
 pa só o interesse mundano,
 pois aquelles frutos da Igreja,
 que haviaõ de ser alimento das
 virtudes; & da pobreza, se tem
 feito thesouro da avareza, ou
 cõmendas da carnal voracidade.
 As aras, que haviaõ de ser refu-
 gio do espirito, não sei se são
 horror da consideração; pois a-
 quelles vãos da Igreja, que
 haviaõ de ser sagrado, a que se
 acolhesse a miseria, não sei se
 são scandato de quem se afasta
 a caridade: deviã estes dimi-
 nuir na ambição, para multi-
 plicar no espirito; deviã re par-
 tir com a caridade, para fazer
 boa conta dos bens de Deos; &
 entã fiz rãõ mayor forma, por-
 que Deos lhe dera cento por hũ;
 multiplicárase mais que o nu-
 mero o merecimento; & ás a-

vessas

Bibl in
 Gen.

Gen.
 41. 52.

Bern.
 tom. 1
 Ser. 6.
 ad fin.
 in Psal.
 Qui
 habi-
 tat.

Bern.
 tom.
 2. in
 Decla-
 mat.
 post
 princ v
 Neque
 enim
 AdGa-
 lat. 5.
 20.

veffas da conta, que faz o mundo, a Igreja crefcêra, quanto diminuire: mas que havemos de dizer, fe os frutos da Igreja, & o pão dos pobres não ló fe tornãrão em manjar da culpa, mas em veneno efandalofó da mefma Igreja? Este he o mayor mal, que póde haver na terra; pois, como diffe São Gregorio, de ninguem récebe Deos mayor perjuizo, nem mayor aggravã, que dos Sacerdotes; quando aquelles, que elle poz no mundo para freyo dos outros, fãõ ex-emplos da ambição, & da perverfidade.

Greg.
P.to. 1.
hom.
17 in
Evãg.
ante
med.
& ha-
berur
in Brev.
Rom.

12. Marti;
Leet. 8.
Joel. 3.
16.
Nahũ
1. 6.

Eis-aqui porque o Senhor rugindo como leão moverá os Ceos, & fará tremer a terra, bramir o mar, cahir os montes, efpedaçar fe as penedias, & fubmergir fe os valles: & quem poderã fofrer a vifta de fua indignação? Quem refiltirá ao furor de fua grande ira, fe a fua indignação, como fogo abraza- dor defará em pó, & cinza não fõ o feno da terra, não fõ as arvóres do campo, mas aos mefmos montes, & pedras? & que esperais de Deos peccadores? Se Etraim, por quem fe entende o voffo augmento, bebeo os vêtos da vaidade, apafcentou fe na malicia; feguiu o ardor da concupifcencia; fez concerto com os inimigos de Deos, & levou os haveres das virtudes, não para o Ceo, mas para a terra da per-

dição: fe pois enfermou Bafan, & o Carmelo: fe cahio a flor do monte Libano; que esperais, fennão que os montes fe cõmovão, que os outeiros fe affoem, que a terra fe confunda, & que o inferno vos fobverta? Virã fobre vós o juizo de Deos; que ifto come, quem indignamente come o Corpo de Chrifto: & virã fobre vós a condenação eterna; que ifto he o juizo de Deos, que comefte indignamente. Provefe pois cada qual a fy mefmo, olhe para a fua conciencia, veja quem he, & a quem vai receber todos os dias; & quando a conciencia o não reprehenda, & o coração fufpire, & tenha fe de daquella fonte de aguas vivas, lave fe na confiffão, & fatisfãça o que puder, & chegue fe cõ confiança às celeftes delicias daquelle divino banquete. Mas q̄ chegue o máo Sacerdote, que pela culpa mortal he mais feyo, que o demonio; mais çujo, torpe, & abominavel, que tudo quanto o póde fer; que chegue fem fe confeffar, ou com confiffão facilega a tomar nas fúas mãos a Deos! a Deos, que nas Eftrellas do Ceo não achou limpeza; que no lizeiro da manhã vio efcuridades! oh que herrenda, oh que medonha coufa! Hõ São-Francifco meu Padre, crucificado para o mundo, não offou ver fe com a dignidade Sacerdotal: hum São Boaventura,

Nahũ
1. 4.

1. ad
Corint
11. 29.

que

que ardia como Serafim em labaredas de amor de Deos, se retirava de commungar a meudo; h um Santo Agostinho, nem o louva, nem o vitupera; & hum peccador miseravel se chega a este altissimo Sacramento com hũa facilidade, com hũa ousadia tão grande, & tanto sem escrupulo, como se fora só a comer hum pouco de pão, ou huns aparos de hostia! E tal vez com mayor desprezo, & fastio deste manjar eterno, que de qualquer vil iguaria das mezas temporaes, & profanas; oh lastimá, oh ignorancia, oh desventura da mūdãna cegueira!

Ezech. 34.2. Mas, ay de vós Sacerdotes, que depois de vender a Christo por vilissimo preço, fazendo calvario dos altares, crucificais a Christo quãtas vezes podeis! Ay de vós Pastores do Povo de Deos, que vos apascentais a vós mesmos, & deixais espalhar as vossas ovelhas, & o rebanho do Senhor pelas vias do engano, & da perdição, sem que vos dè cuidado vellas andar perdidas por valles, & por outeiros, sem reduzillas dos descaminhos por onde se perdem, ou se expoẽ a ser devoradas de todas as feras do campo; & sem vos lastimardes dos miseraveis balidos, com que as ovelhinhas perdidas accusão vosso descuido! tiraislhes a lã, comeislhes o leite, matais o que he mais pingue, & não as apas-

centais; não fortaleceis o enfermo, não sarais o doente, não soldais o quebrado, não reduzis o desencaminhado, nem buscais o perdido; mas com severidade tratais só do imperio, do poder, & da conveniencia; por isso descera sobre vós a ira de Deos, & em aquellè dia de trevas, de escuridoens, & de nuvens fereis tambem apartados para o lugar da maldição, pagando eternamente as abominaçoens, que fizestes na casa de Deos, & em seus altares: *Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei ara in delictum.*

T O Q U E IV.

*Similiter eos qui exasperant,
qui habitant in sepulchris;*
Psalm. 67.7.

C L A M O R IV.

O Mesmo succederá aquelles, que exasperaõ, & indignão a justiça de Deos; aquelles, que morão nos sepulchros. O sepulchro (como diz Hugo Cardeal) he figura das Religioens, adonde morão, ou deviaõ só morar, os que vivem como mortos para os gostos do mundo: *Sepulchrum significat Religionem, in quo habitant, qui mortui sunt mundo;* porque ve-

Hug. C. hic mor

stir

Ir a librè dos mortos, & buscar as vaidades da vida; trazer em vida às costas a mortalha; que he insignia do defengano; & desacreditar o defengano; buscando com a mortalha às costas os enganos do mundo; que he senão exasperar a Deos, com quem no mudo pudèra ter mais algũa desculpa a nossa fragilidade, se não viera a zombar de Deos cõ os memoriaes da morte, quem pudèra passar a vida no esquecimento do seculo? Se viramos hum homem morto fahir da sepultura; se viramos hum amortalhado erguerse de humacova, que suspeitariamos del-le, senão que vinha a mover-nos a contriçaõ, a prègarnos penitencia, a reprehendernos vicios com semblante medõho, com representaçoens tristes, & com vozes do outro mundo? Cõsiderando isto nas mesmas penas do inferno o rico Avarento, dizia a Abrahão: Mandai là ao mundo hum dos que estão no inferno, ou na regiaõ da morte, para que prègue aos homens o defengano da vida: & devèdo ser isto assim, vemos q̃ succede de ordinario o contrario Sahem dos sepulchros Religiosos cõ habito de mortos, os que ainda vivem no mundo; & havendo de ser com obras, & palavras todos linguas do defengano, todos brados da penitencia, & todos exèplares das virtudes; saõ quasi to-

Luc 16
30.

dos vozes, que inculcão o engano, em que vivem, da ambiçaõ, que praticão, da relaxaçãõ, em que vivem, & escandalo das virtudes, que não praticão: oh que isto lobre tudo exaspera não só os olhos, & ouvidos dos mortaes, mas os do mesmõ Deos! como diz por David o Espirito Santo, ainda que tão sucintamente; porèm a gente de ordinario não pecca por ignorancia, bastão muito breves advertencias: *Similiter, &c.*

T O Q U E V.

Pulvis es, & in pulverem revertaris. Genes. 3. 19.

C L A M O R V.

De quanto importa a lembrança do que fomos, & do que havemos de ser.

HOmem miseravel, lembrate, que es hum pouco de pó, & cinza, & que nisto te has de converter: olha para teus pays, & avòs desde o principio do mundo; considera os maiores Principes; & Monarcas, que houve em toda a redondeza da terra; cuida na mayor idade, na mayor valètia, na melhor saude, q̃ gozáraõ algũs dos filhos do seculo; contempla na mayor fortuna;

tuna, na mayor gloria, na mayor gentileza, que floreceo na vaidade humana; & fazendo finalmente na tua memoria hum dia de juizo, tendo nelle à vista todo o mundo, todos os homens, & todas as idades, q̄ se te representaráo em hum instante; dizeme, que foy feito finalmente de huns, & outros? em que parou toda aquella machina de seus pensamentos vacns? em que se resolveo a mayor pompa, & grandeza de sua condição cadauca? acharás em breve espaço, que tudo se converteo em terra, se desfz em pó, & se resolveo em cinza; porque estes são os extremos infalliveis da nossa mortalidade, & os defenganos ultimos da cegueira humana, & a ultima resolução da terrena natureza. Deve o homem lembrar-se, que he pó, & cinza, não só quanto ao corpo, como disse Deos ao primeiro homem do mundo; mas ainda moralmente quanto á alma, por tres razões principalmente. A primeira pela vileza; pois assim como a cinza he vil, ainda que a materia fosse preciosissima, assim a alma tâbem fiza vilissima pela culpa, ainda que seja nobilissima por natureza. A segūda pela difficuldade de resistir; pois assim como a cinza, cu o pó em hum instante se espalha, & não pôde resistir ao vento, assim o homem sem a graça de Deos não

pôde resistir á menor tētaçãõ. A terceira pela impossibilidade de poder tornar a ser o que foy; porque assim como a cinza não pôde tornar ao estado de sua antiga materia, assim a alma peccadora não pôde per sy reduzir se ao estado da graça, se não lhe sobrevier o superior auxilio.

Na cinza se nos inculca a consideração da morte, pois por ella nos tornamos em pó, & cinza: se em vida nos fazem os em cinza pela consideração, he infallivel, que faça em nós a mortificação o que havia de fazer a morte; he sem duvida, que nos accusemos logo a Deos, & façamos penitencia por nossos peccados, por leves, que hajão sido. Leves erão os peccados de Job, pois erão humas poucas de palavras, que affligidamente disse no meyo de suas angustias; & por isso disse a Deos, que se accusava, & fazia penitencia em faisca, & cinza; & isto lhe nasceo de elle se considerat semelhante ao lodo, á faisca, & á cinza.

Sendo pois o esquecimento da morte o mayor mal da vida; parece que quiz Deos, dando ao homem esta receita, que fesse a memoria da morte o mayor remedio da vida: com esta lembrança dizia São Paulo, que cada dia morria; porque quem cada dia cuiêa, que morre, morrendo por consideração, vive para viver para a penitencia, &

não

Job.
42.6.
Job.
30.19.

1. ad
Cor.
15.31.

Isai. 38
15.

não para a vida. Senhor, dizia a Deos: El-Rey Ezechias, com amargura de minha alma, com penitencia de meus peccados, cuidarei hũa, & muitas vezes no mal, que gastei todos os annos de minha vida; clamarei como o filho das andorinhas, & meditarei como pomba: & dõde nasceria ter hum Rey moço tanta penitencia? Elle mesmo o diz: que foy cuidar pela manhã, que não chegaria á tarde: & cuidar hum homem, & esperar pela morte de hũa hora para a outra, não faz só com que faça penitencia amarga, mas que á imitação da andorinha, figura dos contemplativos, porque vivem em hũa terra como estrangeiras, & voão para a sua patria; & da pomba, symbolo dos que meditação retirados na solidão dos tumultos do seculo, tenha conversação no Ceo, vivendo ainda cá na terra: isto faz o cuidar na morte; & por isso lhe diz Deos, que se lembre della: mas esquecemse della os homens, porque não lembrando-se mais, que de erguerse como pò vivente, de que sam feitos, se deixaõ levar pelos ares do vento da mundana vaidade: cuidão, que são grande cousa, & isto os esvaece, & os precipita primeiro na culpa, & depois no inferno. Oh mortaes! subir muito, & levantarvos muito nos estados do mundo, & nas

Isai.
pro
xim.
13.

felicidades do seculo he o mayor risco, que podeis temer, & o mayor mal de que vos podeis queixar; porque as fortunas altas não são grandes alturas, mas sam quedas altissimas; por isso o mesmo he dizer hum homem, que o puzerão sobre as nuvens; que dizer, que o despenharam nos abismos.

Queixava-se Job amargamente a Deos, & dizia-lhe assim: Certo, Senhor, que vos fizestes cruel comigo, & que me affligis duramente: levantastes-me, & pondome sobre os ventos gravemente me feristes. E como se queixa tanto Job de Deos, se a causa de sua queixa he dizer, que Deos o levantou tanto, que o poz sobre as nuvens, & sobre os ventos? tão pouco favor lhe fez Deos em o pôr nessas alturas sendo hum bicho da terra, & hum pouco de pó, & cinza? & que no fim, além de se mostrar muito magoado, se queixe do mau trato, que Deos lhe fez? Lembrome eu, que para David encarecer a magestade de Deos, dizia delle, que andava sobre as pennas dos ventos, & que fazia carroça das nuvens. Oh mortaes! tem grande fundamento, & grande mysterio explicar Job a sua queda pela sua altura; porque as alturas da humana felicidade, que outra cousa sam, são hũa quedas altissimas, que se padecem, an-

Job, 05
21. &
22.Psalms
103. 3.

tes que se falle em cahir? O mesmo he subir ao mayor ponto, que haver cahido no mayor dano: o mesmo nome da altura declara o precipicio: porque estados, que não são mais, que hum pouco de vento, que podem ser, senão instabilidade para a duraçam, ruina para o gosto, queixa para a lembrança, & dor para o sentimento? Hum homem posto sobre o vento, que he a mesma instabilidade, donde pôde naturalmente vir a parar, senão em cahir? Hũa felicidades armadas no ar, que podem dar de sy a quem he sabio, como Job, senão susto, quando se lograõ, dano, quando se perdem, & dôr, quando se cuidão? Por isso queixese Job de se ver levantado, & não seja necessario declarar se cahido; porque como as alturas são quedas al.issimas, assás disse, que o derrubáráo, quando disse, que o tubirão.

Se pois nas alturas deste mundo, em que Deos poem aos justos como Job, se sentem, & se padecem tão grandes quedas; Math. 4.5. quaes serão aquellas, que nos darão as felicidades mundanas, em que o demonio nos poem? Só nos sobe ao pinaculo, para nos crescer o precipicio. O peccadores, ó mortaes, que fazeis adoraçoens ao demonio, porque vos ponha nas nuvês; quem cuidais vós, que sois, ou quem pre-

sumis, que sereis? Pois fabei, & acabai de crer, que não he possivel, que seiais cousa mais vil, do que sois, ainda que seiais os mayores, & os primeiros homens do mundo. O primeiro, & mayor homem do mundo foy Adão; a este disse Deos, que era pó, & que em pó se havia de converter: mas que mysterio teria, Genes. 3.19. dizendo Deos a Adão, que era pó, dizerlhe tambem, que nelle se havia de converter de pois da sua morte? para se dar corrupção necessario he, que se dê mudança naquillo que se corrompe, segundo ensinão os Filozofos, & mostra a experiencia; porque sem se mudar de ser, não se pôde dar corrupção; por isso o mesmo Deos está sempre em hum ser, porque he immutavel; logo, se o homem he pó na mesma duraçam da vida, como lhe diz Deos, que se ha de tornar em pó de pois da corrupção da morte? que ha de ficar de pois de morto, o mesmo que he na vida? Se Deos quer ameaçar, & atemorizar o homem, que ameaço lhe faz? que temor lhe mete em lhe dizer, que ha de tornar a ser o mesmo, que está sendo? Se a mayor ambição dos homens he serem sempre o q̄ são; como não diz o Senhor a Adão, que ha de vir a ser muito menos do que he? O peccadores: queria Deos abater a profunção de Adão: queria tirarlhe da cabeça aquelles

Aug.
to m.
1. lib.
12.
Eon-
fess. c. 7
in fin.
S. Ber.
tom. 1.
Ser. 4.
in Vig.
Nativ.
ad
med.

les fumos de divindade, que lhe fizeram tão grandes vágados, que o fizeram cahir em culpa: queria defenganar a vaidade terrena tão nesciamente desvanecida; & não lhe podia fazer mayor horror, nem mayor ameaço, que dizerlhe, que era pó, & que nisto se havia de tornar: he o pó, como materia prima, de que Deos fez o homem; & donde a Escritura diz, que o fez do limo da terra, le o Hebreo; do pó da terra; esta foy a materia prima de que Deos fez o homem. A materia prima, diz S. Agostinho, que he a cousa mais vil, que se póde considerar; & São Bernardo afirma, que não ha cousa mais vil, que o limo da terra de que Adão foy formado: se pois agora na vida fomos a cousa mais vil, que póde haver, & ainda depois de corruptos pela morte em quanto ao ser terreno, não podemos ser cousa peyor, do que estamos sem a vida; como não desfazemos esta poeira, que levantou o vento da nossa vida, ou da nossa vaidade para nos cegar os olhos do entendimento? Cahi pois na razaõ, ó peccadores, antes que caya sobre vós a ira de Deos: ponde na cabeça essa cinza, & esse pó, que isso he polo na memoria: lembrai-vos da morte, & escapareis do castigo; porque quem pela consideração da morte mostra, que

está feito em cinza; & assim como a cinza não póde já arder no fogo, assim vós não podereis arder no do inferno: vede, que sois peccadores, & terra que anda pelos ares levantada contra Deos, & para aplacarlhe a ira he necessario cahir no que sois, ou no que haveis de ser: quem cahe no que he, ou no que ha de ser, faz-se outro homem, & não he o que dantes era; se he Christão, que he o mesmo, que imitador de Christo, em cahindo no que he, ou no que será, não só vive como não vivia, mas vive nelle o mesmo Christo.

Já não sou quem dantes era, dizia S. Paulo: sou Christo, porq̃ Christo vive em mim. Se o Apostolo pouco tempo ha se levantou contra Deos, & como pó soberbo, que voa pelos ares, vinha bebendo os ventos ao mesmo Sol da justiça, contra quem se oppunha; como em tão breve tempo tanta mudança, tão grande differença? Em quanto Paulo foy Saulo, era pó, que vinha voando contra Deos, levantado com o vento da vaidade; mas tanto q̃ ouviu a voz de Deos, cahio no que era, & no que havia de ser, cahindo em terra; & por isso já não he quem antes era, porque não vive, como dantes vivia, mas vive como hũ Christo crucificado para o mundo, morto para a vida, & vivo só para Deos. Eis-aqui, Fieis, o que faz

Galar.
2. 20.

1. ad
Tim.
1. 13.
Act.
Apost.
9. 1.

o cahir na razão, & o cahir no que sois, & no que fereis! Vede, que andais levantados contra Deos: vede que pela sua voz, que isto são os Prêgadores, vos pergunta, como a Saulo, porque o perseguis. Criouvos, redemiovos, conservavos, sustentavos, chamavos; quer salvarvos, sofrevos, podendo castigarvos, esperavos; podendo condenarvos, & convidavos, podendo sobvertervos: se vos faz cahir em algum dano temporal, he, para que vendovos por terra com as miserias da vida, vos lembreis do que sois, do que fereis, & daquelles bens eternos, q̄ dá a quem em vida morre para o mundo: em que juizo cabe pois, que tendo vontade, não tenhais alvedrio? que tendo entendimento, não tenhais memoria para vos lembrar do que importa, & para vos resolver no que vos convem, conhecendo, ou com o defengano da vida, ou com a memoria da morte, quanto deveis a Deos, quanto vos convem servillo, & quanto vos importa salvarvos?

Dimeheis, que para chegar a ser só a materia, q̄ nelle se resolve, primeiro he fogo, depois fumo, dahi a pouco labareda, logo braza, & ultimamente cinza; mas que sem estarem exhaladas aquellas porçoens terrestres nestas antecedencias, he impossivel moral, assim como

he natural, que vos convertais, os que sois troncos verdes, naquelle pó: ser caduco, sem que se dê ao tempo, o que he do tempo, impossivel tambem parece: & que por isso he força, que primeiro vos acendais no fogo para arder, & que vos desvançais, como fumo, ardendo nas chamas do amor proprio, & que ultimamente vos defenganeis com as cinzas da morte. Oh Christãos, deixar para a hora da morte o mayor negocio da vida, he final de reprobos, & precitos: & certo, que podereis converterme, se como he necessario para chegares a ser cinza, não podereis com todás essas cousas servir a Deos: porêem he certo, q̄ cõ todas ellas o podeis servir, se mudares o objecto de vossas acçoens, ardendo no fogo do amor de Deos, subindo ao Ceo em fumo de oração, abrazando o mundo com labaredas de espirito, & renascer nas cinzas para a vida da graça: mas querer os incendios só para a sensualidade, os fumos para a vangloria, as chamas só para luzir, & as cinzas só para acabar; oh que he zombar de Deos, adulterar a razão, & apressar o inferno! Não he miseria da natureza, he progresso da malicia; & malicias, que se chegão a fazer natureza, atè da mesma fragilidade fazem o obstinação.

Mas que razão terá o Senhor para

para dizer aos homens na pessoa do primeiro homem do mundo, que se lembrem, que são pó, & que em pó se hão de tornar, se a memoria (como que-rem os Filósofos) he hũa lembrança das cousas passadas, & o Senhor lhe manda ter memoria do que são de presente, & do que hão de ser de futuro? Oh mortaes, se os homens quizerão entender bem a Deos, viraõ nas mesmas palavras do Senhor, que a memoria das cousas da vida, do presente faz passado; & a memoria das cousas da morte, do q̄ he futuro faz presente: sendo pois a memoria huma lembrança do passado, mãdar lembrar a hum homem do que está sendo, que he, senão mostrar-lhe, que já passou o mesmo que ainda he? & mandar-lhe, que se lembre, do que ainda não he, que he, senão querer que seja logo, o mesmo que ha de ser? Tão presentes devião trazer os homens as cousas, que hão de succeder-lhes, que já lhes pareça, que as passaõ; & tão passados lhes havião de parecer os gostos que possuem, & os males, que padecem, como se já não forão, nem existiraõ. Mas a que fim se encaminhará toda esta confusão de tempos? A nenhũa outra cousa, ó mortaes, senão a que vivais por consideração, como se já estiveres na sepultura: da vida passada, se vivemos mal,

nenhũa cousa boa nos fica, senão o arrependimento; da morte futura, se fazemos conta de acabar bem, não temos outra cousa boa, mais que o desengano: se pois, vendo o mal que vivemos, estamos arrependidos, vivemos, como se não viveramos para o mundo; se attendendo a como acabaremos, estamos desenganados, estamos como mortos para a mesma vida; estando mortos para a vida, não tratamos da vida, eratamos da alma; estando mortos para o mundo, não tratamos do mundo, tratamos do Ceo; se tratamos do Ceo, no Ceo he a nossa conversação; se tratamos da alma, os negocios d'alma são o nosso cuidado: & como então todo o presente se olha como passado, & todo o futuro se considera como presente, dos bens presentes, q̄ nos offerece o tempo, não fazemos caso, como de cousa, que já passou, & que já não he; dos males futuros fazemos conta, como de cousa, de que nos pedem conta, & que a estamos Já dando: porque o esquecimento do presente faz, com que o homem se não ate mais nas prizoens da vida; & a representação do futuro faz com que viva como se já estivera ás portas da morte. Dizia Ezechias: 161. 10. Eu disse: No meyo de meus dias irei ás portas do inferno. Se confessa Ezechias, que estava no

Hai.
ibi. 12.

meyo dos dias de sua vida, como diz, que morreria antes de gozar a outra ametade, que ainda lhe faltava de vida? E se conta os dias de vida, que tem de presente, como falla de preterito. Eu disse? Mais: Diz o mesmo Rey Ezechias, vendose nos seus males por hũ fio: Cortada esta a minha vida como fio de tear: ainda agora eu ordia, ou principiava, & já mo cortou a morte: se pois naquella, agora, mostra que tinhara vida de presente, como falla em que lhe foi a cortada de preterito? E se ainda estava com vida, como chora já a morte futura, como se a tivera presente? Oh mortaes: o mesmo Ezechias deu a razão nas primeiras palavras: Eu disse: (dizia elle) No meyo de meus dias cheguei às portas do inferno: esta morte, que lhe havia de succeder, fezselhe presente pela representação; por isso fallou na morte futura, como cousa já presente: a vida, que ainda tinha de presente, representou selhe perdida pela consideração da morte; por isso a lamentou como cousa passada: tinha presente a vida, pois estava entre o passado, & entre o futuro, que isso he o meyo de seus dias; mas como a apreheção do que havia de ser o não deixava scissegurar no que era; como o temor do que era, lhe dava a entender, que já não era o

mesmo que estava sendo, os agoras pareciam antes; os depois representava selhe agoras, cada logo do temor era hum já da morte, cada memento da morte era hum depois da vida: eis-aqui o que faz ainda em vida a memoria da nossa mortalidade; eis-aqui o que faz antes da morte o desenganô da vida: se nos lembráramos, como era razão, do que nos ha de succeder, tiveramos presente o futuro; se nos acordáramos do que somos, tiveramos o presente por passado; & se nos não esquecêramos do que somos, conhecêramos de presente por hum nada, por hũa cinza, por hum pó.

Mas se o homem he pó em quanto vive, & se não he mais que pó em quanto morre, para que lhe faz Deos esta segund a lembrança, se nada nella lhe acrescenta de novô? Se dissera, que o homem na morte havia de ser menos que pó, que em vida está sendo, como he effeito da corrupção, bem estava; porém dizer lhe Deos, que no tempo da mortal corrupçam ha de ser o homem o mesmo que de presente he na vivente conservação, além de não parecer ameaço, tem apparencias de superfluidade, que em Deos se não póde dar, por ser vicio; como logo, sendo o homem pó em quanto vivo, & pó em quanto morto, que differença haverá em

em

Job 7. 7. 9.
 um hum, & outro tempo? A differença he, a' meu ver, que os homens em quanto vivos são hum pó levantado, & os homêes depois de mortos são hum pó cahido: o pó levantado davos nos olhos, çujavos, & enxovalhavos, & vai todo em hũa poeira até que vem a cahir; & o pó cahido metefevos debaixo dos pês, confundese com a terra, & não vos agrava os olhos; alli se deixa estar donde o vento o deixou cahir: pó somos todos na vida, & pó depois da morte; em quanto dura o sopro da nossa vida, que he vento: *Ventus est vita mea*, somos pó levantado por esses ares; mas em cessando de respirar o ar da vida, ficamos pó cahido por essa terra; & vai tanta differença de hum cahido a hum levantado, que ninguem chega a verse levantado, ainda que seja do vento, que se não julgue, não só vivente, mas huma cousa grãde, & eterna; ninguem chega a estar cahido, que não só se julgue acabado, mas também extinto de todo: eis aqui logo a razão da differença, porque o Senhor diz, que o homem he pó diferente na vida, & na morte; & porque lhe mãda, que em quanto vivo conheça que toda a sua imaginada grandeza, soberania, & ostentação he tudo hum pó levantado com o sopro do vento da vida; & que se acorde, que em mor-

rendo será pó cahido com a falta da respiração da vida; & com a mortal corrupção ficará pó confundido com a terra, da qual antes da morte, o trazia separado hũ pouco de vento da vida. Se pois sendo o homem pó, Deos o ameaça com dizerlhe, que em pó se ha. de tornar; que castigo vem a dar Deos ao homem convertendo o no mesmo que he? adonde vai aqui a pena, adonde está o castigo? Oh mortaes: grande pena, & grande castigo he isto, que vos parece o não he: vai muita differença em Deos fazer, & em Deos desfazer: hum pó feito homem por Deos he a melhor cousa, que Deos fez; & hum pó desfeito pela ira de Deos he a peyor coula, que pôde haver: fez a infinita bondade, & misericordia de Deos do pó ao homem, obra tão excellente, & perfeita, como cousa das mãos de Deos; desfez a ira de Deos o homem em pó, porque levantandose a mayores não quiz obedecer a Deos: o pó feito homê por Deos, era a melhor cousa do mundo na sua graça; o homem desfeito em pó pela ira de Deos, depois de cahir em peccado, ficou o peyor de tudo; porque (como diz Santo Agostinho) o peccador fica reduzido a hum nada: *Nihil sunt homines cum peccant*; & qualquer cousa, por infima que seja; he mais que nada. Oh

quanto devemos temer, que a ira de Deos desfaga em pó o homem, que do pó criou a sua misericordia, porque não quize-
mos obedecer a seus preceitos! Haja pois em nós hũa continua memoria do que somos pela misericordia de Deos, para que não haja em nós culpa, que provoque a ira de Deos a desfazer o que fez a sua misericordia: que para nós avisa o Senhor na pessoa do primeiro homem, dizendo: *Pulvis es, & in pulverem revertetis.*

TOQUE VI.

Homo sicut fœnum dies ejus: tanquam flos agris sic efflorescit.
Psal. 102. 15.

CLAMOR VI.

Considerase a vileza do homem;
& o pouco, q̄ dura a sua vida.

Compara David com o feno: a vida do homem, que isto são os seus dias; para que vendo os humanos na fragilidade do feno a fragilidade da sua vida, achem o defengano da sua vaidade no mesmo sujeito, donde a sua vaidade achou o seu engano, & daqui passem a considerar, que se os defengão aquellas mesmas cousas, que os costumão defvanecer;

que farão aquellas, que os costumão defenganar, abater, & advertir? Engana aos mortaes; & defvanee-os a flor da sua idade, & a verdura dos seus annos, dandolhes a presumir, que quem começa a florecer, muito tem para durar; que quem principia a reverdecer, muito tem para luzir, antes que se chegue a fegar: defengana-os de pressa o seu mesmo engano, pois na vida do feno, que reverdece, na duração da flor, que mais pomposa nasce, vem quão de pressa se acaba a vida; vem a flor quão pouco espaço dura: para que soubersem isto os homens, mandou Deos ao Profeta Isaias, que clamasse ao seu povo; & perguntandolhe o Profeta que havia de dizer: Clama (lhe responde o Senhor) dizendolhe, que todo o homem he feno, & toda a sua gloria como flor do campo; secouse o feno, cahio a flor, & acabouse a gloria em hum breve instante, porque o mesmo Espirito do Senhor, que em hum sopro lhe inspirou a vida, tambem lha tirou com outro sopro: & foy a causa não fazerem os homens aquillo, para que Deos os fez.

Eis-aquí o que são os homens mais presumidos de quem são, & os mayores homens do mundo; são hum feno vilissimo, que na terra nasce, de pressa reverdece, & subitamente morre: eis-aquí

aquí o que he a vida dos homês, hũa flor tão fragil, que o frio a seca, o Sol a murcha, o vento a arrebatã, os brutos à pizaõ, & os bichos a comem; sem que lhe valha o privilegio da fermosura, a authoridade da pompa, ou a virtude da fragrancia, para que o mundo a respeite, o tempo lhe perdoe, & a morte a não castigue: parecelhe a alguns homens do mundo, que não sam feno, como os outros homens, ou pelo valor do nascimento, ou pelo feicio da fortuna, ou pelo preço que lhes dá a estimaçã; mas oh que he engano manifesto! tudo he feno; só ha esta differença entre huns, & outros homens, assim como entre hum, & outro feno: ha huns homens que estão na mayor altura que os outros homens, porque também ha hũ feno, que está posto em mayores alturas, que o outro feno; porém com esta pensã, & com esta condiçã, que assim como o feno dos lugares altos antes de chegar a morte parece, que perde a vida, & antes que lhe façã dano perde a sua pompa: assim os homens, que estão em mayor esfera, antes que lhes façã violencia perdem a felicidade; & antes que cheguem naturalmente á morte, parece que se lhes acaba a vida. Exclamando David contra seus inimigos dizia assim: Con-

Pfalm.
118. 5.
& 6.

fundaõse os peccadores, & fa-

çãose como o feno dos telhados, que se secou primeiro, que o arrancassẽ: & que parecer tinham com a altura do feno dos telhados os inimigos de David, para q̃ o imitassẽ na ruina de caducos antes de arrãalo a violencia; & na desgraça de acabar antes do tempo da morte? Oh mortaes; muito parecer tinham estes inimigos de David com o feno dos telhados: o feno dos telhados faz a sua fabrica sobre os edificios terrenos, os homens soberbos, como os inimigos de David, também fazem suas fabricas sobre os edificios humanos, que por isto entende Santo Hilario os corpos dos homens: o feno punha os pês de suas raizes sobre os telhados, os inimigos de David punhão os fundamentos da sua soberba sobre a altura de suas pessoas: se pois estes peccadores imitavã aquelle feno na soberba da elevaçã, porque o não imitarião também no modo do castigo? antes que haja quem os arranque pela violencia, hãõ de perder a pompa; & antes que chegue naturalmente a morte, hãõ de perder miseravelmente a vida: porque não sofre Deos, que durem muito tempo huns homens, que fiados na altura de suas pessoas, querem meter debaixo dos pês todos os outros homens: desconhecem a natureza, sahem da sua esfera, querem sempre viver das telhas

Hilar.
super
Pfalm.
118.

acima; pois cayaõ de cabeça a baixo, morraõ antes de tempo, & sem que outrem lhes faça dano, pereçaõ ás mãos da sua mesma vaidade, para que seja a sua culpa instrumento do seu castigo.

Chamão os homens flor da idade a primavera da vida; & com razão lhe chamaõ flor, porque toda a duração dos annos desta vida caduca, toda a repetição das primaveras da mais florida idade, não só tem a fragilidade da flor na mais tenra idade; mas apenas té a idade de huma flor na mayor duração da vida. Fallando Job na vida do homem disse, que erão breves os seus dias. Dávid dizendo os dias da vida humana, comparou-os ao feno, & á sua flor; potém se a vida do feno he tão caduca, & a da flor tam breve, q̄ ainda não dura hũ breve dia; & se os dias do homem fazem annos; se a idade de hũa flor não chega a fazer hum dia, como diz Santiago: como se contão os dias da vida dos homens pelòs instantes da vida da flor do feno, que morre antes do meyo dia? Oh mortaes: todos os annos do homem se contão por hum dia, porque não valem mais de hum dia os mais compridos, & os melhores annos do homem: & a razão he; porque os annos da vida não se contão pelo que se tem, senão pelo que se vive: os

annos, & dias, que passáraõ, já se não vivem; os que ainda não chegáraõ, não se vivem ainda; & por isso só vivemos o tempo que temos presente, & não o preterito, nem o futuro; & por tanto quando muito em hum dia se cifra toda a nossa vida. De cento & vinte annos sou hoje (dizia Moyses ao seu Povo despedindo-se delle antes de morrer) como se differe: Cento, & vinte annos que vivi, he só hum dia de hoje; & ainda esse dia se reduz ao instante presente, que só esse se está vivendo: & affirmem os antes, nem os depois podemos contar de vida, porque huns se forão, & só deixaõ quando muito a saudade de passados; os outros ainda não vierão, nem dão outra coufa, mais que humancia de presente, & hum esperança de futuro: se pois se não póde affirmar, que se goza nada de vida, mais que hum agora; que importa haver vivido cento, & vinte annos, ou muitos menos; que aproveita ser a idade mais larga, ou mais breve, se a vida do homem he só agora? Eis-aqui como a vida do homem convem com a vida da flor do feno, que apenas amanece com vida, quando ao nascer do Sol entra já nas agonias da morte.

E sendo tão fragil, momentanea; & de pouca dura a vida do homem, ha de entenderse da

vida

Deur.
31.2.

Job. 14

5. S. 1. 1.

Pfalm.
hic

Jacob.

1. 10.

& 11.

Jacob.
1. 10.
& 11.

Chryf.
tom. 2.
in 2.

Expos.
in Matt
hom.
45. in
initio

vida do homem justo, do que vive na graça do Senhor; porque o peccador, que anda em peccado mortal, nem hum instante tem de vida. Diz São João Chrysostomo, que os corpos dos peccadores são sepulcros de mortos, porque a alma está morta no corpo do peccador: andais sepultados, ó peccadores; dentro de vós mesmos, porq' mortas andão vossas almas detro de vossos corpos em quanto viveis em peccado: estão postas vossas almas nesses sepulcros, porque sendo o amor de Deos, como diz Santo Agostinho, o calor natural de que as almas vivem, assim como as almas o são dos corpos; faltandovos este amor de Deos, faltavos o calor natural, & morrem miseravelmente: de que se segue, que nada tendes de vida, se nada tendes do amor de Deos: sois feno, que em hum instante nasce, & em outro morre: sois flor, que em hum momento lustra, & em outro acaba.

Aug.
to. 10.
Serm.
18 de
verb.
Apost.
in
med.

Mas ainda assim parece a muitos homens, que sem mystério comparou David o homem á flor do campo, & não á flor do jardim: porém com grande mystério o fez; porque nenhuma outra cousa quiz David nesta comparação, mais que persuadir aos homens a humildade, & desprezo da vida; porque a flor do jardim cria-se com vicio, &

he tratada com grande mimo, asseyo, & resguardo; & ainda depois de colhida, em final da estimação, que della se faz, trazem-a nas palmas, & a poem sobre a cabeça: não assim a flor do campo por mais fermosa, que seja, alli mesmo donde nasceo, & donde mais lustra, ahi a pizam, & metem debaixo dos pés. E juntamente quiz David nesta comparação dar a entender aos homens, que não ha nelles mais que hũa vida, que he pouco mais de nada; tão pouco tem o homem de seu, ainda que tenha quanto ha no mundo, que em tendo parecer de homem nem por sonhos dura; dentro de hum instante, como flor de feno, se resolve em nada. Apareceo aquella Estatua de Nabuco, tão soberba na grandeza, tam arrogante na excellencia, & tão pomposa no aparato, que até a hum dos mayores Monarcas do mundo assombrava, & fazia rosto; mas bastou ter figura de homem, para que sendo a sua vida apenas sonhada, em hum momento se vio nas mãos da morte convertida em menos, que nada, sem apparecer da sua grandeza, riqueza, & ostentação nem huma leve reliquia: para defenganar em figura as mayores afiguraçoens da vaidade humana, & mostrarlhe, que nem por sonhos era de dura; pois apenas tinha dado de sy hũa vi-

Dan. 2
31. &c.

sta de olhos, quando a toque de huma pedra, que foy pedra de toque dos melhores metaes do mundo, mostrou o que elles saõ; pois mostrou dentro de hum fechar de olhos, que nada era tudo; pois a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, a valentia do bronze, & o valor do ferro se resolveo em nada. Saõ sonho, ó mortaes, todas essas maquinas de ouro, & prata, com que quereis na vossa imaginação, ou na vossa posse ter hum mundo inteiro, ou os imperios de todo o mundo, que isto representava a Estatua: assim tambem todos fois feno, & de tanta dura, & valor como a flor do campo; & ainda que huns sejais feno com mais flor, & flor com mais pompa, que os outros, tudo em fim he feno, & tudo huma vil flor do campo: *Homo sicut fenum dies ejus: tamquam flos agri sic efflorescit.*



TOQUE VII.

Quid est homo, & quae est gratia illius? Ecclesiast. 18. 7.

CLAMOR VII.

Vese o nada, que he o homem quauto ao ser terreno, & immortal sem Deos.

Que cousa he o homẽ? perguntava o Ecclesiastico: & que tem o homem de sen, para que se persuada que he alguma cousa? O homem mortal, diz hum Douro, que he como empolla de agua; porque assim como a empolla de agua não he mais, que huma inchação vasia, que se vê nas aguas apenas aparente, quando já desvanecida: assim o homem peccador com hũa pouca de vaidade, que he o ar que lhe entra, mal representa o engano de suas apparecias vans; quando desfaz a fragil pompa de sua ostentação aerea, & de sua presunção caduca. ^{2. ad} Varro; apud Calep; verb. bulla. ^{Corint} 4.7. So de barro chama Saõ Paulo ao homem; porque assim como o vaso de barro, ou seja novo, ou velho, igual perigo tem de quebrar em chegando a cahir: assim o homem, ou seja moço, ou velho, igualmente pode morrer em cahindo em qualquer mal: he

he como as Estrellas do mar; por-
que assim como estas ao parecer
saõ Estrellas, não sendo na rea-
lidade mais, que hũas sombras,
& reflexos das Estrellas do Ceo:
assim tambem o homem, se he
justo, he huma sombra, & seme-
lhança de Deos, & nada per sy
proprio, & pela culpa, nada, pois
por ella a sombra se vai, & a
semelhança de Deos se perde,
ainda que a imagem fique: he
como sombra o homem; porque
assim como a sombra, que vai
fugindo, vai desaparecendo,
sem deixar algum sinal de sy: as-
sim o homem, que vai vivendo,
vai acabando, sem deixar algum
vestigio daquella vida, que ape-
nas se nos represẽta em leve vá-
gado de sombras, quando mor-
re como de accidente em breve
cõmera de nadas: he como a
escuma do mar, que se levanta
viçofamẽte sobre as suas aguas,
& qualquer onda a derruba, &
a desvanece: he hum bocejo da
terra, que sobe vapor para mor-
rer em fumos: he hum fumo,
que o ar espalha, hũa folha, que
o vento leva, fogo, q̃ se converte
em cinza, cinza que se desfaz em
pó, pó, que se muda em lodo,
lodo, que se torna em terra, &
terra, que se converte em nada:
& que sendo tudo isto, & muito
peyor que isto o homem mor-
tal, & miseravel, & fugcito a ma-
yores misérias, & desventuras
por seus peccados, haja de terse

em grande conta; vivendo em
culpa? & haja de fazer muito
caso de quem he, não vivendo
em graça? O justo não se sabe
resolver se he digno de odio, se
de amor de Deos; & ensoberbe-
ce se o pó, & cinza, sendo o ter-
mo ultimo da vileza, & da abo-
minação?

Ali Senhor! (dizia David a Psalm:
Deos) trazei as gentes a juizo,
& saibão, que saõ homens: po-
rẽm se os peccadores de nenhũa
couza se jaetão tanto, como de-
ferem homens; como he neces-
sario, que venha sobre elles hũ-
dia de juizo, para que se conh-
eçaõ por homens? Não fora me-
lhor dizer o Profeta: Para que
conheçam os humanos, que saõ
pedras na dureza, brutos no ap-
petite, arvores na elevação, pois
abominava nelles a soberba,
obstinação, & demasia? Oh mor-
taes! excellentemente disse Da-
vid. Dissimindo Job, que couza
era o homem, disse, que era
hũa pouca de podridão. Que-
ria David, que os homens co-
nhecessem, que saõ huma po-
dridaõ, que vive, huma im-
mundicia, que se doura, & hu-
ma corrupção, que se estima:
se os homens se tiverão por ar-
vores, ainda que os condenára
a sua elevação, pudera enganar-
los o darem algum fruto: se se
conhecẽrão por feras, quando os
malquistára a fereza, a brutali-
dade os desculpara: se se consi-
deráraõ

Job. 14
2.

Job.
13. 25.

Ecclesi.
9. 2.

9. 20.

Job.
25. 6.

derarão pedras, a duração os confiára, ainda q̄ a dureza os reprehendèra: pois, para q̄ nema duração os confie, nê á brutalidade os desculpe, nem o darem algũ fruto os engane, saibaõ, q̄ são podridam, & não pedras; conheçaõ, que são immundicia, & não brutos; vejam que são corrupção, & não árvores: & conheçaõ finalmente os mortaes, que não são gente, pois são homens: *Vt sciant gentes, quoniam homines sunt*; porque sendo homens, são huma podridão corrupta, huma immundicia nojentã, & hũa corrupção asquerosã, q̄ foy nada ha pouco tempo, que está sendo pouco mais de nada, & que em breve será cousa nenhuma: hontem hum favor do possível, hoje hum perigo do futuro, á manhã hum medo do presente: hũ pôde ser, antes que fossem, hum não foram, agora, que estão sendo; & hum forão, em acabando de ser: & se são mais alguma cousa, nada são mais; que hum lodo, que vive, hũa lama, que lustra, hũa terra, que anda, hũa vaidade, que corre, hũa mentira, que falla, hum engano, que dura, & hũa presunção, que mente.

De que pois vós vangloriais homens miseraveis? Quem cuidais, que sois? Quem presumis, que fereis? Pois sabeis, & acabai de crer, que em todo o mundo

não pôde haver cousa mais vil, quanto ao ser terreno, que esse mesmo ser, que tendes, & de que tanto vos prezais: toda essa fabrica vivente, toda essa apparencia fermosa, toda essa ostentação robusta, & toda essa pompa desvanecida he cousa tão vil, tão baixa, & miseravel, que nem depois da morte pôde ser peyor, nem mais vil, do que he na mayor gloria, na mayor presunção, & na mayor felicidade da vida. Peccou Adão, & querendo Deos tirarlhe da cabeça aquelles fumos vãos, de que a sua vangloria fez vágados para o derrubar na culpa, querendo porlhe por terra aquella vaidade nescia, & desvanecida, com que andava endeofado com presunçoens de divino, disselhe hum dia: Homem miseravel, lembrete, que es pó, & que em pó te has de tornar. Se Deos quer abater os brios de Adão, se o quer confundir, & humilhar com a vileza do que ha de ser por castigo da culpa, se o quer atemorizar com a memoria da morte figurada no pó, & cinza; que ameaço lhe faz, que medo lhe mete, dizendo, que ha de ser na morte, o mesmo que está sendo em vida, pois lhe diz, que he pó, & que em pó se ha de converter? Não era meyo mais eficaz para confundilo, & para estremecelo, dizrlhe, que se lembrasse, que cedo seria pó, & cinza,

Genel.
3.19.

Palm.
sup:

cinza, ainda que de presente era homem? Não mortaes: se Deos differa só ao homem, que havia de ser pó, & que o não era já, deralhe hum defengano para o tempo futuro, mas não lhe tirara a vaidade do seu engano presente: via Deos, que do engano presente nascia todo o mal do homem, pois com nenhũa outra cousa se enganava tanto, como com o que era; & para q̄ visse quanto se enganava com a sua ignorancia, com a sua vaidade, não só lhe disse que havia de ser pó quando o castigasse a morte; disselhe que isso mesmo estava sendo, quando o enganava a vida.

Mas se Deos fez o homem do pó da terra, & se o homem vivendo he pó; que castigo lhe dá Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, se na morte o castiga, como o não desfaz diminuindolhe o ser? como o não castiga fazendo-o ser mais vil? Oh mortaes, não achou Deos cousa algũa peyor, em que pudesse desfazer o homem, que aquella mesma de que o fez; não teve outra mais vil, com que o castigar, que fazendo-o tornar a ser aquillo mesmo, que era; & por isso não podia porlhe no rosto mayor afronta, que dizerlhe, que ainda havia de ser o mesmo, que estava sendo antes da mortal corrupçãõ. Se pois o homem não podia ser peyor

cousa, nem mais vil do que era (como atrás mostramos) que mayor castigo podia darlhe Deos neste seculo, que fazelo ser o que tinha sido, quando acabasse de ser o que estava sendo? Defenganaivos, mortaes, que nada podeis ser peyor; nada podeis ter, que seja mais vil, que esse mesmo ser, de que tanto vos prezais, pois até quando parece, que Deos vos quer aniquilar, parece tambem, que vos não pôde envilecer mais, nem peyorarvos o ser.

Fez Deos a luz do dia, do Ceo as Estrellas, do mar os peixes, da agua as aves, da terra os bichos, os animaes, & as plantas; mas ao homem de hum pô vilissimo, que ou nos cega, ou nos empoa; tão baixo, & tão miseravel, que fugeitandose a tudo quanto fazem d'elle, sempre anda cheyo de immundicias, & de desaventurãs; se se levãta, o vento o leva pelos ares; & depois o derruba; se se não move, todos o atropellão, até que para fugirem d'elle, a chuva o poem de lodo. Isto fois, homens miseraveis: disto fez Deos o primeiro homem, para que vendo se mais vil por este principio, que todas as outras creaturas, buscasse no seu conhecimento o seu defengano, & achasse na sua vileza a sua humildade. Não só nisto, mas em outros muitos doens fez mais caso a natureza

das

das ervas, & das plantas, das aves, & das feras, que dos humanos, pois os brutos nos exceedem na força, as feras na faude, os cervos na vida, os lincees na vista, os abutres no cheiro, as aves na ligeireza, as flores na fermofura, as arvores na pompa, & as ervas nas virtudes, & em outras muitas cousas, que fora hum nunca acabar, começar a dizelas. Por isso queria Deos, que o homem se conhecesse pela cousa mais vil, que podia haver no mundo, & a quem não era devido nenhum respeito; antes tendose por indigno das merces de Deos assentasse sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez Senhor de tudo; & aquella misericordia, com que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas não cuidão os homens, que são pó, cuidão, que são Deoses. Aquelle engano, que o demonio fez a Adão no Paraiso, faz no mundo todos os dias aos outros homens: & como cuidão tanto de sy, nada cuidão na morte, nada cuidão em Deos: nada cuidão na morte, porque vivem, como se não ouveraõ de morrer; nada cuidão em Deos, porque obraõ como se não ouvera Deos; & ainda que a morte os defengane todos os dias; ainda que Deos os avise todas as horas, como não olhão para o

pó, que he memoria da morte; como não olhão para o sepulcro, que he espelho da vida; o pó, ainda que lhes dá nos olhos, deixa-os mais cegos; o sepulcro, ainda que se lhes ponha defronte, fiscalhes a perder de vista. Oh se os homens oháráõ algum dia para o pó da morte! Se fizeraõ alguma hora espelho do seu sepulcro, que depressa se esquecerão do que parecem; que facilmente conhecerão bem o que erão! Não se teriaõ mais por homens; quando muito parecerlhes-hia, que craõ huns bichos vis da terra, & hũa pouca de podridão. Senhor (dizia a *Pfalm.* Deos David) eu não sou homẽ, ^{21. 7.} sou hum bicho vil da terra, hũa afronta dos homens, & hum escarneo do povo: porẽm se David era hum dos mayores Reys da terra, o mayor homem dos seus tempos, o gabo dos outros homens, a valentia do mundo, & a occupaçoõ da fama, como he já bicho, & não homem? como escarneo, & não gabo? como afronta, & não credito? *Ibid.* Oh mortaes: chegou David às ^{16.} consideraçoens da morte, como elle logo diz, por meyo do pó, & cinza: chegouse ao sepulcro, como explica Jansenio, fez memorial do pó, & cinza, fez espelho do sepulcro, & como vio nelle, que todo o parecer do homem, & toda a lfeição de humano se havia de mudar em *Jansen. ibi.* ganos,

sãos, & bichos fedorentos, já não he, o q̄parecia, já parece só o q̄ he; porq̄ considerandose pela morte feito pó, & cinza na sepultura, via, que nella não ficava do homem nenhuma outra cousa mais, que aquillo, que na see da podridão, & isto são bichos, & guanos, como diz Job: & alturas, que vem a parar debaixo da terra, Magestades, a que se ha de pôr huma pedra em cima, cetro, que se ha de tornar em pó, trono, que se ha de fazer em cinza, purpuras, que se hão de converter mortalhas, que hão de parecer aos homens, que chegam ao desengano, senão hum desprezo do mundo, hũa injuria dos tempos, & hũa afronta dos homens?

Isto vê quem olha para o sepulcro; porém ainda vê mais quem olha para Deos: quem faz espelho do seu sepulcro, temte por hum bicho da terra, julga-se pó, & cinza, & conhece, que he podridão; mas quem tem a Deos por espelho, ainda vê mais, porque vê, que he nada diante de Deos. Vio-se neste espelho David, porque nelle trazia sem-

Psalm.

24. 15.

Psalm.

38. 6.

pre os olhos, & logo vio que era nada diante de Deos, dizendo: A minha substancia, Senhor, & o meu ser he nada diante de vds: porém se David se via, & se revia em Deos, como vendo tanto, via que era nada? Ora notem: quem olha para o espelho

vê a sy mesmo; quem não olha, não se vê: vese quem o olha, porque em olhando para Deos, como para seu espelho, vê a sua imagem; & conhece, que sendo a imagem de Deos, nada lhe fica mais, que aquelle puro nada, sobre quem Deos poz esta imagem; & por isso vê, que he nada: quem não olha para Deos, que he o seu espelho, não se pôde ver a sy; & daqui nasce, que como acha em sy tantos docens de Deos, sem saber de quem são, nem donde lhe vierão, desconhece a Deos, desvanecese a sy, cuida que tudo he seu, dissipa-o como proprio, até que na ultima hora o paga como alheyo.

Se pois, peccadores, hum homem Santo, como David, quanto ao ser mortal, & caduco se tem por hum bicho vil olhando para o sepulcro, & quanto ao ser immortal, tem para sy, que he nada olhando para Deos; em que conta se devem ter aquelles peccadores, que sendo para sy nada pela culpa, são huns sepulcros vivos de hũas almas mortas? Se quereis conhecer o que sois, quanto ao ser terreno, olhai para o sepulcro; se quereis ver o que sois, quanto ao ser immortal, olhai para Deos: vedê, q̄ de não olhar para Deos nasce o caso, que fazeis de vds: vedê, que de não ver o sepulcro procedê o caso, que fazeis da vida: a vida sem memoria da morte, he hũa morte

173
quero
olhar
para
Deos

morte d'alma; vós sem memoria de Deos sois hum inferno da vida: da morte d'alma facilmete se caminha para a morte da vida; do inferno da vida com facilidade se vai para o inferno d'alma: a morte da vida póde ser cada hora, o inferno d'alma ha de ser para sempre; se pois não tendes mais que hũa vida, nem mais que hũa alma, como não receais hũa morte, que se apresfa na culpa? Como não temeis hum inferno, que na culpa se leva? Oh miseria da vida, oh perdição d'alma, oh ignorancia do nada, oh soberba do pó, & cinza! Como não consideras peccador, que coufa he o homem, & que he o que tem de seu: *Quid est homo, & quæ est gratia illius?*

balhar o homem: trabalha chorando em nascendo, porque não póde servindo, ou considerando: taõ pobre ficou a natureza humana depois do peccado, que quem não ganha o sustento com o suor do seu rosto, ou do juizo, parece que não chega a alcançalo sem merecelo com as lagrimas, que são suor do coração. Esta penção do peccado obrigo ao mayor, & ao primeiro homem do mundo a rogar espinhas, & abrolhos feito cavador vil, & homem de ganhar miseravel, aquelle mesmo homem, que sendo criado para o fim sobrenatural da gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por amigos, o Paraíso por palacio, o mundo por imperio, & por vassallos seus todas as outras creaturas: & não parando aqui a sua miseria, quiz Deos mostrarlhe, que elle só havia de trabalhar na terra, de que nasceu senhor, & nenhũa outra creatura; salvo, se atrahida pela industria, ou arrastada da violécia se submetesse á sujeição, & á necessidade: & a razão he; porque na mesma defobediencia, com que o homẽ perdeo os sóros da graça rebelandose ao seu Creador, faducirão todas as creaturas o jugo interior da obediencia, com que á ordem de Deos servião, & obedição ao homem. Mostrou lhe a Providencia, que a ave não fia, o peixe não semea, a fera

Gen.
17.
&c.

T O Q U E VIII.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum

Job 5.7.

C L A M O R VIII.

Trata-se do trabalho para que todos nascemos em castigo da primeira culpa.

NAsce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: ou seja com as mãos, ou com o entendimento, em quanto estiver sobre a terra ha de tra-

Vai
outro
discur-
so dife-
rente
Toq.
17.

fera

fera agreste não lava, as arvores não trabalham, & as flores não cultivão; & que ainda assim tem para a vida o necessario, & ás vezes o sobejo sem rasgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares; descompor os rios, nem descobrir aquelles segredos da terra, donde o ouro, a prata, & as outras classes de metaes metidos como em sepulcro, parece, que pedem ao homem, que os não desenterre; pois a pezar de todas as riquezas, que podem dar-lhe as minas, tambem o hão de enterrar dentro de pouco tempo, donde não lhe pôde valer o ouro, para que se não converta em bichos, & em podridão.

Voando em fim a ave pela região dos ventos, nadando o peixe pelas ondas, vagando a fera pelos campos, parece, que como affinte da vaidade humana, ou dando-lhe doutrina muda, lhe moltrão que não nascerão para outra cousa, que para viver descansadamente cantando, recreandose, & apascentandose ao mesmo tempo, que o homem chora, que se afflige, & que sente a falta do q̄ aos animaes não falta, do que ás aves sobeja, & do que aos peixes enfastia: & quando estas querem recolherse; & retirar-se dos desabrigos da noyte, sem haver levantado edificios, nem sollicitado algum reparo para o sosse-

go, & menos para o sono, achão nas lapas do mar alcovas, nas covas dos montes leytos, nos ramos das arvores camas, ou de campo, ou de vento, donde a planta que lhes offereceo toldos para passar a calma, lhes arma pavelhaõ verde para lhes dar abrigos; donde as covas; que para o nascimento lhes offerecêrão berços, para o descanso lhes dão alvergue; donde as lapas, que para os riscos lhes offerecêrão refugio, para a quietação lhes dão encosto; & donde finalmente a Providencia superior sendo ministra do agasalho, lhes tem prevenido o repouso naturalmente. Vive a toupeira nas entranhas da terra, & alli lhe leva o Ceo o seu alimento; vive no seu casullo o gusaninho vil, & sobre vestir-se de sedas, lá o sustenta a Providencia: vivem outros bichos immundos sem se balir de hum lugar, & ahi donde os poz a natureza, lhe acode com o necessario a divina bondade: a erva mais humilde, a planta mais inutil, a folha mais esteril, a flor mais melindrosa, o ramo mais levantado, sem fazerem diligencia alguma para sustentarem aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o succo, que lhes basta. De todos o Ceo, & a terra tem natural cuidado, com todas se desentranha suavemente, só ao homem não acode com a mesma

mesma promptidão, se que primeiro lhe custe a fadiga, a vergonha, ou a diligencia: nisto, & em tudo o mais, quanto á porção terrena, quiz Deos mostrar aos humanos, que erão muito mais miseraveis, que as outras creaturas, pois nascendo as feras do campo não só vestidas, mas armadas, as aves do Ceo adornadas de plumas, os peixes do mar cubertos de escamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Estrellas do firmamento cheas de resplander, só o homem appareceo nú nos orientes da vida, como mendigando, & pedindo a todos, que o cubrissem, & abrigassem, até que pudesse buscar com que vestir-se. Mostrouse a natureza mais liberal até com as ervas agrestes, que com os humanos; mayores ventagens lhes deu neste privilegio, do que deu não sómente aos homens de menor esfera, mas ainda aos de superior estado. Olhai os lirios do campo, dizia Christo, & vede se Salamão na sua mayor gloria se pode vestir como elles; não trabalham, nem fiação para vestir-se, & vestem tanto melhor, que o mayor Rey da terra, quanto he melhor a verdade, que a mentira, o natural, que o artificial, & o solido, que o fingido: em fim, vestio Deos fermosamente as flores, robustamente as arvores, alegremente os campos,

para que podendo fazer mayor gala da sua natureza, que os mayores homens, lhe lebrassem a necessidade com que nasciam aquelles mesmos, a que a ignorancia, ou a fortuna fingio mais isentos da miseria, & da necessidade: todas em fim sem trabalhar tem o que hão mister; só o homem, nem com o trabalho do animo, ou da pessoa chega ordinariamente a ter tudo o que lhe he necessario: & tudo isto procede de que nenhũa creatura offendeo a Deos mais, que o homem; antes fazem todas melhor, que o homem, aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos, para que o louvassem; & isto fazem a todo o tempo todas as creaturas, excepto as racionaes. Estão sempre louvando a Deos todas as creaturas, porque todas a todo o tempo são hum espectáculo fermoso, & huma confissão louvavel, ainda que muda, das obras do seu Creador, pois nellas, como em vestigio da divina grandeza; como em copia, ainda que breve, de seu immenso original; como em espelho, ainda que escuro, daquella claridade eterna; como em lamina, bem que tosca, da divina fermosura, parece, que quando se nos manifestão por obra de Deos, nos convidão á admiração de suas maravilhas, se olhando-as com a consideração com que se devem contem-

contemplar, sabemos estender o discurso, & o entendimento por quanto a terra mostra, o mar descobre, o ar ostenta, & o Ceo debuxa: isto fazem as creaturas mais rudes, aquellas, que com as almas de terra, & com espiritos de vento broncamente nascem, brutamente sentem, & vegetando vivem: por isso não trabalham por castigo, como faz o homem, porque não trabalha quem leuva a Deos.

Não fazem outro tanto os homens, porque trabalhando pela vaidade, & não pela virtude, fogem daquelle jugo, em que se descansa, por buscar aquelle descanso, em que se afdigão; donde se vê, que faltando o homem em seguir o fim para que foy creado, que he louvar, & amar a Deos, menos ama a Deos, que hũa planta, que hum bruto, & que hũa pedra, pois qualquer destas naturalmente não falta ao seu fim ultimo; & por isso, nem descansa o homem, nem trabalha como deve: não descansa, porque não louva a Deos; não trabalha como deve, porque não serve a Deos, serve aos idolos da sua vaidade, & da sua inclinaçõ, trabalha mais por offender a Deos, que os bons por o amar, cansase por de'cansar na culpa, como se fora na gloria, desvelase pela sua perdiçãõ, mais que os justos por

salvarse, & poem mayor cuidado em se ir aos infernos, que os outros ao Ceo: oh miséria, oh desventura digna de chorarse com lagrimas de sangue; digna de escreverse com letras de ferro; digna de clamar-se cõ m vozes de bronze! Basta, peccadores, que se não ha de ir hum homem aos infernos, sem que ihẽ custe o suor do rosto, o sangue do braço, a canseira do corpo, a afflicção do animo, & o dinheiro da bolsa? Ha de ser possível, que por Sol, & por frio, por calmas, & por chuvas, por ventos, & por neves ha de hum homem andar buscando a sua perdição? & ha de ser necessario para chegar hum homem a ser condemnado, que ponha nisso todo o seu estudo, todo o seu fétido, todo o seu trabalho? & que sobre tudo isto se não contente o demonio, se lhe não comprais o inferno com o vosso dinheiro; & se em cima não fazeis muito caso, & muita vaidade da vossa condemnação na estimacão, que fazeis do peccado; no gosto, com que vos saboreais na maldade? Tãtos passos em fim para vos cõdenar? Tanto trabalho para vos perder, tão pouco para vos salvar? Tantas fadigas pelos bens caducos, & transitorios, que vos levão ao eterno carcere, & vos arrastão para a morte eterna? Tanto descuido, tanto esquecimento dos bens eternos, & per-

manentes, que vos arrahem, & levão suavemente para a eterna gloria, para a eterna vida? Oh mortaes, vede o que fazeis; vede por quem trabalhais, vede, que se trabalhades pelos bens do Ceo, tereis brevissimamente mais do que quereis; vede, que se vos cansardes toda a vida pelos bens do mundo, em toda a vida não tereis coufa algũa; nada tereis, nada vos aproveitará todo o vosso trabalho, ainda que seja licito, se trabalhades só pelos bens do mundo.

No mar de Tiberiades trabalhárão toda hũa noyte os Discipulos de Christo, & nada colherão por fruto de seu trabalho; veyo a manhã, & tomando o conselho do Senhor, q̄ appareceo na praya, deitárao as redes para a mão direita, & de hũ só lanço tirárao tanto peixe, que pela multidão, & grandeza d'elle, não pôdião arrastar, nem recolher as redes: porêm se a noyte he o melhor tempo das pescarias, se o mar, se as redes, se os pescadores erão os mesmos, como de hum só lâço tirão tanto peixe, que era mais do q̄ queriao? como toda a noite, & de tantos lanços nada tirão, nem lhes importa coufa alguma o seu trabalho? Oh mortaes: toda a noyte, que he figura da vida, como diz Santo Agostinho, não tinhão deitado os Discipulos as

Joan.
21.3.
Aug.
tom. 8.

dos bens eternos; tinhão-as deitadas para a mão esquerda, figura dos bens temporaes, conforme S. Gregorio; pois, que lhes havia de aproveitar todo o trabalho, ainda q̄ licito, de toda a vida, mais que coufa nenhuma? E que menos lhes havia de render hũ só lanço do trabalho meritório, que enchentes, & mais enchentes dos bens da Igreja, & dos bens eternos? Mas se os Discipulos de Christo erão exemplar, & figura dos mais perfeitos homens; se na barca se figurava a Igreja, nas redes a prègação, no mar o mundo, nos peixes os peccadores, nas ondas os vicios, segundo he o cõmum sentir dos Expositores Sagrados; como não aproveitou todo o trabalho de toda a vida figurada em toda a noite? como não aproveitarao os desvelos dos mais perfeitos homens, para que das ondas dos vicios, & do mar do mundo tirassem nas redes da prègação ao menos hum peixinho; isto he, hum só peccador por fruto de seu trabalho? Oh peccadores, não havia alli Deos, como diz o Texto, tudo erão fombas figura da culpa: appareceo a manhã symbolo da graça, & então appareceo Christo, & se lançárao as redes para a mão direita, & só então se fizerão bons lanços, pois se encheo a barca da Igreja dos seus escolhidos, Defenganai vos mortaes, que

ainda

in 16.
76.v.
manibus
meis,
&c.
Greg.
P tom.
2.
hom.
2.1. in
Evang.
in
princ.

ainda que sejais discipulos de Christo, ainda que sejais varoens perfeitos, ainda que tenhamais as melhores redes da ciencia, & da eloquencia humana; ainda que trabalheis toda a vida, se vos cansardes pela gloria temporal, & não pela eterna; se se não vir, que está o Senhor adonde trabalhais; se não tomardes seus conselhos, deitando as redes para a mão direita, tudo vos ha de sahir esquerdo; nada haveis de colher, nada aproveitar: os peixes coarâm a malha por meuda que seja: quanto mais finas forẽ as redes, mais depressa as romperáo, pois valem mais por fortes, ainda que grossas; que por finas; sendo fracas: & em fim, dá vossa vã fadiga não colherbis mais, que vẽto nas redes, frio na vida, afflicção no animo, & agua de tribulaçãõ na barca; atẽ q̃ Deos vos amanhaça: & se isto se colhe dos trabalhos licitos; dos illicitos que serã? Trabalhemos pois em fazer de nossos peccados penitencia: trabalhemos em cortar os vicios, em servir a Deos, & em fugir do inferno, que este he o trabalho; para que todos os peccadores nasceeraõ: *Homo nascitur ad laborem; &c.*

(9)

TOQUE IX.

Militia est vita hominis super terram. Job 7. 1.

CLAMOR IX.

Trata-se da guerra contra os inimigos d'alma, & como se ha de fazer.

NAõ bastava, que a vida do homem fosse trabalho, se não, que em cima havia de ser guerra: trabalho de guerra, que he o mayor dos trabalhos, he a vida do homem, ou hũa guerra viva, que dura, quanto a vida dura. Trabalha, como bom soldado, dizia São Paulo a Timoteo; porque não basta trabalhar, nem trabalhar como soldado, senão como bom soldado; quem he bom soldado não descansa; cõ os mayores riscos contẽde; alli qõde padece mayores oppressões, afflicçoens, & rigores, ahi cõ mayor gloria emprega o braço, arroja o coraçãõ, & acrescenta o animo; ahi grangea o nome, donde he mayor o cõflicto; quem ainda não alcançou o nome de bom soldado; he porque se não arriscou muito, ainda que trabalhasse sempre. Guerra he a vida do homem, mas não aquella guerra, que começou a ser ruina do mundo, depois que

o homem semeando discordias para colher estragos, fez parir a terra homens armados, povoar-se o mar de náos, as Cidades de ermos, os montes de sepulcros, os bronzes vomitarem fogo, os homens vestir-se de ferro, os campos de sangue, o ar de pó, & o Ceo de fumo: na vida se padece esta guerra, mas outra guerra he a mesma vida: na guerra da vida pelearão os homens com os outros homens; na vida, que he guerra, não se pelearão com todo o mundo, & com todo o inferno, mas comigo mesmos; pelega o espirito contra a carne, a alma contra o corpo, & a virtude contra os vicios.

Por toda a parte tem guerra o homem; porque acima de sy tem hum Ceo, que ha de conquistar, abaixo de sy hum inferno de que se ha de defender, fóra de sy hum mundo, a que ha de fugir, & dentro de sy hũa carne, que ha de crucificar. Não se póde conquistar o Ceo, sem primeiro ficar a carne crucificada, o mundo atropellado, & o inferno confundido: a carne crucifigase com a mortificação, o mundo atropella-se cõ o desprezo, o inferno confundese com a oração, mas he taõ difficultosa a victoria destes inimigos, q̃ ainda depois de vencer o mundo fugindo de suas vaidades, se o homẽ se recolhe dentro de sy para não querer mais mundo, acha con-

tra sy a carne rebelada, cujo domeltico de saffoslego, & perigosos tumultos não se domão bem, se com os auxilios de Deos, depois de enfraquecela a fome, & sede de hum, & outro jejum, a não poem a ferro, sangue, & fogo: fogo do amor de Deos, sangue da disciplina, & ferro do cilicio, que como armas da penitencia não mataõ, porẽm amãsam, & mortificaõ a insolencia deste inimigo, que he o mayor de todos.

Mas não parando aqui a guerra, se o homem na guerra de fóra vence o mundo, atropellando-o; se na batalha interior da guerra civil, & às vezes continua, derrubou a rebelião da carne affligindo-a, ainda lhe fica por vencer o demonio, que ardilosamente caviloso das mesmas victorias do vencedor faz armas contra elle para rendelo, se se deixa entrar, ou possuir daquelle ar suave, daquelle viração aprazível, mas pestilente, com que a vangloria o recrea, & a perdição lhe faz caricias; isto he, deixarse levar daquelles gabos da virtude, que só são bons depois da morte, quando nem o que louva corre o perigo de lisongear, nem o louvado tem o risco de se desfvanecer. He o applauso do seculo para os virtuosos, como a mina para os muros; poem-se a mina ao pé do muro, & quanto mais se

se lhe mete debaixo, tanto dali rebenta com maior estrondo, & faz maior estrago, se quem guarda o muro anteendo o perigo, não faz, que se defafoque toda aquella violencia dissimulada pelas roturas da contramina: assim o applauso do seculo parece, que se deita aos pés da virtude, metese lhe debaixo com a submissão, & com a cortesia, rebenta com o ruído do louvor, com o estrondo do encarecimento, & se o homem virtuoso não contramina este seu dano com a virtude da humildade, por donde o louvor, & a vangloria se deve divertir, & defafoque, quanto he mayor o impeto da vaidade, q̄ o faz voar, tanto he mayor o estrago, & a ruina com q̄ vem a cair. São muros da Cidade de Deos os virtuosos; mas se se deixaõ minar, se não tratão dese defender daquelle seu perigo, tanto mais poderoso, quanto mais escondido, ou menos contraminado, hum pouco de ar ardente os arruina, quando mais os levanta; & com aquillo mesmo, com que os lança para o Ceo, os faz cair, & precipitar na terra. Porém se com o divino auxilio, se livra o homem deste demonio do meyo dia, ainda se não livra da guerra; porque aquella Hydra infernal de sete cabeças, a donde lhe cortão hũa multiplica outras; de que nasce, que em quanto, vive o homem, ainda

que viva bem, sempre vive em batalha pelejando até a morte, donde se canta a vitoria, acabada esta mortal vida, & principiando-se a immortal com paz perpetua. Antes que a Náo chegue ao porto para donde navega, por mais, que lhe soprem ventos favoraveis, ainda que tudo lhe pareça, que he mar bonança, ainda que outras muitas vezes escape da tormenta, não pôde dizer, que fez boa viagem, até que vendo-se surta no porto desejado, não esteja sobre as ancoras descansadamente: assim nós, em quanto navegamos pelo mar do mundo, como poderemos dizer, que vecemos as ondas, por mansas que se finjão, por quietas, & sollegadas que se mostrem, senão depois q̄ servindonos de porto hum fim alegre, & hũa morte feliz, sayamos da Náo destes corpos na praya da eternidade, donde, vendonos já na patria, gloriosamente possamos triunfar da guerra desta miseravel vida, como estrada chea de asperezas, como mar cheyo de tēpestades, & como guerra chea de conflitos? Por isso dizia Job, que com a esperança de sua resurreição se hia esforcando cada dia na guerra de sua vida; como quem sabia, que em hũa vida, que he continua guerra não, pôde haver descanso. Oh mortaes, se tiveris por guerra a vossa vida,

se pelearis com ella valerosamente, quem duvida, que com a esperanca de resuscitar adonde só se triunfa; vos foreis esforçando a merecer donde sempre se contém: Mas não vos lembra; que a vossa vida he guerra, nem a quereis fazer aos vicijs; com que os justos pelejão; quereis viver com os inimigos de portas a dentro, sem advertires na conhecida perdição; & daqui procedé; que como a vida he guerra, não tendo guerra, não tendes vida; necessario he o poder de Deos para resuscitar essas almas; que andão em vds defuntas; porque viveis mortos dentro de vds mesmos todo o tempo que viveis em peccado vencidos, & prizioneiros de vossos inimigos; a quem voluntariamente vos rendestes.

Eu abrirei os vossos tumulos, & vos tirarei dos vossos sepulcros: dizia Deos por Ezechiel ao seu povo; porém se estas palavras, como consta do Texto, se mandavão dizer aos homens, que naquelle tempo vivião, & se nos sepulcros só estão mortos; que sepulcros eraõ estes, de que Deos havia de tirar os filhos de Israel? Oh mortaes, os corpos des peccadores, diz São João Chrysostomo, se chamaõ sepulcros de mortos, porque morta está a alma no corpo do peccador: se pois as almas daquelles homens, ingratos andavão mor-

tas, & enterradas em seus mesmos corpos, quem, senão o mesmo Deos, havia de abri-lhes os sepulcros fechados pela obstinação? Quem, senão o braço de Deos; & a sua omnipotencia; os havia de tirar delles para os resuscitar na graça? Depois de acabar-se a guerra da vida pela morte da culpa; só Deos vos pôde resuscitar de vossas maldades; só o poder de Deos vos pôde tirar do cativo iró do demonio; & só o braço divino tem poder de vos livrar dos sepulcros da morte. Andais sepultados, ó peccadores, dentro de vds mesmos; porque mortas andão vossas almas em vossos corpos em quanto viveis em peccado. São vossos corpos carcere da morte, & masmotras de Satanàs, donde tem prezas as almas, que estão em culpa mortal, até que no vosso ultimo dia as mude Deos do carcere para os infernos, donde na eterna morte, & nos eternos castigos paguem para todo sempre o não quererem por breve tempo ter guerra com os inimigos de Deos. Mandavos Deos pelear em quanto viveis, com vossos, & seus inimigos, para que ganhando na batalha a victoria, merecendo no conflito o triunfo, & alcançando no trabalho a coroa, vades por toda a eternidade para o celeste Reyno, para os eternos tronos, para as glorias sem fim. De fenganai-vos

45. in initio

Ezech.
37. 12.Chryf.
tom. 2.
in 2.
Expof.
in
Matth.
hom.

vos mortaes; que ninguem ha de ser coroado no Ceo, sem pelear legitimamente na terra; como affirma o Apóstolo São Paulo. Quem pelea legitimamente; pelea hora com força; hora com industria: com a força; q se faz a ty para vencer o amor proprio; & os propios appetites que encontra a ley de Deos; cõ a industria, com que se ha de lutar a sy das forças alheas: & assim como nas guerras do mudo mais faz o valor; que o numero; & a ordem, & industria, que o perder; ha de ter valor a virtude, sendo hũa só, para vencer três inimigos; & ha de ter ordem, & industria a vida, para que com ella sapee, ou ao menos resista a todo o poder contrario. Temse este valor, quando desconfiando de nós, & fiando-nos só de Deos, com Fè viva, ou confiança certa, nos atreve mos a vencer tudo em seu nome, cõ o seu auxilio; & assim só com as armas da nossa vontade podemos em nome do Senhor vencer todos nossos inimigos; não querendo ja mais consentir em peccado algum. Temse aquella ordem, quando castigando as desordens da carne; os desmanchos do mundo; & os defabrimentos do demonio, á carne se poem freyo, ao mundo se poem termo, ao demonio se poe medo; medo, para que nos não chegue; termo, para que se a-

parte de nós; freyo, para que a fugéitamos a ella: serve de freyo a penitencia; & solidão para domar a carne: serve de termo o retiro para nos dividir do mudo: serve o amor de Deos de medo; para que nos fuja o demonio: quem assim fuge, vence; quem assim se afalta, vive; quem assim se doma; reyna: vence seus inimigos; vive em graça; & reyna com Deos. Para isto he necessario, que o homem se afflija de maneira, se mortifique de modo, & se trate de tal sorte; dando-se perpetua batalha na guerra de toda a vida, que pareça, que nenhum outro inimigo tem tão grande odio, como a sy mesmo, com tal temperança, que mortifique; & não mate; que amanse, & não consuma; que modere, & não destrua a carne, sem a qual não poderá continuar a pelea: & nisto consiste o ter vida, porque nisto consiste o ter guerra; & isto aconselha o Senhor, quando disse, que perderia a vida eterna, quem não tivesse odio á vida temporal, & mundana: vencerse a sy mesmo o homem aborrecendo-se, he a mayor victoria; porque o amar-se muito he a mayor repugnancia, que tem para conseguila: por isso, quem quizer ter vida, neguese a sy mesmo, destruindo a vontade propria por fazer a de Deos; tome a sua Cruz, crucificando os

2. ad
Timot
2. 5.

Joan.
12. 25
21. 21

Math.
16. 24

gostos da vida, que encontrão o gosto de Deos; & siga a Christo perseverando na mortificação.

Pouco he o tempo da contenda, porque com a morte se acaba; o gosto de peccar breve, porque em hum momento desaparece; a pena eterna do peccado, porque nunca ha de ter fim; a gloria infinita dos que legitimamente pelejarem, porque não ha de acabar-se. Muitos são os chamados para as eternas coroas, porque a todos quer Deos salvar; & os escolhidos poucos, porq̃ poucos são os que querem pelejar contra seus inimigos até a morte. Muitos são os que correm no estadio desta vida; mas poucos os que leuão o premio, porque são poucos os que querem cortar pelo mundo, & pelo demonio, quanto mais por sy, com aquella espada com que o Senhor veyo ao mundo, não a meter paz, mas a fazer guerra, & a dividirnos de seus, & nossos inimigos, & mais que tudo, de nds proprios, de nossos pays, de nossas mãys, & de tudo aquillo, que nos impede o perfeito amor de Deos.

Não acabão de crer os homes, que he guerra a vida, & que em não havendo guerra, tudo he morte d'alma: não se podem persuadir, que o mundo lhe faz guerra com suas vaidades, a carne com seus deleytes, & o demonio

com seus enganos: não ha quem lhes faça crer, que as vaidades do mundo são hũa mentirã dourada, os deleytes da carne hum veneno doce, os enganos do demonio hũa quimera bem quista: & como esta cegueira dos homens se poem da parte de seus contrarios, sem batalha se rendem ao demonio, & sem repugnancia se lhes entregaõ; & por isso sem remedio morrem; & para sempre acabão.

Oh mortaes, o mayor perigo da guerra he não conhecer os inimigos, não considerarlhes as forças, não suspeitalhes as indutrias, não reconhecerlhes as armas, nem saberlhes os caminhos per que nos busca, & acomete; porque disto nasce, que achando em vds sitio para tudo, entraõ por donde lhes parece, & sahem-se quando querem: vede, vede peccadores, que as armas com que pelejaõ, são lisonjas, com que obrigão, caricias, com que afagaõ, ternezas, com que animão, & quanto são mais brandas as ballas, com que vos tiraõ, mais surdas as violencias, com que vos investem, mais suaves as armas, com que vos conquistão, & mais leves as prizoens, com que vos ataõ, tanto he mais froxa a resistencia, que se lhes finge, & tanto mayor o dano, com que vos rendem: são inimigos mortaes, & temo parecer de amigos: vem

a fazer-

1. ad
Cor. 9.
24.

Math.
24. 35.

a fazervos guerra, & parece, que vem de paz: querem tirarvos a vida d'alma, & fallarvos á vontade do corpo: não cabem comfigo, & vemse á meter comvosco: & como pelo semblante, nem todos os conhecem, abraçaõlhes a violencia, como se fora caricia, agasalhaõlhes o odio, como se fora amor, & estimaõlhes a treição, como se fora amizade. Oh mortaes: do mal, que nos apparece com o seu rosto; do inimigo, que vem em fom de guerra, não ha muito, que reccar, nem se ha mister estar de avifo para nos pormos em defenfa; elles mesmos nos dizem, que nos defendamos, quando nos acometem a rosto descuberto. Da espada nua, que nos tira aos olhos, cada qual naturalmente acode ao reparo: da serpente, que se nos poem diante para tragarnos, o mesmo perigo nos persuade á defendernos; ou ao menos a fugirlhe; mas do mal, que nós parece bem, do dano, que vem em trajos de gosto, da peçonha, que se vende por triaga, do demonio, que nos parece Serafim, quem se faverá defender, senão estiver á lerta com cautelas de sobremão, com avifos de mão posta, com defenganos de sobrecellente, & com resoluções superabundantes? Tal he o mundo como isto; roquemoslhe a retirar: tal he, & peyor: que isto a carne; to-

quemoslhe a degollar: tal he tambem o demonio; toquemoslhe a recolher. General tendes em Christo, exercito na Igreja, & estendarte na Cruz; & pois a vida he guerra, o mundo companhia, o demonio inimigo, & a carne contraria; importa comer pobre, dormir duro, vestir aspero, viver morto, fallar simplez, cuidar pouco, & amar muito: pelejai como bons soldados: imitai vosso General; não fujais do exercito, nem deixeis a Cruz: tereis guerra na vida, mas na morte victoria: tereis no tempo o trabalho, mas na eternidade o triunfo: não fareis na terra o vosso gosto, mas vivereis na gloria á vossa vontade; porque de outra maneira seria a vida do homem paz, & não peleja sobre a terra, como diz Job: *Militia est vita hominis super terram.*

T O Q U E X

Homo quidam descendebat ab Ierusalem in Iericho, & incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum: & plagis impositis abierunt, semivivo relicto. Luc. 10. 30.

C L A M O R X

ORio, que começou a descer para o mar, não sossega até

ga até cahir nelle: o mesmo rayo q̄ não tem por natureza descer, se chegou a declinar, não pára, até não cahir: desatou-se a pedra do monte; & logo veyo a parar não menos, que aos pés da estatua, que estava no valle: são consequências infalliveis as quedas, donde são antecedentes as declinaçoens. Isto, que succede na natureza, succede tambem na graça; o mesmo he começar a descer da graça, que cahir della. Começou o homem a descer da graça, & cahio logo na culpa, apartandose do Ceo, de que he figura Jerusalem, & buscando o mundo, significado em Jericó, como explica Santo Agostinho: desceo pelo peccado, com que se afastou do Ceo; por que tudo o que he peccar, he descer; & como todo o descer peccando he perigar cahindo, logo que começou a descer, cahio nas mãos dos demonios, significados nos ladroens, conforme o mesmo Santo Agostinho; & cahindo nellas, como havia de ficar, senão roubado dos bens da graça, & mortalmente ferido nos bens da natureza? Ficou o homem mortalmente ferido na natureza, porque perdida pelo peccado a justiça original, que conserva sans, & inteiras as forças d'alma, aquellas mesmas potencias, que natural, & livremente ordenavão para a virtude as suas operaçoens, ficaraõ quasi

destruidas de toda a virtude; & estas destruiçoens se chamaõ chagas, pois tendo o homem antes de peccar com grande perfeição aquellas quatro potencias, que são sujeitos das virtudes, isto he; no entendimento a prudencia; na vontade a justiça; na irascivel a fortaleza, na concupiscivel a temperança, a humso golpe da culpa se confundio toda a consonancia desta racional harmonia; de que nasceo perverter a razão a ordem para a verdade, & ficar ferida da ignorancia; de senca minhã a vontade a direcção para o summo bem, & ficar chagada da malicia; descompor a irascivel o respeito para o difficultoso, & ficar cortada da fragilidade; & finalmente desvirar a concupiscivel a intençaõ do moderado, & ficar atravessada do seu mesmo appetite.

Mas não parando os males do homem só na natureza; tirás raõ he a vida d'alma: ficou o homem em quando a graça totalmente morto; porque como o amor de Deos he o calor natural de que as almas vivem, perdeo o homem a vida d'alma, perdendo o calor natural da graça, & do amor de Deos: & disto se seguiu que não somente a alma ficou feita cadáver do seu mesmo espirito, o corpo não somente sepulcro da miseravel alma; mas ainda o peccador, carcere de sy

Aug.
to. 7.
lib. 3.
contra
Pelag.
Hyp.
ante
medo.

Luc.
11.26.

de sy propria, inferno: de sy mesmo, & habitação dos demonios: fêlo o peccado inferno de sy mesmo, porque no peccador está o fogo da avareza, o fedor da lascívia, as trevas da ignorância; o bicho da consciencia, a sede da concupiscencia, finalmente estão tantos demonios; quantos são seus peccados: neste inferno está ardendo em vida, até que chegue o outro pelo caminho da morte, senão fizer de suas culpas bastante penitencia.

Eis-aqui os males, que fez hum só peccado no primeiro homem, & em todos os do mundo por participação da mesma natureza inficionada da culpa: começou a descer, & logo cahio, & de cair, que se havia de seguir, senão ficar meyo morto? morto na melhor parte, que he a alma; & mal vivo no peyor, que he esta terra vivente. Se pois o Sol dá racional natureza se escureceo tanto com hũ só eclipse; q̄ farão tantos eclipses, & tantos defeitos do resplandor celeste nas Estrellas já escuras do firmamento humano? Que farão as sombras de Jericó, Lua sempre minguante, cujas luzes anoytecidas são resplandor defunto de humas trevas viventes? Oh mortaes, que poucos ha no mundo, que considerem bem, que cousa he hum peccado mortal! Muitos o sabem, muitos o re-

prehendem, muitos o abominão; mas ah que são rarissimos os que cuidão, que cousa he, que mal nos faz, a quem se oppoem, & que castigo tem! Tenho para mim, que parecera impossível cometer hum peccado (mediante a graça de Deos) quem trouxera sempre no sentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, & o vulto aborrecivel de hum peccado mortal; porque cousa tão pessima, que nos faz cahir em odio de Deos, & sobre isto desprezalo, ou em ty, ou no seu preceito; mal tão grande, que nos aparta de Deos por distancia infinita, não de lugar, que em todos está Deos, mas de semelhança com elle; culpa tão grave, que he punida com fogo eterno; dano tão terrivel, q̄ ha de carcer da vista de Deos por toda a eternidade; pena tão cruel, que nos ha de atar para sempre no carcere dos abismos, & nas cadeas do demonio; que temor, que asombro, q̄ medo, & que aborrecimento não faria a hum bruto se tivera razão, a hum marmore se tivera espirito, a hum bronze se tivera entendimento? Bastava cuidar, que havia Deos, para não peccarmos; bastava saber, que o peccado he tão grande mal, para nos parecer impossível o offender a Deos.

Oh mortaes: ó peccadores; quem pecca mortalmente, dá

contra

contra sy a primeira sentença de condenação, & por ella voluntariamente se faz inimigo de Deos, desprezador da sua misericordia, & reo da sua justiça: o apartar de Deos para a culpa, deixar o caminho de Ceo pelo do inferno, & em fim peccar contra Deos, ou he não conhecer o peccado, ou cuidar, que não ha Deos. Do peccador, dizia David, que no seu coração dizia: Ahi não ha Deos, bem podemos peccar á nossa vontade: mas a este peccador chama David nescio; porq̃ todo o que pecca, nesciohe, pois se não sabe, q̃ ha Deos, ou vive, como se o não soubera: não sabẽ os peccadores quão grande mal he peccar; são nescios, & por isso não sabem isto, nem sabem cuidar nisso.

Quem ouvera que peccára, & se peccára, quem não se arrependera logo; se cuidára por quão pouca cousa se poem em odio com Deos, perde o Ceo, & se mete no inferno? Talvez por hum gosto de brutos, que começa defalumbamento, continúa cegueira, crece precipicio, pára semfaboria, & acaba condenação: por hum ponto de honra, que he ar, por hũa ambição, que he baixaza, por hũa primor, que he perdição, por hũa payxão, que he desatino, & por tudo o mais, que he vaidade: & isto com tanta facilidade, tanto sem escrupulo, & sem

pejo da consciencia, ou da vergonha; & com tanto gosto por qualquer ninharia; nos lugares sagrados, & nos profanos, como se offenderamos algũ Deos de paõ, que não fora mais que hum cepto digno de zombaria, & não de veneração, temor, & amor; peccando com tanta vã gloria da sua injuria, como se lhe tiveramos hum odio muito capital; & como se nos importára muito gastar na sua afronta; & no serviço do demonio aquelle tempo, que ainda assim nos está dando para a penitencia; & para a salvação.

Quem pois se atrevera a peccar, se considerára, que este a cada instante offendido, he hum Senhor de tal Magestade, de taõ infinito poder, de taõ grande sabedoria; de taõ immensa fermosura, de taõ summa bondade, justiça, & misericordia; que he o respeitado dos justos, o louvado dos Santos, o querido dos Anjos, o adorado dos Serafins, o servido dos Ceos, o temido do inferno, o Rey dos Reys, o Senhor dos Senhores; & por sy mesmo taõ amavel, taõ bõ, taõ manso, & taõ amigo, que nos criou de nada, nos sustenta de tudo, nos conserva por amor, & nos serve de graça; redemindonos antes que fossemos, amandonos sem merecerlho, sofrendonos sem avernos mister, & esperandonos sem pedirlho.

Quem

Pfalm.

12. 1.

Quem não tremeria de Deos, se lhe soára dentro na alma a cada instante aquella trombeta, que pôde cuvirlê a cada momento? Quem se não meteria por dentro, se trouxera sépre no sentido o semblante da morte, considerando cada hora, que a pôde ver cada instâte? Quem não vivera como defunto, se descêra com a imaginação às escuras sombras do inferno, & se detivera nelas considerando aquella eterna escuridão, aquellas chamas medonhas, aquelle horror sem fim, & aquellas penas sem cabo? Quê amára os dias do seculo, se medira com algum tremor os longos para sempre da eternidade? Quem se lembrára do mundo, se tubira huma hora com os suspiros ás eternas glorias da patria celestial? Quem fizera caso da vida, se soubera estender os olhos d'alma por aquelles campos luzentes, que o Sol eterno lustra, que o eterno Abril alegra, que o dia sem fim doura? Se cuidáraõ isto os homens, se esmieuçáraõ isto, se esprayáraõ bem o coração pelo que Deos he, quem duvida, que com a graça divina, lhe parecêra impossível poder péccar? Mas, oh miséria nossa! que não havendo já nos humanos cousa mais facil, que offender a Deos, só o arrependêrse, só o fazer penitencia tem por impossível! Tudo isto nasce do primeiro descuido,

com que começou a cahir, ou da primeira facilidade, com que se começou a descêr do Ceo para o mundo, da graça para a culpa, de Deos para o demonio: por isso quem despreza as cousas pequenas, pouco a pouco vai declinando até cahir nas grandes: tudo o que a parede pende para a ruina, he começala, o mais, ou he profeguila, ou padecela: aquelle incendio, que se pudêra apagar de hum golpe quando começou faísca, não bastão muitos para o extinguir logo que chegou a ser chama: o rio, que a pouca fadiga se pudêra cortar na fonte para não chegar a ser ribeiro, por mais que o cortem junto ao mar, não o tiraõ já de ser rio: & em fim todo este dano, cujas raizes se pudêraõ arrancar, quando estavão á flor da terra, por deixalas arreigar, & prender no centro, tem difficuloso remedio, & muitas vezes só depois que se lhe abrevava.

Eis-aqui o que saõ nossos descuidos na realidade: começa a memoria por hum divertimento a afastarse de Deos, afasta-se logo o entendimento, afasta-se tambem a vontade, seguem-a os sentidos lisongeados do appetite, & pondo a alma todo o seu cuidado nas cousas vans, & caducas, perde a lembrança das eternas: perdendose a lembrança, perde-se o amor de Deos; &

viran-

virandose para o mundo a nossa inclinação, metendose nas mãos do apetite a monarchia d'alma, que ha de fazer o entendimento cego, & a vontade fraca, senão cahir nos viscos, que lhe enfeitou o engano, saborearse nos venenos, que lhe guizou a culpa, & abraçar sobre isto os laços, com que o prendeo o vicio? E daqui procede, que multiplicando o demonio as prizoões ao peccador, ao mesmo passo, que vai multiplicando os peccados contra Deos, que fica em quanto à alma defunto, & quanto ao corpo, meyo vivo, roubado de todos os bens, & de todas as forças para poder levantar-se: *Homo quidam, &c.*

da hum os bens eternos, & temporaes: he o pezo, com que isto se peza, o amor de cada qual; porque quanto he o amor, que cada hum tem aos bens do tempo, ou aos bens da eternidade, tanto he o pezo, que estas cousas tem na estimação dos humanos para a sua inclinação. Que seja o coração do homem balança, o Cardeal Hugo o diz: que seja pezo o amor, Santo Agostinho o declara: & assim como a balança se inclina mais para onde o pezo he mayor; assim o coração para donde tem mais amor, para ahi mais se inclina: não ha balança sem pezo, ou seja máo, ou bom; não ha coração sem amor, ou seja bom, ou máo: ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar quem tem coração. Se não tem igualdade o pezo com aquillo, que se peza, temse por falso o pezo; se não tem igualdade o amor com aquillo, que se ama, ha proporção, que pode ser, temse o amor por falso: se a balança não he igual, justa, & verdadeira; se não tem pezo, conta, & medida, que dê o seu a seu dono, he, como diz Salamao, abominação de Deos: assim tambem o coração do homem he de Deos abominado, & aborrecido, quando sem ter a equidade, que ordena a ley divina, não peza como he razão as cousas da consciência; não faz conta como de-

Hug.
C. in
Prov.
11. 1.
mist.
Aug.
tom. 1
lib. 1.
Conf.
cap. 19
antefin

T O Q U E X I.

*Mendaces filij hominum in state-
ris: ut decipiant ipsi de vani-
tate in idipsum. Psalm.*

61. 10.

C L A M O R X I.

Trata-se de quanto preço fazem os peccadores do amor do mundo, & quam pouco estimação as cousas do Ceo.

São balanças os coraçoes dos Fieis, & he o seu pezo o amor: são balanças os coraçoes, porque no seu coração peza ca-

Prov.
11. 1.

ve ao

ve ao seu legislador; não mede, como he justo, o temporal, & eterno: antes, sem fazer caso do pezo da consciencia, anda sem pezar a maldade, fazendo conta do apetite, estima o seu deleyte, & vivendo á medida da sua vontade, se recrea no apetite: & isto abomina Deos sumamente; porque sobre serê estas balanças tão aleivosas, que inclinão mais ao rico, que ao pobre; ao grande, que ao pequeno; ao amigo, que ao estranho; a sy mesmo, que ao proximo: sobre julgarem, que são mais leves os peccados proprios, que os peccados alheyos; sobre terem para sy, que as virtudes alheas são mais leves, que as virtudes proprias; chegaõ a cometer estas culpas sob especie de justiça, mostrando, que pezaõ tudo no seu juizo com notavel equidade; ficandose muy leves no caso com a vangloria, que tem, como se lhes não pezara hũa palha a sua consciencia. Por isto dizia David, que os homêes carnaes, & terrenos são mentirosos nas suas balanças; pois por hũa pouca de vaidade se andavão enganando huns aos outros, & ainda a sy mesmos.

Não são fieis a sy mesmos os filhos dos homens peccadores; pois andando em balanças toda a sua vida, não somente não pezão ouro fio os bens eternos com os caducos, a verdade, & a

mentira, o nada, & o que tem ser; mas ainda postos de hũa parte os deleites momentaneos da vida profana, & da outra as glorias perduraveis da eterna vida, estas pezão menos, ainda que valhão mais; & os outros se estimão muito, ainda que valhão nada. Se tambem de hũa parte manda Deos pezar as temporaes tribulaçoens, & da outra as escuras eternidades das infernaes angustias, & diz a cada qual, que escolha; todos lançaõ mão destas, & das outras não fazem caso. Tão desperdigados andão os homens pela sua perdição, que se achão sempre mais dispostos, & aparelhados para perder o amor de Deos, que o amor do mundo: tão namorados vivem deste apparente feitiço que os endoudece, q̄ não se lhes dá nada dos tormentos futuros, se a troco disto os deixão engodar nos enganos presentes: as cousas, que lhes vende a terra; ou para melhor dizer, as cousas com que os compra, & vende, são caras pelo que se estimão, excellentes pelo que parecem; custam-lhes a vida, & alma; & ainda assim suspeita a vaidade, que nunca se viotál barato, & que lhes fica devendo muito dinheiro: as cousas do Ceo, ainda que se dem de graça, não ha' que as queira, porque não ha quem as peze, nem quem as avalie. Trocouse em fim o amor de Deos

em amor da culpa ; trocáse o amor do Ceo em amor da terra ; fizeraõse almas de terra , & coraçõens de marmore , aquelles , que ainda sendo corpos , deviã parecer espiritos , ou ao menos corpos celestes ; de que nasceo inclinaremse os Fieis tanto para a terra , que declinando da igualdade , com que os poz no mundo a justiça original , derão em terra com as balanças dos coraçõens carregados com o pezo grave do falso amor do mundo. Isto dizia Deos por David , quando dizia em espirito aos peccadores : Homens de coraçãõ carregado : porque buscais a mentira ? Tal he a semrããõ do amor do mundo , & tanto sem porque , nem para que , que naõ tem rããõ , nem porque , se a quizermos pezar bem.

Mas se hũa vaidade , & hũa mentira parecem cousas de pouco pezo , & ás vezes saõ naõ leves , que se levantaõ pelos ares ; porque estranha Deos tanto huma vaidade , & huma mentira dos homens , que lhes chama homens de coraçãõ pezado ? O Cardeal Hugo diz , que esta vaidade eraõ os idolos dos homẽs ; & esta mentira os bẽs temporaes : saõ idolos dos homens todos os seus gostos , & todas as suas vaidades , porque as amãõ como a seus idolos : sam mentira todos os bens temporaes , porque os enganãõ parecendo-

lhes bem , & fazendolhes mal : se pois os coraçõens dos homẽs sam balanças , & se estas balanças estavãõ cheas de idolos , & de seu falso amor , como naõ havia de ser grave o pezo , que as inclinasse á terra ? Como estariam leves huns coraçõens cheyos de tantos idolos , quantos saõ seus gostos , suas affectõens , & seus amores , por mais que todos sejaõ mentira , & huma vaidade pura ? E como naõ se queixaria Deos de ver , que pezava na estimaçãõ dos homẽs muito mais o contrapezo da mentira , que o pezo da verdade ? a culpa , mais que a graça ? o caduco , mais que o eterno ? Em fim pezããõ os idolos mais que Deos , & a terra mais que o Ceo ; pois se afastããõ os homẽs tanto de Deos , & tanto do Ceo , quanto vai dos homens a Deos , & do Ceo á terra.

Poemse nos nossos coraçõens ou o amor do mundo , ou o amor de Deos : se peza mais o amor de Deos , inclinamos para o Ceo ; se peza mais o amor do mundo , arrastamos para a terra : & a rããõ disto he ; porque o pezo do amor de Deos he muy leve , como diz o mesmo Senhor ; o pezo do amor do mundo he muy carregado , como afirma Isaias , & o certifica a experiencia ; nasce isto das qualidades , de que se veste hum , & outro amor , para que naturalmente busque o seu

Pfalm.
43.

Pfalm.
Pro-
xim.
Hug.
C. ibi.

Matth.
11. 30.

Isai. 46
1.

seu centro; porque se não eittão impedidas; ou violentadas, todas as cousas buscão seu centro naturalmente; o leve sobe para cima, porque a levidão o levanta; o pezado desce para baixo, porque o pezo o puxa: por isso a pedra deitada ao ar, naturalmente cahê tanto que se vê livre da força, que a obriga a sobir; porque sendo pezada, vem aquietar na terra, que he o seu centro: por isso o vapor, a exhalaçam, & o fogo naturalmente sobe em se vendo livre, porque tem o centro sublime. Vai o amor do mundo para baixo, não só porque he baixo o seu termo, & grave o seu pezo; mas porque he o inferno o seu centro. Vai o amor do Ceo para cima, porque tem o pezo leve, o centro sublime, & o ponto alto. Se amais a terra, dizia Santo Agostinho; terra sois; se amais a Deos, que direi de vds? direi, que sois Deoses: tal he a transformação de quem ama, naquilo que ama, que o mesmo he começar a amar, que começar a ser o mesmo a que se tem o amor, & a não ser o mesmo que era dantes. Por isso a Esposa dos Cantares pedia a seu Esposo, que a puzesse como sello sobre o coração; porque assim como donde o sello se poem, fica só a fórma do sello: assim ella com elle ficaria da mesma fórma, & seria hũa cousa mesma, se o a-

mor no seu coração chegasse a pôr o sello: são os coraçãoes como cera; facilmente se lhes imprimem as condiçoens daquillo, que amão. Se pois os peccadores amão a terra, q̄ he tão pezada, como não serão terrenos, & pezados os coraçãoes dos peccadores? Se Deos he espirito, & os espiritos não tem mais pezo, que a sua inclinaçam; como não estarião leves aquelles coraçãoes; cujo amor todo he espirito? Se Isai. rasim, quer dizer, incendio de amor; & hũa vez, que Isaias vio, que cousa era amor a Deos; logo vio Serafins, & se lhes não vio as chamas, em que se sentem arder, nem o espirito, com que se costumão unir, violhe ao menos as azas, com que mostram voar.

Pintou o mundo o seu amor, & logo mostrou que aquelle seu arco, & aljava, de que tanto se preza, eram para os seus fracos hombros pezo tam carregado, que o não podião levantar da terra as suas mesmas azas; menos vèzes tremoladas para voar, que para cahir: eram penas, & parecião azas; era aljava, & parecia feixe; era arco, & servialhe de Cruz; eram frechas, & serviãolhe de ferros; pezavão hũas como chumbo, outras, ainda que eraõ de ouro, tãbem pezavão; porque o serem fermosas a matar, não lhes tirava o sentirem se a moirer. Oh que

N peza-

Aug.
tom. 9
rr. 2. in
Epist.
Joan.
in fine.

Cant.

3. 6.

35. 42.

3031

pezado! oh que carregado amor, he o amor do mundo! pintou-o a gentildade, & ainda que em hũa escassa vista de olhos quiz deixar a perder de vista todas as gentilezas; não pode encubrir, q̄ era cego, porque as suas mesmas vendas o descubrirão; por mais que ayultou armado, não lhe pode esconder o nũ, & mēnos a pequenez; por mais que o fingio amoroso, não lhe dissimulou o cruel; posto que lhe esmerou a ternura na feiçã da idade; nam̄ lhe acréditou o juizo nos geitos da meninice. O mortaes, como vos guiais por hum cego? que esperais de hum pobre que anda nũ? como credes hãa ignorancia, q̄ não tem uso de razão? como vos fiaes de hum inimigo, cujos amores, & caricias sam feitas cryadas, punhais buidos, & treigoens descubertas? donde vos guia, mais que á perdição? como vos trata, senão mal? que vos dá, senão mortes? que tendes, quando o tendes com vofco, mais que offensas de Deos, afflicçoens na memoria, brigas no entendimento, ancias na vontade, & guerra nos sentidos? que vos deixa, quando vos passa de parte a parte, mais que queimaçoens de sangue, vergonha no rosto, & magoas no coração? E que ainda assim se morraõ os humanos por esta vaidade cega? por esta mentira gostosa?

por este veneno dougado? por este engano bemquisto? oh lastima desperdiçada na cegueira dos peccadores! Pézálhe, mas não lhe peza da carga, com que a consciencia se oprime; cahem, mas não cahem na razão, em que só dá o desengano. *abs. iob. s. 37*
-il Almas Christãs, pezaí isto, & pezaí aquillo com o entendimento, que de o não pezaí des bem nasce todo o mal: he mentiroza a balança de vossos coraçõens; enganai vós a vós mesmos cõ o vosso amor proprio, cõ a vossa vaidade, & cõ a vossa mentira; porq̄ mentira he tudo quanto o tempo vos dá; he vaidade, he nada quanto no mundo amais; & he pezada offensa de Deos todo esse amor, que lhe não tēdes: & disto se queixa Deos pelos seus Profetas, ver que em cima de offendello, andais vaons de aver peccado; ver, que andais desvanecidos da culpa, andando tam valios do amor de Deos. Mas que não ha de acontecer aos humanos, se a troco da vaidade, com que se vem levantar, dão alviçaras a quem lhes diz que se hão de perder, & de todo arruinar?

Deu Baltasar a Daniel purpuras, & colares logo, que naquelle seu esplendido banquete lhe annunciou a morte, & a perda da sua Monarchia: que fundamento pois teria El-Rey Baltasar para acção tam notavel?

Aug.
e
1001
ii. 2. 11
Ep.
1002
me. ni

Dap. 5.
29. &
perrot.

vel: tantas honras, tantas dadas por huma má nova? Se em ninguem, comò nos Principes, faz tanta impressam qualquer suspeita da sua ruina; se ninguem, como elles, se offende tanto da liberdade, com que lhe fallam claro; como agora compra os seus sustos a tanto pezo de ouro; & como paga com taes honras ao Embaixador da sua morte, & da sua ruina, & perdição? A razão hé; que interpretando Dâniel a visam que te-

Dan. sup. 2

Parecevos, que hũa vaidade he muito leve? não vos enganais,

porque he cousa muy pezada hũa vaidade diante da divina justiça; pois peza mais no juizo de Deos hũa vaidade, hũa cousa vaã do que peza hum mundo inteiro. Mostrou Deos por Daniel, que em hũa balança havia pezado o imperio dos Assyrios, que quasi cõstava de todo o mundo; & diz o Texto Sagrado, que a balança donde Deos pezou este imperio pezava menos q̃ a outra: porêm se do Texto não consta, que a outra balança que pezava mais, tivesse cousa algũa, como pezou mais, que a balança em que estava hum mundo inteiro? Por isso mesmo. Estava a balança vaã, que he o mesmo, que estar vã: estava cheia de vaidade, que isto hé, não ter cousa algũa; pois havia de pezar mais que o mundo, mayor havia de fer o seu pezo, mais grave a sua carga, que a da máquina do universo: porque no juizo de Deos, figurado na balança, & nas demonstrações da justiça de Deos, he cousa pezaadissima huma cousa cheia de vaidade; o mudo inteiro não peza tanto, como huma vaidade do mundo. O mortaes, o peccadores, em cujos coraçoes, como em balanças, peza tanto a vaidade; & a malicia, como a cousa de mayor preço, & da mayor estimam; deitai fóra dessas balanças esse gravissimo pezo, & essa pezaadissima estimação, que

Dan. sup.

leva tanto abaixo vossos corações, & affeitos; que até o inferno vos arrasta consigo; adverti no engano, que á vds mesmos fazeis na falsidade de vossos pezos, no erro da vossa conta, & na falta de vossa medida; que para isso vos clama o Ceo: *Mendaces filij hominũ in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate inidipsũ.*

T O Q U E XII.

Usquequã piget dormies? quando consurges è somno tuo?
Prov. 6.9.

C L A M O R XII.

Mostrase quam perigosa he a diligencia na emenda da vida.

A Tè quando (clama a misericordia divina) has de estar sepultado no letargo de tuas culpas, ó peccador preguiçoso? Quando ha de chegar a hora de acordares desse mortal sono? Quando se hão de acabar esses vapores terrenos, essas infernaes fumaças, que tão profundamente te fazem dormir sobre negocio de tanto porte; como he o da tua salvação? Até quando, pergunta Deos ao peccador; como quem quer que os peccadores assinem termo, & fim á sua maldade, & tratem da sua salvação, de que dormem

tão descuidados; porque de não acharlhe termo o mesmo Senhor; de não verlhe cabo, nem fim na duraçam do tempo, & menos na intençam do animo, se deixa ver que os homens peccão, & desejam peccar sem termo, sem limite; & sem fim; por cuja causa guizãdolhes Deos a pena pelos moldes da culpa, porque ella na intensão teve malicia infinita, & folgára de ser eterna; lhẽ dà eterno castigo; & eterna maldiçam.

Para quando pois, ó preguiçoso, guardas o desengano? Dormir na culpa; teimar no erro, conhecẽdo-o; he peccar ássinte: fazer assintes a Deos, que se pôde vingar cada vez que quizer, he discurso de quem dorme, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno, he fogo, que não se apaga, tormento, que não cessa, noite, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, bicho, que sempre roe, morte, que sempre dura. Se pois Deos pela sua Igreja, pelos seus Evangelhos, pelas vozes do Ceo, pelos tremores da terra, & até por este papel te está clamando; que acordes, que despertes; que te emendes, & que te não percas: que fazes, que te dilatas, como não tornas em teu acordo? Se hoje ouvires a voz de Deos, dizia David, não endurais mais tempo os vossos corações: Psal. 94.8.

raçoens:

corações : se pois Deos te chama hoje , respondêlhe hoje , não durmas como pedra no poço da culpa ; se quer que logo volvas em teu acordo , para quando guardas os logos , & quem te diz miseravel , quem te segura , que chegarás á manhã? Deixar para à manhã , o que he tarde , sendo hoje ; prolongar para daqui a pouco , o que pôde ser logo ; encostar para o logo , o que pôde ser já , não só he aleijam da culpa , mas culpa da mesma vontade : não he só geito da froxidão , mas traça da malicia ; porque como os nossos logos , são da condição dos depois , de hum dia para o outro se lhe passa o tempo nos passatemplos do outro dia , até que passa a ser nunca : & isto de coxear para a satisfação quem pôde livrar-se a correr depois de voar para a culpa ; tornar atrás com os bons propósitos , depois de hir adiante com a mentira , bem poderá ser alguma hora froxidão da nossa miseria , & vagar da nossa vontade ; mas oh que parece industria do nosso engano , & refinada malicia da nossa culpa.

Dirmeheis peccadores , que a todos vos peza muito de offender a Deos por ser summamente bom , summamente amavel , & digno de todo o respeito , & reverencia ; porém que sois miseraveis , fracos por natureza , peccadores por herança , & que

não ha mais na vossa mão. Oh mortaes , estais peccando , & dizeis que vos peza muito , he mentira ; porque ninguem faz por sua vontade aquillo , de que não gosta ; continuais na offensa de Deos , & dizeis , que o sentis muito ; he falsidade : meteisvos por vossa livre vontade nos laços do demenio , & dizeis , que não podeis mais ; he maldade : recreaisvos na offensa de Deos , & dizeis , que lá virá tempo , em que fazeis penitencia ; he obstinação : dormis a sono solto na cama da culpa ; no leyto do vicio , & do máo estado , & não acordais aos brados da divina misericordia ; he final de morte , & morte eterna : quando ha de ser aquelle então , para quem appella a vossa emenda ? até quando ha de durar o agora , com que se desculpa a vossa fragilidade ? & em que tempo ha de ser esse quando , em que a tardança se funda , & o proposito se confia ? Vem o tempo , & vaife o proposito ; chega a occasião , & esquece a emenda ; batestes Deos á porta , & fechase a alma ; gritavos a alma , & dorme a vida : pois que esperais , que vos succeda em que quereis vir a parar , senão na perdiçam eterna ? não tereis hora , nem tempo , porque deixais para a hora da morte o que pudereis fazer todo o tempo da vida.

Querer cubrir os não queros com a capa dos não possos; oh q̄ he vestir as desculpas do mesmo trajo das malicias: & huma malicia tão satisfeita de sy, & tão bem vista de vds, ó peccadores, que chega a fazer gala, do que havia de ser cilicio, será geitosa para andar ao uso daquelles vícios, cujo costume he andar á larga; mas não tem geito de lhe estar bem o habito da penitencia, que he estreito até para o desengano: fuja pois o vosso desengano, se o chegares a ter, fuja de vestir das cores da emenda as apparencias do fingimento; porque não toma bom caminho, quem se deita na estrada do vicio para enxovalhar a virtude. Não seja nas vossas tençoens tudo propor desenganos, & tudo não cumprir promessas; tudo logos de futuro, & nunca de presente; porque como os logos são da natureza dos nunca, o amanhã será nunca, & o ainda não, he sempre: & não ha cousa, que mais indigne a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda não, daquelles a quem ama; & hum, á manhã, daquelles a quem Deos avisa.

Fêchouse o Ceo, & a terra nos tempos do Profeta Aggeo, & foy tal a esterilidade, com que Deos se indignou contra o povo de Israel, que por não cahir do Ceo hum orvalho, por

naõ haver nos campos hũa folha verde, não só os homens, mas as feras perecião à fome. Abrio-se em bocas o mar vermelho nos dias de Moyses, & meteo de hũ sorvo nas entranhas de suas ondas a Faraó, & todo seu exercito, sem ficar hum só homem vivo, que levasse a nova: que causa pois haveria, para que Deos tratasse o seu povo com tão grandes sequidoens; & para que castigasse a Faraó, & ao seu exercito com tão fatal estrago? Não amava Deos ao seu povo com grande extremo? Não mandava visitar a Faraó todos os dias por Moyses, & Araó? O mortaes: por isso mesmo, porque o amava muito, & o avisava sempre, foy toda aquella sequidão, & todo aquelle estrago: amava Deos o seu povo, & queria, que lhe edificassem hum templo, em que o venerassem: avisava Deos todos os dias a Faraó por Moyses, & Araó, que deixasse sahir o povo do cativei-

Exod.
14.28.

Aug.
sup. 2
ibi: nõ
dum
venit
tem-
pus,
&c.
Cras.
Exod.
8. 10.

Agg.
1.10.

den.lo

dendose a prometta na dilaçã dos dias, o á manhãa, era nunca: o povo, porque Deos o amava; das confianças que tinha na sua misericordia, fazia licenças para o delito; Faraó, porque Deos o avisava, das largas que lhe dava a divina justiça fazia enfachas para a culpa: pois que havia de succeder ao povo indignando a misericordia de Deos com os vagares do, ainda não? Em que havia de parar Faraó, aporando a paciencia de Deos, & tentando a sua justiça com as dilaçoens do, á manhãa? Justo era, que se fechasse o Ceo, & se secasse a terra para consumir a huns; razaõ era, que se abrisse o mar para sobverter a outros: em sequidoens se havia de tornar quanto de antes era mar; & castigos havião de ser, os que antes tinhão sido avisos; porque não há cousa, que indigne mais a Deos, nem que elle mais castigue, que hum, ainda não; daquelles a quem ama; & hũa; à manhãa; daquelles a quem o mesmo Senhor avisa.

O mortaes: ó peccadores: que sequidoens não havemos de sentir na indignaçã do Senhor? Que castigos não havemos de padecer na justa ira de Deos? Que Ceos se não ham de fechar, que terra não ha de secarse, & que mares não ham de abrirse contra nós, se queremos resistir a Deos com o ainda não he tem-

po de acordar; & se o queremos enganar com o á manhãa, de nós levantar do sono do ruim estado? Tudo he dizer, & ainda não, & o ainda não; he sempre: tudo he desculpar com o á manhãa, & o à manhãa, he nunca: tudo he responder deitado na culpa: daquí a pouco me levantarei: esperai mais hum pouco; & este pouco; he já mais de muito: se Deos vos avisa para logo, que tem que fazer com o logo, o que não acaba de ser? Se Deos vos quer já; em que se parece com este, já, o que nunca he? Se Deos vos diz, que já he tempo de reedificar o templo de vossos corpos, que todos sãm templos de Deos, como diz São Paulo, que por vossas culpas estam arruinados, para quando o guardais? Quereis por ventura dizer a Deos, que não sabe o que diz, pois dizeis, que não he ainda tempo? Se Deos vos avisa, que deixeis sahir essas almas do cativeiro do Egypto do demonio; que fazeis, que as não deixais hir para a terra da Promissaõ, que he a celeste patria? Se pois chega hũa hora, & outra hora, & o ainda não, he sempre; se passa hum dia, & outro dia, & o à manhãa, he nunca; que muito he, que pelejando contra nós todas as creaturas, nos mostrem a indignaçã, & a ira de Deos, fazendosenos o Ceo de bronze, o ar de fogo, a

1. ad
Cor. 3.
16.

terra de ferro, & o mar de sangue, a luz de trevas, o dia de sombras, & o Sol de lutos? Não deixeis pois para mais tarde o que nunca pôde ser cedo; não andeis dilatando de hum dia para outro dia a vossa conversão; vede, que subitamente virá a ira de Deos sobre vds; & que primeiro vos occupará a morte, que o conhecimento della. Vede que hoje já he tempo, pois não sabeis se o dia de hoje será o vosso ultimo dia. Não vos guardeis para á manhã, nem para o depois, pois nem o tempo está ao vosso mandado, nem a morte anda à vossa ordem. Hum só dia, que percaõ de monção as náos, que vaõ para a India, não sómente se arriscaõ a chegar tarde, mas a perderse: a occasião, que a fortuna dá hum dia para ganhar hũa victoria, se se perde, arrisca se a batalha. As perdas do tempo são irremediáveis; porque ao tempo perdido, ainda que se lhe não percam as saudades, perdem se as esperanças. Defazemos com os nossos vagares o tempo, que nos dava azas para a ventura; & ficamos em muletas para buscar o remedio, ou fugir da perdiçam. Se pois passada a monção, a viagem se arrisca; se perdida a occasiam, a victoria se perde: como, Christãos, por mais hum dia quereis arriscar a salvaçam na viagem do Ceo, que he India

d'alma? Como por mais hum hora quereis perder a victoria dos vicios, que he o defengano da vida? Como por mais hum ponto quereis errar o vosso fim ultimo; que he o eterno bem? Se hoje não podeis; estando menos impedidos; como podereis á manhã estando mais embaraçados? Se hoje não rompeis o laço do demonio, que he de hum fio, como o rompereis á manhã, sendo já hũa cadea? Se agora que tendes mais força, vos não podeis levantar da cama da culpa; como depois, estando mais debilitados vos podereis erguer? Crescendo os vícios, crescem os riscos; porque crescem os apegamentos; crescendo os laços, crescem os embaraços; porque os enleijos crescem; crescendo a enfermidade, cresce a debilidade; porque com as forças da doença se debilitaõ as da saude; crescendo a preguiça, cresce a malicia; porque quem se não levanta, podendo; por sua vontade se deixa estar deitado. Que fazeis logo, peccadores adormecidos, que vos não desapegais dos vícios, com que o mundo vos prende? que não venceis essa fraqueza, com que a carne vos derruba? que não rompeis esses laços, com que o demonio vos ata? que não acordais desse letargo, com q̃ a peste da culpa vos mata, com que o costume de peccar vos sepulta?

O:

Os caramelos, que o Sol não derrete com a carícia de seus raios tão mimosamente benignos, os brutos os pizam, a terra os enxovalha, & a lama os corrompe. A lagoa, que se não corre de não correr ao mar, como os rios, que he o seu centro, no seu descanso torpe, no seu mesmo sossego inutil, & no seu sono profundo, ou apodrece, ou se consome, até que de todo acaba cheia de bichos, & imundicias: finalmente quem dorme, dormelhe a fazenda. Oh mortaes, que como aves enganadas, cahistes nos laços do caçador infernal: que razão ha, para que gosteis antes das prizoens do demonio, que da prizam da ley, & amor de Deos, que parecendo-vos dura cadea, he o mayor, & mais suave beneficio? Como vos empedernis como caramelos duros, & frios contra o Sol da divina graça, para seres pizados dos brutos infernaes, & vos corromperes na terra? Porque razam, como lagoas adormecidas sem movimento, apodreceis em vossos vicios, sem quererdes correr a Deos, que he nosso centro, como mar, de quem fomos rios? E finalmente como dormis a sono selto nos braços do demonio, deixando perder os bens da graça, que he a melhor fazenda? Despertai já, & levantai vos dahi; vá

fóra essa mortal preguiça; tenha fim esse diabolico sono; tratái de hir a correr, & não de vagar; logo, & não depois; hoje, & não á manhã; já, & não daqui a pouco; porque se o não fizeres, em castigo de hoje poderes, & não quererdes, poderá ser que a manhã queirais, & não possais: & para q̄ não possais entã allegar desculpas diante da justiça divina, que vos não aproveitarã; vos faz agora estes avisos, despertadores de vosso mortal sono, a divina misericordia, para que delles vos aproveiteis: *Usquequò piger dormies? quando con-surges à somno tuo?*



T O Q U E XIII.

*Videns autem Deus quod multa
malitia hominum esset in terra,
& cuncta cogitatio cordis inten-
ta esset ad malum omni tempore,
penituit eum quod hominem
fecisset in terra. Et tactus
dolo e cordis intrinsecus, De-
lebo, inquit, hominem, quem
creavi. Gen. 6. 5.*

C L A M O R XIII.

A causa dos castigos de Deos
he a continuacao nos pec-
cados, & falta de pe-
nitencia.

Vendo pois Deos (diz a di-
vina Escritura) a gran-
de maldade dos peccadores, &
que toda a sua intengam, & to-
dos os cuidados do seu coraçaõ
se inclinavaõ para o peccado,
sem que ouvesse esperanças de
emenda, & de penitencia; &
que corriam aos vicios, & à per-
diçaõ com mayor sede, que o
cervo á fonte, com mayor di-
ligencia, que a fonte ao rio, &
com mayor pressa, que o rio ao
mar: chegando esta dor ao co-
raçaõ de Deos, disse: Eu casti-
garei, & assolarei asperamente
esta perversa gente, a quem
criei, & sustenei com taõ gran-
des beneficios, a quem chamei,

a quem redemi com meu pro-
prio Sangue, & com tam gran-
de amor: converterseha a mise-
ricordia em justiça, o amor em
odio, a piedade em indignaçãõ:
pois esquecendo-se do seu Crea-
dor os peccadores, da ley de
Deos, & do fim, para que foraõ
creados, vivem tam solta, &
depravadamente, como se não
vieram ao mudo para outra cou-
sa, mais que a adorar o vicio,
idolatrãr o peccado, & servir o
demonio nos idolos de seus go-
stos, enchendo-se de abomina-
çoens, & delitos, com que me
desprezaõ: assim o disse o Se-
nhor naquelles tempos passados;
& como he a infinita verdade,
assim o fez, como o disse. Man-
dou sobre o mundo hum diluvio,
& tomando as aguas por instru-
mento daquelle universal casti-
go, apagou com ellas neste mudo
as chamas sensuaes dos in-
cendios peccaminosos, & dos
coraçoens mudanos: subiraõ as
ondas sobre os mais altos mon-
tes quinze covados, & afogan-
do rigurosa, & asperamente to-
do o genero humano, excepto
Noè, & os que encerrou comsi-
go na arca, ainda aos brutos, &
às cousas insensiveis se estendeo
o castigo, para que acabassem, &
perecessem com os peccadores
todas aquellas creaturas, que os
haviã servido, & acompanhã-
do na offensa de seu Creador.
Naõ castigou a Noè, porque
sendo

sendo justo, havia obedecido a Deos, & observado sua ley, vivendo sempre naquelle sãto temor de Deos, com que a Deos se agrada, o demonio se confunde, o Ceo se ganha, & as almas se não perdem. Afoçou finalmente a terra com o diluvio: castigou ao depois Jerusaleem, & a seu povo por mãos dos Assyrios; & assolou pelos Romanos: sobverteo as Cidades infames com seus termos, & comarcas: ferio a terra do Egypto cõ horrendas pragas; & sepultou no mar vermelho a Faraó, & a todo seu exercito: fez, que tragasse a terra em vida a Datã, & Abiron: & destruiu finalmente muitas gentes, & Naçoens, Reynos, & Provincias, Cidades, & Monarchias, porque perdendo o temor de Deos, & desprezando a penitencia, não quizeram obedecerlhe; porque o fogo do amor divino não se lhes ateou pelas almas; porque as armas do defengano não quizerão assolar a culpa; porque os imperios da emenda não quizerão mudar a vida.

Todos estes foram punidos, destruidos, & assolados não só com o temporal estrago, mas com as eternas ruinas; & não foy Ninive sobvertida, quando Deos a ameaçou pelo Profeta Joannas, porque em tres dias de penitencia sobverteo a emenda da vida os vicios, & peccados passa-

dos, que provocavão a ira, & indignação divina; embainhou a misericordia a espada da justiça, que já descia com o golpe para destroçar os perversos filhos da terra. De tal sorte ata as maons ao mesmo Deos hum peccador arrependido, que em tomando pela sua mão hũa disciplina, tira das mãos de Deos o açoute; em cortando pelos seus peccados, parece, que tira a espada das maons a Deos; em se irando contra sy, de fassombra, & desfaz a ira de Deos; em se vestindo de cilicio, despõe ao mesmo Deos as armas; em se mortificando com o jejum, & affligindo com a dor de seus peccados, alegra os olhos de Deos, & de todos os Bemaventurados do Ceo: & finalmente em clamão o peccador a Deos de todo seu coração com espirito humilhado, coração contrito, & oração fervente, faz com que Deos (a nosso modo de fallar) se esqueça das offensas, que se lhe haviam feito; por mayores, que fosseni, & se vire para o peccador, como dizendolhe: Filho, já me não lembro dos males que fizeste, não me perfigas mais tornando a peccar; guarda meus mandamentos, & seremos amigos, persevera, & terás a salvação.

Se o peccador (disse Deos por Jeremias.) fizer penitencia de seus peccados, também eu farei peni-

4. Reg.
25. per
tot.
Luc.
19. 41.
&c.
Dan.
9. 26.
Gen.
12. 24.
Exod.
7. 20.
&c.
Plãlm.
105.
17.

Ezech.
18. 21.
& 22.

Echl.
21. 1.

Joan. ;
10.

Jeremias;
18. 8.

peni-

penitencia de lhe querer dar castigos: oh bõdade immensa! oh amor incomparavel! que chegue a dizer o mesmo Deos, que farã penitencia de querer castigarnos, se nõs a fizermos de o haver offendido! como se a justiça divina forã culpa, de que se ouvesse de arrepender, logo que nõs nos arrependemos de nossas culpas: tal he o nosso Deos, tam bom, taõ nosso amigo, que sendo a mesma immutabilidade, para melhor nos persuadir a fazer penitencia, faz por bemquistala, prometendo tambem fazela: se pois o mesmo Deos se não dedigna de fazer penitencia por amor de nõs, sempre que nõs por seu amor a fazamos; quem ha taõ nescio, tam ousado, & tam atrevido, & que tenha a Deos tam grande odio, que se envergonhe de fazer penitencia por amor de Deos? & que em fim zombe do que Deos estima, que se ria, do que Deos faz, & se despreze de fazer aquillo; q̃ o mesmo Deos fizera? Fazer Deos penitencia, nenhuma outra coufa he, senãõ, pôr a sua misericordia no lugar dõnde havia de apparecer a sua justiça; & a nosso modo de fallar, pezounos de offender a Deos, pezoulhe de nos querer castigar por isso: propuzemos de não offendelo mais com o pezar de l'have-lo offendido; propoz Deos de nos não castigar mais,

com o pezar de nõs querer dar castigos: eis-aqui a penitencia de Deos; eis-aqui a nossa penitencia: mas quer os enhor explicar-se comnosco pelos termos de arrependido, para q̃ o peccador a exemplo do mesmo Deos não se envergonhe de se arrepender, que errou, & que fez mal em peccar, quando Deos mostra arrependerse de querer fazer justiça em castigar a quem peccou: mas se o peccador desconhece esta bondade de Deos, & perde o temor, com que devemos tremer de seus profundos juizos, da se Deos a conhecer pelos castigos, em vingança de o não querermos conhecer pelas misericordias.

Mandou Deos a Moyses, que fosse a dizer a Faraõ, que deixasse fahir o seu povo da terra do Egypto; & perguntandolhe Moyses, quem havia de dizer, que o mandava, respondeolhe o Senhor: Vai, & dizelhe que eu sou quem sou: pois, porque lhe não manda Deos que diga a Faraõ, que he Deos de Abraham, Deos de Isaac, & Deos de Jacob, como mandou dizer aos filhos de Israel? Que razam haveria, para que Deos se não quizesse dar a conhecer a Faraõ por este nome, nem por outro algum? A razam he: que Faraõ não havia de querer conhecer a Deos pelas misericordias, que usava com elle nos avisos, que lhe dava;

Exod.
3. 14.

Ibid.
15.

dava ; havia de conhecê-lo nos castigos , que lhe desse , & pelas pragas , com que havia de ferir ; & assolar a terra do Egypto : se pois Faraó ha de ser obstinado , ha de indurecer-se ; se Faraó não ha de ter emenda ; & se ha de fazer peyor com os avisos de Deos , & em fim não ha de conhecer a Deos pelas misericordias ; não lhe mande Deos dizer quem he , nem se dê a conhecer com elle ; conheça-o Faraó pelos castigos , pelas pragas , pelos açoutes , com que a justiça divina , ainda neste mundo , que isto he a terra do Egypto , o ha de assolar , & confundir , até que no mar vermelho , que para Moyses foy estrada , ache Faraó o seu sepulcro .

O mortaes : todos aquelles , que não quereis conhecer a Deos pelas misericordias , que usa convosco em avisaros , haveis de conhecê-lo pelos castigos ainda neste mundo : o mesmo mar vermelho , figura do Sangue de Christo , que para os justos , como Moyses , foy estrada para a terra da Promissam , figura da gloria ; para os obstinados , como Faraó , ha de ser eterno sepulcro , que os meta nas profundezas dos abismos , figura dos infernos . Se pois não quereis conhecer a Deos , se não quereis ter pezar de nossas maldades , que muito he , que a nosso modo de entender , lhe peze a

Deos de nos haver creado , & feito á sua imagem ; & semelhança ? Que muito he , que nos castigue , & nos affole de todo , ainda que seja com grande dor de seu coração , se nós , que pela nossa culpa fizemos a morte , também pela impenitencia della fazemos os castigos ? Castigou Deos o mundo naquella primeira ira com hum diluvio de água , castigaloha na segunda indignação com hum diluvio de fogo ; cujas chamas abrazadoras , não só hão de converter o mar em cemeterio de areas , o ar em sepulcro de sombras , mas a toda a terra em solidão de cinzas : se isto ha de succeder á terra , que não peccou , ao mar , que não delinquo , ao vento , que não prevaricou ; q̄ succederá áquella terra de nossos corpos , que não produz mais , que os espinhos da culpa ? Que ha de succeder ao mar de nossas concupiscencias , que nos cubrio , & alagou sempre em ondas de vícios , & em tempestades de culpas ? Que ha de succeder ao vento de nossa vida , que antes de chegar ás regioens da morte , encheo todos esses mundos pequenos de sombras , & escuridades ? Que ha finalmente de acontecer ao ar de nossas vaidades , que em tormentas desfeitas nos trouxe sempre por esses ares ? O mortaes , não presumais nesciamente , que Deos vos ha de perdoar ,

porque vos criou; senão fizera de vós penitencia. mi O mesmo Deos, para que vós não enganásseis com isto; disse que havia de consumir o homem, a quem criara: he razão para a ira; & não para a misericórdia, o créarnos Deos, se sendo creaturas suas; vivemos como se o não fomos; desconhecendo a infinita bondade, que nos deu o ser, desprezando a ley que nos poz, com a não queremos guardar, & caminhando as avessas pelo caminho, per que nos manda hir a sua vontade; & sobre tudo, clamando o Senhor, que nos emendemos, zombamos disso, fazendo ouvidos de mercador.

Exod. 7. &c. Favores de Deos mal agradecidos, que são, senão justificações de castigos multiplicados?

Exod. 24. 22. Quem visse castigar Deos o Egypto por amor do povo de Israel com tão cruel açoute; quem

Exod. 13. 21. visse depois das mortes de tantos seus inimigos, abri-se o mar em ruas, & em estradas para lhe dar passagem a pé enxuto; quem

visse, que o mesmo Deos com hũa columna de nuvem os defendia do rigor do Sol no discurso do dia, & os allumiava pelo deserto com hũa columna de fogo na escuridão da noyte; quem visse

que lhe chovia dos Ceos o pão dos Anjos, & que as pedras duras se desentranhavam em agua

para que bebesse; quem visse,

Exod. 16. 4. Num. 20. 11. para que bebesse; quem visse,

que o Jordão tornava atrás com a furia de sua corrente; devantandose as aguas em terras de ondas, para que passasse a pé enxuto; & que os muros de Jericó se lhe arruinavam sem força; para que entrassem sem trabalho nas Cidades inimigas; quem visse nõ meyo do Ceo parar o Sol, & estar á sua obediencia, para que venceisse; & finalmente quem os visse vencer; & arruinar tantas Nações robustas, tantas gentes indomitas, tantos muros de bronze, tantos campos de ferro, que havia de dizer de tantos favores de Deos,

& desta sua amizade, senão que até o fim do mundo amaria Deos o seu povo, & o traria nas palmas, & na estimação das gentes? Porém como este povo lhe foy depois ingrato, & nescia, cega, & maliciosamente rebelde ao mesmo Senhor, seguiu-se, que dandolhe Deos as costas, & mudandose em ira a sua clemencia, desde Tito Vespasiano, que foy instrumento do temporal castigo, foy este povo ingrato consumido em guerras, morto à fome, & antes de chegar a cadaveres, alimentado nos cadaveres de seu mesmo sangue; & os que delle restarão miseravelmente reduzidos á servidam, & espalhados pelo mundo, cativos, & desterrados da sua patria, em toda a parte degenerados, em nenhuma conhecidos, sempre

novos,

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

Josue 3. 16. Josue 6. 20. Josue 10. 13.

novos; sempre alheios; sempre estrangeiros; sem nobreza; porque não tem solár; sempre baixos; porque não têm estimação; sempre (suspeitosos; porque ha poucos; em que haja Fé; & sobre tudo isto; cegando felhes d'entendimento para mayor castigo; vivendo sem espirito de Deos entregues á carnô; & á seus mundanos appetes; são constituidos para sempre; no ventre dos infernos; donde seram pasto eterno daquelle bichô immortál; que os ha de roer; & daquelle eterno fogo; que os ha de abraçar; sem nunca os consumir.

Se pois succedeo; & se isto succede ainda hoje ás reliquias daquelle povo tam favorecido hũ tempo do amor de Deos; que succederá áquelles Christãos; á quem Deos tirou do Egypto da gentilidade; á quem fez passar pela agua do Bãutismo; á quem com a sombra de seus auxilios cobre; & ampara de seus contrarios; & dos ardores da concupiscencia; á quem allumia com a doutrina das columnas de sua Igreja nas escuridoes da cegueira; & ignorancia humana; á quem sustenta com o manjar de seu mesmo Corpo; & com o seu mesmo Sangue; I que esta he a agua tirada a golpes da quella pedra; & a quem finalmente faz tantos outros benefeícios; de que forão figura; & sombra os que

fez áquelle povo ingrato! Quãto pois vai de beneficio á beneficio; & de favor a favor; tanto irã de castigo a castigo; de acouto a acouto; & de affolação a affolação.

Oh Fieis! oh Christãos! acabai já de ser Christãos na realidade das obras; que isto he ser imitador de Christo; donde vos vem o nome; tratai de ser fieis á vosso Deos; a quem tendes sido tantas vezes inconsistentes; fazei d'isso penitencia para a placarés a ira divina contra v'essas rebeldias exasperada; buque de outra maneira vendo Deos que a vossa malicia cresce sem penitencia; virã sobre vds diluvios de castigos: *Videhs Deus; &c.*

Estudo quanto ha no mundo (diz o Filosofo) a mais torçivol; & cruel; causa he a morte; & por ser tanta a timmedo; nhã; muito he para temer; porrem muito mais para temer he a vida. Da boa morte; além de

Qua
me
dil
liv
mã
prop
nit

1. ad
Cor.
10.

Arist.
p. lib. 3.
Ethic.
cap. 6.
in med

ola

ser

Aug.
t. 9.
lib. r. de
vific.
infirm.
prop.
fin.

ser fim dos males temporaes ;
como diz Santo Agostinho, nasce
em principio das felicidades da
eterna vida ; da boa vida nem
sempre nasceo a boa morte ; da
vida nasceo a morte sempre ; &
às vezes o inferno , que esta he
a successão da má vida. Com a
penção da mortalidade nasce-
mos todos : iguaes nascemos ;
& iguaes morremos ; o Rey ;
& o pastor , o grande , & o
pequeno , o pobre ; & o rico ;
o saõ , & o enfermo ; o velho ;
& o moço , porque atentando á
origem da natureza , tudo he hũ ;
& em chegando ao pó , & cinza ;
tudo he o mesmo ; outra tanta
terra como occupa o mayor Mo-
narca do mundo ; occupa na sua
cova o mais pobre homem da
terra ; & se ainda entam os quer
distinguir a vaidade nas pompas
do tumulo ; não os differença o
juizo na porçã das cinzas : o
mesmo legislador do direito di-
vino , & humano nos não distin-
gue dos outros homens pelo nas-
cimentõ , & pela claridade do
nome ; mais que em quanto vi-
vemos ; em chegando o juizo ul-
timo , & a sentença final ; quem
tẽ feito melhores autos na vida ,
esse só he o melhor quanto á co-
dição immortal ; porque esta
heia satisfazã , que dá o Ceo
ao acabar das differenças do vi-
ver ; quanto à condiçã terrena ;
tudo fica hum , tudo parece o
mesmo. He a morte para o vivo ,

como a mão para o pintado : vo-
reis pintados montes , & valles ;
mares ; & rios ; homens ; & bru-
tos , Cidades , & campos : & isto
que vos parece perto ; aquillo
longe , isto , que se vos afigura
baixo , aquillo alto , effoutro ;
que se vos finge immobil , effou-
tro corrente ; grande ; & peque-
no , escuro , & claro , se he cor-
reis a mão por riba ; tudo he hũ ;
tudo he igual ; tudo he o mes-
mo , hũa taboa com huns poucos
de oleos , hum pano com humas
poucas de cores ; que como sam
accidentes , saõ de pouca dura-
vam , & vem , poemse ; & tra-
poemse , corrompemse , & acabã
bam , sem que a taboa acabẽ ,
nem o pano se rompa : assim a
morte tudo faz hum : vereis o
Rey ; & o vassallo , o Prelado ;
& o subdito , o pobre , & o ri-
co , o grande , & o pequeno , o
velho , & o moço , parecervos-
ha em quanto vivem , que ha
grandes distancias entre huns ;
& outros , notaveis desigualda-
des , & differenças ; & em fim
muita terra em meyo ; lançalhe
a morte a mão , & em lhe ca-
hindo nellas esta miseravel vi-
da , tudo se faz hum ; tudo pare-
ce igual , & com hũa mortalha ;
& seto pés de terra accomoda
igualmente ao Principe , & ao
pastor ; & mostra , reduzindo tu-
do ao desenganõ de humas cin-
zas , que aquelles mesmos Ale-
xandres , que em todo o mundo
não

he. r.
no
oi

não cabião, já cabem em outra tanta terra, como qualquer homem vil, & baixo do mundo.

Todos, ó peccadores, somos iguaes no nascer, & no morrer: os entremeyos da vida são tramoyas da fortuna, ou furtacores do mundo, que parecem o que não são, & são o que não parecem. Compára a Sagrada Escritura os humanos às aguas, que vão correndo: & com muita razão; porque todos somos,

1. Reg.
14. 14.

não só fracos, como agua, mas iguaes no principio, & no fim. Vereis hum ribeiro pobre, & humilde mendigando pelos vales, beijando os pés às arvores, & correndo tam baixo, que sem ténior algum lhe ponde os pés em cima, sem fazerdes caso algum d'elle. Encontrais hum rio soberbo, & inchado, que senhora campos, arraza montes, cerca Cidades, & leva às vezes ao mar mayor guerra, q̄ tributo; & he certo, q̄ lhe guardais muito mais respeito, & tendes grande veneração, porque vos não atreveis a metervos nelle, nem a por-lhe os pés: & se bé considerades o que he o rio, & o que he o ribeiro, achareis entre as grandes distancias que entre hum, & outro vedes, que tudo he agua, ou mais baixa, ou mais alta, mas igual no nascer, & no morrer; porque o rio nasceo da terra, & sahio do mar, & no mar torna a morrer, sem ainda deixar

nome do que foy; & o ribeiro da mesma sorte nasce, & do mesmo modo acaba: assim tambem vedes hũ homem baixo, pobre, & humilde, que vive de esmolas, & anda beijando com a sua necessidade os pés a todos, & todos o trazem por baixo dos pés: olhais para hum grande senhor, soberbo, & altivo, a quem os respeitos sobejam, & sobráo as veneraçoes: pois assim o pobre, como o senhor quanto ao nascer, & ao morrer tudo he o mesmo. Da terra nasceo o pobre, & em terra ha de acabar; & o senhor, tambem da terra he filho, & terra ha de morrer, & tudo o que teve de grande na vida desapareceo como sombra, ficando o que antes era pó, & cinza.

He a morte officio dos mortaes, que se aprende desde o nascer, & ainda muito de antes, ou por ley da natureza, ou por castigo da culpa, ou por tributo da vaidade: aprendese desde a escola do ventre, & desde a aula do berço; hũas vezes bem, & outras mal; porque huns morrem mal, & outros acabão bem: quem melhor faz seu officio quando morre, mostra que soube melhor esta regra geral, com que se acaba a vida: quem mal acabou, dá-nos a suspeitar, q̄ não soube fazer o officio para q̄ nasceo; & por isso Seneca diz, sendo hum Gentio, que em toda a

Senec.
lib. uu.
de brev
vite c.
7. in
princ.

vida se ha de aprender a morrer: saber viver, isso sabe a ignorancia, saber viver bem he ciencia da razão; mas saber morrer, he alta sabedoria, que se estuda nos claustros da morte, para que melhor se aprenda no circulo da vida: são ignorancias da morte todas as outras ciencias da vida, que para este fim não se aprendem; & são ignorancias puras, todas aquellas presumpçoens, com que a vaidade humana faz, que huns se tenham por melhores que outros na condiçam terrena; se pois a jornada da vida he o caminho da morte: se as fontes mais humildes, & os regatos mais pobres são da mesma natureza, que os mais rios: se estes se fizeram maiores, he porque usurpando as aguas alheas, dos que a elles se chegavão, tiranamente se erguerão com a mayoria; mas isto, que lhes aproveita? quanto lhes dura? de que lhes serve tudo isto, mais que de chegar ao mar da morte com mayor presfa, para acabar a vida mais amargosamente?

O mortaes, he a morte ruina universal de toda a maquina caçuca destes edificios viventes; & dõnde ha ruina, não ha desigualdades; tudo tem a mesma sorte, tudo he igual, tudo he hum. Cahio a pedra do monte sobre aquella portentosa estatua, que em sonhos vio Nabu-

co, & diz o Texto Sagrado, que todos aquelles metaes, de que ella se compunha, igualmente foram despedaçados, & desaparecidos: se a cabeça da estatua era de ouro, os peitos, & braços de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, & os pès de ferro, & barro; como se desfez igualmente toda esta maquina: *Contrita sunt pariter, quasi in favillam?* Como se fez tudo hum? Como igualmente desapareceo tudo sem deixar signal de sy: *Nullusque locus inventus est eis?* Se ha tam desigual differença do ouro para a prata, da prata para o bronze, do bronze para o ferro, & do ferro para o barro; como correm todos em hum instante huma mesma fortuna? O alto da cabeça, o levantado dos homens ha de ter a mesma sorte, que o baixo dos pès? tudo ha de parecer hũa coufa? Que o barro pela sua fragilidade se desfizesse em hum momento, não era muito; mas que o solido do ouro, o puro da prata, o forte do bronze, & o duro do ferro igualmente se desfizessem em pó, & cinza, como se desfez o barro, isto parece maravilha. Ha de ser possível, que igualmente se ha de descompor a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, o valor do bronze, & a valentia do ferro, como se descompoem a fraqueza, & a vileza de hum barro humilde?

Sim

Hom. 2.

cap. 11.

Dan. 2.

34. &c.

cap. 11.

171

Sim mortaes: ouve ruina em todos estes metaes, cahio a estatua, arruinouse toda esta maquina, pozselhe hũa pedra em cima; pois como havia de acabar tudo, senão igualmente arruinado? Que differença havia de haver, mais que fazerse tudo hum? Porque donde ha ruinas, não ha desigualdades, tudo he da mesma sorte, tudo a mesma cousa.

Tudo he terra, ó peccadores: tudo he pó, & cinza: ou seiais Reys, ou seiais Principes, ou seiais nobres, ou ricos, ou poderosos, sois da condiçam do barro em se pondo em cima a pedra da sepultura: o ouro mais fino, a prata mais lustrosa, o bronze mais robusto, o ferro mais riço, tudo he da condiçam da terra, do barro, & do pó, & cinza: em quanto está em pé a mentira do mundo, parece hum lindo como hum ouro, galhardo como humas pratas, valente como hum bronze, & duro como hum ferro; mas tanto que a morte dá de avesso com tudo, logo se deixa ver com verdade, que tudo he nada, & hum pouco de pó, & cinza, que não occupa lugar. Poderà a vaidade de hũ Nabuco sonhar; poderà levantar nos sonhos da sua fantasia grandes maquinas, grandes imperios, & grandes differenças nos estados da vida humana, de que a estatua foy figura: mas

Christo, que he a mesma verdade, & foy a pedra, que derrubou a estatua, para desfenganar em figura as mayores afiguracões do mundo, não só mostrará a todos, que são pó, & cinza em se lhes pondo em cima a pedra da sepultura; mas que todos os bens da terra são tambem o mesmo: são o mesmo todos os bens da terra; porque quem visse descer a pedra para tocar estes metaes, que lhe havia de parecer, senão que mostrariaõ mais a sua pureza? Que sobre isto entendesse, que naquelles metaes se significavão as monarchias do mundo, como não suspeitaria, que era de muita dura, huma cousa tão notavel? Mas quando visse, que a grandeza era fingimento da fantasia, que os imperios não duravão, nem por sonhos, & que os metaes todos erão terra, & tudo em fim huma faisca, que voa, hum pó, que se levanta, & hum vento, que desaparece; que havia de tirar deste desfengano, senão hum verdadeiro conhecimento, de que o mais do mundo he mentira, engano, & vaidade, que em hum fechar de olhos se finge em quanto a vida dura; & em outro fechar de olhos se acaba, logo que a morte chega.

Não só depois da morte, senão na mesma vida se vê este desfengano: he engano, ó mortaes, cui-

Hug.
C. in
Dan.
supra,
mysti-
cc.

Dan. 2
39 & 40

dardes, que fois outros homens, porque tendes mayor estado, ou mayor fortuna; tudo he hũ, tudo he o mesmo: & não ha outra differença, que estardes em mayor perigo, os que estais em mayor altura; tal he a condição das fortunas altas, & dos estados supremos, que quem os chega a possuir, primeiro perde a vida, & felicidade; que seja tempo da morte; & isto nasce, de que a sua propria vaidade, anticipandolhe a morte, lhe faz muito mayor mal, do que lhe fizera a violencia alhea, se lhe tirára a vida. Rogando David pragas a huns inimigos, dizia a Deos: que se façam semelhantes ao feno dos telhados: & pois não fora melhor vingança pedir, que fossem como feno dos valles? porque se era para se vingar delles, ficavãolhe nos telhados sobre a cabeça, & nos valles podia metelos debaixo dos pés: se acaso deseja que se consumão como o feno, que peyor successo acha no feno dos telhados, donde não pôde chegarlhe, que no feno dos campos, donde pudera atropellalos? A razão da differença he: porque o feno dos campos, muitos o arrancaõ primeiro que se seque; o feno dos telhados primeiro se feca, do que o arranquem, como diz o mesmo David: *Prins-*

Palm. quam evellatur, exaruit. Fazlhe a sua vaidade, & a sua altive-

za, anticipandolhe a morte, muito mayor mal; do que pudera fazerlhe a violencia alhea tirandolhe a vida; quando parece, que a violencia, que o pudera arrancar, o vai poupando, como quem lhe perdoa; a vaidade com que havia de florescer, o vai consumindo, como quem o castiga: fazlhe a vaidade de todo este mal, porque namtem raizes o feno dos telhados; isto he, não tinha fundamento para porse naquellas alturas: pudera contentarse o feno com ser feno dos campos, pois o ser feno dos telhados não lhe tirava o ser feno; estiveralhe isto melhor, porque se vivera humilde, como o outro feno, florecera, & durara mais, & não se arruinara tão cedo a fragil, & caduca pompa daquella vaidade verde: mas esquecerse o feno, de que nascera das ervas, não querer ser feno, como o outro feno, desconhecer a sua vileza, & a sua fragilidade, sahirse da sua esfera, porse em grandes alturas; & querer viver das telhas arriba, em que havia de vir a parar, senão em darlhe na cabeça aquelle mesmo desvanecimento, que lhe fez perder o pé? Consumiose por sy mesmo antes de chegar ao fim de seus intentos vãos, sem que lhe fizesse mal o rigor alheyo; & em fim morreo antes de tempo.

Alta providencia do Ceo foy, que

Isai. 40
6.

que assim morresse o feno, por-
que como nò feno se figura a
carne, & na flor do feno a van-
glória humana, como diz Isaiás;
se o feno morrêra arrancado,
parecêra, que a violencia das
mãos alheas lhe tirava a vida,
que ainda lhe concedia o tem-
po; & para defenganarnos o
Ceo, que não têm a carne tan-
tos perigos na violencia, como
na vaidade propria, por sy mes-
mo, permittio, que se consumis-
se o mais authorizado feno: pa-
ra que aprendessem os deste ex-
emplo, quanto mais he para tem-
er a vaidade propria, que nos
faz sahir da nossa esfera, como
se fomos outros; do q̃ a vio-
lencia alhea, que nos tira a vi-
da anticipadamente. O' morta-
es, ou sejais feno dos tectos,
ou feno dos campos, todos sois
feno: *Omnis caro fœnum*; tudo he
hũ, porq̃ todos sois huns; todos
sois o mesmo, porq̃ todos sois ho-
mens, & homês peccadores, fra-
cos, & mortaes: por mais altos,
que estejais, por mais robustos,
que vos sonheis, & por mais fe-
lices, que vos finjais, não ha ou-
tra differença, que serçies mais
vãos, quando estais mais altos,
q̃ estardes mais enganados, quã-
do estais mais robustos, q̃ estar-
des mais perigosos, quãdo estais
mais felices: sois, huns rios,
outros fontes huns: baixos, ou-
tros altos, mas tudo agua: sois
hũas pinturas na apparencia mui-

to diferentes, na realidade tu-
do hum: sois huns, feno mais er-
guido para ser mais miseravel;
outros feno mais humilde, para
não ser taõ caduco; & sendo na
realidade vilezas, vos fizestes
muito peyores levantandovos
contra Deos, por não querer
guardar sua ley, zombando de
suas vozes, por não querer e-
mendarvos, desprezandovos a
vds mesmos, por quererdes ser-
vir antes ao demonio, que a
Deos, & esquecendovos do que
sois, & do que haveis de ser:
pois defenganaivos, que to-
dos, como homens fracos,
mortaes, & miseraveis, ha-
veis de morrer, & haveis de
acabar: *Vos autem sicut homines
moriemini.*

Isai.
sup.

TOQUE XV.

*Nescit homo finem suum: sed sicut
piscis capiuntur hamo, & sicut
aves laqueis comprehenduntur,
sic capiuntur homines in tempo-
re malo. Eccles. 9. 12.*

CLAMOR XV.

Da miseravel ignorancia, com
que os homens peccadores
achaõ gosto na sua
perdição.

NAõ sabê os mortaes quan-
do, como, & donde ha de

fer o seu fim; & vivem com tanto esquecimeſto da morte, como ſe ella não tivera igual jurifdição em todos: para os negocios de huma hora; para a jornada de hum dia, para a viagem de hum mez, coſtumão prepararſe os homẽs com grande diligencia; ſó para lhes não hir mal na hora da morte, para dar conta a Deos no dia do juizo, & para paſſar bem o ſalto da eternidade, não ha preparaçoõ alguma, como ſe ilto fora ſonho, fabula, ou mentira; de que nasce, que vivendo á maneira de peixes no mais profundo das ondas, vagueando a modo de aves pela regiaõ dos ventos, andamos no mar do mundo ſubmergidos nos vicios, & ſeguimos por vias aereas as mundanas vaidades; dõde gozando hũns bens fantaſticos, ou tranſitorios, não ſó cahimos do Ceo á terra nos enganos do mundo, não ſó nos himos pela agua abaixo ao pégo dos abifmos, mas como aves incautas, & desprevenidas, como pexinhos ſimples, & deſcuidados, ou cahimos nos laços da morte, quando menos o cuidamos; ou nos anzoos do demonio, quando menos o tememos. Deviamos ſer como aguias, cuja natureza he voar, & fixar os olhos no Sol, para fazer vida ceſteſte, & não terrena; deviamos eſtender as azas do entendimento pelas regioens ſublimes da pa-

tria ceſteſteſte; deviamos levantarnos da terra para voar ao Ceo com as pennas do eſpirito; & ao menos com eſpiritos altos deviamos fazer ninho ſobre as nuvens do Evangelho. Mas ay! q̃ com baſtardos vãos, ou com baixos eſpiritos abate mos a põpa vãa de noſſa profanidade á preza ſempre vil, & baixa das miſerias terrenas! De que ſe ſegue, que aſſim como ſó a ave, que ſe abate do Ceo á terra, cahhe no laço, que lhe armãrão: aſſim nos laços da culpa, da morte, & do demonio ſó cahem aquelles homens, que pelos goſtos vãos da terra deixaraõ os bens do Ceo: cahem nelles, quando menos o imaginaõ, porque vivendo de balde toda a ſua vida, chega a hora da morte, como ladraõ, na noite da cegueira, & achando-os no deſcuido dormindo a ſono ſolto na cama da culpa, nos braços do deleyte, não ſó lhes rouba aquelles bens, de que gozava enganadamente na vida; mas ainda lhes leva as almas arrebatadamente ao lugar da perdiçoõ: faz iſto a morte, & faz iſto o demonio; porque em todos os eſtados do mundo todos os ſeus bens ſão laços, & redes: laço, & rede he a ocioſidade, a riqueza, a ambiçã, a laſcivia, armãõſe eſcondendoſe, atrahem liſongeando, & engañãõ atrahindo.

He o mundo todo, como a rede;

rede; porque assim como na rede os maiores, & mais grossos peixes são os que ficam, & os mais pequenos não, porque escoam a malha muito facilmente: assim nos enganões do mundo, que são as suas redes, os maiores, & os mais ricos homens são, os que se prendem, os mais soberbos, os mais inchados são os que se embarçam, & não os pobres, & os humildes, & pequeninos, que se livram de seus enredos, & de seus laços com mayor facilidade. Deviamos ser como peixes em hum mar de pranto, que ou andassem no mais alto das amarguras, ou nos metessemos nas covas mais escondidas, fazendo de nossas culpas hũa penitencia áspera. Mas ay! que fugindo do alto da consideração, vimos a dar no baixo dos terrenos apertados, donde a nossa mesma vontade faminta do seu mal, se vai meter no anzol escondido nos mundanos deleytes, em que cahem miseravel, & cegamente os mais dos humanos! E he tão grande mal, hum mal, que tem carão de bem, hum dano, que parece gosto, & hum tormento, que se veste de deleyte, que nem nos males da vida tem semelhante, nem comparação algũa nos da morte.

Dizia Salamão: Eu tenho dado, em que a mulher he mais amargosa, que a morte: porém se Salamão de nada havia gosta-

do tanto, como deste veneno doce; se nada lhe havia parecido tão doce, como esta amargura dourada; se nada lhe encheo tanto os olhos, como esta enfeitada traição; como tendo-a pouco antes por mais doce que a vida, diz agora, que he mais amargosa que a morte? O mortaes, por isso mesmo soube Salamão quanto amargava a mulher, porque soube della tanto: soube della muito; porque lhe seube muito; fiouse dos seus braços, & achou, que erão laços do demonio; chegouhe ao coração, & viu, que era rede da morte; cahiolhe nas mãos, & experimentou, que erão garra de leão: o laço apanha convidando, a rede lisongea prendendo, o cepo engana atrahindo: como pois a mulher parece bem, & faz tanto mal ao homem, convida-o com gostos, & leva-o ás penas: o coração da mulher, a quem o homem dá o seu coração, helhe tão perjudicial, como a rede aos peixes: as suas mãos, em que elle se poem, fazemhe tanto dano, como o laço às aves, & o cepo aos brutos; fazhe a boca doce, & prende-o no laço; finge, que o mete no coração, & mete-o na rede; mostra, que o traz nas palmas, & o faz cair no cepo: he mal, & vende-se por bem; he dano, & estima-se por gosto; he tormento, & toma-se por de-

3. Reg.
1. 11.

Eccl.
7. 27.

leyte. Que havia de achar Salamão, que lhe amargasse tanto, como este paleado bem, que tão caro custa; como este saboroso mal, que tam bem parece, ao qual nenhum mal da vida he semelhante, nem ha amargura na morte, com que se compare?

Notou São Boaventura, que a lascivia, por quem se entende esta mulher, de que se queixa Salamão de três modos prendia; prendia com laços, onde se tomão as aves; com rede, com q se colhem os peixes; com prizoens, donde se apanhão as feras: pelos que voão, diz que se entendem os soberbos, pelos que nadão, os deliciosos, & pelos outros animaes da terra, os homens avarentos, & que em fim ninguem lhe escapava: taes são os laços, & os enredos da mundana lascivia, que para colher altos, & baixos, & os de meã esfera, se faz para huns laço, para outros rede, & para os outros cepo: cuidais, os que sois soberbos, que bebem por vós os ventos as mulheres, & fazem-vos cahir no laço: cuidais, os que sois deliciosos, que viveis como peixe n'agua, & fazem-vos cahir na rede: entendais, os que sois avarentos, que fazeis vosso negocio, & fazem-vos cahir no cepo, & depois zombam de todos; zombão depois de vós; porque se cahis

no laço, aindaque sejais aguias no juizo; dizem que sois huns passaros; se cahis na rede, ainda que sejais huns Delfins, dizem que sois huns pexinhos; se cahis no cepo, ainda que sejais bichos de concha, dizem que sois huns brutos. O' mortaes, fugi dos laços, cortando os nós cegos, fugi da rede, escoando a malhá, livraivos do cepo, ainda que roais os pès. Pelos pès se entendem os appetes, pelas malhas, os enganos, & pelos laços, as cegueiras: deixai as cegueiras, & fahireis dos laços, deixai os enganos, & escapareis das redes, cortai os appetes, & livrarvosheis dos cepos: vede, que não ha prizão mais forte; que aquellas brandas ataduras, com que a carne vos ata. Rompeo Samsão, como se forão fios delgados, as cordas, & as cadeas com que o maniatou Dálib. Judith. 16. 12. la; & aquelles mesmos braços robustos, a cuja força se rendeo a grossura das maromas, a rigeza dos nervos, & a dureza do ferro, naquelles braços lascivos perdérao cegamente a força, & a virtude: he branda a prizão, por isso não escandaliza, aperta, & parece que abraça, magoa, & finge que lisongea, ferevós a alma, & parecevos, que a adoça; & em fim são nós cegos, & parecemos de rosas; são ferros, & tendelos por ferretes.

Bonav.
tom. I.
in Eccl
supr.

O' mortaes, se tantos males traz consigo hum só laço da vida: se os laços da carne não só vos atão de pès, & mãos para vos entregar á morte; mas ainda vos poem a corda na garganta, como reos da culpa, para que assim vos leve o demonio ao supplicio eterno: como não vedes, que essas cadeas, & colares, com que a vaidade vos enfeita, & vos adorna o delito, são colares, & não enfeites, são cadeas, não adornos, com que vos ata a liberdade, quem vos doura a perdição? Parecem-vos joyas do gosto, & são insignias do castigo, com que o mundo, que quer triunfar de vds, já vos vai atando ao carro como escravos seus: cuidais por ventura, que viveis muito livres; & muito senhores de vds todo o tempo, que mais soltamente seguís a corrente de vossos vicios? oh cegueira nunca chorada, ainda que sempre vista! Pois sabeis, que em nenhuma outra cousa perdestes tanto a liberdade, & a honra de filhos de Deos, & ainda de homens livres: essas mesmas correntezas, a que vos arrojaes, correntes foraõ, em que vos poz como cativos do demonio o vosso mesmo alvedrio, a vossa propria vontade: todas effoutras solturas, com que vos precipitastes mais desenvoltamente, todos os passos, que destes para o desatino, todas as acçoens, que

obraes para o escandalo, grilhoens foraõ, com que a culpa agora vos sopea; algemas são, com que a maldade hoje vos maniata: & se tantos males se encobrem em qualquer laço da vida; que haverá nos laços da morte, do inferno, & do demonio?

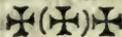
Lá dizia David, que tinha odio á sua alma que amava a mal- ^{Psalms} dade; & o peccado: & em que ^{10. 6.} estaria o odio, que se tinha a sy, quem amava as offensas de Deos? O mesmo David o declara continuando o Psalmo. Tem odio á sua alma o peccador, porque fará Deos chover sobre elle laços, & mais laços, hum mar de fogo, hum inferno de enxofre; & hũa tempestade desfeita de espiritos infernaes; & isto será o que lhe caberá em forte para toda a eternidade: pois como haõ de ser os laços, seu castigo, se os laços foraõ o seu deleyte? Por isso mesmo, peccadores: na mesma moeda com que compraes a culpa, nessa haveis de pagar a pena; quer Deos que vos sirva de teatro para o tormento o mesmo, que vos servio de leyto para o peccado; quer, que acheis a mayor dor, que podeis sentir, naquillo mesmo, em q' achastes mayor gosto para o offender. Porém como são tão longos tormentos por tão breves gostos? Porque tivestes amor á maldade, & ás offensas de Deos:

huns

huns peccados, a que se tem amor, hũas maldades, a que se quer bem, huns delitos, a que se faz adoraçõ, hũas culpas, por cujo amor. nos pomos em odio comnosco, & com o mesmo Deos; oh que hão de chover laços sobre semelhante peccador, que o enredem na morte, ha de descer fogo do Céo, que o sepulte no inferno, ha de ferver enxofre, que lhe abraze as entranhas, & hão de chover demônios, que lhe despedacem a alma!

Oh se trouxera o peccador a morte diante dos olhos, & o inferno no sentido, quem duvida, que com a graça de Deos aborrecera a maldade, que tanto ama; & que com a dor de ter a Deos offendido, rompêra os laços, em que está atado, as redes do seu embaraço, & o cepo da sua prizaõ? Mas se não ha contriçãõ, com que os laços se quebrem, com que as redes se rompão, & os cepos se despedacem, como pôde escapar? A ave grita no laço, porque se vê preza; o peixe busca por donde escape da rede, que o embaraça; o bruto forceja quanto pôde, até cortar o seu mesmo pê para se soltar do cepo: porém se o peccador não clama a Deos, para que o tire do laço, se não procura com diligencia escapar da rede, & se não faz toda a força até cortar por seus appetites, pa-

ra se soltar do cepo; que muito he, que no tempo máo da sua ultima hora morra sem poder clamar, porque tem o nó na garganta; & espire sem se poder desenredar, & tirar do cepo, porque não tem já forças; & muito peyor, que passaro, que peixe, & que bruto, prezo, & maniatado seja levado pelo caçador infernal para eterno pasto das penas, & fogo do inferno. O peccadores, clamai em quanto vos dura a vida; fazei diligencia, & forcejai por vos tirardes de vossos peccados logo sem dilatação, porque ao depois na ultima hora, que pôde ser logo, ainda que clameis, será tarde, & muito fóra de tempo; ainda que choreis, será quando não tendes já remedio: mas como os miseraveis peccadores não atentaõ ao seu fim, que cada instante pôde chegar, como passaros nescios se deixão morrer nos laços do peccado; & como peixes simples acabaõ a vida no anzol da culpa: *Nescit homo finē suum: sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo.*



T O Q U E XVI.

Sapientia hujus mundi; stultitia est apud Deum. 1. ad Corinth. 3. 19.

C L A M O R XVI.

Vimos o que he a ignorancia do mundo; vejamos agora o que he a sua sabedoria. A sabedoria deste mundo, diz Saõ Paulo, he huma pouca de ignorancia; & Santiago lhe chama, terrena, animal, & diabolica: he a ignorancia, & necidade a sabedoria do mundo, porque escolhe o máo, & deixa o bom, prefere o peyor ao melhor; & se nós tiveramos por ignorante quem deixàra muito ouro por hum ceitil, o cobre pelo ouro, os diamantes pelo vidro; como não teremos por ignorante huma sabedoria, que prefere a creatura ao seu Creador? como a não teremos por nescia, se deixa os milhoens de ouro dos bens eternos, pelo ceitil dos tẽporaes? os diamantes da gloria pelos vidros da vaidade? Prefere a sabedoria do mundo a creatura ao Creador, pois, como diz Saõ Paulo, he inimiga de Deos a carnal sabedoria: contrahe se esta inimizade com Deos por aquella rebelião profana, com que os homens por amor do

Jacob.
3. 19.

mundo, fugeitando-se às suas leys, rompem os vinculos da ley Divina, Natural, & Ecclesiastica; & como a razaõ corrompida, para que abrace a vontade esta sua perdição, lhã répresentta fermosa, daqui nasce, que deixando a Deos pelo mundo, o eterno pelo caduco, temporal, & transitorio, se mostra nescia no que escolhe, ignorante no que sabe, terrena no que busca, animal no que apetece, & diabolica no que obra; Que sabe, quem não sabe escolher? Que sabe, quem não sabe emendar-se? Que sabe, quem salvar-se não sabe? Saber todas as artes do mundo, & não as do Ceo; saber todas as ciencias da carne, & não as do espirito, he ignorancia pura, he desatino com brancas, & hũa tontice caduca: que aproveita saber para outros, quem não sabe para sy? He como os que cavaõ nas minas, que enriquecendo os outros, se ficão pobres, morando em trevas, vivendo em trabalho, & morrendo em angustia. O mortaes, a verdadeira ciencia he estudarmos muito em que nos ignoremos todos; he pôr todo o nosso cuidado em ignorar quanto ha no mundo; he o saber, que somos nada, que para nada prestamos, que nada podemos, & que devemos desejar, que de todos sejamos na conta, & reputação de nada.

Potem como Deos costuma destruir, & arruinar as maquinas da humana sabedoria, ou com aquellas cousas, que não tem ser á vista dos homens, & são vil desprezo da sua zombaria; ou com as suas mesmas artes, & fundamentos: não servem ordinariamente as fabricas da prudencia humana, que de ser artifices da sua ruina: como aquelles, que lavrao minas, ou trabalhao em abobadas grandes, que cahem sobre elles por senão haverem ajustado bem com as regras da verdadeira architectura. Isto nos deu a entender o mesmo Apostolo, quando dividindo a sabedoria em prudencia da carne, & em prudencia do espirito, desta disse, que era vida, & paz, & daquella, que era morte, & guerra: he morte a sabedoria mundana, porque assim como o gusano em toda a sua vida não faz outra cousa mais, que lavar a sua sepultura: assim esta sabedoria caduca não obra nada mais, que forjar as armas, que lhe hão de dar a morte, & tecer os labyrinthos, que hão de ser a sua perdição: he guerra continua da vida, porque em batalhas perpetuas de discursos, & em maquinas de novidades com baterias da malicia anda descõpondo a ordem, & a paz da natureza para medrar de fortuna, sem ter por impedimento digno de reparo o dano, & perjuizo do

proximo, a queda do igual, o precipicio do mayor, a confusão de todos, & a offensa de Deos: & daqui vem, que acudindo o Ceo pela sua causa, a terra pela sua vexação, & o mundo pelo seu mesmo engano, ainda no mesmo mundo vem a parar em estrago, & assombro de sy mesma, toda esta prenhêz de monstruosidades, que para o espectáculo das gentes foy embriação de quimeras, aborto de abominaçoens, & parto de perversidades. Ao contrario d isto, he vida, & paz a sabedoria do espirito; porque não querendo cousa algũa das glorias do mundo, he como a materia celeste, que não tem contrarios, feita alchimista ao divino de tudo faz ouro; porque conhecendo, que os bens, & os males vem todos da poderosa mão de Deos, não tendo por mal mais que as offensas de Deos, & do proximo, nos bens dá graças a Deos, porque sabe, que os não merece; nos males tambem o louva, porque conhece, que os merece mayores: isto se pôde fazer facilmente; porque assim como a prudência carnal só da carne trata, a prudencia espiritual só do espirito cuida: fundase no temor de Deos; que he principio da celeste sabedoria; & enca-minhase toda ao amor de Deos, que he fim ultimo de nossas almas: tanto pelo temor, & amor de

Ad
Ro-
man.
8. 6.

de Deos devem começar, & acabar as nossas acções, que sem olhar estes dous extremos, nenhuma acção nossa pôde ser formosa virtude; mas como a malicia infernal, que nos inficionou a primeira graça; não desconfiou sem nos fazer recahir nas segundas culpas, desde a meninice dos séculos começou com o amor do mundo a destruir o amor, & o temor de Deos, introduzindo na razão já viciada tantos dogmas, & regras da falsa sabedoria, que ennevoado o entendimento humano cõ suas escu-ridades; não pode enxergar a luz do Sol da sabedoria verdadeira, que quando rompe as trevas do nosso cego engano, faz com o divino influxo, que o terreno seja celeste, o caduco immortal; & o homem semelhante a seu Deos.

Querendo pois a malicia de Satanàs não só apartarnos do Ceo, & precipitarnos no abismo; mas ainda em odio de Deos bemquistarnos os venenos, que nos tirão a vida da eternidade, & authorizar as idolatrias de nossos interesses, vestio de tal forte a peçonha de caricias, & o dano de lisonjas, que fabricada a ignorancia com os incentivos do gosto; namorada a sensualidade das apparencias do deleyte; fez iguaria do peccado, & vangloria da perdição; como se somente no prato da malda-

de estivera só toda a felicidade da vida. Lograda esta primeira industria, foylhe facil ao demónio coroar a obra de sua maligna perversidade; porque achando a begueira humana tanto da sua parte os imperios do alvedrio, não reparou atrevidamente em profanar a razão; & enxovalhar o desengano; antes perdido já o decora a toda a magestade d'alma, facultáraõ os sentidos terrenos o jugo do superior dominio, & desenfreado pelos campos da profanidade a licença do apetite; fartáraõ de viboras a malicia; & de escorpioens a natureza. Não pararam ainda aqui os excessos do desatino; pois cospindo no rosto à verdade, & metendo debaixo dos pés as virtudes, as despiram daquellas decencias, com que a veneraçam as orna; & em seu agravo, dando authoridade aos vicios, os adornáraõ daquella pompa, que os faz illustres, para que a estimaçam persuadida pelos olhos, pelos ouvidos, ou pela fantasia; não só os respeitasse esplendidamente servidos, mas canonizados do aplauso, os venerasse.

Paleados pois decorosamente os semblantes de seus delictos, variáraõ de figura, & de nomes; & com esta investiva se começaram a fazer bom lugar todas as maldades: a soberba em figura de honra, se chamou brio;

a vaidade em trajo de necessidade, se chamou honra; a avariza com capa de cautela, se chamou prudência; a ira com vestido de razão, se chamou valor; a lascivia vestida de deleyte, se chamou galanisse; a gula trajada de urbanidade, se chamou grandeza; a inveja vestida de diligencia, se chamou emulação; & a preguiça com vestido de virtuosa, se chamou bondade. Feita deste modo a sabedoria profana hidra de sete cabeças, & armado-as contra Deos todas, começou por outras tantas bocas a derramar a pestilencia de suas entranhas, com q̄ se acabou de inficionar a terra, não só mordida cõ os dentes infestos de tantas heresias, mas ainda viciada com o bafo pestifero de seus alentos, taõ nocivos aos usos da razão, aos costumes da modestia, ao direito das gentes, & á sociedade humana; sem que os Hercules da verdadeira doutrina, que á lume de palhas pudèraõ consumila, queiraõ mais, que cortarlhe as cabeças, de que outrás se multiplicação. Nestes males, q̄ temfeito aos homens a sabedoria mundana, se deixa ver, quaõ diabolica, quaõ inimiga, quaõ terrena, quaõ animal, & quaõ nefcia ella he; pois ainda que na aceitação dos perversos valha tanto o seu engano, se não faz mais, que estudar na sua vangloria para ca-

hir no seu castigo: se corre ao inferno com mais sede de condenarse, do que os bons tem de não perderse: que lhe aproveita a ostentação com que se despeinha, se isto não serve mais que de acrescentar o ruído, & a põpa á ruína, affopros aos incendios, testemunhas á ignorancia, & aos deleytes a pena?

Oh com quanta razão neste seculo mais, que nos passados, pudèra o outro Sabio de Athenas andar com huma tocha accesa ao pino do meyo dia vendo se encontrava algũ homem, q̄ fosse se sabio! Muitos sabios do mũdo, no mundo se encontraõ a cada passo: encontrar seha, ainda que raras vezes, hum Monarca, hum Rey, que saiba governar a sua Monarquia; o seu Reyno pelas leys da justiça; muitos Principes, & Senhores, que saibam governarse pelas leys da politica; muitos homens particulares, que saibaõ governar as suas casas pelas regras da providencia; muitos homens de negocio, que saibaõ juntar muita fazenda pela ordem de adquirila; muitos soldados famosos, que saibaõ dispor batalhas, governar exercitos, & defender praças pelas leys da milicia; muitos julgadores, & ministros de justiça, que saibaõ conforme seus regimentos dar conta de seus ministerios; muitos pilotos, que sejaõ peritos na arte de ma-

rear; & muitos outros homens peritos em suas artes, & officios: mas oh miseria! quão raro he o encontrar hum Monarca, Rey, Principe, Senhor, pay de familias, homem de negocio, soldado, julgador, piloto, ou qualquer outro official, que sabendo do mundo muito, se saiba governar pela ley de Deos, pelas regras da razão, & pelos dictames da consciencia! Que te importa sabio do mundo saber do mundo, & da terra tudo, se de Deos, & do Ceo não sabes? Pela ciencia, que te perde, te desvelas; & pela que te póde salvar não dás hum passo? Em saber viver com o mundo te occupas; & em saber viver com Deos, & contigo, te não causas? Na vida temporal, & caduca poens os teus cuidados; & na morte, que te espera com hũa vida, ou perdição eterna, não poens o sentido? Em conservar a vida do corpo corruptivel só estudas; & em recuperar a vida d'alma immortal, que perdeste peccando, não estudas? Que he isto ó peccadores, senão a mayor cegueira, a mayor locura, o mayor desatinho, & a mayor ignorancia do mundo? E por isso diz o Apostolo; que a sabedoria dos mundanos he hũa pura ignorancia: *Sapientia hujus mundi, stultitia est apud Deum.*

T O Q U E XVII.

*Homo nascitur ad laborem;
& avis ad volandum.*

Job 5.7.

C L A M O R XVII.

Mostrase como a vida de qualquer estado he trabalho: & como o trabalho por amor de Deos he regalo.

OU seja das mãos, ou do entendimento, nasce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: nasce para trabalhar o Rey, & he mayor trabalho o cetro, que o cajado; porque póde o rustico depor o arado, o soldado a espada, o escrivo a pena; só não póde tomar o sono sobre a ponta de hũa bastão agudo aquelle olho sempre vigilante, em quem figuravaõ os Egyptios a obrigação dos Reys. He carga, & não isenção a Monarquia; porque tambem he pezo, mais que Magestade, a Coroa; sobre seus hombros ha de trazer as insignias de seu trabalho, & sobre sua cabeça as de seu martyrio, quem trouxer, ainda que seja por zombaria, as insignias do Imperio. Logo que a Christo lhe chamaraõ Rey, não só lhe fizerão gravame da coroa, mas puzeraõlhe ás costas

Marth
27. 29

o Prin-

o Principado; nem ainda por escarneo gozou na terra a regalia do título, sem que o Principado fosse Cruz, a coroa, espinhas, o regalo, fel, & vinagre, & a vida, hũa morte.

Nasce para trabalhar o Principe, o Grande, & o Ministro, & ainda q̄ lhe fingio a fortuna o trabalho mais alegre, não pode desmentir-lhe a fadiga, & o desvelo, com que devem, como atalayas sobre a câpanha, estar de acordo para a cautela, assim como estão em mayor altura para a mayoria. Sô a Pedro, que havia de ser Principe da Igreja, Grande no Ceo, & Ministro do Evangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicçoens do Horto: não o perguntou ao Evangelista, que o amava tanto, com ser condição do amor o não dormir muito; donde se deixa ver, que he mais disculpavel o descuido, & o descanso no amor, que no ministerio.

Nasce para trabalhar o Prelado Ecclesiastico, secular, ou Religioso, porque havendo de ser piloto da Náo da Diocesi, ou da Religião, que cruza ondas inquietas com Ceos turbados, ventos contrarios, & noite escura, necessario he não dormir, antes estar áleria, & ver de longe as tempestades, por não ariscar com hum só descuido, a que se percaõ todos com naufragio miseravel no mar do m̃-

do, (como lhe chama o Cardeal Hugo) que se incha por soberba, escuma por lascivia, brama por indignação, & se move com qualquer leve vento, que o desenquieta. Hum breve espaço, que, a nolló modo de falar, se descuidou Christo, pois se deitou a dormir sobre as ondas, se atrevêraõ ellas a que erçoobrar toda a Igreja, de que a barca de S. Pedro era figura.

Nasce para o trabalho o General, o Cabo, & o Soldado, porque em vida, que he guerra, morte ha de ser qualquer descanso, que do seu poder se fia. Fechou os olhos Holofernes no meyo do seu exercito, & hũa mulher, de que não fazia caso, mais que para o seu gosto cego, com ser figura da fragilidade, & da fraqueza, lhe tirou a vida. Nasce em fim para trabalhar o nobre, & o plebêo, ou plebéa, ou nobremente; & em se furtando a natureza a esta pensão do peccado, logo os ocios a entregão á mayor servidaõ, que he o jugo do vicio. Ainda Eva no Paraíso não havia viciado a natureza com a culpa da desobediência a Deos, & por isso a não ligava ainda a pensão do trabalhar; & com tudo isso, porque se poz hum breve espaço ociosamente a conversar com o demonio, fez encorrer a todo o mundo na escravidão da culpa, causa do trabalho do homem, &

Isai. 9.
6.

Hug. |
C. in
Luc. 5.
in
Princ.
moral

Matth
8. 24.

Judith
13. 4.

Marc.
4. 37.

Gen 3
per tot

da maldição da terra : tão grãde mal nasceo da primeira ociosidade do mundo, que não somente ficou por ella, como em herança, ao homem ser trabalhador toda a vida; mas ainda esta Gen. 3. 18. pensão da culpa obrigou ao mayor, & ao primeiro homem do mundo a roçar espinhas, & a brolhos, feito trabalhador vil, & homem de ganhar miseravel aquelle mesmo, que criado para o fim sobrenatural da gloria tivera o mesmo Deos por Pay, & Amigo; por Palacio, o Paraíso, por imperio, o mundo todo, & por vassallos, todas as creaturas sublunares; & não parando aqui a miseria do homem, quiz Deos mostrarlhe que só elle havia de trabalhar na terra, de que nasceo senhor, & nenhuma outra creatura, salvo arrastada da violencia, ou atrahida pela industria se fugeitasse ao trabalho para ajudar o homem a soportar a sua pena, & a remediar a sua miseria, & necessidade.

Esta foy a pena que a todos os humanos abrangeo, por não querer o homem trabalhar por servir a Deos, que se servira a Deos o homem, vivéra sem trabalho; porque o trabalhar por amor de Deos, ou he trabalho fingido, ou fadiga muy alegre, ou canção muy amavel. Vós Senhor, dizia David a Deos, parece, que no preceito fingis trabalho: mas se o preceito he jugo

da liberdade; se não ha mais pezado jugo, que aquelle, em que hũa vontade livre não ha de parecer vontade, mas fugeição; como fugeitandose o alvedrio ao trabalho do preceito, que he cativo, parece fingido o trabalho? Ora se reparades bem nos preceitos da ley de Deos, vereis, que huns são negativos, & mandaõ, que não façais nada; outros são positivos, & mandaõ, que façais alguma cousa: os que mandão, que nada façais, mandaõ, que não trabalheis; & no mais penoso trabalho, com que se colhe de fruto o inferno; os que mandam, que façais alguma cousa, ou vos mandaõ amar a Deos, ou ao proximo: se pois o trabalho do preceito, ou he não fazer cousa alguma, ou he servir amando, quem duvida, que ou he fingido o trabalho do preceito, ou fadiga alegre, ou canção amavel? He trabalho fingido, porque he gosto com semblante de trabalho; que como diz Santo Agostinho, o trabalho dos que amão, de nenhum modo he pezado, mas antes he deleytozo; como ainda no trabalho dos que andão á caça, & outros semelhantes, mostra a experiencia ao gosto; porque no trabalho que se ama, ou não se trabalha, ou o mesmo trabalho se ama. E São Bernardino diz, que aonde ha amor, não ha trabalho; mas gosto, &

Aug. tom. 4 lib. un. de bono vi. duit. cap. 21 in fine Bern. tom. 1. sup. Cant. Serm. 85. in med.

Gen. 3. 18.
Palm. 93. 20.

suavidade: & por isso he fadiga alegre, que está tão longe de affligir, que antes costuma deleytar, he canção amavel; porque agrada; de não vede o trabalho dos caçadores, & pescadores. Trabalha o caçador, pois corre montes, & vales, serras, & outeirbs, passando muitas vezes o dia inteiro sem lembrar-se de comer, nem beber de puro embebedo no gosto, com que trabalha; sendo muitas vezes em vão o seu trabalho: chama á sua fadiga o seu divertimento; & nada lhe parece mais áspero em se affeioando á caça, que não poder andar sempre neste seu exercicio: ama-o, & por isso não sente, antes o deseja. Trabalha tambem o pescador, pois anda por Sols, & por chuvas, por rios, & por mares, por ventos, & por neves, tal vez nú, & desabrigado ás inclemencias do tempo, & ainda assim, anda tam transportado naquelle seu doce engano, que a mesma occupação, que he todo o seu trabalho, parece ser o seu mayor alivio. Deste modo, & muito mais são os que trabalham no amor, & por amor de Deos, não sentem o que passam, antes estimão o que sentem, & amão o que se afadigaõ, & só lhes parece aspero, & rigoroso o não poderem trabalhar mais: taõ soffrego anda, quem llama a Deos, daquillo, com que se affligem outros, que

parece se não farta do seu trabalho, & da sua mortificação, que aos outros enfastia: são como os hydropicos, que quanta mais agua bebem, mais deseão beber, porque humã lhe faz sede da outra: são como as palmas, que quão mais pezo lhes poem, mais alto se levantão; & como o fogo, quanto mais lenha se lhe deita, mayores labaredas ergue: & disto nasce, que ou a fadiga dos que amão he hũ trabalho fingido para ser merecimento, ou hum gosto com feição de trabalho para ser mayor gloria. Por isso dizia o Senhor: Vinde para mim todos os que

Match.
II. 28.
&c.

trabalhais, & andais carregados das miserias do mundo, & achareis descanso para vossas almas; porque o jugo da minha ley he suave, & ainda que he pezo, porque he meu, he muy leve. Porém tão longe andaõ os homens de querer este descanso, que ha muy poucos, que queirão trocar por elle o mesmo trabalho da vida: tudo he trabalhar pela gloria temporal, & bens do mundo, & nada pelos bens do Ceo, & gloria eterna: & por isso, ainda que trabalhão toda a vida, nada achão á hora da morte, mais que afflições de haverem de deixar necessariamente o que não podem levar de seu trabalho; & de não terem trabalhado no que lhes podia

dia

dia servir para aquella eterna jornada: & o que peyor he, vindo, q̄ todo o desvelo, & fadiga do teu trabalho foy para a tua perdiçam, podendo ser, sendo muito mais leve, para a tua salvação. Oh miseravel cegueira, & ignorancia dos homens! Que seja tido no mundo por ignorante, & cego o que trabalha temporalmente para perderse, & não para ganharse! E que havendo tantos cegos, & ignorantes, que todo o seu trabalho empreção em perderse eternamente, haja tão poucos, que se conheção para emendar-se! oh miseria!

Defenganaivos, ó peccadores, que se trabalhareis no serviço de Deos por seu amor, o seu amor vos fará esse trabalho tão suave, que o tendeis pela mayor gloria, & no fim colhereis por fructo do vosso trabalho os bens eternos: mas se por dar gosto ao demonio, & satisfazer vossos desordenados appetites for o vosso trabalho, não só vos será pezado na vida, mas pezadissimo na morte, porque colhereis por fructo delle os eternos males, & a perdição sem fim. Trabalhemos pois em agradar a Deos, & em não fazer o gosto ao demonio; que este he o trabalho, para que nascemos, como a ave para o voo: *Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum.*

T O Q U E . XVIII.

Præterit figura hujus mundi. I.

Cor. 7. 31.

C L A M O R . XVIII.

Tudo o do mundo he mentira, engano, & vaidade.

Dirá alguns, que os não engana a vida, mas que os não defengana o mundo: & eu não sei como he isto, porque os mesmos enganos do mundo são o seu mayor defengano. O mundo inferior, ou o havemos de considerar quanto á materia, ou quanto á fórma, ou quanto á moralidade, ou quanto a nós mesmos, q̄ também somos mundos pequenos. Se consideramos a materia, a primeira materia do mundo foy a causa mais vil, que se pôde considerar; & qualquer uotra materia também he vilissima, porque sempre se fugeita a qualquer genero de formas, que se lhe introduzem, & debaixo dellas, como escrava, variando-se os compostos, serve, não só á mudança, & geração das cousas; mas á corrupção, & estrago das naturezas: a mesma materia, que servio á forma de hũa arvore verde, depois a serve em madeiro seco, logo em carvão negro, dali a pouco em cinzas

mortas, & ultimamente em fumos evaaccidos: mostrando ao nosso defengão, que se antes fazia caso della naquella florente vangloria, aprenda também a não tela, vendo nos fugeitos de mais dura tanta servidão de mudanças, na mudança de hum só fugeito, tão vario transito de fôrmas, & na representaçõ das figuras, tantas tragedias da natureza. Se consideramos a fôrma desta maquina terrena, veremos, que tambem nos defengana quantas vezes nos enganamos com a sua mesma figura: o mundo material, quanto às apparencias todos os annos nasce, & todos os annos morre: cumpre a sua idade dentro de cada hum anno, pois lhe vemos a meninice na Primavera, a mocidade no Estio, a madura idade no Outono, & a velhice no Inverno: tem nos principios suas verduras, & seus vicios, no aumento seus excessos, & ardores, nos estados suas madurezas, & na declinaçõ seus achaques, com que se debilita, & cahe de maduro. Ver como se vestem os campos, como os mares se esprayaõ, como os ares se alegraõ naquella estaçõ aprazivel de sua primeira idade, certo que he muito para ver; parece, que querem remedar ao natural a vida dos que começãõ seu mundo, ou corar lhes ao menos a desculpa, de que assim começem a

vida: mas ver, como no Estio se abrazaõ, como no Outono se carregãõ, & como no Inverno se melancolizãõ, he grande reparo da consideraçõ, que os vio em breve tempo tão outros, & diferentes.

Achaca finalmente a terra, & enche-se de abrolhos, & espinhas; adoece o mar, & inchase com ondas, & escumas; recabe o ar, & sangrase em chuvas, & nevoas; delimayase o fogo, & cahe em rayos, & coriscos: & indo adiante a enfermidade, a terra treme, os mares gemem, o vento chora, & o fogo arde: o fogo, sendo febre dos ares, o ar, sendo tresvalio do fogo, o mar, sendo colica da terra, a terra, sendo quartãa dos mares: de que procede, que o fogo em latidos ardentes, o ar em vãgãdos escuros, o mar em ronos temerosos, & a terra em tremores horrendos, confundindo-se huns com os outros perecem quanto às apparencias, pois o fogo se consome, & não dura, o ar se trespassa, & não cõra, o mar se espedaça, & não cessa, & a terra se mirra, & não cria. De tal sorte se troca, & se muda a superficie mais fermosa de sua efemeral, & diaria figura, que a pouca violencia dos mezes, que inclui o circulo de hum anno, o que era, já não he; o que he, parece q̃ não foy; & o que ha de ser, ainda não aparece; pois des-

pindo-

pindose os elementos da tua mais alegre pópa, arrastão por montes, & nuvens o capuz escuro das sombras, servindolhe de tochas tristes o mesmo lume dos relampagos, as ondas, de eças, os outeiros, de tumulos, os campos, de cemeterio; as pedras, de caveiras; os ramos, de ossos; os troncos, de cadaveres. Se pois com tam varias feicoens passa a figura deste mundo; se deste mundo material a figura desaparece a cada momento; que passa; como deste mundo moral, cuja forma passa mais depressa, vos não passa da imaginação, o que como sonho se goza; & o que como comedia dura?

Quanto á forma deste mundo moral; veja-se a perpetua variedade de figuras: considere-se quanto durou nas Republicas huma forma de regimento, quanto persistio nas familias hu modo de governo, quanto permaneceu nas pessoas hu maneira de costumes, & quanto duroi nos trajes hu forma de vestir; verá, que desde a origem do mundo foy em todas tanta a variedade, quanta no espelho das historias o mostra o discurso do tempo; & como aos olhos da experiencia o inculca o defengano: verá, que tudo se mudou, pouco, de bem, & melhor, & quasi tudo de mal em peyor, & de peyor, em pessimo. As

mais das familias podendo caber nas suas casas; as quizerão fazer Palacios; as mais das Republicas podêdolhes bastar o seu regimento; se quizerão fazer Monarquias: quizerão as pessoas mais fortuna, & deitaraõse a rodar; quizerão as pessoas mais casa, & expuzeraõse a cahir; quizerão as Republicas mais imperio, & deitaraõse a perder: deitaraõse a perder as Republicas, porque o imperio não sofre companheiros; expuzeraõse a cahir as familias; porque os Palacios tem muitos altos, & baixos; deitaraõse a rodar as pessoas, porque na roda da fortuna ha muitas viravoltas: & como em cada huã destas se pôde virar a fortuna; como em cada hum dos altos, & baixos se pôde cahir do Palacio; como em cada hum dos imperios se perde a forma das Republicas; mudado o governo, a Republica se perde, cahindo do Palacio, a familia descahe, virandose a fortuna, a pessoa se vira. Donde se deixa ver, que nem a Republica he o que parece, nem a familia, o que se cuida, nem a pessoa o que representa: porque hum virado, outra figura faz; hum cahido, diversa forma tem; & hum perdido, outro parecer toma.

Eis-aqui como tudo he metira; pois vêdose não se olha; eis-aqui como tudo he engano, pois se ama, & não se sabe; eis-aqui co-

mó tudo he vaidade, pois se busca, & não se conhece: & por isso toda vestida de tramoyas fahê a figura deste mundo a representar de passagem. seu papel: a cavilagaõ a acompanha, a ostentaçaõ a serve, a arrogancia a busca, a cegueira a olha, a lisonja a gaba, a ignorancia a corteja: vendose assistida deste cortejo, diz quanto sonha, córa quanto diz, & finge quanto quer, sabendo, que há de sustentarlhe tudo a valentia, que por ella se mata, o desatino, q̄ por ella se morre, & ainda aquellã razaõ de estado, que por ella endoudece. Faz'em fim a sua comedia com mayor fausto de representaçõens, que de realidades: deitalhe a vangloria a loa, dalhe musica a sensualidade, tocalhe a fama as charamelas, fazlhe a liviandade os bailes, a fortuna os entremezes, & a malicia os enredos: servelhe o engano de galante, o entendimento de bobo, de ayas as adulaçõens, & fazem os demais papeis todos os vicios, & torpezas, que encerra a maquina enganosa da cega perdiçaõ do mundo: & por isso aos mais dos homens mete em cabeça, que não ha mais nada, que a grandeza de seus estados, & fortunas, de seus deleytes, & vaidades: & tudo bem considerado, he lume de palhas, barcos de papel, castellos de vento, que o ar, que os fez, os desva-

nece, que a agua, em q̄ andão, os trespassa, & a luz, que ceavam, as conforme: sendo tudo hum descuido d'alma, para ser cuidado da vista. Mas que ha de ser, senão isto? Se aquelle parecer ayroso da mentira, que nos arrasta pelos olhos a liberdade, tem hum carão tão fino, huma feiçaõ tão boa, hum geito tão amavel, hum imperio tão doce, huma força tão suave, que perdida a mesma razão pelo seu engano, não só nolo mete em cabeça, mas em cima disto quer, que para o metermos n'alma lhe façamos o passadiço pelo meyo do coração.

O' mortaes, que outra cousa he o mundo, senão hũa pintura de Paizes, que o melhor, que tem, são os longes? Estar muito longe d'elle, he a melhor cousa do mudo: porêm vós o vedes tão mal, que vós namorais do peyor, pois lhe gabais os pertos; ponded-vos perto d'elle, & deitaif-vos a longe, porque vos pondes longe de Deos: deixais a substancia, & buscais a figura, sendo tão fraca figura, que a derruba qualquer sombra: & como andais tão aparrados daquella imensa fermosura, de quem he sombra o Ceo, & a terra, parecevos que não ha mais que ver, nem mais que desejar: oh se tivereis olhos para ver isto, como os tendes para cegar por isto, que depressa enxergareis, que

que não a figura deste mundo he tudo mentira, engano, & vaidade; mas que também vós mesmos, que sois mundos pequenos, sois semelhantes a elle! E para que vejais isto claramente, entrará a vossa figura a fazer também o seu papel; que a do mundo passa, & dá lugar para illo: *Præterit figura hujus mundi.*

T O Q U E XIX.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miserijs: qui quasi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem statu permanet. Job 14. 1.

C L A M O R XIX.

Trata-se da multidão de misérias, que fazem a natureza humana vilíssima.

O Homem nascido da fragilidade (dizia o Santo Job) vivendo breve tempo, se enche de muitas misérias: como flor nasce, & como flor se murcha: como sombra apparece, & desaparece como sombra: quer sempre ser o mesmo, & nunca permanece em hum mesmo estado: gera-se em podridão, nasce em peccado, vive em miseria, morre em angustia; desde o começar ao nascer, desde o nascer

ao acabar, tudo são misérias na vida, tudo mudanças no homem: tudo são misérias na vida; porque o ventre he trevas, o berço, pranto, a meninice, ignorancia, a mocidade, cegueira, & engano, a adolescencia, vicio, a madura idade, ambição, & a velhice, enfermidade: tudo são mudanças no homem, porq̃ hoje moço, á manhã velho, agora triste, & depois alegre, hũ tempo são, outro doente, hum dia irado, outro sofrido, já ditoso, já desgraçado, ora peccador, ora arrependido, nunca pára no mesmo estado; cousa de tantas mudanças, figura de tantas formas, todo o mundo a não tem: & sobre tudo isto, se empregou mal o tempo da vida, tem morte para cada hora, juizo final para logo, mundo para nunca mais, & inferno para todo sempre.

He gerado o homem em podridão; para que desde as manilhas, em que o envolve o ventre, aprenda a ser hum desprezo de sy mesmo, hum desengano dos outros, & hum dissabor de tudo o que estima a vã profandade; porque se o melhor extremo da vida he hum asco da consideração, & hũ nojo da natureza; que será aquelle extremo ultimo desta vivente corrupção, que se resolve em cinzas mortas, em mortaes fedores, & em gusanos vivos? Se

pois assim começaõ os de melhor geraçãõ: se o Grande, o Principe, o Monarca não tem melhores principios, que estes; & estes são a materia, & fundamento de todo o ser humano; quem he tão nescio no mundo, que faça caso de hũa vida, cujos principios são defenganos de conservarse, pois sam começos de corromperse? & ainda mais, pois são hũa corrupçãõ cõsummada? A vida dos racionaes havia de ser como a flor: a flor em quãto vive dõnde nasce, parece q̃ não tira o sentido do seu principio; se para o ar mostra a cada pompa da sua fragilidade verde, entre todas as presunçoens de sua gentileza vãa não larga a apreheensão do seu nascimento; & nisso consiste toda a sua conservação; porque quem a aparta da terra donde está enterrada, está tão longe de lhe fazer beneficio; que antes lhe diminue a duração, desdouralhe a gentileza, & tira lhe totalmente a vida. Oh se os homens não tirãraõ os olhos da origem de seu nascimento, que facilmente, com a graça de Deos, florecerãõ em santidade; mas como cortãõ as raizes da humildade com o cutello da soberba, he força, que toda a flor da virtude não só se murche, se desdoure, & não dure; mas que totalmente pereça.

Nasce em peccado o homem;

para que vendose escravo da culpa, abata a roda vãa da quella soberba, que lhe fingio jurisdiçãõ sobre as outras creaturas; & saiba, que nasce cativo, & fugeito a hũa cousa tão vil, como he o peccado, que não he creatura de Deos, senão feita a dos homens; & daqui se levantem a considerar os mayores homens do mundo, que para ter dominio justo sobre os outros, devem entregarse primeiro ao senhorio, & impetio da razão; & resgatar-se pela graça de todãs as outras escravidõens, em que os meteo o vicio, depois que o uso da razão, devendo amanhecêr-lhes com a luz do Ceo, se quiz ficar às escuras com a sombra da terra.

Vive em miseria o homem, porque nada tem no discurso da vida, por mais feliz, que seja, senão huma continua miseria, ou hũa necessidade continua: o que se julga bizzarria, o que parece deleyte, & o que se estima por felicidade, são tudo grandes miserias da vida, & grãdes necessidades do homem. Para sustentar a vida he necessario ao homem comer, beber, vestir, calçar, dormir, & negociar; tem-se por regalo o comer, por bizzarria o vestir, por deleyte o dormir, & por felicidade o negociar; & todas estas cousas são necessidades da vida, q̃ não pôde passar sem isto; & são mi-
serias

ferias tambem, porque miseravel he, quem tem tantas necessidades: & a mayor miseria he sobre todas, que chegue a ignorancia humana a ter por felicidades estas mesmas miserias; pois se não tem por ditoso no mundo, mais que aquelles homens, que tem bem que comer, que sabem vestir bem, & que podem mais dormir, & sabem mais negociar: são todos estes bens misérias, & necessidades, pois vemos que a natureza faminta, sequiosa, nua, affligida, & trabalhada pede ao homem, como por esmola, o sustento, o vestido, o sono, & a providencia, com que se tem cuidado della: & esta he a causa, porque os Santos, & contemplativos tomavão com pena o que lhe era necessario, & desejavaõ sustentar-se de Deos, vestir-se de Christo, sonhar com Deos, & negociar só cõ Christo crucificado, para cuja gloria nascemos; tendo por vil emprego, & exercicio miseravel o mayor regalo, com que se come, & bebe; por vaidade indigna de homem a pompa, com que se veste, & calça; & por tempo perdido o que se dorme, & negocia no mundo: & com grande razão; porque o comer foy occasião do peccado, o vestir foy insignia da penitencia, o dormir he figura da morte, & o negociar foy castigo da culpa: & não pôde haver mayor

miseria, que chegar o esquecimento, & vaidade humana a fazer negocio do castigo da culpa, deleyte, da figura da morte, ostentação, & gala, do fambenito da culpa, regalo, & gosto, da occasião do peccado. Devia o comer, & o beber ser sómente para o sustento; & não para o regalo; devia ser o vestir, & o calçar para cubrirmos, & não para enfeitarnos; devia ser o dormir para o descanso, & não para o deleyte; & o negociar devia ser para o necessario, & não para o superfluo: devia ser menos o negociar, porque se he mais do que basta parã passar a vida, passa a ser ambição, & não providencia: devia ser menos o dormir, porque sendo demasiado; he vicio, & não necessidade: devia ser outro o vestir, porque sendo como se usa he vaidade, & não modestia: devia ser menos o comer, & beber, porque sendo mais do necessario, he gula, & não temperança: se o comer he muito, & exquisito, não só he estrago das virtudes, mas tambem da vida; se o vestir he vaõ; não só he queixa do costume, mas da natureza; se o dormir he demasiado, não só he nocivo á salvação, mas á saúde; se o negociar he superfluo, não só he arriscado para a consciencia, mas para a pessoa: eis aqui como tudo he miseria, & digno de lastima, & nesta miseria

scia vive o homem ainda assim, tão esquecido da eterna vida; como se vivêra já bemaventurado: certo, que he miseravel espectáculo para a vista da razaõ, vêr. que o homem criado para o fim sobrenatural da gloria, ande arrastando o ventre pela terra, sendolhe necessario parecerse com os brutos no alimento da natureza; nascer mais nú, & pobre q̃ os brutos, a quem a natureza naturalmente não só vestio, mas armou; parecerse no sono com a morte, & no negociar, ou com aquellas aves de rapina, ou com aquelles animaes agrestes, que cruelmente apartados da sociedade da razaõ vivem da destruição de outros; porê m a mayor miseria de todas; he chegar a tal estado a ignorancia humana, & o esquecimento, que destas mesmas misérias, em que parecemos menos ditosos de quem teve mayor cuidado a providencia, fação os homens a sua mayor, & ultima felicidade.

Além disto, todos os bens, que pôdem haverse nesta miseravel vida, ou são da graça, ou da natureza, ou da fortuna: os da fortuna são a honra, a ventura, as riquezas, & as dignidades: os da natureza são o entendimento, a valentia, a saude, & a gentileza: os da graça são Fé, Esperança, & Amor de Deos, & do proximo: se con-

siderarmos os bens da fortuna, veremos, que todos elles tem a miseria de depender da vontade, ou juizo de outrem; se repararmos nos bens da natureza, veremos, que tem a miseria de perigar em sy propios; se contemplarmos nos bens da graça, veremos, que tem a necessidade, de que Deos nos conserve nelles: de que se segue, que os bens da natureza, & fortuna são hũa pura miseria, mas com hũa grande dita, que he valerem pouco mais de nada, & fazerse muito caso delles; & os bens da graça são só verdadeiros bens, mas com huma grande desgraça, que quem os pôde ter, não quer, quem os quer, presume que os tem, ás vezes se engana: por isso tambem nas incertezas dos bens da graça, se se gozam sem humildade, se padece a mayor de todas as misérias; porque cahir dos bens da fortuna, miseria he para o mundo, mas ás vezes he caminho para o Ceo: descahir dos bens da natureza, miseria he para a vida, mas quasi sempre he meyo para a salvação; porê m perder os bês da graça he a mayor de todas as misérias, que pôde padecer o homem, pois de amigo de Deos se torna seu inimigo: de filho de benção, filho da maldição: de Anjo por graça, demonio pela culpa: & de herdeiro da gloria, condenado ao inferno.

De

De mais disto, todos os males, que pôde haver no mundo, ou são também da culpa, ou da fortuna, ou da natureza; & todos estes juntos pôde padecer hum só homem, & cada qual os pôde ter; porque aos da natureza estamos sujeitos por natureza, aos da fortuna, por desgraça, aos da culpa, por nossa culpa, & por nossa vontade: os males da natureza são tribulaçoens do animo, fomes, sedes, calmas, frios, defabrigos, & enfermidades; os da fortuna, são voltas de Estrellas, quedas da ventura, desdouros do credito, riscos da pessoa, desprezos do mundo, & pobreza da vida; os da culpa são quaesquer peccados, & não quaesquer castigos, ou eternos, ou temporaes; pois não tem a culpa outro bem, que ter castigo, ou neste mundo, ou no outro. Eis-aqui as miserias, a que estão sujeitos os homens; & tudo isto pôdem padecer os mayores homens do mundo, não só nas declinaçoens da morte, mas ainda nos estados da vida, & nos aumentos da fortuna: taes são as miserias do homem, q̄ parece hum só homem, hum mundo inteiro de miserias.

Finalmente morre o homem em angustia, porque o cercaõ de toda a parte na hora da morte todas as miserias, que teve, todos os peccados, q̄ fez, todos os males q̄ teme, & todas as cousas

que vê: a vida o deixa despedindo-se em hum suspiro, a morte o assalta a cada respiração tocandolhe a degollar, o Ceo o atemoriza negandolhe a luz do dia, o ar o afoga tomandolhe a respiração; a terra o quer comer abrindolhe a sepultura, o inferno o quer tragar metêdo o nas entranhas; & sobretudo isto, Deos irado, & não misericordioso, & o demonio accusador, não amigo, os Anjos testemunhas, mais q̄ advogados, os Santos expectadores, mais que padrinhos, fazem huma dissonância triste, que he outro genero de morte mais temeroso, & mais horrendo. Morre em fim miseravelmente o homem, & se dalli não foy condenado para os carceres do abismo, ainda tem castigo no Purgatorio; se foy cõdenado, nenhum remedio tem, vai padecer para sempre fogo perduravel, penas eternas, confusão infinita, & eternidades escuras de pranto, tormento, & desesperação: mas que muito he, q̄ assim succeda, se cada hum dos homens do mundo parece hum mundo de maldades?

Compoem-se o mudo de quatro elementos, que são ar, fogo, agua, & terra; & estes de quatro qualidades, seco, quente, frio, & humido; de que também se compoem o homem nos quatro humores, de que cõsta a sua porção inferior: corres-
ponde

ponde a colera ao fogo no quente, & seco; accommodase o ar ao sangue no quente, & humido; reduz-se a agua á fleima no humido, & frio; conformase com a terra a melancolia no frio, & humido; porém com huma differença, que não contentes os homens com imitar estes mixtos na natureza para sua conservação, quèrem moralmente multiplicarlhe as entidades para sua ruina: porque no fogo da concupiscencia tem o ardente da ira, & o seco da obstinação; no ar de suas vaidades tem o calido da sensualidade, & o humido da lascivia; no mar de suas ambiçoens tem também o humido da gula, & o frio do amor do proximo; na terra de sua malicia tem o seco da sua avareza, & o frio no amor de Deos: de que procede, que inflâmadoselhes a colera em raios, & coriscos de ira, & em cometas de obstinação; apodrendolhes o sangue em calor de sensualidades, & em chuveiros de lascivias; gastando a fleima o bom humor em tempestades de gula, & em friezas de proximidade; cerrandoselhes a melancolia em esterilidades de avarezas, & em sequidoens de amor de Deos; o fogo os vem a consumir com securas de coração, o ar lhes quer beber o sangue com cerraçoens de espirito; o mar se altera contra elles em

tormentas do corpo, & a terra lhe fuge dos pès com terremotos d'alma: já se o sangue só lhes fervera na primavera da vida; se a colera se lhes acendèra no estio da mocidade; se dominára só a fleima no outono da madura idade; & se reynára a melancolia só no inverno da velhice; disseramos, que neste mundo breve se dava ao tempo, o que he do tẽpo; mas confundir os annos verdes com a idade madura, misturar os usos de moço com os tempos de velho, o frio com o quente, o seco com o humido, que ha de causar, & produzir, fênão hũa prenhez de monstruosidades, hum embrião de quimeras, hum aborto de perversidades, & hum aborto de abominaçoens? Querendo cada hum ter em sy mesmoutudo, quanto tem o mundo, quando não pôde ter o proprio, quer ter as propriedades: não ha soberba nos montes, altiveza nas nuvens, presteza nos rayos, profundidade nos pègos, correnteza nos rios, murmuracão nos regatos; de que se não vistão seus animos cavilosos: menos folhas tem as arvores, menos variedade as flores, menos dureza as pedras, menos ruido os ventos, menos braveza as ondas, que a vaidade, & presunção de cada qual dos homens: poucos foraõ em fim os numeros, & os effeitos das creaturas, se ouveramos de

numera os vícios da miseravel vida humana; por isso não ha mal na terra, reboição no mar, batalha nos ventos, & desconferito no fogo, que não seja castigo, ou retrato breve, ainda que natural, da guerra viva, em que anda o homem dentro de sy mesmo.

O mortaes, quereis saber isto melhor? olhai para vós, & para o mundo, & vereis que de mûdos de homens, que multidoens destes mundos se tem ido para os infernos, por não cuidar mais que no mundo? Trataes de vós, & não de Deos, como se o não ouvera? Trataes da vida, & não da morte, como se nunca se vira? Trataes do gosto, & não da salvação, como se não importára? Pois em que póde isto parar, senão, em que vendo Deos confundida a ordem natural das cousas, & toda a carne corrompida, não só mande sobre cada hum destes mundos hum diluvio de agua, que vos apague na morte tantas sensuaes labaredas; mas hum diluvio de fogo, que nesta miseravel tragedia vos converta em pó, & cinza, & vos sepulte nos infernos? & então conhecereis, que o homẽ he huma fraca figura, filho da fragilidade, compendio da brevidade, cifra de muitas miserias, symbolo da inconstancia, & negaçam da permanencia: *Homo natus de muliere; brevi vivens tempore, re-*

pletur multis miserijs: qui qua-
si, &c.

T O Q U E XX.

Homo, cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis. Psalm. 48. 13.

C L A M O R XX.

Mostrafe, que cousa saõ as honras do mundo, & quanto caso se ha de fazer dellas.

A Honra, que entre os homens tem o primeiro lugar, & o mayor imperio na sua estimação, não sei, que traz consigo, que nos deita a perder o entendimento. Tanto que o homem se vio com honra (diz David) perdeu o entendimento, & tornou se bruto: perdeu o entendimento, porque não entendeu, que cousa era honra, nem soube distinguir as honras da virtude, das honras da vaidade: o que os mundanos chamão hõra, chamão os espirituaes vaidade: trabalham os mundanos por esta vaidade, não só consumindo a fazenda, mas arriscando a vida, perdendo a quietação, destruindo a paz, inquietando terras, atravessando mares, & sobre tudo desprezando a salvação. As

As virtudes, ou são moraes, ou sobrenaturaes; as vaidades sempre são mundanas, & peccaminosas: as virtudes sobrenaturaes são verdadeiras honras, porque nos fazem ser filhos de Deos por graça, que he a honra, com que nos coroa Deos na gloria. As virtudes moraes, tambem são honra de quem as tem, porque Deos favoreceo sempre as virtudes moraes, atè em aquelles, a quem faltou a Fè, como se vio no Imperio Romano. As vaidades não pôdem ser honras mais que de outras vaidades; como huns erros de outros erros, que são menores; & como huns idolos, de outros idolos, que tenham preferencia quanto ao nome, & ao lugar, que lhes dava a gentildade: & como não ha vaidade, que não seja offensa de Deos, fazer honras às offensas de Deos, he adorar as offensas, & não fazer caso de Deos. Porém como nesta vida se honraõ as vaidades, & se honraõ as virtudes, & nisto se comprehende tudo; bem se segue, que todas as honras, que ha nesta vida, ou são honras da virtude, ou da vaidade.

As honras da virtude são como as misérias, que então são mayores, quando se fazem mais baixas: são como as nuvens, que descem ao mar, abatemse, & fazemse muito pequeninas;

& alli donde mais se abatêraõ, começaõ a crescer tanto, & a subir de maneira, que depois de encher a terra de beneficios, enchem o Ceo de grandeza. As honras da vaidade são como figuras de maquina, que tanto se fazem mais pequenas, quanto se poem mais altas: são da natureza das nuvens, que correm pelo ar, que ainda que parecõ grande cousa, dalhes o ar, levaaas o vento, & metê-as debaixo da terra. Sede mortaes, quaõ honrados quizeres; pondevos na mayor altura, que vos podem dar essas honras vans; que então menos haveis de parecer aos olhos de Deos, & mais tereis para cahir: *Alra á longe cognoscit;* & por fim de contas ainda que cubrais o Ceo, & enchais a região dos ares com vossas grandezas vans, & fantasticas pompas, darvosha o vento da morte, & não só vos meterá debaixo dos orizõtes da terra, mas dentro da sepultura: olhai para aquelles homens justos, qandáraõ toda a sua vida defestimando as honras do mundo, metendo debaixo dos pés as suas vaidades; mais ambiciosos do desprezo, q vds das honras; & vereis as que o Ceo, & a terra lhes deu por isso, atè quando, metendo-os a morte debaixo da terra, os reduziõ a poucas cinzas: & a razão disto he; que as honras da virtude, quando levantaõ o seu

Psal. 137.6.

edifício, põem o fundamento na humildade, de quem Christo foy Mestre; as honras da vaidade fazem seu alicerce na soberba, de quem Lucifer foy o architecto: fundase a soberba no ar, & por isso cahe; fundase a humildade na terra, & por isso se assegura: esta metendose por baixo da terra se livra, de que o véto lhe faça mal; aquella levantandose sobre as nuvens, por ser fabrica ás avessas, he ruina ás direitas: desce a virtude pela humildade, & esta he a escada porque sobe; a vaidade pela soberba, & este he o precipicio por que cahe.

Desceo o Senhor do Ceo, quando encarnou nas entranhas da Virgem Santissima, como canta a Igreja: *Descendit de Calis*; & isto mesmo (segundo entendem os Santos Padres) disse Isaias, que era subir o Senhor sobre as nuvens. Christo; quando desceo, humilhouse, como diz São Paulo; & por isso subio: nisto nos quiz ensinar a humildade, & o desprezo das honras do mundo. Não assim Lucifer, a quem Isaias admirado exclamava dizendo: Como cahiste Lucifer, que foste Estrella da manhã? E a causa da queda foy, porque Lucifer quiz soberbamente subir; & pôr os pés sobre as Estrellas, por-se com Deos em pontos de honra, & hombro a hombro com o Altissimo; de que se se-

guiou, que como rayo, ou com risco disparado das nuvens desceo ao centro dos infernos, donde he feyo assombro das trevas aquelle mesmo, que tinha sido pouco antes a mayor belleza das luzes: sonhouse em grandes alturas, foy felhe o lume dos olhos, & esvaecce se lhe a vista d'alma; que he o entendimento, & isto que já era vágado da sua vaidade, pôs o desvanecia, quiz que fossem fumos da sua vangloria, pois o endeosavão; perdeu em fim a honra, & feito semelhante aos brutos, se antes se deleytava em nectares, depois se alimentava de immundicias. Thren.

Assim cahio Lucifer do Ceo, assim A Iaõ do Paraíso: este por que quer ser Deos na terra, aquelle por que quer ser semelhante a Deos; & em fim, por querer hũ, & outro as honras da divindade. Tanto desde o principio do mundo foy a sua perdição o desejo da honra, que logo, que elle começou, se começou a perder por isso; mas como os homens amigos da honra vã, & profana perdem o entendimento por ganhar honra, não entendem o perigo do seu engano, não vem a perdição do seu desejo, nem ouvem os brados, que lhes dá a razão, & desengano desde o berço do mundo: dizlhe a razão, que olhem como Lucifer parou em demonio, & Adão em vil trahador, & homem de ganhar

Genesi
3.13.

mise-

Isai.
19.1.

Ad Phi
lip. 2.8

Isai.
14.13.

miseraivel, & que em fim, não bastando isto, comeo as ervas do campo, como qualquer bruto da terra; mas não fazendo caso disto os homens imirão a vaidade, & a ignorancia, com que hum, & outro se pertenderão endeofar, & nenhum olhá para o fim, que isto veyo a ter, todos olhão o brio do atrevido, & a resolução da ignorancia: o successo poucos, raros o castigo, & a culpa nenhuns: todos se casaõ com esta culpa, porque tem para sy, que não pôde haver no mundo cousa mais fidalga, pois tão estirada qualidade, que procede do primeiro homem do mundo; tão authorizado exemplo, que se achou em hum Serafim; solar tão conhecido, como as montanhas do Paraíso; & braçoens não menos antigos, que as Estrellas do Ceo: & daqui nasce, que como os homens por amor da honra perdem o amor de Deos, perdem o juizo, & fazem se brutos; porque assim como os brutos não olhão mais que para a terra, elles não poem os olhos em outra cousa: o Ceo esquece, Deos não lembra, & o mundo só anda nas pèlas, & nas palmas da vaidade, & nos olhos da estimação. Fazem se tambem brutos; porque assim como quem os busca he só para os carregar, & servir se delles: assim tambem quem busca os homens de grandes cargos, & grandes honras,

he para carregalos, servir se delles: carrega o peão o nobre, quando lhe encarrega algũa cousa, o nobre carrega ao fidalgo, o fidalgo ao ministro, & o ministro ao Key; & tanto são mayores as cargas, quanto são os cargos mayores, porque são mais os q carregaõ, & mais o q se encarrega; & tudo isto parece de rosas aos que pela honra se fazem brutos, não dormindo noyte, nem dia, não aquietando hora, nem ponto por dar boa conta de sy, tal vez, no que he menos serviço de Deos, & mais ostentação da vaidade; dourandose tudo com aquella vangloria de ser grande pessoa, homem para muito, & merecedor de que o honrem todos.

Homens nescios, não vedes quam pouca cousa são as honras, que vos faz o mundo? Se dependeis de qualquer homẽ para q vos estime, de qualquer juizo para que vos louve, de qualquer conveniencia para que vos adule, adonde está essa honra, que haveis de ter na virtude, & não na vaidade? Se vireis bem como o mundo vos trata, conhecereis, que hum vos bendiz, & outro vos pragueja; que se aqui vos deitão bençaõs, alli vos amaldiçoão. E conhecereis finalmente, que todo este vosso credito desvanecido, he hum feicio da conveniencia, que vos ha mister, hũa traça da necessidade, que vos faz trabalhar, & huma

cor, com que vos enfeita a ser-vidão quem de vós se quer fer- vir: virai as guardas a essa razão de estado, donde nunca ouve estado da razaõ, & sabereis fa- cilmente, que esse vosso enga- nõ tão estimado, não he mais, que hũa viração suave, que cor- re da vangloria para a ignorã- cia; & hũa aura popular, que entra pela ignorancia para o def- atino, & se sahe, he só do oc- nhecimento para o defengano.

São as honras da vaidade hu- ma benção do tempo, que se vai voando; huns tresvalios da fama, q̄ anda douda pelo mûdo; hũas maravilhas do engano, que nos teve por outros; hũs abraços da ventura, q̄ nos levanta os pés do chão; hũa cortesia dos fados, que nos fizeraõ merce; & huma graça das Estrellas, que para nós se virão: & nem se deve estimar hũa benção, que não he de Deos; nem huns gabos da fama, que falla por cem bocas; nem hũas maravilhas do enga- no, que não são as mayores do mûndo; nem huns abraços da ventura, que nos pôde dar cam- bapê; nem hũa cortesia dos fa- dos, porque tem dous rostos; nem huma graça das Estrellas, porque estão zombando. Rimse para nós as Estrellas, para se ri- rem de nós; fazem-nos cortesia os fados; para nos rasgarem a cortesia; levantanos a ventura do chão, para dar comnosco em

terra; mostrafenos o engano ma- ravilhado, para que façamos por elle maravilhas; encudece a fama por nós, para que seja- mos doudos por ella; abençoa- nos em fim o tempo, para que a eternidade nos deite a maldi- ção. Se pois todas as honras, que gozais, tão longe estão de se- rem vossas, que ou são fruta do tempo, ou grito da fama, ou visagens do engano, ou inven- ção dos fados, ou geito da ven- tura, ou força das Estrellas; que caso se pôde fazer de hum tem- po, que não he proprio, ainda que pareça corre yõ de hũa fa- ma, que he, aqui d' El-Rey, ainda que pareça, victor de hum engano, que sempre he paivo, ainda que calle de pas- mado de hũa ventura, que faz affintes, ainda que vos diga a- mores de huns fados, que tem avçso, ainda que vos dem direi- to? & de humas Estrellas, que hão de cahir, tanto que ouve- juizo? Mas, oh miseria! que vê- do os homens cada dia como as Estrellas eiraõ, como os fados viraõ, como os tempos se mu- daõ, como as venturas rodaõ, como a fama se vai, & como os enganos vem, ainda assim fação caso de honra de não perder por nenhum caso nõ engano, huns pontos, que são mentira; na fama, huns estrondos, que lhes quebrão a cabeça; nas ventu- ras, hum abraço, que parece des-

pedida; nos tempos, hum bom dia; que logo os deixa ás boas noytes; nos fados, hum favor, que se lhes torna em máos pezares; nas Estrellas; hum aspecto, que logo lhes faz máo rosto; & tendo em Deos hum Sol da graça, que os allumia; huma providencia amorosa; que os governa; hũa eternidade aprazivel, que se lhes offerece, hũa felicidade sem duvidas, que se lhes promete, hũa gloria sem eltrondos, que se lhes assegura, & huma verdade sem embuços; q̄ os defengana, nem a verdade presta na sua estimacão, nem a gloria val nada, nem a felicidade luz, nem a eternidade importa, nem a providencia he cousa, nem o Sol he figura, nem o mesmo Deos he pessoa, de que se obrigue, & se affeioe esta ancia da vangloria humana!

Mortaes, reparaí bem em vós, & vereis, que vos tornais brutos em vos vendo em honras do mundo: deixais de comer pão de Anjos, & fazeis extremos por alimento de brutos? Por ganhar honra pondeis a risco a vida, que Deos vos deu para ganhades o Ceo? Não tratais de ganhar o Ceo com ella, tratais de não perder a occasião da honra, donde o mais certo he perderdes a vida, & juntamente a alma? Se a alma for para os infernos, de que vos aproveitaõ as honras do mundo, o credito do nome, & as

posteridades da fama: Se a alma for para o Ceo, que perdestes de vossa honra, se ainda que no mundo a enxovalhais por não fazer caso della, Deos vos honrará mais nos Céos, & na terra?

Vede, ó mortaes, que se levantão com o aplauso, & vos ganhão a verdadeira honra a que lles homens, q̄ na vossa opinião são mais vis, despreziveis, & miseraveis. Desfizêrão se em pó, & cizna os muros, torres, & piramides, q̄ forão maravilhas do mundo: cahirão os Collossos de Rhodas, as Estatuas dos Cesares, dos Pompeos, & dos Alexandres; & a estes mesmos que estimava o mundo, estima hoje a vaidade por oráculos da vã gloria, por exemplares da grandeza, da fama, da honra, & da fortuna; cahindo a morté sobre elles, lhes fez deixar quãto tiveram: lançadolhes as almas no inferno, lhes fez levar sómente o castigo de suas nefcias vaidades, sepultando-os eternamente em huma vida, que sempre morre, em hũa morte, que sempre dura; os deixou finalmente em aquellas chamas escuras, donde por todas as idades eternas gemerão sem alivio, arderão sem remedio, & penarão sem intervallo. Ao contrario disto vemos, que se levantáram do pó da terra, & da beira do mar hũs pobres pescadores, & huns homens despreziveis, & puzêrão os pés sobre

fobre o mundo metendoselhes debaixo dos pès ; dando de mão a todos os seus bês postigos, tomárao os Ceos ás mãos ; & subindo ao celeste Reyno, pôstos nos tronos da gloria, saõ Principes da eternidade, & hũa mesma cousa com Christo : na terra honrados com imagens, templos, & memorias ; & no Ceo com honras, & imperios de duraçam eterna.

O mortaes, a todos iguala o pó, & cinza; em chegando o processo da vida a final, quem tem feito melhores autos, esse he o melhor despachado. Dai pois a gloria a Deos; daihe a honra, &

o louvor, q̃ só a elle se lhe deve. Zôbai dessas hênras vanis; buscai as hõnras da virtude tanto mais, quanto mais honrados vos fez Deos por nascimento, as Estrelas por sorte, & a fama por louvor : nada vos tira isto, do que podeis querer. Se vos distinguio o Ceo pelo nascimento, ou pela fortuna; vede, que vos não distinguio pela natureza. Se quereis ser sabios, discretos, & entendidos, amai às verdadeiras honras, que não podem acabar-se; porque quem ama as caducas do mundo, he ignorante parecido aos brutos irracionaes, & semelhantes a elles.





DESPERTADOR CELESTIAL d' alma adormecida na culpa sobre as palavras do Apostolo ad Roman. 13. 11.

Hora est jam nos de somno surgere.

TRATADO III.



ESTAS palavras de São Paulo são hum despertador divino do descuido, & esquecimento humano; para que aos justos sirva de alento, aos penitentes de estímulo, aos peccadores de acórdido, & a todos de memorial para o desenganar avivar o animo. Querem dizer: O tu peccador, que dormes a sono solto no descuido, & esquecimento de Deos, no engano, & vaidade de tua vida, no letargo, & desacordo de tua culpa, que fazes alma miseravel, que nao acordas: Em que te occupas peccador, que ainda não despertas? Como vives alma cega, que ainda te não levantas? Que fazes creatura ingrata a Deos, que ainda te

não excitas? Como vives tão esquecida do soberano fim para que foste creada? do ultimo, & summo bem, para que foste redemida? Acorda que já he tempo; desperta, que já he hora: já he hora de acordar do sono de nossa culpa; já he tempo de levantar da cama do nosso vicio: tempo he já de aproveitar do juizo; hora he já de entrar a razão em seu acordo: abre os olhos peccador, & põem-os nesta lamina do teu remedio, nesta luz, que te dá o Ceo para o teu perigo: Deos pendente de hũa Cruz por amor de ti, & tu com teus peccados pondo a Christo em huma Cruz! Haja alguma hora para o arrependimento, não se entregue toda a vida ao descuido, & todo o tempo ao engano, pois

não

não sabemos se teremos outra hora para o que mais nos importa, havendo desperdiçado tantas no que nos arruina; & pôde ser castigo das muitas, que gastamos na culpa, não ter a que nos he necessaria para fazer penitencia: a esta nos excita a trombeta do Ceo, nos chama a voz divina, & nos convida a misericordia de Deos.

He a vida do peccador semelhante ao sono; & o peccar parece-se com o dormir, por muitas razoes: a primeira he, porque quem dorme, está como fóra de sy, fóra de seu sentido, sem razão, sem entendimento, & fóra de seu acordo: assim quem pecca, fóra de sy anda; vive como se não tivera razão; nem juizo; nem entendimento; anda como homem, que está sem acordo algum; & anda fóra de seu sentido. Do prodigo, figura do peccador, diz a Escritura, que quando se começou a arrepender, que entrou em sy: quem entrou em sy, parece, que fóra de sy estava, & quem está fóra de sy, fóra de seu acordo está, & fóra de seu sentido; & tudo isto lhe fez o peccado da luxuria, em que se empregára: por isso, o mesmo he peccar, que andar fóra de seu juizo, sem entendimento, & como fóra de sy; & o mesmo he tomar acordo de emendar-se, & fazer proposito de levantar-se, que ser

já homem a proposito, homem que está em seu acordo, & que tornou a seu sentido.

Tão fóra de seu sentido andão os peccadores; em quanto estão em peccado, tão sem juizo vivem, tam sem razão se despenhão, que aquelles desatinos, que havião de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos faz amar. De Salamão, que foy o mayor entendimento, que ouve em puro homem do mundo, conta a Escritura hum tão grande desatine, como foy amar os idolos, nos quaes se dava culto, & adorava o demonio, sendo que conhecia a Deos melhor que todos os do seu tempo; & finalmente seguiu hum tão grande erro, como foy adorar os idolos, sendo do mundo o mais entendido: conhecer a Deos, & dar cultos ao demonio, he o mayor erro; ter fallado com Deos, ter recebido seus favores, & hir adorar os idolos, he o mayor desatino; & chegou Salamão a adorar o seu erro, & a idolatrar o seu desatino; havendo de aborrecer aquella perdição, poem nella o seu amor; havendo de ter odio ao demonio, poem nelle a sua afeição, porque depois que ao vicio da luxuria se entregou, ficou tão desacordado, tanto fóra de sy, que aquelles desatinos, q̄ havia de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos fez amar.

O' peccadores desacordados:

3. Reg.
11. 1.
&c.

Hug.
C. hic.

Luc.
15. 17.

ó mortaes enganados, & pervertidos; entrai em voffo accordo, cuidai no que fazeis peccado. Donde está a razão, & o juizo, quando huma alma pecca? não está fóra de sy? Se viramos, que hum homem trocava hum diamante por vidro, perolas por avelans, ouro por chumbo, flores por espinhas, & triagas por venenos, não differamos que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de quem, peccando, he certo que troca o Ceo pelo inferno, a Deos pelo demonio, o Creador pela creatura, a vida pela morte, o bem eterno pelo caduco? pois he certo, que peccando entrega a sua alma ao demonio, despreza o Ceo, & se condena ao inferno, de filho de Deos se faz escravo do diabo, se risca do livro dos bemaventurados, & se poem no rol dos malditos? Não he isto perder o accordo? Servir ao inimigo, que isto he ao demonio; & offender o amigo, que isto he a Deos: fazer a vontade ao contrario, que isso he a Satanás; & defagradar ao Pay, que isso he ao Creador, & Author do mundo; não he isto estar fóra de sentido? O peccador, abre os olhos, entra como o Prodigio em ti, não adores o defatino, como Salamá, erguete de teu peccado, que já he tempo, levantate de teu delito, que já he hora.

Mas oh miseria digna de cho-

rarse com lagrimas de sangue: que fica tal o peccador, tanto que se entrega a peccar, & persevera em delinquir, que por mais, que Deos multiplique os milagres para o defengano; entãõ crescem mais no peccador as cegueiras para o defatino. Leváraõ hũa vez os Filisteos cativa a Arca de Deos vencendo em hũa batalha aos filhos de Israel; & pondo-a no seu templo do Idolo Dagon junto d'elle, acháraõ na manhã do outro dia o Idolo deitado por terra com a cabeça degollada, & decepadas as mãos; q̃ não pôde parar o demonio aonde Deos está: tomáráo o idolo, & tornáraõ a colloca-lo no seu lugar; mas no dia seguinte o acháraõ segunda vez no chaõ descabeçado, & decepado diante da Arca, & a cabeça, & mãos postas na entrada da porta do templo; & começáraõ os açoutes, & flagellos da mão de Deos a castigar asperamente aquelle povo da Cidade de Azoto: vendose elles assim apertados, & o seu idolo feito hum tronco, disserãõ: Não convem, que entre nòs esteja a Arca do Deos de Israel. As repetidas ruinas do idolo, & os açoutes do povo eraõ multiplicados milagres, que Deos fazia para o defengano desta gente; o teimarem em pôr o idolo aonde estava a Arca de Deos, era a mayor cegueira do defatino; mas como estes

1. Reg.
4. 10.
& cap.
5.

estes idolatras amavaõ tanto o seu idolo, & nelle ao demonio, tendo por perfeiçãõ o seu delito, haviãõ de crescer nelles as cegueiras para o desãtino, de quererem antes em casa o demonio, que adoravaõ no idolo, do que a Deos, que se venerava na Arca. Oh quantos peccadores haque tendo idolos, nelles amãõ o seu peccado, & por consequencia o demonio! por mais, que Deos lhes decepe os idolos com a enfermidade, com o castigo; se he idolo da luxuria, com a enfermidade, se he da vingança, com a doença, se he da honra, com a injuria, se das riquezas, com as perdas, por mais que Deos multiplique os prodigios para os defenganar, & se arrependarem, entãõ multiplicãõ os desãtinos para deitarem de sy a Deos! Alto, diz hum, fóra Deos desta casa; se o commungar ha de ser causa de eu deitar fóra o demonio, de que fiz idolo, Deos antes fóra de casa, & fique em casa o demonio: se ha de ficar Deos pela confissãõ, & pela restituicãõ, fóra a restituicãõ, & a confissãõ, & fique antes o demonio em casa: se ha de ficar pelo perdãõ da injuria, da afronta, vá fóra antes Deos; & fique o demonio do odio, do rancor, & da vingança: & donde procede tanta malicia, & tanta cegueira? Donde? De que puzerãõ os peccadores o amor no ido-

lo; de que idolatrãõ o peccado, & por isso aborrecem o remedio, & o deitãõ pela porta fóra.

Que ha depois de seguirse a esta offensa, que se faz a Deos, acrescentando o desãtino, quando Deos convida os peccadores para o defengano? Nenhã outra cõsa ordinariamente succede, senãõ castigos da ira de Deos. Sonhou Nabuco, que via huma estatua, mas apenas vio a estatua, quando vio tambem o castigo: desceõ hũa pedra de hum monte, que fez a estatua em pó, & cinza: não lhe valeo a riqueza do ouro, nem a fermosura da prata, nem a fortaleza do bronze, nem a valentia do ferro, nem a firmeza da terra, tudo em breve tempo acabou em huma poeira, & se resolveo em cinza. Sonhou tambem que via huma arvore tão alta, & maravilhosa, que na altura era hũa piramide verde, que chegava ao Ceo; na pompa hũa frondosa nuvem, que assebrava a terra; nas flores huma primavera dos ventos, de que se vestia o ar; nos frutos hum paraíso de gostos, em que se recreava o mundo: mas apenas vio esta verde maquina, este Colosso florente, este assombro fructifero, quando vio, que hum Anjo do Ceo mandava por-lhe o cutelo ao pè, & cahio arruinada em terra, apenas arvore, logo cadaver, apenas maravilha do mundo, quando já

Dan.
2.34.
&c.

Dan.4
7.&c.

arruinada nelle: assim a arvore, como a estatuá, eraõ retratõ de Nabuco, em que lhe mostrava Deos o seu castigo retratado, & a sua ruina em debuxo, para que visse, que apenas era grandeza, já era ruina; que escassamente chegava a ser exemplo da felicidade humana, já era da desgraça, & do castigo hum espelho: & porque Nabuco em lugar de temer a ira de Deos com o desengano que na estatua, & com a ruina, que na arvore lhe mostrava, foy tão desacordado, atè no acordo que tomou de chamar a Daniel, que fez huma estatua de ouro, & se fez com pena de morte adorar em estatua: & como Deos lhe aumentava as razãoens para o desengano, elle hia por diante no desatino; no mesmo desengano, de que senão aproveitou, achou o castigo do desatino em que cahio.

Oh quantos Nabucos ha, que no sonho, & engano da sua fantasia vivendo como desacordados, tudo he levantar estatuas para ser idolos, tudo querer como arvores trepar ás nuvens, & chegar aos Ceos com a pompa, com a soberba, com a arrogancia! Vede, que a estatua se ha de converter em pó, que a arvore se ha de desfazer em cinza: que para a estatua ha pedra, & que para a arvore ha cutelo. Desenganai vos mortaes, deixai

os desatinos, amai os desenganos, & entrai em vosso acordo, apartandovos do leyto de vossos peccados, que já he hora; acordando do sono de vossos sentidos, que já he tempo: *Hora est jam nos de somno surgere.*

A segunda razão, porque a vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, que quem dorme descuidase, nem se lembra do que lhe importa: assim quem pecca descuidase do que mais importa á sua alma; descuidase da morte, do juizo, do inferno, do Ceo, da sua salvação, de Deos, do demonio, dos mais inimigos d' alma, dos encargos da sua cõciencia, da relaxação da sua vida, & das enormidades da sua culpa; & quando por este descuido tem a todos contra sy, & convinha, que abrisse os olhos para tratar do remedio; então lhos cerra o seu descuido para não fugir do seu perigo.

Apenas poz os pès na Náo o fugitivo Jonas; apenas soltáraõ as velas, & leváraõ as ancoras, & se davaõ boa viagem, quando hũa horrenda tempestade veyo sobre elles: soltavãose as geraçoens dos ventos dandose batalha huns aos outros, erguia se o mar em esquadroens de ondas, disparáraõ settas as nuvens, ou lanças, que chovia o Ceo, já de chuvas, já de rayos, já de coris.

Jon. 1.
3 & c.

coriscos, o Sol foy arrebatado das sombras, o dia ficou defuncto, & amortalhado em trevas, as luzes mortas, & tudo em confusão tam grande, que parece, que o orbe se restituia, entam áquelle temeroso caos; em que começou o mundo: tudo perigava então, a Não indose a pique, os homens vendose a cada passo no mais profundo do abismo, quasi sumergidos das aguas: só Jonas descuidado do cômum, & particular perigo se foy deitar a dormir em prodigioso letargo, & quando havia de abrir os olhos para buscar o remedio, então lhos cerrou o descuido para não fugir do castigo: mas que muito, se vinha Jonas em peccado, fugindo de Deos, como se lhe pudéra fugir? & assim que havia de succederlhe, se não descuidarse de tudo, do mar, da tempestade, da balea, da morte, do juizo, do Ceo, de Deos, do inferno, & de tudo?

Quantos ha, que tendo á vista a tempestade da morte, estando para dar conta em juizo, condenados segundo a presente justiça ao inferno pelo peccado da soberba, da restituçam, da luxuria, do odio, da vingança, & de outro qualquer, se descuidão de maneira, que lhes não lembra Ceo, nem Deos, nem alma, nem salvação, nem inferno, nem cousa algũa! tudo he dormir a sono solto no leyto

do peccado; na cama do vicio. Homens, que fazeis? em que vos occupais? sendo Christaons, & tendo Fè, não temeis o risco de vossas almas? não olhai, que estais metidos em hum mar de culpas, que a tempestade da morte vos ameaça a cada instante; ainda quando estais mais valentes, que se ira o Ceo contra vòs, que o inferno se abre, que a balea infernal se chega, que todas as creaturas offendidas de ver a seu Creador aggravado tomão armas para a vingança? & ainda assim fugis a Deos, a quem ninguem pôde escapar, nem no Ceo, nem na terra, nem no mar, nem no inferno, nem em parte alguma? Donde nasce tanto descuido? Donde tanto esquecimento, que havendo de abrir os olhos para buscar o remedio, então os fechais para não fugir do perigo? Oh não vem que dormem estes miseraveis, que peccão, & se deixão estar em peccado, & que o mesmo he estar em peccado, que em hum mortal descuido? pois que ha de succeder a quem assim vive morto, assim pecca, & assim dorme, senão o que succedeo a Jonas, & peyor ainda? Porque a Jonas o tragou a balea para o vomitar nas prayas de Ninive; a estes os tragará a balea infernal para os deitar nas fornalhas eternas entre os sempiternos horrores.

He finalmente mayor o descuido

Luc.

32. 20.

cuido dos peccadores, que o seu perigo; não tem por tempo de vida, senão o que pôde ser tempo de culpa; & não tendo huma hora para viver, cuidão que tem muitos annos para peccar, & por isso pagão na hora que menos cuidão, o descuido com que peccarão. Em hum mar de riquezas se via aquelle Rico do Evangelho com hum diluvio de frutos, que a liberalissima mão de Deos lhe deu, que alagandolhe os celeiros, não tinha em que recolhelos: no meyo de tantas abundancias, começou a discursar entre sy que faria para recolher tantos bens: & como se resolvesse a desfazer os celeiros, que tinha, para fazer cutros maiores, & melhores aonde tudo lhe pudesse caber, agradandose da sua resolução, se convidou a sy mesmo a regalos de muitos annos, a huma larga vida cheia de delicias, & banquetes de muita duração: & apenas estava a sua fantasia dispondo entre discursos a duração de tantos deleytes, quando hũa voz de Deos lhe diz: O nescio, ó ignorante, esta noyte te arrancarão os demonios essa alma do corpo, & a sepultarão no inferno: se pois o Senhor lhe dá tantos bens, como o não deixa lograr delles? & se não quer, que chegue a possuilos, como de noyte, & não de dia diz que chega a sua condenação? Oh não vem que para

quem sempre dorme, todo o dia he noyte? Vivia este desaventurado rico dormindo no negocio da sua salvação vivendo em culpa, fazia-se com muitos annos de vida para offender a Deos em gulas, & demasias, sem cuidar na morte, no juizo, no inferno, nem se lembrar de Deos; pois por isso na noyte de seu esquecimento, & na hora que menos cuidava, havia de pagar o descuido, com que a Deos offendia. O mortaes, vede se vos descuidais em emendar las vidas, em fazer paz com os adversarios, em deixar de todo a occasião deshonesta, em restituir o alheyo, em ter oração, em confessar inteiramente os peccados, em frequentar os Sacramentos: olhai, que na hora que menos cuidares, chegarà a hora de pagardes o vosso descuido. Se pois quereis escapar deste dano, abri os olhos, que já he hora, & levantaivos do peccado, que já he tempo: *Hora est jam, &c.*

A terceira razão, porque a vida do peccador he semelhante ao sono, & o peccar se parece com o dormir, he, porque assim como quem dorme não entende, nem conhece o seu erro; assim quem pecca, em quanto pecca não conhece o erro do seu vicio, nem a perversidade do seu peccado, nem a malicia da sua culpa: & daqui vem, que assim como quem dorme ama o sono,

como

como se fora descanso; assim o que pecca ama o erro, como se fora acerto, ama o delito, como se fora deleite; ama o desemparo de Deos, como se fora felicidade; & não ha mayor final da cegueira, em que cahe hum peccador, que amar a culpa, que he summo mal, como se fora summo bem; & estimar por felicidade o delito, como se fora deleyte. Diz o Profeta Osee 4. Osee, que o povo, que não entende, serà açoutado com flagellos da ira de Deos, como expõem a Glossa: & os Setenta, como refere o Cardeal Hugo, que este açoute serà viver nas torpezas do peccado da luxuria: & conforme estas letras, vem a dizer o Profeta, que o povo, que não entende, serà castigado cõ asperos açoutes de Deos, & que estes serão os carnaes deleytes da luxuria a que se entregam: & que tem que fazer açoutes, com deleytes? flagellos da ira de Deos, cõ as delicias de Venus: Saõ por ventura os gostos, q̃ os mūdianos tem por summosobem, os castigos, que Deos lhe dà? E se são castigos, como são gostos? se são delicias, como são flagellos? He certo que são flagellos, porque são desemparos de Deos; & como era povo iguorante, que não entende o seu erro, que não conhece o seu peccado em que anda, sendo o desemparo de Deos o mayor flagello, & o summo

mal d' alma, o amão como felicidade; & isto que he o mayor açoute, o estimão por deleyte: donde se vê que estes taes, como não curão da guarda da ley de Deos, senão de cevarse em seus torpes appetites, tem já o mayor final de malditos, como affirma David, & o confirma Saõ Gregorio Papa dizendo: que o peccador perverso, quanto mais satisfaz seus desejos, tanto mais depressa he arrebatado aos tormentos eternos: *Perversus quanto citius pervenit ad desiderium, tanto facilius rapitur ad tormentum.* E como estes miseraveis cõmetem mais peccados, quanto mais he o desemparo de Deos; quantos mais forem os peccados, tanto serà no inferno mayor o castigo: & elles a amarem o desemparo, como se fora gosto, o summo mal, como summa felicidade, & o flagello, & açoute de Deos, como se fora deleyte.

Oh quantos tem por summo bem os carnaes deleytes, & os gostos desta vida, que são desemparos, & açoutes da ira, & indignação de Deos! Homens loucos, mulheres sem siso, quem vos faz amar a vossa perdição? He a cegueira do peccado; que he como sono: porque em quanto viveis no peccado, não sabeis conhecer o vosso erro: & a razão he; porque quem dorme està às escuras, & quem às escuras anda, ou com os olhos fechados,

não

Osee 4
14. &
ibi
Glossa
& Carl
Hug.

Psalma
118.

Greg.
Pap.
tom. 1.
lib. in
Job
cap. 13
ad fin.

não sabe por donde vai, & por
 isso aqui tropeça, alli cahe, ora
 cahe em huma covã, ora se des-
 penha em hum barranco, perde
 a estrada, vai fóra de caminho:
 assim tambem os peccadores an-
 dão ás escuras, & cõ os olhos fe-
 chados, porque sendo o peccar,
 dormir, quem dorme, a olhos
 fechados está; & por isso, como
 cegos atropellaõ a ley de Deos,
 sem saberem por onde poem os
 pés, despenhãose no barranco
 da culpa sem o advertirem, ca-
 hem na covã do peccado sem o
 saberem, perdem a estrada da
 salvação, & vão fóra do cami-
 nho do Ceo, sem conhecerem o
 seu erro: & por isso dos peccado-
 res disse David: São huns nes-
 cios, não tem entendimento,
 porque andam em trevas.

Psalm.
 81. 5.

Eis-aqui como a ventura dos
 peccadores he a mayor desaven-
 tura que pôde ser: tem os pec-
 cadores por a mayor ventura fa-
 zerem em tudo seu gosto, & far-
 tar seus appetites, & não conhe-
 cem, nem entendem que nisto
 está o seu mayor perigo; por-
 que assim como quando os me-
 dicos não achão cura ao doente,
 lhe dizem, que coma o que qui-
 zer deixãdo-o à natureza, então
 está o enfermo em mayor perigo,
 & já sem esperança de remedio:
 assim tambem, quando o Medi-
 co celestial desempara o pecca-
 dor enfermo da culpa, & o dei-
 xa à natureza, para que viva

conforme seu appetite, então
 está o peccador no mayor peri-
 go, porque está sem esperança
 de remedio: mas como a sua ce-
 gueira lhes não dà lugar a ve-
 rem estas verdades tão claras, &
 palpaveis, dahi nasce porem o
 desejo no seu dano, o appetite nos
 venenos, a vontade no seu mal,
 & o fastio no seu bem. Poz Eva
 o seu appetite em hũ bocado,
 que era veneno, porque teve o
 mal por bem, a culpa por felici-
 dade, a morte por deleyte, dei-
 xandose enganar do demonio;
 quando cõmeteõ o peccado, &
 quebrou a ley de Deos: o que e-
 ria inão, pareceolhe bem: o que e-
 ria mortal, & infernalmente ne-
 civo, pareceolhe deleytoso, tan-
 to, que deu ouvidos, & obede-
 ceo ao demonio, querendo com
 a vontade quebrantar a ley de
 Deos: em quanto se determinou
 a guardala, parecia a Eva a ar-
 vore vedada, cousa de que se não
 podia comer, nem tocar sem ris-
 co certo de morte; porẽm tanto
 que na vontade teve o peccado;
 logo lhe pareceo suave, & de-
 leytoso o seu mal. Oh quantos
 filhos da culpa deixou Adão, &
 Eva no mundo, que cegos do seu
 appetite, todo o seu gosto poem
 no bocado, que he veneno mor-
 tal do inferno; & sendo o que
 lhes dá eterna morte, parece-
 lhes o mayor deleyte da vida!

O Creaturas cegas despertai,
 abri os olhos, vede, que vos en-
 gana

Genes.
 3. 6.

gana o demonio, & que por hũ gosto instantaneo vos dá eterno tormento: solicitavos o tormento representando o gosto; & porque não cuidais, que haveis de achar tormento, senão gosto; morte, senão vida; garrote, senão deleyte no que vos offerece o demonio, por isso miseravelmente vos perdeis. Para a

Ecclef. 9.12. Escritura Sagrada chamar aos homens nescios, & ignorantes, diz, que são como aves, que se afogaõ no laço; & como peixinhos, que morrem no anzol: não lhes chama aves mortas; eõ tiro, nem peixes pescados na rede; porque estes morrem, porque mais não podem, & aquelles acabão a vida, porq̃ mais não querem: não quer a ave advertir, porque he ignorante; que debaixo do que lhe parece appetite está encuberto o laço da morte: não quer o peixinho considerar, porque he simplez, que naquillo, que lhe parece gosto, está escondido o anzol da sua perdição: assim tãbem succede aos peccadores com o caçador, & pescador do inferno: cahe o peccador no laço da culpa; como passaro, & fica no anzol do peccado, como peixinho; & se lhe perguntares o porque, dirã, que não cuidava que alli estava o garrote do laço; nem a morte do anzol, senão o deleyte, que não imaginava, que alli estava o tormento; senão

gosto, que não entendia o seu erro, que não conhecia o seu engano, & que por isso se deixou prender no laço, & tomar em o anzol, que o demonio cavilosamente lhe armou.

Que outra cousa são os gostos, & deleytes do mundo, senão laços, & anzoes, com que o destro, & astuto caçador, & pescador do inferno anda armado ás almas? E que outra cousa fazem os peccadores mais, que solicitar os laços, & os anzoes, que o demonio lhes veste de seus nescios appetites? Vestelhes a soberba, de honra, a cubica, de riqueza, a luxúria, de delicia, a ira, de valor, a gula, de regalo, a inveja, de raso; & a preguiça de necessidade: vai o peccador miseravel, cuida que busca a honra, & cahe no laço da soberba, imagina, que busca a riqueza, & cahe no anzol da cubica, antojaselhe que acha delicias, & cahe nos laços, & anzoes da luxúria, & nos mais vicios; & peccados; & tudo isto nasce de não conhecer o seu erro, porque anda com os olhos fechados, sepultado no profundo sono da culpa: acordai pois peccadores, abri os olhos, que está o mundo todo cheyo de laços, & de anzoes do demonio; vede o vosso erro, que já he tempo, & adverti o vosso engano, que já he hora: *Hora est jam, &c.*

Finalmente o mayor erro,

que

que não entende o peccador ab-
torso no sono do peccado, he não
saber quão grave mal he o pec-
cado; porque se o vira; conhe-
cêra que era tão feyo; que o
demonio em sua comparaçõ he
fermoso; & he isto tão affim pa-
ra quem o conhece; que, se pu-
dêra; estimara ver antes a cara
de todos os demonios, do que
ver em hum instante a cara dos
peccados. Oh quẽ me dera, meu
Deos (dizia o Santo Job) que me
escondereis no inferno, & là me
tiveres debaixo de vossa protec-
çãõ, em quanto passava o dia fi-
nal de vossa ira, & furor? Con-
siderava o Santo Job, que no in-
ferno podia ver a cara aos demõ-
nios; & que no valle de Josafat
havia de ver o vulto aos pecca-
dos (como o Senhor diz por Da-
vid, segundo a expõsicaõ de Hu-
go Cardeal:) & como os pecca-
dos tem a mais horrivel presen-
ça que se pôde considerar, acha-
va ser muito melhor partido,
ver antes no inferno a cara aos
demonios, do q̃ ver no dia do ju-
izo o vulto aos peccados. Se pois
agora, peccador, tiveres os olhos
fechados para não ver tuas cul-
pas, q̃ são os teus mayores erros,
então os abrirás para olhalos;
não para lhes dares remedio;
mas para teu mayor tormento:
querês pois fugir este tormento,
& aos eternos, que se lhe hão
de seguir? abre agora os olhos
para chorar tuas culpas, & tra-

ta de emendar com tempo as
teus erros, antes que chegue o
tempo em que o não possas fa-
zer.

Dorme o peccador sem conhe-
cer o seu erro, isto he, o seu pec-
cado, sendo o seu peccado não
só o seu mayor mal, mas o seu
mayor, mais mortal inimigo: &
sendo certo, que quem tem ini-
migos não dorme; & se dorme,
he summamente ignorante: cla-
ro fica, que he o peccador, que
dorme tendo peccados, muito
mais ignorante, que quem dor-
me tendo inimigos: porque os
inimigos do corpo poderã quã-
do muito ajudar se do destuido
de quem dorme para lhe tirar a
vida temporal; mas os inimigos
mayores d' alma, que são os
peccados, valem se do sono do
peccador para lhe tirar a vida
eternal: & como são inimigos
tanto mais prejudiciaes, tanto
mais se hão de temer para a
guarda, & para a cautela: & são
tão summamente prejudiciaes ini-
migos os peccados, que tendo-os
contra sy o peccador, está de pe-
yor partido, do que tendo con-
tra sy a ira de Deos omnipoten-
te. Oh que fortissimo, & terri-
bilissimo inimigo he o peccado!
& para que não pareça encare-
cimêto, veja se a prova. Naquel-
le Psalmo, a que vulgarmente
chamão das pragas, hũa das que
roga David aos peccadores he
esta: Sejão os peccadores sem

Job 14
13.

Psal. 49. 21.
& ibi
Hug.
Card.

Psal. 108. 15

pre

pre contra Deos: seja sempre contrarios ao Senhor; & não fora mayor praga dizer: Seja sempre Deos contra os peccadores: seja sempre o Senhor seu contrario? Deos he infinitamente poderoso; & tendo os peccadores contra sy a Deos, parece que ficavaõ tendo contra sy o mayor, & mais poderoso inimigo; como logo lhes roga David esta praga, senão a outra? He certo, que David lhes rogou a mayor praga; que lhes podia rogar; & para isto se entender, veja-se que cousa he estar o peccador contra Deos, & que cousa estar Deos contra o peccador: está Deos contra o peccador, quando o castiga por suas culpas; & isto he hum acto da justiça divina, que he sumamente bom: está o peccador contra Deos, quando o offende com seus peccados; & isto he hũ acto da mayor iniquidade, que he summamente máo: quando o peccador tem a Deos contra sy, tem da parte de Deos contraria a divina justiça, que he infinitamente boa; & quando está o peccador contra Deos pela culpa, tem da sua parte o peccado contra sy mesmo, que he o summamente máo: & conhecendo David, como Santo, quão terrivel inimigo do peccador he o seu mesmo peccado, que o faz inimigo, & contrario de Deos; rogaõ aos peccadores a mayor pra-

ga, em lhes rogar que tivessem peccados que os fizessem contrarios, & inimigos de Deos, porque os peccados são a peyor praga, q̄ pôde haver; & não lhes pedio a indignação de Deos contra elles, porque da parte de Deos não pôde haver acto, que não seja a mayor bondade que se pôde considerar.

: Como dormes peccador, tendo contra ti tão cruéis, tão tremendos, & tão mortaes inimigos? Como te descuidas, tendo das portas adentro tantos, & taes contrarios? Como he possível que descanses, tendo tanto que temer? Acorda pois, & não durmas tão rodeado de adversarios; levátate contra elles, para que não prevaleção contra ti. Se atêgora foste todo hũa cegueira para dormir a olhos fechados, trata de ser agora todo vigilancia, para viver a olhos abertos. Se atêqui não tinhas olhos para ver tantos erros teus, debes ser daqui per diante todo olhos para fugir dos teus perigos. Acorda já, que he tempo; acaba de levantar-te, que são horas: *Hora est jam nos de somno surgere.*

Temos visto como a vida do peccador he semelhante ao sono; & como o peccar se parece com o dormir: vejamos agora que parecer tem a penitencia, & conversão do peccador, com o acordar, & levantar-se da ca-

ma. Quem depois de dormir se levanta, primeiro acorda, & depois sahe da cama; o acordar faz-se em hum abrir de olhos, & o levantar, em deixar a cama: assim tambem a penitência, & conversão ha de ser tão apressada, que se faça em hum abrir de olhos; & o deixar as occasiões do peccado ha de ser tão perfeita, que de todo se hão de largar: porque assim como quem acorda, se não salta logo fóra da cama, facilmente torna a dormir, & se a ella torna depois de levantado, he para adormecer: assim tambem, se o peccador não larga logo a occasião do peccado, nada lhe aproveitará o abrir dos olhos pelo arrependimento, porque toinará sem duvida a continuar o peccado, que não quiz com effeito largar; & supposto o deixe, largando a cama da occasião, se a ella torna, certo he quer toinar ao sono do peccado. E conforme a isto, para ser agradavel a Deos a conversão, & penitência do peccador, ha de gastar tanto tempo nella, como em acordar, em q se gasta só hum abrir de olhos; & ha de ser tão breve o acordo, que toma para fazer penitência, & a resolução para mudar de vida, & emendar a culpa, que tudo deve succeder em hum fechar, & abrir de olhos.

Foy tam insigne a conversão de São Paulo, & a sua peni-

tencia, que o mesmo Christo Senhor Nosso chégou a dizer na occasião della, que era Paulo vaso escolhido seu; & não acho, que o Senhor dissesse outro tanto de outro peccador convertido, porque tambem não encontro outra conversão como a de Paulo. Era Paulo tão grande peccador, que fazia capricho, & tinha por officio o ser inimigo, & perseguidor de Christo; apparecelhe de repente hũa grande luz do Céo, que o rodeou como hum rayo, & deu com elle em terra; & logo hũa voz, que como trovão, que se segue ao rayo, lhe perguntou: Saulo, Saulo, porque me persegues? E apenas soube que Christo, a quem elle perseguia, era o que lhe fallava, sem mais dilação se converteo, & determinou a fazer tudo quanto o Senhor lhe mandasse; & levantandose da terra, não via, tendo os olhos abertos: & com tudo, diz Santo Agostinho, que naquelle tempo em que não via as cousas do mundo, estava vendo a Jesu Christo: como logo Paulo em hum cerrar de olhos do corpo deixou de ver o terreno, & com hum abrir de olhos d' alma principiou a ver o Eterno, foy a sua conversão em hum fechar, & abrir de olhos; & por isso tão agradavel ao Senhor, q chegou a dizer de Paulo, que era vaso escolhido: donde se vê, que para

Ag.
Ap 9.
31.

Ag.
Ap. 9.
3. & c.

Ag.
tom.
10.
Serm.
14. de
Sanct.
post
prinç.

para ser agradável a Deos a conversão do peccador, ha de ser o acordo, que toma para emendar a vida, tão breve como o acordar de quem dorme, que se faz em hum abrir de olhos. Obra he da graça do Divino Espirito a conversão dos peccadores, & aonde o Espirito Santo influe com sua graça, não pôde haver vagares, mas tudo são pressas.

A.ã.
Ap. 2.3

Em figura de linguas de fogo de seco o Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico, & não em semelhança de outro elemento; porque como vinha a tratar da conversão do mundo, se viu a pressa com que se ha de fazer, & como aonde inspira o Divino Espirito não ha vagares: considerem hum rayo, hum relampago, quanto tempo gasta em cruzar os ares, vadear as nuvens, medir este, & aquelle emisferio, & em chegar deste áquelle horizonte; hum momento, hum instante, hum abrir de olhos: não he assim na agua, cujo correr he vagar; não na terra, que se não costuma mover; não no ar, que está parado sem se bulir, & ainda que corra o vento, o vento não he o ar: a terra pende para baixo, a agua sem violencia não corre para cima: o ar tanto se inclina a occupar os vãos dos abismos, como os seus mais altos centros; mas o fogo, ainda que esteja debaixo da terra,

sempre se inclina para o Ceo; rebenta nas minas, rompe muralhas, & voa penhascos, fazendo de suas chamas azas para voar sobre os vêtos com pennas de labaredas: assim tambem se a conversam do peccador he verdadeira, & effeito do fogo divino, nas pressas se vê, & nos vagares se desconhece: se he verdadeira, em hum abrir de olhos se faz, rebenta nas minas cõ coração em ardentes suspiros, rompe as muralhas das culpas, com que o demonio se tinha feito forte em huma alma, deita a voar os penhascos dos estorvos, & impedimentos, nada lhe pára diante a hũa alma cheia deste celestial incendio; & fazendo ligeiras azas de suas peçadas pennas, voa em hum instante, da culpa para a graça, do caduco para o eterno, do inferno para o Ceo, & do demonio para Deos: isto quer Deos, & para isto nos ajuda, despertandonos com suas vozes, allumiandonos com sua luz, inflammandonos com seu amor, incitandonos com o exemplo dos bons, & advertindonos com o castigo dos mãos.

Mas não basta acordar o peccador de pressa do seno da culpa, tomando acordo de não offender mais a Deos; he necessario tambem, como diziamos, levantar se logo, em acordando, da cama do peccado; isto he, lar-

gar de todo a occasião de offender a Deos; se estava em odio com o proximo, ha de deitar de todo fóra o odio, & fazer-se com elle amigo, podendo ser; se tinha trato com a ruim mulher, ha de largar esse trato; se devia o alheyo, ou levantou o falso testemunho, ha de restituir, como póde, sem dilação a fazenda, ou a fama; porque de outra maneira nada importa acordar o peccador, se logo se não levanta da cama, deixando de todo a occasião da culpa; mas antes he final de condenado, & maldito.

Isai. 1.
18. 1.
& ibi
A Lap.
V. x ter.
ra,
que
est
cym-
balum
alarú.

Ay da terra (diz Isaiás) que he como sino de azas: & he como dizer: Maldita, & condenada eternamente seja a terra, que he como sino. Pela terra se enten tem os peccaderes; & pé-lo sino com azas, que ha de entender-se, senão o sino quando tange, pois entam parece, que voa? Pois, que mysterio tem ser o peccador como o sino, que tange, para ser condenado, se os sinos estão nos lugares santos das Igrejas, & são instrumentos de despertar, & chamar a gente ao serviço, & louvor de Deos? Muito mysterio tem nas semelhanças: bem he verdade, que o sino está nos lugares mais altos da Igreja, & que quando tange, chama o povo ao serviço, & louvores de Deos; porém em quanto a sy mesmo nada apro-

veita, tudo são brados, tudo estrôndos, tudo voltas, quando puxaõ por elle; mas nem cõ todo esse puxar, nem com todã essa força faz mudança de lugar; dá hũa volta daqui, dá outra dalli quando se vê violentado; mas no fim sossegase, & ficase como dantes estava. Diz pois o Senhor por Isaiás: O peccador, q̃ como sino tangido, quando por elle puxa a força da minha graça, da minha inspiração, da minha palavra, & dos meus preceitos, para q̃ acorde do sono da culpa, & se levante da cama do peccado, não faz mais q̃ acordar, dar gemidos, dar ays, & dar voltas se se tirar da occasião do peccado, & nella finalmente se deixa ficar; ay de tal peccador, que he maldito da minha maldição, & condenado eternamente: para que assim vejaõ os peccadores, que nada lhes aproveita acordar do sono da culpa, se dando hũa, & outra volta se ficaõ na cama da occasião do peccado, & offensa de Deos.

Que te aproveita peccador miseravel, quando Deos te desperta com suas divinas inspiraçoens, com a prègação de sua santa palavra, com a obrigação de confessarte pela Quaresma, & no aperto da enfermidade, gemer, gritar, & dar ays, fazer propositos de nunca mais offender a Deos; que isto he acordar da culpa, & ver que estás

em peccado ; que te aproveita dar hũa , & muitas voltas na cama do vicio cõm resoluçoens, & traças de o deixar , se no fim, passada a enfermidade, o tempo da Quaresma, a occasiã do Sermão , & a marê da inspiraçoã, te deixas, como sino duro, ficar no mesmo lugar, tam duro, & impederniã do como dantes, sem te levantar da cama da culpa, nem da occasiam do peccado ? Isto he ser maldito da maldiçaõ de

Deos ; reprobõ, precito, & condemnado eternamente. O' mortaes, naõ o permita assim a divina Magestade ; seja o vosso acordar da culpa, o mesmo que levantar logo da cama do peccado ; seja largar de todo a occasiã da offensa de Deos ; que para isso nos desperta a todos a misericordia de Deos, dizendo, que a hora de levantarnos he ja chegada : *Hora est jam nos de somno surgere.*

LAUS DEO.





SEGUNDA PARTE
 DAS OBRAS ESPIRITUAES DO
 espirital, & Veneravel Padre Frey
 ANTONIO DAS CHAGAS.
 VOZ PRIMEYRA

Destas vozes de DEOS.

FILHO vê quam longe andas de mim, & da salvação, depoisque de mim te apartaste, para engolfarte pelo mundo, donde mais enfermo da culpa, que dos males que sente a vida, & que eu te dou para que me chames, vás perecendo para sempre.

FAISCA I.

*In se autem reversus dixit: Quanti mercenarij,
 &c. Luc. 15. 17.*

SUSPIRO DO PECCADOR.

AONDE estão os meus sentidos? aonde, aonde o entendimento? quando na flor da minha vida devia proyar como Aguia, que

era filho do Sol da Fè; como ce-go, abuso da razão, mostrei que era ave nocturna, metendome em hum mar de sombras; logo que tive liberdade, sahi dos

braços de meu Pay, do meu Deos, & do meu Creator, & me apartei para tão longe da sua graça, & seu amor, perdendo a patria celestial, por seguir as vias do mundo, & os caminhos da perdição, da vaidade, & da ignorancia. Onde pois estão os meus olhos? que creditos, ou que ganancias temos tirado desta vida? Pelo curso da minha vida, pelo estadio de todo o mundo, correo perdido, & enganado o meu espirito atêgora: aqui dissipei cegamente não só os theouros da graça, mas ainda os bens da natureza: precipitei-me presumido nos despenhadeiros do seculo: atoleime desalumbado nos atascadeiros do vicio; & ahi profanamente livre, em todo o laço da maldade prendime torpemente, cego em todo o visco do peccado, donde tornada hydropesia esta sede do mesmo danno, me foy atormentando a vida na morada escura da morte, & me foy affligindo a alma na mais triste regiaõ da culpa. Taes são as sombras carregadas da consciencia anoytecida, q̄ sendo ao espirito sepulchro, cheyo de medos, & de espantos, da mesma alma he já cadaver, cheyo de bichos peçonhentos. Aqui pereço de miséria; em fome eterna do meu bem; aqui se me arranca o espirito; em ancia muda do meu mal; espedaçadas as entranhas

com os golpes do meu delito, suspirão sem achar remedio, magoamse sem sentir alivio, & se vertem sem desafogo: como agua feita lagoa, apodreceo dentro em meus vicios: como coufa fóra do centro, em nada posso achar descanso; & servindo ao mesmo Demonio na guarda infame dos peccados (que he o gado que pastoreo) me entrego todo à perdição, escravo já de meus insultos; sem que neste misero estado, a quem eu proprio me reduzo, nem ainda do manjar da culpa me possa fartar o Demonio, nem ainda de seu mesmo mal se encha a seu gosto a natureza: isto me succede no mundo a quem amei quanto elle quiz, & a quem servi tudo o que pude; esta he a paga, estas as honras, que tira de seus vãos enganos nossa cegueira fementida, nossa affeição desalumbada, nossa vaidade sempre cega, quando na casa do meu Pay, do meu Deos, & do meu Creator, inda os servos mais inuteis, mais sem proveito, & mais sem fruto se sustentão com pão de Anjos, se adornaõ com vestes nupciaes, & vivem com eternos gostos? Pois se isto tem quem serve a Deos, & quem pela via da emenda torna a seu Pay, & a seu Senhor; que fazemos entendimento? em que vos occupais meus sentidos? se podendo ser desengano a miséria do vosso gosto,

gosto, mas mesmas nevoas do delicto idolatras a viver cegos, nos proprios fumos da vangloria quereis morrer desvanecidos: muy errado he o caminho em que vos poz o vosso engano; mais segura he a vereda, que vos ensina o escarmento. Para dormir eternamente em leyto aspero de espinhas, de que vos serve irdes por flores? para descansar para sempre em cama de rosas, & flores, que máo vos he pizar espinhas? se cahistes gostosamente na sem-razaõ de ser ingratos, se tantas horas, dias, & annos arrastrastes a quelle jugo, que da cegueira he só bemquisto, cahi hũa hora na razãõ, para levantarvos na emenda; humilhaivos na paciencia, para vos erguerdes na graça; & torne eu em mim hum pouco, já que taõ fóra de mim mesmo me puzerão meus precipicios. Meteme já muito por dentro, ver quam longe estou de meu Deos, & quam fóra ando de mim; que cuide que basto eu só para me erguer, se sou pedra por mim lançada no profundo de hum mar de vicios? se sou tronco sem movimento, nas chamas negras do peccado? se sou ave mortã sem azas, no confuso Reyno das trevas? Oh meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor! pezame dentro na minha alma, pezame em todo coraçãõ, de

quanto vos hey offendido, pezame por serdes quem fois, lumbamente amavel, meu Deos, por vossa bõdade infinita, & por minha culpa infinita, que he mayor que toda a maldade: prometo com vossos auxilios, & vossa ajuda, meu Senhor, emendar toda a minha vida, & servirvos eternamente, com humã dor muito entranhavel, & de todo o tempo que perdi aggravandovos meu Creador, & apartado de vossa graça. Direi a todas as creaturas, qual fui tẽgora nos meus erros, & qual vòs fostes, meu Senhor, em me esperardes atẽgora; agora em dar-me a vossa luz, & sempre amandome, & sofrendome. Ferri vòs este coraçãõ, que inda de marmore se sente; não me engeiteis, meu Redemptor, pois obra fui de vossas mãos, & sede o Mestre que me ensine, pois não tenho outro, meu Deos, nem tive nunca alguẽ por mim, mais que a vossa misericordia: Misericordia Senhor muitas vezes, misericordia.

VOZ DE DEOS.

Filho, o corpo para levantar-se, basta que mude de lugar, o coraçãõ para se erguer, de vontade basta que mude; se sem mudares de lugar, bastou que mudasses de animo, para que andasses taõ perdido nos re-

motos climas da culpa; tambem para mudares de vida bastará sempre que des hum passo, para q̃ a alma não se perca: torna para mim filho meu, que não he mais longe a jornada, que hum virar para mim os olhos, a vontade, & o coração; nem ha para mim mais distancia, que hum só passo da penitencia.

F A I S C A II.

Surgam, & ibo ad Patrem meum.
SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Pay, meu Deos, & meu Senhor: Eu sou a quelle filho prodigo; a quelle homem sem discurso; a quelle emfim ingrato filho; que vos deixou como perdido, & vos fugio como perverso; segui os caminhos do mundo precipitados, & confusos, & em mil cegas profanidades gastei os annos, & o espirito que me destes para servirvos, a vontade, & o entendimento que me destes para louvarvos: entregue ao luxo, & às lascivias: aos estragos, & às perdiçoens: às demâcias, & arrogancias, & aos mais banquetes do Demonio; nellés bebi todo o veneno, com que o peccado me fez brindes; nellés gastei toda a sustancia, q̃ me destes para

a razaõ; & nellés consumij sem fruto as abundancias do juizo, q̃ podendo de vossas glorias ser hu triunfo harmonioso, de vossa offensa tantas vezes quiz ser escandalo bemquisto: porêm meu Deos, que mais castigo, que a partarme de vossa graça? que mayor vingança, meu Senhor, que saltarme a vossa presença? as mesmas culpas inda hoje são cruelmente o meu cutello, a minha dor, & o meu verdugo; ellas, meu Deos, para vingarvos vos escusão já outra pena, pois nenhũa olho já agora, que não tome armas contra mim, que não espedace a alma, & me não corte o coração. Chegai pois meu Deos, & Senhor, & levanteme a vossa mão deste abismo em: que me vejo, tireme a vossa piedade deste lago donde me sumo, & resplandeça a vossa luz neste pègo escuro de sombras, donde me safoga hum mar de trevas. Affaz conheço o meu estrago, quando em pedirvos que me ergais, mostro que em mim tudo he ruina. Contra vós, meu Deos, pequei; mais que todos os homens; offendivos, meu Creador, mais que todas as creaturas; & ao Ceo, à terra, & creaturas tambem offendi, offendendovos, porque vos acho a vós em todas, & em todas tendes contra mim a queixa, & mais as testemunhas. Não sou eu digno, meu Senhor, de vos nomear

por meu Pay, nem de chamar-me vosso filho, pois se nega de vosso filho, quem vendose filho de Deos pelos privilegios da graça, se fez escravo do demonio pela infame torpeza da culpa. Pezame muy de coração, não pela pena do delicto, mas pela maldade da offensa: não pelo medo do castigo, mas por aggravar vosso amor, & offender vossa bondade; nenhũa dõr terà o inferno, que iguale esta que padeço, pois padecera o mesmo inferno, por não havervos offendido; porque menor he o tormento, que se imagina merecido, que a dõr, que custa o mesmo mal, de quem o fez abominado. Não me tira isto com tudo a esperança, que em vòs tenho, de que me haveis de perdoar, pois se os meus erros foraõ causa de que eu perdesse o ser de filho, vòs não tendes, meu Creador, donde perder o ser de Pay. Se eu cometi aquella culpa, donde o cõdenar-me he justiça, vòs não perdestes a piedade, donde o perdoar-me he costume. Dessas vossas mesmas entranhas, que todas são misericordia, nenhum outro há mais que vòs, que interceda hoje por mim; rico sois de misericordia, este he o mayor thesouro, pois nelle estão os coraçãoes de todos quantos se arrependem. Se perdi a vossa graça, porque me corrompeo a cul-

pa, da mesma corrupção da culpa se me pòde gerar o perdão. Se morri, meu Deos, nas offensas, renasça nas misericordias; pois quem rebelde tantos annos lhes fez mais guerra, meu Senhor, mayor triumpho lhes darà quando vencido se reduza. Por longe que de vòs esteja, em hũa attrição que não basta, se eu achar graça em vossos olhos, quem estará de vòs mais perto? & se me chego tanto a vòs, que me peza de meus peccados, por quem vòs sois, & quem eu sou; que me falta Pay, & Deos meu, para me ver em vossos braços? Aqui me tendes, meu Senhor, despido, & nũ dessas virtudes, de que vòs podeis vestirme; cujo de todas as torpezas, de que vòs podeis alimpar-me; faminto daquelle mánjar, de que só vòs, meu Creador, pudereis bem satisfazer-me. Para onde posso eu fugir, se de vòs me não amparar? se vòs me deitares de vòs, que me quererà acolher? & se me não puzeres os olhos, quem pôrá os olhos em mim: inda q mão, inda q vil, posto q cujo, torpe, & cego, vossa creatura sou, meu Deos, vosso escravo sou, meu Senhor, vossa ovelha, meu Jesu, & filho vosso, meu Pay: movão-se pois vossas entranhas a usar de misericordia, que em vòs não he este attributo menor que o da vossa justiça. Cubraõ-me já vossas piedades estas tão feyas

desnu-

defnuzezes; lavem-me já vossas virtudes; as manchas negras de meus vicios: matem-me emfim vossos regalos a fome triste de meu bem: enchafe de vossos louvores a minha boca, noyte, & dia: não cesse hum ponto de agradarvos, nem pare hum ato-mo em servirvos, pois sem me haveres vds mister, não parastes desde abæterno, nem hum instante em me obrigar; em quanto não era, antevendome, escolhedome para q fosse, & antes q eu fosse, remindome; em quanto pequei, perdoandome; admitindome em vds buscando, & para perseverar sustédome. Não houve hora, meu Senhor, tempo, lugar, ou creatura, que por vds me não obrigasse, acudisse, & obedecesse; por vds o Ceo me quiz cobrir, por vds o Sol allumiarme, por vds a terra me deu fructos, o mar passagem, o alento, o fogo abrigo, & casa o mundo: emfim, por vds, meu Creador, os mesmos homens me serviaõ, os mesmos Anjos me ajudarão, & as mais creaturas me sofrirão. Se pois, meu Deos, quando perverso, com tudo isto me servistes: se agora quando arrependido me estais mostrando quanto obrastes por meu remedio, & salvaçãõ: se me prometeis esses Ceos: se a vds mesmo vos prometeis: que ddr, que magoa, que pezar não terã o meu coraçãõ daquelles

annos; que roubei ao grande amor que vos devia, para os dar ao mesmo demonio, que de vds, meu Bem, me apartava? Que louvor, que Hymnos, que Cantares não inventára o meu amor, para mostrar eternamente ao mundo os vossos beneficios? Certo, meu Deos, & meu Senhor, que se pudera nesta voz derramar o meu coraçãõ, pequeno amor me parecerã, encher com ella todo o mundo: se pudera com esta ddr desfazer as minhas entranhas, pouca demonstraçãõ seria, mostralla a todos os nascidos. Porém meu Pay, & meu Senhor, se os dons da graça são mayores que os excessos da natureza: se são melhores estes dias aonde o espirito renasce, que aquelles annos sempre inuteis, que para o seculo se vive; não olheis o que deste seculo leva huma vida tão perversa; ponde os olhos naquelles dotes, que lre dá hoje a vossa graça, para que em perpetua uniãõ de huma õbediencia resignada, não torne atraz huma vontade de seu delito arrependida.

V O Z DE DE OS

Filho, se queres crescer em graça, confessa a todos tua culpa, porque se te virem agrayarme, vejaõ tambem arrependerte; & se a todos escandalizaste

lizaste

lizaste em quanto foste peccador, a todos satisfaças hoje accusandote compungido.

F A I S C A III.

Ego autem in terra captivitatis mee confitebor illi: quoniam ostendi maiestatem suam in gentem peccatricem. Tobias 13: 7.

SUSPIRO DO PECCADOR.

CEos, Estrellas, Anjos, homens, mares, nuvens, aves, peixes, prayas, ondas, flores, hervas, fontes, rios, feras, brutos, pedras, troncos, montes, valles, que tantas vezes de meus erros fostes theatro, & testemunhas: de minhas culpas tantas vezes publica queixa, ou mudo escandalo: tantas vezes de meus delirios admiracão mais do que estorvo: emfim da minha solta vida accusaçãõ mais do que freyo; ouvi agora hum peccador, que vos confessa suas culpas, sem dizer, por mais que vos diga, o menos que ha nos seus peccados; sabeis vòs mundo, & peccadores, sabeis moradores do Ceo, sabeis peregrinos da terra, hospedes do vento, & do mar, & em fim todas as creaturas, que sou o mayor peccador, o mais perdido, o mais ingrato, o mais iniquo, o mais perverso que sahio de entranhas humanas, que

criarãõ peitos de tigrès, que viveo barbaro entre feras. Eu sou aquelle môstro horrendo, adonde poz a natureza as entranhas de muitas viboras, os olhos de mil basiliscos, hũa alma mais que de serpente, & hum coraçãõ mais que de marmore. Eu sou aquelle ingrato homem, cujas palavras sãõ venenos, cujas açoens sãõ precipicios, cujas idéas sãõ horrores, cujos exemplos sãõ estragos: sou aquelle vivente indigno, que amortecido à voz de Deos, & furdõ sempre a seus clamores, nem me movi quando me quiz, nem lhe paguei quando me amou, nem o segui quando me guiou, nem lhe abri quando me bateo. Rebelde sempre a seus preceitos lhe fiz offensa à obrigaçãõ, oposto sempre a seus decretos fiz da fugeiçãõ liberdade, exposto sempre à sua injuria, fiz dos escandalos vaidade, & entregue sempre à minha culpa, tive por glória os meus delitos. As quemeras, que da razaõ sãõ discursos impossiveis, em mim se vê por experiencia, que sãõ evidencias palpaveis, pois juntando em hum sô fugeito os affectos, que tem hum bruto, as obras, que faz hũa fera, as liviandades, que ha em hũa ave, & as perversidades, que ha em hum homem, fiz de tão varias naturezas hũa bemquista confusãõ, hum impossivel desmentido.

dó, hum a mentira verdadeira, & hum a verdadeira fabulosa. Assim o confesso a vós todas: assim o digo a todo o mundo, pois não tem numero as maldades, que eu não contasse em meus insultos, não ha nos vicios differença, que não contrahisse o meu vicio, não ha nas culpas circumstancia, em que eu não visse a minha culpa. A ser o mundo todo hum livro, & folhas as folhas das arvores, a serem pennas quantas pennas occupão a regiam dos ventos, a serem letras quantas hervas cobrem o papel dos campos, a serem tinta as aguas todas, que encerraõ os rios, & mares; não bastáram para que em cifra se escrevesse hũa só memoria de meus peccados, & delitos; pois fora cada qual delles, o mundo todo leve copia, pouco papel todas as folhas, todas as pennas curta penna, todas as hervas cifra breve, & os mares todos pouca tinta; & só pudêraõ escreverse; se eu fizera, multiplicando-os, de cada onda hum pégo de aguas, de cada area hum mar de mundos, de cada hervinha hum mundo de hervas, de cada fólha hum mar de bosques, de cada penna hum bosque de aves. Ceo, terra, mundo, & creaturas, todas me sede testemunhas de que eu assim volo confesso. Todas dizei ao meu Senhor, que assim o digo a todo o mundo. Oh meu Se-

nhor, oh meu bem todo, a quem no mundo sobre tudo elejo, adoro, creyo, & amo; não ficará terra, nem Ceo, retiro, ermo, ou solidão, bosque, aspereza, ou penedia, gruta, ribeiro, nem regato, a quem não diga minha culpa, a quem não peça mil perdoados, & em quem não chore hum mar de lagrimas. Todos, meu Deos, hei de correr por me accusar, & obedecervos, por vos buscar, & contentarvos, por me chorar, & persuadirvos: quantos me virão peccador, não me estranhem já penitente, pois bem que a mesma penitencia se desacredite comigo, eu, meu Deos, não lhe quero os creditos, só os proveitos lhe procuro. Justamente, meu Deos, em mim parecerá máo, o que he boim, pois he tal a minha maldade, que inda as triagas faz venenos. Culpem-me todos, de que aos bons ouso imitar a perfeição, se parece que mostro ao mundo, que em mim ha hoje cousa boa. Boas, meu Deos, saõ vossas obras, & vossas saõ as obras boas, que o mundo póde ver em mim. Não me posso eu gloriar do que vós dais quando quereis, pois o podeis tambem tirar todas as vezes que quizerdes. Faça se em mim a vossa vontade, cumpraõ se em mim vossos mandados, que eu mediante a vossa graça, quererei quanto vós quizerdes, & quero quanto vós quereis.

VOZ DE DEOS.

Filho, quem dorme, cahe no descuido, quando não cahe em outra culpa; quem se desvela por louvarmê, por me querer, & por servir-me, ao menos se levanta em graça, & se livra da tentação.

F A I S C A IV.

*Exurge psalterium, & cithara :
exurgam diluculo. Psalm.*

107. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, em que mostrarei que vos amo, se vos não quizer só a vós? & em que vereis o que vos quero, se vos não quizer mais que a mim? Quero-me a mim, se nestas horas acordando me adormecer; quero-vos a vós, meu Senhor, se adormecendo-me com vosco, me não acordar mais de mim. Bem fei, meu Pay, & meu Creador, que vos não mereço eu amar, pois não he digno deste bem, quem teve gosto de offendervos. Não nasce de mim, meu Senhor, huma tão nova differença, nasce de vós, que em vós achais a razão que me falta a mim, para que me não falte a razão, que tenho sempre para amarvos. Isto

que sinto dentro em mim por influxo de vossa graça, he que me accende a vos querer, he quem me obriga a eu deixar isto, que em mim acho de vós, he quem me obriga a que suspire pelo que em vós agora busco, he o q me inflama a que hoje busque, o que em vós só ha, meu Deos. Não durmamos pois, meu Senhor, acabe o sono do descuido, cesse o desmayo da vontade, baste a preguiça dos sentidos, & acordai vós meu suspirado, vinde meu Deos, & meu Senhor, a fer hum hora o meu cuidado, a fer hum dia o meu desvelo; amancheço-me os vossos olhos, pois chorando as alvas dos meus, me dão já novas dessa luz, pois na arvorada dos meus ays, ouço já ao meu coração os annuncios dos vossos rayos; rompa essa luz da vossa graça as trevoas desta minha culpa; nascei meu Sol, sahi meu Deos, pois para serdes Sol de justiça, destes ao mundo a luz da graça; riãose já com vossa vista os campos tristes da minha alma, esteril sempre, & sempre secca, se a vossa luz a não alegra, se o vosso orvalho a não fecunda; não se prohibaõ sempre os Ceos, não se fechem sempre essas nuvens, porque saõ sempre do delito, os inda nãoõs da minha emenda. Já he tempo, meu Redemptor, de se vos não passar o tempo, que eu perco, ha tanto, sem vos ver, porque vos

não atino a servir. Vejavos no seu coração, quem das cordas do coração faz laços para vos prender, & por telo em vós, meu Theſouro, tambem dellas vos quer fazer cadeas para vos prender. Sejaõ, meu Senhor, ellas cordas as que firvão neste instrumêto, com que canto vossos louvores; seja cithara a minha lingua, seja psalterio o coração, onde as dez cordas suas vissimas de vossa Ley, & Mandamentos, andem ao som do vosso gosto, & soem bem ao vosso ouvido: pulse-as aquelle movimento, que infunde na alma o vosso espirito, sem que o pulsallas as afroxe, sem que a froxidão as destempere, & a intemperança as desafine; aperte-me, Deos da minha alma, muito no meu coração; unisonem todas, meu Deos, naquella suave união, que he consonancia da memoria, musica do entendimento, & da vontade melodia: por mais que o espirito as aperte, nenhuma quebre meu Senhor, falletm todas, meu Creador, & a todos pareça que dizem, que o toque, meu Senhor, he vosso; tocando-as pois da vossa mão, a ellas vos cante a minha alma as vossas graças, & louvores, & ande a minha vontade sempre ao vosso gosto. Adormeçaõse sempre os meus sentidos com a armonia soberana, que elles me fazem

dentro na alma; cante eu a vossa fermosura, por quem o Ceo he fermoso, por quem as Estrellas luzem, & por quem o Sol resplandece; aquella grande fermosura, de quem he somente humia sombra, tudo quanto no dia lustra, tudo o que nas flores agrada, tudo o que nas belezas se admira. Cante eu vossa Omnipotencia, que a tantos generos de cousas deu especies, & differenças, que a tanta maquina de formas deu a variedade, & fermosura, que a tantos modos de creaturas deu distincões, & semelhanças; a quem prostrado em obediências, o mesmo nada se fez tudo, & a cujo imperio o mesmo tudo pôde tornar-se ao mesmo nada. Louve eu a vossa Magestade; de quem o mundo he breve imperio, de quem he Paço o mesmo Empyrio; pois os mayores Ceos a louvaõ, as esferas a vão mostrando, as nuvens a vão descobrindo, os montes a estão confessando, & os mares o estão dizendo. Louve eu a vossa Eternidade, para o principio sem começo, para todo fim sem principio, cujos antes, não tem depois, cujos agora são forão sempre, cujos depois são como agora. Admire a vossa Providencia, que com os céus nos sustenta, com os elementos nos serve, com as Estrellas nos ajuda, & com as aves nos avisa. Celèbre a vossa Sapiencia, que

que encheo as pedras de segredos; as flores, & hervas de virtudes; os homens, & as feras de espantos; os Ceos, & o mar de maravilhas. Solemnize eu esta harmonia, com que a seu centro as aguas correm, com que no ar as aves cantão, com que no mar os peixes nadão, com que na terra os brutos durão, com que no mundo os homens vivem. Festeje, & louve aquella ordem, com que tem guerra os elementos, com que nos tempos ha mudança, com que o Universo se renova, & com que tudo se conserva. Cante, & louve estes attributos, & essas perfeicoens admiraveis, donde se enleva, & se suspende, quem menos ama, & menos cuida; & cante, meu Deos, finalmente a vossa bondade inexplicavel, que para os Santos sempre he graça, para com os bons he favor, para os máos he perdão, com os perversos soffrimento, com os peyores ameaço, amor com os arrependidos, e espera com os descuidados, & com todos misericordia; & entregandome finalmente a vosso amor, & admiração, em vòs se pafme o meu discurso, & em mim se deixe o meu desejo, & em vòs se fique o meu espirito.

VOZ DE DEOS.

Filho, logo que acordares louvame, & logo que te ergueres louvame, pois aquillo só te levantarás a que te ergueres na minha graça. Nada pòdes fer, por mais que sejas no mundo; que aquillo que fores diante de mim, por isso começa sempre comigo todas as tuas acçoens, para que comigo as acabes; & não cuides que perdes nisto o tempo para outras coufas, porque todás terás, se a todás me antepuzeres.

FAISCA V.

Præveniant oculi mei, ad te diluculo: ut meditarer eloquia tua.
Psalm. 118. 148.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, todos mardrugão por louvarvos, todos se espertão por servirvos, & se desvelão por querervos: o Sol descobrindo na terra vossas obras, & maravilhas, a terra, o Ceo, o mar, & o vento mostrando a vossa fermofura nos paizes de todò o mundo; pois rompe apenas a manhã, apenas nasce a luz do dia, quando com festas admiraveis, com demonstraçoens

goens apraziveis se veite o Ceo de resplandores, as nuvens de ouro, o ar de plumas, de azul o mar, & de verde a terra, para melhor apparecervos; acordaõ as aves cantando, & se movem baylando as folhas, fazendo-lhes o som brandamente a viraçam por entre os ramos; correm os rios para o mar, só para ver vossa grandeza; vão saltando, como de prazer, os ribeiros pelo campo, a contar as vossas maravilhas; as plantas, arvores, & troncos, em vòs parece que se elevão, pois se vão todas pelos ares a contemplar vossa belleza. Todos, meu Deos, com a vossa luz sahem daquelle feu silencio, & desta triste confusão, com q̃ no escuro caos das trevas se escondeo a sombra da noyte, sem que das vossas creaturas mais rudas, toscas, & grosseiras alguma fique sem louvarvos, sem que a flor mais encolhedinha se não enfeite para vovos, & sem que a hervinha mais humilde não se espreguice por servirvos: todos parece que madrugão, por confessar quanto vos devem, pois aos olhos de todo o mundo dizem com mudas elegancias, que ellas a sy não se fizerão, mas que vòs, meu Deos, as creastes, & q̃ de vòs recebem tudo; mostra o Sol, q̃ vòs sois quem lhe dá os rayos, o Ceo, q̃ o adornais de luzes, & o ar, q̃ o povoais de aves, as aves, que

as vestis de plumas, o mar, que o encheis de peixes; & a terra, que a brotais de flores, as ondas, que as fazeis de neve, as fontes, que as fazeis de prata, os campos, que os cobris de pompas, & o mundo todo de creaturas para se mostrarem agradecidos, & louvarvos todos alegres; deixa o Sol o leyto das ondas, as aves o berço do ninho, as fontes o regaço da serra, as feras a cama do campo, os rios as prizoens de neve, & as flores o manto das folhas. Por merecer ser vosso trono triunfa das sombras o Sol, vencendo os rayos essas trevas, que encobrião as vossas obras: porque andeis nas pennas dos ventos, & sopra nelles vosso espirito, faz o Ceo carroça das nuvens: porque em suavés melodias vos celebrem côros de musica, faz o ar capella das aves: porque se vejaõ nesse Ceo huns longes dessa fermosura, faz o mar espelho das ondas: por vos fazer altar do prado, de quem fez templo a primavera, vos daõ as flores o ornamento; por ser a terra amphiteatro de vosso aplauso, & maravilhas, vos faz das feras espetaculo; tudo em fim, meu Deos, vos festeja, tudo vos louva, & vòs adora, pois com festiva ostentaçãõ confessa o muito que vos deve, descobre o muito que vos ama, & mostra o muito que vos serve. Eu só, meu Deos, &

meu

meu Senhor, quando mais vos amo, & vos sirvo, se faço alguma cousa boa; he confessar minhas maldades, he descobrir os meus delitos, desenterrado pezaroso do sepulchro do meu coração tantos cadaveres de culpa, q̄ ao bom exemplo são escandalo, & inda a mim mesmo são alombro. Se pois, meu Deos, & meu Senhor, aquillo faz quem não tem alma, ou quem tem alma menos nobre: que farei eu, que em huma vida vos devo innumeros beneficios? que farei, que em cada culpa vos devo mil misericordias? por todas essas creaturas, quizestes que em vós contemplasse, & sobisse a vèr o que sois, como he possível conhecêlo; & todas essas creaturas fizestes só para servirme, & com este fim as criastes; ellas todas, meu Deos, vos servem, & vos servem melhor que eu, pois chegaõ a sofrerme a mim, só por vos obedecer a vós. Eu, meu Senhor, & meu bem todo, sou aquelle servo sem fruto, aquelle peccador ingrato, que de todas ellas me sirvo, fazendo ao mundo tantos males, que vivo de vossos favores, para dobrarvos as offensas; ellas todas, meu Creador, são linguas que me ensinão sempre vossa grande sabedoria; são pinturas que me bosquejaõ vossa ineffavel fermosura; são figuras que imé representam vossa suprema Magesta-

de; são retratos que me estão pintando vossa admiravel Providencia; são bocas que estão confessando vossa infinita, Omnipotencia; sam vozes que me estão dizendo vossas perfeicoens infinitas; eu só, meu Deos, não faço por imitalas, mas ainda quanto obro, he resistir vos, & aggravarvos, pois sendo todas as creaturas huns gritos, que me dais aos olhos, eu nem ainda para escutarvos, da minha vista faço ouvidos: acabem pois, meu Creador, estas tão surdas repugnancias de huns olhos, que se fazem aspides; cessem as cegas resistencias de hũa razão que fazeis lince; dem já vozes dentro na alma esses silencios mysteriosos, & desfaze se em fogo, & agua este pedernal sempre duro; ponha já os olhos em sy, que os tirou tanto de vós, que se tirou de seu sentido; & tire os olhos de sy proprio, quem por verte fóra de vós, se sahio fóra de sy mesmo; faça se em mim por vosso amor, o que eu não posso obrar por mim; seja em mim possível por graça, o que o não he por natureza; & em fim fazei, meu Creador, pois com vosco começo o dia, que pareça que estais comigo; & pois vós sois quem me acordou, & me chamou para louvarvos, vós quem com a luz dos auxilios iõpeis a noyte da minha alma, vós a que devo confessar o mui-

to que de vós recebo, & emfim vós a quem amo, & quero sobre tudo o que não fois vós: permiti, que pondome aos pés de todas vossas creaturas, debaixo dos pés das hervinhas, & debaixo do pó da terra, com todas vos peça perdão, com todas vos diga louvores. Oh se eu, Creador, & Senhor meu, tivera para vos servir mais vidas que aservas do campo, se tivera para adorarvos mais almas que as flores da terra, se tivera para entregarvos mais corações que o mar areias, se tivera para admirarvos mais olhos que Estrellas o Ceo, se foraõ annos os momentos, se foraõ seculos as horas, & os dias eternidades, todas, meu Deos, & meu Senhor, para o que quero fora pouco, todas emfim, Creador meu, para o que devo fora nada; louvemvos por mim, meu Senhor, o Ceo, & a terra, & o mundo, & eu por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS

Filho, inda que foste sombra algum tempo, chegaste à luz da verdade, & se como Aguia fixares os olhos no Sol da graça, depressa verás que o mundo he trevoas, os homês aves nocturnas, a sua luz mentira, a sua vida noyte, & o seu defejo engano.

FAISCA VI.]

Populus qui ambulat in tenebris, vidit lucem magnam: habitantibus in regione umbrae mortis, lux orta est eis. Isai. 9. 2.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, Sol de justiça, & Sol da graça, lume da vida, & luz do mundo: todo o povo dos meus sentidos, que gaitou toda a minha vida na regiaõ das sombras da morte, vem guiado da vossa luz, a offerecerse em vossas aras; escapada de hum mar de trevas, com que a sepultava no abismo hum diluvio cego de noytes, ao affomar dos vossos rayos, navega já em hum mar de luzes, tendo o seu Sol no meyo dia, donde este espirito defunto na tristeza de meus delitos, já torna em sy allumiado, já resplandece resurgido, sabindo desse escuro carcere, donde hum Oceano de culpas me suspende em hum mar de sombras, pois nelle a vista como cega se sepultava para a luz, nelle a razão de salubridade vivia morta para o bem, nelle a minha alma anoytecida, idolatrava no seu mal; amanheceo-me meu Senhor, nos Orientes dessa Cruz, & esse lugar, que foy Occaso de vossa vida,

Orien-

Oriente foy de minha alma, Aurora da minha razaõ, & luz do meu entendimento, pois desfazendo os horrores, que forão nevoas do discurso, se derreteo logo esta neve, que me congelava o espirito; desfazendo as aquellas nuvens, que condensou minha frieza, choverão graças nesta terra, sem vòs estéril, & infecunda; & vestindose os campos da alma de amenidades apraziveis, crescerão logo hervas, & plantas, produzindo flores, & fructos. Milagres são, meu Creador, ou natureza milágroza da virtude de vosso influxo, effectos dos vossos poderes, & condição dessa bondade, estas suaves differenças, & estes prodigios admiraveis, que para em mim serem maravilha, se tem feito em vòs condição; que para serem gloria em vòs, se tem feito em mim experiencia; pois apenas sobre a minha alma derramastes a claridade de vossos rayos amorosos; apenas desse mar de luz me mundarão as influencias, quando as hervinhas mais inúteis deste jardim meu amor, se virão com vossas virtudes, quando as mais iusticias picardas deste meu peito empedernido, parecerão pedras preciosas. Notavel condição de Sol tendes, meu Deos, & meu Senhor, pois com aquelle mesmo influxo, com que dos Ceos chegais à terra, à flor da terra criais

flores, & nas entranhas me dais minas; com aquelles mesmos imperios, com que feris, meu Deos, os mares, das areas lhes fazeis ouro, & nas conchas heis criais perolas; cõ aquelles mesmos favores, com que os montes vos participaõ, vos abraçam tambem os valles; com aquella propria caricia, com que vos concedeis às Estrellas; fazeis tambem lustrar as nuvens. Por mais longes em que vos finja a vossa altura, meu Senhor, todos a hum vosso resplendor para a vista da alma são pertos; por mais alto que vossos auges vos fação respeitar da vista, entam mais pequeno, meu Deos, vos communicais aos affectos; por mais encuberto que andeis aos olhos de quem vos procura, entam mais abraçado o vosso ardor vos manifesta. Oh meu Deos, & meu Senhor! se eu vira já com a vossa attracção, sobir da terra este vapor, arder em fogo esta exhalacção, & eriguerse em nuvens este fumo, entre os vossos me smos ardores o vapor se fizera nuvem; a exhalacção se vira chama, & o fumo se tornara luz; que depressa, meu Redemptor, a terra de todo este mundo revivera fertilizada, & se lustrara florecida; pois a nuvem se fizera lagrimas; que para os campos fora chuva; a chama lhe dera calor; que para as plantas fora vida; & a luz lhe dera

terrosura, que para as flores fora graça? porém sem esta graça vossa, quem duvida, meu Creador, que a nuvem encubra a vossa luz, que a chama queime as vossas plantas, que a luz se eclipse em minhas sombras; se sem a vossa claridade toda a mais luz he de Cometa, sem o vosso fogo, meu Deos, toda a outra chama he de rayo, & sem as vossas influencias, todo o vapor se faz corisco? Desfazei pois, meu Creador, as durezas de hũ coração, que para vós se quer de cera, fertilizese o meu espirito com a chuva de vossas lagrimas, derretaõse os meus cãrmeos com o calor de vossa luz, influam-me vossas virtudes no peito novas qualidades; sejaõ janellas os meus olhos, por onde em cada vista de olhos, & em cada vista das creaturas me entre a luz de vossa vista, para que eu possa ver que em tudo, & em todas vos tenho presente. Alegrese o meu coração, desvanecendo-se os horrores de meus enganõs sempre cegos; nam viva no mundo às escuras huma razaõ, que tanto às claras vê os vossos beneficios; resplandeça dentro de mim, & luza já com o meu exemplo essa verdade, que encobre a mentira do mundo; & emfim, descubraõse, meu Deos, com essa vossa claridade, aquellas fabricas escuras; & ellas quimeras

mentirosas do defengano tão malquistas, & tão bem aceitas da vaidade, & da cegucira tam prezadas; chegandome muito a vós, de sorte me acenda, meu Deos, fitando em vós somente os olhos; de sorte esta alma se allumie, que remontada como Aguia, em vossos rayos se suspenda; & abrazada em fogo, como Fenix em seus incendios se renove; purificandose nas chamas, esmorecendose nas luzes, vivificandose nas cinzas.

VOZ DE DEOS.

Filho, 'faze muito por andar na minha presença, por fallarme sempre que queiras, abaxandote quanto podes, & erguendote quando eu procuro, & nam resistas aos favores que te faço, sendo tam vil, que não es mais que hum pó, & cinza, hontem igual com o nada, hoje filho das hervas, á manhã sustento de bichos.

F A I S C A . VII.

*Loquar ad Dominum meum cum
sim pulvis, & cinis. Genes.*

18. 27.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Diante de vós, meu Senhor, se poem agora o pó, & cinza; a fallar com o seu Senhor
vem

vem hoje a mesma corrupção; á vista da vossa presença, com quem he nada todo o mundo, se atreve a pôr o mesmo nada; porêm como, meu Creáador, ou-larei eu sendo tam vil chegar-me para de vossos olhos? vds esse mar de immensidades, esse pègo de fermosuras, esse abismo de maravilhas; vós essa excella Magestade, a quem o Ceo, & a terra adora, a quem o fogo, & o ar se humilha; vós essa immensa Omnipotencia, a cujo aceno o Sol se move, a cujo imperio os montes tremem, a cujo impulso o mar se abate, & a cuja vista finalmente todo esse imperio se arrebatá, todo esse mundo se derruba, & o mesmo inferno se ajoelha; consentireis que cuse a fallarvos huma vilíssima creatura? vds que nos Ceos achastes manchas, no Sol defeitos, na luz sombras, & escuridade nas Estrellas, culpas nos mesmos Serafins; vds finalmente essa pureza, de cuja vista senão tem por dignos os Santos, & Anjos, que vos louvão, os Serafins que em vds se abração, os Cherubins, que em vds se admirão; vireis a fallar, meu Senhor, com hum bichinho vil da terra, com hum pouco de lodo, & cinza, hum pò unido, hum torpe argueiro, hum breve oução, & hum levê aroma, que cheyo de nodoas, & vicios, prezo nas redes do peccado, atado

nos laços da culpa, nem vos busca como he razão, nem vos adora como deve; nem se vos postra como he justo? como he possível, meu Senhor, que por erguer o pò da terra, ponhais por terra a Magestade? por ventura faltavoshião na longa esfera dos possíveis, mil perfeitissimas creaturas, em quem pudesseis pôr os olhos? no largo Oceano do mundo faltarião outros (meu Deos) que merecessem melhor que eu poremse em vossa presença? no immenso espaço de vds mesmo faria mingua quê he nada, para louvarvos, meu Senhor? como logo vossos influxos, como vossas misericordias me trazem diante de vds, para que se ponha, meu Deos, esta sombra na vossa luz, este argueiro nos vossos olhos, & este lodo na vossa pureza? porêm, meu Deos, & meu Senhor, como neste vosso favor, estas ingratas humildades desconhecem vossos beneficios, se do nada para o ser de homê, me tirou vossa Omnipotencia? se sendo pouco mais de nada, me tirastes vds da minha culpa à vossa benignidade? se me jergueis com este favor a que pize o Ceo, & as Estrellas (que mais he por me a vossos pés) como sou eu tal, meu Jesu, que tapo os olhos ao que devo, quando mais os abro ao que sou? que resisto à vossa vontade, quando trago a mi-

nhã vontade mais acia para obedeceros? quasi culpo as vossas obras, pois me encolho a vossas grandezas? Oh Deos immenso, & soberano, obrem em mim vossos influxos, o que nam podem meus defeitos, isto que excede aos meus discursos. De maneira, meu Deos, vos busque, com tal confiança vos falle, com taes incendios vos adore, que fazendo azas das chamas, espiritos das lavaredas, & linguas das admiraçoens; sirvão os pafmos de discursos, as transformaçõens de assistencias, & de affectos as maravilhas. Oh alto, immenso, omnipotente, sapientissimo, santissimo, incomprehensivel, & bonissimo Senhor, & Deos meu!

VOZ DE DEOS.

Filho, eu sou o teu Deos, que te tirei da terra do Egypto, louvame, pois fui teu remedio, suspirame, pois sou o teu bem, fallame, pois sou o teu amor, & pedeme, pois tens em mim tudo.

(S): ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S)

☺:(S) ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S) ☺:(S)

FAISCA VIII.

Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei? Psalm.

41. 3.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Quando, quando, meu Redemptor, cahiráo desfeitas em lagrimas as nevoas que cegão meus olhos? quando ha de ouvirse na minha boca aquella voz com que vos louvem as minhas entranhas? quando sahiráó da minha alma aquelles intimos suspiros, cõ que voe a unirse com vosco? & quando deste coração hão de sahir chamas cõ que arda em vós o meu peito? tirastemes, meu Redemptor, da terra do Egypto da culpa, & das escravidoens do peccado, & pelo mar Vermelho de vosso sangue, abrindome a estrada nas ondas, nellas deixastes sepultados, como a Farã, os meus vicios, trazendo a salvo os meus sentidos, q̄ tambem saõ o vosso povo, fi zestes com que vos cantassem gloriosamente o triumpho pelo deserto deste mundo, que para os bons he solidaõ, & passo para os que vão ao inferno, me sustentastes, meu Senhor, com o Manná dos Sacramentos, chovendo do Ceo na minha alma o orvalho das misericordias; do

do pedestal de hum coração, que ferio fogo contra vds, fizestes que delatasse, ferido com a vara da vossa Cruz, copiosos rios de lagrimas, com que acodindo á sequidão, que eu sempre achava nos meus olhos, por vds revive este espirito, amortecido tantas vezes nas fraquezas do ser humano, & sem castiga me outras muitas, que eu dei aos idolos do mundo a adoração que vos devia, & outras muitas que suspirei pelo peyor manjar do Egypto, me fizestes sobir ao montê da Oração, que me ensinastes, donde vds me daveis a Ley, que mais me convinha guardar, & onde sempre me fallaveis entre as chamas do Espirito Santo, com quem não só me respondiis, mas juntamente me inflamaveis. Aqui com o fumo da oração, que subio à vossa presença, com os terremotos admiraveis de meus internos movimentos, não só me ouvistes meu Jesu, mas me prometeo vosso amor ver a terra de Promissão da celestial Jerusalém, & cetera bem-aventurança, ao mesmo passo em que os meus olhos viaõ soverterse no inferno outros que por menores culpas vds para sempre condenastes; quando a mim me desejava a terra, o Ceo, o mar, & o mesmo inferno tragarme, abrirte, & confundirme, por tantas offensas que eu fiz a tamanhas mi-

sericordias; não bastou nada, meu Senhor, para que vds vos afastasseis de mim, ou de chegarme para vds: todos aquelles inimigos, que espantosamente terriveis, ou amigos fingidamente, sollicitavaõ destruirme, ou pelo menos combaterme, sendo despojo dessas chagas, que saõ as armas com que ando, sendo trofeo da vossa Cruz, q he o Estandarte, que tremolo, sendo braços do vosso nome, que he a fração porque entendo, sendo timbres da minha Fè, que he o escudo com que me cubro, forão vitorias repetidas da batalha de vossa morte; forão insignias gloriosas desta guerra da minha vida; forão simulacros erigidos nos Imperios da vossa graça; forão bandeiras arrastadas no triunfo da vossa gloria; não parando aqui, meu Senhor, vossos imensos beneficios: naquella terra delectosa, que sempre mana leyte, & mel, naquelles rios de delicias, naquelles jardins da minha alma, que sempre tem flores, & frutos: na sagrada Religião, dode a pobreza me fez rico, donde a obediencia he liberdade, donde a castidade he deleyte, me puzestes, meu Creator, de sorte bem-aventurado, que inda na terra achei o Ceo, que inda na morte encontro a vida, & atè nas penas vejo a gloria. Oh Deos altissimo, bonissimo, piissimo,

miserericordiosissimo! que obras podem ser palavras, que cantos podem ser louvores, que affectos podem ser extremos, para que digaõ os humanos os beneficios que vos devo, para que encareçam os homens as maravilhas que em vós ha, para que eu grite a todo o mundo a mentira, que sem vós he? Sayam, meu Deos, por esta boca feitas palavras, as entranhas: rompaõ, meu Deos, pelos meus olhos as lagrimas feitas razoes: derramemte por todo eu, os suspiros feitos discursos, para que o mundo na minha alma, os homens nas minhas entranhas, & ainda o Ceo no meu coração, leaõ huma ancia, que he amor, huma verdade, que he prodigio, huma razaõ, que he maravilha, & hum defengano, que he exemplo. Todos, meu Deos, nisto vos louvem, pois eu não fei de outra maneira louvarvos todos os instantes, servirvos todos os minutos, & amarvos todos os momentos.

VOZ DE DEOS.

Filho, quebrãose as pedras, vendome morrer em huma Cruz; & tu vendome morto por ti, nem me tiras deste injurioso tormento, nem te crucificas por mim. Olha, que desta mesma fonte não podem manar juntamente as aguas doces, & amargosas.

F A I S C A I X.

In foraminibus petrae, & in caverna maceria, ostende mihi faciem tuam. Cant.

2. 14.

SUSPIRO DA ALMA

OH meu Jesu, oh meu Senhor! com que soberbo atrevimento levanto os olhos para vervos? com que profanas ousadias vos intento tomar na boca? com que arrojado precipicio tomo essa Cruz nas minhas mãos? se ellas vos pregaraõ os cravos, se a minha boca vos deu o fel, se os meus olhos forão vossa afronta; olhos tenho eu para vervos, boca tenho para fallarvos, & tenho mãos com que me atreva a tomar o Ceo com as mãos? & não chorão inda os meus olhos, o que vendo vos aggravaraõ? não confessa inda esta boca a grande offensa que vos fez? não espedaçaõ estas mãos hum coração, que assim vos peç? para que tem covas os olhos, se inda nellas se não sepultaõ? de que servio ter Ceo a boca, se he melhor a boca do inferno, que huma boca tão infernal? de que servem as mãos terem palmas, se podendo-as ter de vitoria, as perdèraõ quando no mundo dèraõ as costas ao seu Deos?

Deos? Mas que se avia de esperar de hum coração mais que de pedra, que podendo ser de tocar vossa bondade meu Senhor, foy de atrahir para as maldades, & de cevar a todos os vicios? que podendo ser de estancar o mar de sangue que verteis, foy tantas vezes, meu Jesu, de ferir fogo contra vós? que podendo ser preciosa, & servirvos de pedra de ara, a todo o mundo o foy de escandalo, parecendo pedra perdida? que podendo desfeita em lagrimas fazer chorar as mesmas pedras, fez que se erguessem contra vós as mesmas, que vós magoaveis? que podendo na vossa casa ser pedra de fundamento, poz hũa pedra sobre vós, sem que vos dêsse sepultura? Oh meu Jesu, & meu bem todo! quebraõse as pedras de vos ver, & eu tenho inteiro o coração! usurpaõme ellas a razão com que doridas se enternecem, com que se partem magoadas, & eu só lhes usurpo esta dureza, com que vos olho empedernido! morrese o dia de pezar, & não me peza de viver, sendo hum inferno a minha vida! O Sol olhando vos se eclipsa, o Ceo doendose se enluta, & eu vendo qual vos tenho posto, nem me doo do mal que fiz, nem de vovostal, me entristeço! Alli se rasga o Vêo do Templo, aqui não quer o coração rasgar-se em golpes, & pedaços! Os cegos

chegaõ a ter vista nos Sacramentos desse peito, & eu por não ser do vosso lado, quero com vista ficar cego! Hum inimigo se converte, confessando que sois seu Deos, & eu a que vós chamastes filho, a quem chamastes tantas vezes, a quem mil vezes perdoastes, ainda recuso o converterme, ainda trato de vos fugir! para onde posso eu fugir, aonde todas as creaturas me não castiguem por ingrato, & me não tenhaõ por inimigo, se em toda a parte, meu Creador, levo comigo o meu peccado, & vai comigo a vossa offensa espedaçandome a consciencia, & gritandome dentro na alma, para que aos golpes, & ao ruido desta sua perturbaçam, veja todo o mundo os feyos vultos de meus vicios, as negras sóbras de meus erros, & as razoens que todos terãõ de vos vingar, & confundirme? tudo parece que me accusa o que em mim dura esta dureza: tudo parece que se arma contra esta minha obstinaçãõ. Olho para os Ceos, & se turbãõ de ver que os olho, & que os desprezo; olho para o mar, & se altera, de ver que ronca, & vos nam temo; olho os ares, & se enfurecem, de ver que os bebo, & vos aggravo; olho para a terra, & me fuge, de ver que treme, & me não move; vejo essaservas, & se murchãõ, de ver que as pizo em vossa offensa;

reparo no Sol, & se enfia de al-
lumiarme em vossa injuria; va-
lhome das sombras, & caem,
por ver q̄ encobre vossa afronta;
chegome às fontes, & congelaõ-
se, de ver que as gosto, & vos
riam busco; passo aos penedos,
& espedaçõe, de ver que os
olho, & me endureço; contem-
plo as horas, & se acabão, de
ver que acabo, & nam me e-
mendo; tornome a vds, & de-
mudaifvos, porque eu vos olho,
& me nam mudo; tudo parece
que se admira, tudo conheço que
me accusa, que me aborrece, &
me reprehende, pois olhando-
me com a carranca, naquelle
seu espanto mudo se pasmaõ da
minha maldade; & em todos
seus annunciõs tristes me amea-
çam a vossa ira: porẽm, meu
Deos, deste penhasco, desta ser-
pente, desta vibora, deste pro-
digio de maldades, deste porten-
to de delitos; que podeis vds es-
perar, ou que podia ver o mun-
do? se desde o ventre à luz da vi-
da fui hum veneno amortecido;
se desde o berço à flor da idade
fui hũa chimera organizada; se
desde o léyto até o tumulto sou
hum escandalo perjuro; & se
enfim sou a todo o tempo hum
parto morto da razaõ, hũ mon-
stro horrẽdo dos nascidos, &
hum cometa vivo do mundo.
Porẽm que importa, meu Jesu,
a gravidade de meus vicios, a
grandeza de minhas culpas, &

o pezo de minha consciencia; se
na balança dessa Cruz se pesar
com vossas piedades? não vos pu-
zestes vds na Cruz para me con-
denar, meu Deos; para perdoar
minhas culpas, & lavarme com
vosso sangue, derramastes vds
dessas Chagas hum rio de mise-
ricordias; que tem peis que fa-
zer, meu Deos, os torrentes de
minha culpa, inda que pareçam
diluvios, com os mares de vos-
sa graça, inda que sã pareçam
fonte? que tem que fazer o di-
ludio da minha culpa com a in-
nundação de vossa graça, se a
muitos mares de peccados, & a
muitos mundos de delitos excede
a menor piedade vossa? Pesai,
meu Deos, quãto me peza de me
nam pezar quanto he justo, o
muito que vos offendi, & vereis
que se me não peza, quanto he
razão que me pezasse, he porque
apar dessas piedades he nada to-
da a minha culpa; nam pelo
peso da minha ancia, pelo va-
lor de vosso sangue aveis de jul-
gar, meu Senhor, & aveis de
estimar, meu Jesu, meu amor,
a minha emenda. Pondome apar
de vossas Chagas, vos venho a
pedir, meu Jesu, que me põ-
nhais õs vossos olhos, metendo-
me por dentro dellas: donde me
esconderei de vossa ira, se elles
olhos de misericordia senão vi-
jarem para mim? No vosso pei-
to, meu Senhor, donde os cegos
achãõ vista, entro eu a bulcar

remedio; esse lado ha de ser agora a Cidade de refugio, adonde se vão a acolher todos os medos do meu mal, & as esperanças do meu bê; se ahi me achastes contra vós, quando de hũa lança fiz chave, aqui vos hey de achar por mim, pois dessa chaga fazeis porta. Esta, meu Senhor, he a differença, que ha de hũ Deos misericordioso ao peccador mais ingrato. Aqui, meu Deos, & meu Senhor, me quero fechar para o mundo, metendome em hum Ceo aberto; aqui me quero abrir com vosco, desfabrindome com meus peccados, & de todos arrependido, ao menos vos venho a bater dõde vos cheguei a ferir, porque me fira o vosso amor, & me cure a vossa piedade.

VOZ DE DEOS.

Filho, se queres q̄ ouça tuas petigoens, & que te defira bem, nam me peças nunca outra cousa, senam que se faça em ti a minha vontade.

F A I S C A X.

Non mea voluntas, sed tua fiat.

Luc. 22. 42.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Immenso, altissimo, infinito, & omnipotente Senhor meu, não, como outras muitas

vezes, vos venho a pedir neciamente os bens da vida deste mundo, as honras, glorias, & fortunas, que só buscão almas do seculo: persuadido da vossa graça, atrahido do vosso auxilio, excitado do vosso impulso, cuido que venho a vos pedir o mesmo que vós quereis dar-me; vós quereis, meu Deos, que eu me salve, que vos adore, louve, & sirva, & para isso me criastes, escolhendome entre tantos, que me puderaõ preferir: a obedecer gozofosamente a vossa vontade, meu Senhor, não me arrastrão só as fortunas, não me soborna só o exemplo, nem só me move o defengano, a minha vontade me traz acesa em lavaredas de vosso espirito divino, que de mim, meu Deos, não presumo que nasça este ardor de chamas, que corre a este mar de fogo. Aparelhado, meu Senhor, vem agora o meu coração para fazer vossos mandados, resignados os meus sentidos para entregar-se ao vosso gosto, & manfa a minha liberdade para tomar o vosso jugo; faça-se em mim, vossa vontade, & acabem já por huma vez tantas violencias da memoria, tantos excessos do alvedrio, tantas cegueiras do discursão; vença-se o gosto da razão, atese à graça a natureza, & soppee ao corpo o espirito. Baste, meu Deos, & meu Senhor, baste a passada resistencia, aquella

cega.

cega rebeldia, & effiura louca repugnancia com q̄ ás vocaçõs fui escandalo, aos auxilios ingratião, & emfim à finte aos beneficios: fiquem comigo as negaçõens, comvosco as conformidades, que me importa muito, meu Deos, nam querer já nada de mim, nem me está bem, meu Creador, desviar-me em nada de vòs: faça-se em mim vossa vò:ade, como vòs quereis q̄ se faça, & não queira eu cõ meus erros governar os vossos destinos: sirvavos eu, meu Deos, em tudo, como vòs quereis que vos sirva, & não se metão meus arbitrios em mandar vossa vontade: mas quem sou eu, meu Creador, quem sou meu Deos, & meu bem todo, para cuidar tanto de mim, que cuide que posso prestar para tudo quanto quereis? & que merecerei servirvos sendo a peyor cousa do mundo? não se tem os Anjos do Ceo por dignos de vos adorar, não se julgão os Justos da terra merecedores de servirvos, & cuidarei eu, pò, & cinza, que disto sou merecedor, & que de tanto bem sou digno? Os que vos servem, meu Senhor, os que vos ministrão, meu Rey, os que vos adorão, meu Deos, são Santos, & não peccadores; são Anjos, & nam como eu homens; são Serafins, & nam como eu brutos; mas eu que na vida do seculo, pareci Turco, & não Christão, pareci

bruto, & não humano, pareci demonio, & nam homem, no vicio, exemplo da maldade, na culpa, monstro dos perversos, nos erros, norte dos perdidos, cuidarei que posso servirvos do modo, que vos serve hum Justo, da sorte que vos ama hum Santo, & na fórma que vos quer hum Anjo?

Serà bem, q̄ eu chegue a cuidar, que no meu estado sou justo, que na minha vida sou Santo, & que sou hum Anjo no espirito? como, meu Deos, & meu Senhor, atè por aquelle caminho, em que vos desejo servir, & me ponho a risco de offendervos, levandome desta soberba, & tendo tamanha ousadia: como consente a vossa bondade, que eu vos falle tam atrevido, & me sospeite tão medrado? porque callais quanto faço? porque me sofreis quanto digo? que fosse offensa a minha vida, quando nas culpas foy estrago, andar, não era novidade: q̄ fosse aggravado o meu amor, quando do mudo foy delirio, passe tambem, pois andei cego; mas que hoje quando vos busco, quando me peza de offendervos, & quando só quero agradarvos, seja delicto o que vos peço, esta sómente he a cegueira! que hoje, meu Deos, quando vos amo, seja soberba o que me postro, esta só he a maravilha! porèm, meu Deos, que hey de fazer, ou que fera

será razão que faça? será acerto por ventura, por não ser digno de servirvos, que continue em offendervos? será razão que gaste o resto que me sobeja, na vida de vosso agravo, & no meu delito? porque não posso ser hũ Anjo, será bem que seja hũ demônio? porque me nam devo ter por justo, tratarei de ser peccador? será pedirvos, meu Deos, que em mim se faça a vossa offensa, por nam merecervós, que em mim se faça a vossa vontade? perdervoshey, meu Creador, que de mim vos queirais offender, porque nam mereço pedirvos, q de mim vos queirais servir? que hey de pedirvos, meu Senhor, se pedirvos isto he agravo? como ha de ser, como he possível, que vos agrade o que vos peço, se pedir eu parece absurdo, se pedirvos a vds he força? se o que se pede ha de ser justo, & pedirvos isto he razão, soberba parece, meu Deos, o pedirvos eu, sendo quem sou, hum bem tamanho; como amarvos: parece offensa nam pedirvos, se vds me rogais q vos peça: se me ensinai que isto vos rogue, inclinandome a obedecervos; vede, meu Deos, vede meu Pay, 'o que he vosso gosto que eu faça, que eu me ponho nas vossas mãos; & só vos peço, meu Senhor, o que vds quereis que eu vos peça, faça se em mim a vossa vontade, porque sem elcolher, nem fugir dos

castigos, ou dos favores, indifferente para tudo me acharão os vossos decretos: seja, meu Deos, qual for a sorte que hoje me lance o vosso agrado, que eu já nam quero mayor bem, que saber da minha resignação, que a vossa gloria he o meu fim, vossa vontade a minha gloria, & vossa emfim a minha vontade.

VOZ DE DEOS.

Filho, nam só na noyte das adversidades, mas em hũa sombra de descuido, me agrada quem se chega a mim, & quem bẽndiz as minhas obras. Se perderes o sono, & deixares o descanso, todo Eu farei o teu premio.

F A I S C A XI.

Memor fui nocte nominis tui Domine, & custodivi legem tuam.
Psalm. 118.

SYSPIRO DA ALMA.

AGora, Deos, & Senhor meu, que se amortalha o Ceo em nuvens, que a luz se sepulta em sombras, que a noyte se derrama em trevas: agora, que a sombra da noyte finge descanso a tantas vidas; agora emfim, meu Creador, que as ayes tem o seu abrigo, que os

brutos gozaõ do repouso, que os
 homens tratão do seu descanso;
 eu, que em vòs só me recreyo,
 aonde encoftarej os meus senti-
 dos, aonde adormecerei os meus
 olhos, senão muito apar de vos-
 sa graça? aonde poderei eu ter
 repouso, senam deitado a vossos
 pés? aonde encontrarei descan-
 so, senão for nos vossos braços?
 onde gozarei abrigos, senam
 for nos vossos olhos? se eyses me
 servem de regalo, estoutros me
 servem de leyto, & aquellou-
 tros de ninho. Corre huma fon-
 te para o mar, porque no mar
 tem o seu centro: remontase a
 Aguia sobre as nuvens, porque
 no Ceo quer pôr os olhos: attra-
 he o norte a pedra Iman, porque
 tem virtude huma pedra: & po-
 dendo os olhos ser fonte, pois
 são as fontes olhos de agna: po-
 dendo hum juizo ser Aguia, que
 tambem ha Aguias de juizo: po-
 dendo hum coração ser Iman,
 que tambem ha coraçõs de pe-
 dra: nam queira attrahir como
 pedra a vòs, ó Norte da minha
 Alma! não queira voar como
 Aguia a vòs o meu Sol de justi-
 ça! não queira correr como fon-
 te a vòs o mar de toda a gloriã!
 Oh corrase muito a razão de
 estar em mim tam mal parada,
 que tenha já mais virtude huma
 pedra, que hum coração! que
 faça huma Alma menos, que hu-
 ma ave! que obre huma fonte
 mais, que huns olhos! se só como

Author da natureza vos obedece
 o Ceo, movendose, todos os A-
 stros influindo, o Sol, & a Lua
 allumiando: só por servirvos,
 o Ar a todos vos dá alentos, o
 mar passagem, a terra frutos, o
 fogo abrigos, o mando casa; que
 menos hey de fazer eu, a quem
 sobre os bens da natureza destes
 tantos bens da graça? para que
 vos serverei peyor, se vos conhe-
 ça por meu Deos? vejo essas
 Ceos, essas Estrellas, que me
 vão servindo todas em todo o
 tempo, que vos busco: que me
 dão luz para seguirvos, em quã-
 to sabem que vos chamo: olho
 para essas lombas, & essas nu-
 vens, & dizem-me, que vos vão
 amando, & bulcando, pois a ser-
 virvos vão correndo: ouço esse
 ar, cujos çuços me parece,
 que são suspiros: vejo o mundo
 todo posto em silencio, onde as
 couças sem alma, as mais to-
 cas, & as mais rudes contem-
 plandovos admiradas, todas em
 vòs estam suspensas, & palma-
 das; ellas correm a obedecer-
 vos, & se moyem para agradar-
 vos, sem que parem, nem de-
 noyte, nem de dia: outras em
 vòs se estaõ revendo, & se estaõ
 em vòs elevando, sem que ces-
 sem hora, nem ponto. Todas pa-
 rece, que me reprehendem, me
 arguem, & me accusaõ esta mi-
 nha tibieza, com que me can-
 so para servirvos, em q me des-
 velo para fallarvos, & conti-

huamente amaryos. O Sol vos cria as pedras para as Aras; & juntamente as flores para os Altares; mas que farei eu, se desse Sol, que os Ceos, & Espiritos celestes adorão, faltar a luz, que me allumia, faltar o influxo, que me attrahe? se desse mar para onde corro; faltar o centro que me aquiete? Abrazem-me já esses raios, predomine o vosso influxo, & çoçobrem-me as vossas ondas; para que nelles sempre acefo, vos ame os seculos dos seculos: para que nelle arrebatado vos nam, largue o nunca dos nuncas: para que nelles embebido vos adore o sempre dos sempre.

VOZ DE DEOS.

Filho, detesta, & abomina tuas culpas diante de minha Magestade, para te fazeres digno de que minha grande misericordia tas perdoe, tas remita, & nam impute.



Peccavi super numerum arenæ maris; & multiplicata sunt peccata mea: & non sum dignus videre altitudinem cæli, propter multitudinem iniquitatis meæ. Ex Officio Eccles. **I**SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deus, meu Pay, & meu Senhor; meu Redemptor; eu o mais ingrato dos homens, o mais perverso dos nascidos, o peyor de todos os humanos, a vossos pès cheyo de culpas, venho a ver aquella bondade, que tantas vezes me soffreo; a pedir essa misericordia, que tantas vezes engeitei, a confessar essa piedade, que tantas vezes me attrahiu. Eu sou aquelle filho ingrato, aquelle servo fementido, & aquelle em fim perverso homem, que da vossa misericordia fiz ategora a vossa injuria; pois que de tantos beneficios nam tenho feito a minha emenda: sou aquelle monstro de culpas; aquelle extremo abominavel; aquelle excesso aborrecivel; que da vossa mesma justiça, fiz ategora paciencia, pois para ser misericordia, se fez comigo esquecimento. Eu sou, meu Deus, aquella pedra, aquella fera, aquel-

quelle bruto, que a ter de pedra o coração, nam pudéra ser mais de marmore, que a ter de bruto a natureza, nunca pudéra ser mais bruto, que a ter de fera a condigam, nunca pudéra ser mais fera. Sou áquelle peyor que todos, que dádomé vós mais que a todos, os beneficios, & os auxilios, mais que todos vos fiz offensas, mais que tudo vos fui escandalo. Indigno sou, meu Creador, de que o Sol me dê a luz que vejo, o ar, o alento q respiro, a terra, o lugar que occupo, & dê todo o uso da razão, que nunca em mim teve o seu uso. Indignissimo sou, meu Deos, da vida, & da alma que me dêstes, do tempo, & me yos que me dais para que fuja de mim mesmo, & para que a vós só me chegue. Indignissimo sou, meu Deos, de que haja cousa que me sofra, bichinho vil que me confinta, & leve qução que não me aggrave. Merecedor sou, meu Jesu, de que no mundo as creaturas se ergaõ, & se armem contra mim, & por sy, & por vós se vinguem de quanto em mim vos aggraváraõ, quando em mim vos desobedeceraõ. Merecedor fui, meu Senhor, por quantas vezes vos fugi, vos resisti, vos engeitei, de que o Ceo me deseparasse, de que o fogo me consumisse, de que a terra me sovertesse; & ainda hoje, meu Deos, mereço, que as

creaturas me nam olhem, que os elementos se me neguem, que o mesmo inferno me sepulte, pois sendo em vós mil beneficios cada hum instante meu de vida, foy em mim huma eternidade de offensas cada momento mais de culpa: & devendo em mim ser penitencia, tudo o que foy distrahimento, foy em mim sempre obliinação; o que devia ser emenda.

Daveisme a vida, meu Senhor: daveisme o tempo, meu Jesu, pcr ver se a mudança do tempo podia em mim fazer mudança: por ver se os estragos da alma eraõ já fastios da culpa; & eu cada vez mais pervertido, cada vez menos emendado, me deleytava nos delitos, como se nelles vos amara: me gloriava nas maldades, como se nellas vos servira. Oh meu Senhor, meu Redemptor, quanto sinto, quanto me doo, & quam pouco me deo, & sinto de ser, meu Deos, a vossa afronta, de ser, meu Deos, a vossa Cruz! Quanto sinto, Redemptor meu, ser tão grande a minha maldade, que niil vezes na mesma culpa, fiz vaidade de aggravarvos, & outras tantas me entristeci de nam poder mais offendervos! Que homem seria mais perverso? que fera mais incorregivel? que demonio mais detestavel? & vós, meu Deos, sempre a soffri-me, & vós, meu Senhor, sempre

prè a esperarme, como se o vos-
tò ser immenso dependèra mui-
to de mim! como se ao vosso
immenso amor lhe fora muito
em me salvar! Rasguese pois,
meu Criador, este coração em-
pedernido em rios de fogo, &
de lagrimas: ceguem, meu Deos,
ceguem meus olhos com dilu-
vios de sentimento: espedacese
esta minha alma com huma ddr
sempre chorada, com hũa ma-
goa nunca vista, em hum vivo
aborto destas culpas, & em hu-
ma ancia morta do meu pranto:
seja este o parto das viboras, que
me espedace as entranhas: seja
este aquelle cutello, que me
traspasse o coração. Pequei, meu
Deos, & meu Senhor, & nam
tem areas o mar, flores a terra,
hervas o campo, que igualemente,
Pay, & Senhor meu, o numero
das minhas culpas; nem a serem
as hervas fontes, nem a serem
as flores rios, nem a serem as
ondas mares, igualarão as que
os meus olhos devem chorar ar-
repellidos. Pequei, meu Deos,
jà o confesso, & ao Ceo, à ter-
ra, às creaturas o direi a voses,
& a lagrimas. Pequei, & sendo
as minhas culpas hum aggravo
de todo o mundo, quando ima-
gino os que vos fiz, só cuido;
que contra vds pequei. Tama-
nha he a differença de vossa
offensa às outras todas, que
sendo muito cada huma: junto
da vossa, todas juntas parecem

pouco mais de nada. Pequei,
meu Deos, & bem conheço, que
todas as penas do inferno são
para mim pouco castigo; mas
nam pelo temor da pena, que eu
mereço tão justamente; nam
por perder os bens da gloria, que
eu nunca vos mereceria, me
peza, Deos, & Senhor meu, de
meus vicios abominaveis, &
de meus peccados incrivies. Pe-
zame muito de coração, peza-
me muito na minha alma, por
ferdes vds o offendido; vds o
meu Deos, & o meu Senhor; o
Senhor dos Ceos, & da terra;
que me criou, me redemio, que
me soffreo, & me chamou; vds
que só por vds sois digno de ser
eternamente amado, por vds
mesmo merecedor de até no in-
ferno ser servido; vds essa im-
mensa Magestade, de quem os
Ceos, & a terra tremem; essa
suprema Omnipotencia, de que
foy obra todo o mundo; essa
ineffavel fermosura, por quem
o mundo he admiravel; essa
bondade incomparavel, por que
eu sou aborrecivel; esse mar de
misericordias, esse extremo de
perfeiçoens, sempre infinito de
grandezas, nunca acabar de ma-
ravilhas; & que sendo vds tu-
do isto, & muito mais do que
isto tudo, me atrevesse eu a of-
fendervos, me resolvesse a exal-
parvos! eu vilissima creatura,
que hontem fui nada; hoje sou
pouco, & à manhãa farei mu-
ta

to menos! eu que se bem me considero, quando muito vejo em mim mesmo, que fui, que sou, & que serei, ha pouco lodo, agora feno, daqui a pouco pó, & cinza! eu mais vil que tudo o que he vil, peyor que o peyor de tudo! eu que de vós recebi tudo, a vida, a alma, a liberdade, a vontade, o entendimento, a redempção, a fé, os auxilios, a honra, os bens, & as vocações com que ainda assim me estais chamando, com que ainda assim me estais querendo! Oh Senhor, & Redemptor! como he possível que esta dor me não arranca das entranhas hũa alma que foy tão ingrata! como he possível que esta dor me nam parte este coração contra vós sempre endurecido! como he possível, meu Jesu, que eu nelle vos quera meter, se foy cova de basiliscos! como he crível, meu Redemptor, que ouse erguer a vós os meus olhos, se foraõ portas do peccado! & como he crível, meu Senhor, que eu chegue a pôr em vós a boca, se foy vaso de venenos! vós offendido, & eu com vida! vós com amor, & eu sem pezar! vós perdoando-me aggravado, & eu resistindo-vos vencido! vós em huma Cruz dandome os braços, & eu nelles sendo a vossa Cruz! vós por mim prezo nesses prêgos, & eu contra vós nas culpas solto! eu tenho dor, & ainda vivo! eu me enter-

neço, & ainda duro! como he isto, meu Creator, que me não entendo comigo, nem ainda quando estou convosco? como he isto, Pay, & Deos meu, que inda de mim não sei livrar-me, quando de vós chego a valer-me?

Mas como ainda a mim me estranho, como ainda me desconheço! que outra cousa pôde esperar-se de qual eu fui, de qual eu sou, senão estas ingraticões, a vossa offensa, & os meus erros? que outra cousa se esperaria desta serpente, desta vibora, mais que as maldades, & os venenos? Oh meu Senhor, oh meu Jesu! se nesta hora fora licito, para vingavos em mim proprio, para vingarme de mim mesmo, arrancar este coração, & tirar-me a mesma vida; inda assim senão apagara esta sede, ou essa chama, que da minha ancia, & vosso espirito, tam vivamente se acendeo, por estas minhas seguidões! mas pois que em mim de nenhum modo podem achar-se as sufficiencias; a quem, meu Deos, hey de acudir, de quem, meu Deos, me hey de valer, senam de vós, que sois meu Pay, meu bem, meu Deos, & meu Senhor? a quem tive eu nunca por mim, mais q' só a vós meu Jesu se sendo o mundo quem me tenta, o demonio quem me combat, & tudo o mais quem me persegue, nada foy tanto contra mim, como eu mesmo fui,

& estou sendo. Acudime vós meu Jesu : valeime vós, meu Creador, & não me desempareis, meu Deos.

Meu Pay, meu Deos, & meu Senhor, não aos pès dos filhos dos homens, mas aos pès do filho de Deos, & meu Senhor, me trazem hoje os meus suspiros, me arrojaõ hoje as minhas lagrimas, não com aquella reverencia, contrição, & resignação, proposito, amor, & intensam, que este meu acto requeria, mas com aquillo que he possível, a quem foy sempre a mesma culpa, o mais fragil por natureza, por experiencia o mais ingrato, por cendição o mais perverso; mas quando posso eu confessar, que he a vossa bondade immensa, senão quando tam confiado a vossos pès venho a mostrar que inda he mayor que a minha culpa? Em vir deitarme a vossos pès bem mostro já q̄ reconheço, que sois vós o meu Senhor; em vos pedir misericordia, & ter nella esta confiança, bem confesso que sois meu Pay; em conhecer quam justamente viráõ sobre mim os castigos, bem confesso, que sois meu Deos. Aqui me chego a os vossos olhos, aqui me ponho em vossas mãos, aqui me deito aos vossos pès; se he vosso gosto condemnarme às mayores penas do inferno, como posso eu convencervos? como poderei resistir-

vos? seja embora, meu Creador, que justo sois, & eu o mereço, faça-se em mim a vossa vontade, que santa he, & eu peccador: não por gozar eu hum perdão, se balde em vds hum attributo: louve eu assim vossa justiça, pois tantas vezes desprezei vossa immensa misericordia: porèm alcancemvos, meu Senhor, estas lagrimas hũ partido, mereçavos a conformidade com que obedeço a vosso gosto (nas minhas penas) hũ concerto, nam que eu deixe de padecer as mayores q̄ lá se sentem; mas que vos nam perca este amor, que vós mesmo me tendes dado: cresça o amor, cresçaõ as penas, que nenhũas me tirarãõ (senão me tirares o amor) a gloria de as sentir, sabendo que tendes gloria de que eu asinta. Gloria minha será, meu Deos, ver que vos tenho hum grande amor, donde todos vos aborrecem: poder cantar vossos louvores, donde vos vira maldizer; & poder suspirar por vds, donde vos vira blasfemar.

Porèm se nos vossos juizos pódem meter-se os humanos, tamanha gloria terei disto, se vós disto tiveres gloria, que desde agora me persuado, que se-rei indigno, meu Deos, dos mesmos tormentos do inferno, se os sentir com circumstancia de q̄ vds nelles tenhais gloria: pois sendo eu cousa tam má, que

fou do mundo a peyor coufa, como me não admitarei, que inda assim pudesse dar gloria (de qualquer maneira que fosse) a hum Deos tão bom como vós sois ? tam bom sois, meu Deos, & Senhor, que cuido que no mesmo inferno, para conhecer quam bom ereis, não era necessario outro argumento, que crer que a mim me castigaveis, por ser a coufa mais opposta, q achastes em todos os seculos, á vossa bondade infinita. Isto só bastára, meu Deos, para que vendovos tão justo, & conhecendovos quam bom ereis, me fizera amarvos nas penas, & louvarvos no meu castigo: não me tireis pois, meu Senhor, esse amor, nem esta razão: não passeis de mim, meu Deos, o vosso, & meu conhecimento; & deste logo se quereis sepultarme para todo sempre no escuro carcere do abismo, eu, meu Deos, não me persuado, que vós me quereis condenar, porque se na campanha da honra, se no mal da vida passada, se na casa do mesmo vicio, se no leyto da mesma culpa, tantas vezes a vossa justiça embainhou a sua espada; como agora, que a vossa graça poem na balança o meu pezar, tão unido com a vossa Cruz, me querereis dar o golpe? fiado na vossa bondade, não cnido eu, meu Redemptor, que me perdoastes obstinado,

para condenarme arrependido: se esta fora a vossa vontade, já a terra me não sofrêra, já o Ceo me não consentira, & já o inferno me tragára. Por ventura cuidarei eu, que sou mayor na confiança, com que busco a vossa piedade, do que ella he com minhas culpas? & quando isso assim não fora (que eu mereço todo o castigo, & vós, meu Deos, sempre sois justo) fora razão que o mundo vira, que vós, meu Deos, me perseguieis, & me tinheis por inimigo?

Contra hũa debil folhinha, a quem os ventos arrebatão, mostrareis o vosso poder? contra hum bichinho vil do mundo, em quem os ouçoens tem dominio, executareis o vosso imperio? cõtra hum argueiro limitado, sobre quem anda o pó da terra, empenhareis a vossa ira? nam sois vós quem desemparais a quem se chega à vossa sombra; tão pouco quem toma vingança, de quem nas vossas mãos se poem; & menos quem deita de sy, quem vem deitar-se aos vossos pés: nam deixarei os vossos olhos, nam largarei os vossos braços, nem soltarei os vossos pés, nem daqui me levantarei, em quanto, Pay, & Senhor meu, nam sentir no meu coração, que já me tendes perdoado; & me deixais restituído; não porq eu, meu Deos, o mereça, mas por vossos merecimen-

tos: não, meu Jesu, por minhas lagrimas, senão pelo vosso sangue: não, meu Senhor, por minha justiça, mas por vossa misericórdia. Prometto Pay, & Senhor meu, de nunca mais vos offender, nunca mais, nunca mais, meu Deos; cayam os Ceos, fujame a terra; falteme o ar, fundase o mundo, tenheme o inferno, & o demonio, que em fim fiado em vossa graça, de vós me não apartaráo, o bem, o mal, a morte, a vida, a honra, a injuria, o gosto, a pena, a terra, o Ceo, & o mundo todo. Fazei vós, Pay, & Senhor meu, meu bem, & todas minhas cousas, que assim o faça como digo, & pois có vosso auxilio o proponho, q̄ em vossa graça o execute. Oh meu Senhor, oh meu Creador! antes mil males, que hũa offensa: antes mil mortes, que hũa culpa: antes o inferno, que hum peccado.

VOZ DE DEOS.

Filho, resignate na minha vontade, que só então acertarás, & fazendo Norte do meu beneplacito, te poràs nãs mayores alturas do Espirito sem perigo de naufragio.



FAISCA XIII.

Domine, quid me vis facere?

Act. 9. 7.

Loquere Domine, quia audit servus tuus. I. Reg. 3.

SUSPIRO DO PECCADOR.

QUE quereis, meu Senhor, que eu faça? Fallai, meu Deos, & meu Senhor, que aqui vos ouve o pó, & cinza: já estam cahidos por terra aquelles castellos de vento, que ergueo a minha vaidade; já se levanta defenganada pela vossa voz, meu Deos, aquella razão tam cahida nas areas do meu engano; aquelles ouvidos, meu Jesu, que vos não deu o meu amor no meyo das ondas do seculo: já os tapou o advertimento às fereas do meu perigo; já para vós estam abertos, & para tudo o mais fechados: cerrados també os meus olhos, para ver os riscos do mundo: a tudo se fechão, meu Deos, para se abrirem só comvosco: entrai por elles, meu Deos, entrai muito dentro de minha alma, pois só para entrardes muy dentro, não só fiz portas dos meus olhos, nam só corredor dos ouvidos, mas passadiço das entranhas, & Palacio do coração; de par em par as achareis, meu doce Esposo, to-

das por dentro, para que muito a voffo gofio andeis pelo interior da minha alma. Efte, meu Deos, & meu bem todo, he o Castello de Emaüs, onde ainda a portas fechadas vos vi entrar. Entrai, meu Deos, & ficai comigo, que fe vem pondo sobre a terra a noyte da tribulaçam. Vede meu Deos, que o meu bem todo não efteve fô em entrar-des, eftarà fim em não fahirdes. Aqui me podeis enffinar a fazer tudo o que quizerdes, que determinado efteu já a me guiar por vós em tudo: fe então quizerdes, que fayamos, hireis comigo, ou eu comvosco; que também efteu refoluto a fequir o voffo caminho. Nelle me ponho, meu Senhor, nelle me refolvo a viver tudo o que aqui peregrinar: fazei vós que affim o execute, pois fazeis que affim o prometa; pois de vós nafce, que eu o defeje, fazei também que eu o faça; fallai comigo, meu Deos, converfai muito comigo: pois bem, que eu feja hum vil bichinho, não vos agravo em querer tanto, pois vos queixais quando o não quero. Converfai comigo, meu Deos, & daime licença entre tanto, que aos voffos pès bufque o meu throno: ponha eu a boca, meu Senhor, onde vós puzerdes os pès. Quando nas chagas deffes pès vos não merecer pôr a boca, tome eu effas mãos fobcranas,

que fizeram o Ceo, & a terra, & beijandovolas mil vezes, as ponha também nos meus olhos. Não fe fartem nunca os meus braços de apertarvos fempore nos meus: nem ceffem as minhas entrannhas de vos meter no coraçãõ. Oh fe eu, meu Deos, affim me vira, ifto fizera a toda a hora; fe todo o dia não parára, fe toda a noyte não dormira, fe embebedo, fe arrebatado nelle doce defafcego confumira os mezes, & os annos, que ledo, meu Deos, que contente paífara as horas, & os iftantes! que fatisfeito, que ditofô poffuira o tempo da vida! Nem pois, meu Deos, & meu Senhor, porque errei nas vias do mundo, defacerte em voffa vontade; nem porque cahí nos meus erros, vos defcaya já deffa graça. Mais quero fer na voffa casa hũ vil desprezo dos mais vís, q̄ nos Palaciõs do mũdo hũã efestimaçãõ dos mayores: antes quero nas voffas vias fer hum deixado pobrefinho, que nas eflradas da vãgloria o mais querido dos humanos: mais eftimo por vós, meu Deos, fer hum faflio dos viventes, que fem vós huma divindade na veneraçãõ dos nascidos. Sejaõ embora as minhas forças quafl impoffiveis aos alentos, com que pize efpinnhas, & abrolhos: parecãõ quafl infuperaveis as penedias, & piçarras, que hey de fubir por eflta via; & fejaõ quafl fem fahida os

laby-

labyrinthos, & asperezas donde me embrenhe esta jornada, pois tendovos a vós por via, considerandovos meu premio, conhecêdovos meu exemplo, serão boninas os abrolhos, as asperezas serão branduras, as penedias estradas francas. Vede pois meu Deos, que quereis, que aqui estou a vossos mandados: daime, que nelles vos ature fazendo có que perseverar: daime que em todos vos abraçe, inda que tarde vos encôtre: daime q̄ sempre vos escute, inda que nem sempre vos ouça; & daime, que sempre vos ame, inda que nunca vos veja.

VOZ DE DEOS.

Filho, cuida que sou o teu bem todo, & refereme tudo a mim; & não haverá mal, nem bem, em que me não aches a mim, & em que te não aches Bemaventurado.

FAISCA XIV.

Deus meus, & omnia. Verba P. mei Francisci.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, & todas minhas cousas: que cousa pôde haver em mim, que vos não louve a vós, se em todo eu não

acho alguma, que em vós nam tenha a sua origem, & de vós, meu Deos, me não venha? Poucos annos ha, meu Senhor, que fahi do abismo do nada, onde abaterno nada era: logo que fui, não tive ser mais que o que vós quizestes que eu fosse: o que vós quereis, estou sendo, & nada ferei, senão quizerdes que seja. Pudera sem mim haver mundo, pois o ouve antes que eu fosse; & durará sem que eu dure, & eu já nam ferei durando elle; antes logo, se vós quizerdes, me posso resolver em nada, pois se afastardes do que sou o vosso côcurso meu Deos, desfar-se-ha em fumo, & sombra toda esta luz do ser vivente, tornar-se-ha em vento, & nada esta minha mortalidade. Nisto vejo, meu Creador, que vós me destes o que fui, que vós me dais o que estou sendo, & me dareis o que ferei. Vós me criastes meu Senhor, vós me fizestes, & não eu; donde se vê, que quanto sou he hũa divida, meu Deos, em que vos está a minha alma, hum empenho do meu coração, & hũa obrigação da minha vida: tanto mayor, quanto foy mais cega aquella ingratitude, com que desconheci tantos annos donde me viera este bem, donde me nascera o que vivo, donde começara o que entendo, & donde manára o q̄ vos amo. Assim gastei a meninice, assim passei a mocidade,

perdendo inutilmente os annos, que deixei de viver com vosco. Nelles, meu Deos, & meu Senhor, ereis o meu despertador a cada grito da razão: ereis o meu memorial a cada golpe da consciencia, sem que ouvesse cousa no mundo, que não fosse dentro de mim hũa aldravada celestial, com que a vossa mão me batia, & hum mudo aviso, com que em tudo vós me fallaveis: chegava o dia, & nos crepusculos das sombras da minha ignorancia parecê que a luz me ensinava, que vós me daveis este dia: chegava a noyte, & recolhendome, o mesmo vicio me dizia, que sofrieis esta noyte: amanheciam outra vez, & parece que a cada hora me dizieis, que me esperaveis: passavão todas as horas, & em todas sabia eu, que vos fugia. Disto ás vezes, meu Creador, me nascião no coração hũas tristezas defusadas, & hũas ancias mal entendidas, com que no carcere da culpa gemia prezo o coração, sem saber bem porque gemia, & agonizava dêtro de mim o meu espirito, sem saber como agonizava, & apenas nellas respirava. Já desde a infancia, meu Senhor, eraõ rebates da minha alma estes vislumbres trasluzidos de vossa infinita bondade: erão antoras da razão estes mal distinctos crepusculos do amor de vossos beneficios: erão sustos

da minha culpa huns ignorados. Nam fei quês dessas vossas misericordias; & erão gostosas suspensões huns suspirados impossiveis de vosso amor, & minha emenda. Chegastes, meu Deos, & meu bem, a meterme na vossa casa, & inda que a rastos, a vontade se deixou levar da razão, por mais que resistio á graça mal persuadida a natureza; emfim, emfim, Pay, & Deos meu, vosso fiquei, & vosso sou, indigno sempre de ser vosso, mas não querendo mais ser meu.

Se aqui, meu Deos, & meu Senhor, a minha vontade vos quer, quem me deu a mim a vontade, senão a vossa Omnipotencia? se o meu entendimento vos cuida, quem me deu este entendimento, senão só a vossa vontade? se a minha memoria vos tem, quem me deu a mim a memoria, senão vossa benignidade? se os meus sentidos vos adoraõ, quem me deu a mim os sentidos, senão o vosso amor? & se eu vos sirvo algũa cousa, quem me deu a mim este prestimo, senão vossa misericordia? que de vezes, meu Redemptor, cahindo eu dentro de mil males, os puzestes fóra de mim? fahindo eu da vossa graça, me metestes dentro de vós? pondose o gosto apar da culpa, a puzestes longe do gosto? chegando a vida jũto á morte, a afastastes muito da vida? & estando o inferno

ao longo da alma, a alongastes muito do inferno? Vós emfim, Deos, & Senhor meu, o meu bem todo fostes sempre, & sois todas as minhas cousas. Se vejo, sois a minha vista: se ouço, sois os meus ouvidos: se como, sois o meu sabor: se cheiro, sois o meu olfato: se pccco, sois o meu perdão: se choro, sois as minhas lagrimas: se vos adoro, meu amor: se persevero, a minha graça: se me perseguem, o meu refugio: se focêgo, o meu descanso: & emfim, se duro, a minha vida. De sorte, que em mim não acho nada, que eu não conheça, que sois vós. Vós sois, meu Deos, & meu Senhor, quem anda cá neste desterro me faz bemaventurado. Vós sois a minha agilidade, vós sois a minha futilidade; pois se quero correr a terra, se intento cruzar os mares, se aspiro a vadear as nuvens, se desejo atravessar os Ceos, se procuro ver todo o mundo em hum só instante, em hum só ponto, vós sois as azas com que voo, vós sois a esfera onde ando, vós sois o fim com que me movo, vós sois o termo donde paro, & sois o centro onde me aquietô: & emfim, Senhor, & Deos meu, sois o meu bem, sois o meu tudo, até quando junto de vós sou o mais vil bichinho vosso, o vosso oução, o vosso nada. Se paro dentro de mim mesmo encolhendome no

que era, recolhendome no que sou, & tremendo do que fezei, dilatando vós o que sois, até no que se tem por nada, dentro deste nada, meu Deos, fazeis vir o Ceo, & a terra, o mar, & todas as creaturas, & passandome todas mostra de vossa grãde fermosura, sabedoria, immensidade, omnipotencia, magestade, misericordia, & providencia; para ver tudo, sois meus olhos, para o entender, meu juizo, para o querer, minha vontade. Se neste tempo vos procuro em alguma sombra, ou figura, se vos suspeito em imagens, & semelhanças, se vos abraço, meu bem, em alguma idéa, ou memoria: para abraçarvos, sois meus braços, para buscarvos, meu desejo, para contemplarvos, meu espirito, para tervos o meu coração, para gozarvos, a minha gloria: se vos busco mais puramente sem figuras, & sem imagens, porque as não ha do que vós sois, sois toda a minha suspensão, meu amor, & maravilha, o meu incendio, o meu recreyo, o meu bem todo, o meu tudo; & muito mais que tudô. Oh louvemvos, meu Creator, em cada lagrima os meus olhos, em cada alento a minha boca, as minhas mãos em cada obra, em cada hora a minha vida; & ainda os meus pés a cada passo: pois vejo, Deos, & Senhor meu, que o Ceo vos louva

louva em cada Estrella, o Sol, & a Lua em cada luz, o fogo ardente em cada chama, o vento leve em cada nuvẽ, o mar soberbo em cada onda, a terra humilde em cada hervinha, & o campo alegre em cada flor. Louvem-vos todos, meu Senhor, & eu sô vos louvo mais que todes, todos sempre, & eu por todo sempre.

VOZ DE DEOS.

Filho, tempo ha de amor, & tempo de sequeidão: huns mezes leva a Primavera, outros o Estio, & o Outono: importa apartarme de ti, inda que te não deixe de todo, para chegar-te mais a mim; & agora cuida que começa, pois agora te has de deixar, & em huma firme negação de todas tuas afeições, has de tomar a minha Cruz, seguirme, & perseverar; & se tudo isto fizeres, serás meu verdadeiro discipulo.

F A I S C A XV.

Ut quid Domine recessisti longe, despicias in opportunitatibus, & in tribulatione? Psal. 10. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Que he isto, Deos, & Senhor meu, aonde estais, meu Redemptor? como não me

ouvis, meu Jesu? que fazeis, amor de minha alma? Pergunto por vós aos meus olhos, & dizem que vos não vem! Buscovos no meu coração, & em todo elle vos não sinto! Corro todos os meus sentidos, & nenhũ me dá novas de vós! Quem vos poz tão longe de mim, que em todo eu vos não encontro? Quem me poz tão longe de vós, que em todo vós já vos não acho? já não me ouvis, quando vos chamo? não me acudis, quando vos grito? não me valeis, quando vos busco? que he feito, Deos, & Senhor meu, das doçuras da vossa graça? aonde está, meu Creador, vossa antiga misericordia? para onde, meu Deos, se forão aquellas vossas piedades, com que em outro tempo me atrahieis? aonde me hey de hir, meu Senhor, se vós de mim vos apartardes? quem fez, que se vos não dêsse de hũa alma, que vos tenho dado? quê faz com que se vos nam dê das ancias com q̃ vos suspiro? Acordai, vinde meu Senhor, erguei-vos, & chegai, meu Deos, correi á pressa, meu Senhor, que me çoçobra a tempestade, as ondas do mar já me forvema, & estou já quasi no profundo. Acudime pois meu Senhor, porque se os vossos escolhidos no meyo das ondas do mar, & tendovos a vós consigo, cuidavão, que já se perdião, que farei eu, meu Redemptor,

demptor, que apenas de vós fui chamado, quando me vejo sovertido? que mal tratei de vós seguir, quando já vos choro apartado! Acafo, Deos, & Senhor meu, sou eu do metal dos Justos, que vós provaís, porque são ouro? Por ventura achareis em mim nesta prova mais que estas fezes? Será bom, luz dos meus sentidos, que este provarme seja meyo de que venhais a reprovarme? Logo, meu Deos, quem vos obriga a me virar tanto as costas? quem vos move, amor da minha alma, a que assim me deixeis sem vida? vedesme no mar destas lagrimas, & nellas, meu Sol, não vos pondes? no deserto desta tristeza, & já me deixais no deserto? na solidão desta saudade, & já fugis á solidão? que culpa minha vos poem rémoras, se ás minhas penas vos dão vozes? que nós cegos meus vos são laços, se os fez o pranto corredios? que embarços meus vos tem prezo, se até os meus ays andão soltos? aqui me ferão testemunhas todas as creaturas do mundo, da dor, da magoa, & do pezar com que sem vós fujo de mim, com que sem mim vos busco a vós, com que sem mim, nem vós me fico. De todas ellas farei eccos, que vos repitão meus soluços, quando não possa fazer vozes, que vos levem os meus suspiros. De todas ellas farei pennas, que vos ekrevão

minhas queixas, quando não possa fazer mãos, com que vos prenda nos meus braços: de todas ellas farei fontes, por onde corram minhas lagrimas, quando não possa fazer olhos, com que procure a vossa vista. Mas quem duvida meu Senhor, que de mim nasce o não acharvos, de minhas culpas o escondervos, & de meus descuidos fugirdesme? pois não he da vossa piedade terdesme nesta servidão, sem que deixeis sentir na alma, & no coração, que deixe eu de ver-vos! Se pois, meu Deos, esta he a causa, a todo mundo direi logo a causa de vos apartardes, confessando a vozes, & a lagrimas a todo o mundo a minha culpa.

Saibaõ todos, q̄ eu tenho a culpa de vos afastardes de mim, & de eu sentir, q̄ estais tão longe; mas se não he esta, meu Deos, tornai, tornai, Deos da minha alma, para huma vida, que vos busca, para hum coração, que se doe, para hũa alma, que vos quer: vós sois aquelle Deos piíssimo, q̄ nesta fragil natureza, por vestir o sayal humano, deixastes astêlas celestes: sois quem aos homês prometestes de lhes acudir vossa piedade, em vos gritando com huma lagrima, & em vos chamando com hum gemido. Aqui vos gritão os meus olhos, aqui vos chama o coração, & aqui me afflijo, & me lamento.

mento por ver se me ouvis, meu Senhor, & se me acudis nesta pena. Terra he sem agua esta vida, que se vai fazendo penedo na seqidão dos meus sentidos, mata de espinhos a aspereza, q̄ noutro tempo produzio flores. Passe este Inverno, meu Senhor, venhaõ as vossas Primaveras, para que floreaça este espirito, que se amortece a puro murcho: para que reviva este amor, que assim se murcha agonizado. Vinde, pois, vinde, meu Jesu, erga-se a vòs meu pensamento, em vòs se pasmé meus discursos, em vòs se absorvaõ meus sentidos, & nesta doce suspenção, neste suave abraço da alma, tenha eu affectos para amarvos, arda em chammas para querervos, & sin a amor para servirvos; & ao menos, meu Deos, façavos de imaginaçoens para pintarvos muito ao vivo, pois já desfiz o coração, em que de morte cor vos puz. Tenha, meu Deos, dentro de sy huma sombra do que vòs fois, quem tanto por huns longes vossos tem sahido fóra de sy. Permite-me, meu Deos, que na alma vos retrate, ou na memoria vos bosqueje: seja o pintar como o querer; & fique-me esta sombra vossa, pois á vossa sombra, meu Deos, será força, que me retrate de todos os erros, que fiz. Tenha pois a alma esta pintura, pois em quanto eu a nam tenho, he certo, que

não tenho vida. Toda a minha alma será lamina, a minha memoria, pincel, & o vosso sangue será tinta, & ande de sorte nos meus olhos este bosquejo suspirado, este debuxo appetecido, q̄ não se apartem deste objecto antes que a morte os adormeça, nem saibaõ ver outra belleza, antes que a vida se lhês eclipsê.

VOZ DE DEOS.

FIlho, depois da tormenta espera a bonança: muitas vezes faço, que viro a cara, para provar a confiança; & me retiro para me fazer mais desejado: sofre com paciencia a tribulação, & farteas digno da consolaçam.

FAISCA XVI.

Vsquequò avertis faciem tuam à me? Vsquequò oblivisceris mem in finem? Psalm.

12. 1.

SUSPIRO DA ALMA.

ATé quando, meu Creator, me tereis virado as costas? Até quando, meu Redemptor, vos quereis esquecer de mim? De mim, que até quando vos tenho, & vos abraço na minha alma, seu hũa flor, que ao Sol se murcha, seu feno, que com o vento cae, sou hum cuçãõ, que

que os ares levão, escuma, que se desfaz em agua, fumo, que se torna vento, sombra, que se resolve em nada! Como pois, meu Deos, assim me deixais neste aperto, nesta afflicção; nesta agonia, qual terra seca sem orvalho, qual noyte escura sem Estrellas, qual não sem leme entregue ás ondas, qual folha leve exposta aos ares? Para que fim, Deos da minha alma, quereis com esta adversidade, que este meu barro se endureça, que a noyte me entregue a mil erros, que o mar me cause perdiçoens, que o ar me obrigue a liviandades? Por ventura folgareis vós, que as sequidoens me fação pedra donde falte hũa sede de agua? as trevas todo confusão, donde não pôde haver acerto? as tempestades feu despojo, donde não pôde haver bonança? & as ondas do mar feu naufragio, donde não ha nenhũ refugio? A hũ cego deixais sem guia, a hum viandante sem caminho, a huma avezinha sem azas, & a hũa barquinha pobre sem remos? Que se pôde esperar de mim, se sendo guia me faltardes, se sendo via não vierdes, se pelas azas me dais penas, se pelos remos me dais ondas, senão que como cego caya, que como peregrino erre, que como avezinha morra, & como barquinha me vire? Como he isto pois, meu Senhor, como

vos sofre o coração ver me çoço-brar das ondas, verme agonizar nas penas, verme errar no vosso caminho, & verme cahir no meu erro? Consentevos essa piedade ver sem arrimo a vossa plãta, sem pastor a vossa ovelhinha, o vosso cervo cego á sede, & o vosso escravo morto á fome? Ao mais intimo da minha alma entráráo as sombras da morte, & as aguas da tribulaçã. Nada me val, nada aproveita para valerme dentro em mim, depois que vos não acho a vós. Não só no Ceo, não só na terra, no mar, & em todas as creaturas vos achava eu, meu Senhor; quando vós querieis meu Deos, mas ainda dentro de mim mesmo achava eu, quando vos tinha, o mundo, o mar, a terra, o Ceo, & todas as mais creaturas. Hoje, faudade minha, agora, amor dos meus sentidos, por mais que faço se vos busco, por mais que choro, se vos amo, suspiro, & vejo, que não val lamentarme, & nada me importa; chamovos, & pouco aproveita. Ninguem me mostra bom semblante, todos parece, que me fogem, que me engeitão, & que me aborrecem, como offendidos de que eu cuide, que sem vós ter, os queira olhar: como enfadados de que eu sinta, que sem quereis me aliviar: se ainda assim teimo em perguntarlhes, onde, meu Deos, vos acharei; se con-

tinua

tinuo em inquirir-lhe de que modo posso agradarvos, em todos acho disfavor, & todos me fazem carranca. Pergunto por vós às hervinhas, & todas me respondem secas: peço vossas novas ás aguas, & todas me respondem frias: subo a chamar-vos pelas ferras, & todas se me mostram asperas: corro a buscar-vos pelas pedras, & todas se me mostram duras: voo a beber por vós os ventos, & todos me deixam em vão: chegão ao Ceo os meus clamores, & todos virão sem ouvir-me: passão meus olhos ás Estrellas, & nenhũa me olha benigna: tornão-se a pôr por esses mares, & achando nelles hum diluvio, que cahio do mar do pranto, nam acho vestigio vosso: fallo a todas as creaturas, & turbaõse todas de verme: recolhome dentro de mim, & achome em mayor solidão: pois toda a alma se fez ermo, todo o espirito cadaver, & o coração todo sepulchro; donde a tristeza finalmente não só enterra o meu alivio, mas já me sepulta a esperança. Baste pois, Deos, & Senhor meu, baste esta pena, baste esta afflicção, com que os meus dentro agonizão, com que os meus fóras me sepultão. Ponde-me já os vossos olhos, virai para mim essa graça, não estejais mal comigo, & não me desampareis, meu Deos, & pois sabeis quanto isto custa, pelo

que vos custou então, me valei meu Jesus agora.

Naõ pereça não tão depressa hum amor, que nasce ainda agora; não se envelheça o meu espirito nas primaveras dessa graça, onde só floresce a razão, que se seca em vossas ausencias. Apartem-se já da minha alma estes ventos, que espirão neve, com que estou morrendo de frio, entorpecido, & congelado: soprem da parte do Meio dia aquellas viraçõens suaves, com que a minha alma se recrea, & o meu espirito respira: cayaõ sobre o meu coração aquellas melifluas branduras, com que nas manhãas dessa graça orvalham as misericordias: amoleça já esta terra, que toda he mar de area solta; & venhão já sobre estaservas caducamete amortecidas os raios do vosso Sol, que com seu calor lhes dão vida: comearão logo as minhas flores a perfumar vossos altares; enfeitoshão as boninas, que para isso regaõ os meus olhos; & abraçoshão os meus votos, que para isso se renovão. Aqui recorro a vós, meu Deos, á vossa casa de oração, que he o meu bem, & o meu refugio, pois já sei, que se isto não fora, nesta agonia perecera. Bem sei, que he bom, que me afflijais, para que eu veja, quem fou sem vós. Conheço, Pay, & Senhor meu, que sem vós fou planta sem fructo,
nuvem

nuvem sem agua, & ar sem luz: sei que inda a minha mesma vida he esqueleto, & sepultura de hũa alma, que sem vós he morta; & sei que enfim me não chamastes para passar a váo os mares, para ter sem guerra o triunfo, & sem espinhos a coroa: resolvome nesta afflicçam a padecer antes a morte, que consentir em hum só peccado; & meterme pelo mesmo inferno, antes que gloriarme na culpa. Fazei de mim, meu Senhor, fazei de mim quanto quizerdes, com tanto que nam permitais, que eu peque hum ponto contra vós. Mas que aproveita, meu bem, que eu assim o faiba propôr, se vós não derdes, que eu o faça? Vinde pois, Deos, & Senhor meu, nestes meus males como cura, nesta batalha como socorro, & nestas trevas como Sol: chegai vos já, meu Deos, & meu remedio, chegai, meu Deos, & meu esforço, chegai, meu Deos, & minha luz; que ainda que cego, inda que fraco, inda que enfermo, com mil amores vos procuro, com mil abraços vos espero, & com mil almas vos suspiro.

VOZ DE DEOS.

Filho, quanto mais confessares tua ingratição, & tiveres diante dos olhos a tua vileza, tanto mais me inclinarei a te

fazer qual desejas ser; & a te levantar onde sem mim nam pôdes chegar.

F A I S C A XVII.

Quid est homo, quòd memor es ejus?
Psal. 8. 5.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, seiais bemdito, & louvado: pasmem-se os Santos, louvemvos os Anjos, maravilhem-se os Serafims pela admiravel misericordia, q̄ usais comigo: louvemvos, meu Deos, & Senhor, pois na indignissima vileza desta miseravel creatura exercitais as maravilhas de vossa graça, sem terdes nojo de mim, sem me aborrecerdes, sendo eu merecedor de que todos me aborreçaõ, & me desprezem, se enfadem de mim, & me não sofraõ: como abominavel que sou, que não obedeco a vós, meu Deos, sendo hũ Deos terrivel, mas sempre amavel, digno de toda a gloria, & de todo o louvor: a quem obedece o mar, que he a mesma mudança, o vento, que he a mesma liviandade, o fogo, que he a propria soberba: os montes movem-se pelos ares, sendo tão pezados naturalmente, a hum aceno vosso; & eu a tantos Mandamentos vosso não me movo nunca.

nunca, nem me acabo de entregar, sendo tao facil, & tao leve para obedecer aos brutos de meus appetites torpes, á terra de minhas inclinaçoes baixas, ao mar de minhas mudançãas cõtinuas, ao fogo de minhas concupiscencias cegãs, ao ar de minhas liviandades vãs.

Meu Deos, quem sou eu, para que me mostreis hum tamanho amor? que tenho de meu mais que a vaidade de antes, misérias de depois, & peccados de cada vez mais? que ha em mim, meu Deos, mais que o que vós puzestes com a vossa imagem, o que estais pondo com vossa graça, & o que depositou em mim de balde vossa misericordia? se olho para os meus antes, vejo que não fui cousa algũa, se olho para os meus agora, nenhuma cousa sou, se olho para os meus depois, nenhuma cousa ferei.

Em que lugar se pôde pôr a minha vileza, & a minha malicia, senão abaixo de todas quantas cousas criou a vossa Omnipotencia? Se olho para as vossas creaturas, todas vejo meu Creador, que melhor vos servem, que eu; porque se olho para as hervinhas, por fermosas que sejião, por tenras, & melindrosas que nasçaõ, todas são mansas, & humildes, pois consentem que eu as pize. Todas as creaturas vegetativas vejo que vos obedecem, & guardaõ vossos precei-

tos, pois aservas se deixão pizar, as flores colher, os campos abrir, as arvores cortar, as pedras arrancar, & a terra mover, porque as creastes para servirse o homem de todas as cousas: vejo correr os rios para o mar, porque os inclinastes desde o principio a buscar o seu centro: vejo, que não busco o meu centro, que sois vós, meu Deos, inda que me inclinastes para vós desde o meu principio. Se olho para as creaturas sensitivas, & irracionaes, vejo que os bichos da terra vivem sem se queixar, vão passando a vida em silencio, & em solidão, com gosto, & sofrimento; vejo que o Leão forte, o Touro bravo, o Tigre feróz, o bruto mais indomito, & a fera mais agreste, deixando a fereza, & a crueldade servem ao homem, & posto que não entendão, ainda assim tem obediencia aos imperios da razão, servindo todas a mim, que vós offendi, & eu não vos sirvo a vós meu Deos; tao servido dos bons, tao querido dos Santos, tao amado dos Anjos, & de todos os Espiritos Bem-aventurados!

Vejo os homens, & dos peyores que vejo, posto que os veja todos juntos, não sei de todos elles tantos peccados, como sei de mim; só o que presumo que sei, he, que o peyor de todos elles, ou elles todos, se vós lhe dcreis

dereis, meu Deos, o que me dais a mim, mais agradecidos vos foraõ. Vejo finalmente os demonios, & vejo que por hum só peccado estão no inferno; & ve-me a mim, que havendo cometido tantos, não só estou no mundo, mas estou cheyo das vossas misericordias, que a tantos deixaráõ condenar com menos culpas que eu! Donde pois, meu Deos, me hey de pôr, se sendo peyor que todas vossas creaturas, me sirvo de todas ellas, & me vejo servir sempre, como se não fora eu esta indigna creatura, este gusano vil, este nada, este ainda menos, & este peyor ainda? Oh altissima bondade, que me sofreis! oh summa, & immensa misericordia, que me não desamparais! oh além de infinita, & inexplicavel piedade, que me não deitais de vós! oh sobre além de infinito, eterno amor, que vos não cangais comigo! Louvevos o Ceo, adorevos a terra, bendigãovos os Anjos, & todas vossas creaturas; & bendizeivos vós, meu Deos, que só a vós podeis dar a gloria, o louvor, & a honra, que a esse pègo de mais que infinita bondade infinitamente se deve pelos seculos dos seculos.

VOZ DE DEOS.

Filho, faze por te pôr em minha graça pelo conhecimẽ-

to das tuas culpas, & arrependimento muito grande dellas; porque não faltarei á tua esperança com que em mim confias; & te amarei como se nunca me offendéras.

F A I S C A XVIII.

Hei mihi, quia peccavi nimis in vita mea! Offic. def.

SÚSPIRO DO PECCADOR.

Meu Deos, pequei, fiz mal; perversa, & pessimamente me desviei de vós pelos caminhos da cegueira, & estrada larga da perdição: posto estou no deserto de minhas culpas; onde só com ellas, & taõ longe de vós, meu Deos, raõ deitado a longe, não vejo nada do meu bem, mais que conhecer o meu mal. Perdi, meu Deos, perdendo a vossa amizade, & o vosso amor; perdi mil vezes a razaõ, que sacrifiquei á ignorãcia; perdi a liberdade de filho vosso, a honra de vosso amigo, a uniam dos Santos, a intercessãõ dos Justos, & a memoria dos Ceos: & quasi deitado no inferno, ou peyor que no inferno, pois deitei a alma em meus peccados, nada me ficou, meu Senhor, mais que os horrores, & os assombros desta consciencia, desta alma fea, desta tribulaçãõ terrivel de meus

meus enganos cegos. Sugeitei-me por minha livre vontade á obediencia do demonio, ás cadeas, & labyrinthos de meus peccados graves, & desta miseravel vida. Que me fica pois, meu Deos, de tantos bens que tive na vossa graça, mais que esta ddr que tenho de minhas culpas? Que tenho, Deos, & Senhor meu, que tenho de meu já agora, mais que este, Ay de mim, este Pequei, este Pezame, este Não quero mais peccar, por serdes vós quem sois? Pequei, meu Deos da minha alma, & do meu coração, pequei infinitamente, pequei perversa, & ingratamente. Que tem pois a vossa ovelhinha perdida, porém sempre vossa? que tem mais que estes seus clamores, & estes balidos tristes, com que repete a cada instante: Ay de mim, que vos offendi? Ay de mim, meu Deos, & Senhor, que vos agravei? Ay de mim, porque todo eu não sou mais, que hum Ay?

Amorossissimo Jesu, Deos, & homem verdadeiro, a quem offendi, & agravei por minha grande culpa: pequei, fiz mal, abominavelmente pequei, pois vos offendi desviandome da vossa Ley. Indigno sou de perdão, & de misericordia, pois por hum momento breve, por hum gesto caduco, por hum engano manifesto, por hum erro sabido, vos perdi o amor, & me apartei

de vós tanto, quanto foy a cega affeição com que segui meus vicios, torpezas, & profanidades: & sabendo eu muito bem, que nam era caminho do Ceo esta minha perdição, seguila affinte da razão, continuada por teima da vontade, & determe nella cõ tanta ddr da consciencia, que desculpa póde ter, meu Deos, he era conhecer claramente, que vós me avisaveis, que eu vos não queria, que o demonio vos havia de vingar, & que eu mesmo me sollicitava perder? Indigno sou por isso, meu Deos, de que o Ceo me cubra, a terra me sepulte, o dia me amanheça, & vossa infinita misericordia me perdoe; porém, Deos, & Senhor meu, he tão grande a vossa misericordia, que haveis de fazer motivos de me perdoar, das mesmas resistencias que fiz para vos obedecer: das dilaçoens que tive em me arrepender; & da dissolução, que tive no peccar. Assim o confio, meu Deos, em vossa infinita piedade; & ninguém confiou em vós, que se confundisse. No lago dos Leões confiou Daniel em vós, & respeitáraõno as feras: no meyo das ondas do mar Vermelho confiou o vosso Povo, & as mesmas ondas furiosas lhe fizeram caminho: no meyo das chamas do forno de Babylonia confiáraõ os tres Miniños, & o fogo lhes fez viraçam: nos desertos do

monte Oreb confiou Eljas, & os Corvos o sustentáraõ: no meyo do mar confiou S. Pedro, & as ondas se lhe tornáraõ pranchas: posto em huma Cruz confiou o Bom Ladrão, & a Cruz lhe servio de escada para sobir ao Paraíso. Tanto como isto, meu Deos, & Senhor, sobe, que em vós confia, tanto alcança, que em vós espera, & tanto perde, que desfmaya. Daime, Senhor, esta confiança em vós, que he dadiva vossa esta mesma confiança, para que mereça eu receberdesme vós nas entranhas de vossa grande misericordia, no seyo de vossa piedade infinita, nos braços de vossa caridade immensa, & tornado á vossa graça, herdeiro de vossa gloria.

VOZ DE DEOS.

Filho, vê que andas dentro de mim, & que não só deves crer, que te olho, & me olhas exteriormente em todas as creaturas, mas que tambem dentro de mim andas como fechado, & de maneira, que he impossivel poder sahir, & livrar-te de mim, inda que tendo tu azas para fugirme, te dêsse passo o mundo, rompendose, & abrindose a machina dos Ceos.

(☺(:(☺)



F A I S C A XIX.

Ego Deus omnipotens : ambulacorum me, esto perfectus.

Gen. 17. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

ADmiravel, incomprehenfivel, immenso, altissimo, ineffavel, & incomparavel Senhor meu, a quem se abate, & ajoelha, se prostra, humilha, & se derruba dentro do nada vil que fui, o pouco, ou nada que estou sendo, pasmandose em vós, & admirandose, absorvendose, & consumindose a vileza deste gusano, a pequenez deste bichinho, & o quasi nada deste argueiro, que em vós se enleva, & se suspende; em vós se embebe, & arrebatã: pois quando chego, meu Deos, não só a crer o que vos ouço, mas a sentir o adonde vivo, a conhecer o como ando, a suspeitar o como entendo, & a discorrer o como sinto, confesso, Deos, & Senhor, que eu me çoçobro, & que me alago; que eu me suspendo, & me confundo, pois contemplandome entranhado nesse abismo de maravilhas, em todo o lugar estou prezo, por toda a parte ando cingido, & em todo eu como cercado, a toda a hora como absorto, sem que,

meu Deos, possa dar passo em que me não meta por vós; sem que respire, ou tome folego, em que vos não meta por mim; sem que passe algum breve tempo, em que vós me não comprehendais; & sem que occupe algum lugar, aonde vós me não cerqueis. Se busco a fonte, & o principio desta continua admiração, vejo logo essa immensidade, que para diante he sem fim, que para traz não tem principio, que para cima he sem limite, para baixo sem nenhum cabo, para cada lado sem termo, para toda a parte sem modo, para fóra sem comprehensão, & para dentro sem vazío. O Ceo tem fim, a terra termo, o mar limite, o vento cabo, & todas as outras creaturas tem onde pare o entendimento, & onde descanse o sentido; só vós, meu Deos, nam tendes fim, termo, limite, ou comprehensão.

Aqui, meu Deos, & meu Senhor, qual a raiz por dentro da terra, como ave do ar cercada, como nuvem do ar cuberta, como esponja no mar metida, de vós me sinto hir penetrando, de vós me vejo hir embebendo, por dentro de vós vou andando, & dentro em vós me vou fumindo, de tal maneira, meu Senhor, que de alagado, & sumergido, de suspenso, de alienado, & emfim de immovel, & de absorto fayo de mim sem saber co-

mo, entro por vós sem saber donde, ficome em vós sem saber qual, & torno em mim sem saber quando! Chegandome aqui mais a vós, quanto me alongo mais de mim, pismo de ver-vos tam profundo, que em toda huma eternidade não tomo pé no menor pégo de vossos altos juizos! Admirome, meu Creador, de vos achar logo taõ alto, que por mais annos, & por mais seculos, que voe a alma ao menor cume de vossa excelsa Magestade, parece que nam dei hũ voo em immensidade tão sublime! Suspendome, Amor da minha alma, vendovos depois tão dilatado nessa largueza invadiavel, que por mais que o meu coração sui que esse mar de beneficios, me persuado justamente, que não levei do porto as ancoras; nem por mais que larguei as vélas, naveguei a onda menor do Oceano dessa bondade! E emfim me absorvo, meu Senhor, vendovos sempre tam cumprido no lôgo estadio de vós mesmo, que por mais que corre o discurso á detida posta dos sempre, por mais que voa o pensamento às extremidades da nunca, nunca espraya esse eterno ser no cabo remoto dos Evos, & sempre mostra, que se estende em começo de Eternidades!

Destá maneira, meu Senhor, se me afigura em quanto olho, que

que vejo vossas maravilhas, & que em todas vos acho o mesmo: pois se caminho para diante, achovos eterno, & sem fim; se viro os olhós para traz; vejo-vos immenso, & sem termo; se vos considero depois, achovos como de antes ereis; se para hũ lado, ou para outro, se me derrama a admiração, em hum, & outro sois o mesmo! Se se me estêde a maravilha, ou parabaixo, ou para cima, não vos conheço differença! Immutavel sois, meu Deos: sois conio sereis, & fostes: fostes como sois, & sereis: sereis como fostes, & sois! Daqui vem, que eu ando furtado de sorte aos usos de mim mesmo, & entregue ás p. fies de vós proprio, que não sey de mim mais que o gosto de que sois vós tudo o que fei. Oh se eu, meu Deos, & meu Senhor, toda a vida gastára nisto! se toda a minha occupação, o meu estudo, o meu cuidado, o meu comer, & o meu dormir se convertêra todo nisto, que docemente embebecido, que felizmente transportado tivera os seculos por eras, & os annos todos por instantes! Mas quem sou eu, meu Creador, sũma, & suprema fermosura, eterna, & alta Magestade, bõdade, & uca declarada, perfeição nunca encarecida? Quem sou eu homem desprezivel, vil peccador, baixa creatura, para oufar ter no meu dese-

jo bens, que no seu merecimento tal vez não gozão muitos Justos? Vosso he tudo, meu bem todo, & nada meu, mais do que o nada. Oh meu Senhor, meu Creador, fonte da luz, fonte da graça, muito mayor que os Oceanos, mar de todo o bem, que se goza, muito mayor, que cem mil mundos! pois como cada voz da minha boca não he, meu Deos, hum Coro de Anjos? pois cada lagrima que choro não he hum mar de ancias ardentes? pois cada ay com que vos chamo não he hum mundo de suspiros? pois cada affecto da minha alma não he hum Ceo cheyo de espiritos, que vós louve continuamente? Louvevos por mim cada instante a terra com todos os Justos, o Ceo com todos os Santos, & mais Espiritos bemaventurados pelo sempre dos sempre.

VOZ DE DEOS.

Filho, se queres aproveitar, nam só has de cuidar, senão crer, que nunca tiro os olhos de ti, & que te olho em todas as creaturas, por ver em todas ellas como me trata; & porque em todas vejas quanto te quero, pois em nenhuma perco o cuidado que tenho de ti; & em todas tenho gosto de que de mim te lembres.

F A I S C A XX.

*Et meditatio mea in conspectu tuo
semper. Pl. 18. 15.*

SUSPIRO DO PECCADOR.

A Mor, & origem da minha alma, que pondo em mim os vossos olhos me atravessais o coração, & allumiando a noyte escura do meu turbado entendimento, para me guiardes sois luz, para me abaterdes rayo, & para me inflamardes sois fogo: admirome de que diante de vós sofrais tão fea creatura; & assim com grande vergonha, meu Deos, me restituo á vossa vista, pois sendo nada por mim mesmo, o mais feyo por minha culpa, o mais torpe por condiçam, tão distrahido por malicia, tam descuidado por costume, & tão má coufa, meu Senhor, que não acho coufa possivel, por vilissima que a confidero, com quem me possa comparar; sendo emfim a mesma maldade, o mesmo asco das vilezas, & nojo aos mesmos vicios, hey de vir pôrme, meu Senhor, diante dessa fermosura, dessa pureza, & Magestade, & dessa immensa perfeição, onde não chega quanto he conceito, onde pasma quanto he discurso, & onde pára quanto he pasmo? Grande vergonha te-

nho, meu Senhor, de erguer aos vossos olhos a vista deste entendimento; & me vejo tão confundido de ver qual sou, & qual vós sois, que fumindome pela terra, escondendome pelos mares, encubriendome pelas nuvens, & fugindo dos mesmos Ceos, me vou a meter nos abismos do nada, que fui ha tão pouco; & naquelle escuro cantinho do que hey de ser tão cedo, buscando em todas as creaturas aquella parte mais escusa, & o retiro mais ignorado dos segredos, mais escondido das fadigas da natureza, onde me furte ao meu bem todo, a troco de que não vejais as minhas manchas, & fealdades, faltas, defeitos, & torpezas. Mas que importa, amor da minha alma, esta lida dos meus desmanchos, esta doudice do meu despejo, este medo dos meus delictos, se todas essas creaturas me dizem já, que me nam cance, nem perca o tempo em vos fugir, que podendo melhor empregalo, em que este pejo descuberto seja preço do delinquido, & esta vergonha apparecida, amor pareça declarado? Já pois, meu Deos, & meu Senhor, nam me afflijo por vir aqui: afflijome só de não ter tantas almas como são as creaturas, para que todas envergonhadas do mal, que eu vos correspondo, no sentimento do seu mal negociassem o seu bem, & na consi-

lillaõ

fillaõ dos seus erros descubri-
sem o voffo perdão. Dizem-me
todas as creaturas, que estais em
todas, meu Senhor, não só por
aquella presença, com que af-
filiis a quanto ha : nam só por
aquella potencia, com que rey-
nais em quanto foy ; senão tá-
bem por aquella effencia, com
que dais ser a quanto ha. Todas
de vós, meu Senhor, sahiraõ; to-
das em vós, meu Deos, estaõ :
em vós começo, em vós duraõ,
em vós se aquietão, & se mo-
vem, em vós se estendem, & se
aumentam: ellas parece, meu
Deos, que vos estais represen-
tando na mesma forma, que
ellas tem, do mesmo modo, que
ellas saõ, nas perfeiçoens com
que nos palmão, na variedade
com que alegrão, & em huns
Nam sei quês com que admi-
raõ, com hum segredo tão
profundo, & taõ difficil de ex-
plicar-se, que a vista o olha, &
não alcança, a mente o gosta,
& não o explica, a lingua o sen-
te, & não o diz ! De cada pedra,
meu Deos, sei que me estais co-
mo espreitando, de cada hervi-
nha me estais vendo, de cada
flor, de cada folha namorando-
me, & commovendome, de ca-
da onda, & cada Estrella admi-
randome, & attrahindome, de
cada ave, & cada nuvem con-
fundindome, & deleytandome;
& enfim de todas como olhan-
do se vos procuro, ou se vos dei-

xo : como espreitando, meu
Amor, se vos suspiro, ou se me
esqueço : como esperando, meu
bem todo, se vos abraço, ou me
desvio : como observando, meu
Creador, se vos bendigo, ou
vos offendo ; & finalmente per-
suadindome, que vos sirva, &
não vos aggrave; que vos louve,
& me não descuide ; que vos
busque, & não descance ; que
converse com os vossos olhos,
que goze das vossas presenças,
que apertado muito estes abraços,
pois vós em todas me mostrais,
que estais correndo para mim,
que tendes gosto de me ver, que
vos dá gloria o meu louvor. Oh
affijase, meu Senhor, affijase
muito a minha alma com o deli-
cto dos Naõ queros, com a ma-
licia dos Naõ ouço, com a des-
culpa dos seus Logos, com a pro-
messa do Já vou, com as pigui-
ças do Inda não ! Derrame-se to-
da a minha alma, estendase este
meu espirito por todo ambito
dos Ceos, por todas as partes da
terra, pela circunferencia dos
mares, & por toda a região dos
ventos : & dilatado em vossa vi-
sta por todo o cerco deste mun-
do ; & finalmente sumergido no
fundo pégo de vós mesmo, aqui
me pare, & vos abraço, dese-
jando muito determe ; alli me
corra, & me reprehenda, porque
em as outras vos não sigo ; &
em todas ande como doudo, por
não perdervos em nenhũa. Oh

admiravel! oh supremo! oh soberano Senhor meu!

VOZ DE DEOS.

Filho, eu sou manso, & humilde de coração: se queres ser meu filho, & parecer meu discipulo, haja em ti sempre huma mansidão com que a todos roubes os animos; & huma tão profunda humildade, que passem todas as creaturas de verte a todas sometido, não só por quam vil cousa es, mas por meu amor: pois eu sendo Deos, por teu amor me meti debaixo dos pés dos peccadores; & ainda agora andando nas pennas dos ventos, & tendo trono sobre as nuvens, tambem ando debaixo dos teus pés.

F A I S C A XXI.

Dum commoventur pedes mei, super me magna locuti sunt.

Psal. 37. 1.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Soberano Creador meu, principio, & fim do meu amor, gloria, & suspenção da minha alma, aonde, aonde hey de abaterme? em que parte posso sumirme: de que maneira aniquilarme, que possa ser humilde termo, reverente veneração, co-

nhecimento primoroso, & decorosa sumissão a tão excelsa Magestade, a tão suprema Omnipotencia, & a grandeza tão infinita? Se pois, meu Deos, quando estais nos Ceos, & ainda estando aqui comigo, não me basta até os abismos a mais profunda reverencia; porque he curta infinitamente toda a decencia a quem vós sois: que hey de fazer, Creador meu, para estar na vossa presença de modo, que pareça humilde, se na mesma terra que pizo, se até debaixo dos meus pés vos acho sempre, meu Senhor, por mais que querendo prostrarme a essa Divindade infinita, fura ligeiro o pensamento a terra, o mar, os Ceos, & o mundo? & por mais que além desses Ceos atravesse os longos espaços, que a imaginação considera, & finge a esfera do discurso? pois sem que nunca tome fê em vossa grandeza infinita, vejo debaixo dos meus pés essa presença soberana, & essa infinita immensidade, que sendo mais, que quanto he, & excedendo quanto não ha, penetra o mar, occupa a terra, transcende os Ceos, traspassa o mundo; & passando daquellas metas, que ficão além do admiravel, se poem além des Non plus ultras, que são as rayas do possível; & começando deste ponto onde parece acaba tudo, tanto mais sobe, & se trasluz dos

dos olhos das Aguias Angelicas; tão longe corre, & se transmonta da vista dos humanos linceas, que perdendo a sempre de vista os mais subidos Cherubins, lá para onde ninguém olha, lá está onde ninguém chega, lá fica onde ninguém cuida! Neste pégo de admiraçoens, neste pafnio de maravilhas, onde me embebo, & me çoçobro, buscando parte em que vos faça alguma breve reverencia, me vou meter, para ver se posso fugir com os pès daquellas partes, em que estais deitado aos meus pès! Fujo com os pès, meu Creador, buscando meyo de humilhar-me, & de não vervos desse modo, com que, meu Deos, estais comigo: de sejo tervos nos meus braços, pôr vossos pès na minha boca; trazelos na minha cabeça, & metelos no coraçãõ; mas não, meu Deos, pôr os meus pès, sendo eu huma terra vil, sobre o lugar onde vos acho, & em parte, onde meu Senhor, não estais como eu de sejo. Nisto se desfaz a minha alma, o discurso se me estremece, o mesmo de sejo se encolhe, acanhase a mesma vontade, & a reverencia se me affige: pois a humildade não consente, a adoraçãõ não se acõmoda, & a razaõ não se persuade, & menos o amor se aquietta. Por isto, Deos, & Senhor meu, fujo com os pès da mesma terra, que pizo quando

vos contemplo, para que nella vos não pize com descortez defatençãõ; como se no ar onde os ponho, ou nos lugares onde os finjo, vós, meu Senhor, não estiveres! Procuo logo, meu Creador, com prostradas veneraçoens pôr a boca naquellas partes, onde de antes puz os pès, para mostrar que pertendo adorar vossa presença, respeitar vossa Magestade, & agradecer a vossa vista; & vendoyos em toda a parte posto a meus pès, & mais humilde, sem saber a alma o que faça, para vos fallar abatida dentro de sy se anda sumindose, aniquilandose, & desfazendose: & eu, meu Senhor, dentro de vós, como homem fóra de sy! Ando, meu Deos, beijando a terra, abraçando os ares, & as sombras, corredõ os Ceos, surcando as nuvens, até que de cançado nesta suavissima fadiga, neste doce defasçoego, esmorecendome por vós, me desmayo dentro de mim! quando torno em mim, me acho logo junto de vós; pois se he na cama, me cubris, se na mesa, me regalais, se no caminho, me guiais, no estudo, me ensinais, se na tentaçãõ, me acõdis, se na culpa, me reprehendeis, se no pezar, me consolais; & finalmente em toda a parte, em todo o tempo, em toda a cousa não ergo os olhos sem vos ver, não abro a boca sem me ouvirdes,

não movo a mão sem vos sentirdes, não bulo pè sem me guiardes, nem dou passo sem me seguides! Mas oh meu Deos, que muito he isto depois de ver, que he impossivel haver creatura, ou cousa alguma onde não estejais? Estai pois Deos, & Senhor meu, estai presente a quanto faço, a quanto cuido, a quanto digo; porque se vós me não deixardes, he certo, Amor da minha vida, que nunca vos deixarei eu, por favor da vossa bondade, por força de vossos impulsos, & beneficio de vossa graça; a quem só quero, & procuro, a quem só amo, & só adoro, & espero em vós de amar sempre, ou sem outro fim, mais que vós portoda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, para me amares como eu quero, & agradarme mais altamente, muito te falta por fazer, muito tens que andar, & muita altura a que subir: para isto te he necessario, que examines bem o motivo, que tens em todas tuas obras; porque se em todas não te ouveres puramente por minha gloria, sendo por mim tudo o que fazes, para mim tudo o que procuras, & só em mim tudo o que queres, não chegarás á perfeição. Por amor de mim puramente seja o que cuidas, o que obras, o que que-

res, o que possues, o que não tens, & o que tiveres, o que te alega, & entristece, & chegarás comigo ao monte de Siao por pura intenção.

F A I S C A XXII.

Actiones nostras, quasumus Domine, adjuvando prosequere, &c. Or. Eccles.

SUSPIRO DO PECCADOR.

Que miseraveis, meu Senhor, que nescios, que pobres, que enganados vivemos todos os humanos, que sem a luz de vossa graça, sem o lume do vosso espirito, & sem a vista interior de vossos suaves avisos arrastamos por este valle de amarguras, & de miserias, a vida apoz da vossa offensa, a alma em busca do seu dano, os olhos seguindo o seu erro, & o mesmo espirito contrito em mil nevoas desalumbrado! Conheço agora, meu Jesu, por favor do vosso auxilio, que atègora viví sem luz, enganado do mesmo espirito, que sem pureza vos buscava, & sem aviso vos servia. Meu Deos, que cavilosa nos ceva, & arma a natureza! que finalmente se trasluz o véo dourado da malicia! que agudamente se nos desmente todo o veneno da vaidade! Bebemos todos

todos o veneno, porque se dá como triaga, abraçamos a culpa, porque tem rosto de virtude, cahimos no laço da offensa, porque se veste de bondade: sem que de viscos taõ occultos se acautele o mesmo receyo, sem que de laços tão custosos se desenrede o desengano, sem que de tão mortaes venenos se aborreça o mesmo desvio. Que de vezes, meu Creador, quiz agradecervos contra a gula, & atreçoada a natureza em trajes de necessidade me introduzio a demasia? quantas vezes com falso espirito vos quiz louvar pelos labores, & disfarçado entre os louvores me fez abraçar o appetite? quantas vezes indo a humilharme na memoria de meus peccados, se me fazia tentaçam o que começava em virtude? quantas vezes por'encobrir algũ thesouro, que me daveis, disfarcei a vida, & o espirito, & fui meterme entre os peyores, para me terem por hũdelles, & despenhandome a malicia nos riscos, que me dourava, sabia peyor que nenhum? quantas vezes por me não terem por singular em o cõmum, me distrahi entre os melhores? quantas vezes a lingua nescia reprehendendo algum com vaidades de discreta, fez vaidade de entendida? quantas vezes se ostentou muda, tendo por justas humildades não dizer

o que fora aviso? quantas vezes fallar de vós foy o meu fim, para que alguns em outra cousa não fallassem? & quantas, Senhor meu, mortificado eu, quiz ser exemplo, & por aqui abrio a vangloria para as ruinas o caminho? mas tudo isto não he nada, pois emfim via claramente a culpa, que depois sentia, & o dano que logo chorava; mais além deitou a malicia a barra nas mesmas tençoens; mais subio o meu erro, por dar-me a queda de mais alto: pois quando eu cria que pesava com o Astrolabio da oraçã o mesmo Sol no meyo dia: quando cuidei que tinha sondado o fundo pégo da humildade: quando me persuadei que vencias as ondas do mar deste seculo: quando julgava que triunfava do temporal de todo o mundo, me achei no ar com azas de Icaro, no mar com barco de papel, na terra com bordão de cana. Pediavos, meu Creador, que fizesseis vossa vontade neste vilissimo bichinho; isto vos pedi muitas vezes, parecendome nesciamente, que já me tinha resignado, que o campo estava seguro, o inimigo vencido, o triunfo alcançado, & eu emfim todo resignado no vosso divino beneplacito; mas oh que modo de enganar tinha este falso parecer! pois rendome em conta de Cervo, com pés leves já me estendia pelos montes, sospitan

peitandome quasi Agua queria já passar as nuvens, sem olhar naquelle subir, que a ligeireza do meu juizo foy cegueira, que ao mais velóz das minhas azas a liviandade fingio. vòs. Buscava eu nisto a minha gloriã, & não a minha negação: negoceava o meu interesse, & não, meu Deos, a vossa gloria. Tambem queria, Senhor, deixando a vossa humanidade, meter-me só na Divindade, persuadido a que era impossivel unilas em hum só conceito, desejalas por hum só suspiro, amalas em hum só objecto, & louvalas em huma admiração; mas oh que engano tão soberbo! oh que ignorancia tam rebelde de minhas falsas humildades! fugir de vòs, meu Redemptor, sem quem no Ceo nam posso entrar, se primeiro me não unir: sem quem a mesma Divindade se não acha depois de unida; & com quem se unio. por prender-me nos grilhoens de vossa justiça; depois de atarme a essa Cruz com os braços da misericordia.

Acto de resignação voluntaria com que todo se punha nas mãos de Deos o Veneravel Padre.

Meu Deos, assim como vòs mandado pelo Eterno Padre a redimir o mundo não tivestes outra vontade mais que a

lua, assim eu creado por vòs para vos amar, não quero ter outra vontade mais que a vossa. De tudo me despeço, & esqueço voluntariamente, pertendendo em todas as cousas a vossa honra, & a vossa gloria, & que em tudo se cumpra em mim a vossa santa vontade. Este he o meu intento, & o meu ultimo fim, não só na duração do tempo, mas na eternidade, igualmente para o mal, como para o bem; & vos prometo amar tão indifferente, que assim no gozto, como na pena, na honra, como na injuria, na morte, como na vida, no inferno, como no Ceo prometo com vossa graça louvarvos, darvos graças, & glorificarvos. Fundase o mundo, caya o Ceo, & sovertase a terra, nunca se mudará, meu Deos, esta vontade ultima, porque he vontade vossa. Tão prompto me offereço para os trabalhos, & tribulaçoens que mandardes sobre mim, como para as mayores consolaçoens, que podereis mandar: as quaes nam peço, nem mereço, nem me convem querer, antes repugnar por quã indigno sou por minha vaidade, & pouca humildade. De todo o favor, & bem, como victima morta posta nos Altares, me ponho nas vossas mãos. Fie-me de vòs, meu Deos, que sois a mesma verdade, & confiado nesta me arrojo, & entrego todo em vossa

vossa amorosissima misericordia, para que façais de mim, o que mais gloria vos der: desejo, meu Deos, ser servo fiel nesta promessa, fazei vós que eu o seja, pois de vós nasce isto: se acabei isto com vosco, absoluto poder, & imperio vos dou no meu alvedrio, para que façais, & desfaçais, edifiqueis, & arruineis como vos parecer: sem reparar em se me levais por flores, ou por espinhos, por doçuras, ou amarguras; & em fim sem fazervos melhor rosto no bem, que no mal; mas só pon-do o meu desejo no vosso beneplacito, o meu affecto no vosso serviço, o meu cuidado na vossa honra, & o meu gosto na vossa gloria.

Actos para mover á contrição, que fazia, & ensinava o veneravel Fr. Antonio, para diante de hum Crucifixo.

MEu Deos do meu coração, dos meus olhos, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, a quem eu tanto offendi: tanto, meu Deos, & Senhor, que não tem o mar areas, o Ceo Estrellas, a terra flores, os livros letras, as plantas folhas, cujo numero não exceda, & vença infinitamente a multidão sem conto de meus peccados, a variedade sem nu-

meo de meus delictos. Pequei, Senhor, offendivos, fiz mal na face dos Ceos, & da terra. Sei, que mereci o inferno tantas vezes, quantas pequei; & não sei como se nam esconde de irado contra mim o Sol que olho, o Ceo que vejo: como me não foge debaixo dos pés a terra, que pizo: como senam converte em fogo a agua que bebo: como me não furta o folego o ar, que tomo, & respiro: como senão murchão as hervas por onde passo: como não se aimaõ contra mim todas as creaturas, que encontro, para se vingarem de mim, pois a todas aggravei quando pequei contra vós. Pequei, Senhor, afasteime da vossa Ley, dei as costas á vossa graça, adorei a vossa offensa, fiz idolo da minha culpa, corri sem temor, nem pejo pelos caminhos do engano, da vaidade, & perdição: tão contente do meu dano, como se fora da alma remedio: tão cego pelo meu mal, como se achára nelle a vós meu ultimo fim, a vós meu fũmo Bem.

Ah meu Deos! mas como vos chamo meu, se vos confesso, & conheço por Deos: Sendo este coração infinitamente máo, será bem, que chame cousa sua a hum Deos infinitamente bom? Mas ah meu Deos! torno a dizer: meu sois meu bom Jesus: aqui lustra mais a vossa bondade, onde

onde he mayor a minha maldade. Meu sois, porque sois meu Deos, meu Pay, meu Senhor, meu Creator, meu Redemptor, meu Salvador, & por isso vos vejo, & contemplo por meu amor vendido, afrontado, cuspidado, açoutado, esbofetado, ferido, crucificado, & morto por mim em huma Cruz. Mas que he isto, meu Senhor? Vós pendente de huma Cruz por amor de mim, & eu sem ddr de vossas dores, sem pena de minhas culpas, vos deixo estar nessa Cruz? Vós com penas, & eu com culpas, vós com chagas, & eu com vida? Ah meu Deos, quanto me peza do muito que vos offendi! Pezame, Senhor, do pouco, que me peza o muito que vos aggravei. Mais me peza pela grande ingratição com que vos tenho aggravado, que pelo grande inferno, que tenho merecido. Mas que digo, meu Senhor? Nada me peza, meu Deos: hum pezar, que me não tira a vida, não he pezar: huma pena, que me não arranca esta alma, ainda não he pena: huma ddr, que me não parte o coração, inda não he ddr. Quizerá ter huma pena das culpas que cometi, tamanha como as minhas culpas: quizerá ter huma magoa das offensas, que vos tenho feito, á medida das vossas offensas: quizerá ter hũa ddr igual á vossa misericordia: quizerá com lagrimas de sangue, cõ

rios de fel, com mares de lagrimas, com diluvios de fogo chorar meus grandes peccados: mais pelo que tem de offensa, & agravo contra vós, que pelo que tem de dano, & perdição contra mim: quizerá que assim como no agravo foi infinita a culpa, fora no arrependimento infinita a pena. Mas donde, meu Deos, & Senhor: donde, meu divino Amor, onde acharei esta pena, senão na fonte de vossa graça? Onde, senão no conhecimento de vossa bondade immensa, & de minha infinita culpa? Donde hão de vir estas lagrimas senão do mar de vossas misericordias? Onde acharei esta magoa, este pezar, esta ddr, senão em vosso immenso amor, & em vossa piedade immensa? De vós veyo este desejo de me arrepender, de vós venha esta perfeita ddr para me compungir, este firme proposito de nunca mais offendervos, esta ardente resolução de eternamente amarvos. Do mar vem a agua com que os penedos rebentaõ fontes, sendo por natureza duros, & secos: venha pois, meu Deos, a este coração tão seco, a este penedo tão duro, venha agua de vossa graça desse mar de vossa clemencia, mar immenso, pego sem fundo de bondade, & misericordia: lave-se, renove-se com ella esta tão perdida alma: emende-se, & mude-se já em outra

tra esta miseravel vida.

Aqui venho a vossos pès, não estranheis o quando, não repareis no tarde, não olheis o como, olhai somente, que venho. Venho a vossos pès, Senhor, vestido das fealdades de meus peccados, cuberto das torpezas de minhas culpas, cheyo das abominaçoens, & vicios da minha vida. Aqui trago, meu Senhor, a corda ao pescoço, aqui arrasto os ferros de meus delictos, aqui finalmente trago os grilhoens de meus peccados, donde a mesma culpa com que vos fugi foy Alcaide, que me prendeo, & carcere, que me atou. Aqui venho, meu Redemptor, aqui vem esta pobre alma deformada da imagẽ de vossa fermosura, & perdida a semelhança de tal maneira, que nada diz o que ella se fez com o que vós fizestes nella. Oh que miseravel! oh que torpe! oh que abominavel que venho! mas como venho a vossos pès, confiado venho, meu Deos, de achar em vossa piedade amparo, em vossa clemencia refugio, em vossa bondade remedio, em vossa misericordia porto. Por isso tremendo de vossa justiça não me valho de outro seguro, mais que de vossa clemencia: não solicito outro abrigo, senão vossa misericordia; nesta me fio, meu Deos, porque inda que eu por minha culpa perdi o ser de filho, vós,

Senhor, infinitamente bom não perdestes o ser, & condiçãõ, que tendes de Pay. Acabe pois em mim vossa graça esta obra, que começou em mim vossa piedade infinita; acuda vossa clemencia a esta miseravel creatura: tende dó, & compaixãõ desta pobre alma. Proponho com vossa graça de emendar a vida, confessar as culpas, perseverar na emenda, perdoar aggravos, esquecer de injurias, aborrecer meus vicios, restituir como posso, satisfazer, como devo, a vossos Mandamentos. Espero, Senhor, em vossa bondade infinita, que me haveis de perdoar todos meus peccados pela morte, & payxãõ de meu Senhor Jesu Christo: porque se nas suas Chagas tendes justiça para me castigar, tambem tendes misericordia para me favorecer. Misericordia, misericordia, misericordia.

Outro, & segundo.

R Edemptor, & Salvador nosso, peccamos, & fizemos pessimamente diante de vossa vista, & do Ceo: encorremos em vossa ira, declinamos em nossa culpa; mas deste lodo, pó, & cinza, que podeis vós esperar? Que haveis de esperar, meu Deos, do homẽ gerado em corrupçam, nascido em culpas, & miserias, creado em sombras,

&

& ignorancias? Peccamos, Deos, & Senhor nosso; & não têm a-reas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem de alguma maneira o numero de nossas culpas: nem a serem as hervas fontes, as flores rios: né a serem as ondas mares, igualaráo ás que os nossos olhos deviaõ chorar arrependidos. Não merecemos, que os Ceos nos amparem, & a terra nos soffra, que o Sol nos amanheça, & o dia nos torne a vista: antes merecemos, meu Deos, que a terra se abra, & o inferno nos sovta; mas ainda assim, Redemptor nosso, não pela pena dos infernos, que merecemos: nam pela perda dos bens do Ceo, que nunca mereceriamos; mas por havervos offendido, nos peza muito de coração, & entranhavelmente nos peza das maldades, que cometemos, da cegueira com que nos apartamos de vós, & ainda nos esquecemos de vós: por vossa bondadé, meu Deos, tam querido dos Serafins, tam adorado, & respeitado dos bõs, dos Anjos, & dos Santos, taõ obedecido dos Ceos, & por vós tam merecedor, de que até no inferno sejaís servido, & até dos reprobos louvado. Pezanos muito do coração, não pela pena do delicto, mas pela maldade da offensa, & por vosso amor, meu Jesu. Mas não nos tira isto a esperança que temos de nos per-

doardes: porque ainda que nós cahimos na culpa, onde os castigos são justiça; vós não estais sem a piedade, onde o perdão sempre he costume. Propomos com a vossa graça de pôr emendas em nossas vidas, & fiados nessa bondade, esperamos de vós o perdão, não porque nós o mereçamos, mas pelos vossos merecimentos: tão pouco pelas nossas lagrimas, mas sómente pelo vosso sangue: nam emfim por nossa justiça, mas por vossa misericordia.

Outro, & terceiro.

Redemptor, & Creador nosso: eu sou aquelle ingrato sempre, em fim aquelle humana vibora, aquelle bruto, & nam filho, aquelle pendo, & não homem, que a ter de vibora as entranhas, nunca forão tão venenos, que a ter dos brutos a fereza, nunca pudéra ser mais bruto, que a ter de pedra o coração, nunca chegara a ser tão duro. Sou aquelle homem se mé-tido, aquelle marmore com alma, & aquelle alma sem razão, aquelle razaõ sem uso, q da vossa mesma justiça cheguei a fazer paciencia, pois para ser misericordia se fez comigo soffrimento: sou aquelle bronze com vida, que da vossa misericordia tenho já feito a vossa injuria, pois de tantas maldades minhas a quiz

a quíz fazer consentidora, & de tantos vossos favores não tenho feito a minha emenda. Pequei, fiz mal, eu o confesso. Pequei, meu Deos, & meu Senhor contra vossa bondade immensa, sou por isto merecedor de todas as penas do inferno, & de estar por minhas maldades, abominaçoens, & delictos nas eternas chamas do abismo para todo o sempre dos sempre. Eu mesmo me dou a sentença, & me julgo indigno, meu Deos, de alcançar o vosso perdão, & de usardes de misericordia com tão pessima, aborrecivel, & abominavel creatura: mas inda que excedem as culpas todos os termos da piedade, todo o modo da razaõ; vossa piedade he sem limite, vossa bondade não tem termo; usai pois de misericordia.

Justo he, meu Deos, o condenarme, mas não o permitais, meu Senhor, que para me salvar a mim vos deixastes afrentar a vós. Por ventura, meu Creador, tereis mais gloria de vernos nas penas do inferno, que na eterna Bemaventurança? Quem vos ha de louvar no inferno? Tereis gloria disto, meu Deos? Tereis; porque a pena dos máos he gloria de vossa justiça; mas não me podereis negar, que não ha de ter gloria disso essa vossa misericordia. Quaes nós eramos nos quizestes, pois

sendo nada nos criastes: quaes nós fomos nos soffreis, & pois sendo máos nos dais a vida, não seja isto, meu Senhor, para mayor condemnação. Pezame muito da minha culpa, de me haver de vós apartado, & mais de haver vos offendido. Se pois todas vossas entranhas não são mais; q̄ misericordias, como não ha de atravessai volas, ver entre os lobos infernaes estas perdidas ovelhinhas, sem que o balido menos brando vos não rasgue o coração com essa natural piedade, que excede infinitamente toda a humana maldade? Prometto com vossa graça emendarme, & confessarme de minhas culpas, & em satisfação dellas vos peço, que aceiteis vosso sacratissimo sangue; no qual confio que todos meus peccados me serão perdoados.

Para pedir perdão a Deos de culpas sem advertencia.

Acto de amor de Deos.

Meu Deos, & meu Senhor, não estejais mal comigo, porque me dá tamanha pena não sospitarme em vossa graça, que antes quizera mil infernos, se me sentira bem com vosco, que estar no Ceo, & hum só instante ver vos irado contra mim. Apartai, meu Deos, apartai de se rosto cheyo de gloria a ira,

com que me aſſligis, & a turbação com que me olhai: não haja neſta fermofura, aonde os Anjos ſe revem, tantas carrancas apoſtadas contra quem vos quer mais que a ſy. Não ſe agaste contra mim a vossa manſidão, pois não foy minha tençãõ aggravarvos, Padre, & Deos meu. Não pois, meu Deos, defauthorize o voffo rigor a Mageſtade: em hum bichinho tam pequenino, que ainda a ſy meſmo não ſe enxerga: contra que não ſoube o que fez: contra quem antes ſe matára; & ſe fizera em mil pedaços, que aggravarvos por ſua vontade: não ſe ponha vossa bondade a ſe eſquecer do que foy ſempre.

Actos de Contrição.

Meu Deos, & meu Redemptor, por ſerdes vós quem ſois, & porq̃ vos amo, & eſtimo ſobre todas as çouſas, me peza de todo o coração de vos haver offendido: proponho mediante vossa graça minha emenda; & eſpero de vossa miſericordia minha ſalvação.

[Amantiſſimo Jeſu, Senhor dos Ceos, & da terra, Creador, & Salvador meu, por ſerdes vós quem ſois, infinitamente bom, & porque deveis ſer amado ſobre tudo o que ſe pôde amar, me peza de todo o coração de vos haver offendido: prometo com

vossa graça a emenda de minha vida; & diſpoſta com vossa ajuda a ſatisfação de minhas culpas, eſpero em vossa infinita miſericordia a ſalvação de minha alma.

Affectos.

O Meu querido Eſpoſo, luz de meu entendimêto, ſuspendei o rigor de vossa juſtiça, & uſai comigo, miſeravel peccador, das grandezas de vossa piedade. O coração ingrato: ó olhos cegos, despertai, vede ao noſſo Deos com o grave pezo da Cruz de vossas culpas.

O Pay Eterno: ó Sabedoria infinita, enſinaime a ſeguir, & ſentir eſtes paſſos de voffo Unigenito Filho meu querido Senhor Jeſu Chriſto, a quem ſó buſco, ſó adoro, & ſó deſejo ſervir de todo o meu coração, pois ſó elle he digno de ſer amado.

Eſpirito Santo de vida, dai-me luz para que ſaiba ſentir minhas culpas, & arrependermel dellas, & com huma dor, & fé verdadeira ſiga as pizadas deſte ſoberano amante, & Senhor de minha alma, a quem peço me ajude a deſterrar de meu coração tudo, o que não for para louvor, & ſerviço ſeu. Amen.

Oração ao coração de Christo.

O Amorosissimo Senhor meu Jesu Christo, peçovos pelo ardentissimo amor de vossa divinas entranhas, & pelas angustias de vosso traspassado coração humano, que imprimais meu coração em o vosso crucificado, & o enchais de perfectissima caridade, a qual acabe totalmente, & consuma todo o amor que tenho a mim mesmo, & ás creaturas, & a tudo o que não sois vós: para que com a fôrta de vosso abrazado amor tanto me fira, & acenda, que vos ame, meu Senhor, com toda a alma, & com todos meus sentidos, & minhas forças todas; puramente por vossa bondade immensa, nam por retribuição, ou premio, mas só por vossa honra, & porque sois dignissimo de q̃ sem outro fim vos ame; & louve, & obre, & padeça por vós grandes cousas. Daime, Senhor, que com infinitos, & abrazados desejos, & oraçoens, & com perfeita negação de mim, & amorosa união com vosco, a vós sem cessar suspire, clame, bata, & busque: & sempre vos ache, meu Deus, até que transformado em vós, fazendome com vosco hum espirito, siquemos perfectamente unidos. Daime, que com a mesma caridade ame a

todos meus proximos, & por amor de vós muito mais que a mim: daime huma grande firmeza, & perseverança nascida de forte animo, com a qual em hum continuo desejo de aproveitarme olhe em o espelho de vossa sãtissima vida, donde vendo meus erros passados, minha froxidão presente, meus perigos futuros, com continuo exame de minha vil consciencia, & miseravel vida, emende as torpezas de meu corpo, & as misérias de minha alma; & com novo fervor, mediante vossa graça, pãsse por agua, & fogo, & vos ame até o fim. Amen.

Oração.

Immenso pego de amor, abismo eterno de belleza, sobre admiravel maravilha, sobre infinita Magestade, mar de ardentissimas perfeiçoens, fermosissima immensidade de Omnipotencia, & fermosura, de bondade, & sabedoria, quando, quando será o dia, que profunda, & intimamente ençerrandome dentro de vós, me verei todo rodeado, transformado, sumergido, alagado, abfôrto, & entranhado neste Oceano de Divindade? Quando, quando me derreterei neste ardente abismo de chainas, & desfeito todo em amor, nam acharei nada de mim, mais que o sentir, que

naõ sou na lá, & que vós, meu Deos, foyis tudo? Abri pois, abri men Jesus esse Reyno de resplandores, esse Ceo de suavidades, esse naõ sei de admiracoens, esse alèm de tudo o que he bello, superior a tudo o creado, & fóra de tudo o sabido, para que em vós já transformado, & convertido totalmente a vós, vos ache só em tudo, & tudo veja cheyo de vós o que em vós se move, & sustenta. Oh se eu pudéra, meu Senhor, amarvos como mereceis, essa fora a minha gloria! não desejo outra bemaventurança, nem desejo outro bem no Ceo, nem na terra.

Advertencias para os Missionarios, que deixou escritas, mas não acabadas este grande, & Apostolico Missionario.

Para que todas nossas acçoës, obras, palavras, & pensamentos comecem, & acabem em Deos, que he nosso primeiro principio, & ultimo fim, & para que em tudo tenhaõ por motivo, & fundamento a sua gloria, & honra, & depois a nossa salvaçam, & a das almas alheas; a primeira cousa que faremos em nos levantando cedo, será pormonos na presença de Deos, invocamos o Espirito Santo, & ter meya hora, ao menos, de Oração

mental, cuidando na Vida, Morte, & Payxaõ de nosso Senhor Jesu Christo, que com tanta fidade da salvaçam das almas veyo padecer ao mundo: & lhe pedirémos luz, & graça, para empregarnos no mesmo officio, imitando-o quanto nos for possível com a divina ajuda. Assim o fazia S. Francisco Xavier, que ao menos tinha meya hora de Oração cada dia, meditando na Payxaõ de Christo.

Na Oração examinaremos sempre estes tres pontos. Primeiro, com que fim, & motivo nos pomos na presença de Deos, & andamos no officio de Missionarios, se he puramente por gloria, & honra de Deos, & zelo da salvaçam das almas. Segundo, com que proposito de não cometer qualquer peccado. Terceiro, com quanto amor de Deos, & do proximo.

Depois, se não ouver muito aperto de confissoens, se rezará das cinco horas da manhaã por diante o Officio Divino até Noa, com devoçaõ, atençaõ, & pausa possível, fazendo por estar com o espirito em Deos, a quem temos sempre em nossa presença: & depois iremos ás confissoens. Se ouver grande concurso de gente, que se confesse, desde as cinco horas iremos para os Confessionarios, ou a dizer Missa primeiro que nos ponhamos nelles, & alli se estará ao me-

nos até o meyo dia : & em cada huma das almas, que se chegarem a nós, consideraremos, que está Christo crucificado, ou que as vemos metidas no coração de Christo, & que este Senhor as quer salvar, & para isto nos dá suas vezes, & poder, & que com seu sangue, & morte as veyo redimir : para que (confidenciam, que fazia S. Francisco de Sales) com grande caridade, & paciencia as curemos, & confessemos. E quem não tem estas duas virtudes, nam he capaz de andar na Missão.

Em todo o tempo fujaõ como do demonio de dizer galantarias, & ociosidades, não só porque, como diz Christo, de toda a palavra ociosa se ha de dar conta em juizo, se não porque, como diz S. Bernardo, as zombarias, que nos seculares sam galantarias, na boca dos Sacerdotes saõ blasfemias. Diante dos seculares se falle sempre em cousas de edificaçam, que causem horror, ou fação devoçam, confundindo-os com a modestia, que deve ser manifesta a todos : & com santa mortificaçõ de olhos baixos, mãos cruzadas, corpo quieto, & sem movimentos; porque destas vistas ficaõ reprehendidos, & interiormente edificados. Muitas pessoas de vida estragada, & dissoluta se movẽrão á penitencia, & á confissam

vendo somente a Saõ Pedro de Alcantara, & a meu Padre Saõ Francisco, a Santa Catherina de Sena, & outros Santos; & tem notavel força a compostura exterior dos Servos de Deos para a conversaõ dos peccadores: alêm de que he ordinario sinal da presença de Deos, & compostura interior.

Nam falem nos Sermoens, nem bons successos das Missões, porque inda que de tudo isto dem gloria a Deos, lá no fundo da alma fica algũa complacencia de termos feito alguma cousa. Não nos mostremos muito alegres com estes bons successos, pois em outros semelhantes disse Christo a seus Discipulos, vindo de fazer milagres, que vira a satanás, como hum relampago cahir do Ceo: dandolhes a entender, que folgando de brilhar, & luzir nas cousas do Ceo com hũa occulta, ou clara complacencia de nós mesmos, vimos a cahir. Convem mais entristecernos do mal que somos Ministros de Deos, & dispenheiros de sua misericordia, dizendo, & sentindo com o Apostolo, que não temos feito nada, & somos servos inúteis. Sintamos, & corramonos, de que no mesmo lugar, & successo em que ficãrão outros aproveitados, tal vez nós ficaríamos cahidos, & sem o possivel aproveitamento.

VIA SACRA

ORDENADA, E ESCRITA

Pelo Veneravel Padre.

I. C R U Z.



ONSIDERA Alma, que esta primeira Estação significa a casa de Pilatos, onde nosso Senhor Jesu Christo foy cruelmente açoutado cõ varas cheas de espinhos, & com asperas cadeas, cujas pontas eram abrolhos de ferro, que feriam, & rasgavaõ atè os ossos seu santissimo, & delicado corpo, sem haver nelle parte alguma, que cõ o rigor dos golpes não ficasse em chaga viva: para que assim como todo o corpo mystico do seu povo estava chagado da culpa, assim seu corpo santissimo, que por elle satisfazia, desde a plãta do pè atè a cabeça fosse chagado da pena.

Oh Magestade dos Ceos! Oh alto, & poderoso Senhor do mundo! que amarrado a huma columna, como se foreis ladram, ou escravo vil, sofrestes ser açoutado tam cruelmente, sem q̃ no meyo dessas penas tomasteis por alivio hum Ay, nem por des-

afogo hũ suspiro! Peçovos meu Senhor da minha alma, que por esse cruel tormẽto me chagæis este coração tão duro com o amor, & compaixam dessas chagas; & imprimais nelle vossa paciencia, para que sem queixa nas dores, sem vingança nas injurias, vos imite, & acompanhe toda a minha vida atado a huma columna firme da memoria de vossas chagas. Amen.

Fêta huma pequena pausa, diga o Minitiro, & guia da Via Sacra: Arrepentete peccador de teus horrendos peccados; por serem cometidos contra teu Deos, & Senhor. Considera, que te está dizendo: Alma, mais me atormentão tuas culpas, que minhas chagas: o que em ti são deleytes, são em mim açoutes: não me açoutes com teus peccados, antes muito dorida delles arrepentete peccador, & dize: Senhor pequei, tende misericordia de mim: pezaros do que nos peza, tende misericordia de nós.

Dito isto beijaráõ todos a ter-

ra, & então dirá quem ler, em voz alta: Bemdita, & louvada seja a Payxaõ de Nosso Senhor Jesu Christo: & sua bédita Mãy, Amen. Logo se erguerão, & proseguirão suas Estaçoens, rezando no caminho de cada hũa feis Padre nossos, & leis Ave Marias pela tenção dos Sũmos Pontifices, que concedem as Indulgencias: acabando na mesma fórma todas as Estaçoens; & chegando á segunda dirá.

II. E S T A Ç A M.

Considera Alma, que esta segunda Estaçaõ, que consta de vinte passos, representa o lugar, onde lerão a Christo Senhor nosso a sentença de morte de Cruz, que dizia: Justiça, que manda fazer Poncio Pilatos em Jesu de Nazareth, por ser malfeitor, & amotinador do Povo: manda que no monte Calvario seja crucificado entre dous ladroens. Aqui tirandolhe a purpura, & as mais insignias de Rey, excepto a coroa de espinhos, que lhe haviam posto por zombaria, & escarneio, o vestiram de suas proprias vestiduras, & em lugar da cana oca, que lhe tiraram das mãos, lhe puzeram em seus delicados hombros o pezado lenho da Cruz: & para que fosse reputado por malfeitor, & ladraõ, o leváraõ entre dous, como se fora o peyor de todos.

O Rey dos Ceos, & da terra, que em figura de ladrão ides representando o engano, & cegueira deste mundo, tempo he já de que eu me dispa dos vestidos, & habitos de meus horrendos peccados, costumes, & vícios, & que me vista de vós mesmo, para que tornando em mim do desejo de vãos applausos, ame, meu Deos, os proprios desprezos, & imitandovos na vida, vos acõpanhe na gloria.

O' Alma minha, vê que cada vez que peccas, sentenças á morte a teu Senhor Jesu Christo, & lhe poens huma pezada Cruz ás costas: vendo a teu Deos afrontado, como queres honras? vendo a gloria do Ceo cheia de penas na terra, como queres gostos? O' Padre Eterno, permitis, que vosso santissimo Filho seja castigado como ladrão; & que sendo eu o que pequei, seja elle o que padece? Oh immensa caridade, q' assim consentis, q' seja castigado o Filho, para reconciliar com voico este vil escravo!

Arrependete peccador de teus peccados, por serem cometidos contra teu Senhor Jesu Christo: dizelhe com grande dor: Senhor pequei, &c.

III. E S T A Ç A M.

Considera, que esta terceira Estaçam significa aquelle lugar, onde indo o Senhor com

328 Obras Espirituaes do Veneravel P.

a Cruz ás costas luando, & regando a terra com seu precioso sangue, angustiado, & afflicto cahio mysteriosamente em terra debaixo da sua Cruz.

O Amorosissimo Jesus, que como cacho esprimido debaixo desse madeiro vertestes rios de sangue, me mostrais caindo, o pezo que tem meus peccados, pois fizeram cahir por terra, que tem nas mãos o Ceo, & o mundo: daime, Senhor, não só a conhecer o pezo, mas a sentir a gravidade de minhas culpas, para que com hum grande pezar de havelas cometido, satisfaga o pouco pezar, com que vos tenho aggravado.

O Alma minha, se o pezo de teus peccados fez cahir o mesmo Deos por terra; que muito he, se não te arrependes, que te fação cahir no inferno? Arrependete, &c.

IV. E S T A Ç A M.

Considera, que significa esta Estação o lugar onde seguindo ao Senhor grande tropel de gente, não tanto por seguilo, como por perseguido: huns por odio para crucificalo: outros para escarneçelo: outros ainda por curiosidade de espectáculo tam novo: nenhum para adoralo; inda que alguns por compaixam natural, que tinhaõ do seu tormento: vendo o Senhor, que

humas piedosas mulheres o acompanhavão chorando, virou para ellas, & disselhes: Filhas de Jerusalem, nam choreis minhas penas, chorai por vossas culpas; porque se o Filho de Deos innocente padece estes castigos na terra pelos peccados alheyos, que padecerá o peccador no inferno pelos peccados proprios?

O Piedosissimo Jesus, immensa caridade, que como esquecido de vossos trabalhos, quereis que choremos os nossos, especialmente os daquelles que senam aproveitão da vossa morte, & Payxão, para alcançarem eterna vida; se assim vos virais para as lagrimas, que por compayxam das penas se vertem, quanto mais vos virareis para as lagrimas, que com dor das culpas se choraõ? Daime, Senhor, tanta dor de meus peccados, que sejaõ meus olhos fontes de lagrimas, para que paguem chorando os males, que fizeraõ vendo o que era offensa vossa.

O Alma, para que não chores por toda a eternidade, agora convem que chores: chora, que te não impede Deos, que chores sua Payxam, mas quer que primeiro chores a causa, que he teus peccados, & a perdição das almas, que não choraõ seus delictos. Chora pois, & se te não move a chorar teus peccados o muito, que teu Deos padece por elles, movate ao me-

nos o muito, que tu padecerás se te nam aproveitares do que elle padeceo. E se sabes, que es devedor á divina justiça, treme de nam saberes se alcançarás a divina misericordia. Arrependede-te peccador, &c.

V. EST A Ç A M.

Considera, que esta Estação significa aquelle lugar dô-de, como piamente se cre, a Virgem Senhora nossa, ouvida a triste nova de ser condenado á morte seu innocentissimo Filho, lhe sahio com excessiva dôr ao encontro na rua da Amargura, & vendo-o tão desfigurado, enfanguentado, & dolorido, considera qual ficaria o seu coração santissimo: se as filhas de Jerusaleem chorárao tanta lagrima vendo a Christo Senhor nosso, naõ o tendo mais que por Santo; que sentiria, & choraria a Virgem Senhora por seu filho, que amava por filho de Deos, & Deos verdadeiro?

O' Virgem Sâtissima, a mais affligida das mãys, sendo a mais pura das Virgens: quem pôde contemplar o que sentistes, quando á vista de vosso querido filho, como Sol, & Lua eclipsados deixastes o Ceo de vossa alma enlutado, & ennegrecido? Qual seria a tristeza, qual a dôr com que traspassou essa alma o cutelo desta vista? Pela immen-

sa dôr, que vos ferio as entranhas neste taõ penoso encontro, vos peço, Mãy de Deos, que me alcanceis huma grande tristeza de meus peccados, & hũa grande dôr de minha culpa, pois eu com ella matei a vosso innocente filho meu Senhor Jesu Christo.

O' alma, acompanha, & ajuda a Virgem Senhora nossa, que vai seguindo a seu filho até o monte Calvario: se ella o seguiu com os passos, & com os sentimentos, não o perfigas mais com as culpas, segue-o com os suspiros.

Arrependede-te peccador, &c.

VI. EST A Ç A M.

Considera, que esta estação significa a Porta Judiciaria por onde sahio o Senhor para o monte Calvario. Aqui se deve considerar quanto sentiria o amorosissimo Senhor ao sahir por ella, que aquella desaventurada Cidade o deitasse fóra de sy, como que o não queria dentro de sy, por cuja causa havia de ser rigorosamente assolada pela justiça Divina.

O' soberano Redemptor, & amoroso Senhor nosso, quanto sentirieis, que como a malfeitor, a vossa amada Cidade vos não quizesse comfigo! Naõ permitais, meu Jesus, que eu pela porta da culpa vos lance fóra

de

de minha alma, que he Cidade vossa; & que meta por ella dentro o demonio vosso inimigo. Vão fóra meus peccados, vam fóra meus vicios, & torpezas, q̃ a vós sómente quero dentro da minha alma, dentro do meu coração, entranhas, & sentidos.

O alma minha, vê que cada vez, q̃ peccas, deitas a teu Deos pela porta fóra, & metes o demonio, que vem envolto em seus vicios, & teus consentimentos; & por isso serás como Cidade ingrata, assolada, & destruida com pena eterna.

Arrependete, &c.

VII. E S T A Ç A M.

Considera, que esta sétima Estação significa aquelle lugar, onde o Senhor cahio segunda vez em terra, por ir já com grande fadiga, fraqueza, notável tribulação; & angustia de o haverem arrastado por hum corda, picando-o, & ferindo-o com as pontas das alabardas, com páos agudos, & contos das lanças. E vendo que o Senhor hia totalmente desfalecendo, alugáão hum homem chamado Simão Cyrineo, para que levasse a Cruz do Senhor, nam porq̃ delle se cõpadecessẽm, se não porq̃ vivo o crucificassẽm.

Oh meu Deos, a quem eu tantas vezes renovei as chagas, multiplicando mortalmente as

minhas culpas! fazei Senhor, que nam exaspere vossa clemencia com a minha aguda malicia, nem renove mais com meus vicios vossas offensas; que agora nam passe adiante a misericordia, & caya sobre mim vossa justiça. Faizei, que, como o Cyrineo, resolvendome a deixar o mundo, & a viver como peregrino, encaminhe todos meus passos a levar a vossa Cruz para salvarme com ella; & que abraçado com a vossa Cruz na terra, faça della escada para subir ao Ceo.

O alma, que nasceste para a celeste Patria, para a Jerusalem celeste, & para lá caminhas, se no mundo vives como estrangeira, pegate ás armas da Cruz, & conquistando com ellas o eterno Reyno, alcançarás o mayor triumpho.

Arrependete, &c.

VIII. E S T A Ç A M.

Considera, que esta oytava Estação. significa o lugar onde chegando o Senhor todo banhado em sangue sem parecer de homem, angustiado, & ferido, rompeo por meyo dos Soldados hũa fanta mulher chamada Veronica, que com hum lenço, ou touca sua alimpou o rosto do bom Jesus, onde ficou hum retrato ensanguentado, debuxo de seu santissimo rosto.

O.

O' Amorosissimo Senhor, estampai em minha pobre alma vossa enfanguentada imagem; nam negueis a huma alma, inda que nam esteja pura, o que concedestes a huma toalha limpa; para que seja molde de minha vida esse retrato da vossa cara: daime hum fervoroso desejo de chegarme a vós, para que rompendo todas as difficuldades, abrace todas as virtudes.

O' alma minha, se queres estar vendo sempre a face de Deos na terra, retira os olhos do mundo: chegate a teu Deos com a oraçam, contriçaõ, & compunçaõ, para que trazendo-o sempre na tua memoria, andes em sua presença.

Arrependete, &c.

IX. EST A Ç A M.

Considera, que esta nona Estaçam significa o lugar, onde o bom Jesus já todo sem sangue, & forças cahio terceira vez em terra, até chegar a tocála com sua sancissima boca; & querendose levantar, não pode de desfalecido, porque aquelles perversos Judeos puxádohe pela corda, que levava atada á garganta, & dandolhe de empuxões, o fizeraõ ferir de novo nas muitas pedras, que havia naquelle monte.

O' meu Senhor Jesu Christo, que de afrontas, & que de penas

padecestes, & sofrestes arrastado, & maltratado daquelle Povo inimigo, cheyo de favores vossos! Ensinai-me meu Deos da minha alma, ensinai-me a levar bem os agravos de quem me quer mal: não só para que assim goze da vossa graça; mas para que assim possa darvos algũa gloria.

O' Alma, que de tres modos peccádo, por pensamentos, palavras, & obras, fizeste cahir tres vezes ao teu Deos, para que fosse semelhante o modo da misericordia ao modo com que cometeeste a offensa: erguete pela contriçaõ, pelo proposito firme de nunca mais offendelo.

Arrependete, &c.

X. EST A Ç A M.

Considera nesta decima Estaçam, que significa o lugar, onde chegado nosso amorosissimo Jesus ao monte Calvario, o despojáraõ de seus vestidos com a crueldade, & rigor, que outras vezes haviãõ feito: & tirandolhos lhe tornáraõ a renovar as chagas, por estar a carne chea de feridas, pegada a tunica, que lhe arrancáraõ com ella: & lhe deraõ vinho mirrado com fel, que o Senhor não quiz beber; sendo o seu mayor tormento ver-se despido, & nũ á face de todo o povo.

O' pacientissimo Jesus, que dõs, que pejo tericis quando vos deixá-

deixaráo em chaga viva, & vos efferecêrao bebida tão amargosa! Daime, Senhor, sofrimento quando me faltar o vestido, & necessario para o corpo: & que me lembre, q̄ nũ sobre a terra nasci, & nũ tornarei para ella: seja vossa confusão minha gloria, vossa pobreza minha riqueza, vossa afronta honra minha: & não beba eu o fel da culpa, o vinho dos deleytes, que misturados me offerece o coração; antes despido de meus ḡstos, & appetite, nam saiba mais, que fazervos a vontade.

O' alma minha, meu Deos está nũ, & só vestido de chagas, que queres para ti mais que penas? vestete dellas, & de cruces, por quem se poz por ti em huma Cruz.

Arrependete peccador, &c.

XI. E S T A Ç A M.

Considera nesta Estação o lugar em que nosso Redemptor foy estendido em hũa Cruz, nella cravado de pès, & mãos: & nam chegando os braços aos furos, que tinham feito, desencanaixárao todos seus sacrosantos ossos, em que sentio huma das mais terriveis dores, que se padecêrao no mundo; & foy tal a crueldade dos que o crucificárao, que lhe tornárao a pregar a coroa de espinhos cõ tanta força, que penetrada a

quella sagrada cabeça, chegárao os espinhos aos olhos, enchendolhe de sangue todo seu santissimo corpo. E ouvindo sua Mãy santissima os golpes do martelo, ficou como morta de dôr, traspassandolhe estas feridas a alma, quando a seu filho o corpo.

O' amorosissimo Jesus, rogos que nam estenda eu pè, nem mão para maldade alguma, antes encravado no temor do vosso juizo crucifique na arvore da penitencia meus peccados; & para memoria dessa Cruz todos os meus pensamentos; & para que sem descer já mais da Cruz da penitencia suba por ella ao Ceo a minha alma.

O' alma olha para teu Deos, verás como seu immenso amor lhe fez inclinar a cabeça para se ver prender as mãos por te não castigar, os pès para te não fugir. Deitate áquelles pès, poemte naquellas mãos, & rogalhe, que não aparte de ti seus olhos a misericordia; & pois se inclina para ti, que es a mesma culpa; inclinate para teu Deos, que he a mesma graça.

Arrependete, &c.

XII. E S T A Ç A M.

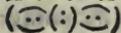
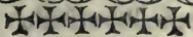
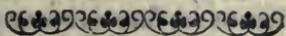
Considera, que significa esta Estação o lugar, onde levantárao em alto a nosso Senhor Jesus Christo, & o deixárao ca-

hir

hir de golpe na abertura de huma pedra, com cujo abalo tremo, & se rasgou mais todo seu santissimo corpo. Levantáraõ tambem as vozes de escarneos seus inimigos, sua santissima Mãy os olhos, & vendo-o crucificado, lhe causou esta vista hũa tal dor; que só com o mar se póde comparar. O Sol tapou os seus por não ver aquella maldade dos Judeos: as pedras quebráraõse: & tremo a terra, não podendo suportar o peso de taõ abominavel culpa.

O Redemptor de nossas almas, por mim afrontado, & morto em huma Cruz, daime Senhor vossa graça, para q̄ crucificando minhas paixoens, & sentidos, me aproveite do fructo de vossa morte: daime vosso amor, para que crucificandome por vós ao mundo, imite as creaturas do Ceo na tristeza de meus peccados: o ar, que fez tremer a terra em vossa Payxaõ sagrada, faça em mim algum abalo, com que de todo tremia de cometer hum peccado; & não me apartando com a consideração do vosso Calvario, lance mão de todas as occasioens de servirvos a vosso gosto.

Arrepentete peccador, &c.



Exercício para cada dia em verdadeiro espirito. Index muito certo das acçoens do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, que a sy se punha estas regras, que deixou escritas.

EM me erguendo do lugar em que dormi, farei que se erga a Deos a minha alma, levantándose pela oração; da cama do descuido. Feito o final da Cruz,

Será minha primeira acção dar graças a Deos por me haver dado esta hora, & dia para o louvar, & servir, negando-o a muitos outros, que o pudêrão servir melhor. Direi o Padre nosso, & Ave Maria, & o meu Cantico, & depois outra vez a Ave Maria, invocando a Mãy de Deos. Será a minha primeira, & final tençam reduzir tudo a gloria, honra, & louvor de Deos; & com este fim se purificaraõ as minhas obras. Farei acto de resignação, em q̄ me lance todo nos braços de Deos, entregandolhe corpo, & alma, para que elle, como em cousa de todo sua faça em mim sua vontade; ficando aparelhado para darlhe graças por todo o bem, ou mal que me vier. Em final disto lhe pedirei, que tudo o que em mim for applicavel, mediante a sua graça, elle o aceite.

ceite, & ostereça a leu Eterno Padre, pela alma que lhe for mais agradavel sahir da pena.

Logo direi a Confissão, & me accusarei a Deos, como se o tivera presente, de todas minhas culpas, froxidoens, & imperfeiçãoens. Rogarei depois aos meus Advogados, que intercedaõ por mim; & recolhendo os sentidos quanto puder, me ficarei em Deos, ao menos huma hora. Acabada a Oraçaõ particular, pedirei a Deos me dê graça para que não perca este dia no derramamento dos sentidos, o que ganhei, & adquiri no seu recolhimento. Todo o dia farei por me conformar em alguma cousa á vida de meu Senhor Jesu Christo: ou seja jejum, ou mansidão, ou paciência, ou mortificação ou caridade, ou o que me mover mais. Farei tambem concerto comigo de não pedir nada, de não perguntar nada, não desejar, não querer nada, ao menos de advertência; & se não for fiel a Deos: nesta pouquidade, necessario serà humilhar-me, conhecendo quanto menos o serei em cousas mayores, & que por isto o meu Senhor terá razão de me não mandar entrar no gosto da sua casa. Depois farei por me conservar na presença de Deos em todos os meus actos, & ao menos em seu louvor, & gloria, quando não seja amor.

Se estiver em presença de homens, estarei dizendo a Deos interiormente sempre: Meu Deos, se tivera tantas almas, & coraçãoens para vos amar, quãtos são os cabellos da cabeça desta, ou destas creaturas, esta fora a minha gloria. Se estiver no campo, considerarei as hervas, & direi o mesmo: se forem arvores, cuidarei nas folhas: se livros, nas letras: se aves, nas pennas: se o mar, nas areas: se em casa, os ladrilhos, ou qualquer outra cousa de grandes numeros: se á noyte olhar para os Ceos, direi o mesmo nas Estrellas; & he grande proveito isto, & assim em tudo o mais. Não olharei para o rosto de ninguem, nem fixamente já mais para qualquer das vaidades caducas, & transitorias, mas antes trarei o mais do tempo os olhos baixos, como que estivera vendo dentro de mim a meu Senhor Jesus Christo, por me não divertir o visível do mundo.

Nos actos da Communidade estarei sempre com silencio religioso, & modestia grave, memoria de Deos continua, sem olhar para ninguem, suppondo, & entendendo, que Deos me está vendo, & como espreitando dentro das suas creaturas para ver como lhe assisto.

A horas de comer guardarei perfeito silencio com gravidade, & temperança: & para não go-

star de nada cuidarei, que com o mesmo gosto, que eu como na mesa os manjares, me comerão os bichos na sepultura. Ao beber me lembrará o fel, & vinagre, ou ao menos farei porque me parece, que por algum dos buracos enfiados das chagas de meu Senhor bebo o que quer, que bebo; & com isto impossível será não achar alguma amargura no sentido, ou no animo. Se me sentir em estado, ou principio de contempção, considerando aquella variedade de sabores, que a bondade Divina derramou naquellas creaturas para meu regalo, direi fugindo delles, ou buscando por elles a Deos: Meu Deos, não tem isto mais gosto, que o que vós tendes de não dar: & ao menos quantas forem as cousas, que ouver na mesa; ou seja louça, ou vidro, ou pão, ou ferro, ou o que quer que for, considerarei, que por outros tantos criados me mandou Deos servir á mesa nestas suas creaturas. Pelo numero dellas farei por contemplar a infinidade, pelos sabores a suavidade, & assim quaesquer outros attributos de Deos, em que me esteja admirando. Comerei sempre menos do que me parecer necessário, porque a natureza he grande hypocrita, & finge muitas vezes, que he santo, o que he vicioso: havendo de peccar na gula, que

he máy da lascivia, melhor he, ou menos máo, como dizia Climaco, peccar na vanglória, de que Deos me livre de parecer abstero. E no cabo, mais pelos manjares espirituaes, em que me recrear, que pelos corporaes darei muitas graças a Deos, pedindolhe, que me dê hum estomago tão forte, & o meu appetite tão bem ordenado, que o meu comer seja fome de amarguras, o meu beber, sede de fel, & vinagre, o meu fartarme, não me fartar de angustias, nem de que seja tanta a gloria, que a Deos se dê, quanta for a que se me tire a mim; & em tudo o que nam for isto, convem entender, que não acharei a Christo, que ha de ser a minha via: pois no mais póde estar escondido o demonio das consolaçoens, como Aspido entre as flores.

Se se me representar, ou offerecer aos sentidos alguma falsa, ou culpa de meus irmãos, não as olharei como offensas de Deos, que isto move a indignação: olhalashey como fraquezas, & miserias de meus proximos, & como as minhas proprias, tendohe dó, & lastima; pois sendo certo, que andão cegos os que andão em peccados, não nos devemos indignar de que hum cego erre o caminho, antes compadecernos, & ultimamente ensinarlho, se for capaz, com mansidão, & brandura, caridade, &

amor. Nem interior, nem exteriormente murmurarei, do meu proximo: & he ponto de importancia; porque sem amor do proximo, não terei o amor de Deos.

Para a Oração, & para todos os actos da obediencia farei por ir com tão ardente desejo, & afervorado gosto, como o golofo vai para a mesa depois da fome: ou como qualquer homem muito vicioso vai para os seus vicios. E isto importa muito para a devoção; & se assim o nam fizer, ao menos reprehender-mehey, quando me lembrar, de que os perversos amem mais a sua perdiçam, & as suas torpezas; & as busquem com mayor fede, do que eu busco a salvação, & a meu Senhor Jesu Christo.

Por qualquer defeito, q̄ cometer, me darei logo castigo particular, q̄ mais não seja, q̄ não falar hũa hora, ou picarme com hũa alfinete, ou rezar alguma coufa pelas almas, quando nam possa ser o cilicio, ou disciplina. Não me desculparei inda que não tenha culpa, salvo se for escandalo publico.

Todo o meu cuidado será sempre estar de espreita aos meus pensamentos, palavras, & obras, para ver se entra nellas algũa vaidade, ira, ou imperfeição, ou qualquer outra tentação, & me haverei com todas como cinctela com o inimigo; & disto

farei muito caso, porque aproveita muito, principalmente se o fizer estando em Deos cõ movimento de amor.

Farei quanto puder por trazer despejada a memoria de imagens de creaturas, o entendimento sem discursos, & a vontade sem outro apegamento, nem inclinação, mais que o amor de Deos: os sentidos calados, a consciencia sem culpa, & ainda que assim mo pareça, nem por isso me terei por justo.

Estando deste modo farei da minha alma hum deserto, onde nam soe, nem se veja nada mais, que meu Deos, isto he, a sua noticia entre as nevoas da Fè, com o lume da Esperança, & com o fogo do Amor: só com o Senhor, & com quem somente póde encherme o coraçam, & para isto o quer vazio: fazendo muito, & pondo quasi todo o cuidado, em que nenhuma coufa creada entre na minha alma, ao menos nenhuma, que dentro na alma me faça perturbação, ou guerra: & será isto sinal de quietação, & tranquillidade, que he estado perfectissimo.

Nam farei a vontade a nenhum de meus sentidos, & menos á minha vontade, & das outras potencias, excepto o conservalas em negaçam de sy proprias, & de tudo o mais, que nam for Deos; pois Henrique Sufo depois de dar a entender, que

que vio a essencia Divina , poz a sua perfeição na negação deste mesmo gosto, de que se julgava indigno com profunda humildade, & só de padecer se não podia faltar. E S. Paulo depois de ver a essencia Divina, tambem nam diz, que nisto se gloriava, mas que só se gloriava de padecer. E Santo Efrem depois de chegar a estado de altissima paz pedio a Deos, que o tirasse della, & o tornasse ás tentações, & tribulaçoens, por não perder as coroas na falta dos confictos.

Não ama mais a Deos, quem tem consolaçoens, & doçuras espirituaes: não lhe quer mais quem tem dom de lagrimas, visões, & sentimentos de Deos; só ama a Deos, quem ama a sua verdade, & se conforma com ella nas cruces, que lhe poem. Só ama a Deos, quem não tem outro gosto mais que fazerse na sua alma, o que he gosto de Deos, dandolhe graças perpetuas nas tribulaçoens do corpo, & espirito, alegrandose, & gloriandose logo, que vé cahir sobre seus hombros a cruz, que Deos he servido, & abraçando-a forte, & suavemente todo o tempo, que lhe dura, sem querer, nem pedir a Deos, que lha tire, mas sofrendo-a em quanto o Senhor a dá, com sinaes de amor, & agradecimento por tamanho beneficio.

Alegrãose, & gloriaõse as al-

mas puras neste estado penclissimo, quando mais crucificadas, & atormentadas, porq̃ assim como florecerem, & rebentarem as arvores, he final de q̃ a Primavera está perto: assim andar alegremente arrebetando hũa alma com a sua cruz, & parecerem nella flores, o q̃ he arrebetar, grande final he de que já vai passando o Inverno do amor de Deos, isto são, as friezas, & que já nam está longe o Verão do espirito, em que apparecem fermosas, & cheirosas as flores das virtudes, para que cedo dem frutos de obras heroicas, pois caminhão para o Estio daquelle amor de Deos abrazado, & ardentissimo, em que todos nos derretemos, & transformamos em Deos. He final tambem da união de Deos, & de grande perfeição esta alegria na cruz; porque assim como he final de vida mundana gostar dos deleytes, & gostos vãos do mundo: assim he final da vida do espirito gostar das tribulaçoens, & affiçoens: onde mostra a alma, q̃ está tão outra, & tão inimiga da carne, do mundo, & do demonio, que assim como he todo o seu tormento o que he mayor deleyte dos que estão em peccado, assim o seu mayor deleyte he o que fora mayor tormento dos que vivem em culpa.

Por isto se gloriaõ, porque vão dando na verdade do que lhes

importa: vão conhecendo o gozo, que Deos tem de crucificar a seus filhos, & a gloria que tem de não perdoar nesta vida, a quem ha de dar a eterna. Por esta mesma razão em vindo a dor, & tribulação, recebem-na com festa, & agasalhão-na, dando graças a Deos, tendo-a por pagem seu, que lhe vem dizer, que alli está Deos, & assim he a sua vontade. Na sede que lhe faz o Espirito Santo de agradar a Deos, parece que não podem fartarse de cruces, & mais cruces, considerando, que vão figuramete pelo caminho da cruz, & se podem deitar nella para descansar: o que se não póde fazer nas consolaçoens, que não he via segura, antes chea de ladroes & de inimigos dalma: pois em hũas póde estar o demonio, & em outras o espirito da carne, & noutras o do mundo. E esta suspeita, & desconfiança he de muita desconsoação às almas, que parece se affligem de que Deos de alguma maneira as possa desprezar da cruz, antes de irem para a sepultura: receando em qualquer contentamento, q̄ não querem nesta vida, perderem o parecer, & a conformidade, que tem com a vida de Christo, cujas pegadas seguem: tudo o mais he engano, & ao menos perigo, porque nos contentamentos da alma, que se entrega às suavidades, mostra a alma, q̄

se ama a sy, & não a Deos; & fóira bem encaminhada, quando dandolhe Deos estes contentamentos, ella os receba em resignação pura: isto he, não porque o quer, & deseja, senão porque tem gosto de tudo, o que Deos quer, & Deos tem gosto de fazerlhe estes favores.

Quem se resolve pois a entrar no caminho da verdade, & na vida do espirito, ha de tomar hũa tamanha resolução de chegar ao cabo, que determinandose por hũa vez a vencer tudo, & a não deixar nada por fazer, não ha de descansar até não dar no alvo a que tira, tocando os ultimos extremos da perfeição. Para isto com mais sede, que o Cervo á fonte, que a fonte ao rio, que o rio ao mar, ha de acometer esta empreza com tanta fortaleza, que entenda, que não correm a seus vicios tão ardentemente os mais viciosos homens, como elle corre ás virtudes na imitação de Christo. Fudandose pois em verdadeira humildade, isto he, desconfiando totalmente de sy, & fiandose todo em Deos, entrará no mar das amarguras da penitencia, & se exporá, como firme rocha, aos ventos, ondas de toda a mortificação; donde abraçando com animo resolutos os mais asperos riscos, por estes ha de mandar á alma, que suba à sua cruz, onde achará a Christo: sendo toda sua perten-

perfeição, & ambição huma ardente sede de não fartarse de cruces, perseguições, & angustias: desejando sempre por puro amor de Deos, ser aborrecido do mundo, escarnecido da carne, açoutado do demonio, desemparedado de todos, odioso, & grave a sy mesmo, & só amavel a Deos: para quem só queira, deseje ardentemente, & procure toda a gloria, toda a honra, & todo o louvor, que lhe seja dado de todas as suas creaturas pelos seculos dos seculos.

Oração que fazia o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas todos os dias pela manhã ao levantar da cama.

DEos meu, & Creador meu, a quem a minha alma com todo o coração, & affecto adora, & venera: eu vossa creatura, & vosso escravo no principio deste dia, que recebo de vossa misericordia, vos offereço minha alma, minhas potencias, & entrego meus sentidos: sacrificando meus pensamentos ao Pay, minhas palavras ao Filho, minhas obras ao Espirito Santo: quanto fizer, Senhor, & Deos meu, uno, & trino, consolação, & amparo de quanto tendes creado, seja em vosso serviço, & desde agora o applico em vosso

infinito amor, & santissima vontade. Se por vossa misericordia obrar alguma cousa boa neste dia, a vós a offereço com muito gosto. Se fizer alguma por minha fraqueza, eu a aborreço com todo o affecto: & vos peço della perdão com grande arrependimento. Se obrar alguma indifferente por meu descuido, ou inadvertencia, encomendo-a á vossa eterna sabedoria, para que apartando-a, a ponha Senhor em o numero do bom, & agradavel a vossos divinos olhos. O grande Deos, & Senhor da minha alma, debaixo do amparo da Rainha vossa Mãe, minha Senhora Maria Santissima, me entrego, & exponho ao perigo das creaturas, & occupaçoens, & negocios temporaes, que são forçofos: ensinai-me, Senhor, a fazer em tudo vossa santa vontade: daime luz para acertar em tudo o que fizer: esforço, & animo para pôr fim no que emprender de vosso serviço; & finalmente paciencia para suportar, & soffrer os trabalhos, & misérias desta vida; de tal sorte, que nella vos agrade, & sirva, & na eterna vos goze, & louve com todos os Espiritos bemaventurados. Amen.

(:)(:)(:)(:)(:)(:)(:)

✠(✠)✠

(:)(:)

*Oração do mesmo Veneravel
Padre ao deitar á noyte.*

DEos & Senhor meu, tal sou como haveis visto neste dia: tal he a minha maldade, que me não deixa servirvos: tal minha ignorancia, que não sabe agradarvos: tal minha cegueira, que não acerta a amarvos: tal minha fraqueza, que não sabe imitarvos. Quem, oh Senhor meu, chorara com justa dôr os peccados, & delictos deste dia! quem correspondera á tantas offensas com devido sentimento, & pena! quem igualara o meu pranto com a minha ingratição: a minha contrição com as minhas culpas! O' pay misericordioso, já que por minha fraqueza não posso tanto, inda assim de todo o coração vos peço perdão dos peccados, que contra vós tenho feito. Riscaí, Senhor, do livro rigoroso da conta os pensamentos, obras, & palavras com que neste dia me aparteí de vossa santa Ley, & da recta razão. Que perde mais q' eu em havervos offendido? Tal deve ser a dôr como a perda, a contrição como a culpa, & o remedio como o dano. Vosso sangue interceda, Senhor, por meus peccados: vossa luz allumie minha cegueira: vossas dores farem minhas feridas: vossas penas apaguem minhas culpas: vossa misericordia remede minha

miseria. Senhor, pedindovos perdão proponho a emenda, & com ella hum ardentissimo desejo de padecer. Para a satisfação effereço, Senhor, toda a minha vida, que me derdes: toda dispenderei a vosso gosto, & santissima vontade. O' grande Deos, & Senhor da minha alma, vosso sou, & para vós nasci: a vós offereço os trabalhos do dia: a vós me entrego em o descanso, & trevas da noyte, rogandovos amanhã de verdade o servirvos, & adoravros, & viver, & morrer em vossa graça, para ir gozarvos em vossa eterna gloria. Amen.

SOLILOQUIO

Que o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas desejava ter com Deos, para se afevorar em o servir.

Quem me dará, meu Deos, a mim, que no deserto da minha alma com vosco só me veja huma hora? Quem me dará, que possa hum dia descobrirvos meu coração, mostrarvos as minhas entranhas, dizervos todos meus segredos, & fallarvos á minha vontade? & pondo tudo aos vossos pés, depois de os lavar com mil lagrimas, & de pedirvos mil perdoens; pedirvos por final de amor, os vossos braços, meu Jesu? Quem, Ancia doce

doce da minha alma, ha de acender, & dar calor a hum coração arrefecido, & a hum caramelo regelado, senão vós, que me dêstes vida com o alento de vossa boca; se não vós, que emfim me criastes aos peitos da vossa piedade, & ao bafo de vossos favores? Tal he o frio, meu Senhor, desta vontade escrupulosa, que me não deixa andar direito no caminho da salvação, & vereda do vosso serviço, em que vos busco, pois tudo faz com rosto torcido, quasi sempre com pé esquerdo, & sempre com tremor do corpo: se os espaços da imaginação são eras da eternidade, porque quereis que estes espaços, que imagino nos meus delvios, sejam eternas afflicções de quem não he quem dantes era, vagaroso sempre da pena, detido nunca da esperança? He, meu Senhor, & meu B. m todo, huma esperança, que recea, & huma penna, que nunca voa. Quem pois, meu Deos, me ha de dar azas para me chegar para vós, se me vejo feito de rémoras para me desterrar de mim? Vós sim, meu Deos, & meu Senhor, que tendes a vosso mandado, não só o imperio das creaturas, nam só a esfera do possível, mas a izença do mesmo nada. Prendaõvos pois estas correntes, com que se soltão minhas lagrimas, desangrandose pelos olhos esta febre do cora-

ção: folegos sam do coração, que me saem já pelos olhos, & apertandoseme dentro na alma, para vós parece que rebentam: cinzas sam em que se tornaram todos os incendios do peito, porque nellas se me tornassẽ todos os alentos da vida. Mas que fará, Senhor, huma alma, que fechandose aos pezares de quanto vos tem offendido, se abre sómente aos suspiros, com que vos bulca a toda a hora? Até, meu Deos, os meus delictos me castigão imaginados: menos penoso fora o inferno, se esquecendo-me de minha culpa, só do tormento me lembrára. Este he aquelle verdugo, que me corta hoje as entranhas, sendo as nodas mais crueis, que me deixa no coração, as faltas que me poem no rosto. Desejo, meu Deos, dar mil passos pelos caminhos do meu pezado desejo: desfazerme em voos pela esfera do vosso amor; mas como não mudou de cunhos a moeda da minha emenda, bem que mudasse de cruces o defengano, não corre, porque a julgo falsa, nem val nada, se vos não pagais della.



Humilhase o Veneravel Padre diante de Deos, pondo tambem diante de seus olhos suas antigas maldades, para mostrar, que he o Senhor justo em lhe não dar na Oração doçuras, & suavidades.

E Quem sou eu peccador vil, para querer consolaçoens? Eu, cuja vida, & cujos annos mais he, que numero de instantes; immenso computo de offensas! Eu, q̄ na face da terra, diante dos olhos do Ceo, no rolto dos Anjos, & Santos, á vista da Virgem purissima, & na presença do mesmo Deos, cometi culpas tam enormes, delictos taõ abominaveis, maldades tam aborreciveis, cuidarei que me são devidas as doçuras, & suavidades, que os mayores Santos da Igreja não ousavão nunca esperar, nem se atreviam a quèrer? Por ventura esta breve hora, q̄ venho dar ao meu Senhor, venho só a fazerlhe usura, ou a fazerlhe a vontade? Se pois he vòtade de Deos, que as nuvens todas vertão rayos, que os Ceos se me ponhão de Cometas, que o ar se vista de tormentas, que as hervas se me fação viboras, que se levantem contra mim as ondas, & me dem nos olhos as areas, que o Sol se me eclipse, &

se torne o dia em escura noyte, porque sentirei eu mal de Deos, & reprehenderei seus Décretos, não approvando o que elle faz, nem gostando do que elle quer? Oh homem misero, foste no mudo em teus peccados, de Deos hum publico inimigo, & queres que Deos, & as suas creaturas te sirvaõ ao teu gosto, & ainda para a sua offensa? De tamanhas sensualidades se veste ainda o teu espirito, que em não achando nos sentidos o deleyte, que ainda lhe buscas, foges assim do teu Senhor, que nessa prova te examina; & como perverso te nam corres, como peccador te não pejas de andar mentindo a cada passo do que prometes ao teu Deos? Sofreote Deos toda a tua vida, & consentiote em sua offensa, sendo hum Deos de immenso poder, & de infinita Magestade, & tu hum dia, huma só hora, não pòdes sofrer por seu amor huma breve mortificaçaõ, sendo hum bichinho vil da terra? só pelo jornal queres servilo? só pelo soldo, & não pelo Rey? só por ti, & nam pela Patria? se pelepas contra o demonio, não queiras outro premio. Como flor debil te desmayas a hũ breve ar, que te desfolha, devendo de estar como tronco, a quem o vento não derruba. Por ventura mereces tu, que teu Senhor te faça mimos, se a esses mimos, que te faz, estimas mais que a teu Senhor?

Oh

Oh meu Creador, & meu Senhor, que sendo vós filho de Deos vivestes em perpetua cruz, & nem por isso vos queixastes: que fualtes rios de sangue, & nam fugistes da Oraçãõ: que açoutado, & crucificado, afrontado, & escarnecido, não apartastes nunca os olhos de vosso, & meu Eterno Pay: se nesta hora, que vos dou, se na secura em que morro, se na aspereza em que me vejo, se na ancia, & tedio em que agonizo, todo esse Ceo me perseguira, todo o mundo se conjurára, & todo o inferno me tentára, antes quizera mil infernos, que calir no menor peccado: pelas chamas do mesmo inferno briosamente me arrojára, antes que consentir hũa minima offensa vossa: pelas espadas, pelos martyrios, pelas mortes, pelas afrontas, pelos mayores males de todo o mundo me metêra, antes que calir em huma culpa: engeitára esse mesmo Ceo com huma eternidade de gostos, se em vosso odio os possuira; & abraçára esse mesmo inferno por mil eternas duraçoens, se cõ isso vos contentára. Este, meu Deos, he o meu fim, este he somente o meu desejo; nam me tireis vós este amor, & tiraime embora mil vidas: não perca eu esta vontade, & percaõse embora mil almas; que nada disto me doera, nada demais me ator-

mentára, & tudo me affligiria, se eu vira, tendovos amor, que tinheis gloria disto tudo. Provem-me pois, meu Deos, as chamas: firam-me de novo as espinhas: chovão rayos, meu Creador, & abracem-me: resolvasse o mar, & sepulte-me: turbese o Ceo, & ameaceme: fundase o mundo, & castigueme: abraze o inferno, & sovertame, que se vos acho no meu coraçãõ, que temerei verme no coraçãõ da terra, se vos tenho no meu amor? que importa verme no ventre do mar, se vos levo dentro da minha alma? que se me dará, que o inferno abra a boca, se vos tenho nos meus olhos? que medo posso ter ás carancas do Ceo? para essas chamas ferci Garça, para essas ondas rocha viva, para essa terra coufa morta. Viva fé tenho, meu Deos, que estais aqui dentro de mim, ao redor de mim, & por toda a parte de mim, metido nas minhas entranhas, olhando agora como aceito este rrato, que vós me dais; & observando como me hey neste favor, que me fazeis. Vede pois Senhor, & Deos meu, em mim nestas afflicçoens huma humilde resignação com que abraço a vossa vontade, huma paciencia muito muda com que obedeço ás vossas ordens, huma constancia muito robusta com que deffendo a vossa Ley: sede pois

vós minha constancia, pois fostes sempre o meu auxilio: sede tambem minha paciência, pois fostes sempre o meu exemplo: sede emfim minha resignaçam, pois sois hoje a minha vontade.

Mostra o Veneravel Padre, quanto se conformava cõ a vontade divina nas sequidoens, que lhe dava na Oração; & se anima a cõtinnuala sem ajuda de custo de consolação.

NEste profundo mar de angustias, neste escuro pégo de sombras, com que luta se não se afoga o meu espirito affligido: neste deserto de asprezas, neste ermo de sequidoes, & nesta solidão de penas, donde os olhos á vista da alma estendidos, não achão mais que eternas ancias, sem ver Ceo, que me seja alegre, porto, que me seja seguro, terra, que me não pareça deserto, bem vejo, meu Deos, & Senhor meu, quam pouco he o amor, que vos tenho: porque se eu vos tivera amor, vendo que era vontade vossa, que padecesse este tormento: vendo que em cousa tão ruim podicis ter alguma gloria, nam só devia, meu Senhor, por darvos gosto, & resignarme, ser-me a sequidão aprazivel, & suaves as tribulaçoens, mas a mes-

ma morte gostosa, & o mesmo inferno Paraiso: oh como, Deos meu, vou vendo dentro da minha alma, quam esteril planta sou vossa, quam inutil servo sou sempre, quam máo, & ruim escravo, pois desgostandome a Oraçam, fugindo da fonte donde bebo, da origem de todo meu bem, do centro do meu amor, não posso mostrar huma hora, que me encobris a vossa luz, que me tocais com vossa mão, que me deixais sem a vossa vista, que vos sirvo sem interesse, que vos amo mais que pelo premio, que vos busco mais que pelo gosto! Por ventura cuidarei eu, que vos fostes para muito longe; ou que de mim apartado vos desterrastes para sempre, se tudo o q vivo me mostra, que na minha alma vos escondistes para estar mais dentro de mim? se tudo o que sou me assegura, q por essencia, & por presença dentro de mim me estais olhando, por observar como vos trato neste retiro, em que vos pondeis, & nas distancias, que finge; quem duvida, que meus peccados sam as neves, & caramelos, em que se prende o meu espirito para que eu não corra apos de vós? Quem ignora, que estas angustias são faltas de resignação com que eu devia conformarme em tudo o que he vontade vossa? Quem se persuade, que o ser froxo não he falta de fortaleza, operaçam, & per-

perseverança, com q̄ nas guer-
ras, & batalhas, que tem a car-
ne contra o espirito, não átu-
ro de pusilanime, como Soldado
sem valor? Quem nam dirá,
que pouco faço por imitar a vos-
sa Cruz, se hum instante, que
me pezou, huma hora que me
doeo, vos nam segui como dis-
cipulo, & me não neguei como
amigo: Eu sou aquelle, que pro-
poz de vos seguir mais, que até
a morte? Adonde está aquella
Fè, esperança, longanimidade,
amor, firmeza, & união, com
que abraço os vossos tormentos,
com que vos sigo, meu Deos, os
passos, & com que vou por vossos
caminhos, se já me afflige a vos-
sa Cruz, em que só devo glo-
rriarme: se tanto antes de chegar
ao alto monte de Siam, esmo-
reço: se antes de ver, que as
tempestades me fofsobraõ, per-
co o animo, antes de provar,
quaes saõ as forças do inimigo,
já me rendo? Oh homem vil, ó
baixo homem, perverso, indig-
no, & sempre ingrato, que pri-
meiro perdes o animo, que per-
cas o teu mesmo alento! Para
que te ha mister o teu Deos, que
necessidade tem de ti, ou de
que lhe podes servir, se para ti
proprio nam serves, quando de
ti faz mayor caso em fiar de ti
mais hum pouco? Poste no mún-
do para amalo, & tu só tratas de
offendelo? Deute armas contra
o demonio, & tu te armaste cõ-

tra ti, pois desmayas sem con-
tender? Torna em ti homem
descuidado, alentate servo sem
fruto, que tens hum Deos, que
te dá azas, quando te crece mais
as penas: que te acrescenta mais
as forças, quãdo na terra te der-
ruba: que te mete tanto por dê-
tro, porque não sayas fóra de ti,
& te leve o ar da vaidade. Bem
he que dessas froxidoens tomes
hoje por penitência padecer mais
tribulaçoens, desejar novás af-
perezas, & fazer mais guerra
aos sentidos: sintão elles todos
cuidarem, que delles te pôde
nascer o com que com Deos has
de medrar. Chegate pois para o
teu Deos, suspira-o, chama-o,
& não o largues, que em todo o
mundo, & creaturas te ouve
bem, posto que te não respon-
da: que em todo tu, & toda a
alma te olha, ainda que o não
veja. Veja, que o amas, & sus-
piras quando menos se te desco-
bre; & veja nisto a tua fé, ou-
çã que aguardas seu favor, seus
auxilios, & beneficios, & mo-
stralhe a tua esperança: saiba
que o buscas quando penas, que
estimas por elle os tormentos,
que te agradaõ porque elle os
quer, & que os delectas porque
tos dá, & verá nisto o teu amor.
Oh meu Deos, & amor da minha
alma! chováõ tormentos, cho-
vãõ penas, creçaõ as mortes, &
os infernos, mas nam me falte
o vosso amor; porque se elle me
faz

faz ver que he gosto vosso, que eu os sinto, ameivos eu mas que padeça, sirvavos eu mas que me afflija, louvevos eu mas que me acabem, me consumão, & me atormentem desemparos de que eu sou digno; tribulaçoens, que eu vos mereço, & tudo o mais, que for vosso gosto: porque vai muito, meu Senhor, se me mandades para o inferno, de eu penar nelle por minha culpa, ou recebelo em vossa graça: de o padecer por minha pena, ou de o sentir por vossa gloria. Se eu pudera vestir de mundos cada areafinha do mar, se pudera encher de mares cada argueirofinho da terra, se pudera coalhar de Ceos

cada atomo desse ar, se pudera cubrir de Hierarquias cada Estrellafinha do Ceo, se pudera povoar de almas cada chamafinha do fogo, se pudera fazer espiritos mais que as hervas, que tem o campo, se produzira coraçõens mais do que ha folhas nas arvores, & se pudera erguer vos templos mais do que são as creaturas, todas, meu Deos, vos offerecera, vos prostrara, vos entregara, sem reservar para outra cousa a mais pequena creatura: desejava em cada huma offerercervos hum mundo de corações, hum mar de almas, hum Ceo de espiritos.



LUZES ESPIRITVAES

Para guiar Almas no caminho da perfeiçãõ,

Escritas pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.

L U Z I.

Que cousa seja Oraçam em commum.

A Oraçam he elevaçãõ da mente em Deos, hum abraço da alma com Deos, hum incendio do coraçãõ, hum roubo

doce dos sentidos, & hum sono da alma suavissimo: ninguem a defeja sem auxilio, ninguem a começa sem especial favor, nem a continúa sem graça de Deos muy particular. Por tres caminhos se anda nesta via do amor divino; no primeiro se exercita a penitencia, & a negaçãõ de

nós

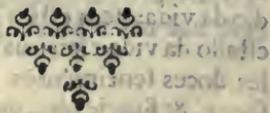
nós mesmos, & se diz Via Pur-
gativa; no segundo crece o nos-
so amor com os benefícios de
Deos, & se diz Via Illuminati-
va; no terceiro se une o nosso
amor com a vontade de Deos, &
se diz Via Unitiva: esta he fim,
aquella meyo, effoutra princi-
pio do caminho da perfeição.
Na primeira se exercita a cari-
dade; na segunda se acende; na
terceira se inflama: começa faís-
ca, prosegue chama, continua
lavareda. Nos principios a ma-
deira verde faz fumo, q̃ nos exci-
ta a lagrimas; depois já secca faz
fogo com qualquer sopro, que
fomenta; & ultimamente seiva
em braza, arde inda que a não
affloprem.

L U Z II.

*Que cousa he Oraçã em
particular.*

TOja a Oraçã, ou he vocal
ou mental. A vocal se diz,
ou faz com a boca com móvi-
mento exterior, ordenado, &
dirigido a Deos, & ás vezes sem
união da mente. A mental de
que aqui tratamos, se faz den-
tro no coraçã com o entendi-
mento prostrado, ou elevado a
Deos sem movimento exterior:
ás vezes se ajuda huma á outra
com grandes grãos de perfeição,
mas não a que he pura mental.

A Oraçã mental se divide em
duas, convem a saber, contem-
plação, & meditação. A con-
templação he dom de Deos,
que elle só concede a quem quer,
porque não bastão para a ter as
artes, ou forças humanas, ainda
que he meyo efficacissimo todo
o exercicio de virtudes. A me-
ditação he hum intrinseco cui-
dado em Deos, hum trazer em
Deos o sentido em hum desejo
fervoroso de fazer a sua vanta-
de, de o trazer em nossa pre-
sença, & de imitar o seu exem-
plo; esta ainda he de dous mo-
dos; conforme a doutrina dos
Santos: ou meditar em Deos;
quanto á Divindade, sem re-
presentação, ou figura; ou qua-
nto á humanidade com figura, &
representação: meditar quanto
á Divindade, he caminho mui-
to subido, mas por isso mais
perigoso; assim o diz Santa The-
resa, que o tem por de pouca
humildade: meditar quanto á
humanidade foy sempre a via
mais segura; assim no lo affirma
São Paulo; que na humanidade
de Christo tambem amava a
Divindade, & só por meyo do
Senhor diz, que façamos quan-
to obruamos.



L. U. Z. III.

O que se ha de escolher para materia da Oraçãõ.

A Memoria da Payxão de Christo, he a via mais proveitosa do caminho espirital, assim porque estas ultimas acçoens foraõ as com que elle corrou o fim de nossa Redempçãõ, como porque sam as melhores com que nos persuadio, & ensinou á imitaçãõ do seu exemplo: não só foraõ thesouro para nos enriquecer, mas norte para nos guiar: não só foraõ extremos para nos obrigar, mas excessos para nos mover; esta escolhem os escolhidos, que querem acompanhar o Senhor mais no Calvario, que no Tabor: mais na Cruz, que nas suavidades; donde elle chamou nescio a S. Pedro, por não querer mais que gozar; & emfim mais na solidão, & affliçoens do Horto, que na companhia, & regalos da cea. Esta via da Cruz foy mostrada por Deos a meu Padre S. Francisco, que lhe era a mais agradavel, & aos mais dos Santos, que por ella corrêraõ o estado da vida; nem está a alteza do estado da vida espirital naquelles doces sentimẽtos, nas visçoens, & suavidades, que saõ beneficios de Deos, & não mereci-

mentos nossos; está na resignaçã, & negaçã, na conitancia, tençãõ, & fim com que nos pomos nas suas mãos indifferentes para tudo, & donde não possa apartarnos de fazer a sua vontade, nem o mundo, nem as creaturas, nem a morte, ou vida, bem, ou mal, &c. como S. Paulo dizia: guiados pois desta verdade, deste exemplo, & deste premio, que temos no mesmo Senhor, não temamos entrar nas ondas do mar Vermelho de seu sangue, pois nam só por este caminho passaremos do mundo ao deserto, & por elle á terra de Promissaõ, mas veremos com gloria de Deos, afogar-se nas mesmas ondas o exerciço de Faraõ, isto sam, nossos inimigos, o mundo; a carne, & o demõnio: a nossa culpa; & amor proprio, que he quem nos faz a mayor guerra; nem nos assombrem os trabalhos, que nas peregrinaçoens deste ermo ha de sentir a humana vida, porque não sam dignas todas as fadigas do mundo do premio q̄ lhes promete, nem sem ellas pôde mostrar-se, que fazemos alguma cousa, porque a palma com o pezo se eigue, & a cana vãa hum ar a move: quem no amor de Deos tem raizes, quem persevera em seu amor, he como tronco, a quem não movem os temporaes, & as tempestades; quem as não tem, he como flor, que o vento

a leva,

a léva, hum ar a seca, hum Sol
a murcha.

*O que se ha de escolher para
a forma da Oração.*

SAõ Paulo aos que ensina a
Sorar, diz que tragaõ a Deos
dentro em sy; & elle mesmo de
sy confessa, que para fazerse
outro homem, já Paulo nam
vivia em sy, porque Christo vi-
via em Paulo; ou subia ao ter-
ceiro Ceo, ou como Ceo vivia,
pois morava nelle o Senhor, que
isto he pela Oração, quem do
Senhor se faz morada, & do
mesmo Deos se faz Ceo. David
nos diz como isto se faz trazen-
dose a sy por exemplo, nam só
huma, mas muitas vezes, di-
zendo, que buscava a Deos em
todo o seu coração: por isso o
achava David, q̄ tambem cahio,
& peccou, depois que soube amar
a Deos; & não o achava a Esposa
Santa, a quem Christo seu Espo-
so gabava de ser toda pura; &
assim não he necessario que bus-
quemos ao Senhor nos Ceos, ou
já sobre os tronos das nuvens, ou
nas ruas de Jerusalem, dentro de
nós ha de estar tudo, a terra, o
mar, o Ceo, & o mundo, sobre
tudo o mesmo Deos, que em nós
está se bem o amamos, & nós
em elle se o queremos; só po-
rêm havemos mister pôr o nosso
sentido em Deos, que dentro de

nós nos assiste, & mettello no
coração: recolherseão os senti-
dos ao interior do nosso peito, &
supondo que o coração he do Se-
nhor Ceo, ou Palacio, casa;
jardim, leyto, ou cubiculo, fa-
rá muito a nossa vontade por to-
mallo nos braços da alma, & di-
zerlhe posto a seus pès, ou me-
tido nas suas chagas, não só o
que lhe adverte a lição, mas o
que lhe ensina o amor, crescendo
sempre na humildade, na admi-
ração, & nos incendios, que
fomenta o Espirito Santo, a
quem nos affectos não pára, &
com os favores se humilha. Isto
será principalmente nas horas
que se destinaré á Oração par-
ticular, no recolhimento inte-
rior; & quando Deos seja ser-
vido, que o coração faya de sy,
o busque nos Ceos, ou na terra,
não resista a seus impulsos, fu-
gindo com todo o amor de que
seja vagueçam. Fóra deste re-
colhimento, se andar derrama-
do o sentido, faça muito por ver
ao Senhor em toda a parte dos
Ceos, por encontralo na terra,
por seguilo nas pennas dos ven-
tos, & por ver no mar seus ve-
stigios; & sobre tudo o que elle
der, he quem melhor ha de en-
finar, sendo porém o nosso estu-
do, andar sempre em sua pre-
sença.

L U Z V.

Avisos para o tempo da Oração.

EM toda a Oração particular começará a memoria em figura, o entendimento em apprehensão, & a vontade em suspiro; isto he, que o represente a memoria na figura mais agradavel; que contemple o entendimento, isto que lhe mostra a memoria; & que a vontade namorada do que lhe diz o entendimento, corra a adorar o que lhe diz, & suspire pelo que adora; mas em se inflamando o espirito, suspenderseha a memoria, pasmarseha o entendimento, & só se moverá a vontade. Se a alma se vir entre flores, dilate se não só entre os lirios, mas entre os cravos, & entre as rosas: se o coração pizar abrolhos, não se desmaye entre as espinhas; que na terra esteril, & seca, na que se tem por mais inutil, se achaõ as minas, & os thesouros; passará o tempo do Inverno, & seguirseha a Primavera, donde o espirito mais triste se vestirá de amenidades; passaráõ as trevas da noyte, & amanhecerá o Sol fazendo mais fermoso o dia; defatarsehão os caramelos, correrãõ as fontes, & os rios, rirtehaõ os prados, & os valles, & emfim tudo o que

não puder ser fogo, seja pelo menos fumo; tudo o que não puder ser amor, seja pelo menos affecto; quando não chegar a ser lagrima, faça ao menos por ser gemido; & se emfim tudo for silencio, faça por ser admiração; & sobre tudo se resolva a ser sempre conformidade, tendonos por servos inuteis, no mayor mal, no mayor bem, conhecendo o que sem Deos somos, & até o q̄ somos com elle.

L U Z VI.

Exemplos, & frutos de andar sempre em Oração.

BEmaventurados chama David, não aos que estão nos grandes tronos, ou nas felicidades do seculo, mas aos que amão a Ley de Deos, & a consideraõ noyte, & dia; com este amor, & esta lembrança, deixando o descanso do leyto, buscãdo em Deos o seu socço, meditava em Deos a matinas. Inda a noyte não se enfeitava com os alvares do crepusculo, quando já com os olhos da alma buscava as luzes do seu Sol. Apenas rasgavão as luzes o escuro manto das trevas, quando tornava a vigiar, para ver a luz dos seus olhos. Chegava o dia, & sete vezes gastava cõ Deos o seu dia: tornava a noyte, & não dormia sem se lembrar de Deos á noyte; a noyte

e toda, & todo o dia, chamava emfim pelo seu Deos, & se punha em sua presença, & se algum tempo socegava, tornava a erguerse á méya noyte para começar bem o dia. Isto fazia aquelle Rey, não só na solidão dos montes, (donde viveo Pastor hum tempo) mas no Palacio, & na campanha, nas delicias, & na aspereza, com q̄ hora o Centro, & hora a espada, hum tempo as armas, & outro os gostos, lhe pudéraõ levar o tempo, que a Deos dava continuamente. Nos deleytes, & nas fadigas, nas batalhas, & nos triunfos, por isso seguiu o Reyno, não só da temporal fortuna, mas da eterna felicidade; & por isso disse o Senhor, que era homem do seu coração, porq̄ o trazia sempre em Deos. Oh se os que estamos cá no seculo, deramos a Deos todo o dia, toda a noyte, & todo o tempo! se ao menos deramos a Deos algum espaço deste tempo, alguns instantes da noyte, & algúa hora do dia, que facilmente conhecêramos, que Deos nos dava o Reyno eterno, & tambem nos tinha por amigos muito do seu coração! Quem pois quizer ter oração, convem que faça a todo o tempo por trazer a Deos dentro na alma, & ao menos duas vezes no dia, ou pela manhã, ou á noyte, occupar nelle o seu sentido, & se quer, tello na me-

moria, crescerá como aquellas arvores que estão postas junto das aguas, que quando he tempo dão seu fruto; não será como aquellas plantas, que por inuteis, & infrutiferas servem sómente para o fogo, & se cortão a todo o tempo.

L U Z VII.

De dous concertos que se devem fazer para ter Oração.

Quem começa a Oração, além da mudança da vida, & emenda de todos os vicios, fará huma confissão geral, donde despindo ultimamete todas as vontades do mundo, & arrancando muy de raiz todas as payxoens do amor proprio, entrará a fazer, consigo dous concertos, de que depende toda a negação de sy mesmo, & toda a resignação com Deos, sobre cujos fundamentos está a mayor perfeição do edificio espiritual.

L U Z VIII.

Do concerto que avemos de fazer conosco.

O Primeiro concerto he conosco, fazendo hũ firmissimo proposito de antes querer a mesma morte, & todos os males do mundo,

mundo, que cahir de advertencia em huma offensa de Deos, desejando mais estar no inferno com seu amor, se he gloria sua, que sem elle no mesmo Ceo, encontrando a sua vontade; se depois disto se cahir (que emfim a vida he tentação, & batalha, donde inda os Justos, senam mortos, sahem feridos) né por isso nos desesperemos, & deixemos a Oração, antes saibamos humilharnos, & conhecer o que somos, porque he soberba do peccador fiar de sy o não cahir, quando só isto tem de seu; o que convem he conhecer, que em quanto caminha a nossa vida, a cada passo se tropeça, & não faz pouco, senão cahe; & em quanto surca o mar do seculo, não póde terse por segura, porq̃ ha mil baixos, que se ignoraõ, muitos descuidos, que nos perdem, & muitos ventos, que nos contrastam: no meyo dia muitas vezes vemos que se eclipsa o Sol; com hum arsinho muito leve vemos que se perturba o mar, o dia claro morre em sombras, & o mesmo Ceo se mancha em nuvens: se pois o Sol tem seus defeitos, se o mar suas perturbações, se contrarios a luz do dia, & se manchas o mesmo Ceo; que estranha em sy hum peccador, cuja pureza não he Sol, cuja vida foy mar de vicios, cuja alma foy fea como a noyte, cujo coração não he Ceo? Ca-

hio em culpa hum David, & em conhecendo sua culpa acodio á misericordia: negou a seu Mestre hum S. Pedro, & sahindo do lugar da culpa pedio socorro a suas lagrimas; & succedendo isto aos Santos, & escolhidos de Deos, jertnos hemos nós por melhores sem lhe igualarmos a penitencia, porque os excedemos na culpa; & sem lhe imitar o exemplo, pois o seguimos no delito? se pudermos fugir a Deos em alguma parte do mundo; se pudermos escondernos de sua presença infinita, parece q̃ o pejo da offensa, fora desculpa do retiro; mas cuidar que se respeita a Deos, com fugir dos braços de Deos, que os tem abertos como Pay, sempre que Pay o nomeamos, por mais que ingratos o offendemos, esta he a mayor offensa, que recebe dos peccadores, pois por não largar o seu vicio, cuidaõ q̃ tem mayor amparo entre as cadeas do demonio, que nas entranhas de hum Senhor, que para nos perdoar he Pay, & para nos livrar he Deos. Contritos pois, & compungidos com este conhecimento do amor de Deos, & prostrados nesta humildade (com que experimentamos quaes somos) nos deitaremos a seus pès, dizendolhe muy brandamente: Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, que podia eu esperar de mim sendo a peyos cousa do mundo, senaõ fugir-

vos, & offendervos? mas que hei de esperar de vós, sendo meu Pay, sendo meu Deos, mais que atrahirme, & perdoarme? & juntando a estas palavras os affectos da contrição, as lagrimas da alma, & do espirito, & huma discreta penitencia, que o mesmo amor de Deos ensina, se continuará o concerto, & sentirão os mayores peccadores, como no mesmo instante os restitue Deos a sy, & metendo-os no coração lhes mostra, que só tem para elles os thesouros da misericordia, & ás vezes com tanta efficacia, que destes males nos faz tirar mayores bens, adquiridos no conhecimento do pouco que devemos fiar de nós; succedendonos na humildade o q̃ a moral Filosofia finge de Anteo cahindo em terra, que se erguia com mayores forças. Depois disto hum grande temor, que he principio desta sciencia, & hum grande amor, que he todo o fim do caminho da perfeição, serão as bases, & as colunas em que se funde o nosso espirito, andando sempre receando de aggravar os olhos de Deos, & indo crecendo cada dia tanto de virtude em virtude, como se neste dia começassemos, & ouvessemos acabar nesse dia; esforçando-me a fazer isto, ver que me não convem viver em hum estado, em que me pezarà de morrer.

L U Z IX.

Do concerto que avemos de fazer com Deos.

O Segundo concerto será com Deos, & será o concerto, q̃ tenha elle cuidado de nós, q̃ nós o teremos só d'elle; & assim importa depois disto não ter de nós nenhum cuidado, nem descuidarnos d'elle hum ponto, & he certo se elle se cumprir, que não em annos, nem em mezes, mas em poucos dias veremos proveitos não imaginados, que só se não vem nos que o fazem, porque se o fazem, não o cumprem. Se o nosso cuidado he servillo, elle nos faz senhores do mundo com o desprezo que nos dá; se a nossa occupação he amallo, elle faz Ceo de nossas almas, com a gloria com que lhe assiste; se levamos a sua Cruz, elle nos leva logo em conta os extremos que lhe custamos; se só com elle conversamos, logo nós diz ao coração o muito que nos mete na alma; se nos desvelamos por elle, em hum doce roubo dos sentidos nos paga o sono que nos foge; & emfim, por pouco que façamos, se com cuidado o assistimos, toda a sua providencia se empenha, toda a sua misericordia se humana em sustentarnos,

& querernos; todo o seu amor não para, todos seus thesouros se abrem, até nos ver enriquecidos; inclina a sua Magestade para escutar o que queremos; sujeita a sua Onnipotencia, a fazer quanto lhe pedimos; mostra a sua sabedoria, em ensinar nossa ignorancia; emprega a sua fermosura, em namorar nossa cegueira; & estreita a sua immensidade, porque caiba na nossa vista; & he facil de considerar, que cuidado terá Deos de nós, quando veja que o temos d'elle; se vemos, quando o nam temos, & até quando o crucificamos, o muito que de nós sempre cuida, como nos trata, & nos obriga; por isso o q̄ mais convem he fazer por nunca parar, & por ir adiante sempre; que emfim na via do Senhor, como dizia S. Bernardo, tudo o que nam he ir adiante, he tornar muito atraz. He virtude a perseverança, donde correm como a seu centro, assim como os rios ao mar, crecidas todas as virtudes; para isto se obrar, convem soltarn os de todos os laços, com q̄ não só nos prende o mundo, porèm mais o nosso amor proprio; nem he razaõ que se despreze o menor embaraço da alma; porque hũa rêmora pequena, faz com que pare a mayor nao, inda que leve o vento em popa, & que navegue em mar bonança. Menina dos olhos de Deos, lie a al-

ma de cada Justo: & se os olhos dos homens não sofrem bem hũ leve argueiro; como se sofrerá agravar olhos de quem he de Deos o lume; & vista? cumpra-se á risca este concerto, quando em perpetuo movimento de seu amor, & Oraçãõ, em tudo o que faço, & me occupo, & tenho por objecto, & fim. Para conhecer este fim em todas as minhas açcoens, examinarei que fim me move, se só por ser bom, & para servir a Deos, & nam deixallo; se for obra da natureza encuberta com falso espirito, ou fugir d'elle, ou vellido. Em Deos, por Deos, & para Deos farei todas as minhas cousas; & tendome por peyor que todos, sem cuidar mal de nenhum, rogarei por todos a Deos: sometendome às creaturas mais humildes, & desprezadas, crerei, q̄ todas melhor que eu o sabem amar, & servir; não porei nunca o meu desejo nas fruiçoens; & gostos da alma, que são sensualidade de espirito, mas porei todo o meu desejo em abraçar a minha cruz, & fazer a vontade de Deos: se for de me fazer favores, louvalo, pois sou tão indigno; se for de me dar afflicçoens, agradecerlhas resignado, pois me castiga assim tão pouco, fugindo muito á hypocrisia, & servindo com prudencia à graça: finalmente me negarei a todos os bens enganosos da

fortuna, & da natureza; inda que faça grandes cousas, cuidar no fim que não fiz nada; inda que sinta grandes males, cuidar que nenhuma cousa sinto; depois de despirme de tudo, despirme tambem de mim mesmo; & depois de deixarme a mim; confessar que nam deixei nada.

L U Z X.

Modo de estar na Oraçãõ particular.

Isto suposto, ou ainda que não se suponha isto, quem está na casa de Deos, ou quem deseja entrar nella, isto he; entrar na Oraçãõ, primeiro que tudo convem nam entrar no Paço sem guia, a ver o Rey sem o valido; & sem Ministros ao despacho, invocando a Rainha dos Anjos, ao que for de sua guarda, & aos Santos de que for devoto, & a toda a Corte do Ceo, começará em humildade, joelhos postos, mãos erguidas; & no mais com a compostura que a presença de Deos requiere, em breve exame de consciencia, feito acto de contriçãõ, se valerá de todos para pedir a Deos o perdãõ de culpas passadas, & effiçacia para a açãõ presente, & adjutorio para as futuras, rogãndolhe nos mostre o caminho por onde melhor o acharemos. Com esta hu-

mildade; & confissãõ se alcança a graça, & sufficiencia, que tó vem das mãos do Senhor; & logo muito brandamente fechando as portas, & as janellas dos sentidos exteriores, metase no seu coraçãõ tãõ o esposo da sua alma, deixando tudo o mais de fóra, & erguendo as mãos a seu Senhor, isto he, erguendo o pensamento, a vontade, & as boas obras, prostrado naquella humildade, que pede o nada que somos, & o muito que he o nosso Deos, conhecendo este pó, & cinza, que se cobre da vaidade humana, nos abateremos àquella Magellãde, que a terra, o mar, & os Ceos adoraõ; seráõ o emprego da Oraçãõ, pasmo, louvor, & adoraçãõ de seus imensos attributos, & infinitas misericordias, amor de suas perfeiçoens, affectos de sua uniaõ, suspiros de sua presença, petiçãõ de seus beneficios. Faremos por não estar nella sem hum desejo muito vivo, ou hum amor muito abrazado, porque não basta estar olhando-o, sem juntamente estar querendo-o: mas isto ha de ser brandamente, não puxando a alma por sy, fazendo-o cõ muita força, porq he violencia q nam dura, & molestia q nos quebranta, & ao menos sempre nos afrouxa: os que se apressam muito no principio da jornada, ordinariamente cansãõ de pressa. Passado o tempo da Oraçãõ, fa-

ça a alma nãs despedidas, por ficar-se sempre com elle; & se ha negocio que divirta o gosto da sua presençã, seja tamanha a fãude, com que se vão os olhos da alma; que suspirem, & vão chorando por se tornar ao coraçã, donde entre as mais occupaçoens, representando-o como a furto, de quando em quãdo se lhe falle no meyo de todo o negocio; porq̃ os Varoens espirituales, q̃ se prezaõ de viver ao espirito, muito mais que à natureza, o tempo todo, se puderem, a vida toda, se he possivel; haõ de entregar áquelle amor, que em se gostando se vê logo, quanto he suave o Senhor, quãõ tristes os gostos do mundo, quãõ cego o amor dos mortaes, & quãõ doces os bens do Ceo.

L U Z XI.

Consideraçoens para não pecar mortal, nem venialmente.

SE me vir tentado para algum peccado mortal, cuidarei que estando o meu Deos aos meus pès muito humilde, & com muitas lagrimas pedindome cõ as mãos erguidas, que o não ofenda, pois me ama, que o não afronte, pois me quer, nem me condene, pois me busca, cu o encho de bofetadas (se faço a

culpa que me tenta;) & pizandolhe o rosto a couces, chamo o demonio para que me ajude a despillo, & açoutalo, a afrontalo, & a crucificalo.

Se for peccado venial, cuidarei, que quando o cometo, estando o Senhor no mesmo estado, & com a mesma humildade, lhe digo muy asperamente: Eu bem sei Senhor, que vós não quereis que eu faça isto, mas muito em que vos peze, ainda que não queirais, eu hey de fazer a minha vontade, & ao diabo, & não a vossa.

Logo cuidarei, se fico em culpa, que ao modo de hum tronco cuberto de Era pela cabeça, pelos pès, pela garganta, pelos braços, pela boca, & por todo o corpo, me cercaõ, & cingem os demonios em figuras de basiliscos, de dragoens, & vioras, de cobras, de aspides, & de serpentes, & me apertaõ de tal maneira, que tirãõ a respiraçam, & a voz, para que me não confesse de minhas culpas, & para que mais negro, & mais feyo; que os mesmos demonios do inferno, os Anjos me não possã ver, seja odio das creaturas, & aborrecimento do meu Deos.

Cuidarei mais, que assim como a pedra de moinho se cahira no mar, não parãra atè dar consigo no mais profundo abismo, assim eu com a culpa nam pare atè dar comigo dentro do infer-

no, levandome mais de pressa: o pezo dos vicios aos abitmos infernaes, que ao profundo do mar o que tem a pedra.

Ao contrario disto cuidarei, q̄ quando venço a tentaçam, detice dos Ceos o meu Senhor com toda a corte celestial, para que á vista dos Anjos, & de todos os Bemaventurados, vejaõ os demonios, que desce dos Ceos á terra, só a dar-me muitos abraços: ou fazendome azas das virtudes (que elle dá logo mais crecidas) faz que em hum abrir, & fechar dos olhos, voe a minha alma até os Ceos, donde em presenca de todos me faz os mesmos favores, metendome no seu coração, pendo e seu rosto no meu rosto, & apertandome nos seus braços, onde todos os Córos dos Anjos me cantão victoria, & triumpho.

L U Z XII.

Breve arte de perfeição.

TRes modos ha de andar em Deos para ter continua Oração: interior, & exterior, & superior; o superior mais enleva, o exterior mais move o interior mais aproveita: andamos em Deos interiormente, quando temos na alma hum firme apprehensão, de que o temos todo no mais profundo da alma,

nam só por potencia governandonos, não só por presenca conhecendonos, mas por essencia, enchendonos, & dandonos todo o ser que temos; neste se aproveita mais, porque neste recolhimento interior, podemos, como Noe, que estava recolhido na Arca, livrarnos do diluvio da culpa, & das ondas da tentaçam; por mais que os sentidos, & as potencias, que estão de fóra, gritem, dizendo que se perdem.

O modo exterior de andarmos em Deos, mais nos move, quando com firme apprehensão, de que Deos está em toda a creatura, nos parece em tudo o que vemos, que nos está como espreitando, para ver como o tratamos: se o servimos, se o nam servimos: se o amamos, cu não amamos: se o queremos, ou não queremos. O superior mais nos enleva, pois fazendonos estar sobre nós num pasmo, & numa maravilha das cousas sobrenaturaes; nos faz andar como embebidos, & absortos, & alienados, na fermosura, na grandezza, na gloria, na immensidade, na magestade, omnipotencia, sabedoria, & perfeições; & attributos de nosso Deos.

Mas para que qualquer de stes modos de andar em Deos nos incite mais a caridade, & nos inflame, de seu amor, he necessario que primeiro que nos penha-

mos em Deos, nos ponhamos no nada que fomos antes de ser, no peor que nada que fomos pela culpa, & no outro nada que poderemos ser, se por ella formos ao inferno. No primeiro nada podemos cuidar, que nos fomos, quando sahindo do que estamos sendo, que he o que Deos em nós poz; nos parece que deixamos o corpo, & alma, & as mais potencias, sentidos, & sumindonos por todo o mundo, nam achamos lugar algum, em que vejamos algum ser, mais que huma sùma escuridade, onde emfim não vemos nada. No segundo avemos de ver, como sendo nada as privaçoës, & negaçõens, negandonos, & privandonos de Deos, tambem nos fizemos nada, pois em Deos não pôde estar a culpa, & quem está em culpa, está muito fóra de Deos. No terceiro conheceremos, que não tendo já nada de Deos, mais que o castigo de quereremos ser seus inimigos, o teremos para remedio tão longè de nós, como he huma eternidade, sendo a mayor pena desta culpa, aquelle nada que se ha de achar na privaço, que ha de haver para sempre de Deos. O primeiro, & segundo, são mais necessarios; porque nelles se funda, como em firme alicerce, toda a nossa humildade, vendo que sem Deos nada fomos, nada podemos estar sen-

do, & nada poderemos ser; & como nesta humildade conhecemos, que devemos a Deos tudo o que somos, & tudo o que podemos ser, della ordinariamente, como da mais infima parte, sobe seguramente o edificio das virtudes, que ultimamente se coroa com o amor de Deos; & tanto he mais alto este amor, quanto he mais profunda a humildade, com que lhe damos toda a gloria, todo o louvor, & obras do nosso aproveitamento.

Subindo pois por este grao ao amor de Deos mais perfeito, comecçaremos com hum acto de fé, a que se seguirá outro de confiança em suas misericordias, & logo nos poremos em continuo acto de amor, & ao menos de admiraçam, louvor, ou graças de seus immensos beneficios, de seus altissimos attributos, ou de suas obras admiraveis.

Requere-se para entrar neste estado, & para aproveitar nelle muito, que até a morte nos mortifiquemos, não parando em cousa alguma, q̄ não seja Deos, que ha de ser o fim unico, & total de nossas açoens em perpetua negaçãõ de nós mesmos, & continua resignaçãõ em sua vontade, estimando muito a devaçãõ, que he mãy do amor, & reverencia, & não affligindonos muito com as sequidoens dos sentidos, & distrahimento do espirito, pois para entrar na ca-

mara do Senhor, não só, havemos de estar lavados de toda a culpa, purgados de sensualidade em todo o gosto das potencias, mas tam livres de interesse, o que toca nos gostos da alma, que nam pôde voar muy alto, se leva em sy o pezo do desejar consolaçoens, ou deterse muito nellas; porque importa que assim para o corpo, como para o espirito, não busquemos nunca outro alvo, mais que o amor de Deos puramente.

Ultimamente, todo o tempo da Oraçam acabará em pedir a Deos, que se faça em nós sua vontade, não ousando fazerlhe outras petiçoens, sem declararlhe, que se não encontrem seus decretos á nossa petiçãõ: se faça em nós, ou em outros sua graça, ou misericordia.

Resta purificar pela Via Purgativa, aproveitando pela Illuminativa, & aperfeiçoando pela Unitiva, & depois disto mortificar até morte, amar até o fim da vida, & não querer nada mais que o amor de Deos, em todo o discurso do tempo, orar com desejos de padecer, entendendo quando nos vier algum mal, que este era o thesouro que desejavamos, & que não ha nenhum outro mal mais que a offensa de Deos, ou do proximo: esteja certo quem guardar isto á risca com a graça de Deos (que não falta, a quem faz o que he em

sy) que chegará á perfeiçãõ de Deos, para quem seja todo o louvor, & gloria. Amen.

Deos terrivel, Deos grande, & Deos immenso, que estais todo dentro de tudo, todo fóra de tudo, todo sobre tudo, & abaixo de tudo todo: esfera altíssima, & profunda, larguissima, & longissima, cujo centro he toda a perfeiçãõ, & cuja circunferencia nenhũa, que estais dentro de tudo, mas não fechado dentro, fóra de tudo, mas não lançado fóra, sobre tudo, mas não levantado, debaixo de tudo, mas não abatido, como me não embeberei, admirarei, absorverei em vosso ser sobre-admiravel, sobre-immenso, & sobre-infinito, sobre-supremo, & sobre-excelso, se sendo o vosso ser purissimo, & incomprehensivel, investigavel, indizivel, invideavel, & inexplicavel, quereis, fazeis juntamente que a vileza de hũa creatura, que de seu he hum puro nada, transcenda, suba, & se remonte a comprehender, & conhecer pela maneira que he possivel, este impossivel admiravel, pois vejo meu Deos, & Senhor, q̄ nos ensinai a conhecer, que sois todo em todas as cousas, posto que as cousas sejam muitas, & vós não sejais mais que hum? que he verdade que estais assim posto nellas, pois sois unica verdade, & he bem que vos comuniquéis?cu-

ja longidaõ he a eternidade, cuja largueza he a liberalidade, cuja altura he a Magestade, cuja profundidade he a sabedoria, immenso além de quanto ha infinito, em tudo he o mesmo em quanto pôde ser.

Que moveis tudo sem movervos, que mudais tudo sem mudarvos, que abrangeis tudo sem estendervos, que estais em tudo sem encolhervos, que excedeis tudo sem acrecentarvos; no mais pequeno argueiro, sem vos diminuir; & em toda a redondeza do mundo sem vos estirrar; sobre ella sem vos subir; abaixo della sem decer; fóra della sem vos transpor; abaixo, como quem sustenta tudo; em

tudo, como quem lhe dà ser; fóra, como quem he mayor; sobre, como quem transcêde a tudo; verdadeiro, & unico; bem verdadeiro, que fois hum em tudo, huma verdade, & todas; hum bem sobre-immenso. Adorevos, arda, consumase, & abrase, pasmese, absorvase, & aniquilese, & finalmente em vós se embeba, se suma, fique, & se não ache, quem vos conhece por seu Deos, quem se vê vossa semelhança, vossa copia, vossa figura; & para nam ser, nem querer ser mais que o que for vossa vontade, que eternamente seja feita por todos os sempre dos sempre.



JESVS, MARIA, IOSEPH.

Instituição da Escola de Christo Senhor nosso,
que nesta Villa, ou Cidade de N. instituiu o
P. Fr. Antonio das Chagas, Missionario
Apostolico, na Missão que nella fez
no anno de 1680.

TITULO I.

*Das obrigaçoens dos que entrão a ser discipulos de
sua divina Magestade, nenhũa das quaes
obriga por esta instituição a peccado
mortal, ou venial.*



PRIMEIRA obriga-
ção: Que todos os
discipulos desta san-
ta Escola, se farão
escrever neste livro
pela ordem do A, B, C, & se
não tiverẽ feita confissão geral
de toda sua vida, a farão logo;
& dahi por diante se confessarão
de quinze em quinze dias, & ao
mais tardar, todos os mezes;
& nas festas do Senhor, & da Se-
nhora, havendo copia de Con-
fessor; & em cahindo em pecca-
do mortal conhecidamente, tra-
tem logo de se levantar, & con-
fessar delle sem dilação, para que
não succeda apanhalos nelle hũa

morte subita, & repentina, &
deitalos no inferno para sempre.

2. Obrigação: Que cada qual
tenha meya hora de oração mē-
tal todos os dias na Congrega-
ção, que fica instituida, não
tendo legitimo impedimento;
& para se instruirem neste san-
to exercicio comprarão, se qui-
zerem, os que sabem ler, o li-
vro de Villa-Castim, ou o das
Meditaçõens do P. Bartholomeu
de Quental, ou outro se melhan-
te: & os que não sabem ter ora-
ção mental, rezem o Terço, ou
Coroa de Nossa Senhora, & te-
rão disciplina os que puderem,
ao menos ás Sestas feiras.

3. Obri-

362 *Obras Espirituaes do Veneravel P.*

3. Obrigação: Que as mulheres discipulas desta santa Escola não venhão á Oração ás Igrejas; mas terão a sua meya hora cada dia em suas casas, lendolhes o ponto para a meditação em hum dos ditos livros huma pessoa de suas casas, que saiba ler, & não a havendo, rezará o Terço de Nossa Senhora a Côros.

4. Obrigação: Que cada semana corraõ a Via Sacra, huma vez ao menos: as mulheres de dia, de Sol a Sol; & os homens a qualquer hora; todos com a mayor devoção, & compunção que for possível.

5. Obrigação: Que todos os que nam tiverem legitimo impedimento, jejuem todas as festas feiras á Payxão de Christo, ou os Sabbados à Virgem Maria Nossa Senhora: & os impedidos darão em seu lugar huma esmola, ou rezarão a estacão do Santissimo Sacramento, que consta de seis Padre nossos, com outras tantas Ave Marias, & Gloria Patri, &c. & cada Domingo rezará o Terço, Coroa, ou Rosario de Nossa Senhora, pela alma que mais penas padece no fogo do Purgatorio.

6. Obrigação: Que cada qual ensine aos de sua familia esta devoção; & a doutrina Christãa aos que disso necessitarem; não lhes consentindo cousa que seja offensa de Deos, & de-

stiução de qualquer virtude.

7. Obrigação: Que nos trajes, costumes, & modestia de cada hum respõdeça o grande cuidado, que devem ter, de ser, & parecer discipulos de Christo Senhor nosso.

8. Obrigação: Que não vão a Comedias, & representações profanas; nem a casas de jogo, & conversações donde se offenda a Deos, ou ao proximo; apartandose de toda a casa, & trato donde haja suspeita de máo viver, ou occasião de qualquer peccado.

9. Obrigação: Que em sabendo que he morta algũa pessoa desta Escola, offereção pela sua alma a oração, & exercicios daquelle dia, para o que os herdeiros do morto avisarão logo aos que presidem nas Congregações: & que todos os dias depois da Oração rezem devotamente tres Padre nossos, & Ave Marias; o primeiro, pelo estado, & aumento da Santa Igreja Romana: o segundo, pelo estado deste Reyno: o terceiro, por todos aquelles discipulos desta santa Escola, que com mais cuidado tratão do aumento, & conservação della.

10. Obrigação: Que todos, assim homens, como mulheres, tragam consigo alguma cousa, que lhes sirva de lembrança, & despertador para andarem na presença de Deos; crendo

com viva fé, que elle nos está vendo sempre ainda os mais occultos pensamentos de nossos corações; & que sem este Senhor não podemos estar em parte alguma: & com esta certeza farão todo o possível por fazer cada hũ as obras, & obrigações boas de seus estados, por agradecer só a Deos, & fazer sua divina vontade; & tambem por este motivo, & fim, deixarão de fazer, fallar, & cuidar tudo o que tiver qualquer sombra de offensa de Deos.

11. Obrigação: Que haverá nesta santa Escola huma pessoa Ecclesiastica, ou secular, de virtude, & zelo do serviço divino, que em cada huma das Igrejas em que ha Congregação da santa Oração, tenha cuidado de per sy, ou por outrem mandar tocar o sino a ella tanto que for noyte, & ler o ponto, ou pontos da Meditação, & para lembrar a alguns discipulos descuidados a froxidão que vir em suas obrigações; fazendo-o particularmente com o amor, caridade, & brandura, com que Christo Senhor nosso o fizera, de que he substituto.

12. Obrigação: Que em cada huma das Igrejas em que ouver esta santa Congregação, haja hum treslado destas obrigações, o qual se lerà de quinze em quinze dias, & ao menos todos

os mezes, para que os discipulos desta santa Escola refresquem a memoria, & de novo se animem com mayor fervor a adiantarse na extincção dos vicios, & no aumento das virtudes: & será trabalho muito util, & louvavel o dos que tiverem tambem seus treslados particulares para instruirem a gente de sua familia; & dos exercicios quotidianos, que a diante vão.

13. Obrigação: Que nesta santa Escola haja hum Escrivão, que pelo amor de Deos escreva neste livro os nomes das pessoas que nella quizerem entrar; & não haverá outros Officiaes, nem se fará a juntamento de festa, ou outro algum em que se hajão de fazer gastos, ou despesas de fazenda por menores que sejaõ; mas todo o desvelo, & cuidado de todos se porá em desterrar vicios, & peccados, adquirir virtudes, & continuar com perseverança o santo exercicio da Oração, que he o fim para que se institue esta santa Escola, & não para se occuparem em outras temporalidades, posto q̄ sejaõ encaminhadas a bom fim; porque a experiencia tem mostrado, que pelos tempos em diante sam a ruir a das consciencias, & ainda das Congregações com pio, & santo zelo instituidas, & principiadas.

TITULO II.

Dos exercicios quotidianos para os discipulos desta Santa Escola.

EXERCICIO I.

Do sentido do ver.



COMO os cinco sentidos fejaõ as portas por donde os inimigos de nossas almas entrão a fazerlhes guerra, & a metella na miserabilissima servidam, & cativoiro do peccado; he necessario guardar com cuidado grandissimo, & particular vigilancia estas portas dos sentidos, fechando-as a toda a occasiam de peccado: & principalmente a porta dos olhos, que he a principal ruina de nossas almas. E assim nos guardaremos da vista de toda a pessoa, que nos póde incitar a peccado, metendo os olhos no chão, ou virando-os a outra parte, dizendo a Deos com o nosso coração, que por seu amor, & por fazer sua santa vôtade não queremos ver tal pessoa, nem deternos em sua consideraçãõ: & do mesmo modo fugiremos de ver tudo o mais que não for licito, & honesto; ou que póde ser occasiam de cahir em peccado:

& tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia, deixando de ver cousas licitas pelo amor de Deos.

EXERCICIO II.

Do sentido de ouvir.

GUARDAREMOS esta porta dos ouvidos, não ouvindo falavras, & musicas deshonestas, nem murmuraçam alguma dos proximos, & atalhando-a quanto nos for possivel, & acudindo por sua honra, & credito: & quando isto nam aproveite, deixaremos a conversaçãõ; & não a podendo deixar, nos mostraremos tristes, & pezados de se dizer do nosso proximo aquillo, que não queremos que de nós se diga: & tambem algumas vezes deixaremos pelo amor de Deos cada dia de ouvir algumas vezes as musicas, & instrumetos honestos, as historias galantes, & boas, & outras cousas, que não

não contém materia alguma de peccado.

EXERCICIO III.

Do sentido do cheirar.

Guardaremos esta porta, in-la que menos perigosa, q̄ as outras duas, de cheiros, & perfumes, não usando delles nos vestidos, cabellos, & comer, por serem incentivos da luxuria: & tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia pelo amor de Deos, em não cheirar as ro-fas, & flores; & em não tomar tabaco os que o tomarem.

EXERCICIO IV.

Do sentido do gostar.

Guardaremos a porta deste sentido, não comendo coutras vedadas nos dias de peixe (excepto os doentes) nem comendo, & bebendo mais do necessario: & ainda disto deixaremos alguma cousa do que mais gostamos, mortificando o apetite pelo amor de Deos.

EXERCICIO V.

Do sentido de apalpar.

A Porta deste sentido guardaremos, fugindo de abraços, & outros quaisquer to-

camentos com outrem, ou com nosco, como de peste espirital de nossas almas; & ainda de nos ornar, & enfeitar com curiosidade, mais, que o precisamente honesto; & principalmente as mulheres, não usando tambem de cores, & posturas na cara, & enfeites profanos, & deshonestos; fugindo de estar às janelas, & de andar vagueando pelas ruas mais que a ouvir missa, Sermão, ou algũa visita honesta; & então irão com grande compostura, sem se descobrirem aonde possam ser vistas dos homens.

EXERCICIO VI.

Da guarda da lingua.

Diz a sagrada Escritura, que da morte, & a vida estão na mão da lingua: *Mors, & vita in manu lingue*; para que vejamos o grandissimo cuidado com que havemos de guarda-la, não falando cousa alguma, que offenda a Deos, ou ao proximo: & assim nos guardaremos de toda a murmuração, palavra deshonestas, conversação suspeitosa: de praguejar, ou dizer pragas a cousa alguma; mas em lugar disso daremos tudo a Deos, á Virgem Maria, & aos Santos, pedindolhes muitos bens espirituales, & temporaes, para quem nos aggrava, & offende: diremos de todos bem, & de nin-

guem

quem mal; encubriendo as faltas, & fraquezas dos proximos como queremos que se encubram as nossas: fugiremos tambem de jurar qualquer sorte de juramentos, ora seja verdade, ou mentira, por mais leve que seja: a melhor conversaçam que podemos buscar, he a de ler livros espirituaes, & devotos, para quem sabe ler: & os mais baratos, & melhores sam a Reformaçam Christãa do Padre Affonso de Castro, o Combate Espiritual, & as Settas do Amor Divino, todos traduzidos na nossa lingua Portugueza, & capazes de andar na algibeira.

EXERCICIO VII. E ULTIMO.

TOd as noytes antes da Santa Oraçam, ou de deitarmos, faremos breve exame da consciencia, vendo o que temos faltado na guarda destes exercicios, & Mandamentos da Ley de Deos, & da Santa Madre Igreja, & de todas as faltas pediremos a Deos perdam batedo nos peitos, & fazendo hum acto de Contrição com grande dôr de haver offendido a Deos, & com firme proposito de emendarnos com a ajuda de sua divina graça; & faremos algũa breve penitencia, offerecendo a Deos na uniaõ dos merecimentos infinitos de nosso Senhor Jesus Christo seu Unigenito Filho.

E se por nossa miseria, & fraqueza cahirmos em peccado mortal, nos confessaremos logo, para q̄ nos não colha hũa morte subita em tão miseravel estado: & quando pela bondade de Deos tiveramos consciencia de peccado mortal, bastará confessarnos de quinze em quinze dias, & nas festas principaes dos peccados veniaes, que nos lembrarem, & de alguns mortaes já confessados, a que mais aborrecimento temos: & faremos muito por ganhar as indulgencias da Pulla da Cruzada nos dias em que ha Estaçam. Seremos finalmente muy devoto das Chagas de Christo, da Virgem Maria, do Anjo da nossa guarda, & do Santo do nosso nome, rezandolhes todos os dias algumas oraçoens, que applicaremos pelas almas do Purgatorio a que somos mais obrigados.

Escada espiritual por onde chegamos dentro de nós a sua divina Magestade.

TEm esta escada cinco degrãos, que são cinco perguntas, & repostas, que ha de fazer, & dar cada hum a sy mesmo interiormente, depois de se benzer, & fechar os olhos, & dizer a Consição, ou acto de Contrição, pondose diante de Deos em humildade, & amorosa lembrança.

I. Pergunta.

Com que fé, & certeza estou aqui de estar diante de Deos?

Resposta.

Creyo Senhor, & estou certo, que he impossivel não estar na vossa presença.

II. Pergunta.

Já que creyo, que estou diante da Magestade Divina, com que reverencia, & cortesia estou diante della?

Resposta.

Senhor, aqui estou com pouca reverencia, mas se pudera estar diante de vós como estão os Anjos, & os Santos do Ceo, & a Virgem Maria, assim estivera meu Deos.

III. Pergunta.

E com que pureza de tenção estou diante deste Senhor? venho eu puramente por contentalo, & servilo, & darlhe gosto?

Resposta.

Senhor, de hoje em diante a minha tençam he puramente contentarvos por vossa gloria, & honra: ter esta tenção em todas minhas obras, palavras, pensamentos, mas que a mim, & a todo o mundo descontente.

IV. Pergunta.

E com que proposito venho? tenho eu ainda proposito de peccar?

Resposta.

Senhor, de hoje em diante proponho morrer antes que peccar; ajudame Senhor, para que

nesta resolução esteja tão firme, que até a morte persevere.

V. Pergunta.

E com quanto amor estou aqui a hum Deos infinitamente bom, que morreo por mim, & tanto bem me fez?

Resposta.

Senhor, nenhum amor vos tive até agora, mas se eu vos pudera amar como a Virgem Maria vos amava, & como todos os Santos, & Anjos do Ceo, assim vos amara, meu Deos. Quizera de cada area do mar, Estrella do Ceo, herva do campo fazer mil almas, mil coraçãoes, & ao menos hum Reyno do Ceo para eternamente vos amar.

Feito isto, fiquese em Deos, ou considerando a divina bondade, & fermosura em algum mysterio da Payção de Christo Senhor nosso; & como Deos he amor (se ama) em Deos fica. Detenhase com elle quanto puder, offerecendo os merecimentos de Christo Senhor nosso, da Virgem Maria, & dos mais Santos a lua divina Magestade. Delhe graças por seus beneficios; peça perdão de seus peccados; & acabe sempre confirmando se nos firmes, & efficazes propositos de servir, & amar eternamente a sua divina Magestade.



*Colloquios para depois da
Oraçãõ.*

A Ultima cousa he fallar com Deos de tres modos : o primeiro, dando graças: o segundo, offerecendo : o terceiro, pedindo.

Dará graças a sua divina Magestade com estas ou semelhantes palavras. Meu Deos, & Senhor, douvos muitas graças porque me criastes, me redemistes, me conservastes, & tantas vezes me chamastes com vossas misericordias, & pelos mais beneficios, que me fizestes, & por me dardes este breve espaço em que me peza de minhas culpas, & suspiro por vossas misericordias, & desejo abraçar vossa vontade santissima : tambem vos dou muitas graças por todos os dons, & bens que destes a meu Senhor Jesu Christo, à Virgem Senhora nossa, a todos os Anjos, & Santos do Ceo, de cuja gloria me alegre, & cujo favor invoco : & desejo tantas vezes fazer isto para vossa gloria, & honra, quantas sam as areas do mar. Ficarà por hum breve espaço recreandose em Deos no seu coração, dandolhe graças.

Logo fará o offerecimento com estas ou semelhantes palavras. Soberano Pay de meu Senhor Jesu Christo, eu vos offereço, em satisfação de todos

meus peccados os merecimentos de vosso santissimo Filho, & da Virgem Senhora nossa, & de todos os Anjos, & Santos do Ceo, & Justos da terra : & vos offereço minhas obras, & trabalhos em uniam daquella tenção com que meu Senhor Jesu Christo, quando andava no mundo, vos offerencia suas obras, palavras, & pensamentos. Ficar-se-ha por outro breve espaço offerecendo a nosso Senhor tudo, quanto entender que póde ser agradavel a sua vontade santissima.

Logo fará petição a sua divina Magestade com estas, ou semelhantes palavras. Meu Deos, & meu Senhor, muito me peza de minhas culpas, por serem offensas vossas, & daqui em diante proponho antes morrer, que peccar. Peçovos perdão de todos meus peccados : peçovos vosso amor, vossa luz, vossa graça, vossa misericordia, & tudo o que me he necessario para a alma, & para a vida, & para meu estado em vosso santo serviço ; principalmente aquella virtude contraria do vicio de que sou mais combatido, & que se faça em mim vossa santissima vontade ; & tudo o que peço he em nome de meu Senhor Jesu Christo, que com vosco vive, & reyna por todo o sempre dos sépres. Amen.

Quinze perfeiçoens são necessarias a quem quizer servir a Deos, fazendo vida de espirito.

1. **A** Primeira, huma feita noticia, & conhecimento de todos seus desejos, payxoës, & inclinaçoës naturaes.

2. A segunda, he a grande, & fervorosa resoluçam com que hei de fazer guerra a todos os appetites, inclinaçoens, affeiçoens, & naturaes payxoens, ou sejaõ de odio, ou amor, repugnantes à razaõ: os quaes ha de fugitar a sy, para que com todos se fugite a Deos.

3. A terceira, he hum grande temor, que deve ter de nam estar certo, & seguro, se dos peccados, culpas, & offensas contra Deos tem dado a devída satisfacão, & feito a penitencia devída, sem a qual não pôde ter feito pazes com Deos.

4. A quarta, he hum grande temor, & tremor q̄ deve ter cada qual, ainda depois de desenganado, & de todo arrependido, se acafo por sua fragilidade tornará outra vez a cahir em semelhantes, ou mayores peccados.

5. A quinta, he huma forte resoluçãõ, & aspero tratamento com que ha de governar seus corporaes sentidos na cama, no vestido, no sustento, no sono,

& em tudo o necessario, fugitando, & sacrificando seu corpo crucificado por mortificaçoens em obsequio de Christo crucificado.

6. A sexta, he huma grande fortaleza, & paciencia nas tentaçõens, & adversidades, imitando a pasmosa, & estupenda paciencia de Christo, & aquella mansidão, a cujo exemplo deve receber com bom, & forte animo a pobreza, dores, affliçoens, & penas, que da mão da divina Providencia, para seu bem lhe saõ dadas, conhecendo que por suas culpas he digno de mayores penas, & indigno de padecer por amor deste Senhor, por cujo amor nunca deve padecer tanto, q̄ nam deseje mais padecer, com o desejo de conformarse com a crucificada vida, & morte deste Senhor, atè que nelle se não descubra algũa impaciencia, ou payxão humana; estando toda sua vida escondida em Deos, & metida em Jesu Christo; de nesse corpo não fazendo mais caso, que de huma pequena de terra, ou estercõ; que os brutos pizaõ.

7. A setima, he fugir com animo resolutõ de toda a pessca, & creatura, como se fora hum demonjo infernal, se entender que lhe pôde ser occasiam não só do minimo peccado, mas de qualquer imperfeicão na vida de espirito.

8. A oitava, he trazer em sy a Cruz de Christo que tem quatro braços: o primeiro, he mortificação dos vicios; o segundo, desapego de todos os bens temporaes; o terceiro, destruição de todas as affeições carnaes, & amor de parentes; o quarto, desprezo de sy mesmo.

9. A nona, he huma liga, & continua lembrança, & meditação dos beneficios de Deos, que recebemos, assim na criação, conservação, & vocação, & mais na Redempção, vendo quantas vezes nos livrou este Senhor do inferno, donde deitou os Anjos por hum só peccado; & outras muitas almas pelas mesmas, ou menores culpas, que as que cada hora cometemos, considerando outros muitos bens, que em cada qual tem feito este tão bom Senhor.

10. A decima he, q̄ de dia, & de noyte, a toda a hora, & em todo o lugar sempre estejamos, ou andemos em oração, isto he, com o sentido levantado em Deos, trazendo-o na memoria, não fazendo, nem dizendo, nem cuidando o que não cuidára, nem dissera, nem fizera o mesmo Deos, ou ao menos, o que não he contra sua Ley.

11. A Undecima he, que daqui passemos a amor de sentir por meditação, & contemplação as celestes, & divinas decurias daquella vida eterna, cele-

stial, & divina, donde os bens não hão de ter fim, nem as glorias cabo.

12. A duodecima, he hum ardente, & fervoroso desejo de exaltar a nossa santa Fè, isto he, de que Christo Senhor nosso de todos seja temido, amado, estimado, & conhecido de todos, continuamente louvado, & de nenhum offendido.

13. A decimaterceira, he ter huma grande compayxão, & piedade de todas as necessidades do proximo, assim como qualquer quizera que das suas a tiveraõ os outros; todos os proximos, inda que sejaõ inimigos, se hão de amar, como se estiverão no coração de Christo, sem isto não se pôde verdadeiramente amar.

14. A decima quarta, he dar graças de todo o coração a Deos em todas as cousas, louvar, glorificar em tudo a nosso Senhor Jesu Christo, nos males, nos bens, ou proprios, ou alheyos, estimando-o, ou amando-o em tudo por justo.

15. A decimaquinta he, que depois de fazer tudo isto, finta, & diga de todo o coração: Meu Senhor Jesu Christo, nada posso, nada valho, mal vos tenho servido em todas as cousas, sou servo roim, & inútil: á vós gloria, & honra, & louvor, com que sejais bemdito por todas as eternidades. Amen Jesu.

J. M. J.

*Preparaçam para com-
mungar.*

Primeira, considerar que a Escritura Sagrada nos move, & avisa para esta preparaçam, com palavras, & exemplos. Com palavras, pelo Profeta Amos 4. *Preparate in occursum Dei tui Israel.* Preparate Israel para receber a teu Deos, que elle vem para morar, & ficar em ti: & S. Paulo Epist. 1. ad Corinth. 11. *Probet autem seipsum homo, & sic de pane, &c.* Veja cada qual se está capaz de chegar-se áquella Mesa divina, &c. Prove-se, & examine-se: & esta prova entende a Igreja pelo exame, contriçam, & confissão sacramental dos peccados mortaes, ddt, & firme proposito. Eis aqui nos adverte com palavras, com obras, & exemplos, mandando q̄ com grande limpeza se comessem os Paens da Preposição, o Cordeiro Pascoal, & se puzesse o Maniná figura deste Sacramento, em arca doirada por dentro, & por fóra: São João Bautista se reputava por indigno de tocar a Christo Senhor nosso: São Pedro não ousava a estar com elle na barca: o Centuriam não se atrevia, a

que entrasse no seu aposento: a Virgem Santissima se julgava humilde escrava, não merecedora de o ter em seu ventre purissimo: além disto a arte, & a natureza, tanto melhor produzem as suas obras, quanto está mais disposta a materia: o fogo melhor pega na lenha seca, que na verde; porque a secca para o fogo está mais disposta: o Pintor melhor faz o retrato em huma lamina polida, que em huma taboa tosca, porque tem melhor disposição para o primor da pintura a lamina, que a taboa. Assim quando for melhor a disposição, & preparaçam, obrará este Senhor milagres, e maravilhas mayores. O Sol a hū mesmo tempo endurece o barro, & derrete a neve: são diversas as disposições, por isso são de huma mesma causa os efeitos diversos. A disposição melhor, he huma profundissima humildade, huma grande reverencia, huma pureza limpa, huma devoçam fervorosa, depois de confissão, & oraçam.

A segunda (nota muito isto) entre as cousas que para esta preparaçam são necessarias, a principal de todas he a pura intenção com que commungas, o fim a que esta communhão se encaminha; & assim considera, que a tenção póde ser viciosa, ou menos louvavel, por quatro causas.

372 Obras Espirituaes do Veneravel P.

A primeira se cômungas porque te tenhaõ por Santo, isto he hypocrisia, & vangloria.

A segunda, se cômungas por alcançar de Deos bens da terra: & a razão he; porque como este manjar divino he sustento espirital das almas, não deve de primario, referirse a cousas terrenas, & caducas.

A terceira he, se cômungas sendo teu primeiro intento alcançar consolaçoens, ou gostos espirituas; porque esta tençaõ nasce do amor proprio, & não do amor de Deos.

A quarta he, se cômungas somente por costume, ou porque outros o fazem. Deve pois considerar cada qual, que a recta, & para tençaõ póde ser de oito modos.

O primeiro, se cômungas para alcançar a remissaõ dos peccados; porque este Sacramento he tambem sacrificio, que pelos peccados se offerece a Deos.

O segundo, se cômungas para livrarte de algum gravissimo mal espirital, assilaõ, ou tentação.

O terceiro, se cômungas para alcançar alguma singular graça, ou dom espirital.

O quarto, se cômungas para dar graças a Deos pelos beneficios espirituas, & temporaes feitos a ti, & a teus proximos.

O quinto, se cômungas para que assim honres, & louves a Deos, & aos Santos, pois este

he o mayor dos sacrificios com que honramos a Deos: *Sacrificium laudis, &c.*

O sexto, se cômungas para juntarte com Christo por puro amor, & fazerte huma cousa com elle.

O sétimo, para que ajutes a teus proximos vivos, & defuntos.

O oitavo, para que faças o officio mais agradavel a Christo Senhor nosso, de quem sabes, que tem hum summo desejo, & gosto de estar comeigo. Proverb. 8. *Delicia mea esse cum filiis hominum.* Com tudo adverte, que de todos estes fins, & intentos, os mais excellentes de todos, & por cuja causa foy este Sacramento instituido, são quatro.

1º O primeiro foy, para que tenhas em ti hum vivo memorial da Payxaõ de nosso Senhor Jesu Christo: *Hoc facite in meam commemorationem.*

O segundo he, para que assim como com o sustento corporal tratas de sustentar o corpo, assim com o sustento espirital trates de sustentar o espirito, & ter eterna vida. Joan. 6. *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum: nisi manducaveritis carnem filij hominis, non habebitis vitam aeternum.* Morre o corpo, se falta o pão do corpo: morre o espirito, se falta este pão do espirito.

O terceiro he, para que te trans-

transformes em Christo, & para que Christo Senhor nosso viva em ti, & tu em Christo Senhor nosso; elle em ti por graça, nelle tu por amor, & memoria: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo.*

O quarto, & primeiro, como diz São Boaventura, he, para que embebas em ti o espirito de Christo Senhor nosso, pelo qual vivas com aquella humildade, caridade, obediencia, amor da pobreza, mortificação do corpo, desprezo do mundo, & desejos de padecer, assim como viveo nosso Senhor Jesu Christo.

Quem em breve quizer chegar á perfeiçam, frequente as communhoens com estas quatro ultimas tençoens, chegando se a este Senhor com a preparaçam possível.

O quinto considera, quam de madrugada te debes preparar para o dia, q̄ comungares: q̄ nosso Senhor Jesu Christo com incomparavel desejo te está esperando na Igreja, para que comungues, & se agasalhe em tua alma, para ficar nella de assento, dizendo aquillo que disse Deos Senhor nosso a Santa Isabel: *Se tu queres estar comigo, eu quero estar contigo.*

Cuida, logo que fores para a Igreja, ou Altar, o grande gosto com que o teu Anjo da guarda te vai acompanhando, para

que hospedes; & recebas a teu, & seu Deos, &c. Em terceiro lugar, em chegando ao Altar, em que está este Divino Sacramento, lhe farás no teu coração huma profunda, & humilde reverencia, & invocarás ajuda da Mãe de Deos, & de todos seus Santos, & Anjos, para que te acompanhem, & te alcancem graça, & favor para que colhas deste Sacramento fructo.

Considera também em chegando adonde commungas, o que lá diz S. Matheos 25. *Ecce sponsus venit, &c.* Adverti, q̄ vem o Esposo; & adverte, que vem cheyo de desejo de estar contigo, cheyo de caridade, de benignidade, de amor, & de todo o bem, para encherte, & favorecerte: *Exite obviam ei.* Ide vós alma também cheia de devoção, de gosto, de reverencia, de humildade, dizendo com Abraham: Senhor, aqui está opò, & cinza: com a Virgem Mãe de Deos: Eis-aqui a Escrava do Senhor, faça se em mim a sua vontade, seguindo a sua palavra; ou com Santa Isabel: *Donde me veyo a mim, que meu Deos, & Senhor, queina entrar, & pousar em minha pobre alma? Unde mihi, &c.* Juntamente considerarei, quem he o que vem, isto he, meu Creador, meu Redemptor, a immensa misericordia, a infinita fermosura, a eterna sabedoria, a incomparavel Magestade, a bon-

dade incomprehenſivel ; emfim meu Deos, meu ultimo fim, meu ſummo infinito bem ; & a que vem : a honrarme , enriquecerme , & ſalvarme: dirhe-hei com noſſo Padre Saõ Francisco: *Deus meus , & omnia , quis eſt tu , & quis ſum ego ?* Meu Deos , & todas minhas couſas , quem ſois vós , & quem ſou eu ?

Antes que te apartes do lugar donde cõungasteſ , dalhe muitas graças de haver feito morada ſua , tua pobre , & miſeravel alma.

Em ſegundo lugar lhe offerecerás em holocauſto puro a ti meſmo , & a todas tuas couſas ; aſſim como elle todo ſe entregou a ti neste ſanto ſacrificio. Em terceiro lugar exercitar-te-hias em actos de amor de Deos , beijando , & abraçando eſpiritualmente ſeus ſantiffimos pès ; & mãos , ſuas ſacratiffimas chagas , & adorando em ſua humanidade ſua divindade ſantiffima , rogandolhe , que nunca ſe aparte de ti , como os Diſcipulos de Emaüs : *Mane nobiſcum Domine , quoniam adveſperaviſcit.*

Em ultimo lugar expoemlhe tuas miſerias , o deſejo de ſervillo , pedelhe que orne a caſa de tua alma de todas as virtudes , que te dê graça aquelle dia , & todos os de tua vida , para que não eſfrie a devoçam , & caridade , offerece-o muitas vezes a ſeu eterno Pay , & não o perden-

do da vontade , nem da memoria , louva-o interior , & exteriormente quanto puderes por todos os ſeculos. Amen.

Com eſtas palavras , dizia o Veneravel Padre Fr. Antonio , me achei bem nas tentaçoens fallando com os demonios.

E as palavras erãõ eſtas.

E Spiritos das trevas , çujos baixos , & torpes , para ſempre condenados ao carcere dos abiffimos , aborrecidos de Deos , fracos , & para pouco , dignos de que todos zombem , & eſcarneçaõ das voſſas forças , pois nam prestaſ para nada , nem tendes poder algum mais que o que vos dá , quem nas voſſas mãos ſe mette , depois que com as ſuas mãos ſe mata ; poucos ſois todos contra mim ; vinde , vinde todos os que eſtais no inferno , não venhais taõ poucos , que gloria tenho de que venhais todos , & pena de que não ſejais mais. Trazei todas as voſſas armas , todas as tentaçoens , & tribulaçoens poſſiveis , que contra todos baſta , & ſobeja aquella graça com que meu Senhor Jeſus Chriſto me manda vos açoute a todos com o ſeu nome ſantiffimo. Vinde eſpiritos feiffimos , não ſejais fracos , que nenhum me-

do

do me fazeis, antes me rio de vós, quem vos deitou dos Ceos, vos deitará de mim, porque está dentro de mim, quem no inferno vos açouta, em mim vos ha de açoutar, com este nada que sou vos ha de confundir; pe-lejai, pelejai comigo, & servi-reis a Deos, porque lhe dareis gloria a elle, dandome a mim tantas victorias como batalhas, & a vós tanta pena de novo, quanta for a vergonha, & con-fusam de ficares vencidos. Cha-mai ao vosso Lucifer, & aos seus valentoens maiores, que apa-relhado estou com o eterno odio que vos tenho, para me deleitar sómente na Cruz de Christo; & arvorando esta contra vós, em quanto viver, andar sempre sob-re os aspides, & basiliscos, & pizar confiadamente em Deos o collo dos Leoens, & Dragoens.

Oh meu Deos, & meu Se-nhor, quizera eu que o coração feito em pedaços me sahisse em lagrimas pelos olhos; que a alma desfeita em suspiros se me arrancasse do intimo das entra-nhas, & se me sahisse pela boca; que as entranhas pizadas de hũa alpera, & rigorosa contriçãõ, se me desfizessem no peito com mares de amarguras; pouca fo-ra inda esta dor para a magoa que desejo ter de vos haver of-fendido: quizera meu Senhor, que com suspiros de fogo, com labaredas de amor, com ardentes

chamas de contriçam me desfi-zesse em pó, & cinza este meu pezar, me consumisse dentro de mim mesmo estes ardentes af-fectos de penitencia, que nam sam sentimento em mim, sem q̄ primeiro sejam misericordia em vós; espero por vossa bon-dade, q̄ me haveis de perdoar, & dar graça para vos nam offen-der; & como nam tireis de mim este amor, que eternamente vos desejo ter, fazei meu Senhor o que quizeres de mim, que apa-relhado estou na vida, & na morte, na pena, & na gloria, na honra, & na injuria, no mal, & no bem, no Ceo, & no inferno, de querer só a vossa vontade. O Colunas do Ceo, Tochas do Firmamento, Lu-minarias do Empyrio, Lam-padas de Deos, Fornalhas do Espirito Santo, regai por mim a Deos, para que com voscõ o louve eternamente.

Despedida de tudo.

Meu Deos, eu me desfêço de todas as creaturas: in-tento amarvos daqui por diante de todo o meu coração; com toda a minha alma, com toda as suas forças, & com todos os meus sentidos. Memoria que se ha de lembrar de vós, nam deve ter outra lembrança; entendi-mento que ha de cuidar em vós, nam deve ter outro cuidado;

vontade que ha de querevos, nam deve ter outro amor; coraçam que ha de occuparse com vosco, de tudo ha de estar vazio; olhos que vos hão de ver, para tudo se ham de fechar; boca que ha de fallar de vós, nada mais que a vós ha de tomar na boca; gosto que se ha de empregar em vós, de nada mais ha de ter gosto; ouvidos que hão de ouvir as vossas palavras, a nada mais hão de dar ouvidos; vida que se vos ha de entregar, para tudo mais ha de estar morta; alma que ha de viver convosco, só para vós ha de estar viva: despeçase pois, meu Deos, com vossa graça de tudo, quem convem que deixe tudo, para vos agradecer em tudo, & gozarvos a vós, que sois mais que tudo. Fique se nos desertos do nada a alma, que não foy nada antes que vós a criasseis, & que foy peyor que nada depois que vos offendeo: nada quero, nada desejo, nada possuirei; nada buscaréi mais que vosso amor, & vontade, pois nada tenho que seja meu, nada posso ter que nam seja vosso, nada mereço mais que castigos; & pois nada posso por mim, razaõ he que me nam queixe, nem me afflija de nada, pois o nada nam se queixa, o nada nam se afflije; nem convem que me envergonhe, & vanglorie, porque

o nada nam se envergonha, o nada nam tem vangloria, o nada nam tem presumpção de cousa alguma, porque o nada nam faz nada. Só vós, meu Deos, fazeis tudo o que he bom, & despejando com este nada quanto tem meus sentidos do mundo, & quanto tenho na minha alma, que nam seiais vós, tam vazio quero ficar de tudo, quanto vós nam sois, tam ermo de mim mesmo, tão deserto de tudo mais, q̄ não achando totalmete em mim mais, q̄ a vossa vontade, vossa hõra, & gloria igualmente para o bem, & para o mal, vos offereça na minha alma hũ desapego de tudo, huma negaçam de mim, huma solidão de nadas, & hũa despedida total de todas as cousas, para que nem o desejo me afflija, nem o temor me inquiete, nem a inclinaçam me arraste, nem o gosto me desvie daquelle doce, & ultimo fim, daquelle sũmo bem, para q̄ me creastes; antes com huma sujeiçam tão rendida, com huma entrega tão affectuosa, com huma ancia tão enamorada, me ponha de todo nas vossas mãos, que em mim se nam veja mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo, & este crucificado, por cujo sangue, & nome vos peço este favor, & perdão de tudo o que em mim nam foy sempre isto.



SEMANA ESPIRITUAL,

Pelo Veneravel Padre

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.



ORTO de Gethsemani he figura da perfeita Oraçam: Gethsemani quer dizer Valle de abundancia, porque pelo valle da humildade, & pela abundancia da Caridade morreo o Senhor por nós; desceo dos Ceos à terra pela humildade, com q̄ se unio á nossa natureza, & depois de unirse connosco, subio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por isso para que nos comecemos a unir com Deos, he necessario entrar no Horto da Oraçam, descermos nella com humildade ao valle da nossa miseria, onde fertilizando esta terra, de que somos feitos, com abundancia de amor, & lagrimas fazamos por meditar, & dispornos para a Cruz, sem a qual não sendo semelhantes a

Christo, nam poderemos subir aos Ceos, & ser dos seus Predeterminados.

Primeiro que tudo se ha de fazer costume da Oraçam, assim como fazia o Senhor, para q̄ este costume se faça natureza, se converta em graça, subindo deste valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que isso nos representa o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oraçam (que he subida da mente a Deos) se ha de erguer o nosso pensamento.

Deve a Oraçam, quanto for possivel, ser reverente; pois o Senhor orou de joelhos. Deve ser solitaria, pois não só buscou o Senhor a solidão, mas para ficar mais só, se apartou daquelles Discipulos, que comsigo tinha levado. Deve ser devota, isto he, huma promptidão, & não aquelle

le gosto sensivel com que havemos de louvar a Deos, ainda q̄ (como diz Sam Pedro de Alcantara) com as consolaçoens do Senhor cresce a devoção, em que consistem as azas, com que voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deu o Senhor nas tres vezes, que se poz à Oração; isto he (como diz a Glossa) Principio, Meyo, & Fim. Principio, na fé com que havemos de conhecer a Deos, & no conhecimento que havemos de ter de nós. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntandolhe as boas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, & em negação de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convem que aprendendo esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoens acharemos o Norce, a estrada que seguramente nos leve, & acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos à perfeição, quanto fugirmos da mentira de falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da Eterna Gloria, que elle só tem aparelhada. Para o que por via direita, cada huma destas acçoens, que elle obrou em sua Payxão, nos ha de occu-

par toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se senam esmeução bem, nam lhe damos bem na sustancia. Necessario he cavar bem a terra para que se ache a mina; & porque á flor da terra só, quando muito se achão flores; a comida que nam vai bem mastigada, não pôde ser bem digerida, nem proveitosa á natureza; as perolas no fundo do mar se pescaõ, & não em cima da agua; por isso nos não caçaremos em orar, & meditar de hum folego toda a Payxão junta. Toda huma noyte gastou meu Padre Saõ Francisco, sem cuidar mais que em duas palavras: *Meu Deos, & todas minhas cousas.* Santo Agostinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceitos: *Senhor, conheçavos eu a vós, & conheçamo a mim.* Gregorio Lopez passou nove annos, sem dizer em sy mais que isto: *Senhor, faça-se em mim vossa vontade.* O nosso Saõ Diogo quasi toda a vida não teve outra Oração, abraçandose com a Cruz, mais que estar em acção continuo do amor de Deos, dizendo: *Amor meu, Amor meu.* E de Santo Isidoro se conta, que por ser rustico em extremo, não dizia a Deos outra cousa mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tubieras ganado, yo te lo guardára de gracia.* E esta he a altissima Oração, estar sempre em continuo acção de amor de

de Deos, sem affligir o entendimento; com discursos demasiados, que ás vezes deixando vaidade gastão o tempo de vontade em superfluas meditações, ou cuidados de pouco fruto. Serve-se Deos dos coraçõens, muito mais que das imaginaçoens: quer as victimas abrazadas, ainda que com menos enfeite se apresentem nos seus altares; toda a maquina de discursos só então será proveitosa, quando sirva de nos mover; ou por ver-nos em sequidão, ou qualquer outra enfermidade que padece ás vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada huma apreheñdamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormẽtos; ou para admirárnos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descansar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, & começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrera outra vez, se acaso fora necessario, & pomos nelle o amor, que ti-

ramos do mundo. Se nos admiramos do que fez Christo por nós, nam nos admiremos de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em união mais conforme, he certo que morrendo a carne, fazemos já vida do espirito. Somos já filhos de Deos, & huma mesma cousaõ elle. E se dentro nelle moramos, & aquietamos nossas almas, chegamos áquella Bemaventurança, que póde dar-se nesta vida, morando em Deos, & andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, & a elle em todas as creaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua união; querendo por sua vontade, & entendendo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçam continua, nem facilmente a podem ter, & meditar todas estas Horas, & talvez nem huma só até os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contêm cada hum dos dias, ou cada huma das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçãõ, & será muito mais util, que outras muitas meditações. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando não possamos orar, dizer dentro de nós, em qualquer occupaçãõ que tenhamos: *O meu Jesus está no Horto, ou Columa, ou no Calvario, & eu estou jugando, comendo,*

mendo, vindo, passando, ou peccando, &c. conforme o que estiver fazendo.

Finalmente he o Horto figura da Oraçam, onde os que tem verdadeiro espirito orão, & se resignão na vontade de Deos, como Christo: os descuidados vão a dormir como os Apostolos: os que tem o coração nos interesses do mundo, vão a vender a Christo, como Judas: os que não entrão na Casa de Deos, mais que a offendello, vão a buscallo como a cohorte. Esta he a figura dos seculares, que quando vão à casa da Oraçam, parece que vão armados, & aparelhados só para fazer delacatos a Deos. Judas he figura dos máos

Sacerdotes, que pondo se Deos nas suas mãos, elles com falsos osculos de paz daõ final ao demonio, de que o mesmo Deos anda com elles vendido. Os Apostolos, figura dos homens espirituaes, que por descuidos, & omissoens nam fazem de todos a vontade a Deos no mayor grão da perfeiçam. E Christo verdadeiro Original dos perfeitos filhos de Deos, que a pezar das tribulaçoens, & misérias da natureza, sempre estão promptos com o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitar se destes exemplos, saberá, se na Oraçam serve ao corpo, se ao espirito, á natureza, ou á graça, ao mundo, ou a Deos.

SEGUNDA FEYRA.

M A T I N A S.



UIDA REI que o meu coração he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; & chamando a minha Vontade, Memória, & Entendimento; para que apartados dos mais sentidos, como Sam Pedro, São Diogo, & Sam João, dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor vigiar, & ter oração, & pedindo me que o acompanhe

na agonia, & tristeza que o afflige, & melancoliza, parecemecha que todo angustiado, & cheyo de lagrimas, & penas, tomandome nos braços da alma; me diz estas palavras brandamente: Filho, eu aqui estou só, & desamparado, & posto nesta solidão, sem haver quem falle comigo, nem quem me queira pôr os olhos, peçote pelo meu amor, que vires para mim o teu rosto,

& o teu coração, & que pois te chamo, & te busco, me não desempares também, deixando-me nesta tristeza, nesta afflicção, nesta agonia, com que vejo perder o mundo por não querer estar comigo, fugindo da minha presença, como da do demonio: mas como tu também, meu filho, te não atreves a aturar-me, & estás morrendo por fugirme, por ventura aborreceste de que eu te chame, & pezaste de eu estar contigo? Enfastiaste o meu amor? Enfastiaste da minha vista? Pois sabe de certo, que menos quero estar no Ceo, que no teu coração, & que me agrada muito menos a companhia dos Anjos, que ver-me em tua companhia.

Em lhe escutando estas palavras, com huma ancia muito de coração, com hum amor muito entranhavel, posto a seus pés, ou nos seus braços, farei por gastar todo o tempo, que destinar para esta hora, em hum vivo movimento da alma, & em que a memoria se perca por sua vista, o entendimento se palse em seus beneficios, & a vontade arda em seu amor, dandolhe as graças de chamarme, & pedindo-lhe, que me não deixe, nem largue da sua mão.

O fruto desta hora será, conhecer a vocação, com que o Senhor me trouxe á sua casa, & escolha que fez de mim para andar

em sua presença pela virtude da Oraçam, contra quem (mais q̄ em outra parte) mostrando no Horto os inimigos do Senhor, que se armavaõ para o tirar della, & saberem que este he o meyo mais effcaz da salvaçam, & de quem mais se teme o demonio: fazendo pois conta que me não convem deixar só ao meu Deos, nem desemparrar ao meu Senhor, que gosta de que eu o acompanhe, farei muito por ter grande amor ao silencio, & solidão, pois só assim acho ao meu Deos. E apartandome não só dos homens, mas até dos meus proprios sentidos, não dormirei (sobre a vigia que me convem ter na Oraçam) por não arriscarme a que me prendão o mundo, o diabo, ou carne, que no Horto da alma me cercaõ, não querendo por hum alivio, que os sentidos me podem dar, por-me em perigo de cair, & de que se queixe o meu Senhor, de que eu o deixo a olhos vistos. E com isto exercito a abnegaçam de mim proprio, q̄ he huma das mayores virtudes, que andam na presença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

(:) s () s (:) s (:) s (:) s (:)

✠ (✠) ✠

() ()

L A U D E S.

Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.

Cuidarei como estando durmindo os Discipulos do Senhor no Horto, elle os veyo a despertar, avisando-os, que vigiassem: porque não entrassem em tentação; & isto não huma, mas muitas vezes.

Considerarei os grandes beneficios, que devo a Deos, & as graças que lhe devo dar, pois sendo tentação toda a vida, que passo sem orar a Deos, & sem me unir com o Senhor, como quem sente os meus descuidos, & lhe vai muito em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, & me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto: tâtas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, & com as memorias de sua Payxam, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fructo desta hora o conhecer, que o ter Oração he beneficio do Senhor, que he seu sentirme com espirito, que he meu verme com froxidão; que subir ao Horto he favor seu, que durmir nelle he obra minha: & por isso considerarei, que nem por verme na cõpanhia de Deos, que he só de quem me vem o

amparo, a sufficiencia, & remedio; & finalmente pedir-lhe hei, que pois hum São Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuidou; que pois hum São João, emprego de seu amor, se esqueceo; que pois hum San-Tiago, escolha de sua vontade, se divertio; que isto em todos foy o durmir, & todos ouverão mister q̃ o Senhor viesse acordallos; que me perdoe os meus descuidos; & que esperte os meus esquecimentos, & me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, & sempre o servo mais inutil.

P. R. I. M. A.

Avulsus est ab eis.

Cuidarei, que o Senhor logo que poz no Horto seus Discipulos, & lhes encomendou que orassem, se afastou delles, metendose pelo mais interior do Horto.

Considerarei, que quando Deos nos traz mais consigo, & nos sobe a mayor Oração, ou porque fia mais de nós, ou porque de nós não fia muito; se afasta de nós muitas vezes, apartando a consolação, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; & como entam, & só se conhece quem he seu verdadeiro Discipulo, necessario he

he que neste tempo nos offereçamos muito mais, para que cõ qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; & como tronco exposto aos ventos, nos não mova o ar da vaidade, conhecendo que estã Deos tam longe de nos deixar, quando se afalta, que entãõ metido mais por dentro se nos mostra amigo mais intimo, porque o busquemos no centro da Alma.

Serã o fruto desta hora a vigilancia sobre nõs com a mortificação dos sentidos, pois podemos nesta afflicção, q̃ he prova mais que desamparo, perder em hum fechar de olhos tanto como podemos recear de Deos em desfibrir a mão.

T E R Ç A.

Et factus in agonia prolixius orabat.

Cuidarei como representandose ao Senhor tudo o que havia de padecer pelos homens, quãtos haviaõ de condenarse ao inferno, & desprezar a sua Gloria, quam poucos seguir o seu exemplo, & aproveitarse de seu amor, foy posto em muy grande agonia, & nella com mais efficacia orava a seu Eterno Pay.

Considerarei, que nos males, & tribulaçoens, nam se ha de perder o animo, ainda que se perca o alento; nem se ha de des-

mayar o espirito, ainda que se desmaye a Alma: antes entam com mayor causa chegarnos para o nõsso Deos, dandolhe por tudo muitas graças, porque se da sua maõ recebemos as obras, os males poiq̃ os não receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, & por tudo deve ser bendito, & não nos faz nisto semrazão, pois elle he Senhor de tudo.

Serã o fruto desta hora buscallo com grande igualdade, affini no mal, como no bem, pois nõs nam temos outro Pay; outro Senhor, nem outro Amigo; pois sabemos que muitas vezes nos chama pelas tribulaçoens, para que vendo nossa miseria o engano dos bens do mundo, não queiramos ter outro bem mais que orar, padecer, & mais padecer, acẽ que o orvalho do Ceo desça a fecundar a terra, & as sequidoens sejam suavidades, conhecendo que este he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regalo, & não merecimento, mais he hir p̃or espinhos, & abrolhos. Este he o amor, esta a constancia.

S E X T A.

Non mea, sed tua voluntas fiat.

Cuidarei como o Senhor nesta afflicção dizia a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu

Senhor, se não he peccavel, que se excuse este: Caliz de minha morte, aqui estou, faça-se a vossa vontade, & não a minha.

Considerarei, que se o Filho de Deos, o Morgado do Ceo, o Senhor do Mundo, & o Principe da Glória; só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no Mundo, & nelle foy angustiado, crucificado, & afrontado, que fará hum bichinho da terra, que hontem foy nada, hoje he raõ pouco, á manhã menos, & só pôde ser alguma cousa, quando pendose nas mãos de Deos, se resigna na sua vontade?

O fruto desta hora será a resignação, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se acquire a perfeição de todas; pois se nella não declinarmos, ainda nesta vida com ella gozaremos aquella paz do Espirito, & aquella Bemaventurança da alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

N O A.

Apparuit autem illi Angelus de Cælo confortans eum.

Cuidarei, como estando o Senhor suando gotas de sangue, naquella penosa afflicção lhe appareceo ham Anjo, que o

confortou, dizendolhe o pouco que lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Ceo, o exemplo que lhe deixaria na terra, o amor que mostraria aos homens; & enfim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarei quanto devo suar no serviço de meu Senhor; quanto deve nas lagrimas dos meus olhos ver-se o suor do coração, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulações do mundo, de todos seus póros fez olhos para fazer de todo seu sangue lagrimas, tendo por certo que nam ha de faltar o Senhor com a consolação aos affligidos, ainda q̄ goste às vezes de os dilatar na tribulação, para lhe acrescentar a graça, & o merecimento, & que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quando isto nam fora assim, ainda assim não foraõ dignas todas as payxoens do seculo, de alcançar a gloria que se nos promet e no Ceo.

Será o fruto desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida não temeremos a hora da morte, & entre mil suores de morte nos darà gosto o fim da vida.

Amice,

V E S P E R A S.

Amice, ad quid venisti?

Cuidarei em como o Senhor, sabendo que Judas o vinha entregar, o foy esperar, & lhe chamou Amigo, perguntando-lhe a que vinha, para que confessando-o elle, & arrependido, ficasse logo perdoado.

Nesta consideraçãõ se nos rasgarão logo as entranhas com amor, & admiraçãõ de ver qual he a bondade daquelle Divinissimo Pay; & se verã com quanto amor abraçará aos que o buscarem, se busca aos que o entregão, & chama amigo aos que o vendem; que chamará aos que o adorão; pois parece que as entranhas de Judas se derramãram pela terra, em castigo de se não verterem pelos olhos em lagrimas, á vista de hum amor, que lhe mostrãrãõ humas entranhas de misericordia. Considerarei tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo; a que vim á Religião, aos officios, às dignidades, às fortunas, aos infortunios, á graça, & á natureza.

Será o fruto desta hora, ter hum grandissimo amor a Deos; cuja bõdade incomparavel mais aborrecivel fez a nova culpa, pois atè no tempo das offensas nos poem diante o seu amor, pa-

ra envergonhar nossa ingrati-
dão, & confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidando que vim só a mallo, & servillo, & a obedecello, andarei sempre dizendo: Meu Pay, meu Deos, & meu Amigo, vós meu amigo, & eu fugindo de vós? vós meu amigo, & eu vendendovos? vós meu amigo, & eu afrontando-vos? Eu ao mundo vim a servirvos; à Religião a obedecervos; & emfim a adorarvos: isto só quero, & só procuro; nem vós queirais, meu Senhor, que outra culpa queira nunca, mais que fazer vossa vontade.

C O M P L E T A S.

Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum.

Cuidarei como os Soldados que acompanhavaõ a Judas, prenderaõ ao Senhor, & elle se deixou maniatar, & arrastar atè casa de Annã, com aquella mansidãõ, & humildade de que tanto se prezou sempre.

Considerarei quantas vezes o Senhor ainda hoje se deixa atar as mãos á sua Justiça, & á sua Omnipotencia; deixandose levar na noite de nossa cegueira do poder das trevas da culpa, que se oppoem á luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na razaõ (que isto foy o fazer cahir

for terra a cohorte, nos levantemos contra elle, não só tomando o Ceo com as mãos, mas pondo-as sacrilegaméte no Cordeiro do Senhor; de que se segue endurecerfenos o coração, como a Farão no Egypto; & não reparar, nê m ver cõ esta cegueira, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazello concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas açoens, donde o levamos arrastado, maniatado, & afrontado, até que chegando ao Tribunal da Divina Justiça, nos desterra da luz eterna, pondonos para os sem-

pres dos tempres nas escuras trevas dos infernos.

Será o fruto desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quãto estavamos na culpa pelo poder do demonio, não nos atrevamos contra Deos, a quem não devemos atar as mãos, pois ellas nos fizeram, & dellas esperamos, que se abraõ cada dia para deitarnos sua bençaõ, & encheinos de misericordias, para nos ter da sua mão, & para que pondonos nas suas mãos, nellas se entregue o nosso Espirito.



TERÇA FEYRA.

Coluna.

M A T I N A S.

*A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo
sanitas.*



ECHADAS as portas dos sentidos, metermehei todo dentro na alma, onde correndo a cortina aos segredos do meu coração, verei que elle he a Coluna, em que o Senhor está atado com asperas, & duras cordas; & chegandome maviosamente a elle, olharei com olhos

da alma, o estado em que o puzeraõ minhas maldades; & vendo-o cuberto de sangue, & feito huma chaga viva, morto de frio, & cheyo de afrontas, para ver este espectáculo admiravel, & lastimoso, me assentarei muy perto delle, & lhe direi estas palavras, ou as que me ensi nar o Espirito.

Meo

Meu Deos, meu Pay, & meu Senhor, quem vos chegou a pôr neste estado? que mãos, que alma, ou que penedo se atreveo contra vós assim? A vós immensa fermosura, infinita misericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, fera, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vós chegasse a pôr as mãos? Se dessas mãos, meu Senhor, & Creador, que fizeraõ o Ceo, & a Terra, qualquer que fosse foy feitura; pondeme, meu Deos, os vossos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, & daqui me não quero hir em quanto me quizeres com-vosco, & em quanto vos tiver comigo. E se ouvindo-lhe estas palavras, me deixar o amor, ou as lagrimas escutar-lhe o mais que me diz; parecermeha que elle muy amorosamente me conta a grande afronta, que lhe fizeraõ os meus peccados, antes de o atar á Coluna, em serem as pessoas, que o despiraõ, & o deixárao nũ, fazendo-lhe mil desfacatos, & zombarias.

Será o fruto desta hora, que o cometer eu neste mundo tantas lascivias, descõmposturas, & todas as maldades, que contra a honestidade se cometem, nenhũa outra cousa he mais que deixar nú ao meu Senhor para escarnecello, & açouiallo, & que isto farei sempre que aquillo faça.

L A U D E S.

Cuidarei, que tornando a ver o meu Senhor, & achádo-o no mesmo estado, elle mesmo me vai contando como meus peccados, & maldades do meu coração de pedra endurecido na culpa, fizeraõ a Coluna; onde o atáraõ.

Parecermeha que elle me diz com grande mágoa, que havendo feito o meu coração para Coluna de sua Igreja, desejando dar-lhe valor para vencer seus inimigos, fortaleza para resistir ás tentações, & guardar os seus mandamentos, & para que sobre esta Coluna se sustentasse o Templo da Oração, que he a casa onde elle mora, & os muros de Jerusalem que elle edifica nas Almas; eu o fiz Coluna tam abominável da casa dos vicios, em que os mesmos sentidos moraõ, que como finaes de não poder haver mais vicios, a culpa o fez non plus ultra; dizendo, que não ha passar daqui.

Será o fruto desta hora, não querer ser como Faraõ, que resistindo sempre a Deos, se lhe endurecia o coração; de que se seguiu, que no mesmo Mar Vermelho, onde os bons, como Moyse, acháraõ estrada para a terra de Promissaõ, achou Faraõ sepulchro para a morte da eternidade.

P R I M A.

Cuidarei anciosamente, tornando á companhia de meu Senhor, que elle me conta, como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deu tantos nós cegos, fez cordas a minha liberdade para atar afrontosamente ao Senhor á Coluna do meu coração, quando elle com braços abertos queira fazerlhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecermeha, que o meu Senhor me diz a grande dor que teve, de que sendo hum dos maiores gostos seus, nirse ao meu coração, nam ouve coufa, que mais o atormentasse, que verse entãõ com elle unido, pois esta uniaõ era só para o ferir quem elle amava.

Será o fruto desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o mundo, com que nos prende a carne; são laços; com que nos arma, para que delles façamos cordas, com que atemos a Deos afrontosamente, que elle com as mãos atadas por nossa culpa, nos nam possa livrar dos laços, em que a cada ponto nos vemos.

T E R Ç A.

Aqui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarei que elle assim atado

profegue a historia começada cõ muita magoa, & mansidaõ; & dizendolhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz, que isto lhe fizeraõ meus peccados, minhas potencias, & sentidos, quando mais abraçada com o meu coração, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, & ferros.

Parecermeha, que se não queixa tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dor da injuria que lhe fiz em hũ tormento tam vil, que só se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, & quem sendo todo o seu amor, se prezou de fer a sua afronta, fazendo de vicios taõ torpes aquelles crucis azorragues, que sem piedade o maltratáraõ; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foy hospede do meu coração, por querer deitar fóra della os meus maiores inimigos, a quem eu o entreguei como ingrato, & depois cego me entreguei.

Será o fruto desta hora, estimar muito a honra de Deos, & nam querer enxovalhálla em o menor dezar da culpa, pois cada peccado meu, naõ he contra o meu Senhor hum açoute, que lhe don, mas hũa afronta, que lhe faço.

S E X T A.

TOrnando aos pés do meu Senhor, cuidarei que com muitas lagrimas, & com muy grande sentimento me diz, como depois de o açoutarem por detrás, para lhe fazerem o mesmo per diante, o desatáraõ, & viráraõ, & em seu rosto, & por toda a parte o fizeram huma chaga viva.

Parcermeha, que o Senhor me conta, que neste passo disse-ra a minha alma, & sentidos, que se até então o tinhaõ offendido, que nam era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se pôde cuidar o tempo que elle nos tinha dado as costas, foy todo aquelle que vivimos sem memoria de sua Paixaõ, & sem desejo efficaz de servillo, entregues ao mundo, & ao demonio, que era o mesmo que não dar-lhe auxilios efficazes. Mas que agora que se virava para elles, & que pendolhe os olhos, já se lhe não dava das culpas, pois as deitava para trás das costas, como encobrimdo as, que por seu amor o não aggravassẽ mais, & não quizessem ao seu rosto fazer huma tamanha maldade, como erãõ os açoutes, & afronta, que elle taõ mal lhe merecia; & que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas nam bastando esta brandura, esta pie-

dade, & este amor, lhe fizeraõ mayor agravo, & lhe deraõ mayor tormento.

Será o fruto desta hora, abominar a ingratidão com que offendemos a Deos, depois que se vira para nós com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, & injuria qualquer peccado nosso por mais occulto que se faça, nam tendo menos testemunhas, que todos os Santos do Ceo, que nem sempre haõ de interceder, & que todos os demõnios do inferno, que sempre nos hão de accusar.

Atrevete hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, & de seu Senhor, & vista da Virgem Santissima, & de seus mayores inimigos; o que não fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, & a maldade mais desafortada, que cometem os peccadores, sendo certo, q̄ ou sejamos bons, ou máos, todos andamos na presença de Deos, & diante d'elle se faz tudo, & de o não trazermos diante dos olhos, nem lembrarmos, que nos está vendo, procede todo o mal.

N O A.

Pondome apar do meu Senhor, logo que tornar à Oraçam, cuidarei, que elle me

havia contado muy amorosa, & brandamente, como acabando de açoutallo, começaraõ a escarnecello, de que se lhe seguio o tormento de não ousar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallarlhe palavra com a mágoa que o atravessava.

Parecerme ha, que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, & que eu zombava de offendello, rindome de havello afrontado, & de o deixar escarnecido; pois a troço de que eu o não offendesse mais, receava por me os olhos, que atravessaraõ huma pedra, quanto mais hum coração humano: & por se não arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, & por isto me desse mayor inferno, nam abria aquella boca santissima, de quem o Ceo, & os Anjos pendem, & cuja voz com huma palavra fez todo o mundo, & creaturas.

Será o fruto desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar, quando o offendemos, do muito a que nos arriscamos por não cuidar quando o devemos temer (que isto vem a ser o zombar.) não só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em huma escaça vista de olhos, ou em huma voz ao coração, nos não avise, ou visite com sua misericordia, para que nos meta-

mos por dentro, & o abracemos na nossa Alma, seguin-do-se desta ouzadia ternos o Ceo tamanho odio, & o mesmo Senhor tam má vontade, que parece (segundo nos deixa) que já nos tirou a falla, & já nos não pôde ver dos olhos.

V E S P E R A S.

TOrnando á Oração, & chegando-me ao meu Senhor, o verei estar chorando lagrimas de sangue. E perguntandolhe porque causa; me dirá com muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo que o açoutarão, nam ouve nenhum, que se fosse sem offendello; porrêm acabadas as offensas, nam ouve nenhum que quizesse ficar com elle, por nam lhe ouvir as suas queixas, nem lastimar-se, nem confalalo, todos o desempararão, & deixarão sô

Aqui me parecerá que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dá de mim: todos me deixão, todos me fogem, & eu de todos desemparado; não choro a minha solidam, choro a perdiçam de todos; vejo que vão abraçar o demonio, & q se vão meter no inferno, & não podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixão levar de huma vida, que vai a dar na eterna morte

morte por caminhos sempre difficéis, & por caminhos sempre asperos. Não sejas tu assim, meu Filho, pois te mostro a via direita, chegate muito para mim, poente muito apar destas chagas, para que vendome por ellas as entranhas, & o coração; saibás que es o meu thesouro; pois eu o ponho agora em ti: chegate, & chegate mais, pois eu te chamo, não te recees, pois eu te quero, não me fujas, pois eu te busco.

Será o fruto desta hora, considerar, que depois de atarmos com novas culpas ao Senhor, para que nos não siga, o deixamos para que nos não veja, buscando só aquelles gostos, que delle nos apartão mais, por não ter cousa que nos não doa, ou à vista nos possa dar pena; de que se segue, que ou metendonos de todo no mundo, que he o inferno, totalmete nos apartamos de Deos, se mais nos queremos lembrar de seu amor, & Payxão. E aqui se pôde considerar o mal que faz deixar a Oraçam, depois de conhecer a utilidade que ella tem.

COMPLETAS.

Torrando para o meu Senhor, cuidarêi que o acho tremendo; agonizado; & desfmayado; & vendo que entra em sy, logo que eu me chego a elle,

lhe direi, tomando-o nos braços: Meu Senhor da minha alma, amor do meu coração, ancia dos meus suspiros, meu adorado, & meu bem todo, quem vos poz em tamanha pena, que vos causou tamanha dor, que já me não fallais, meu Rey, que já me não olhais, meu Deos? Que he isto, amor dos meus sentidos, vós sem alento, & eu com animo? vós tão defunto, & eu com vida? vós desfmayado, & eu com alma? E dizendolhe tudo o mais que o coração quizer, farei por me unir muito com elle, por defatarlhe as cordas dos braços, & lavarlhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecerlhe melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerá, que deitando-me aos seus braços me agradece que assim o solte, ainda que queixandose de que achandose tantas vezes atado, não me pedisse o coração tirarlhe aquellas prizões; & que vendo-o morrer de frio (que isto sam as friezas do amor de Deos) me não desse na vontade abrigallo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, mãos para o defatar, & asas para o acolher.

Será o fruto desta hora, entender que todas minhas friezas de Espirito sam o frio, que o Se-

nhor padece, os delcuidos do meu amor, as prizoens que atão ao meu Deos, & que logo que as friezas se acabem, & os delcuidos se percão, se me acenderá o coração de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendo-o sempre no sentido, que nam será difficuloso sentir na Alma aquelles fogos do Espirito Santo, por cujos incendios suspire.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, não deixo ló nem hum instante, ou escutando-o, ou respondendo-lhe, & sempre em hum vivo movimento de feu amor estar amado-o, & abraçando-o; & se não puder dar a Deos mais que húa hora, cuidarei o seguinte.

Considerarei, que sendo o coração fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a Natureza treição à Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, atãrao ao meu coração, cuja dureza impedida o tinha convertido em columna de marmore, com as cadeas de meus vicios, onde sendo meus peccados azorragues, & minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do

mundo, a Magestade do Ceo, & o mimo da Bemaventurança; mas hindome mal com meus vicios, & vendo como me perdias nas mãos do Mundo, & do demonio, tomãdo ao meu Senhor, & tirando-o daquella pena, pedindolhe muitos perdoens, & chorando emfim muitas lagrimas, lhe tornei a dar o dominio de suas fortalezas, deixando fóra seus contrarios, & meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas por onde possa entrar dentro, pondo em defensão tudo o mais por onde possa dar-me assalto, lhe pedirei posto a seus pès, que para poder resistir, & defender-me em feu nome, me não falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley, se ponhao nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda, nos muros do entendimento a cintinella da Oraçam, na homenagem da Alma as bandeiras de sua Fè, nos armazens da memoria as muniçoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de feu Amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle pôde mandar, abrazados os inimigos, & eu acefó em divinas chamas, nam só mortifique a carne, mas fazendo fugir o demonio, ponha por terra todo o Mundo com as cargas da Penitencia, que para o inferno ruí-

na, para mim defensão, para o Ceo salvas se repete muitas vezes, não só nas trincheiras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

Q V A R T A F E Y R A.

Ecce Homo.

M A T I N A S.



RECOLHIDO o meu coração, me parecerá, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Jerusaleem, coroada a cabeça de espinhos, com hum purpura ridicula, & com hum cetro vão de cana, atadas as mãos, o corpo cheyo de feridas, o rosto afrontado, injuriado, cuspid, & desfigurado: assim o Eterno Pay mostrando dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, & aos Ministros, & Pontifices de minhas potencias, & sentidos, diz a todos, que alli tem diante dos olhos, a quem ferirão, & maltratarão meus pensamentos com espinhos, minhas lascivias com agoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ousadia com falivas, minhas solturas com baraos, & minhas ostentações com purpuras.

Parecerme ha depois disto, q̃

pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois se lhe escusará a morte, escusando elles a culpa. E todos responderão: Crucifica-o, crucifica-o. Com o que entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, pasmados os Anjos, & confusamente admirados os Elementos, & Criaturas, ficarão suspensas naquella maldade minha.

Será o fruto desta hora, crucificarmos ao Mundo nossos sentidos, & potencias, pois se atreverão impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificaçam não andamos seguros na terra, & q̃ he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos fação dor, andarem as nossas mãos atadas como quem vay ao sacrificio, & vestirmonos de paciencia contra as zombarias do Mundo, fazendo nos com a paciencia hũa imitação do Corpo de Christo, que todo estará em chaga,

L A U D E S.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me parecerá que me diz o Eterno Pay: Eis-aqui tens a quem condemnas, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; & me repete: Esse he o homem q̄ persegues, porque tão outro o deixaráõ os açoutes, & feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, & as minhas culpas conhecessem, que era quem eu, & ellas accusavão.

Aqui considerarei; que se o Filho de Deos por amor de mim chegou a parecer tão outro, que parecia peccador, pois em hum castigo tão cruel mostrava que me he necessario tomar a sua innocencia, & parecer Filho de Deos, para que com esta troca, sendo muy outro do que fui, nada me fique do que sou.

Será o fruto desta hora, huma grande mudança de vida, para que com São Paulo possa dizer, que já não sou eu, mas que sou o Crucificado, & que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, & o morrer he toda minha gloria.

P R I M A.

MEtendome no meu coração, me parecerá que

acho nelle o meu Jesus, na mesma figura que antes, & que em chegando a elle, me diz estas palavras muy amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus máos pensamentos; se depois de meter debaixo dos pés a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zôbar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleytes, ainda me queres pôr na Cruz, & me não perdoas a morte, eis-me aqui, faze o que quizeres; eisme aqui tens, não me perdoes; eisme aqui tens, afrontame, & crucificame; porque apparelhado estou para entregarme em tuas mãos, & fazer a tua vontade.

Aqui considerarei, que todas as vezes que estou para cometer alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que já de meus pensamentos vem ferido, & de minhas obras magoado, mais que pôrse diante de mim, & dizerme: Filho, eis-me aqui, se sobre o que te hei soffrido me queres crucificar agora, eis-aqui me tens, poem-me na Cruz, que isto he para mim outra culpa.

Será o fruto desta hora, ficar com hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tenção são utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidão, & brandura, com que parece que aos mesmos aggravos

se entrega, & nam se escandaliza.

T E R Ç A.

TOrnando dentro a minha alma, & vendo ao meu Senhor muy triste, lhe perguntarei com amor: Meu Deos, meu Amor, & meu Senhor, alegria dos meus sentidos, & sempre gloria de minha Alma, quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que já não acho em vossos olhos a graça com que me vião?

Parecerme ha, que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravaõ hoje os maos, que os que devião ser bons; pois acho mayor piedade nos meus deixados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, & o meu Povo mimoso não cessa por me tirar a vida. Vê tu, se as entranhas de hum Deos, que são tudo misericordia, deixarão de se despedaçar, metendo no coração estas viboras.

Será o fruto desta hora; considerar que as offensas que Deos sente, são mais as dos seus recolhidos, pois não he muito que não corra ao mar quem nasceo lagôa, mas que contra a ordem natural não corraõ a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, & inclinação, & a natureza; este he o mayor espanto.

S E X T A.

Regnum meum non est de hoc mundo.

ENtrarei no meu coração, & vêdo o meu Senhor coroadado de espinhos, com hum cetro de cana, & com hum purpura de escarnio, lhe direi: Meu Deos, meu Rey, & meu Senhor, que insignias são estas tão estranhas de vosso Imperio, & Magestade? Não fois vós o Senhor do Mundo? Não fois vós o Principe da Glória? Pois como he isto, meu Senhor, que não entendo esta figura em que vos vejo tão mudado?

Parecerme ha, que me responde: Filho, o meu Reyno não he como os do mundo; nem quem quizer reynar comigo ha de querer os Reynos da terra; que nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter coroa de Martyrio; o seu cetro ha de ser zombaria do mundo; a sua purpura desprezo; tão pouca cousa sam esses thronos, de que o mundo faz pertença, que quem os nam tem por mais ocos que a cana, por mais despreziveis que a purpura, por mais asperos, q as espinhas, de Rey se fará escravo, & não menos que do demonio, & se já atormentado no inferno para toda a eternidade.

Será o fruto desta hora, hum
efficaz

eficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para que delle só nos fique hum vivo, & certo conhecimento, & defengano, com que zombemos da mentira, com que nos douram suas quimeras, & não entremos na farça, com que passam suas figuras.

N O A.

TOrnando á vista do meu Deos me parecerá que o acho muy dolorido; & perguntandolhe o que tem, imaginarei que me diz, que não sente tanto a dor que lhe fizerão as espinhas, a zombaria que se lhe fez na cana, & a vergonha que lhe causou a purpura, como a que elles significão.

Para o saber, considerarei, que os espinhos crão de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a Cana, a planta que deita mais raizes na terra amaldiçoada pela culpa; a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que não tem memoria: & apartarse tanto do lugar da Graça, quem offende o seu Senhor, deitar tantas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, & não ter memoria da morte, que dos seus despojos faz gala; isto he o que Deos mais sente, pois por não haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida figurada no sangue da purpura; por se meter pela terra

dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no cetro de cana; & por se pôr muy longe da Graça, se culpa a maldade do Mundo.

Será o fruto desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hum leve descuido da Payxaõ de Christo nos arrisca a vida do Espirito, huma vã presumpção do mundo nos faz perder o Ceo, metendonos por dentro do inferno aonde se prendem as raizes da vangloria, luxuria, & de toda a vaidade humana.

V E S P E R A S.

MAndando a todos meus sentidos, que dentro na minha alma vão fallar com o meu Senhor, me parecerá que o acho chorando naquella figura lastimosa, com que a qualquer memoria minha diz: Eisme aqui; & perguntandolhe com muito amor, porque chora com tanta mágoa, imaginarei q me diz: Filho, tu es a causa de meu pranto, porq tu es como Pilatos, que depois de não achar razam para offender-me; depois de querer que outros muitos me não aggravem fazendo muito por servir-me; depois de perguntar-lhe muitas vezes que mal lhe fiz, & em que pequeei, perdes quãto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum me-

do vil de perder os bens da terra, & de faltar ás razoens de estado do mundo, temendo mais aos homens, que a Deos, para perdes o animo, com que poderas agradarme de todo, & subir ao estado da perfeição; sendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para quem só faltava hum passo, te precipitas ao inferno, onde não ha remedio; & enfim vens a perder tudo por huns nadas, que faltam, & que deixas de vencer, por querer antes a Deos afrontado, & a teu Senhor em huma Cruz, que a Cesar offendido; isto depois de confessares que não tinha causa alguma.

Será o fruto desta hora, conhecer quantas vezes pelas amizades dos homens, & pelos respeitos humanos, perdemos o respeito a Deos, & a amizade do Senhor; & quantas vezes por não perder as Dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar à perfeição, por não chegar a dar mais hum passo no caminho espiritual. Servir-nosha esta consideração, que he utilissima, de esperar a razão; & a resolução para exercitar o valor do Espirito, com que sem medo de nossos inimigos devemos servir fielmente ao Senhor.



COMPLETAS.

Restituindome ao meu Deos, para acabar com elle o dia, me parecerá que o vejo com a mayor dor que nunca; & perguntandolhe o que tem, imaginarei que me diz: Filho, sendo tanto o que me viste sentir atégora, não tem comparação com o que agora sinto; pois entregarme Pilatos aos Judeos, conhecendo que não tinha causa, máo he; mas era barbaro. Entregar-me contra sua vontade aos Judeos, não he bom; mas era homẽ. Entregar o seu Deos ao demonio, peyor era, mas era Idolatria. Porém fazendome esta afronta, & conhecendo esta injustiça, lavar as mãos deste feyto, isto he o que mais me agrava, pois se ficou tendo por justo. Assim que tu me offendesses, bem que me tivesses por justo, não era muito, se eras necio; que contra teu gosto outras vezes seguisses a razão do mundo, não to estranhei, porque eras homem; que idolatrasse loucamente a minha offensa, & teu engano, eu to sofri, que andavas cego; mas que pondome em huma Cruz, ou consentindo-o, que he o mesmo, que confessando que era culpa o que se fez porque o quizeste, que conhecendo a liberdade que tinhas para não peccar, que entregan-

de me

dome meus inimigos (isto he, aos vicios, & peccados) que assim me afrontam, & atormentaõ, fazendo isto a mãos lavadas, te imagines muito innocente, & te pareça que es hum Santo, isto me corta o coração, isto me atravessa as entranhas.

○ Será o fructo desta hora, ternos sempre por peccadores, & não por justificados, pois em huma breve complacencia com que nos entregamos aos vicios, entregamos à Cruz a Christo, fazendo em nós o mesmo qualquer payxaõ mortificada mal, ou qualquer graça resistida a terse por santo, & por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; já faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, & deseяando summamente não impedir o mal, lhe faz perder todo o bem, & cometer este peccado; tirarei daqui, que não he menor mal o bem que deixo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora tomallo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallar-lhe com o coração, & responder-lhe com as entranhas, & tirar-lhe da cabeça os espinhos, cõ lançar fóra os máos pensamentos, tirar-lhe a cana da mão, com pizar a nossa vaidade,

despinde-lhe a purpura dos hombros, com chorar muito a sua afronta, de que hum tempo fizemos gala; & desatandolhe as mãos com desembaraçarnos do mundo, para pôr nas suas mãos a nossa vontade, faremos por gastar todo o tempo em hum ardente fervor do Espirito, em huma pasmada admiração; em huma perpetua acção de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, & implorando suas piedades, depois de nos doermos com elle de suas Chagas, & feridas, & depois de apertar-lhas com a alma; sendo os seus braços ataduras, & curar-lhas com o caustico de hum vivissimo, & ardente amor, lhe pediremos, que por esta coroação, & à honra della, nos conceda, que ponhamos na alma esta insignia como coroa de victoria, & como sinal de triumpho contra todas nossas tentaçens.

Quem não tiver mais que hũa hora, cuidará que a nossa alma he Corte; o coração Paço, a memoria Throno, a vontade Valido, o entendimento Confelheiro, os sentidos Ministros, & o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, & obedecem por Ley natural. Mas rebellandome contra elle, por entregar ao demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coração, onde o Senhor sempre morava, estimando-o como seu Paço,

conju:

conjurandome com todos os vicios, o preendi, atei, & afrontei, & depois de açoutallo à Coluna para zombar do Rey Eterno, lhe dei coroa de tormento, cetro de zombaria, & purpura de escarnio; & mostrando de dentro do meu coração a todas as culpas, & vicios, que o cercavaõ por toda a parte, lhe di-rei o estado, em que o puz, & se querem que o crucifique. Mas tornando em sy a razaõ, & dizendome o entendimento a grã-dê trayção, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato correspondia a quem me tratou tão benigno, &

em quanta afronta tinha posto o Senhor dos Coos, & da Terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos castigos que merecia, estalandome o coração, & fazendoseme em pedaços, calia sobre todos meus vicios, que enterrados nesta ruína, & afogados em hum mar de lagrimas, acabem subitamente, ficando eu aos pès do meu Senhor, pedindolhe nuitos perdoens; & restituindome elle aos sobreditos ministerios, tornarei mais eficazmente a servillo, como a meu Pay, como a meu Deos, & meu Senhor.

QVINTA FEYRA.

Com a Cruz ás costas.

M A T I N A S.

Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariae, locum.



DARECER MEHA, que acordado a minha Almã dô sono do descuido aos gritos do coração, que sendo para o Senhor rua de Amargura, o vê passar com a Cruz ás costas, vai tambem ver este espectáculo, & a poucos passos com que o busca, o acha dentro

em sy, mudada a cor, perdida a fórma, cheyo de sangue, & feridas; com cordas nas mãos, & garganta, & na mais lastimosa figura que he possível imaginar-se; & virandose para mim, cuidarei que me diz estas palavras, & seráõ a meditação desta hora.

Filho: todos no mundo, ou
me

me seguem; ou me perseguem; seguem-me os que imitando-me, não só tomão, mas abraçaõ a sua Cruz, conhecendo que sem ella se não pôde chegar ao Monte da Oraçaõ, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por afronta, & não se atrevendo a soffrella, passaõ leve, & gostosamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, não hey de entrar no Ceo sem Cruz; como tu, sendo peccador, cuidas que entrarás sem ella no Ceo? Se te prezas de meu discipulo, se queres seguirme, & salvarte, toma, toma tua Cruz, & vem atráz de mim, & não busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonhate Peccador, de que havendo tantos que me sigão com Cruzes tão pezadas, receas tu hũa tam leve, que só peza o que te peza de verte o mundo atráz de mim. Tiveste valor lá no seculo para arrastar briosamente o pezado jugo da culpa, & faltate hoje coraçãõ para levar sobre teus hombros huma tão leve Cruz de cana? Envergonhate servo inutil, de que servisses ao demonio com mais cuidado que a teu Deos, & de que haja tantos no mundo, que soffrão mais por Sa-

tanãs, do q̃ tu pelo teu Senhor. Segueme, meu Filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que podes ter nesta jornada, & não cuides de mim tão pouco, que sobre tuas forças te darei Cruz com que me sigas.

Será o fruto desta hora, conhecer, que para salvarme, & ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, & com que imite os seus passos, que não só se derão para meu remedio, mas para meu exemplo, & para conhecer esta Cruz, quando eu a não tenha nos preceitos q̃ guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra cousa, com que o Senhor ma dà claramente, poderei crer que a tenho, como *San Paulo*, em toda a grande tentação que tenha; & quando estas me faltem pela misericordia de Deos, a poderei fazer na navegação das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppoem à Graça, & ao Espirito.

L A U D E S.

Desejando seguir ao meu Senhor, ainda que me seja pezado entrar em Oraçaõ, disto farei Cruz para o acompanhar; & entrando dentro de minha Alma, o verei acompanhado de dous Ladroens, que tambem levam suas Cruzes. Aqui me pa-
recerã,

reçerá que pondome o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os máos também tem Cruz, & muitos deltes mostraõ ao mando, que me seguem, mas com muito grande differença, que estes vem comigo para me afrontar, & para se perder, se alguma rara contrição não faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu reparto com meus amigos. Vê tu agora se te convem ser destes, se daquelles; & se havendo de ter Cruz no mundo, te convem tella para fazer della escada para o Ceo, ou para descer por ella para o inferno. Olha tambem não te enganes com a tua Cruz, porque em te sendo pezada, he final que não he boa.

Será o fruto desta hora, conhecer, que não basta ter Cruz, se a Cruz não he boa: pois tambem as Cruzes dos Ladroens erão Cruzes, mas não eraõ como as de Christo; & para o saber, examinarei se ma deu o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. **A** primeira he Cruz do demonio, a segunda de Christo; porque nisto se declarão as palavras, com que o Senhor quer que a levem: *Tollat*, &c. tomando cada hum Cruz, que seja sua, & não dada por outro; porque também esta levase ipor força, aquella por vontade.

P R I M A.

TOmando pois a minha Cruz, & seguindo a meu Senhor de todo o meu coração, o verei cahir muitas vezes lastimandose magoadamente nas pedras duras do meu peito, & levantandose logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, & de me seguires, cahires, trata de levantarte depressa, & de hir adiante, porque se assim o não fizeres, tornando para trás, he certo que deixas o caminho do Ceo, & se te detiveres muito, chegarás tarde, & não poderás subir ao Monte, onde eu te espero nos meus braços. De nenhuma maneira desconfies, quando cahires; entende que te atrazaste muito, & que já nam poderás alcançar-me; porque se a tua queda for mais fraqueza, que vontade, & mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sei, que se tu me amas; nestas quedas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, & com que apresses mais o passo. E se vês, que em mim cahe a natureza com ajudalla a Divindade, porque cuidas que não cahirá em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muitas vezes, quanto mais os que sam peccadores? & ha nisto só a differença,

terença, que os bons cahem de inadvertencia, & os perversos por sua malicia. Se desces, que muito he que te humilhes? & se sobes, que muito he que cançes? com tudo o que maiste importa, he levantarte, & hir adiante, que aqui estou para darte a mão, & para levarte nos meus hombros, quando não poderem os teus.

Será o fruto desta hora, e conhecer, inda que me veja cahir, que o que convem, he não parar; & chegandome ao meu Senhor, que he certo que me espera com sua misericordia, pedirhe humilde, & amorosamente, que me perdoe minhas culpas, pois sabe aminha fragilidade, & conhece qual sempre fui, pois o que tenho bom, he seu, & só meu, o que em minha mão; porque de outro modo, afastandome da Oração, & da conversação do Senhor, he sem duvida que me entrego a meus inimigos, & me ponho delle tão longe, quanto elle vai para diante, & quanto eu torno para traz.

T E R Ç A.

Filie Jerusalem, nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros.

Tornando aos passos amargos com que sigo a meu

Senhor, me parecerá, que virandose o Senhor para todos os devotos de sua Igreja (que disso he figura Jerusaleem) os começa a ensinar, & advertir, que não chorem só porque querem, senam por obrigaçam que era devida.

Considerarei, que bastão às vezes duas lagrimas, & qualquer devoção, com que sigamos ao Senhor, para que vire para nós os olhos de misericordia, & nos ensine e cõ as palavras, assim como com as obras, & nos advirta o melhor modo, com que o podemos servir. Aqui veremos tambem como não falla com outros mais que com as filhas de Jerusaleem, sendo que (como diz Caictano) muitas outras o acompanhavão, & lamentavam tambem. E a razão he; porque a turba, que pedio que o crucificasse, era indigna de fallarhe Deos, & às mulheres de Galilea não tocavaõ os ameaços, que Christo fez às do seu Povo, que havia de ser destruído pelas culpas, que cometia. Isto finalmente vem a ser, que chorassem por seus peccados; porque parece q nam quer o Senhor dar castigos, sem ensinar os meycos de achar sua misericordia, como agradecido àquellas lagrimas, que para o seu amor são perolas, se do fundo do amargoso mar da penitencia se tirão das conchas do coração.

Será o fruto desta hora, chorar interior, & exteriormente por nossas culpas, & peccados, nam lagrimas, que por compaixam tenham nos olhos juntamente a sua origem, & o seu fim, mas que nascão do coração as raizes amargosas da contrição, & da penitencia, onde ellas tem a melhor fonte, & o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro; por ellas se não soverteo Ninive; por ellas foy Santa a Magdalena; & as mais conversoens das Almas começarão nesta agua mysteriosa, onde se tempêrão as almas da Justiça divina, & se forjaõ os rayos de seu divino Amor.

S E X T A.

ENtrando na Oraçam, me parecerá que vejo o Senhor na mesma figura hinos continuando os avisos, quando nos faz ameaços, dizendo, que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justicias no Innocente, que se fará no Peccador, quando no dia do Juizo apparecer no Tribunal da divina Justiça.

Aqui considerarei, que devo não ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor, q̄ assim o veria no dia do Juizo, nam se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que então se lhe representavão feitas a Deos, rasgaõ os vestidos, & não

o c oração, mostrando que lhe nam passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçarão as entranhas, vendo a grande conta, que darão neste terrivel dia aquelles, que tão pouca fazem no mundo da muita que hão de dar em o Juizo, lançando os mais delles tantos temerarios sobre o viver dos outros homens, & tal vez mais justificados. E aqui farei porque se me represente qual será o fogo do inferno nos madeiros secos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verci tambem como este dia será tão horrendo, & terrivel o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista, que os tormentos, pedirão aos montes que os cubrão, & aos outeiros que os escondão, sem q̄ lhes valha então o medo, pois lhes nam val agora o Juizo.

Será o fruto desta hora, a consideraçam do dia do Juizo, & daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das nuvens ha de apparecer o Senhor, por cuja causa todos os culpados do mundo faremos por esconder os olhos, & nam lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem meternos nas vidas dos outros, julgandonos sempre a nós mesmos nos exames da consciencia, que devem ser a cada hora, & quando menos cada dia; & cada

hora pôde chegar a derradeira ; onde o nosso dia do Juizo he o nosso ultimo dia , que nam só poderà ser o de à manhaã , porèm tambem o dia de hoje , daqui a pouco , logo , ou já , & não convem que vivamos em estado em que nos peze de morrer.

N O A.

Tornando a ver o meu Senhor na amargura do meu coração , & nos passos da minha Alma , se me representará aquella Mulher devora , que com huma toalha branca alimpou seu santissimo rosto , cuja figura lastimosa lhe ficou impressa na toalha.

Considerarei , que assim deve fazer a minha memoria , chegando-me muito ao Senhor , & limpandolhe seu santissimo rosto com huma purissima intenção , onde me fique o seu retrato ; envergonhandome muito , de que na lamina de huma Alma se não pinte tão vivamente , & que nem ainda de morta cor pinte como quer o coração ; & entendendo que à falta de pureza , que na brancura se declara tudo o que neste debuxo faltar aos meus sentidos , farei muito por lavar com lagrimas as manchas , que os afearem , esmerandose a consciencia em toda a limpeza de Espírito.

Serà o fruto desta hora , o co-

nhecer quaõ util me he a memoria da Payxaõ de Christo , pois he certo , que esta se não imprime senão em almas muito puras , onde já fica o seu retrato , quando nem por sombras achamos em outro retrato bons pertos ; & quando do rosto da culpa só nos parecem bem os longes.

V E S P E R A S.

LEvandome a memoria do meu Senhor a ver os passos , que dá na minha Alma , & vendo-o hir taõ magoado , os hombros feridos da Cruz , o corpo cahindo de fraco , os olhos mortos de tristeza , o cabello cheyo de sangue , a boca toda denegrada , a feição toda demudada , a respiração afogando-se , os pés cortandose , & trocandose , me chegarci a elle com grande amor , & mágoa do meu coração , & lhe direi : Meu Creator , meu Deos , meu Bem , & meu Senhor , ponde aos meus hombros essa Cruz , descarçai aqui nos meus braços , que tempo tendes para os passos , a que meus erros vos obrigaõ ; sinta eu tambem o tormento , pois que foy minha a culpa . Reparti comigo essas dores , pois tam benigno , & amoroso me dais vossos merecimentos ; nam venha eu aqui só a vovos , venha tambem para aliviarvos ; não seja isto só a olhar , seja tambem a sentir ; &

pare-

parecermeha que me responde.
 Filho, todos os meus passos
 são para teu remedio, todos os
 teus devem ser para meu servi-
 ço, & ainda que te pareça que
 mo fazes em me deter, & aju-
 dandome, nam te convem em
 que pare em remediarte, nem
 que tu pares em servirme; im-
 porta que te nam detenhas, nem
 no teu bem, nem no teu mal;
 de passo has de hir por huma vi-
 da que se acaba a cada passo; &
 assim como os males do mundo
 se nam devem temer, porque
 todos são transitorios; assim os
 bens se nam devem estimar, pois
 não são permanentes. Não tens
 grande amor à Cruz, se no me-
 yo das amarguras queres a glo-
 ria de meus braços; as suavida-
 des, & os gostos, que assim de-
 seja o teu Espirito; são fraque-
 zas do coração, que namatura-
 os seus rigores; trata agora de
 padecer, que he o que mais te
 importa, & nam duvides tanto
 de ti, nem de mim, que ima-
 gines que te hei mister; cuida
 que me has mister a mim, & que
 esse amor com que me buscas,
 esse valor com que te sentes, he
 só aquillo que me eu meto por
 dentro do teu coração; faze por
 nam desfalecer, porque ainda
 não chegastes a subir o que te
 falta para a morte. Vem, que en-
 tão quero q me ajudes, & ao me-
 nos que não desmayes, pois não
 sobem a estar comigo, senam os

que tem muy grande animo;
 huns coraçãoes tamanhos, que
 nam cabem em todo o mundo,
 que passem da Terra; & do Ceo,
 em quem ao menos caiba tudo
 quanto eu desejo meter nelles;
 são os que eu sómente estimo,
 para depositar meus thesouros,
 & para occupar meu amor; ago-
 ra segue-me, conhecendote por
 inutil; louvandome por miseri-
 cordioso; amandome por minha
 bondade; & pedindome o que
 te convem.
 Será o fruto desta hora, con-
 hecer que toda a vida he hum
 passo, & se o Senhor sem parar
 na Encarnação os deu do Ceo à
 Terra; no Nascimento; do ven-
 tre ao Mundo; na Redemp-
 çam, do Horto à Cruz; na con-
 sumpção, da Cruz à morte, não
 devemos nós de parar detendo-
 nas penas ao Senhor; & deten-
 do nos na consolação; antes pre-
 parar as consolações para toda
 a guerra do Espirito, conhecen-
 do em suas batalhas, que todas
 se se vencem, nós dão coroas;
 que o Senhor se communicas
 Almas muy magnánimas.
COMPLETAS.
Parecermeha, seguindo na
 Oração a meu Deos, que o
 vejo subir ao Monte Calvario,
 onde no ultimo passo nam para
 para descancar; senão para
 mais padecer, pois tirandolhe a

Cruz para o crucificar, arrancando-lhe com a túnica a carne que se lhe pegára; não só com o sangue das feridas; mas com hum mar de fuor de sangue; depois de a darem aos soldados, e onde ao peyor cahio em forte; e o mandaráo deitar na Cruz; para que nella lhe tirara a vida. Considerarei neste passo o que succede aos perfeitos; a quem o Senhor subio a mayor grão da Oração; pois nam havendo mais que subir, não paraão para descansar, e senam para mais padecer; nem cheção à contemplação; senão para mais sentir; tendo o mesmo que fazem então; despirrenam só de tudo o que levão do mundo; mas juntamente de si mesmos; sentindo então a mayor Cruz; até se lhe acabar a vida, como se vio nos Apostolos; & o testemnhão outros Santos.

Será o fructo desta hora; não de sejar chegar ao alto da Oração; & ao ultimo passo da perfeição pelo premio que se nos promete; senão por imitar nella a hora Christo; desejando padecer por elle; & por todos os máis do mundo, a troco de que a sua bondade tenha misericordia delles; & veja em nós, que o seguimos; desejando mais a gloria de seu nome; que a nossa Bemaventurança.

paracestencia que me responde. Filho, e os seus passos.

Melhor que tudo isto será o tempo fallando-lhe com o coração; e sem parar nas grandes amarguras que tem os passos deste Mundo; e fazendo com grande fervor do Espirito; porque a Alma se não desmaye até chegar com o Senhor ao Monte; figurado mais alto estado a que se chega nesta vida; pedindo-lhe, que assim como pela culpa de o crucificar o foy Jerusalém assolada; namificando pedra sobre pedra; assim permita, que assolando eu com os auxilios de sua misericordia; toda a Cidade de meus vicios; & o povo de minhas culpas; nam fique de ellas mais que as memorias para chorar; & as ruinas; nam para as sentir; mas para edificar sobre todas o Templo sancto da Oração; onde só morem as virtudes; & hum grande desejo de se emendar.

Quem não tiver mais que hum hora; poderá se seguir; ter a Oração seguinte.

Consolarelhe que levantando se da culpa; pelos passos da penitencia vai buscar o seu Espirito pelas ruas.

rúas de sua memoria, & por toda a parte dos sentidos, que se tem feito Babylonia mais que terra de Jersalem; & ouvindo as lagrimas, & os ays com q̄ se lamenta o meu amor, q̄ vai pelas minhas entranhas, suas pára elle de amargura, com a Cruz de meus peccados, voltando para ver se o figo, detendo-se para ver se olho, & cahindo para ver se o alcanço, deixádo, só por morrerme, em suas pègadas o sangue, em seus eccos os meus avisos, & até em hum lenço o seu retrato; o busco no Monte Calvario, aonde o acho pondo-o na Cruz, & onde ainda as minhas offensas lhe estam tirando as vestiduras, ao mesmo passo em que se queixa, que assim lhe queira tirar a tunica quem lhe não quer tirar os espinhos. Aqui vendo-o banhado em sangue, cheyo de mágoas, & de

afrontas, & de ancias, tormentos, & afflicçoens, me parecerá, que doendo-se a Alma do muito que o magoou a vontade do q̄ o offendeo, & os sentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os sentidos em suspiros, o arrebatão aos meus braços, & livrando-o das minhas culpas, que confundidas se apartão de mim, fazendolhe leyto do coração, o deita nelle a minha emenda entre os lançoens da castidade; correndo logo as cortinas ao segredo do meu amor, me ponho a seus pès com mil lagrimas, pedindolhe muitos perdoens; & prometendo eternamente de antes perder a vida, que a Fè, de antes querer a morte, que a culpa, fazendo muito a toda a hora por ver se com o fogo do Espirito Santo se purificaõ minhas maculas, ou se com suas lavaredas se acende, & arde o meu Espirito.



SEXTA FEYRA.

Crucificado.

M A T I N A S.



EM acordando esta hora, entrarei no meu coração, que me parecerá Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em q meus peccados crucificão a meu Senhor, pondolhe por pregos nas mãos toda a crueldade das más obras, & por cravos nos pés toda a detença nos mãos passos; dandolhe por vinho mirrado a corrupção de minhas palavras, que para o meu Senhor foraõ o peyor fel, & vinagre. Aqui considerarey, que em quanto o crucificáraõ, lhe passáraõ muitas vezes com os pés por cima do rosto, & fazendolhe mil afrontas, a nenhuma mostrou irarse, antes a todas sobmeterse.

Será a minha meditação, não só a paciencia do meu Senhor em tormentos tão infofríveis, mas aquella humildade admiravel, com que debayxo dos pés dos homens, & dos homens mais vis, & baixos, pois erão verdugos, & algozes, se poz o Principe dos Ceos, a Magestade Di-

vina, & o Senhor universal do Mundo. Aqui cuidarei, que olhando para mim, & fallando-me com o seu silencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito à minha custa te ensino, mas se ainda nam acabo comtigo quanto quero, que muito he que faça quanto posso? E ainda, que tão cruelmente me ates as mãos para te nam fazer beneficios, quando ellas estão mais prezas com este meu sangue, mais solto a teu remedio, & teu aviso. Olha, & adverte este espectáculo, que para os Anjos he assombro, para os Elementos pasmo, & para teus enganos riso; aprende delle esta humildade, em que ves ao Senhor do Mundo, a Divindade de Deos, nam só aos pés dos peccadores, mas pizada dos mais perversos, feita desprezo das infamias, & zombaria das injurias. E será bem que vendo isto, te prezes de soberanias, altivezas te desvanecão, & honras, & aplausos te dem gosto; tu que es sómente hum pó unido, huma vivente

corrup-

corrupção, & hum pouco de lo-
do animado? Tu cujos antes fo-
raõ nada, cujos agora são hum
ponto, cujos depois haõ de ser
cinza? Tu em fim hum bichi-
nho vil, te queres ensoberber-
cer, sem ver que todas as crea-
turas devem armar se contra ti,
por quantas vezes te atreveste
contra o teu proprio Creador?
Ora, Filho do meu coração,
tu nam te queiras castigar, pois
te procuro advertir, & menos
te quero perder, pois vim ao
mundo só a salvar-te. Envergo-
nhate de que no mundo, onde
ha tantos melhores que tu, os
queiras envergonhar, & a Deos,
mostrando nessa vaidade, que
es melhor que eu nesta virtude;
pois parece que me reprehendes
de que nam sei parecer Deos, &
que queres emendar isto com
ensinar-me a Divindade: esta foy
a primeira culpa, & a mayor de
todas as outras, que em casti-
go de sua vangloria fez cahir os
Anjos no inferno, por querer
erguerse à mayores com a mi-
nha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz
faço hoje a Cadeira para te en-
finar as virtudes, se pertendes
ser meu Discipulo. O A, B, C,
he a humildade, & por isso he
o fundamento de toda a sabe-
doria: se queres por mestre a
Lucifer, a soberba he o non plus
ultra, donde nam poderas pas-
sar mais que à tua condemnação,
& aos castigos de minha ira.

Será o fruto desta hora, co-
nhecer, que sem humildade nin-
guem edifica no Mundo, nem
funda bem para Deos a casa da
Oraçã, & que deve ser verda-
deira, & nam de humas falsas
humildades, que com rosto de
reverencia dão muitas vezes co-
stas a Deos, & vestidas de hipo-
crisias, se vê que são refinada
soberba, pois se servem de mo-
destia em quanto as honra a cor-
tesia, & descobrem o que sam,
logo que a contrariedade as pro-
va.

L A U D E S.

*Factus obediens usque ad
mortem, mortem autem
Crucis.*

TOrnando a pôr os olhos da
Alma no meu Senhor posto
na Cruz, considerarei a mansi-
dão com que entregandose aos
algozes, obedeceo aos Decretos
de seu Eterno Pay, sem que no
meyo dos tormentos se lhe visse
hũa repugnancia, ou se lhe ou-
visse hum queixinha.

Será a minha Meditação ne-
ste discurso, ver que obedecer,
& queixar nam se compadecem;
resignar, & nam consentir, naõ
se podem juntar; & se o Filho
de Deos, a mesma innocencia,
se fogeita aos castigos da culpa;
se o Senhor, o Entendimento
Divino, obedece à vontade de
seu Eterno Pay, & ainda à von-
tade dos homens: nós os misce-

raveis, & neteios, os que nos fogeitamos à culpa, que razão teremos de não obedecer à razão, de nos não fogeitarmos aos mayores, & de nos não prezarmos de subditos, quando na mesma natureza obedece o Norte a huma pedra, se fogeitão ao Mar os Rios, se humilhaõ ao Leão os brutos, se entregão estes ao Homem, que deve fogeitar-se áquelle, em cujas mãos poz Deos o Mundo, & que em fim sendo superiores, representão ao mesmo Deos?

Será o fruto desta hora, exercitar obediencia, não só aos nossos mayores, mas às mais humildes creaturas, em quem está o nosso Deos, a quem servimos, se o servimos, fazendo sempre conta, q̄ elle nos manda nellas, pois isto nos ensina Christo na Cruz, & quem pela Cruz segue a Christo, até a morte ha de obedecer no que for contra a sua Alma, fogeitando-se ainda a Alma, o corpo ao Espirito, a graça á Natureza.

P R I M A.

Recolhendose os meus sentidos aos interiores de minha Alma, verei como estando o meu Senhor na Cruz, rasgadas as mãos com pregos, aberto o corpo cõ os açoures, ferida a cabeça cõ os espinhos, atravessada a Alma com as afrontas, cor-

tado o coração com penas, cubertos os olhos cõ lagrimas, as entranhas despedaçadas cõ magoas, desfigurada a cõr do rosto, correndo o sangue das feridas, os pés, & os nervos estirados, estalando-lhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos, quãdo mais creenciaõ as áncias, porque se dobrayão as injurias de Deos, & as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bondade immensa, com aquella amor entranhavel, disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, & meu Senhor, perdoai a estes, que me offendem, porque não sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendem, & affligem pedis perdão entre os tormentos, que fareis com a penitencia, a quem prostrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravaõ, achão desculpa em vossa queixa, os que vos choram compungidos, que acharão na vossa misericordia? Se desprezando vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que fereis com os agradecidos? Se com humas Almas de marmore, se com huns coraçoes de pedra tendes entranhas de Cordeiro; com huma condicão de cera, com huns olhos cheyos de lagrimas, que usarão as vossas branduras? Acabadas
estas

estas palavras, ou outras, que de outro modo se sabe dizer melhor, como o Espirito Santo. Será a Meditação a ardentissima caridade, que o Senhor nos ensinou na Cruz, nam só sofrendo, & amando seus inimigos, mas de foulpando-os com seu Ray, & perdendo perdão para elles: & sem esta virtude o timbre com que se coroa o edificio espiritual, foy a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para mostrarnos, que que se crucificamos no mundo, & o crucificamos em sy, ha de ser aos vícios, & não ás pessoas; porque de outro modo não levará a Cruz, nem mostrará que no seu coração se derramou o fogo do Espírito Santo. Este ha o modo, que o meu Senhor ensinou, que se crucificará ao mundo, quando se crucificará a Cruz, atrahindor, & latando a todos contra a união da caridade, quem a tiver, terá a Deus, & ao contrario nada terá de Deus, quem nada tiver de caridade, & com esta se encobrem os delictos dos proximos, como Christo nos ensinou, & com esta devemos a toda a hora, os que somos servos de Deus, andar dizendo com as obras, & com o exemplo de São Paulo: Quem nos poderá apartar da caridade do Senhor?

Udarei a esta hora, que vejo pendur da Cruz ao meu Senhor tam nũ dos alivios da alma, como dos abrigos do corpo, & sem que lhe deixassem seus inimigos, nem aquelles leves reparos, com que se perdoa a modestia, & se cobre a honestidade. Considerarei que o Senhor nam sofreu o tormento de ver-se nũ, por resflicarmos por este modo, ou deste modo ao estado da innocencia, que perdendose com a culpa, se envergonhou da desnudez, & se cobrio com o vello o mundo, a quem em tudo foy exemplo, volve a pobreza nũ a vista, com que ao porementar na Cruz, ao levantarem-no no ar, não levava nada do Mundo, nem queria nada da terra, para ensinar nos, que entam he a Cruz para os Ceos escada, não só quando da terra nos tira, mas quando nos tira tão pobres, que nam levamos mais thesouro que a caridade, a pobreza, & os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos mostrou na Cruz. Será o fruto desta hora, de sejar vivermos tão pobres na imitação de Christo, que depois de o seguirmos na Cruz, & de sahir do Mundo, não queiramos nada d'elle mais que a Cruz, vivendo



vendo nelle de maneira que estando com os pès no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as pennas dos Serafins, que tanto serãõ mais leves, quanto menos for o peso que levamos das cousas da terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre São Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, & do amor, com que encontrãdo elle a pobreza muito fermosa, ainda que em traços despreziveis, lhe dizia com todo o coração, abraçando-a suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

E X T A.

Cuidarei entrando na Oração, que o meu Senhor crucificado na minha alma, não só me ensina com as obras, o que hey de fazer por seu amor na Paciencia, & mais virtudes; porèm tambem com as palavras.

Considerarei, que as palavras de Christo não só são de fruto que as de suas obras, antes são verdadeiro fruto da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulação, mostrando em tudo o que dizemos; que perdoamos aos inimigos, que desejamos meter no Paraíso a todos, que pedimos a Deos que nos não desempare, nomeã-

do por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, & que nos pomos nas suas mãos, que tomamos por Mãe a Virgem, & que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, & que cumprimos nossas palavras, confundindo nossas obras com a baixar a cabeça a tudo o que for sua vontade, que he final mais evidente de lhe entregarmos o nosso Espirito.

Será o fruto desta hora (& será hũ dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao Mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, & nascer das nossas obras palavras de edificação, & de espirito, mortificados sem as flores, & sem as folhas das elegancias jaetanciosas; com que na pompa da eloquencia floresce a discrição humana, fugindo daquelles enfeites, de q̃ fazem gala os juizos, cuja soberba, & ostentação poem no concerto, & no ruído toda a fadiga dos discursos; as palavras hão de ser castas, o modo humilde, as vozes brandas, sahdas do coração, que se forjem dentro no peito; & se temperem na prudencia, de maneira que sem estrondo, façam o tiro sem sentir-se; penetrando dentro nas Almas; & nam ficando nos ouvidos; & sobre tudo palavras que digão com o q̃ se faz, para que não zombem de que não frizem com o q̃ se diz.

N O A.

A Qui consideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia se vestio de noites, o Sol de trevas, o ar de espantos, a terra de medos, & o Ceo de affombros, abrindose as sepulturas, sahiraõ os mortos a confessar estas maravilhas, quebrandose as pedras, reprehenderaõ a nessa dureza, rasgando-se o Véo do Templo, se descobrião os segredos da Divindade; & só os coraçõens humanos parece que se empederniraõ, pois tão poucos ouve que temessem a Deos, fazendo nelles tam pouco movimento hum tamanho terremoto.

Será a Meditação desta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, onde se poz tão eclipsado, nam só o Sol material, mas o mesmo Sol de justiça, a cuja vista devem quebrar-se coraçõens de pedra, pois se quebraõ as pedras: o coraçam, mostrando que ellas tiveram a razam, que nos faltava, & nós a dureza que nellas se não via; a cuja morte se devem abrir as sepulturas de nossas consciencias, para que resuscitando-os mortos da culpa pela confissam dos peccados, não se esconda debaixo da terra o que ha de aparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ser huma-

no, & moverse este pd. unido, pois nos penedos insensiveis, nas serras, nos montes, & Elementos fez hum movimento tão grande; a cujo exemplo rasgando-se o Véo da molestia, que esconde em nós as virtudes, ha de descobrir santidade, que vista pôde dar espanto, & persuadir o mesmo exemplo.

Será o fruto desta hora, sentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no Mundo, vestindo a Alma pela morte de seu Senhor aquelles lutos de tristeza com que arastão os coraçõens o seu pezar, & a sua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito, de que as pedras sem sentimento, as luzes sem juizo, & os Elementos sem alma, dem mayores sinaes de amor, & mayores mostras de pezar, que hũa alma que tem vontade, & hum juizo, que tem discurso, & que hum sentimento que tem razão.

V E S P E R A S.

Considerarei, como estando o Senhor na Cruz, a cabeça cheia de espinhos, os olhos cheyos de afrontas, lagrimas, & sangue, os ouvidos de blasfemias, o rosto de salivas, & bofetadas, a boca de fel, & vinagre, as barbas, & cabellos san-

tissimos

tísimos de defacatos, & desprezozos, & a garganta de cordas, & barraços, os hombros pizados da Cruz, estirados os nervos, os ossos desconjuntados, as mãos abertas, & feridas com tanta crueldade nas quinas dos pregos, & no entalado dos buracos, o corpo todo rasgado com chagas, & os joelhos com quedas, os pés de parte a parte arravessados, as costas abertas de golpes, & todo emfim hum mar de sangue, morto, afeado, & denegrado; não contente a maldade humana, lhe passou o peito com hum lança, querendo passar cõ morte além da morte. Porém mostrando o Senhor quanto eram mayores as suas misericordias que as nossas mayores maldades, donde havia de sahir hum diluvio de castigos, sahio hum rio de piedades, & hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou vista o cego, que o tinha ferido, nam só nos olhos do corpo, mas nos do Espirito, de que se seguio, que confessando sua culpa, & a bondade de Deos, nam só alli, mas por todo o mundo veyo fielmente a ser triumpho com a coroa de martyrio.

Será a Meditação desta hora, ver quam cegos somos todos os que offendemos ao Senhor, pois estando elle morto por nosso amor, & feito em pedaços por salvarnos, sem ver o que faze-

mos sobre as offensas cometidas, quasi queremos mostrarlhe que hão de sobrevir nossas offensas a suas misericordias, exceder nossas maldades aos extremos da Redempção. Mas o Senhor, como Pay de immensa piedade, nam consentindo esta cegueira, dandonos nos Sacramentos vista, desentranha a misericordia do mesmo lugar, em que pudera tomar a peitos a justiça, & vingandose de nós, ou em deixarnos mais ingratos com o excesso dos beneficios, ou em vernos convencidos com a multidão dos favores, só trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle sejam lançadas, que nos cheguemos a elle para o ferir sómente: por cuja causa podemos com o outro Santo chamar ditosa a culpa, que adquirio tal remedio.

Será o fruto desta hora, a frequencia do Sacramento da Eucharistia, confessando a cegueira de nossas culpas em muy doridas confissoens, & não chegando a elle para lhe ferir o coração às cegas, mas que muito às claras ponhamos a boca naquella fonte de aguas vivas, onde se lavão nossas culpas, & se recream nossas Almas, para que com nova luz de graça, & novo espirito de Deos, possamos também no mundo dizer qual he o nosso Deos, pondo a vida por seu amor.

amor, pedindolhe ultimamente, que se os cegos, se aquelles que o offendem, tirão do seu peito esta mina, nós q sequiosos buscamos a fonte da graça, não alcancemos menos.

COMPLETAS.

Cuidarei, como Joseph, & Nicodemus tirando as espinhas com que estava o Senhor na Cruz, o desceraõ della, & o puzeraõ nos braços da Virgem, cujo coraçãõ depois de trespassado com a lançada, que deraõ ao Senhor no peito, & com a vista de tudo o que tinha padecido, foy novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tiraraõ cheyos de nervos, & de sangue, & com os golpes das martelladas, que para tirallos lhe deram, renovando a dõr com a memoria de que tambem lhe deram para o pregar na Cruz.

Considerarei, que todas as vezes que tiro de mim mãos pensamentos, que deixo de fazer mãs obras, & de dár mãs passos, tiro da Cruz o meu Senhor, & lhe tiro os cravos, & os espinhos, pondo-os nos braços da minha alma, para onde, não só da Cruz, mas dos Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, & toda a dõr que tive de sua Payxão.

Será o fruto desta hora, hũa

grande dõr de peccados, que tão cruelmẽte trataraõ a meu Deos, entrando com grande ancia de coraçãõ por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrasse no seu coraçãõ, dizendo por todas as bocas com que me fallaõ suas chagas, que mais quer que nelas eu me sepulte, & me esconda de sua ira, que nam que lhe dê sepultura no tumulo de pedra, ou em hum coraçãõ de marmore.

Summa.

Melhor serà a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor como a Magdarena, ou assistindolhe como a Virgem Santissima, & como S. Joãõ com o coraçãõ de amor, mais que de discurso, sem largar já mais seus pès, salvo se for para lhe tirar os cravos, & espinhos, como acima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, com que o abraçe o coraçãõ. E ao menos exercitemse nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber, a Humildade, a Obediencia, a Charidade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, & huma perpetua Contriçãõ. E quem contra isto nam cometer nada neste dia, terà verdadeira Oração.

Oração, pois para o exercicio destas virtudes, que se hão de praticar mais com as obras, que com as tençoens, se considerão os Mysterios deste dia.

Quem não tiver mais que hũa hora, poderá, se quizer, cõsiderar q̃ a Alma he Náo, q̃ lutando com as ondas dos vicios, & com o temporal do seculo, não pôde buscar o porto da salvação, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra sy escuro, cuberto o mar do Mundo das sombras de suas cegueiras, entre cujos bayxos, & riscos, a carne he Serêa, que nos atrahe, o nosso amor proprio, a Rêmorã que nos detem, os gostos enveja dos que nos enganão: & finalmente o demonio, tormenta que nos contrasta. Porém pare-

cermeha, que quando as vélas da vaidade nos metão no fundo da culpa, quando os chuveiros dos castigos nos ameaçã com diluvios; & quando os perigos do mar nos çoçobráo com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, & tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vélas, mandandome trabalhar nas furnas, & compassando toda a Náo, me trocou o medo em esperança, fazendo bonança a tormenta, o naufragio boa viagem, a noyte dia, & a fombra luz: & pondome à vista da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de seu sangue, por onde não só promete que chegue cedo a salvação, mas que possa na sua Casa gozar perpetua felicidade.



S A B A D O .

No Sepulchro.

M A T I N A S .



CUIDAREI como Joseph de Arimathea, Discipulo occulto do Senhor, depois de pedir o seu Corpo a Pilatos publicamente, & depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro,

& antes que o sepultasse, o ungiu com preciosissimos unguentos, & o envolveo em hum lençol limpo.

Considerarei, que os que occultamente tem Oraçam, nam tem o fervor do Espirito para publicamente buscar a Deos, senão

senão depois de cuidar na sua morte, & Payxão, onde vendo que nos braços de sua Alma defcendem ao Sephor da Cruz, para fazerlhe altar, ou sepulchro do coração, o trazem no seu peito, o enchem de suaves unguentos, & isto he o cheiro das virtudes, & suavidade da Oraçãõ, & o apertão ultimamente com lançol da castidade.

Será o fruto desta hora, não se nos dar do que dirão os que não vierem a buscar a Deos com mayor fervor, vendosê morto por nós, afrontado por nossa causa, por nosso amor ciuificado. E emfim considerando que fomos o fim de suas obras, nos resolvemos a que todas as nossas o tenham por fim, fazendo muito não só por trazello na Alma como de passagem, mas por lhe dar muito de assento ao coração onde repouse, pois também por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, & a sy mesmo, sem querer de nós outra coufa, mostrou, que nam teve onde reclinasse a cabeça no Mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, & onde não quer mais de nós, que darmoslhe o peito por ninho, & o coração por cova, que para elle he leyto suavissimo, quando hũa grande castidade he lançol em que se deita, pois não ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais necessaria

para quem ha de tomar corpõ de seu Eterno Filho.

L A U D E S.

*Monumentum novum in quo
nondum quisquam poli-
tus erat.*

Cuidarei, como depois de ungirem ao Senhor com preciosos unguentos, & de o involverem em hum lançol puro, o puzerão em hum sepulchro novo, onde ninguem se tinha enterrado.

Considerarei, que o sepulchro he altar do Sacramento, onde se encerra o Mysterio da Eucharistia, & mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazerlhe altar do coração: & assim deve entender que o Senhor se não mete por dentro, senão em Almas muito novas pela penitencia; que isto significam os golpes, com que a pedra estava lavrada: ou onde outro a morte não puzesse; que isso vem a ser a novidade do Sepulchro, que se deu a Christo, onde outro se não havia posto. E isto será quem pela castidade o meter no seu coração, ou quem despindose do homem velho com novo espirito de Deos, para fazer hũa nova vida, se lhe meta huma Alma nova.

Será o fruto desta hora, o exercicio

exercicio de cômungar a Christo em Sacramento, ou em Espirito, entendendo que só então se meterá muy por dentro de nós, quando com o cheiro das virtudes, quando com a suavidade da Oração, com lançaçõ de Castidade ungado, & amortalhando-o em nós, o recebermos com hum tam novo Espirito, que nada do mundo tenha polto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do Mundo, huma grande negaçam de nós mesmos, & huma grande resignaçã a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que nam querendo o Senhor em vida ter onde reclinasse a cabeça, na morte (isto he no Sacramento) quiz ter as pompas de hum sepulchro grande, nam por se acomodar ao mundo nos Pyramides, & Mauceolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, onde está o Corpo de Christo, & memoria das maravilhas de Deos, nestas representaçõens de morto lhe fizemos sempre obsequios com as exequias da lembrança, pois estas eraõ as honras, que nós lhe podiamos fazer.

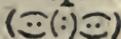
P R I M A.

Erat autem in loco ubi crucifixus est Jesus, hortus, & in horto monumentum novum.

Cuidarei, que nam só o Horto foy o lugar onde começou a Payxaõ do Senhor, mas tambem onde o crucificáraõ, & onde ultimamente o sepultáraõ: Serã a Meditaçã desta hora, ver que a Oração figurada no Horto (como já dissemos) he o lugar, & o caminho por onde o Senhor, assim na vida, como na morte nos acompanha; & por isso nós depois de começar nella à imitaçam de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, & por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nós sepulchro: & seja para o mundo exemplo o que para nós descanso; advertindo, que assim como no Horto havia flores, & frutos, mas todos só se achãram dentro no Horto: assim as grandes virtudes, & perfeiçoens se achão todas na Oração; mas com huma particularidade, que ella he como o primeiro movei, a cujo movimento andão as mais esferas; ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle muitas outras, nenhuma se move,

move, sem que a mayor comece. E tao costumado estará o Senhor a nos dar este bom exemplo, que sobre o costume da vida, até na morte, & no sepulchro nos mostrou, que nam deve hũa Alma de Deos sahir nunca do bom costume da Oraçam.

Será o fruto desta hora, goftar de maneira da Meditaçam, ou fazermonos a ella tanto, que possamos dizer com David, que amamos muito ao nosso Deos, pois todo o dia he meditaçam nossa; & nisto parece que se obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he sepulchro, & por flores o que parecem sombras; a cuja sembra vivendo a Alma, deve nam deixar passar os auxilios, & as Divinas inspiraçoens, que a cada hora da Oraçam neste Horto nos vem nascendo em suas flores, inspirando antes desejar com a Esposa alentar-se com estas flores, vivendo em sua fragrancia, & fugindo do máo cheiro da culpa; correndonos de ser tão ingratos, que parece que o mesmo Deos anda chorando em nossas Almas, de ver que se perca Bethzaida, com o mesmo com que se salvàra Sidonia.



T E R Ç A.

In monumento exciso.

Cuidarei, que o Senhor foy posto em hum Tumulo de pedra, & de huma só pedra.

Será a Meditaçam desta hora, entender, que para sermos hũa só cousa no mundo, quer o Senhor, que se jamos sempre huns, & cada qual hũa cousa só. Huns sempre, porque na perseverança mostremos, que sempre somos huns, & que nada do mundo nos fez outros. Saõ inimigos da divisaõ, que por não tella cõ ninguem, com todos pareçamos huns, & nós o se jamos até nos meter em hum a cova, & tão sós; pois nos prezamos de huns, q̃ até de nós nos apartamos, quando a companhia de nossas inclinaçoens nos faça nam parecer sós huns, fazendo muito por despir o vestido do homem velho, que á semelhança do tempo queria andar ao costume do mundo; & trabalhando mais por vestir o coraçam de pedra, onde immovel ao bem, & ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulaçoens, para que esta pedra, que ha de ser Christo, seja de attrahir a todos os meus sentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento ás humildades, & de preço ao

amor de Deos, de quem como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que se lavem minhas culpas, ou verta chamas, & faiscas, com que me acenda em seu amor.

Será o fruto desta hora, hũa total deização de mim mesmo, & huma tão constante deização, que vãsandome totalmente do mundo, me encha de Deos, com tanta perseverança, que sem tornar a ser outro, & prezádome sempre de hum, para Deos possa ser altar, & para mim solidam, para o mûdo deserto; conhecendo, que só assim poderei ser qual Deos me quer, & que me ha de tirar de o ser, quãto fugir de verme só, quanto me fizer de estar comigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ser só ainda dentro de mim, he o que me està melhor a mim, fazendo muito por nam ter de mim nada, mais que o nada que fui, & sou, & que serei, se estiver sem o meu Deos.

S E X T A.

Cuidarei, como o meu Senhor quiz que o sepultassem dentro em huma pedra, & para este fim moveo efficazmente a seu Discipulo Joseph.

Será a Meditação desta hora, que nos nam ha de desconfiar a dureza de coração, parecendo-nos, que nas seguidões para

Deos temos coração de pedra, pois por huma só hora, que na Payxaõ de Christo as pedras se quebrarão, por hum dia que no Deserto com a vara de Moysés, figura da sua Cruz, se enternecerão, deitando de sy fontes de agua, não só nas pedras nos deixa sua Ley escrita com sua mão, não só fez a pedra, pedra fundamental de sua Igreja, mas fazendose pedra angular, em q̄ todos edificamos, buscou nas pedras seu abrigo, dellas lavrou o seu sepulchro, & destas fez a sua pedra de Ara, para que assim fossem as melhores pedreiras, que achassem nossas petiçoens, quando nos parecesse que as pedras se levantarião contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendo-as a nossa culpa pedra de escandalo.

Será o fruto desta hora, exercitandonos nas seguidões com huma grande constancia, conhecendo que a nossa dureza não nos faz mal quando conhecida, senam quando ignorada, & que se robustamente lavrarmos com a penitencia o aspero de nossa dureza, & o duro de nossa condiçam, pulindo este diamante bruto com os golpes da mágoa, lustrando com perseverança o toco de nossa rudeza, pondose dentro de nossas Almas, escreverá sua Ley, edificará sua Igreja, procurará o sepulchro, farã

fará a sua pedra de Ara, para que destas, & doutras, que elle mesmo arranca da terra, faça marcos para o seu Reyno, escadas para o seu Paço, & padroens para os seus titulos; tendo por certeza infallivel, que qualquer de nossos coraçoes, por mais de marmore que sejaõ, se for pedra de tocar a Christo, ao menor toque de sua graça ha de verter rios de pranto, com que se fecunde, & regue a terra seca de nossa Alma, passando os torrentes da Graça atè as entranhas da terra.

N O A.

*Posuit eum in monumento,
& advolvit lapidem ad
ostium monumenti.*

Cuidarei, como pondo Joseph de Arimathèa o Senhor no sepulchro, o escondo aos olhos do mundo.

Scrá a minha Meditação, conhecer que quanto mais serviços fizer a Deos, quando o sentir dentro de mim mais, heyde fazer muito por esconder do mundo o que tenho no coraçam, para que tendo posto huma pedra sobre minha devoção, ao parecer da gente, não possa algũ ar de vaidade entrar dêtro de meus silencias, & do segredo de minha Alma, fechando com esta cautela a porta por onde pôde a presunção, ou a soberba humana

entrar a roubar-me o thesouro divino, que sempre se arrisca, se se poem patente á estrada, & ao menos se se tira d'elle o coraçãõ, se se deixa aos olhos, ou se se lhe não guarda a boca.

Será o fruto desta hora, saber pôr pedra sobre o thesouro de meu coraçam, para que o não furte quem o vir, fazendo muito por esconder o que Deos me der a guardar com o mais que fiar de mim, pois não quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; & por mais movimentos que sintamos, convem desmentilos no gosto, no socego, serenidade, que o mais sobre ser desafogo da natureza, & não sobegidão de graça, he final que vivemos dentro de nõs por buscar fóra algum aplauso; porque os bons, & de grande animo sabem caber dentro de sy, & guardandose de sy mesmos, nam poem a sua gloria na boca dos homens, mas nos segredos da consciencia, metendo debaixo da terra, & humildade, tudo o que se nos vay pelos arcs, se se levanta o pó da terra.

V E S P E R A S.

Vestindo meus olhos de lagrimas (que estãs são o luz to dos olhos) o coraçãõ de tristeza (que este he o capuz do coraçãõ) os sentidos de sentimento (que este he o nojõ dos sentidos)

tidos)hey de hir por dentro de minha Alma para o Sepulchro do Senhor; & fazendolhe com a minha ancia o Enterro de meu alivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha saudade, onde assistindo interiormente a mágoa de minha lembrança, verei, que alli do meu Senhor me não fica mais que o Sepulchro, pois a Alma foy para o Limbo, o Corpo se escondeo na terra, a Tunica leváraõ os Soldados, & o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz, & a Cruz nos tirou o escandalo.

Será a minha Meditação, ver que para estar com o meu Deos, ou para o poder ter comigo, he necessario meterme em hũa cova, fazer casa da sepultura, & não só enterra-me em vida, mas sepultar-me dentro em mim, como homem morto para o mundo, sem se me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem nam deve já pôr os olhos, quem poz em Deos o seu sentido; porque se elle, metendose na terra de nossos coraçõs, quiz assim estar no coração da terra, quem quer sahir tanto de sy? quem tem coração para deixallo, podendo-o meter no coração? quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a sua vida, pois para sepultarse em vida, lavra com ella a se-

pultura; & quando os Justos nos avisaõ, que do ser que tem nesta vida lhe não fica mais que o sepulchro.

Será o fruto desta hora, não só o recato exterior, com que cada qual só com ver-se com o seu silencio, & solidão, mas o recolhimento interior, com que enterrandose em sy mesmo, & ainda escondendose de sy, falle sempre com o seu Senhor, em qualquer parte onde se ache: ou considere pelo menos aquelles golpes, & feridas, com que lhe tirámos a vida; seguindose des-se discurso a dor das culpas, & peccados, pois morternos o coraçam com o que se doe destas offensas, cobrirsenos desta nuvem negra, com que a tristeza no lo enluta, he o dô que ha nos coraçõens, & são os sinaes mais sentidos, que faz por elle nosso amor, quando o pesax nos dobra na Alma.

COMPLETAS.

Cuidarei, como a Virgem Santissima, depois de seguir o Senhor até o Sepulchro, com São Joaõ, com a Magdalena, & as outras Marias, recolhendose ao seu cantinho, teve aquelle admiravel tra-passo, em que por espaço de tres dias, o seu viver foy sentir, o seu dormir foy orar, o seu fallar forão suspiros, o seu silencio, & a sua bebida lagrimas.

Corfi-

Considerarei as grandes virtudes, que traz comigo o jejum, quando se junta com a Oração, pois não só se sente o que se vive, & se vigia o que se dorme, mas suspirase o q̄ se falla, soluça-se o q̄ se come, & chorase o q̄ se vê: acçoens q̄ no sentido mystico incluem virtudes mysteriosas para a perfeição de hũa Alma, que não segue estes exercicios, senão depois que tendo a devoção, que se representa nas Marias, a penitencia, que se figura na Magdalena, o amor, que se significa em São João, & a pureza, que se entende na Virgem, segue com todas o estado da mortificação, que se declara no Corpo de Christo, quando hia para o Sepulchro.

Será o fruto desta hora, a observancia do Jejum, com mortificação, & Oração; & este não só ha de ser o Jejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abstinencia contra os vicios no jejum espirital; por isso jejuem os olhos, pois por elles, como portas da Alma, nos entrou a morte, & a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando á voz do seculo, he Serêa que nos encanta: jejue tambem a discrição, pois tudo o que lhe cahe em ar, se lhe levanta em vento; de que se segue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento consiste em dar-lhe o ar, porque esta he a or-

dinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebêdose no gosto a q̄ os atrahê o seu engano, nam advertem bem os sabores, com que se adoçam seus venenos: jejuem emfim as Potencias, a Natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna, nas iguarias do appetite, & nas provas até do licito, nam só a consciencia se arrisca, não só se eltraga a virtude, mas ainda o vicio se bem-quista.

Summa.

A Melhor Oração, que se poderá ter em este dia, he considerar a cada hora a virtude que se nos encomenda, exercitando-a pontualmente; convem a saber: A Matinas, a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obramos. Nas Laudes, commungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na Prima, costumar o entendimento. Na Terça, de todo a tude. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa, observar a cautela. Nas Vesperas, o recolhimento interior. E finalmente nas Completas, o jejum espirital, & juntamente corporal: & sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Profeta a quem medita no Senhor, não só no dia, mas na noyte. Esta forma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de

nosso coração hum sepulchro, em q̄ todo o dia arda a cera de nosso coração em obsequio de nosso Deos. Quem não tiver mais que hũa hora, faça, se quizer, a Oraçãõ seguinte.

Cuidarei, que o coração he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a fésta com minha Alma, a quem queria para Esposa: ou abrigar-se com o rigor do tempo, até que as sombras se inclinasse; o acolhimento, que lhe fiz, foy tirar-lhe a vida com minhas culpas, & peccados, nam ficando parte em seu corpo, que eu não desunisse com feridas, & não desatára a crueldades; porê m vendo enternecer com seu sangue, nam só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, & magoado do que olho, não podendo apartallo ainda, depois da morte, dentro do meu coração me parecerá que lhe ouço dizer: Filho, deste coração, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulo, & confiderra o que te quereria vivendo

em ti quem morto não pôde apartar-se. Essa crueldade tua, que para mim foy morte, não pôde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he eça; fazeme estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabandolhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, começáraõ os golpes da penitencia a lavar e ste penhasco duro, até que deixando-se cortar da mágoa, & amolecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, donde metendo as minhas entranhas com grande pena de minha alma, ella se meterá dentro com elle, desejando sepultar-se em vida, & meter os olhos comsigo, para que sepultados nesta cova, & não só nas covas dos olhos, façaõ chorar as suas mininas, em cujas capellas fechadas, se não apagará o lume dos olhos, até que se não apague a vista, & se chegue a noyte da morte, sem fazer dentro cousa alguma, mais que chorar, & magoarme de ver qualpuz a meu Deos, a meu Senhor, & a meu Esposo.



D O M I N G O.

Refurreyção de Christo.

M A T I N A S.



UIDAREI, como a Magdalena com outras devotas Mulheres foraõ a manhaã da Refurreyção ao Sepulchro, primeiro que os Apostolos, levando os aromas, que tinham preparado para o Senhor.

A Meditaçam desta hora será, não só quanto devemos madruguar para buscar a Deos, summo bem nosso, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade, que isto se figura no sexo feminino; quem se vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adversidades do seculo, que tudo isto se representa na noyte; com mais pressa que os outros escolhidos de Deos, que se entende pelos Apostolos, o devemos buscar, & recorrer a elle com os aromas de hum santo desejo de lhe fazer algum serviço, nampondo por diante o medo do que nos póde succeder, cuidando q̃ ha quem impida ao Senhor, para que se não deixe achar de nós, que isto se entende pelas guardas. Considerando tambem,

que se a nossa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foy a primeira que se afastou de Deos pela culpa, agora pela luz da Graça, com que se vão desfazendo as sombras do crepusculo de nossas duvidas, deve ser a principal, & primeira, que se desvele por chegar a Deos.

Será o fruto desta hora, exercitarmonos com grande desvelo em buscar pela Oração a Deos, deixando por seu amor os abrigos da cama, & o socego do sono, que sempre suppoem preguiça, & mostra descuido em huma Alma, que sem pregar os olhos deve andar sonhando com o seu Deos, por não perder em hum fechar de olhos, hum bem que desaparece a olhos vistos. Porque quem na preguiça do leyto furta a Alma à satisfação, não furta ao corpo a malicia; & ao Senhor, que se queixa dos nossos descuidos do Agora, Para que, Que fará, do Logo, Para depois? Emfim parece que lhe dà pouço do seu amor, não cor-

rer quem anda muito de vagar.

L A U D E S.

Cuidarei, como as Santas Mulheres acháráo virada a pedra do Sepulchro.

Será a Meditação desta hora, considerarmos as maravilhas que faz o Espirito do Senhor onde chega, pois logo sua Alma Santissima se revoltio ao corpo no Sepulchro: obedecendo-lhe o pezo daquelle marmore durissimo, muy levemente se moveo, & totalmente se virou para nos mover a nós com o exemplo de que até hũa alma de pedra com o pezo grande da culpa se vira de hum para outro estado, em lhe chegando aquelle Espirito; & ainda que sem isto podéra o Senhor sair do Sepulchro, parece o quiz assim, para mostrar ao Mundo, que onde elle está, sempre succedem maravilhas, & movimentos grandes, para que por elles o leuven, & conheçaõ, que só elle as obra. Se pois huma pedra se vira, logo que lhe chega o Espirito de Deos, que razão têm hum coração humano, a quem tantas vezes em vão chegou o Espirito do Senhor, para não dar hũa volta grande, obedecendo-lhe pelos ares, & publicando suas obras?

Será o fruto desta hora, nam resistirmos ao Espirito do Senhor, & conhecermos, que

aos seus impulsos seremos mais duros que as pedras, se com elle nos nam movermos, & de todo nos não virarmos, pois ainque o pezo dos peccados nam carrega muito a consciencia, tudo com a pena que disso podemos ter, se tivermos pesar para o sentir, ficará leve como huma penna, & desta se farão as azas, com que subamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

P R I M A.

Cuidarei, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, q a deixa mais resplandecente, assim entrou a Alma de Christo no corpo, q estava no Sepulchro, deixando-o não só mais resplandecente que a neve, porém mais claro, & fermoso que o mesmo Sol; & sendo vista horrida para as guardas, que lhe tinham feito, foy suavissima visão para os olhos da Virgem Mãy, a quem (como affirmão muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, mostrando-lhe não só a sua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, & do Purgatorio. Onde he de crer, que todos os Santos lhe dariaõ as graças de ser Mediãeira da Redempção, & da Gloria que gozavão na visão de Christo.

Aqui nam só considerarei os abraços exteriores, que a Virgem

gem daria ao Senhor, & os que delle receberia; mas hey de meditar interiormente na razaõ que ouve para este favor: pois parece que este se concedeo á Vingem, por haver tres dias, que em huma continua Oraçam estava vencendo os tormentos, que lhe offendiaõ a memoria, onde via a Imagem de Deos offendida, a Sinagoga condenada, afrõtada a Misericordia, & exasperada a Justiça, alegre a culpa dos perversos, froxa a fê dos Apostolos, Jerusalem ameaçada, & o mais do mundo perdido; & no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempçam, com ardente caridade pedia perdão por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, & angustias do seu jejum, dores, & magoas. Ou poderei meditar na Resurreiçãõ universal, de quem esta foy exemplo, onde o Senhor para confusaõ, & medo dos que se enendem pela Senhora, pela Magdalena, & Apostolos, virã na carroça das nuvens com grande gloria, & magestade a triũfar dos máos, & dar triũfso aos bons, que vencendo as contrariedades do Mũdo, da Natureza, ou do demõnio, firmes se conservaõ em seu amor, a pesar das tribulaçoens, das angustias, & dos tormentos.

Será o fructo desta hora, exercitarmonos na constancia, & igualdade, com que faltandonos as consolazoens, & cobrando nõs as penas, sequidoens, & adversidades, nos não vençaõ o animo, ainda que nos tirem o alento; que nos nam tirem o Espirito, ainda que nos desmayem o animo: pois he certo, q̃ quem firme se sustentat contra esta guerra da Natureza, nam menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; por que assim como a noyte o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem á tristeza os gostos, às tribulaçoens as felicidades.

T E R Ç A.

Cuidarei, como o Senhor appareceõ á Magdalena, mas não lhe consentio, que o tocasse.

Será a minha Meditaçaõ, ver os termos com que o Senhor pagou á Magdalena as magoas, & lagrimas, que chorou, a mágoa com que sentio sua morte, & o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo considerarei, que nem tudo isto he bastante, que mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nõs que o podemos obrigar, & que para elle assim o fazer, o haemos nõs de tocar a elle, devendo sõ desejar, que o Senhor nos toque a nós, pois se nõs busca, he

por sua miſericordia, nam por noſſos merecimentos; & ſe muito o amamos, he por influxo de ſua Graça, & não por acção de total ſufficiencia.

Será o fruto deſta hora, a prudencia eſpiritual; com que nos havemos de hir à mão no deſejo de mais favores; contentandonos com o que Deos nos quer dar, ſem querer, porque nos dá muito, governar a ſua vontade, ou a ſua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ternos por tão indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos poem, de todo o favor, em que nos ergue, que ao meſmo paſſo que nos vejamos ſubir por ſeus benefícios, façamos por nos abater no noſſo conhecimẽto, pois iſto nos não tira de levantarnos na ſua Graça, antes então parece que ſó o obrigamos, quando, ſe nos dá favores, os gozamos com humildade; quando, ſe nos dá tentações, o louvamos com perfeverança; & quando, ſe nos dá males, o bemdizemos com paciencia, conformandonos com a ſua vontade em ſeguirmos o caminho por onde nos leva, & não navegar com mais velas, que as que pedem os ſopros do Eſpirito São, & pequenez de noſſo Navio, & o inchado das ondas do ſeculo, a quem convem atravessar com cautela, porque o temporal nos não ſobrye, ſem

querer de hũ folẽgo, ou de hũa ſãngadura chegar á India Eſpiritual, não nos contentando ſem as viloens, & apparecimentos, que hão de ſer mais que de deſejos das Almas, que eſtão neſte Mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, q̃ o que nasce, ou o que ſe poem: iſto he o que mais nos arrisca o eſtado mais alto em que ſubimos, que a quelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

S E X T A.

Cuidarei, como o Senhor ſe fez encontradiſſo com os Apoſtolos, que hião para Emaùs, moſtrandolhe em traje de peregrino: Como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogaffem que ficaffe com elles: Como comendo com elles o conheceraõ no partir do pão, abrindoſelhe os olhos da Alma: Como logo lhes deſappareceo: Como depois lhes tornou a apparecer, dandolhes paz.

Será a Meditação deſta hora, ver como o Senhor ſe não aparta dos que vê tristes por ſua cauſa, & como vendo-os tibios, & froxos, ſe chega a elles para os confortar. Conſiderarei, que eſta froxidão he quem nos cega os olhos á razão; porque até o Senhor anda em noſſa companhia, & o tenhamos por eſtrangeiro: por cuja cauſa fingindo as ſuas

entra-

entranhas de misericordia, que nos quer deixar (que estes são os fingimentos) nos dá a entender, que se quer pôr muito longe de nós, por se mostrar tão frio na presença conosco, como nós; entremos no Espirito; sendo tanto ao contrario, que só faz isto a fim de que o rogüemos, & lhe peçamos, q̄ nos nam desempare; pois he certo, que em elle querendo hir, vem sobre nós a noyte das adversidades, mostrádo qualquer demonstração de amor, para que nam se aparte de nós, persuadindonos a que comamos, isto he, que nos cheguemos ao Sacramento. E buscando-o, elle abre os olhos d' Alma, & distribue entre os seus escolhidos o Pão Sacramentado, com a virtude do qual se aparta de nós o impedimento, com que os olhos do Espirito o desconhecem: & conhecemos, que para tudo o q̄ convem saber de Deos, só elle nos abre os olhos, & logo nos desaparece para exercitarnos a Fé, ou mostrarnos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, & sutileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos: para ensinarlhes quanto amava a paz; & que só os que fossem pacíficos, serião Discipulos, & serião Bemaventurados.

Será o fruto desta hora, o grande fervor que inflame nossas Almas, & as nossas froxi-dens, para que não desconhe-

çamos os favores, que Deos nos faz, arriscandonos com elles a que o Senhor nos deixe: Ou humma continua petição de que nos nam desempare: Ou hũa grande sê com que o vejamos com o Espirito; pois só o vê resuscitado quem medita na sua Gloria: Ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto viveo a deu a toda a casa, onde entrou; & quando morreo, fez paz entre o Ceo, & a terra, fazendonos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

N O A.

Cuidarei, como o Senhor appareceo terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tiberiades, onde elles toda a noyte não podêrão tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foy lançar as redes para a mão direita, foy tanto o peixe que tirárão, que enchêrão os barcos, & as redes.

Aqui considerarei, que neste Mar se figurava o Mundo, & nos peixes os homens; nas redes a Prêgação, nos Discipulos os Prê-gadores; os quaes trabalhando, isto he, o tẽpo errado de sua prefunção, na parte da mão esquerda, isto he, entre os reprobos, & precitos; cu nos erros de sua Igreja, não podêrão colher nenhũ

frutg

fruto de suas yãas fadigas; mas pôdo os olhos em Deos, q̃ das praiyas da Eternidade os enlina com seus avisos; & os avisa com seus exemplos, metendo as redes da Prêgação, confiados em a palavra de Deos, para a mão direita, isto he, o caminho da verdade; ou as Almas dos escolhidos; ou o exemplo com que prêgão, nam fô encherão as redes, & com ellas as esperanças, mas todo o Navio da Igreja, de muitos, & muy grandes Santos, que trouxerão da Igreja para o Ceo, que isto he, do navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Glória.

Serão o fruto desta hora, exercitarnos na recta intenção, com que devemos dirigir a Deos nossas obras, & não alguma nefcia vaidade, com que no mar do Mundo não colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o nam fazemos muito fructo, na se de não inclinarmos para boa parte as nossas obras; onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noyte que nos cega, & erro que nos engana; até que defenganados disto, logo que ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, & guiandonos por seus conselhos, conheçamos à vista de seus influxos, & por experiencia de seus beneficios, que so-

mos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, & sem elle nam obramos nada.

V E S P E R A S.

Cuidarei, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, & sua Mãy Santissima, depois de despedirse de todos com suavissimos abraços, pondo os pès sobre huma pedra, onde ficaraõ impressas suas pègadas, subio aos Ceos, que abrindose cheyos de luz, & claridade, com admiravel triunfo, com sonóras consonancias, com suavissimas melodias, o receberão sobre o Throno das nuvens, & sobre os Córados Serafins, entre exercitos de Anjos, & de Espiritos Bemaventurados, que o cercarão, & levarão por toda a parte, enchendo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, até que sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou á sua mão direita, onde repartindo também os assentos eternos pe los Santos, que levou consigo, forão gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perdèraõ por ingratos, & soberbos os Espiritos condenados.

Aqui me parecerá, que achãdome com a Virgem Santissima, & com os Apostolos, estou com elles absorto, & arrebatado, contemplando a grande gloria de Deos, a grande

Bem-

Bemaventurãça daquelles Espiritos, a fermosura da Patria Celestial, a claridade, o resplandor, que nenhuma noyte escurece, & que o dia eterno allumea, onde hindo se me pelos ares o Espirito, & o coraçam em seguimento do meu Deos, gastarei a hora, enlevandome naquelle Oceano de glorias, naquelle pégo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Será o fruto desta hora, exercitarme o mais do tempo naquelle pasmo Celestial; naquella admiraçam suavissima, que ande como embebido nã contemplaçam da gloria, na superior Jerusaleem, feito Cidadão dos Ceos, pela conversam do Espirito, que toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao Mundo por deserto, & a Deos por Pay, & aos Anjos por amigos; sabendo, que nam só he favor do Espirito Santo o cuidar nã Gloria, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, & prova de andar na presença de Deos, & esquecido do Mundo.

COMPLETAS.

Cuidarei, como estando no Cenaculo os Discipulos com a Virgem Santissima, preparados já de muitos dias na Oraçam, & no Jejum, & tam unidos de amor de proximos, pois todos no mesmo lugar cabjam

com igualdade, & sem preferencias, nam querendo la Virgem mayor lugar, por ser Mãe de Deos, nem São Pedro, por ser Cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista, por ser Valido do Senhor, nem Santiago, por ser seu Parente, mas antes fazendose todos bom lugar, com que pela uniam nenhum queria ter mais que o mesmo, desceo sobre elles o Espirito Santo, derramandose em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheyos de celestial sciencia, & de chamãs Espirituaes, pelo annunciãr suas maravilhas; a ensinar sua Fè, & a comunicar os thesouros do Ceo, desejando que por toda a terra se ateassem as Celestes chamãs.

Aqui meditarei, como só no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Espirito Santo, os que com ardentes suspiros, & com Oraçam pura o esperãõ; exercitando se nam só no amor de Deos com a elevaçam da mente, mas na charidade do proximo, & no amor da fraternidade, com que todos cabjam em hum lugar, & mostravam só hum fé, humã esperança, & hũs espiritos, sem se lhes dar das authoridades do Seculo, & das preferencias do Mundo; onde por não perdetmos a superioridade, & preferirmos a todos, vimos a

perder tudo o que Deos nos dá pelo desprezo, perdendo tambem a todos a quem desestimamos pela soberania, por cuja causa parece mencia, & he engano tudo que nos temos por servos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamos com as palavras, que são ar, devendo ser fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, & para Deos; pois só então receberemos aquelle fogo do Divino Espirito, com q̄ correndo pelo Mundo a acender o genero humano, nem o Sol nos possa ofender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as angustias, nem os gostos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que isto vem a significar dar o Senhor o seu Espirito em linguas de fogo, & nam polo nas bocas dos Apostolos, senão sobre suas cabeças; mostrando, que o amor de Deos nam havia de estar na boca, onde só ha palavras, mas na cabeça, onde o entendimento falla, a Vontade obra, & a Memoria conserva.

Será o fruto desta hora, aquella chave com que se fecha, & guarda em duas palavras pontualmente a Ley de Deos, isto he, o amor de Deos, & do proximo; para quem nam havemos de querey menos, que para nós,

amado a todos como a nós mesmos, & a Deos sobre tudo; fazendo neste modo por não receber em vazio o Espirito do Senhor, por ter entendimento na cabeça, & nam em a lingua, pondo na cabeça seus beneficios, & dentro nalma seu Espirito, com que não só se escreva sua Ley em nossos coraçoes, mas fazendo escrevella no livro de todo o Universo com rubricas de sangue, com chamas de fogo, & movimento d' Alma, naquelles impulsos vehementes, com que a sua vontade seja o nosso gosto, a sua Gloria o nosso fim.

Summa.

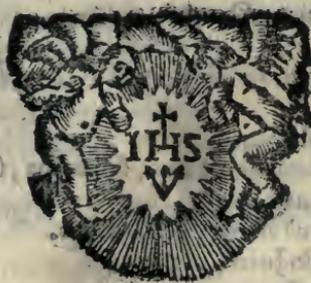
O Melhor de tudo será, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o desvelo, com que o devemos servir, a conformidade com que sem resistencia nos devemos entregar nas suas mãos, a constancia com que nos havemos de pôr a todas as tribulaçoens, na prudencia com que nos havemos de medir, com a que elle quer na Fè que devemos guardarlhe, & na paz que devemos ter, na intençam com que o obrigamos, na contemplaçam com que ainda he Ceo no amor do proximo, & de Deos, que ainda em sy he Gloria.

Se nam tiver mais que huma hora, cuidarei, que minha Alma

ma he Ceo, onde a Vontade he Serafim, que se occupa em amar a Deos; o Entendimento Cherubim, que nelle se está admirando; a Memoria Throno, que sempre lhe está assistindo; os Sentidos Anjos, que sempre lhe estão ministrando; as entranhas, & o coração Santos, que sempre o estão louvando; & considerando a pureza, com que os Anjos estão no Ceo; a fermosura do Ceo, a Gloria da Bemaventurança, onde os Celestes Espiritos se estão revendo no meu Deos; vendo que elle me fez Ceo este dia, em que quiz vir estar comigo, farei por viver como se o fora, por servillo como se fora Anjo, por amá-lo como Serafim, por assistir-lhe como Throno, por louvallo como Cherubim, andando todo o dia pas-

sando dentro de mim mesmo naquella altissima presença, esforçandome a toda a hora por fazer o que diz São Paulo: Sendo a nossa conversação toda no Ceo, em Deos, & em sua Mãe Santissima, com os Anjos com os Santos entre aquelles jardins suavissimos, naquelles suavissimos, & celestiaes Pagos, onde o Senhor do Mundo assiste, onde toda a Gloria se acha, & onde dentro de nós mesmos podemos ter os Ceos abertos, se fechando nós para o Mundo os olhos da Fè, olharmos com a vista da Alma aquella luz, & claridade incomparavel, & infinita; se imitando aos Ceos nossa Alma, nem tem por dentro desta luz nuvens de erros, que os encubram, máchas de culpas, que os afeem, sombras de offensa, q̃ os eclipse.

Fim da Semana.



QUEM NAM PODER TER ORA-
çam, faça ao menos por guardar a Virtude,
que a cada hora se encomenda.

Segunda feyra. O Senhor no Horto.

- M**atinas. Conhecimento de nossa vocação, ou amor da solidão.
Laudes. Memoria de nossas culpas.
Prima. Vigilancia para nam cair.
Terça. Fortaleza para não desfayar.
Sexta. Resignação na vontade de Deos.
Noa. Esperança nas tribulaçoens.
Vesperas. Amor de Deos por sua Bondade.
Completas. Odio aos vicios por sua maldade.

Terça feyra. O Senhor atado à Coluna.

- Matinas. A Honestidade.
Laudes. Brandura de coraçam.
Prima. Defengano da vaidade humana.
Terça. Cuidado da honra de Deos.
Sexta. Perpetua memoria de Deos.
Noa. Temor de Deos.
Vesperas. Amor á Oraçãõ.
Completas. Fervor na Oraçãõ.

Quarta feyra. O Ecce Homo.

- Matinas. A mortificação.
Laudes. Saber examinar a Cruz, se he boa, se má.
Prima. A Perseverança.
Terça. Lagrimas d' Alma, & do corpo.
Sexta. Memoria do Juizo.
Noa. Memoria da Payxaõ.
Vesperas. Memoria da Morte.
Completas. Dessejo da perfeição.

Quinta feyra. O Senhor com a Cruz ás costas.

Matinas. O Desejo da Cruz.
Laudes. Mudança da vida.
Prima. Mansidão do Espirito.
Terça. Agradecimento a Deos.
Sexta. Desprezo do Mundo.
Noa. Considerar em Deos.
Vesperas. Valor espirital.
Completas. Accusação de nós mesmos.

Sesta feira. O Senhor crucificado.

Matinas. A Humildade.
Laudes. A Obediencia.
Prima. A Charidade.
Terça. A altissima Pobreza.
Sexta. A modestia nas palavras.
Noa. Movimento de Amor.
Vesperas. Desejos dos Sacramentos.
Completas. Contrição.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Castidade.
Laudes. Communhão real, ou em Espirito.
Prima. Amor de Deos.
Terça. Deixação de nós mesmos.
Sexta. Confiança em Deos.
Noa. Cautela contra o demonio.
Vesperas. Recolhimento interior.
Completas. Jejum do Espirito, & do corpo.

Domingo. O Senhor resuscitado.

Matinas. O desvelo no Amor de Deos.
Laudes. Não resistir a Deos.
Prima. Constancia nas adversidades do Espirito.
Terça. Prudencia espirital.

436. *Obras Espirituaes do Veneravel P.*

Sexta. A paz do Espirito.

Noa. A recta intençaõ.

Vesperas. A contemplaçã da Gloria.

Completas. Fogo do Amor de Deos, & do proximo.

*Quem disto se nam agradar, pôde, se quizer, ter estoura
Meditaçam.*

A Segunda feyra. Meditará no Senhor como amigo; & bastará, que no seu coraçam ande dizendo todo o dia, & toda a hora, ou qualquer tempo: *Meu Deos, & meu Amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quã amigo foy nosso, pois chegou a pôr por nós a vida: pois nos falla nõ coraçam como huin amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, & se poz por nós em huma Cruz, naõ perdoando aos Anjos máos: pois nos convida aos Ceos, & nos veyõ a livrar do inferno; & se dá a sy mesmo no Sacramento: & tantas outras cousas mais, que ensinará melhor o Espirito.

A Terça feyra. Se meditará no Senhor, com Hospede de nossas Almas; onde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a casa, em que o recebemos, taõ vil, taõ pobre, humilde, & baixa, que faz pasmarnos, na bondade com que se move a estar comnosco em huma cabana de palhinhas, & chea de lodo, & de imundicias, indigna de sua presença. Quem nam quer meditar nisto, bastará que no seu coraçam ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coraçam, enriqueceime esta casinha, pois sois Senhor de todo o Mundo.* E se tiver tempo, cuide como foy nosso Hospede na Encarnaçaõ, no Presepio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, & no Sacramento: & o mais que ensinar o Espirito.

A Quarta feyra. Se meditará no Senhor como Rey; & bastará, que a toda a hora se lhe repita dentro n' Alma: *Meu Rey, meu Deos, & meu Senhor, fazeime merces à minha Alma, pois sois meu Rey, & meu bem todo.* Se ouver tempo de considerar, veremos como reynou na Cruz, pois o seu Throno foy a Cruz, o seu Reyno a mortificaçaõ, sem a qual ninguem subirá a verse nos Reynos dos Ceos: peçamofhe aqui muitas vezes, que venha a nós o seu Reyno, & que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nós; & se faça à sua vontade.

A Quinta feyra. Se meditará no Senhor como Esposo; & bastará, que a todo o tempo lhe ande dizendo o coraçãõ: *Meu Deos, Esposo*

So de minha Alma, traxei-me sempre arraz de vós, ou metei-vos dentro de mim, & duí-me aquellas vestiduras, com que as Esposas vos recebem. Se ouver tempo de meditar, cuidará de quantos modos se desposa o Senhor com nosco na Natureza, & na Graça, no Espirito, & nos Sacramentos. Cuidar seha quanto importa não se extinguirem as alampadas, nem sermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ser como a Esposa dos Cantares, que o buscava por toda a parte, & lhe perguntava amorosa, onde passava ao meyo dia.

A Sexta feira. Se meditará no Senhor como Mestre, que desde a Cruz nos ensina, quam nús das cousas deste mundo, & quam fóra háo de estar da terra os que da Cruz fazem escada para subir ao Ceo, & aprender a sua doutrina, & seguir a sua vontade. Quem não puder considerar, bastará que lhe diga na Alma: *Meu Deos, meu Mestre, & meu Bem todo, se vós me quizerdes fazer vosso verdadeiro Discipulo, be certo, que só vós podeis.* Se tiver Meditação, considere como sempre foy nosso Mestre, & nosso exemplo, na pobreza com que nasceo, na verdade com que ensinou, na charidade que mostrou, nas virtudes que exercitou, & na obediência com que morreo.

Ao Sabbado. Se meditará no Senhor como Pay; & bastará que a toda a hora lhe ande dizendo nosso Espirito: *Meu Deos, meu Pay, meu Bem todo, não seja escravo do demonio, quem vós fizestes vosso Filho.* Se ouver tempo, meditar seha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz, que he a nossa herança; & fazermos por nam perder o morgado da Gloria pelos bens falsos da terra; por nam morar no mundo com os sentidos, pois temos nos Ceos ao nosso Pay, pois a nossa Patria he o Ceo, & nosso desterro este Mundo.

Ao Domingo. Se meditará em Deos como Senhor, que podendo só com os Anjos, com os Santos, & Serafins servir se ainda neste mundo, se quer servir com peccadores tam vís, & baixos pela culpa. Se não tiver tempo, ou nam o ouver para cuidar, bastará que sempre se diga: *Meu Deos, meu Bem, & meu Senhor, indigno sou eu de servir-vos, pois os que vos servem são Santos; mas se vós quizerdes, meu Deos, só vós me podeis fazer hum muito grande servo vosso.* Se puder considerar, meditaremos a Grandeza, o Imperio, a Magestade, & os mais supremos attributos de hum Deos, que he Senhor universal, nam só da terra, mas dos Ceos, dos Elementos, & creaturas, & de tudo o mais que ha no Mundo; & admirandonos sempre nelle, estando suspensos, & parados, veremos que favor nos faz em se querer servir de nós.

E sobre tudo, encomendo muito, que em
 qualquer destes exercicios, figura, ou repre-
 sentaçam, oremos pelo Padre Nosso, pois
 (como ensina o mesmo Christo, o meu Padre
 San Francisco, Santa Theresa, Santa Co-
 leta, & outros muitos Santos, & Me-
 stres desta Espiritual Sciencia) tudo se acha
 no Padre Nosso, & tudo por elle se al-
 cança; ainda que este se não reza na fór-
 ma que aqui se escreve, colhao-se delle as per-
 feicoens com que se deve rezar; que este he
 o fim a que se ordena toda esta copia de escri-
 tura deste Papel, de que o Padre Nosso se-
 ra melhor, se se obrar como se diz.

A ADMIRAVEL ORACAM

D O

PADRE NOSSO,

MEDITADA, E ILLUSTRADA

pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Da Ordem Seraphica, & Missionario Apo-

stolico.

Padre Nesso.

UE antes de eu ser,
& antes dos seculos
hũa Eternidade me
amastes; pois nam
sendo eu cousa al-
guma, mais que huma cousa a
vós possivel, ab eterno me esta-
veis vendo, para me estar sem-
pre obrigando. Criastes a machi-
na do Mundo, o Ceo para Patria
dos homens; para peregrinaçã
a Terra: onde por nome de ante-
mão tantos grandes Entendi-
mentos, que me servissem pa-
ra guia; para exemplo tantas
virtudes; tantos bens para obri-

gação; & tantos males para avi-
so; sem interesse algum vosso,
sem merecimento algum meu
me tirastes dos abismos do nada,
donde podereis tirar outras tan-
tas creaturas possiveis á vossa
Omnipotencia, que muito me-
lhor vos serviraõ. Ou podendo-
me fazer hum tronco bruto, hũ
bruto, hum barbaro, hum He-
rege, hum Mouro, hum Turco,
ou hum demonio; me fizestes á
vossa imagem, me criastes na
vossa Igreja, regenerado no Bau-
tismo, redemido com vosso San-
gue.

Apenas comecei a ter vida, quando podendo vós tirarmas, por ver quam mal havia de empregalla, ma conservastes com o Ceo, & a terra, dandome Anjos que me guardassem, homens, que me favorecessem, & elementos que me servissem. E correndo eu desde a meninice ás mais cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicios, & cegueiras; pondo (como se nam ouvera Deos, Inferno, Ceo, Juizo, & Morte) a honra aos estragos do Mundo, a vida aos riscos da morte, & a alma aos perigos do inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, & meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das afrontas, & dos castigos, que outros com menos razão experimentão: dos perigos, infortunies, & da morte, que outros sentem com menos causa: & dos infernos, que eternamente outros chorão com menos culpa, & chorarão; nam contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os vds cegos do deleyte eram laços da liberdade: quando deitado destas Rémoras dava á vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto dava aos enganos o discurso, então mostrastes vós em mim, que me quereis para vós.

Oh Deos immenso, & soberano! Oh Pay amigo, & Senhor

meu, que sendo eu, qual sempre fui, que he o peyor que pôde ser, quizestes vós que ainda no Mundo mostrasse, que era coula vossa! Esquecido, meu Creador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocar-me de vossa Graça, chamandome à vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrandome sempre em tudo, que creis todas as minhas cousas, sois hoje Mestre que me ensina, sois a Verdade que me guia, sois o Pay, que me perdoa.

Ensinou-me a vossa piedade, encherão-me os vossos favores; & arrancandome de dentro da alma aquellas raizes ultimas, & tirandome do coração aquelles ultimos retratos, fizestes, com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; & que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Creador:

Que estás nos Ceos.

E Levandome o Entendimento em vossa grande fermosura, de quem os Ceos, & as fermosuras, de quem as flores, & as Estrellas, sam breves sombras, & bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este Mundo he pouca copia; & em fim, de cujas maravilhas não ha

pintura, nem retrato, me fizestes tam altamente fallarvos com o coração, ou assistirvos com o espirito nesse trono de Magestade, onde os Anjos vos adorão, os Serafims em vós se abraçao, & os Cherubins em vós se admirão: onde com o Sol sem eclipse fazeis dos Ceos o dia eterno: onde sepre presente a todos, sois delles Bemaventurança, & de todo o Mundo fermosura: onde na praya deleytosa da dilatada Eternidade, aos que escapão do mar da culpa, não só sois porto, mas abrigo, não só refugio, mas descanso.

Em cujos campos revestidos da sempre verde amenidade, nam tem o Inverno jurisdicam, nem movimento as Primaveras: em cujas doces suavidades prezo o juizo; & o discurso, tudo para a alma he melodia, & para o espirito socego: onde elevados os sentidos em humas bellezas nunca vistas, em huma harmonia incomparavel, em huns gostos sempre soberanos, em huns cheiros nam imaginados, em humas glorias já mais sabidas, suavemente se arrebatão, & quietamente se suspendem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao coração me estais dizendo: Homem cego, pois me não olhas: Servo infiel, pois me não serves: Ingrato filho, pois me foges: Sempre mudo, pois me não fallas: Surdo sempre, pois não

me escutas: se este he o centro, & o lugar, onde os Justos hão de viver, se esta a Cidade, se este o Reyno, onde os bons me hão de assistir, porque nam vives com o espirito, onde nam podes com os olhos? Porque nam vens com os suspiros, onde com a vista nam podes? Se nasceste para salvarte, se he o teu fim a Vida Eterna, & se te prezas de meu filho, onde occupas o sentido? onde perdes o desejo? & aonde trazes o cuidado? Vásmendigando pelo Mundo, tendo este Reyno por herança? Estimastitulos da terra, podendo ter de hum Ceo a posse? Corres aos gostos vãos do seculo, & desprezas a Eterna Gloria? Buscas os bens da terra, & os moveis do Mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Não dizem bem taes pensamentos, com quem se que chamar meu filho.

Divinos hão de ser os cuidados, de quem me estima por seu Pay. Se pois sempre te estou chamando, como sempre me vás fugindo? Se te estou sempre acariciando, porque me estás sempre offendendo? Se são minhas inspiraçoens muda doutrina de tua alma, porque com esta tua obstinaçam fazes hoje emenda da profia, para te deteres no Mundo? Hum risco torpe ha de ser risco para não vires aos meus olhos? Hum cego engano he interdito, para não chegares

res aos meus braços? Hum gosto vão, & encantamento nellas baixas profanidades? Gostosamente te embaraças? Eternamente te confundes? Tu es o activo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos? E tu o de grandes espiritos? Como pois soffres, que te arrastem essas Rémoras da torpeza? Como confentes, que te pizem essas escravidoens da culpa? Como não, se assim to digo, olhas, & nãmvês qual será a Corte de Deos, se assim te elevas nas dos homens? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do Mundo, que fará na Patria dos Anjos, & lugar dos Bemaventurados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes ferão os premios da Gloria? Se no que dei para morada de mil reprobos, & precitos, achas taes gostos, & deleytes, no que escolhi para Palacio de meu poder, & Magestade, quaes te parece ferão as suavidades, & delicias?

Como pois sendo filho meu, queres ser escravo do demonio? Como só por servillo a elle, te poens, & tomas armãs contra mim? Que mal te fiz, pois te criçi? Em que te offendo, se te amo? Em que te aggravo, se te soffro? Tão pezada he a minha Cruz, que o mesmo Christo a não levasse? Tam infosfrível o meu jugo, que outros muitos o

não trouxessem? E tão aspero este caminho, que muitos mil o não seguissem? Como has de vir ao Ceo, se não veyo Christo sem ella? Como sem jugo a meu rebanho, se quem o engeita, não he meu? E como á Gloria sem caminho, se quem o deixa vai ao inferno?

Pois convertete, filho meu, que se chorando tua culpa me pedires misericordia, se doendo te de aggravarme, me buscares de coração, aqui com os braços abertos acharás a minha piedade, & aqui com os olhos cerrados encontrarás o meu amor.

No desprezo dos bens do Mundo terás, o que elle mais estima: no cuidado, com que me busques, o repouso dos que socegão: nos suspiros, com que me chames, as suavidades dos que me gozão: em fim, nos males o regalo, nas repugnancias o desejo, na castidade o teu recreyo, hum thesouro na pobreza, na resignação o teu gosto, & na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, & meu Creador, se tanta gloria ainda no Mundo tem hum amor, que vos abraça, & hum coração, que se vos postra, levantaime ao Ceo o entendimento, unime a vós esta vontade, & sendo nelle hoje, & só comvosco toda a minha conversação, só nelle busque a minha Patria, & em vós só tenha o meu bem todo: com o que

vendose a minha alma como estrangeira cá na terra; muy de passagem pelo Mundo use dos meyoys para a vida, & muy de assento pelo amor, ponha o meu fim na vossa Gloria.

Santificado seja o teu nome.

NA minha emenda, & minha vida, & na de todos os humanos, dandovos todas as creaturas o louvor, para que os criastes, & fazendose toda a terra outro trono de Serafins; onde estando sem nos mover, onde voando sem parar, todos ardendo em vosso amor, vos digamos continuamente: *Altissimo, Santissimo, Eminentissimo, Sapientissimo, & Bonissimo, Creador, Pater, & Senhor nosso.*

Mas quem somos nós, meu Senhor, sendo huns bichinhos vis da terra, hum pouco de lodo animado, & pouco mais que hũ pó unido, para que a essa Magestade, a quem se prostra o Ceo, & a Terra, cuidemos, que louvamos, & santificamos? Quem sou eu, & quem soys vós, imenso Deos, & Senhor meu, para atreerme a vos louvar, se nunca sei mais que offendervos? Se os Serafins, se os Cherubins tem por baixos, & limitados os altos Hymnos, que vos cantão, como ha de ousar hum peccador fazer de lingua tão perversa, instrumento que vos louve, se

do louvor, que se vos deve, laõ pouca voz, todas as creaturas, & todo o Mundo pouca lingua? Como eu vilissima creatura, vos tomarei na minha boca, que tantas vezes vos foy profana? Mas quem, meu Deos, & meu Senhor, me ha de dar a mim voz, & lingua para louvarvos, como devo, para guardavos como cuido? Que Ceo, que Mundo, que creatura pôde ser capaz instrumento, onde caibão solemnizadas vossas glorias, & maravilhas, se os Anjos de vós se admirão com hum excesso, a que eu nam posso chegar? E se esses mesmos vos estaõ louvando com tam superior charidade, que vence todo o meu desejo? Do Mundo todo as creaturas, com huns silencios eloquentes, que eu como nescio não alcanço, me reprehendem na minha frouxidam em vosso amor? Pois que farei meu Creador, eu que sei, que os vossos louvores não sam como os do Mundo? Não fallarei, porque sou nescio? Não amarei, porque sou tibio? Nam cuidarei, porque sou máo? Pois não será affirm meu Deos, que aqui debaixo das hervinhas, dos argueiros, & dos ouçoens, com o coraçam muy prostrado, com a alma, & mãos erguidas, com os olhos postos no Ceo, & com a veneraçam por terra muy humilde, & muy elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvareis

rei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvar-vosha a minha boca com a eloquencia dos silencios; para que onde eu fiz o dano, & a offensa, se vos dê a satisfação. Fallarvos-hão minhas entranhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim vos satisfaça aquelles ays, que dêi ao vento. Adorarvoshei com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois vólós aggravei tantas vezes, por huma escassa vista de olhos. Metervoshei no coração, metendo-me muito por dentro; sempre que me meta comvosco, ou que queirais estar comigo. E emfim, todos os meus sentidos, meus espiritos, & potencias vos louvarão, pondose em vós; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo tão fóra de meus sentidos. E meus espiritos, & potencias vos louvarão pondose em vós; para que assim, meu Deos, renove a memória no amarvos, & o juizo em querervós. Acabe pois esta minha vida perversa com tantos generos de culpas: torne, meu Creador, ao centro, donde sahio; ao principio, donde nasceo; á origem, donde emãnou. Nam mais nas violencias de hum erro tam cegamente idolátrado traga as cadeas, como enfeite, & ame as vaidades, como gloria. Bulquem os olhos o seu lume, os sentidos o

seu objecto, o espirito a sua vida; o seu thesouro o coração. E pois não posso quanto devo; ao menos, Deos, & Senhor meu, amevos sempre, quanto posso.

E se eu mil almas possouira, se mil coraçãoes tivera, se mil caminhos descobriira, se mil mundos comprehendéira, todos, por todos, & com todos me empregára, & entregára em vos servir, & juntamente me desvelára em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho tão pouco, & tão pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as creaturas, os Anjos, os Bãaventurados, & toda a machina do Mundo; em cujas maravilhas grãdes, generos, fórmãs, fermosuras, & perfeições me estou revendo, & admirando em vossa grande, & immensa fermosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, ineffavel Sabedoria, infinita Misericordia, & admiravel Infinitude. Mas para que eu melhor vos louve;

Venha à nós o teu Reyno.

Que sem vós virdes, meu Senhor, como poderéi eu buscarvos? Sem me ensinar o vosso espirito, que louvores sei eu rendervos? Sem que o vosso amor me dê azas, quem bastará

para

para moverme? Sem que me chegue o vosso auxilio, que forças podem segurarme; quando a minha fragilidade cahe de sy cada momento; & quando tantos inimigos cada instante me acometem, & me cercam por toda a parte? Venhão pois, Rey meu, venhão vossas misericordias. Permitti, que sempre a minha alma por vós suspire, por vós clame, & de vós se valha, & se socorra; comvosco se arme, & se defenda. Pois se sem vós não sou nada, se inda comvosco sou tão pouco, de que impulsos mais que dos meus esperarei os meus estragos? De que Imperios mais que dos vossos alcançarei os meus socorros? Debil he a praça de hũa alma, fraco o presidio dos sentidos, baixo o muro da natureza, leve o conselho do juizo, cego o governo da vontade: como pois, Deos meu, & Senhor meu, sem me ajudares nos assaltos, baltarei para as defensas? Como me haverei nas batalhas, sem vós me dades as vitorias?

Naõ ignoro eu que a vontade por vós se deve pôr em campo. Naõ duvido eu, que o alvedrio ha de tomar por vós as armas. Nem desconheço, que devo tremolar vossas bandeiras. Pois sem que eu lide nos conflictos, nam me dareis vós o triumpho? Mas como hey eu de fiar de mim os vencimentos destes vís costu-

mes, & destes riscos, se mil vezes tendovos por mim, eu mesmo fui o meu estrago? Venham pois desse Santo Espirito aquelles rayos soberanos, que allumiem, & desvançaõ as sombras da minha cegueira: q̄ rompão, & despedacem as nuvens de minha ignorancia: & que em fim, rasguem, & consumão as trevas de minha culpa. Acenda-se nas suas chamas, arda nas suas lavaredas, purifique-se nos seus incendios, a vista, a alma, o coração, de quem se deseja mais puro, para que aos votos seja victima, para ser ara aos sacrificios, para ser templo à adoração. Pois assim venha esse vosso Reyno, & nos Imperios desta vida assim tudo vos obedeça, q̄ sendo Cidade de Deos esta confusa Babylonia, os sentidos vos fação Corte, a alma se vos faça Paço, & o coração vos seja leyto, com tanto gosto de servir-vos, & adoravos por meu Rey, por meu Deos, & por meu Senhor, que só para isto estime muito, para este ministerio ser Anjo, para este amor ser Serafim, para a essa Magestade ser trono. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ousadia, querer que vós a mim venhais, porque bem sabeis, que sem vós virdes, não poderei verme comvosco. Necessario he, Sol divino, que arebatem vossos ardores este vapor da terra humilde,

de, & que elevem vossas efficias o pezo grave deste espirito; sempre para vós tão pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, defatem vossos rayos os caramélos: desta culpa; para que correndome muito de não moverse esta fricza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servirvos.

Seja feita a tua vontade.

E Dê tal forte se faça em mim, que vencidas as repugnancias, com que se oppoem á natureza em huma perpetua negação do proprio amor, & de sy mesma, em hũa continua indifferença para o que for vossa vontade: tudo o que em mim foy liberdade, pareça resignação: tudo o que foy contradicção, se faça em mim conformidade: tão inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, tão prezo sempre, & tão atado, que sem poderem apartarme deste suave abraço d' alma os poderes de tudo o Mundo, a força, & arte do demonio, nem o amor cego de mim mesmo: firme me opponha a seus combates, como tronco, que sobre os montes resiste immovel ás tormentas; & triunfe de seus affaltes como penha, que sobre as ondas se tem constante contra os mares em huma firmeza inalteravel: em

huma constancia invencivel viva tão prompto a obedecervos, tão deseioso de agradarvos, & tão destinado a servirvos, que recebendo os bens, & os males com gosto igual a todo o tempo, nesta melodia de espirito, & nesta doce consonancia de meu sentido, o coração goze daquelle serenidade, com que a minha alma se suspenda, & com aquella humilde elevação, com que meu amor se vos una. Faça se em fim vossa vontade:

Assim na terra, como no Ceo.

POis se nos Ceos, todos se amão, porque em sy vos amão a vós; & se vos amão sobre tudo, elles, que assim mais se amão, porque ha de condenar aquillo, que faz o Ceo? Porque ham de fugir os homens de parecerse com os Anjos? Por ventura a vossa vontade he querer, que elles se condenem? Pertendeis vós mais que salvarnos? Solicitais mais que atráhirnos? Sendo gloria a resignação, sendo o gosto a conformidade, não morrerei por estes gostos, que inda no seculo são gloria? E sendo a culpa em sy tormento, mártarmelhei por aquelles gostos, que são inferno, ainda no Mundo? Que sam sem vós os bens da terra, se os do Ceo sem vós são nada? Della que posso eu de-
sejar,

fejar, que vós comvosco me não deis? E delle, que posso eu querer, que vós comvosco me não entregueis? E delle que posso eu apeteccer, que vós sem vós me não concedais? Para alcançar a união, que me faz hum, meus Deos, comvosco, que meyo ha mais efficaz, que fazer a vossa vontade? Por isso, os Ceos fazei vossa Patria, porque nelles perfectamente vos chegamos a obedecer? Por isso nelles os Anjos, e os Serafins, & os Cherubins vos contemplão rosto a rosto; porque que não pôdem, não, querer mais do que o que he vossa vontade. Por isso os Ceos são o lugar, em q̄ vos vem os Escolhidos; porque o serem lá huns comvosco; lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazei pois, meu Criador, que não querendo toda a terra; mais do que aquillo que quer o Ceo, não fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conheção, que para serem Ceo lhes falta só a obediencia; que para ter no Mundo a Gloria, lhe falta só a conformidade; & para Bemaventurados, lhe resta só andar unidos com o que for vossa vontade. E assim, meu Pay, & meu Senhor, nam só em mim, que fui, & sou o mais perverso dos nascidos, & o mais ingrato dos homens, se glorifique o vosso nome, & se faça vossa vontade; por em todas as creaturas, do mar, & da terra, & do

Universo; para que havendo em todo o Mundo hum só Pastor, & hum só rebanho, assim vos amem, & vos louvem, assim vos sirvão, & obedeçãõ, que a terra pareça Ceo, & o mesmo Ceo se ache na terra. Mas se, Deos, & Senhor meu, nossa fragilidade faz, que cançemos no caminho:

O Pão nosso de cada dia Espiritual nos dá hoje.

DAinos a todos o sustento; não que sobeje para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as creaturas estã o postos, meu Criador, nessa Bondade, & Providencia; de quem esperão o alimento: vossa mão sempre liberal nos enche cada dia a todos, & nos acode cada hora. Como pois de vossa Bondade me pôde faltar a Providencia, quando espero confiado, & conheço agradecido? Se das entranhas da terra trazeis & mais humilde hervinha o succo, ou humôr, de que se sustenta? Se nos penhascos, & nos montes o dais aos aspides, & ás vibras, aos basiliscos, & ás serpentes? Se os lirios da terra, que não lavrãõ, se as aves do Ceo, que nam fiaõ, se os peixes do mar, que não semeão, nam ha dia que nam recebão desta liberal mão o com que vivaõ? Se vds ás feras intrataveis, se

vós

vós aos brutos mais terriveis, ou miniltrais, ou consentis, que os elementos os sustentem, como faltareis aos humanos, que a vós recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, & que vos rogam como a seu Deos?

Aqui pois, meu Creator, com este Pão, aos que não tem mais celeiro, que a vossa Providencia; & dai-me o Pão celestial de vossa Graça, & vosso Amor. Dai-me, Rey meu, & Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em o Espirito; porque culpas de cada hora, cada hora pedem remedio. Seja esta a minha porção, o meu manjar, & o meu regalo; & com taes lagrimas o bufque, com tantas ancias o suspire, com tanta reverencia o receba, & o coma com tanto gosto, que indosse a alma traz vós, ou transformá-dovos comigo, em vós me enleve cada instante, com vosco me una cada hora, & para vós morra toda a vida.

E perdoanos nossas dividas.

Perdoainos nossos peccados, ainda que o não mereçamos; pois tambem, sem que o mereçessemos, nos criastes, & remistis: Usai, meu Deos misericordioso, de misericordia, com quem para a vossa clemencia appella da vossa justiça. Pequei, meu Pay, & meu Senhor, errei,

cegucime, & offendivos: me-recedor sou, meu Jesu, do maior inferno, & castigo, que pôde darse a peccadores. Mas que podia eu esperar de mim, sendo o peyor de todo o Mundo, se não delagradarvos a vds? Porém que hei de esperar de vós, sendo meu Pay, & meu Bem todo, se não que me perdoeis a mim? Pezame muito de coraçam, não tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; & me nos por perder o Ceo, que poro aggravarvos, meu Pay. Cujas bondade incomprehensivel posta na cara de meus vicios me atormenta com a vergonha muito mais, que com os castigos. Pois vós, meu Deos, & meu Senhor, quando não ouvera mais em vós, só por ella treis dignissimo. De até no inferno ser amado.

Esta, meu Deos, he a dor grande, que tenho. Esta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezaroso, & me despedaça arrepedido. Vejome cheyo de maldades, de delitos, & peccados, & todos parecem, que me atrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da vossa presença, como se ella fora o meu dano, querendo huma falsa humildade apartarme dos vossos olhos, onde he mais feya a minha culpa. Tem-me maõ o Entendimento, a quem vós sempre dais a mão, gritando a razão dentro n' alma, que magoa da

da se vos postra, & compungida vos procura. Porém de quem me hei de valer, ou para onde hei de fugir? Se me escondo da vossa ira, metido no centro da terra, lá encontro vossa presença. Se busco as entranhas do mar, para que me encubram de vós, lá me assombra vossos castigos. E se occupo a região das nuvens, lá olho a vossa Magestade. Se subo ao ambito dos Ceos, lá vejo a vossa habitação. Se desço á sombra dos abissimos, lá me prede a vossa Justiça. E em fim, se corro todo o Mundo, em todo acho vosso Imperio.

Pois aquê Pay, & Senhor meu, buscarei eu, para ampararme? A quem, meu Rey, & meu Senhor, chamarei eu, para acudirme? Por ventura terá ao Mundo, que tratou sempre de enganarme? Aos homens, & às creaturas, que intentão sempre confundirme? A carne, o vicio, & o demonio, que com vosco querem descomporme? Ao mar, ao vento, ao fogo, & á terra, que desejão soveterme: Todos olho, meu Creador, & a todos vejo contra mim, depois que esquecido de mim, & atrevendo-me contra vós, ousei viver hum só momento, sem que deitado, & prostrado a vossos pès, confessasse minha culpa, & pedisse misericordia. Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudisse nunca por mim, senão só

a vossa Bondade? Quem fez já mais as minhas partes, para não vovos contra mim, mais que esse amor, essa piedade, que por mim se poz em huma Cruz? Todos os seus merecimentos, que eu nunca soube merecer, vos ponho diante dos olhos. Se olhardes as minhas maldades, como hei de olharvos, meu Senhor? Como chegarei eu a vós, se vos virardes contra mim? Se me negardes o perdão, quem haverá, q̄ possa darmos? Se me não olhardes benigno, que valerá o arrependermes? Se entrades comigo em juizo, quem poderá justificarme?

Se pois quereis, que eu me não perca, se desejas, que eu me converta, & salve, se medida vossa misericordia parece pouco a minha culpa, não me condencis, meu Senhor, perdoai-me, Pay, & Deos meu, que aqui no altar de vossa Cruz todo escondido nessas Chagas, venho, meu Pay, offercevos o sacrificio destas lagrimas, & os holocaustos destes suspiros, com hum coração muy magoado de havervos a vós offendido, com huma alma muito dorida de havervos a vós aggravado, com hum olhos muy aggravados de apartar de vós meus olhos. Perdoai-me, pois, meus peccados, & a todos os mais peccadores:

*Assim como nós perdoamos
aos nossos devedores.*

EU perdoou, meu Creador, a todos quãtos me offendêrão; & quizera, que na minha alma se acháraõ todas as do Mundo; para de todas fazer huma; para que tudo fora hum, & para que em tudo vos amãra. E não sómente lhe perdoou; mas quizera, que todos elles se perdoãrãõ huns aos outros, as offensas que fizerãõ. Perdoai he vds, meu Senhor, porque não sabem o que fazem. Não lhes sirva a elles de dano, o exercitar a paciencia; nem balte para os condenar, dar a outros em que merecer. E que razão tereis, meu Deus, para não perdoares aos peyores, se achãtes razão nas vossas misericordias, para perdoarme a mim o peyor de todos? A mim, o escandalo do mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delitõs? Cuja vida foy tão de bruto: cuja alma foy tam de bronze: cujo coração foy tão de pedra, que ainda hoje aos vossos rayos, & quasi sempre aos vossos olhos he fera, que não se amansa; he metal, que não se derrete; he penedo, que não se parte? Porque os deixãreis, quando vos deixam? Porque os desemparãreis, quando vos fogem? Porque os castigãreis, quando vos agravãõ, se me

não agravãis a mim; que quando me buscais, vos fujo, que quando me chamais, vos deixõ, que quando me venceis, vos resisto?

Que achãstes vós em mim; meu Deus? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que serviçõs vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, & culpas chorado? E emfim, que açãõ, que fosse meritoria? Que obra, que não fosse ingrãtidadã? Que erro, que não fosse delito? Este foy o peyor que este: & este sou eu o peyor de todos, servo inutil, & sem proveito, filho ingrato, & com mil culpas, homem perverso, & com mil vicios; penedo, & marmore, & não servo: que com razão, cuido, que sou odido dos Anjos, & dos Santos, abominãõ dos nascidos, aborreçimẽto dos Ceos, & fastio de todo o Mundo.

Se pois meu Pay, & meu Senhor, sendo eu peyor q̃ isto tudo, ainda mayor que tudo foy a vossa misericordia: como por todos os perversos, como por todos os peyores vos não pedirei perdãõ? Se as vossas entranhas, meu Deus, sendo todas misericordia, nam pòdem sofrer-se hum instante, que não acudãõ aos gemidos, q̃ huma alma dá dentro na culpa: será pessivel, meu Senhor, que vejais vós hũa só lagrima de hũ coração arrependido, sem que venhais correndo a ella, mais do
que

que corre paralyòs? Sofrevosha o coração, ver entre os lobos infernaes a vossa ovelhinha perdida, sem que ao balido menos brando, sem que ao clamor menos dorido, a não defendais do seu dano, & a não ponhais aos vossos hombros?

Não viestes vós cá ao mundo a salvar os peccadores? Pois não os láos, mas os enfermos necessitão da medicina. Logo, meu Pay, & meu Senhor, razão tendes de perdoar, & a tenho eu de vos pedir; pois entre o Mundo, & entre vós me fizestes seu medianoiro. Faça já paz o Ceo, & a terra: obedeçase à Ley da Graça, & acabese o Reyno da culpa, para esse coração nam ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio; achar nos imperios da morte tanta jurisdicção nas almas; pôr nos carcereiros dos infernos tantos prisioneiros do demonio; & ver nas batalhas do Mundo tão poucos trofeos da razão, tão poucos triumphos da Graça.

E não nos deixeis cahir em tentaçam.

Porque ninguem, meu Creador, como vós sabe as nossas forças. E se me haveis de levantar sofrendo a injúria, que vos faço, para que he deixarme cahir; vendo a minha fragilidade, & sabendo o pouco, que presto? Mas oh meu Deos, & quantas

vezes para cahir bem na razão, sendo o meu mal haver cahido; o conhecello me foy util! Como me conhecera eu, como vira bem o que sou, se sem temer o que estou sendo, me não lembrara do que hei sido? Como serei, qual vós quereis, ou qual ao menos me he possível, se me não lembrar, que fui nada? se me não conhecer, que sou terra? & se não vir, que sou cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vós tão longe na escura região do vicio; nos remotos climas da culpa, que sam, senão despertadores, com que hoje me ponho à luta para não tornar a cahir, & para não tornar a peccar? Que sam hoje, senão huns medos, que faz a razão à vontade com os desterrados de seu bem, & com os vultos de seu mal?

Aqui parece, que as memorias nos estragos do coração pintão as Troyas, & Carthagos, que tem as almas dentro em sy, quando em sy tem seus delitos. Aqui parece, que ainda fumão as ruínas da perdição a ser da vida de enganoso, & das vaidades escaramentos. Aqui parece, que ainda mostrão aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falso bem, que idolatramos, do certo mal, que em nós metemos. Situaõ para isso, meu Deos, & Creador, os avisos do mal: situaõ me para prevenir os

futuros, pois neste meu entendi-
mento se não achão outros a-
visos. Prêguem-me os vícios, &
os enganos, em o pouco que são
de dura, & em os castigos, que
tem, pois não quiz ouvir a ra-
zão, & os desenganos, que me
dava. Ensinem-me os mesmos
peccados a torpeza, que tem
comfigo, pois não escutei ás vir-
tudes a graça, com que me attra-
hião. Arrastem-me a ver os seus
fins as vaidades, & ambiçoens,
pois não basteu o exemplo alhe-
yo a meterme na alma a razão.
E emfim, leveme a ver meu er-
ro o mesmo erro, em que cahi,
para que desta grande queda, a
dôr me sirva de lembrança, & a
memoria de medicina.

Porém fazei, que em vossos
braços me aperte, & una de ma-
neira, que nunca mais, meu
Redemptor, perca de vista os
vossos olhos sabindo de vossa
presença: nunca mais me apar-
te de mim, fugindo de vossa
lembrança; nem com a minha
perdição queira comprar a vossa
injuria. Se achei graça nos vossos
olhos, tornem-me a ver benigna-
mente. E aceitandome hum
coração, que ao vosso peito res-
tituo; não desprezando huma
vontade, que ponho já nas vos-
sas mãos; antes erguendo o meu
espírito, seja de ambos; meu,
para volo offerecer, vosso para o
melhorar. Se atêgora cahi em
culpás; vós podeis fazer, meu

Senhor, com que hoje vos caya
em graça. Se aêqui me precipi-
tei; vós podeis erguerme daqui.
E se ainda não estou erguido,
deixai-me; meu Deos, humilha-
do. Daime humildade; meu Se-
nhor; pois não se segura o edi-
ficio com a pedra, que o corda,
senão com a que o sustenta. Me-
nos mal me faz todo o mundo,
menos a carne, & o demonio,
que este amor proprio, que mil
vezes he o meu mal; & o meu
estrago. Vistase este de humilda-
de, & amortalhesse no desprezo
destas chimeras fabulosas, com
q se doura o seu perigo: metase
debaixo dos pés de todo o Mun-
do, & creaturas, & cor çase
por peyor de tudo o máo que ha
neste seculo: para que debaixo
dos pés não se me erga o precipi-
cio, & sempre diante dos olhos
se lhe ponha a vossa vontade.

Mas livraimo de todo mal.

Amen.

FAzendonos já conhecêr, que
não ha mais mal que offen-
dêrvos, nem outro bem mais,
que servirvos. Esta seja a minha
ambição, a minha honra, o meu
recreyo; & tudo o mais, o meu
desprezo, o meu odio, o meu
escandalo. Hũa leve venialidade,
hũ pensamento indifferente, &
hũa sô palavra ociosa sejaõ hor-
ror dos meus sentidos; assom-
bro do meu desengano, & me-
dos

dos do meu escarmento. Não faça a alma pouco caso disto, que parece pouco, quando qualquer agravo vosso feito por mim parece grande, & olhado em vós parece muito.

Ande a minha alma, meu Senhor, tão limpa na vossa presença destas manchas, & destas no-das: viva tam puro o coração sem estas sombras, & fealdades, q̄ se namorem vossos olhos, senão da sua fermosura, ao menos da sua pureza; quando não das suas perfeições, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, & claridade se aclare o lume dos meus olhos, & se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acções com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livraime pois, Pay, & Senhor meu, nam dos males que sente o Mundo; isto são, as tribulações, enfermidades, & fadigas, com que se afflige a natureza, com que ás vezes gosta a Graça, porque com ellas se acrisola: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens, são precipicio da ignorancia, com que perdemos a humildade, & nos desvanece a ruina; porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, a quem fez dano daremlhe azas, pois forçando-as para voar, vão cõfim para cair.

Hum sonhar q̄ temos virtudes, humas mentidas humildades hipocrisia da vangloria, hum não fugir às estimações, & hum não entrar dentro de nós, & não conhecer miudamente, que tudo o q̄ he bom, que he de Deos; que tudo o que he mão, he só nosso: hum pôr o thesouro na estrada, para que o roube, quem o vê; hum julgarnos muito si-guros no meyo das endas do seculo, não recear o temporal, que de hum a-finho se occasiona, porque o Ceo se nos mostra claro; & antes de estar certo no porto, nam temer as Sirtes, & os mares, nam he sómente achaque d'alma, mas he a peste das virtudes, & o sintoma mayor do espirito: de que eu peço que me livreis, meu Pay, meu Deos, & meu Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso não seja? Que acho eu em mim destas riquezas, de tantos beneficios vossos, que esteja em mim, mais que em deposito, para que vós possais tirallo, todas as vezes que vos parecer? Indigno sou, meu Creator, de que inda assim vossos thesouros se ficm de quem tam mal os guardou. Porém nunca vós permitais, que eu desconheça, o que em mim ha; ou me levante com o vosso. Vós me destes o entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a alma, & os sentidos. Que tenho eu nelles, meu

Senhor, que não recebesse de vós? Por ventura o pó, & cinza vangloriar-se-ha do nada, que he sómente o que tem de seu? Precisar-se-ha hũ vil bichinho daquelle não ser, que só teve, em quanto não quizesstes que fosse? E jactar-se-ha o peccador, da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o que he seu proprio.

Oh não permitais, meu Senhor, que com tão cegas confianças se offendão vossos beneficios! Abaixa as velas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metase por dentro a razão, encolhasse sempre a humildade, & não se louve nunca a Graça destas traiçoens da natureza. Temavos sempre muito a vós, que se teme tanto de sy; & não se ame a sy em nada, quem vos ama a vós sobre tudo.

Fazei, meu Deos, que em tençoens boas não se me passe todo o tempo; pois a prova de algumas dellas póde ensinar-me no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vós queirais, que as suavidades, & aquelles doces sentimentos, que às vezes tem,

quem vos assiste, sejam Serças enganosas, que me elevem no meu perigo: antes, meu Deos, me dai a Cruz, com que puder; & conheça eu, que ma dais, para que a estime como joya, para que a abraçe como prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada com voffco, subindome muito por ella, pois ella he a Taboa, em que me escapo dos naufragios do mar do Mundo; pois he a Escada porque subo ao voffo celestial Palacio: & he tambem a Chave dourada do voffo melhor aposento. Suba por ella até o centro, onde só acho a minha origem, & abra com ella em voffo peito as portas d' esse Coração, onde só tenho o meu bem todo, & onde viva o meu amor por todos os sempre.

E se, meu Pay, este desejo; se, meu Senhor, esta humildade; se, meu Deos, esta Oração he conforme á vossa vontade; para que sempre assim vos busque, para que sempre assim me postre, para que sempre isto vos peça, digaõ os Ceos, & a Terra. Amen.



ESPELHO DO ESPELHO.

EM QUE SE DEVE VER, E COM-
pôr a Alma, que quer chegar á
união de Deos.

I. VISTA.



ER se ama a Deos so-
bre quãto se pôde amar,
mais que o Ceo, mais q̃
a vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o peccado sobre
tudo quanto se pôde aborrecer,
mais que a Morte, que o infer-
no, & que o demonio.

III.

Se tem firme proposito, que
está certo, & resolutio, que an-
tes ha de morrer, que peccar,
ainda que o offendaõ na honra.

IV.

Se ama entranhavelmente a
Deos, não só como Misericor-
diofo, senão como Justo: & se
faz taõ bom agasalho no coração

á sua rigurosa Justiça, como á
sua amavel Misericórdia.

V.

Se accitara de boa vontade,
estar antes no inferno em graça,
que no Ceo em culpa.

VI.

Se estivera no inferno de boa
vontade quanto Deos quizera,
a troco de dar com isto alguma
gloria a Deos.

VII.

Se por seu amor de boa von-
tade deseja padecer de todo o co-
ração por amor de Deos, & ama
os desprezos, & aborrece os ap-
plausos do mundo.

VIII.

Se deseja fervorosamente cõ-
formar a sua vida, & transfor-
mar-se todo na vida, dores, &

456 *Obras Espirituaes do Veneravel P.*

virtudes de meu Senhor Jesu Christo crucificado.

Divino; & se faz quanto pôde, para que assim seja.

I X.

XIII.

Se despreza alguém, ou se se tem por melhor que outro, ainda que tenha vida mais justificada; porque he soberba.

Se se entristece das offensas de Deos, & da vida relaxada dos peccadores, & por elles offerece a Deos algumas penitencias.

X.

XIV.

Se se queixa, ou folga de desculparse, quando o murmuração; porque quem tem verdadeiro amor de Deos, não se desculpa, nem se queixa.

Se se alegra que haja outros muitos, que vivam santamente, & fação mayores cousas que elle, por gloria do Senhor.

XI.

XV.

Se está prompto para abraçar todas as tribulaçoens, que por amor de Deos lhe vierem, & por zelar a honra de Deos; & se está aparelhado para todo o desemparedo do corpo, & espirito, & até do mesmo Deos, como não seja perder sua amizade.

Se dera as suas boas obras aos que estão em culpa para se pôrem em graça, & às Almas do Purgatorio, para se livrarem de penas; contentandose com ficar ingreme na vontade, & bondade Divina.

XII.

XVI.

Se deseja estender por todas as creaturas o amor, & louvor

Se tem Oração continua, & anda na Divina presença por mais occupaçoens, ou lida que tenha.



SE.

SEMELHANÇAS

Que tem o verdadeiro Amor de Deos
com a Morte.

Fortis est ut Mors Dilectio. Cant. 8.

Quem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no seu Amor estas Semelhanças.

I.

He, que contra a Morte não ha resistencia: Assim nada resiste ao Amor de Deos; se a vontade ainda resiste, se o corpo, se a Alma, se os sentidos, não ha ainda Amor perfeito.

II.

A Morte tira os sentidos ao corpo, mas nam tira à Alma a razão; antes fica mais perfeita: Assim o Amor, tira os sentidos mortificando-os, mas não tira a razão ao entendimento; antes o aperfeiçoa no conhecimento proprio de Deos.

III.

A Morte em toda a parte pôde succeder, em todas as occasiões tem occasião; em todo o lugar pôde ser, em toda a parte té porta aberta, comendo, rezando, passando, estando quedo, chorando, rindo; em casa, na rua, na Igreja, na cama, na mesa,

&c. Assim em toda a parte se pôde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occasiões, & acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que não seja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos do meu coracão, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vós creyo, em vós espera, a vós adoro, & amo sobre todas as coisas.*

IV.

He, que todo o nosso bem pende de huma boa Morte: Assim todo o nosso bem pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que não he bom para a hora da Morte, não he bom para a Alma: Assim tambem não he para a Alma, o que não he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargoza para os máos, & doce para os bons: Assim o Amor de Deos he amargo para os appetes, & doce

458 *Obrās Espirituaes do Veneravel P.*

doce para a razão , & affectos mor, brevemente se acabam.
que não são más. XIII.

VII.

E muito principal he , que quem morre, já não pôde tratar dos bens desta vida, senão dos eternos, se morre bem: Assim quem quer bem a Deos, não trata dos bens desta vida; só se lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata só por matar, não tira interesse nenhum de que morrao o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Pequeno: Assim o Amor de Deos ha de ser por amallo, sem interesse desta vida, caridade perfeita, & nú de tudo o que não he Deos.

IX.

He, que o Homem nasce para morrer: Assim tambem o Homē nasce para amar a Deos.

X.

He, que para haver boa morte, he necessario boa vida: Assim para ter bom amor a Deos, he necessario viver bem, exercitando se em todás as virtudes, que forem possiveis.

XI.

He, que a Morte boa he alivio de todos os trabalhos: Assim o Amor de Deos de todos deve ser alivio.

XII.

He, que na Morte se acabam brevemente as penas: Assim todas as nossas, em havendo A-

He, que a Morte se atreve, quem se atreve á Morte; por isto sam louvados os Martyres: Assim a muito se atreve, quem se offerece ao Amor, & se entrega a elle, ha de romper por tudo, & as dificuldades, & impossiveis lhe haõ de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte descobre os enganõs do Mundo: Assim o Amor de Deos descobre a falsidade dos enganõs do seculo.

XV.

Muito para notar he, que diz o Espirito Santo, que quem se lembrar da Morte, não peccará mais: *Memorare Novissima tua, & in eternam non peccabis*: Assim quem se lembrar do Amor de Deos, não ha de peccar.

XVI.

He, que a Morte muda os sentimentos; quem antes era homem delicado, com a Morte se muda em cadaver; ainda que o pizem, & esbofeteem, não sente o que lhe fazem: Assim o Amor muda as creaturas, de modo que como mortas nam sentem o que sentiam, antes quem antes deammar a Deos não se achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, já não sente, ama, & ama ao máo trato, &c. por isto a Justificaçam se chama Conversam, que he mudar em outro.

He,

XVII.

He, que a Morte não tem mais que hum contrario, que he a vida: Assim o Amor de Deos não tem mais que hum inimigo, que he o peccado, que he o seu destruidor; todos os mais inimigos, caí ne; mundo, & demonio, em tanto são inimigos d' Alma, em quanto occasião de peccados, mas vencidos todos elles, ferão para crescer o amor.

XVIII.

De hum morto não sahem mais que gusanos, que lhe roem as entranhãs: Assim de hũa Alma enamorada de Deos sahe o bi:ho gusano da Conciencia, que a roe com a memoria, & contrição das passadas culpas, com a dor dos descuidos presentes, que a estão sempre mordendo, & atanzando.

XIX.

A Morte deixa huma Alma só acompanhada de suas obras, & em presença de Deos: Assim o Amor deixa huma Alma só, dizendo que nam quer mais que a Deos, vestindose para isso de suas obras.

XX.

He, que hum morto logo dá cheiro de sy em quanto o não enterram: Assim quem ama a Deos, logo cheira a seu Amor, & não o pôde encobrir até se meter nurna cova.

XXI.

He, que a Morte he ley que se poz a todos, naõ se livra della nenhum: *Statutum est hominibus semel mori*: os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebãos, enfermos, nescios, & sabios estão fogeitos ás Leys da Morte: Assim tambem estão todos fogeitos ás Leys do Amor, & devem amar todos a meu Senhor JESU Christo.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propósitos de nunca mais peccar: Assim quando chega o Amor, devemos fazer hum firme proposito de nunca mais offender a Deos, que para sempre seja louvado, servido, estimado de todos, querido, & obedecido, pelos seculos dos seculos. Amen.



& alegria as necessidades, doenças, afrontas, & miserias, que Deos permite para nossa prova; porque ao ouro de nossas Almas nesta fornalha se tire o que tem de terra, & as fezes, que impedem a uniaõ Divina.

VIII.

Se fazemos com gosto tudo o que nos manda Deos em sua Ley, & temos de obrigaçam, segundo nossos estados.

IX.

Se arrefece em nós o Amor, que antes tínhamos ao Mundo; porque se este não esfria, he final que o Amor de Deos não se acende, não ha tal Amor, não se pôde servir a dous Senhores, nem com huns mesmos passos caminhar para o Norte, & para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he final certo, que o do Mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negregura; se a negregura do Amor do Mundo reyna, ainda não ha brancura.

X.

Se honra, & estima os servos de Deos, & gostosamente os ouve, serve, consulta, & obedece, em especial aos Pays Espirituaes; ou se aborrece atar o espirito, ou a vontade á obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Espiritual, & governe-se por elle.

XI.

Se folga de dar-se ao retiro, & ao silencio, para que estando só retirado do Mundo, converse, & falle com Deos: quem se não retira de creaturas, & de delcytes, & de peccados, não chega á uniaõ com Deos.

XII.

Se tem Oração continua, & se em tudo o que faz deseja contentar a Deos, & faz por não fahir de sua presença, em que deve andar por amor, & por memoria continua, conservando para isto a pureza de intençam, & de consciencia, chegando a meudo á Sagrada Cõmunhão.

XIII.

Se folgamos, & nos alegramos, de que todos amem, louvem, queirão, estimem, & obedeçam a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nós he por estender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Jesu Christo; cançandonos o possivel porque seja estimado, santificado, & louvado na terra: que reyne em todas as almas; & que em quantas podemos, se destrua o Reyno do peccado, & o imperio do demonio de que devemos ser publicos, & capitães inimigos, por gloria, & honra de Deos, que seja louvado para sempre. Amén.



EXERCICIO DE

Mortificaçãõ para toda a Semana.

A segunda feyra.

Mortificar os sentidos dos Olhos, não olhando de advertencia para creatura alguma, fazendo muito porque esta exterior compostura do rosto, & vista, seja memorial da interior modestia, & recolhimento da Alma na presença Divina, andando em fé de que está na presença de Deos, sem se pôr a examinar, como he Deos, que figura tem, se está em pé, se assentado, de que cor, ou de que feição, ou onde morava, antes que fizesse o Mundo; & outras cousas como estas. O que he immenso, como se pôde medir? O que he infinito, como se pôde alcançar? O que he incomprehensivel, como se pôde comprehender? Basta conhecerse a Deos debaixo da razão de Bonissimo, Sapientissimo, Ferosissimo, Clementissimo, Liberalissimo, Pay, Amigo, Esposo de nossas Almas, Rey de todo o Universo. Sd quando estiver em parte que possa olhar para o Ceo, pôde erguer os olhos, porque, co-

mo dizia Santa Theresa: Olhar ao Ceo, faz recolher os sentidos. E se olhamos para o Ceo (como dizia Santo Ignacio) vil cousa nós parece a Terra. Este dia se tomarão trinta & tres golpes de disciplina, á honra dos trinta & tres annos de meu Senhor JESU Christo, na união do que padecio na Coluna. E examine á noyte, como guardou este sentido; & reze aos olhos de Christo hum Padre Nosso, & huma Ave Maria, em satisfaçam dos defeitos que nisto teve, & em acçam de graças. E assim fará todos os dias á noyte, conforme a mortificaçam. E visitará o Santissimo Sacramento hũa vez.

Terça feyra.

Mortificará os ouvidos, principalmente em fugir das conversaçoes perigosas, desejando ouvir interiormente as inspiraçoens Divinas. Este dia, se tiver saude, traga cilicio duas horas. E se puder, visitará o San-

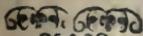
o Santissimo Sacramento, ainda que não seja mais que com hum Padre Nosso, & hũa Ave Maria.

Quarta feyra.

Mortifique o sentido do gosto, jejuando de ordinario, & fazendo alguma mortificação no sustento, & totalmente pelo que for regalo ande cuidando nos gostos do Ceo, & nas Celestes doçuras da Mesa Divina. Disciplinese à noyte por espaço de hum Miserere. Visite duas vezes o Santissimo Sacramento, na forma acima dita.

Quinta feyra.

Mortifique o sentido do olfato, fugindo de todas as cousas de cheiro, & por algũ espaço, buscando algum tormento deste sentido: quando não tenha em que se mortificar, exercitarse este dia em actos de humildade, & paciencia, fazendo por não cheirar lhe mal nenhuma palavra, nem afronta, q̃ lhe fação. Faça vinte & quatro actos de amor de Deos, dizendo: *Men Deos, da minha Alma, da minha vida, & do meu coração, antes morrer, que peccar; antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.*



Sexta feyra.

Mortifique o sentido do tacto, pondo pela manhã cilicio até o jantar, se tiver saude; á noyte disciplina por espaço de hum Miserere. Não se toque, nem se coce de advertencia. Não se veja ao espelho, nem parte alguma sua. Jejue, se puder, a pão, & agua; & visite tres vezes o Santissimo Sacramento, fazendo por ter dõr de seus peccados; faça por andar cuidando este dia nas dores de meu Senhor J E S U Christo crucificado.

Sabbado.

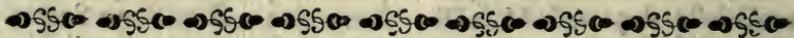
Faga por guardar silencio todo o dia, buscado lugares sós, & solitarios, onde esteja só, em presença, ou memoria de Deos; & nam falle de advertencia, mais que a responder o que se lhe pergunta: visite as vezes que puder o Santissimo Sacramento. Etome se residencia este dia, como guardou os sentidos toda a Semana: reze hũa Ave Maria, & huma Salve Rainha a Nossa Senhora.

Domingo.

Mortifique a memoria de tudo o que lhe vier a ella, dizendo: *Sois vds Deos meu: pois nada mais que Deos.* E faça que nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se dete-

detenha cousa , que nam seja Deos , ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia em actos de Fè, Eiperança, & Caridade. Visite cinco vezes o Santissimo Sacramento. E se for dia de Communhão, & se quizer trocar o exercicio deste dia, com o do Sabbado, pôde fazello; & ao Sabbado faça o de-

ste dia. E em nenhum se deite, sem cuidar como o meterã na cova, & na conta, que há de dar a Deos. E feito Acto de Contrição, & de Amor, deite-se, & a primeira cousa que differ em acordando, seja: *Louvido seja Deos.* E offereçalhe logo á sua gloria, & honra, as obras que fizer naquelle dia, & as de toda a vida.



EXERCICIO BREVE

para a santa Oraçãõ.

A Oraçam consta de cinco partes: Preparação, Lição, Meditação, Petição, & Acção de graças.

Polto de joelhos diante de alguma Imagem devota, ou onde quer que for, benzase, & beije o chão, & faça este Acto de Contrição.

Meu Senhor J E S U Christo, Deos, & Homem verdadeiro, Creador, & Redemptor meu: Pequei, fiz mal, cahi como peccador. Porferdes infinitamente bom, me pesa de todo o coração havervos offendido. Proponho firmemente com vossa Graça emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, & Payção me

perdoeis minhas culpas. Senhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, & livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; & se quizer entrar na devoção das Chagas de meu Senhor J E S U Christo, sirva para composiçam de lugar, Representar hũ Deserto, em o qual em cinco Penhas ingremes estão cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, & que a Alma, tendo tenção de viver solitaria; (isto he, apartada das creaturas) se faz habitadora deste Deserto, & escolhe por moradas estas Ermidas, & que se deter-

determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deserto, quer dizer cousa só, & desemparada: o Deserto he meu Senhor J E S U Christo, que nam ha quem queira morar nelle, & assim está desemparado do Mundo.

As Ermidas são suas Divinas Chagas: estam em Penhas ingremes, porque parece cousa difficultosa viver metida a Alma nestas Chagas Santissimas; & por isto estão como deshabitadas. Tanto que a Alma considerar isto, dirá de todo o coração: *Meu Senhor, de hoje em diante me resolvò a viver convosco, apartado por vosso Amor de todas as creaturas. Escolho para morada de minha Alma este Deserto, & por casa vossas Santissimas Chagas. Eisne aqui, meu Deos, se me quereis, aqui quero estar toda a vida.*

Tomando isto para Medicina, fará primeiro a Oraçam seguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor J e s u Christo, que sem eu o merecer, me tiraste do nada que antes era; & depois por vossa Bondade immensa me fizestes sahir do pégo do Mundo, do lago de minhas culpas, dos abismos da minha vaidade, & sberba, do mar sem fundo de meus vicios, & do profundo inferno de meus peccados. Peçovos (meu Senhor) que assim como sem o merecer, me

livrastes da perdiçam, & de todos estes males; assim agora sem que eu o mereça, me nam deixeis cahir nelles, & fazei com que todas as minhas obras, penfamentos, & palavras se dirijão a vossa mayor gloria, & honra puramente; porque vós sois digno de ser summamente amado, louvado, & obedecido: & porq̃ assim quereis que eu o queira, & o faça, & por todos os sempre dos sempre. Amen.

Feita esta Oraçam, feche os olhos, & representese neste Deserto, isto he, dentro de Christo; & tome huma Chaga para cada dia. Nella medite quem he a quelle Deserto, isto he, quem he Deos, immenso, infinito eterno, incomprehensivel, que padeeo. Considere os tormentos; & agonias do Horto, da Coluna, ou da Coroação de Espinhos, ou da Rua da Amargura, ou do Calvario; ou principalmente a dor que padeceria naquella Chaga, em que se mette a Alma.

E se for na do Lado, considere o Amor, com que aquella coraçam Divino se expoz a todo o tormento, & que ainda depois da morte deu agua, para nos lavarmos, & sangue para nos redimir. Faça por estar abraçando aquella amorosissimo coraçam; considere com que paciencia, com que caridade, com que desejo de nossa salvação padecco.

Gg E me-

— E medite principalmente por quem, por nós peccadores, & por hum de nós; pois dizem os Doutores sagrados, que se hum só ouvera no Mundo, viera a padecer só por elle: & conforme a tenção do Espirito Santo, gaste nullo meya hora, ou o tempo que puder,

Acabada a Meditação, pedirá a Nosso Senhor o mais necessario para sua salvação, & para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, & os bens espirituales, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvação; & bens de seus proximos, & pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente dará graças a Deos deste superior beneficio, que d'elle recebeo; porque ter Oraçãõ, he dom particular do Espirito Santo, & final de Predestinado. Desejará meterse em todas as Criaturas do Ceo, & da

Terra, para que com todas o louve, & ame; deseяando fazer hum amor do que lhe têm todas, para mais ardentemente amar, & servir a Deos. Desejará meterse em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; & em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; & em Deos Espirito Santo, para se unir melhor com elles.

Feito isto, fará muito por conservar todo o dia a memoria de Deos; & naquella Chaga em que andar, como se estivera nella metido, alli coma, beba, durma, falle, hore, estude, & faça quanto fizer; isto he, com lembrança sua; & o que nam fizera, andara, ou dissera á vista de Christo, não faça, nem o falle, nem o cuide; & tudo por gloria, & honra, & amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

ORAÇAM PARA ALCANÇAR ardentemente o Amor de

DE OS.
Meu Deos, ou vós me que-
 reis, ou me não quereis:
 se me não quereis, hey de quei-
 xarme de vós (meu Deos) aos
 Ceos, & à Terra, pois me crea-
 stes para me engeitar; & se me

quereis, meu Deos, eis me aqui;
 na vossa Casa estou; fazei de
 mim o que quizerdes. Quan-
 do pois (meu Deos) quando ha-
 de ser isto (meu Senhor) que me
 queira o vosso Amor; & que

com o vosso Amor me effale o coração? Quando (meu JESUS) ha de ser o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes desejos, & entranhas veis suspiros, & com abrazados fervores se ha de acender a minha alma, & abraçar a minha vontade em vosso Divino Amor? Quando, (meu Deos) quando, Senhor, quando, meu JESUS, com abrazada sede das eternas doçuras, & da vida Eterna, & Celeste, hão de andar as minhas ancias em lagrimas, & gemidos por esses ares, gritando ao Ceo, & fugindo á Terra? Seja, meu Deos, seja meu Senhor, seja meu JESUS, seja isto hoje, & não à manhã; seja agora, meu JESUS, & não daqui a pouco; seja logo, meu Deos, & nam ao depois; seja já, meu Senhor, & não logo. Aqui me tendes, meu Senhor, & meu JESUS, não seja mais tarde isto; rompa-se este penedo em fontes de lagrimas por vosso amor, & por minhas culpas. Desfaça-se meus olhos em pranto, meu coração em suspiros, minhas entranhas em doridas mágoas por meus peccados, & accso todo em meu Deos, em chamas de Espirito, & em celestes lavaredas, acabe já de consumir, & abraçar esta arvore sem fruto, esta terra toda espinhos, & esta Alma de penhasco para vós, meu Deos, sempre dura, & para o Mundo tão branda; para os vi-

cios, tão viva, & para vossa Graça tão morta. Oh meu Deos, & meu Senhor, se em mim ouve-ra, meu JESUS, toda aquella reverencia, com que vos servem, & louvão todos os Anjos do Ceo, & Justos da Terra, essa fora, meu Deos, a minha gloria. E se cu só vos pudéra ter tanto amor como os Serafims do Ceo, essa fora a minha delicia. E se vos pudéra receber com outra tanta pureza como a Virgem Maria vossa Mãe, essa fora a minha ventura. Se pudera estender-me por todas as creaturas do Mundo, & amarvos juntamente em cada hũa, como todas juntas vos amão, essa fora a minha alegria. Se pudéra amarvos, meu Deos, que fosse ao Ceo, & roubasse o que quizesse, a todos deixária a Gloria, mas o Amor não lho deixaria, porque todo me pareceria pouco para vos amar. E se de todos os corações do Mundo pudéra fazer hum só, só a vós, meu Deos, & Senhor, o déra. E se de cada areia do mar, & de cada Estrella do Ceo, & de cada flor da terra, & de cada letra dos livros, & de cada penna das aves, & de cada pelo das feras, & de cada fio das roupas, & de cada cabello das gentes, pudéra fazer mil Mundos de Almas, mil mares de condições, mil Ceos de vidas, & mil Reynos de Espiritos; & em cada hum destes multiplicados outros tantos, como

eu desejo em cada hum: todos, meu Deos, volos dera, & todos tivera por poucos, para vos louvar, & amar, & nam parára nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vós sois, vos adorara por meu Deos, & andara fazendo Ceos, & Almas, creando vidas, & espiritos, erguendo Templos, & levantando Altares, em que, meu JESVS, fosseis adorado, & servido. Se fora o que vós sois, deixara de o ser, porque vós o fosseis; contentandome, meu Deos, com que algũa hora, vendome a vossos Divinos pès, puzesseis em mim vossos santif-

simos olhos, com algum sinal de amor, & boa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu JESVS, & meu Esposo, por tantas razoes digno de ser amado, querido, & desejado: Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, & Eterno bem meu, & meu JESVS de minha Alma, já que nam posso fazer isto, desejo eu sempre isto; & façafe finalmente sempre vossa Divina Vontade em esta vilissima, torpissima, & indignissima creatura vossa, como for mais honra, & gloria, & mayor louvor vosto, por todos os sempre dos sempre. AMEN JESVS.



DO ULTIMO FIM, & summo Bem.

Em seis Discursos Moraes, a que deu nome
de Luzes o Veneravel P.

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

DISCURSO I.

Ponderaõse os males, que consigo trazem os discursos, & faltas de consideração do nosso ultimo fim para que fomos creados.

DOA a perdiçam do mundo de duas razoens nasce, de duas fontes procede: a 1. de desprezarmos o summo Bem para que fomos criados: a 2. de amarmos como ultimo fim qualquer bem caduco em culpa pertendido. Estes dous males fazem todos os que peccam; poiq̃ qualquer peccado mortal não he outra cousa, que hum apartamento voluntario de Deos, & da sua Ley: *Peccatum est averfo à Deo.* Eis-aqui desprezado o summo

Bem. E hum determinado affecto com que se ama a creatura: *Et conversio ad creaturam.* Eis-aqui adorado como bem o summo Bem. Oppoemse estes dous males da culpa, a dous bens, que nos inculca a graça: o primeiro, apartar do peccado, que he o verdadeiro mal: *Diverte à malo.* O segundo, fazer o que nos manda Deos, que he amalo como infinito Bem: *Et fac bonum: Diliges Dominum, &c.* Por isso se queixa o Senhor pelo seu Profeta destes dous males, com que o agrava quem peccando o des-

Pf. 331
15.

Jerem.
2. 13.

preza : *Duo mala fecit populus meus.* O primeiro, deixar a fonte da Graça, onde se bebe a eterna vida : *Ne dereliquerunt fontem aque vive.* O segundo, buscar dom anciosa sede as cisternas torpes da culpa, onde se bebe o veneno da morte eterna : *Et facterunt sibi cisternas dissipatas, que continere non valent aquas.*

Se pois os mortaes considerãõ para que fim nascêrão, facilmente cambrãõ na raziãõ : que nam creou Deos o homem para tam baixos centros como são honras mundanas, riquezas terrenas, delicias caducas, & outros torpes, & imaginarios extremos, de que os peccadores fazem seu ultimo fim, a modo de Borboletas nescias, que tendo por felicidade o seu dano, adoraõ, & galanteãõ o seu perigo, atè que pagaõ o seu erro em irremediavel incendio. Se cuidãrãõ na brevidade da vida, no engano, & perdiçãõ de todos os gostos della, na vaidade do mundo, no immenso espaço da Eternidade, nos caminhos da Penitencia, & da culpa, nos termos da morte, & juizo, nos fins do Céu, & do inferno, que certo forã dar vólta à vida, & tratãõ efficaçmente da salvaçãõ, que he o mayor negocio de nossas almas ! Esta consideraçãõ Chriftãã nos estimula ainda hũa generosida te gentiliza : dizia Seneca de sy, que era mayor, &

nascido para mayores cosas, que ser escravo de seus sentidos : *Maior sum, & ad maiora natus, quam ut mancipium sim sensuum meorum.* Senec. Ep.

Porẽm nem a isto se attende, nem naquillo se cuida, quanto convera que se cuida. Perde-se o mundo, como diz o Espirito Santo, por falta de consideraçãõ : *Desolatione desolata est omnis terra : quia nullus est, qui recogitet corde.* Nam ha quem examine o fim para que foy creado, & o summo, & infinito bem para que foy redemido : & como desejaõ todos naturalmente ser bemaventurados, constituindo no esquecimento de Deos bemaventuranças apocrifas em glorias quimericas, em felicidades caducas, todos errãõ o caminho, porque desviandose do summo Bem, & precipitandose no eterno mal, no mesmo que escolhem por summa felicidade, os colhe a summa desventura ; & assim como a terra sem a luz do Sol fica sepultada em sombras, sem que se vejaõ na escuridade os perigos : assim as Almas sem a luz da consideraçãõ, ficãõ sumergidas em hum mar de trevas, donde os eclipses da consciencia nam deixam ver os males, em que nos precipita a culpa.

O inimigo do genero humano, que invejoso de nossos primeiros Pays lhe fez guerra no Paraiso, a continua sempre no mundo ;

Jerem.
12. 11.

mundo : & quando não póde tirar-nos a Fè, roubanos a confidèraçam ; porque faltando esta no mayor interesse da alma , se perca tudo.

Daqui nasce, que esquecidos os humanos da sua origem, & do seu ultimò fim, & de que devèm ser como rios, que do mar sahirão, & devem tornar para o mar, se se não querem perder, se ficam como charcos podres, como lagodas ingratas nas vaidades terrenas, onde, como as aguas no lodo, entranhados no seu vicio, perdem a inclinaçam para o seu centro, & por isso deixo de correr ao mar da bondade Divina, tendo por summa gloria treçar o amor de Deos em amor do mundo, os desejos do Ceo em suspiros da terra, & em sede do seculo a fome da Eternidade.

Não olha o peccador a altura, a profundidade, a largura, & o comprimento das cousas eternas, & futuras : nam olha para cima, nam fita os olhos da alma, como Aguia espiritual, nos gostos da celeste Patria : nam olha para baixo considerando o profundo carcere da eterna pena : não olha para diante estendendo a consideração no comprido campo da vida eterna: não olha para traz lembrando-se do pó da terra, de que Deos o levantou, da região do nada, donde sahio, da torpe vida, com que de Deos se esquecco, dos

auxilios, dos Sacramentos, dos beneficios, que espedigou, & da bondade, paciencia, & misericordia, com que o Senhor o soffro. Nam olha para dentro de sy, por isso nam vê a imagem, que poz nelle, como em espelho, a Divina fermosura, nem a mancha, que contrahio em peccaminosas torpezas, não põem os olhos sómente nas superficies douradas desta apparencia caduca, com que a vaidade se engana : cegase na perdição aprazivel da temporal vã gloria : vai selhe o coração atraz do cego feitiço dos gostos desta vida ; & daqui vem esquecerse totalmente da eterna Bemaventurança, a modo de peixe simplez, vendo no mar a sombra do Sol, da Lua, & das Estrellas, corre com grande gosto ao vão simulacro das sombras, & com ellas se abraça, & se contenta, sem se lhe dar do Original, que he tão differente, quanto vai do mar ao Ceo, da verdade à mentira, da sustancia á figura. Assim no mar do mundo se abraça, & contenta o peccador miseravel com qualquer bem temporal, que he huma sombra do eterno, & como anda neste mar metido, a troco de viver como peixe na agua, não estranha as amarguras da consciencia, nem sollicita outra gloria, mais que estas sombras aerias, que em sombras eternas parão, & em fogo eter-

no se mudão; se purgão.

Se pois o peccador algũa hora

sondára bem este mar, & pezára

ora bem o que sam os falsos bens

desta vida, facilmente vira, que

os mefmos bens do mundo nos

dizem, que não são verdadeiros

bens. Seneca com ser Gêntio dif-

Senec. *Non nascitur ex bono malum,*

Ep. 30. *non magis quàm ex ficu olea: ad se-*

men nata respondet: bona degenerare

non possunt. Dos bens não nascem

males. Todos os bens do mundo

se reduzem a tres gêneros de

bês, riquezas, delicias; & hon-

1. Joan *Omne quod est in mundo, concu-*

2. 16. *puscentia carnis est; & concupis-*

centia oculorum, & superbia vite.

Das honras nascem perigos, das

riquezas defasocegos, das deli-

cias dano; quasi sempre nasce

tambem das riquezâs a cobiça,

das delicias a luxuria, das hon-

ras a soberba; & quasi sempre

pára a soberba em ruína, a luxu-

ria em torpeza, a avareza em

eterna desaventura. E final-

mente todos os bens do mundo

appetecidos sam ancia, gozados

faltio, perdidos mágoa, casti-

gados inferno. Se pois os bens

desta vida produzem males, co-

mo pôdem ser verdadeiros bês?

Se nos fazem mal, & se con-

vertem em mal, como pôdem

ser bens? E se das espinhas se

nam colhem uvas; nem figos

dos abrolhos, collendo dos bês

temporaes quasi sempre males

temporaes, & muitas vezes ma-

les eternos; como nos parecem

bem?

Nam tão sômente nos fazem

ma los bens do mundo, senam

que nos fazem máos. Quem fez

a Faraó cruel, obstinado? O

poder; & Monarchia. Quem a

Nabúco blasfemo? A felicida-

dê, & victorias. Quem ao Rico,

avarento? As riquezas. Quem

ao Prodigio lascivo? As abun-

dancias. Quem a David adul-

tero? O mimo; & demasiado

regalo. Quem a Saúl soberbo,

& envejoso? A grandeza a que

se vio constituido. Quem a Lu-

cifer soberbo, & altivo? A fer-

mosura, & ciencia com que se

desvaneeo. Quem a Adão des-

obediente? O Imperio, & a

Magestadê com que Deos o ex-

altou. Quem a Salamão Idola-

tra? As delicias com que vi-

via. Quem a Sodoma abomi-

navel, a Ninive escandalosa, a

Jerusalem ingrata? Suas me-

mas opulencias, de que nascê-

raõ horrendas culpas.

Pelo fruto se conhece a arvo-

re, pelos effeitos conhecemos as

causas, & a natureza, & effen-

cia de cada hũ pelas suas obras:

Eodem modo quo res se habet ad ef-

ferendum, se habet ad operandum.

Ad semen nata respondent. O Sol

mostra, que he Sol no que allu-

mia, (este he o seu effeito for-

mal) o fogo mostra, que he fo-

go, no que aqueenta, a agua

mostra que he agua, no que es-

Ari-
stote-
les.
Senec.

fria,

fria, a triaga mostra que he triaga, não que cura. Se pois a triaga nos matára, como a tiveramos por triaga? Se a agua nos abraçara, como a tiveramos por agua? Se o fogo nos esfriára, como o tiveramos por fogo? Se o Sol nos deixára às escuras, como o tiveramos por Sol? Logo senão devemos ter por Sol o Sol, que nam allumia, por fogo o fogo, que não aquece, por agua a agua, que não esfria, por triaga a triaga, que nam cura, como temos por verdadeiros bens, huns bens que nos fazem máos, & mal, & tam grande mal, que nos apartão do summo Bem? Huns bens quimericos, & fallidos, que ainda que pareçam Sol, nam sam mais q̄ sombra, quando muito sombra do Sol, & não Sol, sombra do fogo, & nam fogo, sombra de agua, & nam agua, sombra de triaga, & não triaga? Parecem Sol, que lustra, & são Cometa que ameaça: parecem Estrella, que brilha, & sam exhalação que corre: parecem flor que deleyta, & são espinha que lastima: parecem luz que nos namora, & são relampago, que nos cega: parecem diamante, que dura, & sam vidro, que estala: parecem substancia, que existe, & são sombra, que desaparece.

Se pois nam são mais que sombras, quem pela sombra do Ceo quererá deixar o Ceo? Que

pelas sombras do ouro, o ouro? Quem pela sombra da fonte, tendo ardente sede, deixou a fonte? Quem pela sombra das perolas, dos diamantes, das flores, & das luzes, deixou as luzes, flores, diamantes, & perolas? E que deixemos nós o ouro da Bemaventurança pela sombra que nos leva à summa desventura! A fonte da graça, a flor da gloria, a perola do Ceo, o diamante do summo Bem, a luz da eternidade, por huma sombra traidora, que apenas se nos representa em breve efimera de glorias, quando se nos desfanece em leve vágado de nadas! Oh erro poucas vezes conhecido no mundo, mas sempre chorado no inferno!

Ainda porém, q̄ forão verdadeiros bens do mundo, nam se devia fazer caso de huns bens, a que falta a duraçam. A vida passada (differam os condenados) que era como nevoa: *Vita sapientia nostra sicut nebula dissolvatur*, a gloria como fumo, a idade como flor, o tempo como sombra, os contentamentos como sonho, & até em quanto a vida dura, morremos a cada momento para a mesma duraçam da vida: *Rex exigua festinantis ævi momenta permorimur*. He hum momento tudo o que nos deleita: *Momentum est quod delectat*. He huma eternidade o que nos ameaça, & penaliza: *Æternum quod cru-*

D. Gregor.

ciat. He hum ponto indivisivel o que se dura: *Punctum est, quod vivemus.* E ha quem faça caso deste sonho, que em lagrimas se nos solta, deste ponto com que o demonio nos ata, deste momento, que a huma eternidade se artifica, desta flor, que cada hora se murcha, deste fumo, que toda a vida nos cega, desta sombra, desta nevoa, que tam depressa passa? Oh cegueira! oh miseria summa!

Digãome os mortaes, quanto dura ao goloso o sabor; ao lascivo o deleyte; ao desvanecido o applauso, ao vão o passatempo, ao sensual o gosto? Não passa num instante tudo? Fica alguma cousa mais de tudo o que se goza, que huma saudade, ou mágoa que fica, & huma vaidade que passa? Não he certo que fica o peccado para verdugo, & se vay o gosto para o tormento? Que são pois as glorias da vida mais que huma hera de Jonas, que em huma noyte nasceo, & em huma noyte acabou? Heras de Jonas são, prometemse-nos por eras, & acabamse-nos por horas. Não podemos com verdade dizer: Este gosto he; quando muito podemos dizer: Este gosto era. São imperfeitos os seus tempos, porque nunca passam de era. Hera que como folha se vira, & como folha se murcha, & arrebatada do mesmo vento da vida, cahe, & se resolve em nada.

São finalmente os bens do mundo, como estatuas de Nabuco, onde toda a gloria do mundo appareceo em figura: em sonhos appareceo, & desapareceo em moinha arrebatada do vento antes que se acabasse o sonho: *Redacta quasi in favillam estiva arca, quae rapta sunt vento.* Para que vissemos, que nem por sonhos dura a gloria vã deste mundo, & que nos desenganasse em pó, & moinha o mesmo, que nos enganou em estatua: porque a desprezasse em vento; quem a suspirou em idolo. Foy sono, & não acordo; figura, & não substancia; apparencia, & não realidade: para que a mesma figura da vaidade do mundo fosse despertador do nosso desenganho.

Mortaes enganados, & pervertidos, aquelles que estais em culpa, amando a perigosa mentira da felicidade mundana, quem vos move? Quem vos atrahê? Quem vos enfeitiça? He por ventura mais ouro? Isso deu a terra a huma mina. He a fermosura? Isso deu o campo a huma flor. He a estimaçãõ? Isso deu a gente a huma pedra, que isto he o melhor diamante. He a ostentaçãõ; & a pompa? Isso deu o ar a huma nuvem. He a altura do estado? Isso deu o mundo a huma grimpã. He a valentia? Isso deu o monte a huma fexa. He o vestir sedas? Nessas

se amortalha hum gusano. Sam as letrās, & as sciencias? Iſto achareis num livro. He a vida, & a faude? Iſto tem na ſua tova hum bruto. He o regalo do comer? Iſto tem na podridão hum bicho. He a opiniã, & nome entre os homens? Iſto tem Alexandre Magno no inferno.

Como pois he poſſivel, que ao homem racional lhe ſirva de ſummo bem aquillo, que he cõmum á terra, & ao ar, ao papel, ás pedras, às hervas, aos brutos, aos bichos, & aos condemnados; aos quaes toda a gloria, que poſſuirão no mundo, ſerve agora de mayor tormento? O ouro ſomeſe, os diamãntes perdemſe, as flores agonizaõ, as nuvens deſaparecem, as grimpas mudãõſe, os livros rompemſe, as feras mataõſe, os bichos morrem, os Alexandres condemnamſe; & ſendo cada felicidade deſtas hum perigo da natureza, & huma vaidade da culpa, como ſerã razão, que as faça o noſſo cego appetite; huma injuria da graça, & huma abominação da gloria? Oh ignorancia! Oh tegeçira! Oh malicia! Oh perdiçam! Oh extrema deſaventura!

Peccador, não he verdadeiro bem aquelle, que não dura, como dizia São Jeronymo: *Nihil bonum niſi perpetuum*. Nada he bom mais que ſó o Eterno. Bem que nos não mata a ſede, não he bem verdadeiro. Huma pinga de

agua não mata a ſede, antes faz mayor a ancia; huma gota de orvalho acreſcenta na ſemalha o incendio. Todo o mundo he huma pinga de agua, he hũa gota de orvalho para acender, & acreſcentar a ſede, em que ſe abraza a alma por lograr do ſeu ultimo, & verdadeiro bem. Se atẽgora pois deſalumbado amaſte a gloria do mundo como fim ultimo, deixando por eſte engano com teus peccados aquelle ſummo Bem para que foſte creado, & redemido com o ſangue de meu Senhor Jeſu Chriſto, troça o amor, & chora o aggravo, que fizete a Deos, que he teu ſummo Bem, & dize de coraçã:

Meu Deos; & meu Senhor Jeſus Chriſto; ultimo fim, & ſummo bem meu, a quem como cego offendi, & como perverso aggravei; pezame Senhor muito de coraçã de vos haver offendido: doome, & magoome muito; & ſenão he quanto devo, ao menos quanto poſſo, da offenſa, que vos tenho feito: não me peza tanto meu Deos pelo grande inferno, que tenho merecido, quanto pela grande injuria, com que a Voſſa Mageſtade tenho aggravado; fazendo como ignorãte, & cego da malicia meu ſummo bem, da torpeza, & dos goſtos, & bens deſta miſeravel vida a minha bemaventurança. Oh prouvéra a vós

meu Deos, que vos agradasse, que eu nesta hora morresse com dor da culpa, já que antes de vos offender não morri primeiro, que esse fora agora o meu gosto!

Proponho firmemente a emenda da minha vida com vossa graça, espero alcançar perdão de minhas culpas pelos merecimentos de vossa Payxaõ santissima.

D I S C U R S O II.

Os beneficios da creação, os conselhos da Escritura, os avisos da natureza, as significações da graça, & persuasões da gloria nos obrigão a amar como ultimo fim a Deos.

Ninguem obra alguma coisa, diz o Filosofo, que não seja por algum fim: *Omnia agens operatur propter finem.* Fazse a casa, para que nella se more, a horta, para que frutifique, o jardim, para que deleyte, a guerra para a paz, a batalha para a victoria, a fortaleza para a defenfa, a sementeira para a seara. Tudo quanto Deos fez foy por amor de sy: *Universa propter semetipsum operatus est Dominus*, porque de tudo quiz ser ultimo fim, assim como de tudo he principio: *Ego sum Alpha, & Omega, Principium, & finis.* O fim ultimo para que Deos creou o homem, como ensina Santo Agostinho, foy para conhecer, amar, & servir a Deos nesta vida, & para o ver, amar, & gozar eternamente na outra. Para isto uos tirou dos abismos do nada, donde a infinita omnipotencia

pudera tirar infinitas outras creaturas, que muito melhor o servirão, deixando estas por seus profundos mystérios, & independencia suprema, que não tem necessidade de nenhuma.

Criou nos á sua Imagem, & semelhança capazes de sua gloria, & de sua vista: dotou nos de potencias, & de sentidos, dandonos memoria, para que delle nos lembrassemos, entendimẽto para que o conhecessemos, vontade para que o amassemos, imaginação para que o trouxessemos presente, olhos para que vissemos suas obras, ouvidos para que ouvíssemos suas palavras, lingua para que louvassemos suas grandezas, & as mais faculdades da alma, & do corpo, para que nos admirássemos em suas maravilhas, & agradece-

femos suas misericordias. Fez o Ceo para serviço do homem

Prov.
16. 4.

Isai. 41.
4.
Apoc.
1. 8.

mem, & neste mandou, que não parasse o Sol, a Lua, & as Estrellas: o mar, o fogo, o ar, & todas as mais creaturas: fez-lhe não só communs, mas particulares beneficios: deulle Anjos para sua guarda: veyo ao mundo morrer por elle: dalhe auxilios, com que a cada instante o acorda: dalhe para alimento dalma seu Corpo, & Sangue nesta vida, promette-lhe a perduravel, & eterna; & tudo isto lhe offerece sem dependencia sua, né merecimento nosso: antes merecendo o peccador quantas vezes pecca, que o lance nos infernos, onde deitou os Anjos do Ceo por hum só peccado, nos espera sem que lho pegamos, nos chama quando lhe não respondemos, nos busca ao passo, que lhe fugimos, & nos sofre tantas vezes, quantas o desprezamos no peccado com que quebramos seus mandamentos, a troco de ver se alguma hora nos arrependemos: dissimula para que o peccador se arrependa: embainha a espada de sua ira, para que entretanto cada qual abrace a misericordia; & quanto o ra a sabedoria, a omnipotencia, a misericordia, & a bondade nas suas creaturas, se encaminha a que conheça o homem quanto deve a Deos, que o ame como summo bem, & só por elle suspire como seu ultimo fim. Poem-nos cada dia o Ceo diante dos olhos, para

que erguendo-os à celeste patria, suspiremos pela eterna vida, & desprezemos a caduca, que periga entre dous caminhos da eternidade do Ceo, & da eternidade do inferno.

Oh quantos com esta confideração povoarão os hermos da Thebaida, & da Palestina, convertendo em Cidades de Deos aquellas solidosens, & desertos; & fazendo casas dos sepulcros, & concavidades dos montes, se enterravão para a vida na flor dos annos, & vivião junto de hum penedo, como se forão outro penedo: tão mortificada a carne, tam crucificado o espirito, que esquecidos da sua natureza já não sentião os rigores do Sol, & do frio, dos ventos, & das neves, as inclemencias do Ceo, & da terra; antes acrefescendo o numero aos troncos, a solidão aos penhascos, viviam em suave silencio; convertendo o mais aspero daquellas rochas em laminas do Paraíso! Alli se viaõ orar, & arrebatat os Paulos, os Hilarioens, os Jeronymos, & Antonios: alli chorar as Pelagias, & Marias Egypciacas: alli fazendo penitencias famosas os Pacomios, & os Macarios: alli postos em campanha contra o inferno hum sem numero de espiritos: alli desprezado o mundo, & os seus enganos, suspirado o Ceo, pertendido summa-mente aquelle summo bem, &

totalmente aborrecido o peccado, que he das almas o mayor mal, era Deos summamente amado, querido, & louvado.

Oh quantos ainda arrebatados deste conhecimento trocarão a olanda pelo cilicio, a purpura pela mortalha, o bocado pelo burel, a tela pela estameña, as sedas molles, & brandas pelos vestidos asperos, & grosseiros; para que ainda no exterior mostrassem, que seguiam o spendão de Jerusaleem, não o estandaite de Babylonia, não a pompa do demonio, senão a Cruz de Christo!

A este amor de Deos nos incita a Escritura, nos move a natureza, nos clama a graça, que o Senhor nos dà, nos peritua de a gloria, que nos promete, nos instão todas as creaturas, que meudamente nos gritão. Quanto ao primieiro, incitanos a Escritura em muitos lugares. Deuter. 6. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Amarás a Deos de todo o teu coraçam.

Mat. 22. *Deum.* Amai a Deos por toda a vossa vida. São Matheus, São Lucas
Luc. 10. S. João em seus Evâgelhos repe-
Joan. 4. tem os mesmos preceitos, acres-
1. Joan. centando São João, que amemos a Deos, porque elle primeiro nos amou a nós. E assim destes, como de outros lugares nos faz obrigação de amalo, como ultimo fim, para que use-

mos de tudo, & só nos gozemos em Deos.

Segundo, move nos a natureza, porque dentro de nós mesmos clama a obrigação natural que temos de amar sobre tudo aquelle Senhor, a quem não ignoramos que devemos tudo. Se naturalmente ama o filho ao pay a quem deve parte do seu ser, quanto mais devemos amar a Deos, que tirou do nada nosso corpo, & alma, & nos deu como Pay superior todo este ser, que temos? *Amandus est Generator,* (diz Santo Agostinho) *sed preporendus est Creator.* Mais devo a quem me criou de nada, que a quem me fez alguma coisa. Se te parece pouco criar-te, considera com São Bernardo qual te fez quanto ao corpo, excellentissima creatura em quanto á alma superior coisa: porque he insigne imagem de Deos, participante por graça da divina natureza, capaz com o lume da gloria da eterna bemaventurança; tudo isto fez com artificio incomprehensivel, com sabedoria infavel: sem necessidade sua, porque não ha mister nada nosso; sem merecimento nosso, porque se de antes não eramos, antes nada mereceriamos. Cada parte do nosso corpo, cada sentido nosso he hum beneficio divino, & por qualquer que só lhe deveramos, deviamos amar a Deos com os mayores extremos.

Se hum homem perdêra hum dos olhos, hum pé, huma mão, hum braço, quanto amaria aquelle que lho restituira, & puzera no estado que dantes era? E se o que merecia lhe tirassem os olhos, lhe cortassem o braço, decessassem o pé, quanto amaria a quem lhe impedira o castigo, & desviara o tormento? Não he ménos, antes muito mais para amar aquelle immêso Deos, que desde principio da vida nos deu, & nos conservou os olhos, as mãos, os pés, & os braços ao mesmo passo, que empregando-os em sua offensa, merecíamos que nos quebrassem os braços, nos decessassem os pés, nos cortassem as mãos, & nos tirassem os olhos. O que digo dos olhos, cuidai dos outros sentidos, & membros do corpo humano.

E se tanto he para amar o Creador do corpo, quanto será mais para amar quem nos criou a alma, que infinitamente he melhor que o corpo? Se perdereis o uso da razão, & o entendimento, quanto amareis a quem vobos tornará? Quanto será pois para amar quem desde nosso principio nos deu o entendimento, & o uso da razão? Não he menos para amar quem vos dá a capa nova, do que quem vos restitue a velha perdida? Se merecereis por hu crime a morte, que he separação da alma do

corpo, quanto amareis aquelle, que vos perdoára a morte, & do corpo vos não separára a alma? Logo quanto mais he para amar aquelle bom Deos, & Senhor, que unio a vossa alma, & o vosso corpo, & nesta uniaõ a conserva até quando mereceis, com vossos peccados, a morte, & separação da alma? Digno he, Senhor Jesus, de morrer perdendovos, quem recusa viver amandovos, exclamava neste passo São Bernardo: *Dignus plane est morte, qui tibi Domine se su recusat vivere.*

Que imagem não amara o seu Artifice, se tivera entendimento para o conhecer, vontade para o amar? Fezvos Deos a sua imagem, & semelhança com entendimento, & vontade: quem ha que tenha entendimento, se nelle não cuida? Quem ha que tenha vontade, se o não ama? O filho, que he mais semelhante ao pay, mais o ama, & he mais amado delle: logo esta natural semelhança a amar a Deos nos inclina.

Até a figura do homem o persuade, que ame a Deos. Fez Deos os animaes com a face para a terra, para que andando com os olhos nella, como prostrados, nella buscassem o pasto, nella o seu gosto. Fez o homem em figura recta com a face para o Ceo, para que no Ceo trouxesse os seus olhos. *Non habentius faciem sur-*

sum (exclamava São Bernardo) *& cor deorsum*. Não tenhamos pois a face no Ceo, & o coração na terra: se os olhos estão para cima, não fique o coração para baixo, siga o coração os olhos, que tantas vezes derão apez de sy o coração; demos pelos avisos da natureza, não delatendamos às significações da graça; & especialmente a graça que nos fez na redempção, com que o Senhor Jesus nos libertou, & nos comprou, dandose a sy por nós.

A graça do teu fiador, diz o Espirito Santo, não te esqueça nunca, pois deu por ti a sua vida; *Gratiam fidei iussoris ne obliviscaris, dedit enim pro te animam suam*.

Ecclef. 29.20. E São Paulo: Sabeis a graça de

Galat. 2. nosso Senhor Jesus Christo, que vos fez em se fazer pobre sendo

rico, para que vós na sua pobreza tivésseis a mayor riqueza? Posto que muito obrigue ao homem para amar a Deos considerar que Deos o formou, muito mais o deve obligar, ver que Deos o reformou. Pouco aproveitara crialo, se faltara o redemilo: nada valerão os dotes da natureza, senão se aperfeiçoaraõ com os seguros da graça. Por isso inferia São Bernardo: *Si totum me debeo pro me factõ, quid addam pro me refectõ, & refectõ hoc modo?* Se todo me devo a Deos, porque me creou, quanto mais me deverei, porque me

me remio por hum tam admiravel modo, que me obrigu de todo? *Quid retribuam Domino* (perguntavase David a sy) *pro omnibus, quæ retribuit mihi.* Pl. 115. 120

Que hei de dar a Deos pelo que segunda vez me deu? Como se dillera: Todo me devo a Deos pela creação, nada tenho, que lhe dar pela redempção: na primeira obra da natureza deume muito, porque me deu todo a mim: na obra da graça da redempção devolve infinitamete mais, porque me deu todo a sy, & onde se me deu a sy, a mim me restituiu a mim: logo dado, & restituido a mim por mim me devo, & deverei, que darei pois a Deos por sy? Se mil vezes me pudera dar a este infinito Senhor, ainda assim não dava nada, visto que em sua comparação sou cousa nenhuma.

Como dormes alma miseravel tendo á vista este beneficio? Como não cuves o elamor da graça sobre os gritos da natureza? Movêrãose as pedras na Payxaõ de Christo, tremeo a terra, abriramse as sepulturas, eclipsouse o Sol, & a Lua, moveuse o firmamento, o ar, & todas as creaturas insensiveis, sem que Christo morresse por ellas; & tu a quem se concedeo esta graça, por quem se fez esta fineza, não te moves, não te obrigas? Sem duvida, que es mais duro, que as pedras, mais insensivel, que

Os marmores, & que as creaturas todas? Sinal he de morto faltar o sentimento: morta vive a alma no sepulcro vivo do corpo, se não ouve este clamor da graça de Jesu Christo: se não ouve as blasfemias, os gritos, os clamores, as irrisoens, & estallos dos azorragues com que o Senhor Jesus foy por todos, & qualquer Christão escarnecido, açoitado, morto, & crucificado, surdo he de espirito, mouro de entendimento, insensato de alma, & incapaz da eterna gloria. O fogo com nenhuma cousa se acende melhor, que com outro fogo: ainda que fomos agua, deviamos ferver, & arder no amor do nosso Deos, abraçados no fogo daquelle immenso amor que nos mostrou em sua morte, & Payxaõ.

Pe^u suadenos a mesma gloria; por que se tanto nos leva, & enleva a mundana para encaminharmos a ella como para fim as aççoens da nossa vida: que não devemos fazer por alcançar aquelle ultimo fim, que nos coroa, por amar aquelle ultimo fim, que he principio de huma gloria eterna: Se são tam amigos de gloria naturalmente os homens, como não trabalham por aquella gloria sobrenatural, que a Fè lhes ensina, o amor de Deos lhes offerece, & que sem o entenderem tudo anhelão nossas almas? Se pela gloria tempo-

ral, & caduca se dão tantos passos, como pela eterna se fazem tão poucos extremos? Deos he como Labão, a gloria, como Rachel: he necessario antes de gozala servir a Deos para merecela. Se muitos annos a Jacob, pelo amor que tinha a Rachel, pareciaõ poucos dias; como he possivel, que breves horas, que gastamos em servir, & amar a Deos, nos pareçaõ muitos annos? Ora se nos não persuade a razão, movaõnos os exemplos. Quem chamou tantos ao martyrio, senão a espera do eterno triumpho? Quem a tantas penitencias fez suave o trabalho, senão a representação do premio? Quem a tantos Santos fez ambição das penas, senão a consideração da gloria? Quem adoçou a S. Pedro a Cruz, a São Paulo o cutelo, a Santo Andre as aspas, a São Lourenço as grellhas, a Santa Catharina as rodas, senão a promessa daquella gloria, porque morrem os escolhidos, & suspirão os predestinados?

Que tens feito, peccador, cheyo de beneficios por este bem supremo? Aspiras a este bem? Suspiras por este fim? Aborreces já o mundo? Choras, & alegraste quando te lembras do Ceo? Amas aquella celeste Patria, Reyno dos escolhidos? Folgas de cuidar na gloria dos predestinados? Louvas muito a Deos por suas misericordias? Ora arre-

Hh

pen-

pendete, & pedelhe perdão das tuas culpas: Senhor meu **JESUS**, Christo, &c.

D I S C U R S O III.

Como as creaturas nos ensinão a amar a Deos em seus beneficios, & exercicios.

CLamam-nos todas as creaturas, que amemos como summo bem a Deos. A todos dizem o mesmo, diz tambem Santo Agostinho, para que nenhum tenha escusa: *Celum, & terra, & omnia, quæ in eis sunt, ecce undique mihi dicunt ut te amem; nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles.* De dous modos nos dão as creaturas esta lição, o primeiro mostrandonos, que he Deos dignissimo do vosso amor, o segundo mostrando, que todas ellas são dons, & beneficios de Deos.

Aug.
Conf.
ib. 10.

Quanto ao primeiro, a mesma bondade de todas as creaturas do mundo, que da omnipotencia forão obra, mostraõ a superior bondade do seu Creator, & por isso de todo o amor dignissimo: a fermosura do Sol, da Lua, das Estrellas, das flores, das perolas, dos diamantes, que nos dizem, mostrando a obra das mãos divinas, senão, que são hũa migallas, ou faiscas da divina fermosura, huma pègada, como lhe chama Santo Thomàs, da infinita belleza de Deos? *Ve-*

stigium Creatoris. Todas dizem isto cõ aquellas palavras: O Senhor nos fez a nós, & não nós a nós: *Ipsè fecit nos, & non ipsi nos.* Não te adre peccador em mim, olha, considera quem aqui me poz, quem affirm me fez: o dedo de Deos andou por aqui: *Opera digitorum tuorum.* Se isto foy hum toque dos dedos, a mão toda que será? Se isto he só o vestigio, que sobre o nada ficou impresso, que será a impressam do seu pè fermoso? Se tão fermosa he a sombra, que será a luz? Se tão bello he o rayo, que será o Sol? Se todo este mundo he humana pinga, que será o mar da quella belleza immensa? Se este he grosseiro debuxo, que será o Original supremo? Vedes como desta maneira nos clama o Ceo, a terra, o mar, o vento, o fogo, & em fim todas as creaturas, que amemos a fermosura de Deos? Que fazes pois peccador, que em amor te não desfazes?

O segundo modo com que nos fallaõ he, dizendonos mudamente, que todas são dons, & beneficios de Deos, com que atrahe

aos homens, assim como se attrahe a ovelhinha cõ o ramo, o menino com o brinco, o peixe com o engodo. Para incitar hũa pessoa, a que lhe queira bem outra, mais efficazes são as dadivas, que as palavras: o presente, ou a joya, que vos mandaraõ, he a melhor palavra, que vos disseraõ. Tudo quanto ha, & tudo quanto se vê no mundo, no Cco, & na terra creou Deos para logros do homem: o que creou dantes, & o que creou, cu aperfeiçoou depois de crear o homẽ, tudo lhe poz debaixo dos pès, já avinculando-o a seu imperio, já prepondo-o a seu merecimento por premio: para que sobre tudo amasse o homẽ a Deos, que lhe dera tanto. O fogo tanto arde, quanta he a lenha, que se lhe deita, se a lenha he muita, he o fogo muito, se menos a

Ecclef. 28. *Secundum ligna exardescet ignis.* Grande deve de ser logo nas nossas almas o fogo do amor divino, pois por lenha tem tantos beneficios de Deos, quantas são as creaturas.

Olhai, & considerai para q̃ se move o Ceo andando continuamente numa roda viva: perguntai universalmente a todas às creaturas: Ccos, para que vos moveis? Sol, para que luzis? Lua, para que brilhais? Estrelas, para que influis? Fogo, ar, vento, nuvens, mares, ondas,

campos, arvores, aves, peixes, & em fim creaturas do mundo, para que sois, que officio tendes, que fazeis? Responderá o Ceo: Eu ando numa roda viva para teu beneficio; porque sem o movimento do Ceo, & dos Astros fora infecuda a terra. Dissera o Sol, a Lua, & as Estrelas: Toda a nossa luz, & movimento he para te servir com o influxo. Dissera o fogo: Eu tenho por officio aquecerte, & fazerte de comer. Dissera o ar: Eu te dou a respiração, & o folego. Dissera o mar: Eu te dou os peixes, & te trago as mercancias das terras mais remotas: se eu não fora, menos riqueza fora a tua. Dissera a terra: Eu fui creada de Deos para te dar o sustento, regalar com frutas, enriquecer com minas, agasalhar com casas. Disseraõ as aves, as flores, os peixes, os animaes: Para teu regalo, para teu deleyte, para teu uso, & para teu serviço nascemos todos, & este he o officio, que temos.

Vede como vos dizem as creaturas sendo dadivas de Deos, q̃ ameis este Deos, que tanto vos dá no desterro, & promete mais na celeste patria. Eis-aqui a lenha das creaturas, com que Deos mandou que cada dia no altar de nossos coraçõens ardesse o fogo divino do amor de Deos: *Ignis in Altari meo semper ardebit.* Este he o fogo, que Christo Senhor nosso veyo meter na terra, &

Levit. 6.

Luc. 12
49.

que queria que ardesse sempre, & de continuo se acendesse: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo nisi ut accendantur?*

Senec.

Aquelles, que se não movem a amar a Deos por tantos beneficios, como lhe participão as creaturas, são, sem duvida, peyores, que as feras. Até os caens, diz Seneca, amão a seus bemfeitores: *Ecce etiam canes amant benefactores suos.* Contae de hũ Leão, quem livrou hum soldado de huma serpente, com que estava brigando, que nunca mais se quiz apartar do soldado, mostrando o seu agradecimento em lhe andar sempre ao lado. Que escusa terão logo aquelles, que deixando a seu Redemptor, se unem com a serpente infernal? As gotas de agua, que cahem continuamente sobre hũa penha dura, fazem móça nella, & se deixa cavar, & abrir da ternura, & molidão da agua: que escusa pois terão aquelles coraçõens de pedra, q̃ se não abrandão com a continua corrente da beneficencia divina? Peyores são que as feras, que os marmores, bronzes, & penhas. Se qualquer outro homem como vós, vos dera a luz deste Sol, que vedes: a agua, que bebeis: o vestido, que vestis: a vista do Ceo, do mar, dos rios, da terra, com que tanto vos recreais, que obrigações, que amor tivreis, & confessareis a este tal homem? Como he

possivel pois que devendo tudo isto, & infinitas mais, & mayores obrigações a Deos, de cuja liberal maõ tendes quanto tendes, deixeis de lhe pagar em amor, que tivreis a qualquer outro bemfeitor? Mas he possivel; porque ainda mal, que amamos mais, a quem devemos menos; & a Deos, de quem procedem tantos beneficios, lhe pagamos em offensas como ingratos, vis, & baixos.

Não só nos clamão as creaturas com os beneficios, tambem nos incitão a amar a Deos; quando servem de flagello: o Ceo vestido de carrancas, o ar armado de bandeiras negras, o fogo esgrimindo rayos, a terra sacudindo terremotos, o mar ameaçando diluvios, o Sol eclipsado; a Lua amortecida, as Estrellas macilentas, os campos estereis, as arvores defuntas, as flores feitas cadaveres, & finalmente cheas de horror, & assombro todas as creaturas, que he o que nos clamão, que he o que nos gritão? Peccador convertete a Deos, teme a divina justiça, aproveitate da penitencia, não desperdices a divina misericordia. Se tudo contra ti se arma, o Ceo, a terra, os elementos, estando Deos mal contigo, quem será por ti? Que falta já senão que a terra se abra, q̃ a morte te arrebate, que o inferno te soveta? As fomes, as pestes, as temporaes

que só nelle , como em centro terás sossego.

Considerai o ambicioso de honras, dailhe quantas deseja, vereis que no mesmo ponto, que alcançou o que desejava, voa o appetite a outras, que a mesma ambição representa: hydropico de dignidades, & enfermo de sua mesma dita, quanto mais desta agua bebe; tanto mais sede lhe fica. E q̄ lhe diz esta sede? Sede, que não facia naquillo, que procura, & alcança, em outra parte tem o centro; & se fóra de Deos o procuras, nunca acharás o que desejas.

Considerai o mayor Principe do seculo, & com todos os imperios da terra, que desejou no mundo; & neste ultimo ponto, que havia de ser termo do seu desejo, veloheis, como Alexandrè Magnò, ficar vazio, veloheis chorar a estreiteza da fortuna, com fome de Reynos, & com sede de outros mundos, & quimericas Monarchias. Tem o Imperio fim, & a Monarchia termo, só o desejo o não tem; & este he hum brado mudo, hum grito interior, com que a mes-

ma soberba, & vaidade lhe inculca o Reyno eterno, & a gloria do sũmo bem. Finalmente parando a mesma soberba em angustia, a lascivia em doença, a preguiça em ancia, a gula em fastio, a vingança em homicidio, o regalo em apoplexia, a inveja em raiva, a cubiça em miseria, & tudo o mais em extrema desaventura, parece que os mesmos peccados nos pregão, q̄ não amemos por bem o mal, & que sómente suspiremos pelo sũmo bem. Se isto nos dizem os vicios, se isto os peccados, que nos dirão as virtudes, a razão, a Fè, & a certeza, que temos da divina bondade? Dizem-nos, que só em Deos busquemos o summo bem, porque em tudo o mais nos acharemos mal. Por isso David dizia a Deos: *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* Só então; Senhor, me posso satisfazer, quando na vossa gloria me vir. Ainda que nasci pastor, & me fizestes Rey, ainda que do mundo, & desta vida goze a mayor gloria, tudo isto não he mais que hum rasto escuro daquelles bens eternos, huns despertadores de meus suspiros.

Pfalm.
16.15.



DISCURSO IV.

Deos he summo bem, & nelle como nosso centro deve parar o fim porque obramos, a exemplo das creaturas sensiveis, & insensiveis.

HE Deos sūmo bem, maior infinitamente que todos os bens possiveis ao mesmo Deos. He huma sobredivina substancia, huma fermosura infinita, magestade immensa, omnipotencia sūma, eterna gloria, ineffavel sabedoria, bondade incomparavel, perfeição incomprehensivel, incessavel providencia, inexcrutavel justiça, sobreimmensa misericordia, inexplicavel doçura, indizivel liberalidade, & infinita infinidade de infinidades immensas de perfeçoens infinitas, & de infinitos alens de immenso, de eterno, de ineffavel, de incomprehensivel.

Naõ ha nos encarecimentos modo, nos hyperboles extremo, nas infinidades circulo, nas eternidades espaço, nas immensidades numero, onde caiba a menor luz, a menor sombra, a menor pinga, o menor rasgo, o menor debuxo do pego, do mar, do Oceano, do abismo daquella essencia, bondade, perfeçam, magestade, & fermosura divina; em sua comparação todas as perfeçoens; bellezas, graças, glorias, maravilhas possiveis ao

mesmo Deos, saõ infinitamente menos, que a respeito do Sol hum rayo, do Ceo huma Estrela, da terra huma flor, do mar huma onda, do mundo huma cifra; a seu respeito toda a comparaçam parece blasfemia, toda a verdade he mentira, toda a exageração injuria, todos os hyperboles ponto, todas as immèdidades sombra, todas as infinidades nada. Per isso diz S. Dionysio Areópagita: Nenhuma cousa explica aquelle invadeavel segredo da sobredivindade de Deos, que sobre tudo sobreesfencialmente existe, & supera todo o entendimẽto. Rectamente dizemos que Deos não he vida, nem substancia, nem sabedoria, nem bondade, nem Divindade; porque he outra cousa mais sobreeminente, & sobre superior do que dizemos. E he como se differa: Divindade he Deos, mas não aquella Divindade, que podemos apprehender: bondade he, mas não aquella bondade, que podemos considerar: sabedoria he, vida he, substancia he, infinidade, eternidade, immensidade he, mas não

D Dionys.
ny. de
divin.
nom.
c. 13.
De
myst.
Theol.
c. ult.

aquella, que o entendimento pôde propor, entender; ou alcançar, ainda que a proponha, & proponha como incomprehensivel; porque tudo isto he hum conceito limitado, hũ debuxo grosseiro, hum brutescotisco daquelle Original sobreimpenso, além de sobrefoberano, & mais que infinitamente sobreinfinito: he hum discurso de creatura, que dista menos do nada, que o nada de Deos.

Esta he a razão porque os Doutores sagrados, de dous caminhos, que affinão para conhecer a Deos, hum de affirmaçam de suas perfeiçoens, como he dizer: Deos he bondade, he fermosura, he sabedoria; outro de negaçãõ, como agora: Deos não he a bondade, que dizemos, não he a fermosura, que pintamos, nem a sabedoria, que conhecemos, senão outra sobre todó o entendimento, sobre toda a infinidade, sobre toda a comprehençãõ; achãõ que he mais decoroso a Deos o modo, com que se nega, do que o modo com que se affirma.

Meu Padre São Francisco não sabendo explicar o conceito, que tinha feito de Deos, dizia na sua oraçãõ: *Deus meus, & omnia, vellem te diligere.* Meu Deos, & todas minhas cousas, tomára amargos. Tertulliano parece, que não dizia peyor, quando fallando neste abismo de belle-

zas, & maravilhas rompeo nestas palavras: *Tu omnia, tu nihil verum: quem te appellem cum inefabilis sis?* Vós, Senhor, que sois todas as cousas, & nada de todas ellas, que nome vos heí de pôr, se nada vos pôde explicar, porque sois ineffavel? Este summo bem, que supera quanto se cuida, & quanto se não cuida, que ainda tão mal debuxado he gloria, q̃ suspirado he delicia, buscado bemaventurança, quantas vezes peccador o deixas, o desprezas por hum gosto, que he torpeza immunda, por hum interesse, que he vergonha, por hum pundonor, que he ponto, por huma honrinha, que he ar, por hum capricho, q̃ he riso, & por tudo o mais, que he nada?

Oh quanto he para sentir, & para chorar, que tantas almas no mundo deixem este summo bem até pelo seu mal! Grande cegueira! Summa desventura! que sendo creado o homem para gozar de Deos, ponha seu coração na vileza dos contentamentos terrenos, & vire ás costas aos divinos! Se vireis, que hum homem deixava o ouro por chumbo, diamantes por vidros, as perolas pelas conchas, as flores pelas espinhas, as triagas pelos venenos, em que opiniam o tivereis? Não disseramos todos, que estava louco, & fóra de seu sentido? Que diremos pois de todos aquelles, que deixãõ a

Deos

Dêos pelo seu gosto, a verdade pela mentira, a realidade pela aparência, o summo bem pelo seu mal, senão que são insensatos, & gentes sem entendimentos?

Mas ainda que assim sejais, a mesma brutalidade, & infensibilidade suspira por aquelle centro, & fim, para que forão creadas todas as cousas; & aquelle extremo, ou esfera, que lhe serve como de fim ultimo, he continuamente o seu mais vivo desejo, o seu natural aballoy o seu mayor movimento, o seu mais vehemente impulso; por mais, que alguma contrariedade lhe ponha obstaculos, lhe opponha impedimentos, por tudo romper, vencendo as difficuldades, sem tomar descanso, até que se vem no centro; & desta maneira, ou nos ensinão, ou nos reprehendem do pouco, que fazemos pelo nosso ultimo fim.

Considerai hum rayo fechado no cárcere de huma nuvem, & vede com quanto impeto estalla, rasgando a nuvem, ferindo o ar, atormentando o vento, estremecendo os Ceos, & atroando o mundo, quando, como vibora ardente, mal parido, se arroja aos ares, se fulmina, se vibra, & se dispara. Não parece impaciencia o relampago, o estrondo queixa, o trovão bramido? Não ha duvida. E se perguntais, porque assim se quei-

xa, se afervora, se arrebatça, sem aquietar na nuvem, que o metia nas entranhas; responde: Estou na nuvem violento, & como em outra esfera tenho o meu cêtro, não paro, em quanto não rompo por todas as difficuldades: não sossego até me consumir, ou chegar ao meu fim ultimo.

Considerai o fogo da polvora incluso em huma mina; vereis que em hum breve instante rebenta furiosamente, arrebatando muros, voando torres, precipitando baluartes, sem que haja na mayor fortaleza obstaculo, que lhe sirva de impedimento, ou defença a seus impetos: & que vos diz, quando sahe vomitando chamas como de braveza? Diz com espantoso ruido, que as fumaças são colera de ver-se prezo, que os incendios são festas por ver-se solto, que as ruinas, & aberturas são vinganças do tempo, que este ve atado, que o estalido he brado, com que por seu centro suspira, que as labaredas são azas, com que á sua esfera voa.

Considerai hum terremoto, q̄ affombra o mundo com tamanha confusão, que parece que o mundo se vira, & a machina do Orbe acaba: & se lhe perguntais a causa de tamanha aballoy; facilmente vos responde, que tudo procede de hum pouco de ar, ou vapor incluso nas concavidades da

da terra; & que daquella força, & impeto, que poem para salir em quanto não pôde romper, nasce que a terra treme, & se aballa. E se segunda vez inquiris, quem deu tanta força a hum vapor, que he fraco, & a hum pouco de ar, que he tão leve, para mover montanhas, aballar ferras, abrir penhascos, derrubar edificios, fundir Cidades, & deixar com quartans os montes? Quem? Responde a razão natural: O estar fóra do seu centro, & querer tornar para o seu ultimo fim; & para restituirse a elle o mais fraco tem forças se quer, sobejaõlhe pujanças: & não sendo este vapor, este ar, mais que hum suspiro leve, mais suspiro por seu centro, tem este tanta efficacia, que basta para aballar o mundo.

Considerai huma fonte, que do berço de hum penedo se arroja a hum valle, onde as margens mais apraziveis lhe offeretão abraços, as flores galas, as aves musicas, as plantas mimmo, os bosques leito, as sombras toldo: vereis, que como ave de neve fugindo voa, de tudo se vai rindo, a tudo engeita correndo, não pára despenhandose: & se perguntais a causa de tanta furia, de tanto desapego, de tanta pressa: vereis que não he outra mais que ter longe o seu centro, ter no mar o seu fim ultimo; & por isso não soslega,

antes com ancia amorola se arroja, & se precipita ao mar; & só nelle tem descanso.

Considerai huma rocha na mayor altura, posta como coroa na cupula do edificio; ainda que pareça, que descansa, porque está quieta, he certo, que alli está violentada, tendo natural appetite de tornar se à terra, posto que seja a mais baixa: & em que se prova a violencia? Em que tirandolhe o impedimento com que está ligada, descera logo voando com todo o impeto a buscar o centro. Desorte que na fonte, na pedra, no ar, no fogo, & em todas as mais creaturas achareis esta fome, & sede de seu fim ultimo.

Considerai ainda a agulha tocada da pedra de cevar, vereis, que não aquieta senão no Norte. Considerai a herva gigante, ainda q̄ pelos pès a tenha preza a terra, com as folhas, & com tudo quanto pôde vai seguindo o Sol. Considerai a palha perto do alambre, vereis que esquecida da terra, onde nasceo, se arrebatã em seu amor. Demaneira, que nas hervas, nas palhas, nas pedras, nas fontes, no ar, no rayo achamos este movimento para o seu fim ultimo: & sendo Deos o ultimo fim do homem, sua esfera, seu summo bem, & seu centro, vemos que faz mais extremos a palha pelo alambre, a herva pelo Sol, hũa pedra pela terra,

terra, huma fonte pelo mar, hum vapor pelo ar, hum rayo pelo fogo, que huma alma, que hū coração por Deos. Oh miséria digna de chorarse com lagrimas de sangue!

Que fazes alma peccadora, que não morres de pezar, pois sendo Deos para ti infinitamente mayor bem, que o alambre para a palha, que o Sol para a flor, que o Norte para a agulha, que a terra para a pedra, que o mar para a fonte, que o ar para o vapor, que o fogo para o rayo: & sendo tu infinitamente mais vil em comparação de Deos, do que he o rayo, o vapor, a fonte, pedra, agulha, flor, & palha, em comparação do fogo, do ar, do mar, da terra, do Norte, do alambre, & do Sol, não tens feito nada pelo teu verdadeiro bē, tendo feito muito pelo teu verdadeiro mal? Cada hum daquelles rompe por todas as difficuldades, que se lhe oppoem: o peccador a cada passo acha huma rémora: os mesmos meynos, que lhe facilitão o passo, tem por estorvos, na cadea do seu apetite as difficuldades augmenta os impossiveis, dobra os encantamentos.

Na verdade, que he pasmosa miséria, que fuja o amor humano do amor divino; sendo q̄ por qualquer parte que queira, parece que não pôde, porque se, peccador, o teu amor he venal,

& se vende por algũ preço, quem o pôde comprar mais caro, do que Deos, que dá por elle hum Reyno inteiro, & hū Reyno Eterno? Quem o pôde levar a mayor custo, que quem deu por elle sangue, & vida de hum homem Deos? Se este teu amor se ha de dar de graça, quem he mais digno d'elle, que Deos infinitamente bom, & como tal o merece? Se por força, & violencia, quem nos faz mais força, que este Senhor, que nos pede este amor com a espada desembainhada, & quasi disparando settas, dizendo: Ou me hade amar, ou com morte eterns has de perecer: *Nisi conversi fueritis, gladium suum vibrabit; arcum suum tetendit, &c.*

Psalm.
7. 134

Peccador, para sy te creou Deos, se a Deos não queres, por força te has de perder: querelo, he buscalo com toda a ancia, fervilo com toda a diligencia, amalo com toda a alma. Rio que não chega ao mar, em charco se converte, pouco a pouco se torrompe, até que na terra se sóme, & em fim se perde. Se ao amor donde sahiste não tornas, se a Deos não corres, em charco do abismo te mudas, corromperte has nos vicios, sumirte has no inferno. Ou ao Ceo ou ao inferno sem duvida has de hir, ou de Deos, ou do demonio has de ser. Vê o que escolhes: na tua liberdade tens o caminho, na

refe-

resoluçãõ o perigo, ou o remedio. Que agravo faz Deos em deitar no inferno, a quem não quer o C.õ? Que injuria em entregar ao demonio quem desprezou a Deos? E a Deos, & ao Ceo se despreza pelo peccado! Se neste te ficas, em peyor estado ficas, do que se estiveras sem culpa no inferno. Se te peza de haveres desprezado este summo bem, & adorado o summo mal, humilhate a este Senhor, que em toda a parte te olha, & diz muito de coraçãõ:

Meu Deos, unico bem, meu ultimo, & soberano fim, a quem eu tanto offendi cega, & miseravelmente, cõrrome Senhor, envergonhome, confundomẽ,

& sumamente me afflijo de que sendo vós quem sois infinitamente bom, me auevelle eu vilissimo pó, & cinza, agravarvos, & offendervos. Pezame Senhor, do-ome muito, meu Deos, de que atẽ pela minha pena desprezasse a vossa gloria; & pela minha perdiçãõ a vossa bema venturança. Pequei, fiz mal, & por tudo quanto tem o mundo proponho de não vos offeder. Espero que me haveis de perdoar; porque se me esperastes, quando agravado, se me chamastes quando queixoso, como não usareis de misericordia comigo arrependido? Nunca mais de culpa, meu Deos, morrer, antes que peccar. Tende misericordia de mim.

D I S C U R S O V.

De que maneira se oppoem o peccado a este summo bem, & fim ultimo.

A Este summo bem, que he o nosso ultimo fim, se oppoem hum mal infinito, que he o peccado mortal. Podese sondar, & medir a profundidade do mar, a redondeza da terra, a altura dos Ceos, a grandeza do Orbe, a largura, & comprimento de todas as esferas, & vadear as estancias imaginarias, q̃ a fantasia sonha, ou o estudo medita; mas não haverá entendimento humano, sabedoria Angeli-

ca e capacidade creada, que possa tocar o fundo da malicia do peccado, ou declarar quanto este mal tem de imẽso, por aveço, & contrario da magestade, & bondade de Deos, a quem he opposto.

Mas ainda que seja impossivel defini-lo, & declaralo, necessario he segundo a humana capacidade dizer delle algũa cousa para conhecelo, & conhecendo fugilo; pois he certo, que os

vicio

vícios se não podem evitar sem primeiro se conhecer. O enfermo que não conhece a sua doença, não trata quanto lhe importa da sua medicina; & se he maligna a enfermidade, quanto menos se conhece do humor peccante a malicia, tanto mais se lhe impossibilita a cura. O Piloto, que não conhece o baixo onde a sua Nau tem dado, não pôde evitar o naufragio, nem remediar o perigo. Assim os peccados, que são febrês malignas da alma, como se hão de curar, se a sua gravidade, & malicia deixar de se conhecer? Os vícios, que são baixos, & riscos onde tantas almas se perdem, como se hão de evitar, & aborrecer, se se não chegarem a descobrir?

Perdéraõse os Judeos, porq̃ não conhecêrão o baixo em que tinham dado, como diz Santo Agostinho: *Si cognovissent, nunquam Dominum crucifixissent*. Perdeose o rico Avarento, porque não vio o risco sobre que estava furto. Perdéraõse os do diluvio, & Sodoma, porque não conhecêrão a maldade, que tinham feito, antes como cegos huns, & outros fizeram peçonha do seu remedio, & gloria do seu delicto. Ao contrario conheceo David o seu peccado, & logo detestou o seu erro: *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco*. Conheceo a Magdalena o seu engano, & logo chorou o seu desatino: *Ut cog-*

novit. Conheceo o Prodigio a sua perdição, & logo encaminhou os passos para a salvação.

Por esta razão, ainda que deste summo mal do peccado não possamos dizer tudo, alguma cousa diremos. O gigante conhece-se pelo dedo, o leão pela unha, o elefante pelo dente, a noyte pela sombra. Retrataremos aqui huma sombra, que mais não seja: hum mundo inteiro se descobre em breve mapa, em pequena carta; arguamos pelas sombras deste breve debuxo, qual será o original do peccado.

Cinco cousas diz o nosso São Antonio, que deve considerar o peccador para conhecer a gravidade, & malicia do peccado mortal.

- Primeira, a Magestade, que offendeo.
 - Segunda, a macula, que contrahio.
 - Terceira, a Bondade, que desprezou.
 - Quarta, a gloria, que perdeu.
 - Quinta, a pena, q̃ mereceo.
- Quanto á primeira havemos de entender, que o que faz mais horrendo, & grave o peccado, & o constitue numa malicia infinita, he ser injuria de Deos, & afronta da Divina Magestade; porque como diz S. Thomàs, o peccado tem huma malicia infinita contrahida na injuria, que fez

fez a Deos; & a injuria tanto he mais grave, quanto a pessoa injuriada he mais digna: sendo pois sobreinfinita a Magestade de Deos, & hum bicho vil da terra o peccador, que a injuria, quem duvida, que he infinita ao menos objectivamente esta afronta, esta injuria, esta offensa?

Quem es peccador, quem es tu que te atreveste peccando a frontar hum Deos omnipotente? Qual sera a enormidade, qual a malicia da injuria, que lhe fizeste, quando peccaste? Sendo pois o peccado o mayor contrario de Deos, quanto Deos por ser infinitamente bom he amavel, o peccado por ser infinitamente máo he aborrecivel; & assim como he impossivel amar alguém tanto a Deos, que não mereça ser mais amado: assim he tambem impossivel aborrecer alguém tanto o peccado, q̄ elle não mereça ser mais aborrecido. Que o peccado seja injuria, & desprezo de Deos, diz elle pelo seu Profeta Isaías: Criei os peccadores, como se foraõ meus filhos, exalteios com os dentes da natureza, com os bens da ventura, & com os dons da graça, & elles desprezaráõ me com suas culpas, & não fizerão caso de mim amando suas torpezas.

Succede este desprezo de Deos, quando ao peccador o tenta o demonio para algum peccado:

fazei conta que se poem Deos de huma parte, o demonio de outra, & fica o peccador no meyo. Deos com a sua ley na mão lhe diz: Homeni, vê que te criei, que te fiz Christão, que morri por ti numa Cruz, que te mando que me sirvas, & não me offendas, não peques, porque se não peccares, serás dos meus amigos, & como filho muito querido terás o Rey no eterno: olha q̄ se consentes, & me desprezas peccando, que ferrei teu capital inimigo, que te entregarei ao demonio, & te lançarei no inferno. Da outra parte está o demonio com aquelle deleyte, ou gosto com que nos tenta. E que importa, diz, que Deos não queira, se a tua liberdade se exercita? Es senhor do teu livre alvedrio, & da tua eleição, faze-a do que te dá gosto, que só assim serás o primeiro homem do mundo, a quem nada se poz diante para comer do pomo vedado. Que te diz Deos, que te creou como filho? E que muito, se te tinha feito? Que te fez Christão? Isso fez a muitos. Que morreo por ti? Foy geral beneficio para todos. Que te manda, que o não offendas, que não peques, & que o sirvas? Para que te pede, o que elle póde? E se não quer poder por te conservar a liberdade, pecca para mostrares que es muito senhor da tua vontade. Que mais te diz? que senão peccares, serás dos seus

seus amigos, & terá o Reyno eterno? Muitos estão no seu Reyno: & mais que muitos tem hoje por amigos q̃ o offendirão nesta vida com muitos, & grandes peccados. Sa té atreves a hum gemido, em qualquer tempo que o deres na tua vida, te porás na sua graça, & amizade antiga. Com que te ameaça, cõ o inferno? Faze teu gosto neste mundo, fecha os olhos ao outro: que se assim o não fizeraõ quantos peccáraõ, já do peccado não ouvera fumo, mais que o que ainda levanta nos brazeiros do inferno; fazere surdo ao q̃ Deos te diz, se queres que os mais sentidos te deleitem, te recreẽ, te agradem, sem susto, sem cogobro, sem temor, & sem limite.

Se o peccador consente, & se determina ao peccado, sabeis que faz? Não só estima a Deos menos que o demonio, mas faz Deos do seu peccado, pois entregando-se totalmente ao seu gosto, faz d'elle seu fim ultimo, o que he proprio somente de Deos, & ainda que com a boca não diga nada, pelo que obra he o mesmo que se dissera a Deos: Nada se me dá de vós, nem temo os vossos ameaços, nem faço caso do vosso paraíso, não tenho medo do vosso inferno, hei de fazer o meu gosto, ainda que vos peze: não quero guardar os vossos preceitos: escolho por a-

inimigo o demonio: & que me vai em vos ter por inimigo? Além disto, quem pecca, quanto em sy he, fere, mata, mete debaixo dos pés a Deos, como diz o Apostolo: *Rursum crucifigentes sibi bimetipsis filium Dei, & ostensui habentes.* Folgára, que Deos não fora bom, para que Deos o não castigára por máo. Quizera cortar a Deos os braços da justiça, & da omnipotencia, para que não pudesse castigar as suas culpas. Tomára, que não ouvera Deos no mundo, para elle viver como se fora Deos. Tomára que fora Deos cego, para que não vira suas offensas: que fora tonto, para que não entendéra as suas maldades: que Deos não fora eterno, para que o não fora seu castigo; & finalmente tomára, que não ouvera Deos, & com isto quanto em sy he lhe deseja destruir o ser, o poder, & mais attributos.

Isto faz, isto diz o peccador quando pecca, ainda que não saiba o que diz, nem o que faz; & desta maneira despreza a Deos como Legislador, não querendo guardar sua ley, despreza-o como a Senhor, não querendo sujeitar-se ao seu dominio, despreza-o como a Rey, rebellando-se a seu imperio, despreza-o como amigo, não fazendo caso de seus beneficios, despreza-o como inimigo, mostrando que não teme seu poder immenso; despreza-o

despreza-o como Creador, virando contra elle o ser, a vida, a alma, & quanto de Deos recebido. Despreza-o como Redemptor, não fazendo estimacão do sangue que por elle derramou, a morte, que por elle spadeceo. Despreza-o como ultimo fim, não querendo aquella bema-venturança, que perde por huma torpeza, ou por qualquer gloria caduca. Despreza-o como pay, engeitando a herança do Ceo, & o titulo de filho. Despreza-o como juiz, não temendo a terrivel sentença, que o ha de lançar no inferno. Despreza-o como Deos, pois sendo o peccado unico mal, que se pôde fazer a Deos, sem embargo de sabelo, pecca. Despreza a infinita misericordia, valendose da esperança, de que Deos lhe ha de perdoar, para mais soltamente offêdelo. Despreza a immensa bondade de Deos, tomando por occasião de seu máo estado a experiencia, que tem de q Deos he infinitamente bom. Despreza a sua presença, pois na cara de Deos, que a tudo está presente, comete sem pejo as culpas. Despreza a sua omnipotencia, pois não podendo fazerse nada sem que Deos concorra, faz que concorra Deos como Autor da natureza, em todas as suas obras, para que delle se sirva na offensa do mesmo Deos. Despreza a sua sabedoria, pois não se lhe dá, que

saiba Deos a sua torpeza, sendo de Deos afronta. Despreza a sua justiça, peccando depois de tantos exemplos da divina vingança. Despreza a sua providencia, pervertendo a ordem, & o fim a que ella se encaminha. Finalmente despreza todos os attributos, & perfeiçoens de Deos, pois contra todos pecca. Despreza os beneficios da natureza, os dons da graça, os bens da gloria, o sangue de Christo, o remedio dos Sacramentos, as inspiraçoens, os auxilios, & de tudo faz armas contra a bondade divina: sendo tantos os modos da malicia, quantos são os favores da immensa misericordia, & as esperas da divina paciencia.

E porque bem despreza isto? Por hum gosto que he torpeza, por hum capricho, que he vaidade, por hum ponto de honra, que he ar, por hum interesse, que he terra, por hum appetite, que he fogo, por huma gloria, que he fumo, por hũa felicidade, que he vento, por huma estimacão, que he sonho, & por tudo mais, que he nada em comparacão de Deos, sem se lhe dar das pensões, com que abraça o seu peccado, que são ser inimigo de Deos, escravo do demonio, desherdado do Ceo, & condenado ao inferno. Eis-aqui Deos deixado pelo demonio, Christo posposto a Barrabás, o
Manná

Manná do Ceo deixado pelas ce-
bolas de Egypto, & finalmente
Deos despirozado por hum vil
motivo; & quáto he mais vil o
motivo, tanto mayor o agravo,
quanto mais vil a pessoa, que
aggravou, mayor a injuria da
pessoa, que se offendeo: & sen-
do Deos huma Magestade infin-
ta, eis aqui hum breve debuxo
da infinidade da offensa.

Se desprezareis o ouro pelo
cobre, os diamantes por vidros,
o Sol pela sombra, a perola pe-
la concha, as rosas pelas espi-
nhas, & as triagas pelos vene-
nos: & se tivera entendimento
essa triaga, essa flor, essa perola,
esse Sol, esse diamante, esse ou-
ro, quanto se offendèra deste des-
prezo, pois o deixaveis por hũa
couza tam vil? He certo, que
quanto fora o ouro mais puro, o
diamante mais fino, o Sol mais
claro, a perola mais preciosa,
a rosa mais fragrante, a triaga
mais excellente, mais havia de
sentir o desprezo, que se lhe fa-
zia por hum cobre grosseiro, por
hum vidro quebradiço, por hũa
sombra fea, por huma concha
tosca, por huma espinha dura,
por hum veneno danoso, & con-
trario á vida.

Que será pois a effensa, que
se faz a Deos, hindo da creatu-
ra a Deos huma distancia infin-
ta, & deixando pelo cobre dos
bens terrenos o ouro dos tesou-
ros divinos? Pelo vidro que-

bradiço de quanto tem o seculo,
o diamante eterno da gloria, que
se ha de gozar no Ceo: Pela som-
bra fea, & vãa das felicidades da
vida, o Sol immortal da mayor
felicidade da alma? Pela concha
tosca de qualquer gloria terrena,
a perola preciosa da Bemaven-
turação? Pela espinha, cu pico
pungente de qualquer belleza
caduca, a flor de fermosura eter-
na? Pelo veneno mortal de
qualquer mortal peccado, a tria-
ga da graça, & misericordia in-
finita? Oh bondade infinita,
quem nunca te ouvera offendido!
Oh maldade minha, quem
nunca te couvera entendido!

Palmaivos Ceos, admirai vos
Serafims, assombraivos Anjos,
sirva de espanto aos elemen-
tos, & a todas as creaturas, o
que com os homens me succedeo.
E que foy Senhor? E que caso he
esse, meu Deos, para conciliar os
espantos, & persuadir os assom-
bros? Sabeis que? Diz o Senhor
pelo seu Profeta Jeremias: Dei-
xáraõme os hemens a mim, sen-
do seu Creator, por huma vil
creatura: desprezáraõ os pecca-
dores a fonte da vida pelas ci-
sternas da morte: desprezáraõ
as aguas do Ceo pelo lodo da ter-
ra, a gloria pela culpa, o Ceo
pelo mundo, a Deos pelo de-
monio. Oh miseria! Oh espan-
to! Oh perdição do mundo! *Ob-*
supescite celi super hoc, & por Jerera.
de ejus desalamin, dicit Domin us. 2. 12.

Deo enim mala fecit populus meus : me deliquerunt fontem aqua viva, &c.

Pelo Profeta Ifaias faz Deos os mesmos espantos, dizendo: Ovi Ceos, ouvi terra, ouvi mar, ouvi fogo, ouvi penhascos, ouvi montes, ouvi brutos, ouvi elementos, vestivos de entendimento, de olhos, & de ouvidos, de admiraçoens, & de affombros, & sede testemunhas de que os homens a quem crici como filhos, escolhi como herdeiros; redemi com meu sangue, dotei com tantos beneficios, & prometi eternos thesouros, esses são os que me desprezão, me aggravão, & me injurião: *Audite Celi, & auribus percipe terra, quoniam Dominus locutus est. Filios enutrivit, & exal tavi : ipsi vero spreverunt me.*

Ifai. 1.
2.

Os homens, que ás vezes se não atrevem a desprezar outros homens, estes me desprezaraõ. Oh prodigio de ingratiãõ! Oh non plus ultra de malicia! Que fazeis Ceos, que não disparais infernos? Que fazeis fogo, que não vos desfazeis em rayos? Em que vos detendes ar, que não fulminais coriscos? Em que vos occupais terra, que não vibrais terremotos? Que fazeis mar, que não repetis diluvios? Mas quem vos detem a furia, quem vos suspende a ira, quem vos enfrea a colera para não tomar vingança do peccador, pois isto

deseja cada creatura, quando o peccador pecca? *Omnis creatura ingemiscit, & parturit usque ad huc.* Quem ha de ser, Ceos, senão a bondade, & misericordia de Deos, que a quem pudera castigar, & lançar no inferno logo que cometeo hum peccado, dá tempo de penitencia, para que arrependido da culpa entre no Paraíso? Quem, senão o Filho de Deos, que como na Cruz, *Luc. 23.34* pede a seu Eterno Pay: Padre meu, não vibreis os rayos, embainhai os coriscos, estes peccadores são nescios, andão cegos, não sabem o que fazem, derramei por elles este sangue, dei por elles a vida, perdoailhe, & tende misericordia delles.

O peccador, se não es mais duro que os marmores, mais insensível que os troncos, mais grosseiro que os brutos, mais cruel que as feras, ouve, compungete, magoate com estas vozes de Deos, responde a cada queixa: hum suspiro seja cada voz, a compunção hum ecco, & dize de coração: Meu Senhor Jesus Christo, pequei, fiz mal na cara dos Ceos, & da terra, não sou digno da luz, que vejo, do Ceo, que olho, do ar, que bebo, da terra, que pizo: antes sou merecedor que o Ceo dispare settas, que o fogo fulmine rayos, que o ar vibre coriscos, que a terra se abra em sepulchros, & que cada creatura vossa seja hu-

ma

ma arma contra mim : não devo chamarme filho vosso , pois voluntariamente com meu peccado me fiz da perdição escravo , & do demonio servo : ainda assim meu Deos , & Senhor , quanto desconfio de mim , tanto espero de vossa bondade immensa ; porque todas as razoes que me movê a vos amar , a esperar em vós me movem . Porque não terei eu esta esperanza em hum Deos infinitamente benigno , se tanto padecestes no mundo por fazerme bem , & bemaventurado ? Em quem confiarei eu com mayor razaõ , que em quem

tanto me ama , que se entregou á morte , porque eu tivesse eterna vida ? Em quem terei mais certo o meu remedio , que em quem por fazerme participante de seus bens , se fez participante de meus males ? Como me negará o remedio , quando já lhe não custa nada , quem me remio a tanto custo seu ? Como fugirá de quem o busca , quem buscou por tantos caminhos , a quem lhe fugia tanto ? Se pois , meu Deos , atègora vos não dedignastes de me soffrer , peçovos por vossa morte , & Payxão , que tenhais por bem o favor de me perdoar .

DISCURSO VI.

Trata-se do segundo effeito do peccado , que he a macula , que deixa na alma.

O Segundo dano , que faz em huma alma este furioso rayo , esta peçonha do inferno , he pôr na alma huma mancha , & nodoa , a que os Theologos cha mão macula do peccado ; porque assim como qualquer cousa alva , & limpa chegando ao lodo fica perdendo a sua limpeza , & candura : assim a alma , que pecca , pelo ajuntamento com o bem temporal , que he como lodo , fica perdendo a sua fermosura , a alvura , & candidez da graça : fica deslustrada ,

feia , & asquerosa . He o peccado mortal , como o rayo , mata , & chamusca . He como podridão do pomo , que poem nodoa tanto que entra ; & nodoa , & mancha tamanha , que não bastariaõ a tirala todos os homens do mundo , ainda que fizessem hum tão grande monte de lagrimas , que chegasse da terra ao Ceo Empyrio : nem o fogo , pois não basta o fogo do inferno : nem a agua , pois não bastou o diluvio ; só bastou para atirar o Sãgue de meu Senhor Jesu Christo : Li-

vore ejus sanati sumus.

Aqui parou a penna do Veneravel Padre, não sem magoa de que parasse; porque se o seu escrever he esparhar flores, o voffo ler, he recolher preciosidades; mas porque entre os fragmentos dos seus apontados achei hū principio do Memorial do Espirito, que conduz para o fim ultimo, com este principio rematarei este Tratado, & Discurso.

*Memorial do Espirito para
almas Religiosas.*

O fim para que nascemos, & para que foy creada toda a racional creatura, he para contemplar, amar, & gozar a Deos, que he somente o nosso unico, & summo bem, & o nosso ultimo fim; para quem devemos tornar com amoroso impeto, & fervoroso influxo, assim como tornaõ para o mar os rios, que do mar nasceraõ, & como se unem com o Sol os rayos, que do Sol para a terra sahiraõ. Quê nos une a este centro, & ultimo fim, & bem nosso, he huma ardente, pura, & nua caridade, com a qual tanto mais nos chegamos, & unimos a Deos, quanto mais nos apartamos de nós mesmos, isto he, de nossa propria vontade.

Este puro amor de Deos consistte essencialmente em guardar á risca os Mandamentos da Ley

Divina, os conselhos de nosso Senhor Jesu Christo, as obrigaçoens do nosso estado, & em huma inteira, & perfeita mortificação da vontade, & natureza. E tudo isto se ha de fazer, não por nos livrar do inferno, ou por alcançar o Ceo, senão puramente por contentar a Deos, & fazer sua divina vontade; & quanto disto temos nos exercicios do espirito, tanto temos de amor de Deos, & não mais.

Deste puro amor de Deos nascem quatro filhos. O primeiro he hum grandissimo desprezo, não só do mundo, & seus bens, mas ainda de sy mesmo. O segundo he huma total negação do proprio apetite, & vontade. O terceiro huã indifferença, com que a alma esteja aparelhada para receber gososamente todo o bem, ou mal, que lhe vier das mãos da Divina Providencia. O quarto huma conformidade tão grande com tudo o que a Deos contenta, que do seu gosto, & do nosso se faça huma só vontade, unindonos por amor com elle em hum só espirito.

Quanto ao primeiro, que he desprezo de sy mesmo, devemos entender, que ninguem póle alcançar a perfeição Christãa sem elle. Quanto ao segundo, que he negação de toda a propria vontade, summamente temos necessidade della para nos despir das payxoens, affeçoens,

incli-

inclinaçoens, & appetites naturaes, que são laços, & cadeas da liberdade do espirito. Esta he huma morte espiritual de toda a sensualidade: huma vitoria de nós mesmos, com que nos fazemos senhores de nós para poder livremente sujeitar os appetites á razão, & a razão a Deos. Quanto ao terceiro, que he a indifference, isto he, hũa entrega do animo se escolha algũa para quanto Deos quizer; he a melhor disposição, que pôde haver numa alma para a uniaõ com Deos, porque nella se mostra, que o nosso desejo he o divino beneplacito, a nossa vontade não ter nenhuma, o nosso gosto, o que contentar, & agradar em tudo á Divina Magestade. Quanto ao quarto, que he a conformidade com a vontade de Deos, he o derradeiro officio da caridade, que com ella já vive unida, & transformada de forte, que toda se absorbe, & transfunde na vontade de Deos, não ficando rasto na creatura de sua propria vontade. Esta faz, com que hũa creatura já não viva em sy, nem sinta em sy, mais que a Deos, sentindose desatada, & livre de toda a creatura, & de sy mesma.

Por tres vias se alcança este perfeito amor: via Purgativa, Illuminativa, & Unitiva. Nos principiantes serve a via Purgativa para alimpar a alma: & o primeiro passo desta he hũ gran-

de odio aos peccados; porque não basta, como diz Santo Thomàs, chorar, & doer dos peccados por algum dano temporal, ou eterno, que delles nos pôde vir: he necessario terlhe tamanho odio, que claramente os cheguemos a aborrecer: & a razão he; porque assim como o verdadeiro amor na consideração do que ama pára alegria, & deleyte: assim o verdadeiro odio, quando cuida no q̃ aborrece, páre enfadamento, & tristeza.

O segundo passo he aborrecimento, & fastio do mundo, considerando a condiçãõ da miseria humana, a brevidade da vida, a certeza, & incerteza da morte, as terribilidades do dia do juizo, as penas do inferno, os desejos da vida eterna; de que se segue o estado do pranto, o amor da penitencia, o proposito da emenda, a confissam gèral das culpas, a satisfação das obras, o pelear com os vicios, atè despir, & extirpar todos os máos habitos, que estavam pegados à alma pelo máo costume do amor, & vontade propria.

Nos aproveitados serve a via Illuminativa para exercitar todas as virtudes: como quem semea a terra, que está já lavrada, plantando nella todas as virtudes, que deve aprender de nosso Senhor Jesu Christo, principalmente a santa humildade, que he alicerce, & fundamento

da vida espiritual; tem a qual fica como armada no ar toda a maquina das virtudes. Humildade he hum perfeito conhecimento da propria miseria, fraqueza, & incapacidade, com a qual nada se atribue a sy, senão a Deos: antes tendose em conta da mais ruim, & desaproveitada alma, tudo o que he máo se atribue a sy, tendose por indigna dos dons, que sua Divina Magestade em vão emprega nella; & tendo para sy sem duvida, que todas as obras boas que faz, as recebe da misericordia de Deos, até o jejum, a disciplina, o silencio, o retiro, & as outras obras, que parecem filhas da sua emenda, & resoluçãõ. Cuidará de sy no mal, & não no bem: dos outros todos no bem, & não no mal; & como vaõ perdido, & cheyo de immundicias se porá nas mãos de Deos, para que elle o alimpe, & lave como for servido.

Bom exercicio he para esta virtude a consideraçãõ do nada, que foy quanto á natureza, do nada, que foy, & do nada, que tem de seu, em quanto está em culpa; porque estando sem Deos tudo o mais em sua comparaçãõ he nada: do nada, que tem da graça, ainda que nella viva, pois de Deos he toda: do nada, que tem da gloria, & do nada, que terá se for ás eternas penas. E desta consideraçãõ tirará para

as tentaçõens este conselho: Eu por mim sou nada, & o nada nada quer, nada póde, nada merece, nada tem, nada o póde vencer, nada o póde tentar, & finalmente para mim nada mais, que Deos. He muy util esta consideraçãõ.

Desta virtude nos devemos levantar ao exercicio da caridade, & do amor do proximo, amando a todos por amor de Deos, como se os viramos metidos dentro do costado de Christo Senhor nosso; & entendendo, que como cousa sua os ha de salvar, pois por elles veyo a morrer: rogando por bons, & máos a Deos, & offerecendo pelos peyores a sua Divina Magestade nossas lagrimas, penitencias, & oraçõens, quando soubermos de suas miserias: em todos, cu sejão parentes, ou amigos, ou inimigos, não aborrecerei mais, que os vicios, não amarei nada mais que a Deos, & o que he de Deos, isto he a graça, & virtudes.

Depois passaremos a imprimir em nós com toda a resoluçãõ a virtude da paciencia, que he a ciencia dos Santos: a santa Oraçãõ, que he a escada dos justos, sem a qual não ha communicaçãõ com Deos: a desconfiança de sy junta com a confiança na Providencia Divina: a temperança, o retiro, o silencio, & a guarda estreita dos sentidos

inte-

interiores, & exteriores, & todas as demais virtudes; entendendo, que o perfeito aproveitamento da vida não consiste tanto em cuidar altas cousas da Divindade, como em imitar, amar, & seguir a crucificada Humanidade de Nosso Senhor Jesus Christo, que não só serve de espelho para nossas almas, mas para exemplar, & molde de nossas vidas; pois daquelle santissimo Original havemos de tirar as tintas, com que vos façamos seu retrato. Para isto deve a verdadeira Religioza guardar seus votos com tanta perfeição, que não faça mais, que o que fizera Christo: não cuide o que este Senhor não cuidara, não diga o que este Senhor não dissera.

Quanto ao voto da Obediencia, nam só com a vontade, mas com o entendimento esteja tam prompta para obedecer, & sujeitar-se à vontade dos Prelados, & Padre espiritual, como a sôbra ao movimento do corpo, está prompta para se mover. Seja como livro posto nas mãos de seu dono, que se o quer abrir, abre-o, se fechar, fecha-o, se dobrar, dobra-o, se poló a hum canto, ahí se deixa pôr. Esta virtude he o fundamento da Religião: he filha do amor de Deos, & da verdadeira humildade. Quem a não tem, saiba que qualquer desobediencia he filha

da soberba, & do amor proprio, & só de taõ ruins pays pôde nascer tam má filha.

A Religioza, que chegasse a fazer milagres, & resuscitar mortos, se faltasse á obediencia da ley de Deos, ou de seus Prelados, seria peyor que infiel, diz Saõ Francisco de Sales; porque a santidade não consiste em fazer milagres: o Ante christo ha de fazelos: consiste na verdadeira, & cega obediencia do puro amor de Deos a seus Mandamentos, & vontade dos Prelados, como nam seja contraria à Ley Divina, ou Regra da Religiam.

Melhor he por obediencia comer, que sem obediencia açoutar. A desobediencia perdeo o Paraíso, & o Ceo: & Christo Senhor Nosso reformou o mundo com a obediencia. Muitos ha, que escolhem suas devoçoens, & penitencias, & fazem sua vontade medindo-a com a de Deos; estes nam sabem ainda o A, B, C, do espirito, pois ainda se não entregaram a Mestre, que os começasse a ensinar atandolhes a vontade. Se os levoõ por caminho de que nam gostam, dam tudo por perdido, tendo para sy, que só vam errados guiandose por entendimento alheyo: ainda nam chegaram a conhecer, que a primeira cousa, de que se ham de despir, he de sua escolha, & uso do parecer, & vontade propria. A Saõ Paulo ^{Acto} 9.72. sendo

sendo hum dos mayores entendimentos, perguntando a Deos, que queria, que fizesse, respondeo o Senhor: Vai, & governate por Ananias. Ninguem, posto que seja Medico, se cura bem da propria enfermidade, acerta entregandose ainda a peyeres Medicos.

He engano cuidar, que a penitencia, ou a Oraçam vos póde aperfeiçoar sem a obediencia; esta he a virtude do Esposo mais estimada, em a qual, pela qual, & para a qual quiz morrer. Muitos Religiosos foram Santos

sem Oraçam mental, sem obediencia nenhum.

Deos declara sua vontade por meyo da Obediencia: haveis de ter hum coraçam de minino, a vontade de cera, o espirito nũ de qualquer afeição, juizo, ou gosto vosso, ainda que seja de espirito. Fiaivos de Deos, se por seu amor fazeis, ou o que naõ quereis, ou o que naõ entendeis. A's escuras, por baixo da terra se chega á mina. Com os olhos fechados vio Jacob a escada, & caminho do Ceo.

LAUS DEO.







